

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**

**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**

**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

**CAMPUS DE FRANCA**

**EDWILSON SOARES FREIRE**

**AS CORTINAS QUE CERRAM O VALE:  
RELIGIÃO E SECULARIZAÇÃO NA DIOCESE  
DE LIMOEIRO DO NORTE/CE (1940-1980)**

**Franca - SP**

**2016**

EDWILSON SOARES FREIRE

AS CORTINAS QUE CERRAM O VALE:  
RELIGIÃO E SECULARIZAÇÃO NA DIOCESE  
DE LIMOEIRO DO NORTE/CE (1940-1980)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais  
da Universidade Estadual Paulista/UNESP, Campus de  
Franca, para obtenção do título de doutor em História

Área de concentração: História e Cultura Social  
Orientador: Prof. Dr. Ivan Aparecido Manoel

Franca - SP

2016

Freire, Edwilson Soares.

As cortinas que cerram o Vale : religião e secularização na diocese de Limoeiro do Norte/CE (1940-1980) / Edwilson Soares Freire. – Franca : [s.n.], 2016.

569 f. : il.

Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Orientador: Ivan Aparecido Manoel

1. Ceará - História. 2. Secularização. 3. Religião.

I. Título.

CDD – 981.06

EDWILSON SOARES FREIRE

AS CORTINAS QUE CERRAM O VALE:  
RELIGIÃO E SECULARIZAÇÃO NA DIOCESE  
DE LIMOEIRO DO NORTE/CE (1940-1980)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista/UNESP, Campus de Franca, para obtenção do título de doutor em História. Área de concentração: História e Cultura Social.

Banca Examinadora:

Presidente: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Ivan Aparecido Manoel

Examinador: \_\_\_\_\_

Examinador: \_\_\_\_\_

Examinador: \_\_\_\_\_

Examinador: \_\_\_\_\_

Franca-SP, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016

Em memória de meu pai, Edmilson Soares de Oliveira, que sempre acreditou na Educação e celebrou minhas vitórias em seus domínios.

## AGRADECIMENTOS

Não foi fácil chegar até aqui. E possivelmente a vitória não seria tão saborosa se tudo transcorresse sem procelas no oceano. Quero agradecer a Deus pela vida e pela determinação de navegar rumo ao porto final, a escrita desta tese. A obtenção dessa vitória só foi possível porque eu arregimentei um verdadeiro exército de amigos-colaboradores, seres humanos que generosamente me cederam tempo, material, vontade, afeto, disposição, presença, dentre muitas outras dádivas. Agradeço a minha família, pelo apoio e pela compreensão das longas ausências.

Agradeço à FAPESP a concessão da bolsa de estudo e todos os incentivos que elevaram esta pesquisa a um patamar de excelência dificilmente obtido de outra forma. Ao Tribunal de Justiça do Estado do Ceará pela licença para me dedicar exclusivamente ao curso, sem a qual não teria sido possível sua execução e conclusão. Ao Departamento de Pós-Graduação da UNESP/Campus de Franca, especialmente na pessoa dos servidores Maísa e Mauro. Mais do que funcionários competentes, eles foram anjos pacientes.

Agradeço ao Prof. Dr. Ivan A. Manoel por me receber como orientando e por trilhar comigo o “caminho estreito”, superando as adversidades da vida. À professora Dra. Lilian Rosa por me acolher como amigo e por me aconselhar como irmão em momentos difíceis da jornada. Aos professores Dr. Marcos Alves e Dra. Márcia Pereira pelas valiosas proposições apontadas na Qualificação. Ao Prof. Dr. Josenir Alcântara, do Departamento de Línguas Estrangeiras da Universidade Federal do Ceará-UFC, pela inestimável dádiva de traduzir, de modo impecável, uma série de documentos em latim. À bibliotecária Sandra Maria Neri Santiago, da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, pela valiosa assessoria, durante toda a escrita da tese, no cipoal de normas da ABNT. À bibliotecária Núbia Alcântara, da UNESP de Franca, cujo profissionalismo e paciência me possibilitaram acesso a raridades antigas das bibliotecas universitárias de São Paulo, por meio do Empréstimo Entre Bibliotecas (EEA).

Aos meus colegas de curso, especialmente a Donaldo Borges e a Andrea Wozniac. Minha dívida para com Donaldo se tornou impagável, pois sempre que precisei, ele se fez presente para auxiliar, orientar, socorrer, ouvir, aconselhar... Donaldo fez por mim o que ele sabe fazer de melhor: ser um amigo leal. A fibra e o caráter deste homem me desafiavam, a cada dia, a me tornar um ser humano melhor. Andrea, sempre atenciosa e valente, uma verdadeira consultora na arte de vencer dificuldades, foi fundamental em minha caminhada. A força e a determinação indestrutíveis desta mulher são para mim inspiração da qual nunca mais pretendo me desgarrar. Muito obrigado por se doarem tanto, sem pedir nada em troca.

Aos casais Shythes e Abiail, Nelson e Geni, Joemar e Rosângela, que generosamente me hospedaram em suas casas em diversas fases do curso. Para com o casal Ronam e Telma, e seus filhos Daniel e Mateus, sou portador de uma dívida eterna de gratidão, por me acolherem e me amarem, além de acompanharem meu progresso com real interesse. Também agradeço com carinho os casais João e Romilda, Máicon e Cinira, Paulo e Marisa, Jeferson e Nadir, bem como às comunidades Filadélfia e Videira pelo apoio durante toda a caminhada na Franca do Imperador. Se não experimentei frio e calor ou desânimo e desamparo foi graças a estes amados que me inspiram a nunca esquecer a palavra gratidão.

Um obrigado especial a todos os meus depoentes, pela boa vontade de reservar horas para, diante de um desconhecido, revirar generosamente o “baú da memória”. Também tenho enorme gratidão para com todos os que disponibilizaram bibliotecas e arquivos pessoais, para que eu navegasse no mar de alfarrábios e papeis amarelados pelo tempo. A lista completa de todos esses benfeitores, dentre os quais destaco o nome de Meton Maia e Silva, encontra-se no final da tese. Agradeço também aos funcionários dos arquivos públicos e institucionais, especialmente a Laudecir, Patrícia, Carla, Camila, Brígida, Cláudia, Diego e Nonato a vigorosa paciência ante a demorada pesquisa no “reino da celulose envelhecida”. Ao bispo da diocese de Limoeiro do Norte, dom José Haring, pela confiança e franca abertura do Arquivo da Cúria Jaguaribana.

A execução desta pesquisa deve muito a Maria Lenira de Oliveira. E considero tão pouco reconhecer isso apenas com palavras. De todas as formas possíveis que um ser humano pode ajudar a outro, assim esta amiga esteve sempre ao meu lado, desde a elaboração do projeto até sua conclusão. Muito obrigado, esta vitória também é sua! Sou muito grato aos demais membros da Academia Limoeirense de Letras, especialmente a Abel, Arnóbio, Bazinha, Irajá, Iolanda, José Maria Guerreiro, Pergentino, Tonhero e Virgílio, e a funcionária Seráfica, que sempre estiveram de prontidão e me auxiliaram em uma infinidade de coisas. Tenho grande gratidão para com Fátima Pitombeira, funcionária da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, que diversas vezes acendeu a luz no fim do túnel e colocou em minhas mãos documentos “perdidos” ou esquecidos nos recônditos da FAFIDAM e da biblioteca do padre Pitombeira.

Às primeiras que conceberam, rascunharam e/ou tentaram “desvendar” a história da diocese de Limoeiro, Maria do Carmo Gadelha, Maria Edleuza Maia e Márcia Rita Araújo Santos, gostaria que se sentissem coparticipantes desta vitória demorada, mas gratificante. Ao estimado amigo Cicinato Ferreira Neto, incansável pesquisador da história jaguaribana, exemplo de historiador perspicaz e inspiração de vida, agradeço os diálogos profícuos, os livros emprestados, os documentos sugeridos, as caronas oferecidas, o computador pessoal tantas vezes cedido, dentre diversas outras dádivas ofertadas carinhosamente.

Alguns amigos ajudaram muito cedendo seus olhos, ouvidos, braços, pernas, mentes e espíritos, e também compartilhando seus veículos e uma infinidade de ferramentas que agilizaram e tornaram mais amena a peregrinação em busca de documentos e depoentes, em uma dúzia de cidades visitadas: Antero Filho, Nilton e Veroneide (Aracati-CE); Lusirene, Péricles e Walter Negri (Brasília-DF); Cláudia, Conceição, Edilson Baltazar, Ernógenes, João Franklin, Nirez, Pármenas, Roberto Bomfim, Sânzio, Solange e Virgílio (Fortaleza-CE); Rosilva e Vilanir (Itapipoca-CE); Cauby, Francisco Nonato e Maria Cilda (Jaguaribe-CE); Alan, Arízio, Carla, Fátima, Lenira, Márcia, Maria Edleuza e Maurilo (Limoeiro do Norte-CE); Atacy Jr. e Lorise



(Londrina-PR); Anne Sullivan (Maracanaú-CE); Adriana Rabelo, Arízio e Sivaldo (Morada Nova-CE); Patrícia (Quixeré-CE); Edriana, Elizeumar, Filipe, Lúcia e Luzia (Russas-CE); Aristóфанes, Cicinato Neto e Miracélia (Tabuleiro do Norte).

FREIRE, Edwilson Soares. **As cortinas que cerram o Vale**: religião e secularização na diocese de Limoeiro do Norte/CE (1940-1980). Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Franca-SP, 2016.

## RESUMO

Esta tese investiga como o binômio religião/secularização se processou em quarenta anos de história do bispado da zona jaguaribana, Estado do Ceará. Tendo o primeiro bispo concebido um “tabernáculo da fé” para a região, reconstitui-se o processo de edificação das “colunas” desse tabernáculo e de tessitura de suas “cortinas”. A tese refaz o caminho que tornou possível a transformação de Limoeiro em “cidade-convento” e como ela se libertou desse modelo para assumir a posição de “Princesa do Jaguaribe”. O projeto de “cerrar as cortinas” em torno do Vale admite cinco fases, a saber: (1) criação do bispado e projeto de libertação do isolamento; (2) edificação das colunas e tessitura das cortinas do “tabernáculo da fé”; (3) valência da tradição cristã e da doutrina romanizada; (4) esmaecimento do religioso e renovação conciliar da Igreja e (5) consolidação da modernização secularizadora. Imbricado nisso tudo, investiga-se como a elite limoeirense procurou acomodar seu plano de emancipação e progresso da cidade ao projeto do bispo e como se deu o processo de ruptura, quando então a elite cria para o município de Limoeiro do Norte o imaginário de “Princesinha do Vale”.

Palavras-chave: História do Ceará, Diocese de Limoeiro do Norte, Religião, Secularização

FREIRE, Edwilson Soares. **The curtains that hide the Valley**: religion and secularization in the diocese of Limoeiro do Norte/CE (1940-1980). Thesis (Ph.D.) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" (UNESP), Franca, Brazil, 2016.

## **ABSTRACT**

This thesis investigates how the binomial religion/secularism would have happened in forty years of history of the bishopric in Jaguaribana zone, State of Ceará. After the first bishop conceived a “tabernacle of faith” for the region, it reconstitutes up the building process of the “pillars” of this tabernacle and fabric of their “curtains”. The thesis reconstitutes as Limoeiro was transformed into “convent county” and how it got rid of this model to take up the position of “Princess from Jaguaribe”. The project “shutting the curtains” around the Valley admits five stages: (1) creation of the bishopric and isolation liberation project; (2) construction of the columns and fabric of the curtains in “tabernacle of faith”; (3) valence of Christian tradition and Romanized doctrine; (4) religious fading and conciliar renewal of the Church and (5) consolidation of secularizing modernization. It matted to all this, it investigates how Limoeirense elite accommodated its emancipation plan and progress of the city to the bishop’s project and how the process of breaking went, whereupon the elite creates the imaginary of “Princess from Valley” for Limoeiro do Norte.

Keywords: History in Ceará, Limoeiro do Norte Diocese, Religion, Secularization

FREIRE, Edwilson Soares. **Les rideaux qui ferment la Vallée**: la religion et de la sécularisation dans le diocèse de Limoeiro do Norte / CE (1940-1980). Thèse (Doctorat) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Franca, Brésil, 2016.

## RÉSUMÉ

Cette thèse étudie comment le binôme religion/laïcité a été réalisée en quarante ans d'histoire de l'évêché de la zone de Jaguaribana, État de Ceará. Comme le premier évêque a dessinée un “Tabernacle de la foi” pour la région, on a reconstitué le processus de la construction des “colonnes” de ce Tabernacle et de tessiture de leurs “rideaux”. La thèse rétablit le chemin qui a rendu possible la transformation de Limoeiro en “ville-couvent” et comment elle a été libérée de ce modèle pour occuper le poste de “Princesse du Jaguaribe”. Le projet “fermer les rideaux” autour de la vallée admet cinq phases, à savoir: (1) création de l'évêché et projet de libération de l'isolement; (2) construction des colonnes et tessiture des rideaux du “tabernacle de la foi”; (3) valence de la tradition chrétienne et la doctrine romanisée; (4) affaiblissement du religieux et renouvellement conciliaire de l'Église et (5) consolidation de la modernisation qui favorise la sécularisation. Imbriqué dans tout cela, il examine comment l'élite Limoeirense a cherché adapter son plan d'émancipation et de progrès de la ville émancipation au projet de l'évêque et comment a été traité le processus de rupture, lorsque l'élite a crée, pour la ville de Limoeiro do Norte, l'imaginaire de “Princesse de la vallée”.

Mots-clés: Histoire de Ceará, diocèse du Limoeiro do Norte, Religion, sécularisation

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

AMSR: Associação Maternidade São Raimundo

CEB: Comunidade Eclesial de Base

DNOCS: Departamento Nacional de Obras Contra as Secas

ENRLN: Escola Normal Rural de Limoeiro do Norte

FAB: Força Aérea Brasileira

FEB: Força Expedicionária Brasileira

GDPA: Ginásio Diocesano Padre Anchieta (hoje, Colégio Diocesano Padre Anchieta)

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IMJ: Instituto Museu Jaguaribano

IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LBA: Legião Brasileira de Assistência

OPPSA: Obra do Pão dos Pobres de Santo Antônio

OVS: Obra das Vocações Sacerdotais

PSD: Partido Socialista Democrático

RI: Rotary Internacional

SAM: Serviço de Assistência a Menores

SPERL: Sociedade Pró-Educação Rural de Limoeiro

SUDENE: Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

UDN: União Democrática Nacional

UEL: Universidade Estadual de Londrina

UMC: União dos Moços Católicos

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 01: Mesorregiões geográficas do Ceará, destacando-se em amarelo o Vale do Jaguaribe, território da diocese de Limoeiro do Norte
- Figura 02: Rádio Phillips modelo da década de 1930
- Figura 03: Móvel em madeira encomendado pelo Sr. Hercílio Costa e Silva para guardar o aparelho de rádio comprado pela elite limoeirense em 1935
- Figura 04: A tenda do tabernáculo construído por Moisés no deserto
- Figura 05: O pátio do tabernáculo, no momento em que Moisés consagra seu irmão Arão a sumo sacerdote
- Figura 06: Mulheres ajoelhadas diante da Igreja de Aracati durante solenidade do congresso, quase todas trajando vestes brancas e véu
- Figura 07: Multidão ajoelhada diante da Igreja de Aracati durante solenidade do congresso, sobressaindo-se homens trajando ternos em tons claros
- Figura 08: Caderneta Escolar do Instituto Santo Cura D'Ars de Morada Nova
- Figura 09: Padre Marleno ladeado por alunos do Instituto Cura D'Ars de Morada Nova, década de 1960
- Figura 10: Ano Santo de 1950. Comitiva de peregrinos brasileiros pela Europa, liderados por dom Aureliano Matos
- Figura 11: Placa de inauguração da rodovia BR-116. Trecho entre as cidades de Russas e Icó, placa afixada na entrada da cidade de Jaguaribe
- Figura 12: Dom Aureliano, ladeado por autoridades e políticos, passa em revista atletas da delegação de Limoeiro do Norte, perfilados na rua
- Figura 13: Atletas cantam o Hino Nacional, perfilados ao lado da deusa olímpica esculpida pelo artista Márcio Mendonça
- Figura 14: Bispo recebe ramallete das mãos de garoto
- Figura 15: Dia do Ancião no Patronato Santo Antônio dos Pobres, reunindo idosos assistidos pela Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte
- Figura 16: Edifício da Cidade do Catecismo em construção
- Figura 17: Cavalgada dos vaqueiros pelas ruas de Limoeiro. Bispo e clero assistem passagem dos cavaleiros em frente ao Palácio Episcopal, 1967
- Figura 18: Jovens proprietários de jipes posam com seus veículos em frente à Igreja Matriz de Tabuleiro do Norte, década de 1970
- Figura 19: Atriz Regina Duarte vive órfã sonhadora e romântica em *Minha Doce Namorada*, adotando penteado que ditou moda no início da década de 1970

## LISTA DE QUADROS

- Quadro 01: Sócios fundadores da Sociedade Pró-Educação Rural de Limoeiro, atuação na comunidade e rede de sociabilidade na década de 1930
- Quadro 02: Atividades da Comissão Pró-bispado de Limoeiro, por data e tipo, 1937 e 1938
- Quadro 03: Situação do protestantismo em seis paróquias da diocese de Limoeiro do Norte, segundo as respostas dos vigários à Circular n.º 23, de 1944
- Quadro 04: Crescimento do número de pessoas protestantes em quatro cidades do Vale do Jaguaribe, segundo os censos do IBGE de 1940 e 1950
- Quadro 05: Matrículas e balancetes do Ginásio Diocesano Padre Anchieta de Limoeiro do Norte, entre os anos de 1942 e 1948
- Quadro 06: Ocorrências na Maternidade São Raimundo de Limoeiro do Norte, entre 1945 e 1949
- Quadro 07: Cronologia das estratégias do primeiro bispo de Limoeiro para a instalação e a manutenção do Seminário menor, na década de 1940
- Quadro 08: Ofertas para a Obra das Vocações Sacerdotais da diocese de Limoeiro do Norte, por paróquia e ano, 1941-1946, em moeda corrente (cruzeiro)
- Quadro 09: Perda da lavoura em cinco cidades do Vale do Jaguaribe no ano de 1952
- Quadro 10: Auxílios enviados à Maternidade São Raimundo de Limoeiro do Norte entre 1950 e 1954, por órgão de repasse, documento, quantia e destino, em moeda brasileira da época – cruzeiro (Cr\$)
- Quadro 11: Contribuição de doze paróquias da diocese de Limoeiro do Norte, incluindo a sede, para a Obra das Vocações Sacerdotais (OVS) nos anos de 1952/54 e 1957/59, em moeda brasileira vigente na época – cruzeiro (Cr\$)
- Quadro 12: Oferta de cursos na Faculdade de Limoeiro nos três primeiros semestres de funcionamento, por vagas ofertadas e vagas preenchidas
- Quadro 13: Clubes de Mães fundados no município de Limoeiro do Norte (1967-1976), por data de fundação, comunidade, nome e local de registro
- Quadro 14: Resultados da crise financeira da diocese de Limoeiro do Norte, em fins da década de 1970 e início da década de 1980, em cinco instituições
- Quadro 15: Situação financeira da Rádio Educadora Jaguaribana entre 1971 e 1980
- Quadro 16: Programação da Rádio Educadora Jaguaribana de Limoeiro do Norte, no ano de 1979, por horários e dias da semana
- Quadro 17: Comparativo da gestão e da personalidade dos bispos dom Aureliano Matos e dom Pompeu Bezerra Bessa
- Quadro 18: Evolução da produção televisiva no Brasil entre as décadas de 1950 e 1980

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                        |            |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                                                | <b>21</b>  |
| <br><b>1 O sonho de Ícaro: projeto da elite limoeirense, disputa pela sede da diocese e plano do bispo.....</b>                        | <b>35</b>  |
| 1.1 Inquietação contra o abandono: arte e política no sertão .....                                                                     | 38         |
| 1.2 Inquietação contra o analfabetismo: fundação de escolas em Limoeiro .....                                                          | 47         |
| 1.3 Inquietação contra o isolamento: projeto de sediar o bispado .....                                                                 | 60         |
| 1.4 O plano do arcebispo: combate ao protestantismo .....                                                                              | 82         |
| 1.5 O plano do bispo: combate à secularização .....                                                                                    | 93         |
| <br><b>2 O tabernáculo jaguaribano: educação, saúde, trabalho, religião e tradição no sertão .....</b>                                 | <b>111</b> |
| 2.1 Ecos da Europa no sertão: o Vale durante a Segunda Guerra Mundial .....                                                            | 113        |
| 2.2 A coluna da Educação: doutrinar crianças e jovens nos princípios do catolicismo conservador .....                                  | 121        |
| 2.3 A coluna da Saúde: salvar gestantes e crianças num abraço entre presente e futuro .....                                            | 138        |
| 2.4 A coluna do Trabalho: doutrinar e proteger os operários contra o comunismo .....                                                   | 151        |
| 2.5 A coluna da Religião: recristianizar e blindar a região contra influências do “neopaganismo” .....                                 | 166        |
| 2.6 A cidade-convento: Limoeiro fechada ao mundo .....                                                                                 | 185        |
| 2.7 Os fios do tecido: a idealização do campo e a tradição da região .....                                                             | 190        |
| 2.7.1 A idealização do campo .....                                                                                                     | 191        |
| 2.7.2 A tradição da região .....                                                                                                       | 197        |
| <br><b>3 O cajado de ferro: poder e autoridade do bispo, demonstrações de fé e fissuras no tecido do tabernáculo jaguaribano .....</b> | <b>211</b> |



|                                                                                                                                              |            |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 3.1 O tear da autoridade: manejando o cajado de ferro .....                                                                                  | 213        |
| 3.1.1 O pastor de almas .....                                                                                                                | 220        |
| 3.1.2 O educador do povo .....                                                                                                               | 224        |
| 3.1.3 O guardião da cidade .....                                                                                                             | 231        |
| 3.1.4 O melhor prefeito da história .....                                                                                                    | 241        |
| 3.2 A fé que atrai multidões: realizações do bispo para manter a hegemonia do catolicismo .....                                              | 249        |
| 3.3 As fissuras nas cortinas: as investidas dos agentes da modernidade .....                                                                 | 271        |
| 3.3.1 A criação da Rádio Vale do Jaguaribe de Limoeiro .....                                                                                 | 272        |
| 3.3.2 A fundação do Rotary Club de Limoeiro .....                                                                                            | 276        |
| 3.3.3 A dessacralização da mulher .....                                                                                                      | 280        |
| 3.3.4 O avanço do protestantismo .....                                                                                                       | 288        |
| 3.3.5 A inserção da modernidade na Igreja: o caso do jipe .....                                                                              | 302        |
| <b>4 A janela aberta ao mundo: intervenções na cidade, na educação e na cultura; transformações na Igreja e na diocese jaguaribana .....</b> | <b>307</b> |
| 4.1 O Vale do Jaguaribe aberto ao mundo: tempo de transição .....                                                                            | 310        |
| 4.1.1 Intervenções na cidade: cirurgias no corpo da “princesa” .....                                                                         | 315        |
| 4.1.1.1 A luz do progresso: instalação da eletrificação de Paulo Afonso .....                                                                | 316        |
| 4.1.1.2 O fim do isolamento: construção de ponte sobre o rio .....                                                                           | 319        |
| 4.1.1.3 A brisa no rosto: uso democrático da bicicleta .....                                                                                 | 324        |
| 4.1.2 Intervenções na cultura: tradição e alteridade .....                                                                                   | 326        |
| 4.1.2.1 O espião amigo: estrangeiros no sertão .....                                                                                         | 327        |
| 4.1.2.2 O vento que vem de longe: cinema e música .....                                                                                      | 331        |
| 4.1.3 Intervenções na educação: últimas ações do bispo .....                                                                                 | 341        |
| 4.1.3.1 Rádio Educadora Jaguaribana e MEB .....                                                                                              | 342        |
| 4.1.3.2 Liceu de Artes e Ofícios .....                                                                                                       | 349        |
| 4.1.3.3 Faculdade de Educação .....                                                                                                          | 353        |
| 4.2 A Igreja aberta ao mundo: o Concílio Vaticano II .....                                                                                   | 361        |

|                                                                                                                                       |            |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 4.2.1 A nova liturgia da missa .....                                                                                                  | 367        |
| 4.2.2 O novo parâmetro de sacerdote .....                                                                                             | 372        |
| 4.2.3 A nova alteridade para com os protestantes .....                                                                                | 386        |
| 4.3 O vento da mudança no Vale: a transição de bispos .....                                                                           | 391        |
| 4.3.1 O fim de uma era: últimos anos de dom Aureliano .....                                                                           | 392        |
| 4.3.2 O começo de uma nova era: primeiros anos de dom Falcão .....                                                                    | 398        |
| <br><b>5 A princesa ataviada diante do noivo: a consolidação da modernização em Limoeiro .....</b>                                    | <b>405</b> |
| 5.1 “Evangelificação libertadora <i>versus</i> opressão financeira”: o bispado de dom Pompeu Bezerra Bessa e a crise financeira ..... | 410        |
| 5.2 “Corra que a novela vai começar”: a popularização da televisão e a hegemonia cultural .....                                       | 433        |
| 5.3 “A Princesa do Jaguaribe diante do noivo”: a Faculdade de Educação e o Projeto Rondon .....                                       | 455        |
| 5.4 “Romeiros do progresso e pregoeiros da liberdade”: a atuação de maçons e protestantes .....                                       | 475        |
| <br><b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                                                                 | <b>497</b> |
| <br><b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES .....</b>                                                                                  | <b>505</b> |
| <br><b>APÊNDICES .....</b>                                                                                                            | <b>551</b> |



Detalhe da Capela do Seminário Cura D'Ars de Limoeiro do Norte, fotografia do autor, 2013

**Será que a mentalidade e a formação católicas de nosso rurícola permanecerão inalteradas ao impacto que por certo virá, quando se rasgarem as cortinas que cerravam o Vale, desvendando-se aos olhos atônitos e maravilhados do camponês novos horizontes?!**

Dom Aureliano Matos, primeiro bispo de Limoeiro do Norte, 1965

## INTRODUÇÃO

Localizada no quadrilátero constituído pelos paralelos 4º a 8º de latitude sul e os meridianos 37º a 41º de longitude oeste, a Bacia do Jaguaribe cobre 80.000 km<sup>2</sup> da área total do Estado do Ceará. Em posição geográfica quase equatorial, o Vale desfruta de um clima semi-árido, observando-se, entretanto, sensíveis variações interanuais. A temperatura média é constante, entre 25 e 30º centígrados, com umidade de 50 a 55%, variando pouco entre o dia e a noite. A evaporação teórica é superior a 2.500 mm, enquanto que a pluviometria média é de 700 mm.<sup>1</sup>

Em termos de jurisdição eclesiástica, a Bacia do Jaguaribe corresponde, em grande parte, à Diocese de Limoeiro do Norte. As delimitações acima, todavia, tendem a ignorar que esse território reúne uma considerável diversidade de biomas e mesorregiões (ver Figura 01).<sup>2</sup> Assim, a geografia do Vale corresponde à região semiárida do Médio Jaguaribe (cidades como Jaguaribe e Jaguaribara) e Baixo Jaguaribe (Limoeiro do Norte, sede do bispado, Russas, Morada Nova e outras), onde prevalece considerável irregularidade pluviométrica e elevada temperatura durante todo o ano; mas também parte do litoral (Aracati, Fortim e Icapuí) e mesmo da região serrana de Pereiro, onde o clima ameno diverge bastante da caatinga. A riqueza cultural da região, da qual destaco a religiosidade eivada de elementos históricos complexos, será o objeto de interesse deste trabalho.

A história da diocese de Limoeiro do Norte costuma ser tecida pelos memorialistas da região como um conjunto de saltos mais ou menos desconexos, algo que comecei a questionar já na minha graduação em História, na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos. Desde a década de 1990, participando de um programa de iniciação científica, procurei levantar as fontes históricas existentes na sede do bispado jaguaribano, com vista a esclarecer a história daquela jurisdição eclesiástica. Todavia, eu e colegas nos deparamos com um obstáculo peculiar: a insistência dos guardiões de escritos antigos em negar sua existência. Se não existiam, a pesquisa não prosseguia, frustrando historiadores em início de carreira, ávidos por consultar papéis amarelados pelo tempo. Um desses guardiões, que sabidamente vinha reunindo documentos há anos, deixou implícita sua visão de pesquisa histórica:

---

<sup>1</sup> O *Cruzeiro*, ano XLII, nº 44, 27 de outubro de 1970, p. 76.

<sup>2</sup> As figuras estão impressas em lâminas no final da tese.

somente legítimos limoeirenses deveriam se deter sobre documentos e escrever a história da cidade, “filtrando-a” de inconveniências e constrangimentos.

Assim, livros publicados naquela década vieram a lume com incisivas desconstruções, quando o autor tentava fugir desse padrão de “história expurgada”,<sup>3</sup> ou se adequavam a ele e lançavam trabalhos exaltando as “glórias do passado” e os feitos dos “grandes homens”.<sup>4</sup> Pesquisas acadêmicas eram as que mais se ressentiam da falta de documentos. Mesmo assim, pesquisadores insistiam, sobretudo, recorrendo à história oral.<sup>5</sup> Os documentos continuaram sob a guarda de pessoas interessadas em manter uma visão de história policiada. Em função disso, não pude me dedicar a esse tema em minha dissertação de mestrado, optando por estudar uma antiga romaria na região (FREIRE, 1999). Mesmo assim, debruçando-me sobre um tema de interesse da Igreja Católica, logo constatei dificuldades intencionalmente levantadas, não somente com a propósito de ocultar fontes escritas, mas até tentativas de barrar entrevistas com membros da elite eclesiástica.<sup>6</sup>

Tudo isso me instigou mais ainda a pesquisar a história do bispado jaguaribano, pois logo percebi que aspectos relevantes desse processo haviam sido ocultados por alguma razão, intencionalmente. Tendo em vista as ambivalências do Concílio Vaticano II, analisado pelos especialistas como um momento dúbio de ruptura e continuidade, “tanto na pastoral como na doutrina” (BEOZZO, 2005, p. 541), pude sentir que os obstáculos impostos nesta investigação só começaram a ceder efetivamente com a chegada em Limoeiro de um novo prelado, alemão radicado no Brasil. Assim, em função de sua visão

---

<sup>3</sup> Caso de LIMA, Lauro de Oliveira. **Na ribeira do rio das onças**. Fortaleza: A. Almeida, 1997. Por ter feito diversas contestações à história oficial da cidade, o autor foi chamado de “doido”.

<sup>4</sup> Caso de MALVEIRA, Antonio Nunes. **O Limoeiro de Dom Aureliano Matos**. Rio de Janeiro: Peleluc, 1998. O livro constitui um denso trabalho de exaltação ao primeiro bispo de Limoeiro, considerado o idealizador da cidade moderna e o grande protagonista de sua história.

<sup>5</sup> Caso de: SANTOS, Márcia Rita A. **Os caminhos da Missão: a Diocese de Limoeiro do Norte e o discurso social de Dom Aureliano Matos, 1940-1967**. Monografia (TCC) – Universidade Estadual do Ceará. Limoeiro do Norte, 1997.

<sup>6</sup> Em 1998, agendei uma entrevista com o então bispo dom Manuel Edmilson da Cruz, no Seminário de Limoeiro. O prelado em pessoa me recebeu, pois sua secretária havia saído. Tendo que atender um telefonema, ele me pediu para esperá-lo na Biblioteca. Quando a secretária chegou e soube que um pesquisador estava consultando os livros do Seminário, veio correndo para vigiá-lo. A mesma secretária achou por bem interromper a entrevista, “sugerindo” ao depoente que ele estava cansado. Em outras ocasiões, essa mesma senhora, freira, levantou todo tipo de dificuldade para novas aproximações com o bispo.

eclesiológica mais aberta, já gestada dentro dos avanços do Vaticano II, somada a minha insistência para com os guardiões dos documentos,<sup>7</sup> aos poucos foi possível consultar manuscritos e impressos que antes nenhum historiador havia sequer posto os olhos. Também a constituição de um *corpus* de depoimentos orais, significativo, tornou possível a visualização de um amplo painel da história da prelazia, no qual se destacaram os aspectos oficiais, mitificados, e também os aspectos ocultos ou postos na penumbra, os quais alguns depoentes fizeram questão de mencionar. Ademais, a leitura de trinta e um anos (1936-1967) do jornal católico *O Nordeste*<sup>8</sup> acabou por iluminar uma série de pontos obscuros e permitiu um rico confronto com outras fontes escritas e mesmo com as fontes orais.

O acesso ao considerável volume de fontes e a constituição de depoimentos foi guiado pela vontade de responder a contento uma série de questionamentos que se levantaram desde o nascedouro do projeto e/ou que se impuseram já em seu andamento. O que impulsionou e possibilitou a criação do bispado jaguaribano um quarto de século depois da fundação das primeiras dioceses sufragâneas do Ceará? Que projeto o primeiro bispo de Limoeiro tinha para a cidade/região quando assumiu a diocese? Em que áreas ele atuou e de que modo transformou a realidade da sede depois de vinte e sete anos de gestão? Que títulos e atributos o bispo cultivou ou lhe foi imposto durante seu bispado? Como esses atributos forjaram o mito do “bispo fundador”? Que ações tomadas por ele objetivaram manter a região envolta em “brumas de religiosidade”? Que conjuntura histórica possibilitou o

---

<sup>7</sup> Alguns deles, já com idade de 70 anos ou mais, confirmando a indiferença de familiares para com papéis envelhecidos, começaram a temer a destruição dos documentos sob sua guarda, ante a possibilidade de falecimento repentino. Diante de minha insistência em consultá-los, pois nunca me conformei com a negação de sua existência, resolveram ceder, paulatinamente, o que justifica, então, a abertura desses arquivos particulares somente vinte anos depois do desejo inicial de utilizá-los numa investigação científica.

<sup>8</sup> Fundado em 1922 e extinto em 1967, de responsabilidade da Arquidiocese de Fortaleza, *O Nordeste* representava a ala do catolicismo tradicional do Ceará, tendo ampla circulação na capital e no interior. Além de cobrir os fatos mais relevantes da história da diocese de Limoeiro do Norte, apresenta importante compilação da doutrina católica sobre temas que norteiam a tese. Os depoentes o mencionam com certa recorrência, destacando sua importância como guia de vivência religiosa, já que havia seções que recomendavam filmes e livros que podiam ser vistos e lidos pelos católicos, além de toda uma doutrinação pragmática para o cotidiano dos fieis. Em função disso, e por se tratar de documento analisado só pontualmente em outras pesquisas, o jornal foi incisivamente explorado nesta tese, constituindo sua principal fonte impressa. Para dar conta de um arcabouço tão amplo, foi preciso recorrer a quatro diferentes arquivos, um público, um de responsabilidade da Igreja Católica e dois de outras instituições.

esgarçamento do projeto do bispo? Qual o novo projeto do sucessor de dom Aureliano? Que processos históricos apontam para a consolidação da modernização na sede do bispado? Como foi possível a sede Limoeiro se transmutar de uma “cidade-convento” para modelo de modernização?

Como se vê, são muitas as indagações que permeiam este trabalho, cujo objetivo primaz é investigar como o binômio religião/secularização se processou na constituição da diocese de Limoeiro do Norte. Adota-se aqui o amplo conceito que implica num imbricamento de três categorias de religião: institucional, normativa e cognitiva, as quais, nesta tese, também “fornecem uma base para se analisar a variedade de significados incluídos no processo de secularização” (OUTHWAITE e BOTTOMORE, 1996, p. 679). Esse conceito difuso será devidamente analisado no texto, quase sempre explicitado como a “passagem da religião para o mundo subjetivo”, ou seja, quando a religião deixa de ser, para o indivíduo, a única interpretação de vida em sociedade (PAIVA, 2003). Essa passagem da religião do público para o privativo constituiria, na verdade, a efetiva inserção do indivíduo na esfera pública, possibilitando a consolidação do que Habermas (1979) chama de “projeto de modernidade”. Assim, entendo que a secularização do viver social na diocese de Limoeiro possibilitou a “normalização” de um estilo de vida não mais ditado pela *práxis* religiosa.

Nesse sentido, a vivência religiosa ou a *práxis* produtora de símbolos religiosos é o foco de interesse desta pesquisa, inserida num contexto histórico que permite a conversão de experiências que lidam com a “realidade última”, ou seja, que pretendem “descobrir o fundamento das coisas”, em dados culturais tão investigáveis como atividades artísticas ou fenômenos sociais e econômicos (ELIADE, 1986). A este trabalho interessa investigar como a sociedade jaguaribana processou, durante o recorte temporal, as leituras de mundo oferecidas/impostas pelo binômio religião/secularização. Assim, o texto deixa em evidência o foco da cultura social, sem relegar a importância da cultura política, cujo interesse mais antigo gerou trabalhos já clássicos,<sup>9</sup> mas

---

<sup>9</sup> Como exemplo, destaco: MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

que ainda persistem por sua abrangência e importância.<sup>10</sup> Esta tese se debruça especialmente sobre o catolicismo, religião cujas normas, crenças e determinações emanam de um epicentro universal, a Sé Romana. A imposição de um poder central, quase sempre arbitrário, é implicitamente aceito pelos seguidores, mas também processado de formas mais ou menos independentes, como no chamado catolicismo popular,<sup>11</sup> o que distancia muito a religião católica de um bloco monolítico. Mais polimorfo ainda se configura o protestantismo, também estudado neste texto. Não obstante seus diversos matizes, a fé reformada apoiou-se nos sólidos pontos de divergência com o catolicismo tendo em vista o ambicioso objetivo de desalojá-lo, na região jaguaribana, de sua posição de religião hegemônica, abalando assim um secular processo sedimentado na devoção aos “santos” e na ritualística imposta pelo colonizador português, fundamentalmente alicerçada em desobrigas, procissões, amuletos, iconografias, crendices etc.

Para Lauri Wirth (2003), o diálogo que os estudos em religião mantêm com outras áreas do conhecimento científico não deve ser subserviente, escravizado, como se buscasse na objetividade científica apenas um “atestado de legitimidade”.<sup>12</sup> Segundo esse autor, é aconselhável ao historiador das religiões se despir de dogmatismos metodológicos ante a complexidade de seu objeto. As peculiaridades geográficas, históricas e culturais da diocese de Limoeiro do Norte parecem justificar essa posição. A investigação dessa região que fincou raízes no catolicismo tradicional, mas também que desejou a libertação de “amarras do passado”, assumindo a face do secularismo, prova a

---

<sup>10</sup> Como exemplo, destaco: ROSA, Lilian Rodrigues de O. **A Santa Sé e o Estado brasileiro: estratégias de inserção política da Igreja Católica no Brasil**. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2015.

<sup>11</sup> Grosso modo, o ponto de divergência entre a vertente oficial do catolicismo e aquela processada pelo povo em geral, chamada pelos estudiosos de “popular”, seria apenas o “método” de se envolver com o sagrado. Enquanto o catolicismo oficial buscava elevar a terra ao céu, o catolicismo popular seria uma forma de trazer o céu a terra. Em outras palavras: no primeiro, o raciocínio humano se coloca a serviço do divino, na tentativa de mudar a ação do homem segundo parâmetros espirituais, tendo em vista a eternidade; no segundo, esse mesmo divino é burilado pela emoção humana, numa tentativa de trazer a religião para a vida material e prática do homem, sem muita perspectiva de eternidade, transformando a realidade e amenizando as aflições do presente. Um trabalho já clássico sobre essa temática: ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus**: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

<sup>12</sup> Autores como Mircea Eliade e Rudolf Otto consideram a subjetividade um elemento relevante na metodologia adotada pelo historiador das religiões. Pensando assim, ambos se distanciam da velha “historiografia empirista e orientada metodologicamente nas ciências naturais” (WIRTH, 2003, p. 174).



complexidade daquele objeto. Tendo sido transformada em “cidade-convento” por seu primeiro bispo, um lugar de clausura, blindado contra o secularismo, Limoeiro buscou a superação desse perfil e desejou outro modelo, o de “Princesa do Jaguaribe”, uma cidade “aberta ao mundo”. Assim, tendo recebido tardiamente um bispado para conter influências modernizadoras, liberais, protestantes e secularizantes, o Vale do Jaguaribe viu seu sonho de “conhecer o mundo” retardado, represado ou reprimido pela instituição católica. Após o Concílio Vaticano II, ao repensar seu “domínio sobre as almas”, a Igreja acabaria por acelerar a fuga de Ícaro do labirinto, auxiliando a elite limoeirense<sup>13</sup> em seu sonho de acabar com o isolamento da “ilha do Jaguaribe”.

Sede do bispado jaguaribano a partir de fins da década de 1930, Limoeiro seria instituída efetivamente como vila pela resolução da Assembleia Provincial nº 1.402, de 22 de julho de 1871, mas inaugurada como tal somente quase dois anos depois, em 30 de junho de 1873. Antes, a Lei nº 1.255, de 28 de dezembro de 1868, havia criado o município de Limoeiro, desmembrado de Russas, mas transferia a sede para a povoação de São João do Jaguaribe, então elevada à vila, dispositivo revogado pela lei de 1971 (MARTINS FILHO e GIRÃO, 1966). A pequena vila, com o mesmo nome, é elevada à cidade em 30 de agosto de 1897, pela Lei nº 364 (SOUSA, [E. de], 1922). O decreto-lei nº 1.114, de 30 de dezembro de 1943, altera o topônimo original para Limoeiro do Norte (IBGE, 1959). Em muitos documentos antigos, todavia, mesmo depois da alteração, lê-se apenas Limoeiro para designar o município, não obstante outras cidades, uma em Pernambuco e outra em Alagoas, também surgirem como distritos, vilas e cidades com o mesmo topônimo.

Em 1938, Limoeiro é escolhida para sediar o bispado do Vale do Jaguaribe e, depois de 1940, quando se realiza a posse do primeiro bispo, luta para deixar seu passado de isolamento e assim se configurar como uma cidade desenvolvida e progressista, ideal compartilhado pela elite e pelo prelado que fora lá residir. No recorte temporal desta tese (1940-1980) foi possível inferir a

---

<sup>13</sup> Por elite limoeirense, entende-se aqui os membros da classe dominante naquela sociedade tradicional e ruralista, composta por proprietários de terra, comerciantes enriquecidos pela cera de carnaúba, funcionários públicos estaduais e municipais, profissionais liberais urbanos, clérigos e políticos de limitada expressividade, regional ou estadual.

vigência de um processo de modernização em Limoeiro, entre a chegada do primeiro bispo e a popularização da televisão.

Aqui, é imprescindível fazer a distinção entre modernidade e modernização. Por modernização, entende-se o processo de transformação econômica, política, social e cultural que dada sociedade vivencia em sua história, superando o modelo tradicional, rural, subdesenvolvido, “atrasado” e assumindo uma vivência moderna, urbana, desenvolvida, “avançada”. Já modernidade é um “conceito de contraste”, ou seja, “extraí seu significado tanto do que nega como do que afirma. Daí a palavra poder aparecer em diferentes épocas com significados diversos, dependendo do que está sendo negado e, em contraste, do que está sendo afirmado” (OUTHWAITE e BOTTOMORE, 1996, p. 473). A modernidade pode ser vista como um conjunto de experiências que guardam em si as intrínsecas e antagônicas possibilidades de crescimento e destruição, unindo o ser humano em uma “unidade da desunidade” (BERMAN, 1986). Em suma, a modernidade é um fenômeno histórico que não se deixa apreender facilmente, por se constituir uma mobilidade generalizadora e envolver um “tempo de transição acelerada, súbita e totalmente imprevisível, durante a qual tudo se apresenta sob o aspecto do movimento, da decomposição e da irrupção contínua do novo” (BALANDIER, 1997, p. 10).

Como no Vale do Jaguaribe o “moderno” se consolidou sem atropelos, de forma lenta e tardia, processando o duplo movimento de assimilação e resistência, acredito que o termo modernização seja mais adequado para definir, por exemplo, o processo que transmutou a face da sede do bispado de cidade enclausurada entre os muros do catolicismo conservador para uma cidade aberta ao mundo secularizado. Somente a partir de 1960, começam a se esgarçar o que o primeiro bispo denominou de “cortinas que cerram o Vale”. Até então, a zona jaguaribana parecia “protegida” daquilo que dom Aureliano chamava de “neopaganismo”, nada mais do que a modernidade. Nesse sentido, a Igreja Católica e o bispo desejavam e aceitavam a modernização da região, mas condenavam a modernidade, sobretudo porque ela em tudo se confundia com o secularismo. Já a elite limoeirense, ansiava e rascunhava voos de modernidade, contendo-se em dados momentos para não entrar em

conflito com o bispo. Como representante de um projeto conservador e antiliberal, o prelado concebera um modelo de cidade que se fechava em sua religiosidade, não admitindo influências externas que ameaçassem a clausura.

A elite de Limoeiro assumiria o projeto do bispo até certo momento, em função da estrutura modernizadora gestada pela Igreja. O bispo queria o fim do isolamento geográfico da cidade, mas não o fim do enclausuramento religioso, isto é, da hegemonia do catolicismo. Quando chegou a Limoeiro, o clérigo encontrou, de um lado, uma cidade isolada e subdesenvolvida e, do outro, uma elite ansiosa para se libertar daquele labirinto. Dom Aureliano Matos vislumbrou um futuro para a região, com destaque para a sede episcopal, e logo tratou de cooptar aquela elite para assumir o projeto que, tendo a religião católica como espinha dorsal, pretendia fundar em Limoeiro uma estrutura mínima de desenvolvimento humano nas áreas de educação, saúde e trabalho. Inicialmente, empolgada com a possibilidade de fugir do “labirinto do atraso”, a elite limoeirense financiou parte do projeto do bispo e permitiu que o prestígio dele junto a autoridades estaduais e nacionais crescesse a ponto de ofuscar a figura do prefeito, que passou a ser assim a “segunda pessoa” mais importante da cidade, um tanto intimidado diante do “príncipe da Igreja”. O antístite gestou na cidade um modelo de desenvolvimento humano alicerçado na religião, chamado aqui de “tabernáculo da fé”. Considero de vital importância reconstituir discursivamente como foi possível fundar e manter essa estrutura, durante um quarto de século, bem como reconstituir o processo de seu desgaste e desmoronamento. Em função disso, nesta tese, torna-se imprescindível utilizar com certa recorrência a narração<sup>14</sup> e a descrição<sup>15</sup> para compor uma estrutura textual que representa a própria construção do tabernáculo, seu auge de domínio, seu esfacelamento e, por fim, seu colapso. Longe de comprometer a crítica histórica, essa metodologia a enriquece.

---

<sup>14</sup> Sobre a importância da narrativa na historiografia, como origem, alegoria e estética, ver: DIEHL, Astor Antônio. “História em transe: Clio e seus artífices”. In: CURY, Cláudia Engler; FLORES, Elio Chaves; CORDEIRO JR., Raimundo Barroso. **Cultura histórica e historiografia: legados e contribuições do século 20**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2010, p. 13-36.

<sup>15</sup> Sobre a importância da descrição na historiografia, ver: MENEZES, Jonathan. “Reinventando o fazer historiográfico à luz de certas aporias pós-modernistas”. In: GIANNATTASIO, Gabriel e IVANO, Rogério (org.). **Epistemologias da história: verdade, linguagem, realidade, interpretação e sentido na pós-modernidade**. [online]. Londrina: EDUEL, 2011.

A despeito do projeto do bispo, a elite detinha uma visão mais ampla de desenvolvimento humano, fundamentada na modernidade, no liberalismo, na livre iniciativa e mesmo na liberdade de crença, ou na ausência dela. Nesse ponto, clérigo e elite divergiam. Para o bispo, a modernidade era o turbilhão de desintegração da tradição cristã, ameaça constante ao santuário espiritual que ele concebera para a região jaguaribana, onde a religião católica deveria se manter atrelada aos ditames do romanismo. Criado o “tabernáculo da fé”, a zona jaguaribana ficara “protegida” e fechada entre cortinas do catolicismo, avessa à “modernidade pagã” do mundo externo. Essas “cortinas que cerravam o Vale” no domínio da religião, conforme menciona o título da tese, tiveram o auge de vigência nos anos de 1950. Vinte anos depois, na década de 1970, Limoeiro se abre ao mundo e passa a sofrer intervenções marcantes em função disso. Uma nova forma de vivenciar a religião, mais tolerante, dita a gestão do terceiro bispo, que passa a conviver abertamente com um modo de vida mais profano, secularizado, um tanto distanciado da influência da Igreja.

Acredito que esse processo de cerrar o Vale do Jaguaribe nas “brumas da religião” só foi possível porque bispo e classe dominante caminharam juntos, suportando as divergências um do outro sem grandes atritos. Esta hipótese fundamental, aliás, explica a razão de o bispo tolerar a presença de maçons, mesmo na direção de instituições criadas pela diocese, e aceitar, um tanto a contragosto, a fundação de um clube de dança na cidade. Agindo assim, ele não se indispôs com a elite que financiava seus projetos. Os representantes do pináculo social, por sua vez, procuravam também não “aborrecer” dom Aureliano, evitando fundar uma loja maçônica na cidade, por exemplo, e acatando, quando conveniente, a autoridade do prelado, cuja figura se sobressaía como um “pastor com cajado de ferro em mãos macias”. Depois da alteração no modelo de Igreja proposto pelo Vaticano II, gestando uma nova forma de vivenciar o catolicismo, e especialmente após o falecimento do primeiro bispo, em 1967, aquela elite se viu livre do pacto e assim ensaiou voos mais altaneiros sem a tutoria da Igreja. Torna-se vitorioso, então, o antigo projeto da classe dirigente: elevar Limoeiro à categoria de cidade-modelo da região, a “Princesa do Jaguaribe”, cidade “casada” com o mundo moderno, não mais com a religião, quando dominava o modelo de “cidade-convento”.

Em razão da complexidade dos meandros trilhados pela elite eclesiástica católica e pela elite limoeirense, foi necessário consultar e confrontar uma gama variada de documentação manuscrita e impressa, além de criar um significativo *corpus* de depoimentos orais. Dado o volume considerável de escritos, a consulta aos arquivos demandou um período longo, tendo em vista as fontes se encontrarem em uma dezena de cidades do Estado do Ceará. Já a constituição do *corpus* de entrevistas exigiu um tempo maior ainda, tendo sido iniciado em 2009, ainda na fase de elaboração do projeto de pesquisa. Esse longo processo, finalizado em 2015, foi imposto pela própria constituição do trabalho, cujo recorte temporal de quarenta anos exigiu ouvir um número considerável de depoentes, detentores de um conhecimento fragmentado da história da diocese. Reunindo os “fragmentos”, como quem monta um quebra-cabeça, foi possível compor um rico painel de memórias e vivências, uma “história vista de diversos ângulos”. A constituição desse material se efetivou respeitando o seguinte processo: pesquisa prévia sobre o entrevistado, elaboração de questionário, agendamento, gravação, transcrição, copidesque, revisão, leitura e/ou audição pelo depoente e assinatura de termo de concessão de entrevista. Quando não foi possível registrar o testemunho em suporte digital, sempre por determinação do próprio entrevistado, este respondeu a um questionário por escrito, enviando suas respostas por correspondência convencional ou eletrônica. Também recorri a algumas entrevistas dadas a instituições acadêmicas ou a outros pesquisadores, quando constatado que o depoente já era falecido.

O depoimento oral há tempos transita no campo de pesquisa em História, considerada uma “fonte rica e variada para o historiador criativo” (THOMPSON, 1992, p. 25). Apesar de muitos trabalhos de indiscutível valor, como o de Ecléa Bosi (1983), ainda persistem historiadores que nutrem certa desconfiança para com a oralidade. Mesmo em função das muitas recomendações de cuidado no trato dos depoimentos orais na historiografia (ALBUQUERQUE JR., 1994), com propósito de se evitar “abusos” teóricos e metodológicos (FERREIRA e AMADO, 1996), e de se deixar clara a distinção de conceitos como memória, esquecimento e silêncio (POLLAK, 1989), a relação entre história e oralidade se mantém duradoura, apesar das

problemáticas do método, cuja validade ainda provoca “certa vergonha” em alguns estudiosos (SEIXAS, 2004). Nesta tese, a oralidade aparece sempre subordinada à história, dialogando com outras fontes, sem nenhum constrangimento. Recorrente na historiografia da religião, o uso dessa ferramenta se justifica mais ainda nas sociedades latino-americanas, cujas “expressões religiosas de maior incidência... se inscrevem nas chamadas culturas não letradas” (WIRTH, 2003, p. 177). Em suma, o testemunho oral é uma ferramenta indispensável ao historiador das religiões. Ademais, admitindo que a história não deva apenas “confortar”, mas apresentar um desafio e uma compreensão rumo à mudança, como sugere Paul Thompson (1992), acredito que conceder voz a representantes sociais distintos possibilitará um julgamento mais imparcial na proposição da mensagem social deste trabalho. Somente isso justificaria o uso da oralidade aqui. Todavia, a história oral faz mais, ela “lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação” (THOMPSON, 1992, p. 44), tornando-a um tesouro do qual o historiador sábio jamais deverá prescindir.

Outra importante fonte de investigação historiográfica recorrente nesta tese é o registro escrito de bispos e padres católicos e de ministros e escrivães protestantes, constituindo um rico conjunto de pontos de vista quase sempre negligenciados nas pesquisas históricas sobre religião. Foram consultadas centenas de páginas de livros de tombo das paróquias da diocese, livros de atos e circulares episcopais, além de livros de atas e outros documentos de igrejas reformadas, cujo teor devidamente analisado e comparado possibilitou a criação de um complexo painel da atividade eclesial no sertão e na capital cearense, durante quase meio século de *práxis* religiosa cristã. Outra essencial fonte sobre a qual este trabalho se debruça é o gênero textual carta pastoral, escritas para impactar a vida de clérigos e leigos. Por se constituírem documentos históricos (o passado em retrospectiva) e mesmo proféticos (o futuro em perspectiva), tornou-se imprescindível analisar sete cartas episcopais: seis do primeiro bispo e uma do terceiro.

Passo a fazer, a seguir, o inventário desta tese. No Capítulo 1, **O sonho de Ícaro: projeto da elite limoeirense, disputa pela sede da diocese e plano do bispo**, reconstituo o cenário histórico que possibilitou a criação da

quarta diocese cearense, no Vale do Jaguaribe, problematizando as inquietações da elite de Limoeiro contra o abandono, o analfabetismo e o isolamento da cidade. Ao mesmo tempo em que se gestava o “sonho de Ícaro”, duas figuras do episcopado cearense concebiam planos – combater o protestantismo e o secularismo – que seriam assimilados por essa elite como oportunidade de modernizar a urbe, retirando-a do “labirinto do isolamento”. A escolha de Limoeiro é explicitada historicamente, fundamentando-se em documentos nunca antes mencionados e em outros já conhecidos, devidamente confrontados com depoimentos orais e notícias de jornais da época.

No Capítulo 2, **O tabernáculo jaguaribano: educação, saúde, trabalho, religião e tradição no sertão**, analiso a realização empírica do projeto do bispo, ou seja, como foi possível construir em Limoeiro uma estrutura de desenvolvimento social que logo elevaria o prelado à condição de “dono da cidade”. As quatro áreas que receberam investimento episcopal, educação, saúde, trabalho e religião, são metamorfoseadas em “colunas” do tabernáculo concebido por dom Aureliano. O “tecido” das cortinas foi tramado com os fios da idealização do campo e da tradição da região, compondo um véu que, saído do “tear da autoridade”, possibilitou ao bispo manter a região envolta nas “brumas” da fé católica.

No Capítulo 3, **O cajado de ferro: poder e autoridade do bispo, demonstrações de fé e fissuras no tecido do tabernáculo jaguaribano**, investigo de que forma conceitos como autoridade e autoritarismo se processam em torno do primeiro bispo jaguaribano, explicitando a metáfora do “cajado de ferro em mãos macias”. Essa autoridade se desdobrava em atributos como condutor, educador, protetor e autor, e em títulos como pastor de almas, educador do povo, guardião da cidade e melhor prefeito da história. Procuro analisar também que ações efetivas o prelado desenvolveu para impor sua autoridade, ou melhor, para manter as cortinas do tabernáculo cerradas em torno do Vale, e as inevitáveis fissuras promovidas pelos agentes da modernidade no tecido social.

No Capítulo 4, **A janela aberta ao mundo: intervenções na cidade, na educação e na cultura; transformações na Igreja e na diocese**

**jaguaribana**, reconstituo como o confronto entre o tradicional e o novo promoveu o esgarçamento das cortinas do “tabernáculo da fé” e como se deu a transição da imagem de Limoeiro de “cidade-convento” para “Princesa do Vale”. Concomitante a esse processo, o Concílio Vaticano II modificaria a cultura religiosa da região em seus aspectos de liturgia, modelo sacerdotal e alteridade para com o protestante. Com o falecimento do primeiro bispo e posse do segundo, ganha contorno um novo modelo de Igreja, quando a atuação do leigo diminui a força da hierarquia e de seu “cajado de ferro”.

Por fim, no Capítulo 5, **A Princesa ataviada diante do noivo: a consolidação da modernização em Limoeiro do Norte**, reconstituo os anos de desbunde, que no Vale do Jaguaribe foram vivenciados como o triunfo da secularização ou o esgarçamento de antigas tradições. Verifico que a consolidação da modernização na região se processou em função de quatro fenômenos históricos interdependentes: a gestão atribulada de dom Pompeu Bezerra Bessa, a popularização da televisão, festejada pelo povo, a atuação da faculdade de educação e do Projeto Rondon e o desempenho de maçons e protestantes na sede do bispado jaguaribano, forjando um novo caminho de convivência. Diante desse processo múltiplo, a secularização fica sua bandeira de vitória na região e a Igreja concebe novos métodos para chegar ao povo.

A relevância deste trabalho reside no fato de promover um diálogo entre história social, testemunho oral e linguagem escrita, processando as fontes como resultado residual de uma leitura cognitiva de dada época. Assim, investigando um fenômeno de força indiscutível, a chegada dos tempos secularizados, modernos, perscrutam-se os meandros de sua recepção aos olhos dos próprios agentes históricos. Além disso, propõe-se descobrir até que ponto o pensamento expresso por clérigos correspondia à mentalidade do residente nas brenhas da caatinga. A pesquisa debruça-se, portanto, sobre a história religiosa de uma região, contornando objetos palpitantes alicerçados no binômio religião/secularização, tendo como prumo a relação entre cultura social e produção documental, entre história e vida. Nesse caso, pinçar o que muitos acusam ser apenas micro-história é analisar uma amostra significativa do todo, procurando identificar que diretrizes concordam ou destoam desse todo. A proposta é relevante, enfim, não apenas por seu método, mas também por sua



contribuição à produção historiográfica brasileira sobre a história da Igreja, cuja falta de estudos Sérgio Buarque de Holanda se ressentia desde a década de 1960:

Não creio que seja fácil a clara inteligência de numerosas questões de história do Brasil sem a exploração prévia e isenta de nossa história eclesiástica. Também não acho que foram sempre insignificantes e indignos de seu objeto os trabalhos que, entre nós, se ocuparam do papel da Igreja na formação nacional. [...]

Faltava-nos e falta – por quanto tempo? – alguma pesquisa que conduzisse os historiadores seculares a bem aprender o que todos vagamente discernem sobre o papel formidável que às instituições religiosas coube exercer nos setores mais vários da vida brasileira, desde os inícios da colonização. É certo que mesmo essa pesquisa, para começar, haveria de ser forçosamente fragmentária. Pouco importa, uma vez que orientasse de algum modo para o âmago da questão (HOLANDA, 1996, p. 107-8).

Admitindo que esta pesquisa não tenha conseguido fugir de uma pré-determinação “forçosamente fragmentária”, por se debruçar sobre uma região específica do Brasil, espero, sem falsa modéstia, que o leitor ao menos encontre o “âmago da questão” nas páginas seguintes.

# 1

## O SONHO DE ÍCARO: PROJETO DA ELITE LIMOEIRENSE, DISPUTA PELA SEDE DA DIOCESE E PLANO DO BISPO

“Eu apelo esperançoso para a Ação Católica, no Ceará... no sentido de, sem perda de tempo, organizarem um ataque sistemático a protestantes e espíritas ou das avenidas ou das areias e taperas – mas um ataque obediente a um programa preestabelecido”.

**José Valdivino**, membro da União dos Moços Católicos de Fortaleza, entidade obediente ao arcebispo do Ceará, dom Manuel da Silva Gomes<sup>16</sup>

Sertão do Ceará. Limoeiro, a ilha do Jaguaribe. Numa noite do ano de 1935, homens se fazem presentes em uma das salas do Cine Moderno para ouvirem um “aparelho que falava sozinho”. Sentados, os capitalistas da cidade viram o telegrafista Hercílio Costa e Silva<sup>17</sup> abrir um móvel grande, dentro do qual fora colocado um aparelho de rádio da marca Phillips (ver Figuras 02 e 03). Em seguida, ligado e sintonizado o receptor em uma estação distante, a admiração tomou conta do grupo que, pela primeira vez, ouvia aquele invento. Segundo Nicolau Sevcenko (1998), o rádio fez sucesso no Brasil em função de sua proposta de mascarar o isolamento real dos indivíduos, criando um “território etéreo”, uma “dimensão eletromagnética” onde uma “voz sem corpo” sussurrava suave aos ouvidos de quem estava acostumado somente a ouvir a “voz tétrica da consciência”:

---

<sup>16</sup> *O Nordeste*, 06 de fevereiro de 1941, p. 3.

<sup>17</sup> Hercílio Costa e Silva nasceu em Pacatuba-CE, em 15 de junho de 1896, e faleceu em Fortaleza, em 31 de janeiro de 1975. Enviado para Limoeiro, em 1932, passa a exercer na cidade importante influência como incentivador da modernidade e pioneiro em introduzir algumas inovações como o cinema falado e a cerâmica de forno industrial. Coordenou a campanha contra a malária nos anos de 1930 e fez parte da Comissão que reivindicou a sede do bispado para Limoeiro, dentre outras coisas. Cf.: GONÇALVES, Edilson S. **Fragments da vida**. Fortaleza, 2000, p. 163-4.

Não por acaso, na linguagem popular ele costumava ser carinhosamente chamado de “capelinha”, tanto pelo formato dos rádios com caixa em arco quanto pelo simbolismo transcendente que ele, literalmente irradiava. [...] Antes todas as pessoas tinham uma voz incessante que lhes falava de dentro do corpo, que os teólogos e filósofos chamavam de “consciência” e que por sinal era um bocado severa e sem graça. [...] O rádio, milagre dos milagres, permitia substituir aquela voz... (SEVCENKO, 1998, p. 585-6).

Segundo meus depoentes, um dos traços marcantes do perfil sociológico do povo limoeirense, desde princípios do século XX, seria o “gosto por novidades”, o fascínio que objetos tecnológicos modernos exerceriam sobre todos. O rádio foi um desses objetos. Também o Sr. Costa e Silva foi, por assim dizer, um arauto da modernidade. Já aos 14 anos trabalhava na atividade telegráfica, tendo morado nos Estados do Pará, Mato Grosso, Amazonas e Rio Grande do Sul. Em 1932, estando já no Ceará, foi transferido de Fortaleza para Limoeiro, assumindo a função de primeiro telegrafista da cidade jaguaribana, que até aquele momento só dispunha de mala postal, não de telégrafos. O depoimento da filha desse senhor, nascida em 1929, revela outras nuances daquele episódio:

Com sua chegada iniciou-se, portanto, um período de mais progresso, pois a cidade fora integrada às comunicações telegráficas. Hercílio adaptou-se, rapidamente, à vida da cidade. Fez muitos amigos e integrou-se a tudo o que dizia respeito ao progresso de Limoeiro.

A compra do rádio, efetuada em Fortaleza, constava de um aparelho receptor, algumas baterias, um móvel e material para instalação. Foi uma grande novidade e uma fabulosa conquista. Ao anoitecer, os senhores se dirigiam para o local (onde funcionava o bilhar dos [irmãos] Oliveira) e papai ia para sintonizar as estações. Claro que era tudo muito precário e, de vez em quando, ocorria muita interferência. Meu pai, que havia trabalhado na Western [Telegraph], como radiotelegrafista, traduzia as notícias, com mais clareza, para os ouvintes.<sup>18</sup>

A instalação de um aparelho de rádio na cidadezinha sertaneja é recebida como uma “grande novidade”, como uma “fabulosa conquista” que atraía a classe abastada e alguns curiosos, não obstante a precariedade da transmissão, que também precisava de um tradutor, pois algumas emissoras captadas transmitiam em inglês. No Brasil, o rádio foi introduzido em 1922, não obstante ter sido inventado ainda em fins do século XIX. Segundo Nicolau Sevcenko, esse desenvolvimento defasado e tardio se deu porque o país ainda vivia à sombra das nações industrializadas, “onde as pesquisas sobre a radiodifusão foram aceleradas sobretudo no contexto da Primeira Guerra”

---

<sup>18</sup> MATOS, Maria José Costa. Entrevista concedida em Brasília em 22 de novembro de 2013.

(SEVCENKO, 1998, p. 587).<sup>19</sup> Entre nós, ainda em 1935, quando debutou em Limoeiro, o novo meio de comunicação “se organizava basicamente em termos não-comerciais, as emissoras se constituindo em sociedades e clubes cujas programações eram sobretudo de cunho erudito e lítero-musical” (ORTIZ, 1991, p. 39).<sup>20</sup> Nas décadas seguintes, o rádio seria um importante instrumento de dessacralização no Brasil, quando a música e a dança, alavancando o entretenimento outrora escasso e vigiado, promoveriam transmutações na vida social do país (KLÖCKNER e PRATA, 2009).

A chegada do rádio numa comunidade do sertão que vivia da agricultura e de um insipiente comércio urbano demonstra que os homens que dirigiam o destino daquela *polis* alimentavam o sonho de ver a cidade transformada pelo “progresso”, modernizada, usufruindo os bens de consumo instaurados pelos “tempos modernos”. Composta por proprietários de carnaubais, pequenos comerciantes, profissionais liberais e funcionários públicos, a elite sertaneja passou a desejar para Limoeiro toda uma estrutura que verificara na fronteira cidade potiguar de Mossoró. Assim, o sonho de viver numa cidade moderna, com boas estradas, pontes, escolas etc., já era acalentado por essa elite em meados da década de 1930. Ao contrário do que afirmam memorialistas e mesmo historiadores que vêm se debruçando sobre a história de Limoeiro,<sup>21</sup> não foi o primeiro bispo diocesano, dom Aureliano Matos, o idealizador do projeto de ver a cidade alçar um patamar elevado de progresso.

Neste Capítulo, analiso como a elite de Limoeiro gestou e pôr em prática a ideia de retirar a cidade de sua condição de obscuridade e isolamento. Para isso, decisões importantes foram tomadas, a saber: assumir a responsabilidade de sediar a prelazia jaguaribana, quando na cidade nem um prédio adequado havia para funcionar como Palácio Episcopal, e aceitar o plano conservador do

---

<sup>19</sup> Diz ainda o historiador: “Sua introdução aqui só se deu no início dos anos 20, mas tantos eram seus problemas técnicos de transmissão, difusão, qualidade de sinal e programação, que só a partir dos anos 30 é que ele teria impacto decisivo para a transformação da cultura brasileira” (SEVCENKO, 1998, p. 587-8).

<sup>20</sup> Para um histórico completo sobre a invenção do rádio, sua chegada ao Brasil e ao Ceará, ver: RODRIGUES, Antonio P. **Sua Excelência, o Rádio**. São Paulo: Biblioteca 24horas, 2009.

<sup>21</sup> O melhor representante da ala de memorialistas que escreveram a “história oficial” de Limoeiro é o professor do Colégio Pedro II, Antonio Malveira. Entre os seus livros, destaco: MALVEIRA, Antonio Nunes. **O Limoeiro de Dom Aureliano Matos**. Rio de Janeiro: Peleluc, 1998.

primeiro bispo, financiando assim a estrutura de modernização da cidade. Pensando nesse “caminho tortuoso”, um “outro” modelo de cidade sonhado por sua classe dirigente, levanto evidências históricas que demonstram que, antes mesmo da instalação do bispado jaguaribano, essa elite já era portadora de uma série de “inquietações” nesse rumo: (1) atuação na arte e na política como reação contra o estado de abandono do sertão; (2) fundação de escolas, buscando a superação do analfabetismo e (3) disputa pela sede do bispado, constituindo uma espécie de “declaração de maioria”, quando Limoeiro se arroga no direito de concorrer em pé de igualdade com municípios ricos. Essa série de “inconformismos históricos” já apontava para o desejo de viver numa cidade moderna, diferente daquela “acanhada vila” em que viviam.

Concomitantes àquelas inquietações, dois planos de reação da Igreja Católica acabariam por viabilizar o sonho de modernização de Limoeiro, justificando assim o desejo de sua elite em assimilá-los como oportunidades inescapáveis de gestar o “progresso” e a “civilização” no sertão: (1) o plano do arcebispo: fundar o bispado no Jaguaribe como contra-ataque à expansão da Igreja Reformada, e (2) o plano do bispo: transformar a sede num polo de atração (ou “centro de humanismo”) para toda a região, o chamado “tabernáculo da fé”, uma forma de resguardar a região das influências nocivas da modernidade.

### **1.1 Inquietação contra o abandono: arte e política no sertão**

Em meados dos anos de 1930, Limoeiro ainda era um município muito acanhado, quase uma vila. Muito esporadicamente despontava alguma novidade. O primeiro automóvel Ford adentrou a cidade em 1912, apresentando aos limoeirenses um veículo motorizado moderno. Cinco anos depois, dois comerciantes da terra compraram um modelo em Mossoró-RN, cidade que, em razão da proximidade, mantinha com Limoeiro relações comerciais. Segundo Nicolau Sevcenko (1998), o automóvel foi introduzido no Brasil, em fins do século XIX, como “modalidade esportiva”, quando capitalistas do Rio de Janeiro “desfilavam” pelas ruas da então capital da República modelos que, para além da utilidade de transporte, constituíam símbolos de poder ou artefatos que representavam o “clímax da modernidade”. Foi

exatamente essa “aura mítica” que despertou a atenção do limoeirense quando presenciou o primeiro carro, quando no Rio a população já o considerava um “instrumento de terror”, em função do barulho das buzinas e dos atropelamentos:

Num país como o Brasil, aonde os automóveis chegaram como produtos importados de alto luxo, eles logo se tornaram instrumentos de ostentação, prestígio e poder. Inicialmente são adquiridos para fins desportivos, ou seja, correr pelas ruas da cidade, as únicas pavimentadas. Em seguida, atormentar os pedestres com a buzina ou aterrorizá-los com as rodas passa a ser, por si só, um esporte de elite (SEVCENKO, 1998, p. 560).

Foi assim, lentamente, que a população de Limoeiro conheceu e se apoderou dos instrumentos da modernidade. Além do carro, destaco o exemplo da eletricidade. A primeira firma que chegou para instalar iluminação domiciliar e pública, a Costa Lima e Myrtil, de Aracati, apareceria em 1925.<sup>22</sup> Ao contrário do que ocorreu no Rio de Janeiro e em São Paulo, praças pioneiras onde despontou nos anos de 1890, a chegada da eletricidade em Limoeiro já em meados dos anos de 1920 não despertou as momentâneas reservas, hesitações e espantos do Sul, já que elite e povo conheceram sua funcionalidade em cidades como Aracati, Fortaleza e Mossoró. Em Limoeiro, a eletricidade foi instalada resultante de um desejo consolidado daquele símbolo do moderno, sobretudo porque a elite percebeu nele um instrumento de dominação do qual não poderia prescindir. “Apresentando-se como a fonte que monopoliza o novo potencial miraculoso, a que todos desejam ter acesso, os dirigentes políticos se revestem da imagem de agentes legítimos e incontestáveis da modernização” (SEVCENKO, 1998, p. 547).

Assim, paulatinamente, processou-se no imaginário coletivo limoeirense um “gosto por coisas modernas”. O advogado José Osterne Ferreira Maia,<sup>23</sup> por exemplo, foi considerado um “espírito progressista” simplesmente porque, no início do século XX (1905), importou dos Estados Unidos, via Recife-PE, um catavento de metal que logo deixou ultrapassados os rústicos métodos de cultivo do município. O instrumento puxava água de poço e irrigava um pomar

---

<sup>22</sup> SILVA, Meton Maia e. **Reminiscências de Limoeiro do Norte**. [s. l.]: Edição do Autor, 1997.

<sup>23</sup> José Osterne Ferreira Maia nasceu em Limoeiro (ainda distrito de Russas-CE), em 29 de junho de 1875, e faleceu em Fortaleza-CE, em 14 de outubro de 1927, vitimado pelo diabetes. Sendo autodidata, chegou a ser advogado provisionado em Limoeiro e em outras cidades do Ceará como Aracati e Jaguaribe. Para um perfil biográfico completo, ver: CARNEIRO, Joaquim Osterne. **Tributo a José Osterne**. João Pessoa: [s.ed.], 2010.

na zona suburbana, dispensando o esforço humano. Inicialmente, aquele senhor foi chamado de “doido” por demonstrar fé excessiva no solo da caatinga, pois na época era pensamento corrente que essa terra não produziria frutos em larga escala. Todavia, os resultados obtidos, mangas, laranjas, jacas, cajaranas, dentre outras frutas de excelente qualidade, provocaram uma “confusão geral” entre os críticos.<sup>24</sup> Finalmente, vendo que a empreitada era não somente possível como promissora, os que duvidaram no início passaram também a comprar cataventos, ou mandaram fabricar réplicas do equipamento em madeira. Assim, provando que o uso de cataventos modernizava a agricultura do sertão, em 1922 já se contavam mais de duzentos moinhos, importados, e mais de trezentos confeccionados pelos próprios limoeirenses.<sup>25</sup>

Todavia, o uso de instrumentos como o rádio constituiu apenas num respingo de modernização na ainda rústica Limoeiro da década de 1930. Antes dele, o entretenimento moderno conhecido pelos limoeirenses era o cinema, cuja inserção se deu sem resistências no país. Na verdade, segundo Nicolau Sevcenko, o cinema foi recebido no Brasil com “reação aturdida”, em 1896, quando houve a primeira exibição no Rio de Janeiro. A imprensa passou a se referir ao invento como a “maravilhosa lanterna da ciência”, a “estranha sensação”, o “vivo demônio”, o sonho, a imaginação, a fantasia. Assim,

a projeção de imagens móveis, luminosas e agigantadas na tela do cinema escuro afeta de modo intenso simultaneamente a percepção visual e a imaginação. Walter Benjamim foi um dos primeiros teóricos a analisar esse fenômeno, avaliando como a câmara “nos abre, pela primeira vez, a experiência do inconsciente visual, assim como a psicanálise nos abre a experiência do inconsciente instintivo” (SEVCENKO, 1998, p. 520).

No Vale do Jaguaribe, os primeiros filmes, de temática religiosa, exibindo a paixão de Cristo na Semana Santa, por exemplo, foram vistos ainda em projetores portáteis, quando peregrinaram pela região exibidores itinerantes, como Cego Aderaldo.<sup>26</sup> Oitões de fazendas e alpendres de casas

---

<sup>24</sup> Projetos recentes de fruticultura no Vale do Jaguaribe, implantados em Russas e Limoeiro, já na década de 1960, vêm demonstrando que o solo jaguaribano, devidamente irrigado, produz frutas de qualidade. Hoje, parte considerável dessa produção gerada por multinacionais do agronegócio é destinada à importação. Sobre o início desses projetos, ver Capítulo 4.

<sup>25</sup> Ao visitar a região no início da década de 1920, o memorialista Eusébio de Sousa ficou pasmo com a “habilidade dos artistas sertanejos” em confeccionar cataventos que, “girando como os americanos ao sabor de todos os ventos... [eram fincados nas várzeas] como atalaia do progresso”. Cf. SOUSA, Eusébio de. (org.) **Álbum do Jaguaribe**. Belém: Amazônia, 1922.

<sup>26</sup> Aderaldo Ferreira de Araújo, popularmente conhecido como Cego Aderaldo, nasceu em Crato-CE, em 24 de junho de 1978, e faleceu em Fortaleza-CE, em 30 de junho de 1967. Poeta

grandes, na zona rural, serviram de “salas improvisadas”, tendo-se então acesso a outro evento social que não festa religiosa ou folclórica. Um lençol branco, preso à janela, servia de tela (PORTELLA, 2013). Assim, repetindo o que aconteceu no Rio de Janeiro, o cinema provocou fascínio e despertou a sensibilidade dos sertanejos simples para com a arte da fotografia em movimento. Como compõe parte do imaginário coletivo do “gosto por coisas modernas”, considero imprescindível traçar um breve histórico do cinema em Limoeiro. A primeira sala de exibição teria sido inaugurada na cidade ainda na segunda metade dos anos de 1920, com a criação do Cine Moderno pela empresa Oliveira & Irmão.<sup>27</sup> Ainda era “cinema mudo” e um tanto precário, já que cada espectador era obrigado a levar de casa uma cadeira para se sentar (LIMA [L. O.], 1997).<sup>28</sup>

Ao tempo do cinema mudo, havia um fato curioso: as apresentações das cenas eram animadas por um conjunto musical constituído pelo maestro Odílio Silva (flauta), Lupécio Maia (violão), José Braúna (clarineta) e José Robles (baixo), sendo o repertório dos mais vastos. Nos dias de exibição de filmes, garotos em número de três, sendo que um ao tambor, saíam pelas calçadas das ruas centrais conduzindo o cartaz de propaganda através do qual se conhecia o filme anunciado e seus principais personagens, enquanto que outros cartazes permaneciam defronte à casa de espetáculos, no caso o Cine-Teatro Moderno.<sup>29</sup>

Anos depois, o cinema mudo passa também a receber peças teatrais, com a fundação do Grêmio Dramático Familiar Limoeirense (possivelmente no início da década de 1930), mudando o nome para Cine-Teatro Moderno. Tendo à frente “progressistas” como o Sr. Hercílio Costa e Silva, o mesmo que apresentou o rádio para Limoeiro, essa casa de entretenimento também abria suas portas para conferencistas famosos no Ceará, como Leonardo Mota,<sup>30</sup> e

---

popular, repentista, cantador, andou peregrinando pelo sertão nordestino, exibindo sua arte e também projetando filmes antigos. Para uma biografia desse artista, ver: PORTELLA, Cláudio. **Cego Aderaldo**: a vasta visão de um cantador. São Paulo: Escrituras, 2013.

<sup>27</sup> A historiadora Maria José de França Menezes (2003) aponta o ano de 1925 como inauguração desse cinema, pautando-se na memória de idosos ouvidos por ela. Não foram encontrados, até o momento, documentos que comprovem essa delimitação, nem meus depoentes ousaram confirmar essa data.

<sup>28</sup> O texto de Lauro de Oliveira Lima (1997, p. 494-7) foi todo adaptado ou mesmo copiado do original de Meton Maia e Silva: “Do Cine Moderno ao Cine Capri”, 1980 (mimeo).

<sup>29</sup> SILVA, Meton Maia e. “Do Cine Moderno ao Cine Capri”, 1980 (mimeo). Cf.: SILVA, M. M. Pasta de Documentos/Academia Limoeirense de Letras. Esse texto foi originalmente escrito para ser lido no programa radiofônico *A Cidade Recorda*, apresentado por Tônico Marreira na Rádio Cidade de Fortaleza. Dezesete anos depois, Lima o publicou em seu livro, sem mencionar o devido crédito.

<sup>30</sup> Leonardo Mota nasceu em Pedra Branca-CE, em 10 de maio de 1891, e faleceu em Fortaleza-Ce, em 02 de janeiro de 1948. Foi advogado, promotor de justiça, escritor, professor, jornalista e historiador leigo. Escrevia com regularidade no jornal *O Nordeste*, que festejava o



para importantes reuniões da coletividade, além de bailados dos estudantes e ensaios das bandas de música da cidade. Em fins da década de 1930, quando a região enfrentava um terrível surto de malária, o Grêmio Dramático apresentou a farsa *A Muriçoca da Malária*, de autoria do mesmo Hercílio Costa e Silva, numa tentativa de explicar ao povo a forma de contágio daquela doença,<sup>31</sup> e também como forma de denunciar o abandono do sertão. Assim, o Cine-Teatro Moderno foi um importante palco de expressão artística, engajada na inquietação que já dominava a elite limoeirense. Além de representar um elemento decisivo na constituição do imaginário modernista da cidade, esse tipo de teatro estava imbuído de forte tom questionador.

Para Canclini (2008), a histórica distorção do Estado brasileiro, ao gestar seu modelo burguês moderno sem romper com as relações clientelistas que existiam desde a chegada do colonizador português, teria criado um “monstro” chamado por ele de “liberalismo deslocado e desafinado”. Tentando se desvencilhar desse modelo, a produção artística brasileira, a partir dos anos de 1920, teria se centrado numa rejeição consciente do “realismo maravilhoso”, buscando uma produção que, não obstante inspirada nas vanguardas europeias, firmava-se no objetivo de escavar as raízes brasileiras. Assim, as peças do Grêmio Dramático Familiar Limoeirense podem ser consideradas modernistas, já que se usou o teatro como ferramenta de informação e denúncia de abandono da população sertaneja, desassistida pelo Estado diante de surtos de uma doença grave como a malária. Nesse sentido, o culto a tudo o que era europeu e a aversão a tudo o que era brasileiro ficara embaraçado no romantismo do século XIX.

No Brasil, o modernismo cultural em vez de ir contra o nacionalismo, impulsionou a busca de uma verdadeira “brasilidade”, nunca obtida plenamente pelo romantismo, mas defendida por intelectuais como Mário e Oswald de

---

rico arquivo que ele criara sobre a história eclesiástica do Ceará. Muito respeitado no Estado, tornou-se um conferencista famoso.

<sup>31</sup> “Geralmente, são as fêmeas [do mosquito *Anopheles*] que atacam porque precisam de sangue na alimentação para garantir o amadurecimento e a postura dos ovos. Se as fêmeas picarem um indivíduo infectado, o parasita irá desenvolver parte de seu ciclo no organismo do mosquito e, em mais ou menos duas semanas, alcançará suas glândulas salivares, o que lhe confere condições de infectar uma pessoa no momento da picada”. In: “Malária”. Entrevista de Marcos Boulos a Dráuzio Varela. Cf.: [www.drauziovarellacom.br](http://www.drauziovarellacom.br).

Andrade, para quem “só seremos modernos se formos nacionais”,<sup>32</sup> modelo de construção identitária não aprovada pela elite conservadora, mas ensaiada timidamente pela elite limoeirense na peça *A Muriçoca da Malária*. Isso demonstra que parte da elite já era consciente de que o teatro poderia ser usado como ferramenta política de denúncia, sobretudo tendo em vista o peso tímido, quase inexpressivo, que cidades como Limoeiro exerciam na gestão executiva do Estado.

O início da década de 1930 assistiu um rebuliço na política do Brasil, mas a cultura de cidades do interior, como era o caso de Limoeiro, pouco ou nada foi favorecida por aquela conjuntura histórica. Os historiadores do Ceará, não sem razão, costumam caracterizar os anos de 1930 como o momento em que esse Estado, juntamente com as outras unidades do Norte (como se denominava a região Nordeste na época), aceitou a autoproclamada Revolução de 1930, ou seu mecanismo de centralização política, como viabilidade de solução para sua defasagem econômica, vista como prioridade imperativa, ao contrário da cultura, que nunca foi considerada necessidade de “primeira linha”. Os nortistas se levantaram contra o atraso da região, apontando como solução a interferência de um Governo central não discriminatório e forte. A decadência do açúcar, fumo e cacau, produtos do norte, e a valorização do café, produzido no sul, gerara uma distinção na política econômica do Governo Federal, da qual se ressentia o Norte (SOUZA [S.], 1994).

Assim, de modo geral, os tenentes nortistas teriam apoiado Vargas porque viam nele a possibilidade de transformar a realidade da região, relegada ao esquecimento, quase sempre porque faltavam partidos bem estruturados ou mesmo uma classe política forte (PANDOLFI, 1980). Não era propriamente o caso do Ceará, que contava com a figura de Juarez Távora, um dos tenentes que levaram Vargas ao poder.<sup>33</sup> No Vale do Jaguaribe, a instabilidade climática e a pecuária insipiente teriam dividido a zona em

---

<sup>32</sup> Sobre o projeto estético e ideológico do modernismo, ver: LAFETÁ, João Luiz. **1930: a crítica e o modernismo**. São Paulo: Duas Cidades, 1974 (Série Universidade, 3).

<sup>33</sup> Depois da vitória do Movimento de 1930, Juarez Távora seria nomeado Delegado Militar do Governo Provisório, uma espécie de “Grande Irmão” que velaria pelo “interesse público” dos Estados nortistas. Sobre a atuação de Távora, ver: CARVALHO, José Murilo de. **Forças armadas e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

pequenas propriedades que não favoreciam o aparecimento de grandes latifundiários, tal como em outras regiões do país. Assim, a efervescência política jaguaribana foi mais expressiva nos núcleos urbanos propriamente ditos, entre comerciantes e burocratas, entre os mercadores que conseguiram gerar alguma riqueza e os condutores da burocracia citadina. Foi o caso de Limoeiro, que desconhecia a autoritária figura do coronel de barão e cutelo (LIMA [L. O.], 1997), mas conhecia bem as querelas clientelistas entre os cartorários e os comerciantes enriquecidos pela cera de carnaúba. Foram essas classes que se submeteram ao regime getulista, contentando-se com os cargos municipais oferecidos ou lutando contra o predomínio de uma “oligarquia cartorária”. De todo modo, a centralização imposta pelo regime castrava qualquer desejo de autonomia política e de libertação da burocracia, como parecia ser o caso da família Oliveira.

Como se sabe, a criação das Interventorias Federais foi a estrutura mais eficiente de centralização encontrada pela Revolução de 1930, sendo inicialmente desejada pelos nortistas como solução do problema do “esquecimento” da região. No Ceará, os primeiros interventores que assumem o poder foram o médico Manuel do Nascimento Fernandes Távora (1930-1931), o capitão Roberto Carneiro de Mendonça (1931-1934) e o coronel Filipe Moreira Lima (1934-1935). Távora instaurara uma facção oligárquica, desde 1920, que pretendia perpetuar após a Revolução de 1930, sem sucesso, pois logo é afastado, a pedido dos tenentes, acusado de favorecer somente seus correligionários. Seu sucessor, o capitão Roberto Mendonça, militar como os tenentes queriam, consegue uma momentânea estabilidade política no Ceará, com apaziguamento dos ânimos de grupos políticos rivais. Até a eleição constituinte de 1933, quando a Liga Eleitoral Católica (LEC) vence e desperta as forças conservadoras do Estado, ansiosas pelo poder. Acusado de favorecer mais à facção católica, Mendonça é afastado e substituído por outro militar, o coronel Filipe Lima, que se alinhou à facção tavorista e, por isso, foi hostilizado pelos partidários da LEC, que conseguem pressionar o Governo para afastá-lo do cargo de interventor.

Em maio de 1935, é escolhido pela Assembleia Legislativa, ou seja, em eleição indireta, o nome do professor Francisco de Menezes Pimentel para

governar o Ceará a partir de então. Para justificar ações desse tipo, os segmentos dominantes no Estado “ressuscitam o fantasma do comunismo” (SOUZA [S.], 2002, p. 304), justificando a instauração de um poder que supostamente não cederia espaço aos “apaniguados de Moscou”.<sup>34</sup> Assim, pretextando combater o marxismo, avanços sociais eram contidos, e também o movimento operário, com apoio da própria Igreja Católica e de seu partido, a LEC. Com a imposição do Estado Novo (1937), Pimentel tem seu nome aprovado por Vargas e celebrado pelo próprio arcebispo metropolitano como “a salvação do Ceará”.<sup>35</sup> Isso implicava dizer que um só homem recebeu autoridade para, no Ceará inteiro, conduzir as diretrizes autoritárias do Estado Novo. E assim “todas as organizações da sociedade, no campo da cultura, educação, do trabalho, dentre outras, [tiveram] o controle do governo estadual” (SOUZA [S.], 2002, p. 311), caso da fundação da Escola Normal, como se verá adiante.

De tudo o que se disse, a conclusão que se impõe é a seguinte: a Revolução de 1930, no Ceará, perpetuou o acirramento de conflitos entre grupos políticos que pretendiam usar a máquina estatal com fins clientelistas, beneficiando os correligionários, os “nossos” e perseguindo os “outros”, os adversários. Nessas disputas partidárias sem motivação social profunda, a categoria “povo do interior” dificilmente entrava em discussão, ou seja, não recebia a atenção devida que um Estado, a rigor, deveria ter para com seus cidadãos. Tanto as oligarquias dissidentes como os tenentes “revolucionários” desconsideravam a participação popular e mesmo as bandeiras políticas por eles levantadas, a “moralização da vida pública” e a “reforma política” eram discursos vazios para as populações cearenses (SOUZA [S.], 1994, p. 340), sobretudo para aquelas sapilcadas nas brenhas do sertão, como era o caso da que povoava a pequena Limoeiro dos anos de 1930. Denunciar esse estado de descaso, por meio do teatro, constituía, portanto, uma decisão com peso político, com repercussão também entre os desvalidos e não somente entre as classes dirigentes da cidade. Denúncia como essa só ocasionalmente aparecia em outros meios. Conforme demonstra o fragmento abaixo, escrever textos

---

<sup>34</sup> “Apaniguados de Moscou” é uma expressão recorrente no jornal católico *O Nordeste*, significado o conjunto de comunistas, socialistas e sindicalistas não atrelados à Igreja.

<sup>35</sup> *O Nordeste*, 29 de maio de 1937, p. 1.

contundentes nos jornais da época, dimensionando o abandono do sertão como resultado do desleixo do governo para com o seu povo, certamente também tinha seu peso, menor, em função da predominância do analfabetismo.

O sertão permanece isolado. Isolado em todos os sentidos. Isolado por todas as maneiras. Isolamento em agricultura. Isolamento em política. Isolamento em vida social. Isolamento por todos os modos, tempos, números e pessoas, como dizia eruditamente o meu parente padre Antonio Vieira...

A culpa eu sei que não é só dos governos, não. [...] Mas os governos têm uma grande culpa. Eles têm deixado o interior em abandono. Não têm sabido criar um plano estadual que supervisione as necessidades regionaes em peso e venham resolver de conjuncto o problema agrícola do seu Estado.

Querem ver? [...] Os carnaubas do Jaguaribe estão pelando, deixando trechos inteiros de calvice precoce na vasta fronte alva e pensativa da zona das carnaubas...

O algodão cearense é nullo, desclassificado, de ínfima classe, de fibra mesclada e vagabunda. [...]

Para todo esse imenso cabedal de decrescimentos nós só temos uma desculpa: – “A secca”. Secca, coisa nenhuma! Inatividade!<sup>36</sup>

Observa-se que, não obstante transcorridos sete anos da Revolução de 1930, o jornalista denuncia que o sertão continua tão isolado como no início do século. A agricultura e o extrativismo são mencionados como exemplos acabados do abandono do poder público para com as terras cearenses, onde despontava um algodão de fibra “mesclada e vagabunda” por falta de investimento. Mesmo as várzeas jaguaribanas dos carnaubais, cuja cera era um produto muito valorizado no mercado internacional, não estava merecendo nenhuma atenção do Governo, o que estava provocando uma “calvície precoce” numa zona que poderia ser ricamente aproveitada. O autor rechaça a seca como “desculpa” para não investir no semiárido, pois segundo ele tudo se resumiria a uma palavra: inatividade, ou seja, o abandono deliberado de terras que, devidamente irrigadas, produziriam uma riqueza imensa.

Portanto, a Revolução de 1930 nem ao menos tocou a epiderme das necessidades sociais do povo do sertão, incluindo o jaguaribano. Como denuncia o autor, mesmo os produtos que geravam riqueza para o Estado, a exemplo da cera de carnaúba e do algodão, não recebiam do Governo nenhum incentivo, ficando os produtores entregues à própria sorte. O poder público simplesmente não manifestava interesse em estender seu braço aos recantos longínquos do semiárido cearense, apontando como suposto obstáculo para

---

<sup>36</sup> O Nordeste, 05 de maio de 1937, p. 4. “Necessidades do Interior – A vida ali é dura e nem todo mundo por lá tem o seu tecto...”, texto de Meton Vieira.

isso a instabilidade climática. Assim, dispondo de poucos recursos, o sertanejo acabaria por utilizar o teatro como forma de denunciar seu estado de abandono. Outro problema que agravava a realidade do sertão, o analfabetismo, seria parcialmente resolvido quando a elite considerou exigência inadiável a fundação de escolas em Limoeiro. Era imprescindível educar crianças e jovens, libertando os filhos da elite da obscuridade do analfabetismo. É o que se verá a seguir.

## **1.2 Inquietação contra o analfabetismo: fundação de escolas em Limoeiro**

O episódio da chegada de um aparelho de rádio na acanhada Limoeiro dos anos de 1930 indica que a falta de educação formal afrontava aquela sociedade que almejava o desenvolvimento material, mas que ainda vivia como um tímido centro urbano do sertão esquecido. Nessa época, segundo um depoente, “o ambiente de Limoeiro, do ponto de vista cultural, era muito atrasado”, existindo apenas duas casas na urbe onde alguém encontraria livros, a casa do vigário e a casa de um advogado.<sup>37</sup> O pedagogo Lauro de Oliveira Lima, nascido em Limoeiro em 1921, reconheceu que a ideia de estudar num Seminário em São Paulo, quando ele era garoto, gestou-se no seio de sua própria família, já que na cidade, mesmo entre os abastados, inexistia a intenção de formar os filhos.<sup>38</sup> Também diz ele que, em fins do século XIX (1873), o primeiro intendente de Limoeiro se queixava ao presidente da Província que ninguém na vila sabia ler (LIMA [L. O.], 2002, p. 35). Em 1934, existia apenas uma escola primária e um professor particular para alfabetizar toda a população. Em fins de 1936, a chegada do padre Misael Alves de Sousa a Limoeiro, voltando formado do Seminário da Prainha, em Fortaleza, sacudiu essa mentalidade provinciana, o que animou esse sacerdote a fundar um educandário.

Em razão disso, a elite de Limoeiro, formada majoritariamente por comerciantes e proprietários de carnaubais, desejosos de inserir sua cidade

---

<sup>37</sup> CHAVES, Franklin Gondim. Entrevista ao Núcleo de Documentação Cultural (NUDOC) da Universidade Federal do Ceará, concedida em Fortaleza-CE, em 21 de março de 1984 (Fita 01).

<sup>38</sup> LIMA, Lauro de Oliveira. Entrevista ao Núcleo de Documentação Cultural (NUDOC) da Universidade Federal do Ceará, concedida no Rio de Janeiro-RJ, em 05 de outubro de 2002 (Fita 01).

num “mundo novo”, convenceram-se de que, antes de tudo, era necessário romper as amarras do analfabetismo. Diz Franklin Gondim Chaves<sup>39</sup> que a ideia de fundar uma escola de ensino ruralista partiu dele, depois de visitar a primeira escola desse tipo, fundada em Juazeiro do Norte em 1934. Convidado pelo então padre Hélder Câmara, que na época exercia o cargo de Diretor de Educação do Ceará (uma espécie de secretário), a participar da Semana Ruralista de Juazeiro,<sup>40</sup> o então comerciante Franklin Chaves ficou fascinado por aquele modelo de ensino, que preparava moças para exercerem o magistério em pequenas cidades do interior. Voltando para Limoeiro, reuniu a elite da cidade para propor a criação de uma escola similar.

Aí cheguei em Limoeiro, convidei o pessoal da cidade toda, tanto correligionários como adversários e expus a situação toda que eu tinha visto em Juazeiro. Tudo, tudo, disse que tínhamos possibilidade de fazer o negócio melhor do que aquele e tal. [...]

Fizemos a reunião com todo mundo para fundar a Sociedade Pró-Educação Rural de Limoeiro. Foi subscrito um capital de 29 contos. Aí compramos um terreno muito bom, com cinco hectares de terra e começamos o serviço. O padre Hélder disse que oferecia a planta, tinha um amigo dele que fazia a planta, um tal de Mainha. [...] Foi ele que deu a planta, não quis nada... uma planta muito bonita, um prédio central com treze prédios em volta, tudo ligado por passadiças, muito bonitinho.

Então, nós metemos a cara e... começamos a construção da escola.<sup>41</sup>

A fundação dessa sociedade mencionada pelo depoente se deu em 15 de setembro de 1935, mais de três meses depois da Semana Ruralista. O registro do Estatuto da Sociedade Pró-Educação Rural de Limoeiro foi efetivado pelo oficial Pergentino Augusto Maia em 04 de novembro do mesmo ano e previa que podiam “fazer parte da sociedade os que tendo livre disposição de seus bens se conformarem com os presentes estatutos” (In: LIMA [L. O.], 2002, p. 201). Tudo transcorreu com certa agilidade, pois a elite tinha pressa de ver emergir uma nova cidade.

---

<sup>39</sup> Franklin Gondim Chaves nasceu em Fortaleza-CE, em 10 de fevereiro de 1908 e faleceu na mesma cidade, em 05 de dezembro de 1992, aos 84 anos. Em 1923, mudou-se para Limoeiro, para assumir o balcão da loja de um tio, aos quinze anos de idade. Depois, com um irmão, abre o próprio negócio, uma venda de cereais e mantimentos. Foi comerciante e político atuante em Limoeiro (vereador e prefeito interino) e na capital, dos anos de 1930 à década de 1970, quando se afastou da política, depois de sete legislaturas como deputado estadual (1947-1972) e dois anos como membro do Conselho de Contas do Município (1972-1974).

<sup>40</sup> A Semana Ruralista de Juazeiro teve início em 22 de junho de 1935. Cf. Site [www.educas.com.br/blog](http://www.educas.com.br/blog), seção “Banco de Dados”.

<sup>41</sup> CHAVES, Franklin Gondim. Entrevista ao Núcleo de Documentação Cultural (NUDOC) da Universidade Federal do Ceará, concedida em Fortaleza-CE, em 21 de março de 1984 (Fita 02).

Assim, a Escola Normal Rural de Limoeiro, a segunda do Estado nesse gênero, teve sua pedra fundamental posta, em cerimônia solene no dia 12 de janeiro de 1936,<sup>42</sup> sendo inaugurada, de fato, em 26 de abril de 1938 (FREITAS e OLIVEIRA, 1997, p. 91). Há quem diga que a criação desse estabelecimento educacional deve ser creditada ao ideal de progresso dos “grandes da terra” (FRANÇA, 1974, p. 12). Ora, tendo em vista a inexistência de escolas adequadas e a distância considerável até a capital, onde a continuação dos estudos médios se fazia somente para quem podia despendar grandes somas, a fundação de escolas em Limoeiro era uma necessidade imperativa, caso a elite quisesse usufruir os bens modernos. A aceitação dessa proposição explica porque a própria elite tomou como sua uma missão que, a rigor, pertencia ao Estado.

Nesse sentido, o debate sobre a concepção da Escola Normal como atuação de um ou de outro grupo político, conforme sugere Lauro de Oliveira Lima (2002), é estéril e partidarista. O essencial é saber que a criação da Escola Normal era o primeiro projeto da elite limoeirense com vistas a superar o analfabetismo, desenvolver a cidade e retirá-la da condição de anos “parada no tempo”.<sup>43</sup> Seria melhor dizer de uma quase inexpressibilidade social no Vale do Jaguaribe, ante a preponderância de cidades como Aracati e Russas. “Limoeiro... um pequeno mundo isolado, começava a acordar para o progresso” (LIMA [L. O.], 1997, p. 348). O momento culminante desse despertar aconteceu no mencionado dia da fundação da Sociedade Pró-Educação Rural de Limoeiro, por quinze homens de variados matizes políticos, todos com destaque na sociedade. Na memória oficial da cidade, são “cidadãos que não possuíam outra faculdade além da consciência clara de que Limoeiro necessitava de um pontapé inicial para projetar-se na região, mesmo sem ajuda do governo do Estado” (FREITAS e OLIVEIRA, 1997, p.125).

Nessa época, existiam dois clãs<sup>44</sup> que disputavam a hegemonia política na cidade. Memorialistas como Lauro de Oliveira Lima (1998) e historiadores

---

<sup>42</sup> O Nordeste, 15 de janeiro de 1936, p. 2 e 3.

<sup>43</sup> Em meu *corpus* de depoimentos orais, os entrevistados usam a expressão “parada no tempo” para se referirem a uma cidade desprezada pelo poder público ou cujo progresso não mereceu a devida atenção por parte de seus políticos e “homens ilustres”.

<sup>44</sup> Aqui, clã deve ser entendido como um estamento ou grupo social unificado por relações de parentesco, compadrio ou amizade e fortalecido por relações político-partidárias. Os clãs



como Mônica Emanuela Nunes Maia (2005) elevam a representação desses grupos ao patamar de facções políticas rivais que se engalfinhavam em acirradas disputas. Meus depoentes, todavia, relativizam essa animosidade, pontuando-a somente durante as campanhas eleitorais. Mesmo Lima reconhece que a animosidade política se restringia a “escaramuças mais ou menos folclóricas” e que jamais houve um só assassinato por motivo político (1996, p. 345). Em certos casos, adversários políticos não andavam nas casas uns dos outros, não eram “compadres”,<sup>45</sup> mas mesmo assim viviam em paz como cavalheiros que eram,<sup>46</sup> e, quando necessário, uniam-se em favor da *polis*.<sup>47</sup> Os conflitos seriam quase sempre de natureza verbal, sem abalar a cordialidade que se mantinha ao longo do ano.<sup>48</sup> O tipo de “homem cordial” analisado por Sérgio Buarque de Holanda (1995), idiossincriticamente caracterizado pelo individualismo, pela aversão ao ritualismo, à hierarquia, e pela afeição ao compadrio e ao paternalismo, encaixa-se na realidade limoeirense da época, cuja elite política primava pela polidez. Mesmo no sertão, essa polidez era uma organização de defesa social, porém de constituição epidérmica ao indivíduo, isto é, tratava-se de um “disfarce” para manter inalteradas, sem grandes abalos, a sensibilidade e a emoção, num “triunfo do espírito sobre a vida”. Assim, “armado dessa máscara, o indivíduo [conseguiu] manter sua supremacia ante o social”, ou seja, utilizava-se da polidez como um “cartão de visitas” que impunha a “presença contínua e soberana do indivíduo” como tal (HOLANDA, 1995, p. 147).

Tal prática social era recorrente entre os membros e, sobretudo, entre os chefes dos clãs limoeirenses. O quadro abaixo, expondo os nomes de comerciantes, agropecuaristas e profissionais liberais, dentre outros, as atuações na comunidade da época e a rede de sociabilidade mantida entre

---

limoeirenses se distinguiam por pertencerem a diferentes famílias e siglas partidárias, mas cultivavam relações sociais entre si, como vizinhos, membros da mesma organização religiosa ou sociedade secreta etc. Acepção semelhante pode ser conferida em: SMITH, 2002, p. 209.

<sup>45</sup> MATOS, Maria José Costa. Entrevista concedida em Brasília-DF, em 22 de novembro de 2013.

<sup>46</sup> OLIVEIRA, Maria Lenira de. Entrevista concedida via e-mail. Resposta enviada em 28 de novembro de 2014.

<sup>47</sup> FREITAS, Maria das Dores Vidal. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte, em 18 de fevereiro de 2012.

<sup>48</sup> Dois grandes líderes dos clãs, Custódio Saraiva de Menezes e Manfredo de Oliveira Lima, eram vizinhos e mantinham cordiais relações como tal. Além disso, não era incomum que marido e esposa militassem em fileiras opostas, sem que isso abalasse em nada o casamento.

eles, demonstra como o uso da polidez foi responsável pela fundação de uma escola na acanhada Limoeiro dos anos de 1930, que posteriormente seria modelo para toda a região e mesmo para o Estado.

Quadro 01

**SÓCIOS FUNDADORES DA SOCIEDADE PRÓ-EDUCAÇÃO RURAL DE LIMOEIRO,  
ATUAÇÃO NA COMUNIDADE E REDE DE SOCIABILIDADE NA DÉCADA DE 1930**

| <b>Nome do sócio-fundador</b>   | <b>Atuação na comunidade na década de 1930</b>                                                                                                                                                                                                               | <b>Rede de sociabilidade</b>                                                                                                                                                                |
|---------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 01. Arsênio Ferreira Maia       | Agropecuarista; comerciante; prefeito nomeado por intendente (1930-1932)                                                                                                                                                                                     | Clã Oliveira; aliado político do intendente Fernandes Távora                                                                                                                                |
| 02. Cândido Gadelha             | Coletor federal nomeado por intendente (1932-1961)                                                                                                                                                                                                           | Clã Oliveira; aliado político do intendente Fernandes Távora                                                                                                                                |
| 03. Custódio Saraiva de Menezes | Agropecuarista; comerciante, dono da loja <i>Dois Irmãos</i> ; prefeito nomeado por intendente em dois mandatos: 1935-1936 e 1937-1945                                                                                                                       | Chefe do clã Chaves; cunhado de Franklin Chaves [04], casado com Judite Chaves, filhos de Sindulfo Chaves [15]                                                                              |
| 04. Franklin Gondim Chaves      | Comerciante, dono da loja <i>Casa Chaves</i> (tecidos). Idealizador da Sociedade Pró-Educação Rural de Limoeiro. Em 29 de março de 1936, é eleito vereador pela Ação Integralista Brasileira (AIB), assumindo pouco depois a presidência da Câmara Municipal | Clã Chaves; filho de Sindulfo Chaves [15]; líder da Aliança Integralista Brasileira em Limoeiro (1932-1937) e, posteriormente, do PSD, que fazia oposição à UDN, liderado pelo clã Oliveira |
| 05. Hercílio da Costa e Silva   | Telegrafista, agente dos Correios enviado para Limoeiro, da sede Fortaleza, em 1932                                                                                                                                                                          | Transitava bem entre as famílias; o Clã Oliveira foi incentivador de seus projetos modernos, mas também participou de iniciativas do Clã Chaves                                             |
| 06. João Francisco de Sá        | Construtor contratado pelo prefeito para edificar um obelisco como marco de fundação da cidade (1935-1936)                                                                                                                                                   | Contratado do prefeito Custódio [03], alinhava-se ao Clã Chaves                                                                                                                             |
| 07. João Nogueira Sobrinho      | Comerciante; começou ajudando um tio na farmácia. Muitos anos depois, foi nomeado tabelião                                                                                                                                                                   | Clã Chaves; já tabelião, substituiu eventualmente a cartorária Judite Chaves                                                                                                                |
| 08. José Targino da Cruz        | Advogado provisionado                                                                                                                                                                                                                                        | Clã Oliveira                                                                                                                                                                                |
| 09. Mário de Oliveira Lima      | Comerciante, dono da loja <i>Oliveira &amp; Irmão</i> ; comprador de cera de carnaúba e algodão                                                                                                                                                              | Clã Oliveira; irmão de Manfredo [10]; adversário político dos Chaves                                                                                                                        |
| 10. Manfredo de Oliveira Lima   | Comerciante, dono da loja <i>Oliveira &amp; Irmão</i> ; comprador de cera de carnaúba e algodão                                                                                                                                                              | Chefe do clã Oliveira; irmão de Mário [09]; adversário político dos Chaves, mas vizinho de Custódio [03] e Judite Chaves                                                                    |
| 11. Odilon Odílio da Silva      | Farmacêutico prático; músico, maestro; oriundo de Pereiro, CE,                                                                                                                                                                                               | Clã Chaves; na década seguinte foi um dos fundadores do PSD                                                                                                                                 |

|                                    |                                                                                                    |                                                                                        |
|------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------|
|                                    | chegou a Limoeiro em 1926                                                                          |                                                                                        |
| 12. Pedro Saraiva de Menezes       | Comerciante, dono da loja <i>Dois Irmãos</i> ; prefeito deposto pela Revolução de 1930 (1927-1930) | Clã Chaves; irmão de Custódio [03], cunhado de Franklin Chaves [04]                    |
| 13. Pompilio Maia Gondim           | Comerciante, dono da <i>Casa Santa Teresinha</i> , loja de tecidos                                 | Clã Chaves; casado com uma irmã de Custódio [03], em primeiro casamento                |
| 14. Raymundo Gurgel Guedes         | Comerciante, dono de padaria                                                                       | Transitava bem entre as famílias                                                       |
| 15. Sindulfo Serafim Freire Chaves | Agropecuário; prefeito nomeado por intendente (1933-1934)                                          | Clã Chaves; pai de Franklin Chaves [04] e Judite Chaves, esta casada com Custódio [03] |

Fontes: SILVA, Meton Maia e. Entrevista concedida em Fortaleza, em 28 de outubro de 2014; ESCOLA NORMAL... (2014); FREITAS, Maria das Dores V. e OLIVEIRA, Maria Lenira de (1997 e 2006); LIMA, Lauro de Oliveira (1997 e 2002) e MAIA, Avani Fernandes (2002 e 2014).

Como se observa, prevalecem relações de parentesco e compadrio entre os membros dos clãs que, nos anos de 1930, disputavam o poder local. Para João Rameres Regis (2008), a Revolução de 1930 desalojou a família Chaves do poder municipal, mas ela logo reassumiu as funções de mando, sobretudo a partir de 1937, com o Estado Novo. Outro dado observado por esse historiador seria a débil fidelidade desse clã sertanejo aos grupos políticos que disputavam o comando do Estado. Assim, movendo-se “ao sabor de seus interesses”, a família Chaves conseguiria se perpetuar longamente no poder (REGIS [J. R.], 2008). Em 1935, quando o “sonho dispendioso” da Escola Normal foi concebido, seu idealizador Franklin Chaves já tinha consciência de que seu grupo político sozinho não conseguiria levar adiante tal projeto, o que exigia envolver também os “adversários políticos”, no caso a família Oliveira. Assim, como se vê no quadro, aqueles homens mantinham entre si uma rede de sociabilidade política e econômica que tornava viável o funcionamento da cidade, não obstante as decisões políticas importantes serem todas tomadas em Fortaleza pelo poder executivo estadual, não muito afeito às necessidades do povo do sertão, como visto. A partir de 1935, e durante dez anos, dirigiu os destinos do Ceará o professor Francisco de Menezes Pimentel, sempre apoiado pelos católicos. Em todo esse tempo, o representante do chefe do Executivo em Limoeiro foi o Sr. Custódio Saraiva de Menezes, um dos pontos centrais da teia de sociabilidade, integrante do clã Chaves. Como resultado das conexões entre os pontos dessa teia, gerando as conveniências políticas e

econômicas, foi viável a implantação da Escola Normal Rural de Limoeiro, dependendo em tudo do dinheiro da elite para se concretizar.

A teia de relações mantidas entre aqueles homens, mesmo de parentesco, e de cordialidade, no caso de adversários políticos, ou de aceitação daqueles que assumiam cargos importantes, nomeados pela esfera estadual, permitia que esses homens movessem as engrenagens da *polis* na trama da vida. Assim, tanto na política, mantendo o clã no poder, como no cotidiano, vendendo gêneros alimentícios e comprando cera de carnaúba e algodão, por exemplo, ou confiando seus telegramas ao chefe dos Correios ou mesmo suas vidas ao farmacêutico, que também era músico, ao coletor, ao tabelião e ao advogado rábula, esses homens mantinham uma complexa rede de interação e de dominação, uma rede de “micropoderes”.<sup>49</sup> A criação de uma instituição educacional, portanto, fortaleceria essa rede em todas as esferas, mas permitiria, sobretudo, que Limoeiro saísse da zona de obscuridade cultural pela ausência de letramento de seu povo.

O objetivo primaz do grupo, conforme sugerido por seu idealizador, era fundar uma escola para moças, nos moldes da educação rural da época. Esse intento muito oneroso, tendo em vista que, somente o prédio da escola era algo grandioso para a época, só foi possível porque contou com a colaboração financeira dos “endinheirados” da cidade, e também do subsídio do governo. Em sua entrevista, Franklin Chaves diz ter chamado para a empreitada tanto “correligionários como adversários”, mas uma análise do quadro leva a concluir que ele priorizou, na verdade, três categorias, a saber: os correligionários, parentes e amigos de sua família; os nomeados pelo governo estadual, “donos da burocracia”; e os detentores do poder econômico, seus colegas comerciantes, mesmo da facção adversária dos Oliveira, e agropecuaristas, que devem ter comprado a ideia em razão do bom investimento que se previa, já que a escola seria paga, não gratuita. Certamente, a vontade de verem as filhas formadas professoras contou também como alavanca decisiva.

Angariados os recursos iniciais, o lançamento da pedra fundamental da Escola Normal Rural de Limoeiro aconteceu no dia 12 de janeiro de 1936, com

---

<sup>49</sup> Figuração presente na obra do filósofo Michel Foucault. Sobre isso, ver: RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Figuras de Foucault**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

a presença do então governador do Estado, professor Francisco de Menezes Pimentel, do senador Edgard de Arruda e de outras autoridades. O jornal *O Nordeste* cobriu a cerimônia, que iniciou com alvorada e hasteamento da bandeira nacionais nas repartições públicas. A comitiva das autoridades foi recepcionada na casa do prefeito Custódio Saraiva de Menezes, enquanto a caravana de jornalistas foi recebida em casa do comerciante Manfredo de Oliveira Lima, uma divisão de honrarias entre as facções, para que todos ficassem satisfeitos. Pela manhã, foi celebrada missa na ainda matriz de Limoeiro pelo padre Francisco Portela, coadjutor da paróquia. De volta à casa do prefeito, Hercílio Costa e Silva saudou autoridades e jornalistas, na pessoa do governador, deixando claro para ele que a Sociedade Pró-Educação Rural de Limoeiro “muito espera dos poderes públicos do nosso Estado”. O governador, em rápido discurso, agradeceu a recepção calorosa, parabenizou “os habitantes de Limoeiro pela grandeza de seu empreendimento” e assegurou “franco apoio nas suas realizações”. O almoço aconteceu na casa do prefeito, após o qual um jornalista fala em nome dos demais para exaltar a “nobreza de sentimentos dos limoeirenses, colligando-se com perfeita união de sentimentos para a grande empresa que se propõem”.<sup>50</sup>

Depois do almoço, os fundadores da SPERL pedem uma audiência com o governador, para tratar de assuntos do interesse da cidade.

Representando os seus companheiros de trabalho, o Sr. Franklin Gondim expôs ao chefe do executivo cearense as suas pretensões, naquela audiência, em que três cousas iam ser encarecidas ao Governo: a) a erecção de um Grupo Escolar junto à E. N. R. L., b) a construção de uma estrada que ligue Limoeiro à rodovia Fortaleza Recife, mesmo prescindindo da construção da ponte sobre o Jaguaribe; c) que o Governo assigne o projeto concedendo 30:000\$000 de auxílio à obra dos limoeirenses.<sup>51</sup>

Como se vê, a elite limoeirense, representada aqui pelos Srs. Franklin Gondim Chaves, Manfredo de Oliveira Lima, Raimundo Guedes, João Nogueira Sobrinho, Custódio Saraiva de Menezes, Odílio Silva, Hercílio Costa, Pedro Saraiva de Menezes, José Targino Cruz, Candido Gadelha, Pompílio Maia e Raimundo Estácio de Sousa, este último doador do terreno onde a escola seria construída,<sup>52</sup> não se intimidou em pedir ao governador alguns benefícios para a

---

<sup>50</sup> *O Nordeste*, 15 de janeiro de 1936, p. 2.

<sup>51</sup> *O Nordeste*, 15 de janeiro de 1936, p. 3.

<sup>52</sup> Relação de nomes, nesta ordem, citada no mesmo texto de *O Nordeste*, 15 de janeiro de 1936, p. 2 e 3.

cidade, destacando a ajuda de trinta mil contos de réis para a construção da Escola Normal e, ousadia suprema, uma estrada que ligasse o centro da cidade a então rodovia transnordestina, o que exigiria a construção de uma ponte sobre o Rio Jaguaribe. O governador respondeu que a verba para auxiliar a construção da Escola Normal seria concedida assim que precisassem. Quando ao grupo escolar, ele pretendia destinar uma verba especial para prédios escolares no Estado. O grupo escolar de Limoeiro foi inaugurado, de fato, pouco mais de um ano depois desse encontro, antes mesmo da Escola Normal. Quanto à estrada de rodagem e respectiva ponte – antigo sonho que faria com que Limoeiro deixasse de ser ilha na quadra invernosa –, um empreendimento muito caro para a época – o governador prometeu apenas que telegrafaria para o Governo Federal, autoridade competente naquele caso, comunicando o pedido.<sup>53</sup>

Nesse caso, é evidente que o partidarismo político não se desintegrou no ar, mas parece que as disputas políticas foram momentaneamente postas de lado ou houve consenso para uma trégua, tendo em vista o projeto comum daqueles homens: modernizar Limoeiro. Dos três pedidos, a elite foi favorecida em dois, ou seja, naqueles que dependiam mais diretamente da atuação da esfera estadual do Executivo. Considerando a realidade do sertão desta época, quando o homem do campo, analfabeto, ainda não possuía consciência política, entende-se que aqueles homens se saíram vitoriosos, não obstante a cidade ainda continuar sem ponte nem estrada por muitos anos. O episódio comprova que aquela elite estava imbuída de algum nível de consciência política, e que, mesmo composta por homens de pouca escolarização,<sup>54</sup> sabia que a máquina do Estado tinha uma função social que deveria chegar até eles. A miopia moderna do Estado como máquina inútil, cuja única razão de funcionamento seria manter a própria estética (BALANDIER, 1997), ainda era ignorada por aqueles sertanejos. Certamente, esse nível de conscientização se verificava apenas nos homens que se consideravam “condutores” da *polis*. Não

---

<sup>53</sup> *O Nordeste*, 15 de janeiro de 1936, p. 3.

<sup>54</sup> Tomo como exemplo o próprio testemunho de Franklin Chaves. Em entrevista, ele reconheceu que, não obstante o gosto pela escola teve que abandoná-la em função da necessidade de trabalhar e ajudar a família. Cf. CHAVES, Franklin Gondim. Entrevista ao Núcleo de Documentação Cultural (NUDOC) da Universidade Federal do Ceará, concedida em Fortaleza-CE, em 21 de março de 1984 (Fita 02).

se aplicava ao “sertanejo das brenhas” ou mesmo ao habitante da cidade que se mantinha apático à sua evolução. Em ambos os casos, mesmo encontrando o governador na estrada, nenhum deles o reconheceria como um homem imbuído do bem público.

Após a audiência com o governador, aconteceu uma sessão solene no prédio das Escolas Reunidas, presidida pelo chefe do Executivo estadual. Depois de lidos os telegramas de autoridades que se fizeram representar na reunião, tais como o arcebispo metropolitano e os prefeitos de Mossoró e Natal (RN), Aracati, Baturité, Cascavel, Jaguaribe, Russas, Pereiro, União e Uruburetama (CE). Tomando a palavra, o idealizador da Escola Normal exalta o propósito daquela sociedade de homens ilustres, ou seja, formar “as verdadeiras professoras de que carecem os nossos sertões”. Às 16h, dá-se o lançamento da pedra fundamental, o momento culminante do evento, presentes autoridades, jornalistas e grande multidão de curiosos. Tomam a palavra, nessa ocasião, o padre Francisco Portela, o acadêmico Pio Saraiva Leão (de Fortaleza), o professor Horácio Rocha, o membro da SPERL Sindulfo Chaves e o senador Edgard de Arruda. Em seguida, foi assentada a pedra fundamental e assinada a ata de solenidade por todas as autoridades e demais presentes. Para finalizar, jantar às 18h, ao fim do qual se “levantou um brinde ao digno prefeito municipal, Sr. Custódio Saraiva, e ao Sr. Manfredo de Oliveira Lima, pessoas de alto destaque na sociedade limoeirense”.<sup>55</sup> Novamente, a menção aos chefes dos clãs deixa entrever que havia uma trégua entre eles.

Durante a cerimônia da pedra fundamental, a construção do prédio já iniciara, segundo a reportagem mencionada. Todavia, mesmo os endinheirados de Limoeiro não conseguiriam levar a obra adiante sem ajuda do governo. E ela de fato foi imprescindível. Em 1937, um projeto de lei mandava destinar, do orçamento geral da União, a quantia de cento e cinquenta contos de réis (150:000\$000) para que fosse “terminada a construção do prédio destinado à Escola Normal Rural na cidade de Limoeiro, no Estado do Ceará”.<sup>56</sup> A vitória daqueles homens seria celebrada, de fato, em 26 de abril de 1938, quando a Escola Normal começa a funcionar, e então Limoeiro rompe seu casulo (falta

---

<sup>55</sup> *O Nordeste*, 15 de janeiro de 1936, p. 3.

<sup>56</sup> *O Nordeste*, 08 de março de 1937, p. 4.

de escolas) para alcançar toda a região (FREITAS e OLIVEIRA, 1997, p.125). Agora as filhas da elite dispunham de uma escola de qualidade. Também moças de toda a região e mesmo de outros rincões do Ceará passaram a frequentá-la. Até a elite de Russas, não obstante o ressentimento gerado pelo episódio da escolha da sede do bispado, depois que a Escola Normal de Limoeiro ganhou renome na região, passou a matricular suas filhas naquele estabelecimento.<sup>57</sup>

Antes da Escola Normal, todavia, a primeira escola pública inaugurada em Limoeiro foi o Grupo Escolar Padre Joaquim de Menezes, numa quinta-feira de *Corpus Christi*, dia 27 de maio de 1937, também pelo governador Menezes Pimentel, que veio de Fortaleza especialmente para isso, acompanhado de caravana composta de seis automóveis que, para vencer o isolamento da cidade pelas águas, tiveram de atravessar o rio em um velho pontão. As autoridades foram recepcionadas por uma “apinhada massa popular” na casa de Custódio Saraiva de Menezes, que não era mais prefeito, mas mantinha o prestígio, e saudados pelo telegrafista Hercílio Costa e Silva. Passava do meio-dia quando “procedeu-se uma ligeira vistória” no prédio, seguindo-se a seção de inauguração, tendo falado na ocasião o prefeito municipal, José Gondim Chaves; a diretora da escola, Carlota Andrade; as professoras Maria Luisa e Maria Stella; o Diretor da Instrução, Perboyre e Silva, e o Secretário de Estado, José Martins.<sup>58</sup> Na ocasião, apresentou-se o bailado *Os Tamanquinhos*, cantado pelas alunas Elaine Osterne, Corina e Felícia Remígio, vestidas como camponesas (LIMA [L. O.], 2002, p. 72). Representação da timidez de Ícaro diante de “ilustres visitantes”. Para eles, não era recomendado apresentar uma peça política como *A Muriçoca da Malária*.

---

<sup>57</sup> Por exemplo, o jornal *O Nordeste* de 01 de dezembro de 1948 (p. 6) comunica que a senhorita Maria Matoso Ferreira, sobrinha do coronel Manuel Matoso Filho, chefe político em Russas, colaria grau na Escola Normal Rural de Limoeiro em fins daquele ano.

<sup>58</sup> *O Nordeste*, 01 de junho de 1937, p. 4. Na bibliografia consultada, a data de inauguração desta escola é controversa. Lauro de Oliveira Lima (2002, p. 72) sugere que a inauguração se deu um dia antes do anunciado pelo jornal, quarta-feira 26/05/1937, mas se confunde e, no mesmo parágrafo, diz que a inauguração ocorreu somente em 1938. Meton Maia e Silva (1997, p. 27), por sua vez, considerara a data a inauguração o dia 26 de junho de 1936, certamente um equívoco de ano. O histórico oficial do colégio considera a data de inauguração o dia 30 de maio de 1937 (PREFEITURA..., 2013), domingo. O jornalista apenas menciona o dia da semana, sendo a data obtida por meio do retrocesso de dias, no calendário do ano. Optei por considerar a data do jornal *O Nordeste*, pois, diferente dos demais autores, que tiveram um distanciamento no tempo, o jornalista estava presente ao evento de inauguração.



O padre Misael Alves de Sousa pendurou uma imagem de Cristo na entrada do prédio, representando a entronização do “Rei dos reis no coração da mocidade”, ou seja, deixava-se bem claro que o catolicismo ainda ditava as regras na cidade. Serviram-se taças de champanhe, à época um luxo quase desconhecido no sertão. A matéria do jornal descreve o prédio como “vasto, moderno e arejado”. As salas de aula receberam os nomes de alguns administradores da gestão Menezes Pimentel, autopromoção ingenuamente acatada. A rústica telha do edifício, de fabricação local, saída dos fornos da Cerâmica Limoeirense. Depois do almoço, servido na localidade do Socorro, a comitiva do governo segue para Russa e de lá para a capital alencarina.<sup>59</sup> Na época, o prédio era composto de três pavilhões e quatorze salas, mas essa escola oferecia somente o ensino primário. Antes da inauguração do grupo escolar, chamavam-se Escolas Reunidas. E mesmo com tanto espaço, não era suficiente para matricular cem por cento das crianças do município, ou mesmo da sede e arrabaldes, se todos os pais da época decidissem colocar os filhos na escola.<sup>60</sup>

Não apenas a elite política e econômica estava preocupada com as lacunas educacionais da cidade. Também o clero, antes da sagração do primeiro bispo, tinha consciência da falta de escolas. Prova disso foi o empenho do padre Misael Alves de Sousa em fundar o Educandário Padre Anchieta, em 27 de fevereiro de 1938, pouco mais de um ano depois de sua ordenação. Há quem reconheça na figura desse sacerdote o verdadeiro incentivador da educação em Limoeiro.<sup>61</sup> O padre deixou uma crônica sobre a criação dessa escola, que transcrevo aqui como evidência de que o analfabetismo era uma inquietação da elite antes mesmo da chegada do bispo:

Abre-se hoje um modesto colégio em Limoeiro.

É êle o resultado de um esforço tenaz no afan de dotar esta terra, com um estabelecimento de ensino, destinado à juventude masculina.

---

<sup>59</sup> Informações constantes na mesma reportagem. Cf.: *O Nordeste*, 01 de junho de 1937, p. 4.

<sup>60</sup> Segundo meus depoentes, nas décadas de 1930 e 1940 predominava a mentalidade de que somente quem dispunha de condições financeiras, tinha a “obrigação” de matricular os filhos na escola. Aos filhos dos pobres era imposta a incumbência social de ajudar os pais na agricultura e na pecuária. Assim, era considerado um “luxo” deixar de trabalhar para estudar.

<sup>61</sup> Antonio Malveira, por exemplo, acredita que o padre Misael deixou, na área da educação, “herança que engrandece a história cultural” de Limoeiro e mesmo do Estado (MALVEIRA, 2005, p. 48).

Na verdade, o nosso município dera um grande passo, no terreno da instrução, fundando aqui, uma Escola Normal Rural. Mas, a meu vêr, o que até agora se conseguiu foi resolver apenas a metade do problema. Dotou-se a cidade de uma Escola Normal, o que vale dizer: abriram-se as portas da instrução à juventude feminina, visando-se formar professoras ajustadas ao seu meio, dominadas por uma sólida formação e mentalidade ruralistas; obra altamente patriótica! Mas a juventude masculina ficara como dantes, com apenas o Curso Primário, no Grupo Escolar e nas Escolas Particulares...

Ora, ninguém duvida que ao homem esteja reservado um grande papel, no mundo e na sociedade futura! Daí a razão de ser dêste Educandário Pe. Anchieta, modesto estabelecimento de ensino: Preencher uma grande lacuna, no setor educacional. A juventude masculina de Limoeiro terá agora também o seu Colégio!

Levei minha ideia ao Sr. Arcebispo Dom Manuel [da Silva Gomes], adiantando-lhe que desejava que o novo Colégio se chamasse "Educandário Pe. Anchieta"; que **tencionava fosse ele a semente do futuro Ginásio Diocesano.**

Tive, então, a satisfação de ouvir de S. Excia. as palavras mais confortadoras de aplauso e de apoio à minha iniciativa. Franqueou-me, por empréstimo, tudo o de que precisasse, para o início da obra.

Consegui, então, do Sr. Prefeito Municipal, Custodio Saraiva de Menêzes, o prédio onde funcionavam as Escolas Reunidas, ao lado da Matriz, na Praça José Osterne.

Fiz um pequeno empréstimo de vinte contos de reis aos Patrimônios, com prévia autorização do Sr. Arcebispo, Dom Manuel. Realizei então, uma reforma no prédio, adaptando-o ao funcionamento das aulas; equipei-o como pude; contratei professores; abriu-se o livro de matrícula; funcionaram três classes, com oitenta e sete alunos.

Estão abertas as portas do Educandário Pe. Anchieta a todas as crianças que desejam estudar! A todos indistintamente, pobres ou ricos!

Confio em Deus e na cooperação de meus conterrâneos! Havemos de **converter este modesto Colégio numa Oficina de luz a serviço da instrução** e da Pátria!

Confio esta semente minúscula da instrução à terra dadivosa e fecunda, onde nasci, à qual tem dado vida a todos os meus sonhos e a todos os meus ideais!<sup>62</sup>

Nesse documento, fica patente que a ideia de transformar futuramente o pequeno Educandário no ousado Ginásio Diocesano (ver Capítulo 2) partiu mesmo do padre Misael, antes de se saber quem seria o bispo de Limoeiro. É o que também se depreende de nota publicada em jornal da época, comentando o encerramento do segundo ano letivo do Educandário, cerimônia realizada em 26 de novembro de 1939.<sup>63</sup>

Portanto, em fins da década de 1930, ao menos na área de educação, a elite de Limoeiro já havia aplainado os caminhos para a chegada do primeiro

<sup>62</sup> EDUCANDÁRIO PADRE ANCHIETA. **Livro de Atas**. Limoeiro, 1938, p. 1f/v, grifos meus.

<sup>63</sup> "Ao encerrar a sessão, usou da palavra o rvm. padre Misael Alves de Sousa, falando sobre o valor da instrução aliada à boa educação e ressaltando as dificuldades que encontrou para que não visse desmoronado o seu ideal. Referiu-se à **necessidade de um estabelecimento de ensino em Limoeiro para as crianças do sexo masculino** e apelou para os limoeirenses no sentido de cooperarem na consolidação do Educandário e continuação da obra já realizada." In: *O Nordeste*, 05 de dezembro de 1939, p. 4, grifo meu.

bispo da diocese jaguaribana, que residiria entre eles a partir de 1940. É certo que, desde essa época, a classe dominante já flertava com a modernidade, mas se conteve porque viu no projeto do bispo a oportunidade inadiável de retirar Limoeiro da condição de “ilha do Jaguaribe”, ou seja, fugir do labirinto, da urbe atrasada economicamente e transformá-la num exemplo de desenvolvimento para toda a região. Antes, porque via na Igreja um agente defensor da modernização (a “missão civilizatória”, segundo expressão do jornal católico), a elite considerou imprescindível entrar na disputa pela sede do bispado jaguaribano. A Igreja podia aceitar bem que uma cidade fosse modernizada (uma mudança na superfície), mas condenava veementemente a modernidade (o triunfo da secularização no mundo) como instrumento de impiedade, de aniquilação da fé católica:

A Igreja percebia o mundo moderno como sendo essencialmente maligno porque corroia essa fé devota e encorajava o culto da personalidade, do prestígio, do dinheiro e do poder. [...] A sociedade moderna também correu um grande número de valores relacionados com a religião, tais como a família tradicional e o respeito pela autoridade (MAINWARING, 1989, p. 44-5).

### **1.3 Inquietação contra o isolamento: projeto de sediar o bispado**

Segundo a mitologia grega, Ícaro e seu pai Dédalo foram presos no labirinto pelo rei Minos, soberano de Creta. Rebelde e criativo, Dédalo inventou pares de asas para si e para o filho, reunindo penas de aves de variados tamanhos, fixando-as entre si com cera de abelha. O sonho de sair voando da prisão fora concebido por Dédalo, mas deixou Ícaro deveras fascinado. Antes de alçarem voo, o pai aconselhou o filho a não voar muito alto, somente o suficiente para sair do labirinto. Todavia, inebriado, sentindo-se um pássaro ou um deus, Ícaro desobedeceu e voou alto, próximo do sol, que derreteu a cera que prendia as penas. O rapaz precipitou-se ao mar, nas imediações da Ilha de Samos, tornando-se assim o “símbolo das ambições desmesuradas ou das aventuras insensatas que levam à ruína” (LEXIKON, 2013, p. 112). Dédalo, no entanto, foi bem sucedido e conseguiu sair do labirinto. Em outra versão do mito, pai e filho fogem de Creta velejando pequenos barcos a vela, individuais. Ícaro não consegue controlar sua embarcação, naufraga e morre afogado. Nessa figuração, “Ícaro é sempre o negativo de Dédalo: mau piloto, inexperiente, desajeitado, imprevidente, imprudente” (COMTE, 1994, p. 125).

O mito de Dédalo é bastante utilizado por estudiosos como metáfora ou representação de fatos, dados ou mesmo períodos da História. É o caso do antropólogo Georges Balandier que, acreditando ser a distância entre mito e história mais tênue do que se pode supor, promove sua aproximação na tentativa de entender o tipo de modernidade que vicejou no século XX (BALANDIER, 1999). O historiador Carlo Ginzburg, municiando-se do “fio do relato” para tentar amarrar sua série de estudos dos “rastros do passado”, analisados na perspectiva do “labirinto da realidade”, utiliza, também, o poder do mito para perceber sintonias e antinomias entre o verdadeiro, o falso e o fictício (GINZBURG, 2007). Também acredito que traços do mito de Dédalo e Ícaro possam ser assimilados à história de Limoeiro, adotando a perspectiva da hipótese que assumi nesta tese. Sentindo-se presa a um labirinto de defasagem econômica e cultural, a elite limoeirense da década de 1930 sonhou em voar para fora dos muros do modelo limitado de urbe que a tornava inexpressiva na região.

A criação de escolas fora a alavanca inicial desse projeto, como olhar para o alto e ter a certeza de que havia um caminho no céu. O projeto de criação do par de asas, invenção impensável anos antes, seria a oportunidade de transformar a cidade em sede episcopal. Na época, a própria Igreja Católica propagava que toda cidade que tivera essa honra, experimentara, em poucos anos, um surto de progresso econômico e desenvolvimento cultural,<sup>64</sup> valores caros à elite limoeirense. Cidades como Sobral e Crato, as primeiras no Ceará a serem elevadas à condição de sede diocesana, tiveram acentuadas transformações em sua estrutura urbanística, modernizadas pela presença de seus bispos. A autoridade episcopal, segundo o jornal, estaria imbuída de uma “missão civilizatória” e, por isso, sairia espalhando escolas, hospitais e outras obras, próprias de um “ministério fecundo” que fazia bem às almas e aos corpos. O editorial vai mais adiante e declara que era consciência coletiva do

---

<sup>64</sup> É o que afirma editorial do jornal *O Nordeste* (20 de maio de 1936, p. 1): “Quanto têm lucrado os pontos do nosso *hinterland* onde os antistites da Igreja, guardas da fé tradicional a cujo influxo se constituiu a nossa Patria, vão exercer a sua autoridade de continuadores da missão civilizadora dos apóstolos!”. O progresso verificado na cidade cearense de Sobral é apontado como “prova” do argumento. Segundo o editor: “S. excia. o Sr. Dom Francisco Pires continua, ali, o programma de luz do Christianismo, que, no dizer de um sociólogo moderno, prometendo a felicidade na outra vida, proporciona, ainda nesta, o maior bem possível aos individuos e aos povos.”

povo saber que o cristianismo prometia a felicidade na vida eterna sem se descuidar da vida terrena, que seria garantida se na cidade houvesse um bispo vigiando pelo bem-estar de seu povo. Não há como afirmar que todos os homens da elite limoeirense eram cientes disso, mas certamente o líder político Franklin Chaves possuía essa consciência, como ele mesmo o declara.<sup>65</sup> E foi essa consciência que alavancou, no Ícaro limoeirense, o sonho de fugir do isolamento e de criar em Limoeiro uma estrutura urbanística que a tornasse modelo de toda a zona jaguaribana. Por sua importância para a compreensão das hipóteses que defendo, considero imprescindível narrar e analisar como se deu esse processo surpreendente, tendo em vista as condições limitadas do município à época.

A versão dominante entre os memorialistas de Limoeiro é seguinte: em visita às paróquias jaguaribanas, em 1936, o arcebispo do Ceará, dom Manuel da Silva Gomes, teria lançado a ideia de criar o bispado do Vale do Jaguaribe, mas exigia da cidade que futuramente o sediaria a soma de cem contos de réis, para compor o patrimônio da nova diocese, e mais cem contos, para indenizar a arquidiocese que perderia as rendas das paróquias. A vontade do prelado seria que cidades coloniais como Russas e Aracati se dispusessem a juntar o dinheiro necessário, ficando acertado que a primeira que conseguisse, ganharia o sólio. Nesse projeto original, Limoeiro nem ao menos tinha o direito de disputar com aquelas cidades mais antigas. Todavia, quando soube do plano do arcebispo, a elite de Limoeiro procurou convencer a autoridade eclesiástica que sua cidade também tinha condições de “entrar no páreo”. Descrente, mas para evitar aborrecimentos, dom Manuel teria cedido, acreditando, entretanto, que Aracati ou Russas seria a vencedora. Para surpresa de todos, em pouco tempo Limoeiro arrecadou doações que somaram cem contos, e obteve do interventor do Ceará os cem contos restantes, em apólices do Estado, supostamente em troca do direito de parainfar o futuro primeiro bispo.<sup>66</sup> Essa “versão da história”, entretanto, escamoteia ou ignora

---

<sup>65</sup> CHAVES, Franklin Gondim. Entrevista ao Núcleo de Documentação Cultural (NUDOC) da Universidade Federal do Ceará, concedida em Fortaleza-CE, em 21 de março de 1984 (Fita 02).

<sup>66</sup> A versão “oficial” completa da disputa da sede do bispado jaguaribano pode ser conferida no livro de memórias do terceiro bispo jaguaribano. Ver: BESSA, Pompeu Bezerra. **A Antiga Freguesia do Limoeiro**: notas para sua História, Fortaleza: Premium, 1998, p. 203-6.

importantes aspectos, sobretudo porque é tratada como a única e legítima representação de um povo, tal como normalmente ocorre quando uma memória é “enquadrada” por um grupo como forma de “solidificar” o social (POLLAK, 1992).

Na verdade, a ideia de criar um bispado no Jaguaribe é mais antiga do que supõe aquela memória. De fato, segundo o jornal *O Jaguaribe*, já em 1929 aconteceu a primeira tentativa de elevar a cidade do Aracati à sede de bispado, “valorizando” assim sua condição histórica e econômica de líder da região. Em visita pastoral à cidade, dom Manuel da Silva Gomes teria gestado essa ideia:

Nessa ocasião, do púlpito declarou para que todos ouvissem: – Vamos fundar o Bispado de Aracati. Eu já não posso estar viajando. Estou ficando velho. O Bispado desta zona deve ser em Aracati. Repetira o que dissera, durante a Visita Pastoral.

O povo animou-se, no momento. Foi apenas fogo de palha. D. Manuel regressou, para continuar sua Visita Pastoral, interrompida. O calor dos primeiros dias se foi arrefecendo, até que se extinguiu de todo. E, no Aracati, ninguém mais falou em Bispado.<sup>67</sup>

Segundo o autor desse artigo, a animação do povo foi apenas “fogo de palha”, ou seja, não houve de fato vontade para transformar as palavras do arcebispo em um projeto plausível. Mesmo assim, ainda em abril de 1930, a imprensa católica anunciava:

Sabemos que a população da zona jaguaribana acha-se empenhada em promover os meios ao seu alcance, para constituição do patrimônio destinado à criação de um novo bispado, em nossa Archidiocese, com sede na cidade de Aracaty.

O exmo. Sr. Dom Manuel há muito deseja ver transformada em realidade essa medida, que concorreria directamente para desenvolver o progresso da fé no seio do seu querido rebanho.

Da nossa parte, rejubilamo-nos por ver mais um solio apostólico em perspectiva, nesta terra tão cara, cuja cultura religiosa tanto contribuirá para maior solidez e brilho das crenças sinceras do povo.

[...]

Auspicia-se, pois, uma nova era para a tradicional metrópole jaguaribana, tão zelosa dos fastos das suas passadas glórias intimamente ligadas à história do Ceará.

Com que satisfação contemplamos esse renascimento da vida espiritual daquela parcella da família patricia, renascimento que se reflectirá de maneira intensa no progresso material do meio!<sup>68</sup>

O que justificaria essa primeira tentativa de fundar a prelazia do Jaguaribe em Aracati? Acredito que o arcebispo queria amenizar o antigo

---

<sup>67</sup> *O Jaguaribe*, 02 de abril de 1950, p. 2. “D. Manuel e a sua atuação no Aracati”, texto de Eduardo Dias.

<sup>68</sup> *O Nordeste*, 09 de abril de 1930, p. 1.

problema da ausência pastoral na região. É consensual entre historiadores e memorialistas que o catolicismo fincou raízes profundas no sertão jaguaribano, mas isso seria resultado mais do tradicionalismo da religião do que da ação pastoral efetiva. Em verdade, documentos antigos apontam que o sertanejo sempre se ressentiu da presença de sacerdotes no Vale. Em cidades como Russas e Limoeiro, com territórios imensos, não era difícil encontrar comunidades só raramente visitadas pelo padre. Assim, a concepção de uma diocese na zona jaguaribana, com um bispo “zelando” pela integridade da fé católica do povo, seria o fator preponderante que teria levado dom Manuel da Silva Gomes a cogitar, ainda em fins da década de 1920, um bispado para o sertão.

Todavia, essa tentativa inicial foi frustrada. Somente sete anos depois, em 1936, o assunto bispado jaguaribano voltaria à tona.

Quando dom Manuel visitou a região, nesse tempo de minha crisma, 1936, ele proclamou que iria criar uma diocese no Vale do Jaguaribe, e se candidataram três cidades: Limoeiro, Russas e Aracati. O arcebispo disse que quem trouxesse em primeiro lugar certo patrimônio e depositasse no Banco São José, o banco da Arquidiocese, o município que depositasse primeiro teria a sede da diocese.<sup>69</sup>

Mas, efetivamente, somente em 1938,

por instancias suas e por seu fervoroso zelo, foi criado o Bispado de Limoeiro do Norte, beneficiando a terra do Jaguaribe e dos Carnaubais com a presença de um novo Bispo que é, para toda a zona, uma garantia de trabalho apostólico, de assistência espiritual e de defesa dos legítimos problemas sociais do ubérriimo e desprotegido vale.<sup>70</sup>

Como se verá adiante, não foi propriamente o “fervoroso zelo” do arcebispo o responsável pela escolha de Limoeiro do Norte como sede episcopal. Efetivamente, se o bispado da zona jaguaribana tivesse sido concretizado pela Arquidiocese de Fortaleza ainda na década de 1910, como acontecera com os de Sobral e Crato, certamente Limoeiro não poderia nem ao menos sonhar em candidatar à cidade-sede, em razão de fatores como isolamento e obscuridade. Em 1917, Limoeiro comemorara apenas vinte anos de emancipação, sendo ainda praticamente uma vila. Somente a partir de meados da década de 1930, conforme relatado em páginas anteriores, a elite da cidade começou a se preocupar com o letramento da população, quase

---

<sup>69</sup> NUNES, Antônio Pergentino. Entrevista concedida em Fortaleza, em 04 de setembro de 2010.

<sup>70</sup> *O Nordeste*, 15 de novembro de 1946, p. 4.

completamente analfabeta. Ora, a Igreja considerava esse “atraso cultural”, não saber ler e escrever, uma espécie de “obscuridade espiritual”, sendo imprescindível alfabetizar o povo e torná-lo suscetível às demandas da Civilização Ocidental, que muito valorizava a cultura letrada.

Assim, construídas três escolas na sede do município, novos ares se respiravam em Limoeiro de fins dos anos de 1930. Ícaro vê, pela primeira vez, a possibilidade de vencer os muros do provinciano labirinto do isolamento geográfico e do quase inexistente progresso. A elite econômica e o clero sonham com uma cidade modernizada, “progressista”, deixando para trás a ignomínia que a envergonhava diante de cidades já devidamente desenvolvidas como Aracati e Russas. Nesse caso, a ideia do arcebispo de criar um bispado jaguaribano, em fins da década de 1930, não poderia encontrar terreno mais fértil. Elevar Limoeiro à condição de prelazia jaguaribana se encaixava perfeitamente no projeto modernizador dos dois segmentos vanguardistas do progresso e do humanismo: a elite e o clero.

Limoeiro não somente não era a mais importante cidade das que disputavam [a sede do bispado], como era uma das menores do Vale. Ainda hoje, é a quarta cidade da diocese em população. Segundo dados do Censo de 2010, Russas afinal passou Aracati e, assim, temos a relação das cidades mais populosas: Russas, Aracati, Morada Nova e somente depois Limoeiro do Norte. Evidentemente, desde a criação da diocese, Limoeiro passou por uma profunda transformação. Hoje, de fato, é uma cidade que, levando-se em conta essas quatro primeiras, desenvolveu-se muito rápido, mesmo que em matéria de população e de equipamentos modernos, ainda mantenha certa distância das demais.<sup>71</sup>

Dom Pompeu Bezerra Bessa (1998) também admite que a ideia de elevar Limoeiro à sede de bispado teria surgido em 1936, por ocasião da visita do arcebispo à região jaguaribana, como afirmou o depoente. Jornais da época confirmam que em meados de outubro daquele ano o arcebispo retornava a Fortaleza, depois de “demorada excursão no interior do Estado, onde realizava, desde alguns meses, a sua Visita Pastoral às paróquias da zona jaguaribana”.<sup>72</sup> Em Limoeiro, o arcebispo teria passado em 10 de setembro, nada mencionando sobre a criação de uma diocese jaguaribana, mesmo tendo

---

<sup>71</sup> OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Entrevista concedida em Fortaleza, em 04 de dezembro de 2010.

<sup>72</sup> *O Nordeste*, 19 de outubro de 1936, p. 1.



sido questionado sobre isso pelo comerciante Franklin Chaves.<sup>73</sup> Tudo indica que dom Manuel já saíra de Fortaleza pensando em fazer o anúncio somente em Aracati e Russas. Nem mesmo cogitou a possibilidade de Limoeiro disputar, já que a cidade não oferecia uma estrutura urbanística adequada para receber um bispo. Há quem acredite que o arcebispo tinha mesmo predileção por uma cidade.

Dom Manuel, na verdade, queria que o bispado ficasse em Aracati. Já havia até um sobrado designado para receber o futuro bispo, sobrado da Rua Grande [hoje, Rua Coronel Alexanzito] que pertencera ao Dr. José Leite Barbosa, um sobrado muito grande e bonito que realmente comportaria bem a sede do bispado. Nessa época, Aracati era uma cidade muito mais importante do que Limoeiro, tanto financeira como culturalmente, uma cidade muito maior e tudo o mais. Parece que Limoeiro não tinha nem o dinheiro, mas possuía homens motivados que despertaram no povo o interesse.<sup>74</sup>

E, assim, apenas em Russas e Aracati o arcebispo comunicou que criaria a diocese jaguaribana mediante o levantamento da soma de duzentos contos, correspondente à constituição do patrimônio da nova divisão e à indenização da arquidiocese. A cidade que primeiro levantasse a quantia sediaria o bispado. A memória gestada em Limoeiro admite que o arcebispo fez o anúncio somente em Russas e Aracati. Um jornal da época explicita que a “primeira idéa foi levantada por s. excia em Aracati, antiga e tradicional cidade”, mas que, depois de “passageira animação, a chamma amorteceu e como se extinguiu”.<sup>75</sup> Aracati, a cidade mais “adequada”, com melhores condições financeiras, acabaria por ficar “fora do páreo”. Um memorialista aracatiense explica porque aconteceu isso:

O que explica o bispado não ter ficado em Aracati? Na verdade, houve um descaso da população, não houve motivação suficiente, o povo mesmo não foi motivado. Alguns homens proeminentes da cidade não tiveram interesse porque, por questão política, seu partido havia perdido a eleição de 1935 para o partido católico [LEC] e pensaram: “Ora, se um padre já nos derrotou nas urnas, imagine como não será com um bispo aqui dentro da cidade?”

Penso que foi isso! O que pesou contra foi mais a questão política. Se o prefeito Alexanzito, uma liderança política e econômica que mandava na vida do Aracati, se ele tivesse manifestado mesmo a vontade, tudo indica que ele mesmo tinha a quantia suficiente para o patrimônio do bispado, e ele tinha a possibilidade e a capacidade de dar esse dinheiro, se ele tivesse feito isso, o bispado teria vindo

---

<sup>73</sup> CHAVES, Franklin Gondim. Entrevista ao Núcleo de Documentação Cultural (NUDOC) da Universidade Federal do Ceará, concedida em Fortaleza-CE, em 21 de março de 1984 (Fita 02).

<sup>74</sup> PEREIRA FILHO, Antero. Entrevista concedida em Aracati, em 13 de maio de 2014.

<sup>75</sup> *O Nordeste*, 18 de dezembro de 1936, p. 1.

para Aracati. Portanto, foi descaso, faltou motivação da população e interesse político mesmo.<sup>76</sup>

Em Russas, o arcebispo teria convocado, por intermédio de seu hospedeiro e compadre, farmacêutico José Ramalho de Alarcon e Santiago, uma reunião com as lideranças da cidade, ocorrida no sobrado do anfitrião, lançando assim “oficialmente, a campanha pela instalação da nova diocese, com sede em Russas” (BESSA, 1998, p. 203). Essa cidade também reunia “boas condições” para sediar o sólio, conforme reconhece o padre Francisco de Assis Pitombeira:

Russas tinha muito mais condições de formar esse patrimônio do que Limoeiro. Das três cidades, Limoeiro era, na verdade, a que tinha menos condições. Mas a Comissão que aqui se criou trabalhou muito bem e conseguiu envolver o povo. Estava-se numa fase áurea de valor da cera de carnaúba. Então, o dinheiro corria muito mais fácil e então todo o município de Limoeiro foi percorrido no sentido de angariar os recursos para a criação do patrimônio, que era uma exigência para a criação da diocese.<sup>77</sup>

Inicialmente, Aracati também procurou juntar a soma exigida pelo arcebispo, mas a elite endinheirada da cidade achou que o “bispado sairia caro” e não se interessou em sediá-lo. Um dos membros da comissão formada para angariar recursos junto ao povo, médico Eduardo Dias, deixou um testemunho publicado em jornal, explicando porque o projeto não prosperou:

Sáímos à rua a angariar contribuições. No primeiro dia, éramos quatro. Um dos cinco membros não apareceu. No dia seguinte, saímos três. No terceiro dia, saímos três.

No quarto dia, não se fez número! No quinto dia não se fez número. E, daí por diante a comissão não pde fazer número! Uns dez ou doze dias depois, encontrei-me com Ricardo de Deus, que era o secretário. – Ricardo, disse eu, quando é que essa gente quer sair à rua? A continuar assim, como será por ocasião de irmos trabalhar no mato, nas praias etc.? Quem irá?

Disse-me o saudoso vicentino: – Doutor Eduardo, os homens de Aracati não querem Bispo, não!

Caiu-me a crista, como se diz vulgarmente. Desanimei. Eu só não poderia fazer um Bispado! Como? Se já não dispunha de energias bastantes, iguais às que despendi para trabalhar pelo Instituto S. José?!

Um dia, certo senhor me perguntou pelo nosso Bispado. Respondi imediatamente: – o meu caro quer Bispado deitado na sua rede?!.. Não tenha surto; dessa forma, sem se moverem, sem atividade, o Bispado não cairá do céu. Não tenha surto.

E o Aracati perdeu a ótima oportunidade que, na ocasião, lhe era oferecida.

A propósito, disse-me o Pe. Xavier (e não pediu segredo) que o próprio Alexanzito, cuja memória tanto merece do povo de Aracati, que não se negava de ajudar as

---

<sup>76</sup> PEREIRA FILHO, Antero. Entrevista concedida em Aracati, em 13 de maio de 2014

<sup>77</sup> PITOMBEIRA, Francisco de Assis (Reverendo, padre). Entrevista concedida a Edwilson Soares Freire para o Programa Especial de Treinamento (PET) em História, da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM), em Limoeiro do Norte-CE, março de 1994.

obras de benefício de sua terra, achou que seria caro o Bispado por trezentos contos e o não interessava!

Respeitando a sua memória, eu acrescento que ele bem poderia ter sido um esteio forte em favor da criação de nossa pretendida Diocese. E faço-lhe justiça.

Com trezentos contos nós teríamos tido a nossa Diocese.<sup>78</sup>

O fato de Aracati ter perdido a oportunidade de sediar o bispado jaguaribano,<sup>79</sup> justo a cidade mais adequada para isso, gestou em seu povo, nas gerações posteriores à década de 1940, uma “nostalgia do que poderia ter sido, mas não foi”, ou seja, a permanente lembrança do “bispado que não veio” (PEREIRA FILHO, 2011).<sup>80</sup> Mas o arcebispo possuía o “plano B”: com o “esmorecimento” de Aracati, Russas seria a cidade mais indicada, pois reunia uma série de atributos que a tornavam imbatível como concorrente. A cidade estava localizada bem no centro do Vale, às margens da rodovia Transnordestina (hoje a BR-116), não estava sujeita às inundações do Rio Jaguaribe, como Aracati e Limoeiro, e não era quase uma vila, caso da pequena Limoeiro. Além disso, Russas possuía uma economia mais ou menos estável, representada pela fortuna de comerciantes e proprietários de carnaubais, além de sua classe liberal simpática ao catolicismo, como exemplifica o caso do farmacêutico José Ramalho.

Russas era um município muito mais rico. Naquele tempo, o produto econômico principal era a cera de carnaúba, e Russas possuía grandes proprietários de carnaubais como as famílias Pacheco, Dias e Xavier. Aracati, que fora um touro comercial no início do século XX, também era um município de muita riqueza e fartura. Limoeiro, certamente, tinha bem menos dinheiro do que Russas e Aracati.<sup>81</sup>

A notícia de que o arcebispo tendia a escolher Russas como sede do sólio jaguaribano teria “chegado aos ouvidos” de lideranças políticas de Limoeiro. Urgentemente, convocaram uma reunião para tomar posição. A elite não queria abrir mão do sonho de sediar o sólio e, assim, manter inalterada sua

---

<sup>78</sup> *O Jaguaribe*, 02 de abril de 1950, p. 5.

<sup>79</sup> Há quem levante quatro razões de Aracati ter perdido a sede episcopal, a saber: (1) influência política: os políticos de Limoeiro se coligaram num só propósito, enquanto os de Aracati permaneceram dispersos em seus partidarismos; (2) situação geográfica: a falta de estradas ou o estado precário delas não favorecia a cidade; (3) poder econômico: em razão do declínio de Aracati, a cidade teria conseguido angariar somente oitenta contos de réis; a elite achou caro o preço cobrado pelo arcebispo e (4) natureza cultural: a falta de investimentos em educação e a supervalorização do comércio e da indústria constituíam um cenário cultural desfavorável à Igreja. Cf.: FERNANDES, 2009, p. 192-7.

<sup>80</sup> Esse memorialista, Antero Pereira Filho, em entrevista gravada no dia 13 de maio de 2014, reconhece: “Se Aracati tivesse recebido o bispado, provavelmente a cidade seria outra, hoje”.

<sup>81</sup> NUNES, Antônio Pergentino. Entrevista concedida em Fortaleza, em 04 de setembro de 2010.

condição de “Ícaro aprisionado”. Enviando uma comissão ao encontro do arcebispo, que inicialmente teria se recusado a recebê-la, os limoeirenses saíram com a palavra do prelado de que, se a cidade reunisse o dinheiro necessário, certamente venceria a disputa pela sede do bispado jaguaribano. Era o que aqueles homens queriam ouvir. Assim, eles não perderam tempo e iniciaram logo uma campanha intensa para juntar a fortuna exigida pelo arcebispo, mais rapidamente obtida por meio de empréstimos. Foi separado um livro-caixa para se lançarem valores e especificações dos gastos efetuados. O quadro abaixo destaca algumas atividades exercidas pela comissão de homens limoeirenses, na disputa pela sede do bispado.

Quadro 02

**ATIVIDADES DA COMISSÃO PRÓ-BISPADO DE LIMOEIRO, POR DATA E TIPO, 1937 E 1938**

| <b>Mês e ano da atividade</b> | <b>Tipo de atividade da Comissão Pró-Bispado de Limoeiro</b>                                    |
|-------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Março de 1937                 | Viagem a Fortaleza para depósito de cem contos de réis no Banco de Crédito Popular São José     |
| Julho de 1937                 | Pagamento da planta do Palácio do bispo                                                         |
| Agosto de 1937                | Pagamento de limpeza do local onde seria construído o Palácio do bispo                          |
| Setembro de 1937              | Lançamento da pedra fundamental do Palácio do bispo                                             |
| Novembro de 1937              | Viagem da Comissão a Fortaleza “afim [de] entender-se com o arcebispo”                          |
| Abril de 1938                 | Recebimento das apólices do Estado                                                              |
| Junho de 1938                 | Arrecadação de recursos em diversos setores                                                     |
| Setembro de 1938              | Impressão de duas mil cópias do programa da cerimônia de instalação do bispado (29 de setembro) |
| Setembro de 1938              | Entrega das apólices do Estado ao arcebispo na importância de cem contos de réis                |
| Outubro de 1938               | Pagamento de despesas do banquete oferecido ao arcebispo na Escola Normal Rural de Limoeiro     |

Fonte: CÚRIA DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE. **Livro-caixa n.º 1**: assentamentos diversos da Diocese. Limoeiro do Norte, 03 dez. 1937 a 31 out. 1938, p. 1-12.

Outra nota, publicada em jornal, estipula doações para a comissão limoeirense. Pedro Saraiva de Menezes, sócio-fundador da Escola Normal, doou um terreno no perímetro da cidade, no valor de dezoito mil contos de réis (18:000\$000), considerado o “início de outros gestos não muito menos dignos”. Tal como o do prefeito de Aracati, cel. Alexandre de Matos Costa Lima, que

doara à comissão de Limoeiro outro terreno de oitocentos palmos no valor de doze mil contos de réis (12:000\$000).<sup>82</sup> Para usufruir a totalidade de valores dos terrenos, a Comissão Pró-Bispado de Limoeiro solicitou ao Executivo a isenção de impostos de transmissão de propriedades, sendo prontamente atendida. Não obstante tal pedido não encontrar amparo na lei da época, o Governo resolveu manifestar um “gesto de apoio aos que empregam suas atividades para a criação daquela instituição”.<sup>83</sup> Somente essas duas ofertas totalizavam trinta mil contos de réis, ou seja, trinta por cento da quota do patrimônio exigido, que era de cem mil contos.

Aspectos diversos da luta para a criação do bispado de Limoeiro e, sobretudo, da campanha para angariar o patrimônio exigido surgem como fios bem “amarrados” à memória dos meus depoentes:

Quando eu era garoto, houve um movimento aqui, o pessoal dizia que Russas queria que a diocese fosse para lá, e Limoeiro queria que viesse para cá. Então, decidiu-se que a cidade que angariasse mais dinheiro levava a sede da diocese.

Os cidadãos de Limoeiro, especialmente os donos do comércio, se interessaram e começaram a trabalhar, angariando donativos... Então, Limoeiro ganhou de Russas e ficou com o bispado. O povo de Limoeiro, que era muito católico, deu o Palácio para dom Aureliano morar, quando ele chegou.<sup>84</sup>

Em Limoeiro, naquela época, havia alguns ricos donos de carnaubais, possuidores de certas condições financeiras. Então, a cidade que juntasse mais condições... E Limoeiro foi quem deu melhores condições.

Eu estou dizendo isso porque meu pai e minha mãe contaram essa história não sei quantas vezes. Eles mesmos participaram das campanhas para juntar dinheiro. Havia campanha de tudo [estratégias] para conseguir os recursos.<sup>85</sup>

Russas e Aracati eram cidades mais antigas e mais importantes. Limoeiro era somente uma pequena cidade, quase uma povoação. A conquista do bispado se deve a um trabalho encabeçado pelo padre Misael Alves de Sousa e por outras lideranças. Era preciso formar um patrimônio para a diocese e a cidade que oferecesse melhores condições seria a escolhida, dentre Russas, Aracati e Limoeiro.

Nessa época, Limoeiro tinha uns ricos como Raimundo Estácio, Raimundo Remígio e meus tios, Mário e Manfredo Oliveira. Mas, de fato, a cidade era pobre.

---

<sup>82</sup> *O Nordeste*, 16 de junho de 1937, p. 5.

<sup>83</sup> *Diário Oficial do Estado do Ceará*, Ano V, Nº 1400, 09 de julho de 1938, p. 1. O decreto nº 259, de 27 de maio de 1938, determinava isentos do “imposto de transmissão de propriedade os bens doados ao 3.º Bispado do Ceará, com sede em Limoeiro, para formação de seu patrimônio”.

<sup>84</sup> MAIA, José Amirto Nunes. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE, em 07 de março de 2011.

<sup>85</sup> CASTRO, Luzanira Holanda de. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE, em 22 de dezembro de 2011.

Já Aracati era uma cidade importante e rica, tão antiga que chegou a competir com Fortaleza, em outras eras.<sup>86</sup>

Se tudo dependia de dinheiro e a cidade possuía seus “ricaços”, então o plano de voar era viável, ou seja, Limoeiro entrava no páreo para disputar a sede episcopal, não obstante oferecesse alguns entraves geográficos e urbanísticos. A cidade não dispunha sequer de um prédio adequado para compor o Palácio Episcopal, que precisou ser construído. Todavia, o que mais pesou contra foi o fato de ser a *polis* um pequeno núcleo à margem da Rodovia Transnordestina, isolado pelo Rio Jaguaribe,<sup>87</sup> tendo como único acesso o “pontão”, espécie de balsa que transportava tudo, pessoas e veículos, de um lado a outro do rio. Mesmo geograficamente, a cidade se ressentia de estar cercada de águas: Ícaro preso num labirinto líquido.

Limoeiro é a única cidade ilhada, ao longo dos 800 quilômetros do “rio das onças”. Anualmente, logo que o rio corria, mudava a vida da cidade: ninguém entrava ou saía sem usar canoa. Se se tratasse de veículo, teria que usar o “pontão”. O trânsito da capital para o Sul passava pela estrada, do outro lado do rio, indiferente aos habitantes ilhados de Limoeiro (LIMA, 1997, p. 528).

Essa citação evoca também outro ponto negativo de Limoeiro: o distanciamento do distrito-sede da Rodovia Transnordestina (hoje, BR-116), cerca de sete quilômetros. Em 1932, quando da construção dessa estrada, o próprio povo de Limoeiro<sup>88</sup> ou o prefeito (LIMA, 1997, p. 527) não concordou que ela varasse a sede do município. Acreditava-se, à época, que comunidades atravessadas por rodovias de grande tráfego favoreciam a dissolução dos lares, uma vez que esposas infelizes no casamento se sentiriam mais tentadas a fugir com forasteiros.<sup>89</sup> O medo do estrangeiro raptor, na verdade, escondia o complexo de Ícaro aprisionado, ou seja, a xenofobia justificava o isolamento. Essa escolha repercutiria negativamente no futuro, ao contrário do que esperava o povo ou o prefeito da época, dificultando em muito a mobilidade nas décadas seguintes. Como se viu, a própria elite limoeirense tratou de pôr em xeque essa mentalidade.

---

<sup>86</sup> LUCENA, José Maria de Oliveira. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE, em 08 de março de 2014.

<sup>87</sup> MATOS, Maria José Costa. Entrevista concedida em Brasília-DF, em 22 de novembro de 2013.

<sup>88</sup> GUERREIRO, José Maia. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE, em 09 de fevereiro de 2013.

<sup>89</sup> SUDENE, Grupo de Estudo do Vale do Jaguaribe. **Estudo geral de base do Vale do Jaguaribe**. Rio de Janeiro: GVJ, 1967, Vol. IX: Aspectos Sócio-Culturais, p. 150.

Com Aracati fora do páreo, diminuía a concorrência e Limoeiro aumentava as chances de vencer. Na voz dos depoentes, Aracati desistiu muito facilmente da disputa, em função da secular intriga entre Igreja e maçonaria. Para dom Pompeu Bezerra Bessa, o desinteresse da elite aracatiense em sediar o bispado teria ocorrido por influência da maçonaria local (1998, p. 204). Depoentes também confirmaram essa história, sobretudo clérigos, talvez porque a tenham assimilado do próprio bispo.<sup>90</sup> Antero Pereira Filho (2010) desmente o que chamo de “mito da influência maçônica”. Afirmo esse autor que, em razão de embates políticos entre a LEC (Liga Eleitoral Católica) e o PSD (Partido Socialista Democrata) e em função do boato espalhado, em 1937, de que o governo de Getúlio Vargas determinara o fechamento de todos os templos maçônicos do Brasil, a loja Fraternidade de Aracati se encontrava demasiadamente esfacelada para exercer qualquer influência decisiva naquela questão.

De fato, as fontes permitem falar que houve questionamento em Aracati pelo valor cobrado para a composição de patrimônio do novo bispado e para a indenização do arcebispado, mas isso não teria partido exatamente da maçonaria e sim da elite local. O jornal aracatiense *O Jaguaribe* teria qualificado de “*injusta e exagerada, acima das possibilidades do meio*”, a soma exigida. As determinações do arcebispo foram impingidas como “*sacrifícios e exigências* capazes de descoroçoar a boa vontade do povo, causando *accentuado arrefecimento e desanimo* aos mais optimistas”.<sup>91</sup> Nesse caso, mesmo reconhecendo na maçonaria uma inimiga de longa data, a Igreja sabia que não foi essa agremiação que questionou o valor, mas sim os “donos do dinheiro” de Aracati que não se interessaram em doar uma fortuna para entronizar um bispo em sua cidade.

Para memorialistas e depoentes, a disputa pelo bispado entre as cidades de Limoeiro e Russas foi um imbróglio que deixou ressentimentos pelo caminho. Segundo dom Edmilson da Cruz, em Russas a elite se empenhou

---

<sup>90</sup> Padres como João Olímpio Castello Branco e Francisco de Assis Pitombeira, além do bispo emérito dom Manuel Edmilson da Cruz acreditam que foi a maçonaria quem desencadeou uma campanha para que Aracati ignorasse a proposta de sediar o bispado.

<sup>91</sup> *O Nordeste*, 18 de dezembro de 1936, p. 1.

muito para angariar a soma estipulada.<sup>92</sup> Tendo a frente o farmacêutico José Ramalho e sua esposa, “juntamente com outras pessoas gradas da sociedade russana” (BESSA, 1998, p. 205), boa parte da quantia foi angariada junto à população da cidade e mesmo em longas caminhadas pelos vilarejos do município, onde muito se desgastou o farmacêutico Ramalho.<sup>93</sup> Em função disso, duro golpe iria se abater sobre a comissão russana. Depois de fulminante doença, faleceu, aos 47 anos, José Ramalho de Alarcon e Santiago, fato ocorrido em 15 de dezembro de 1936, antes do desfecho da escolha da cidade que sediaría o sôlio episcopal. Além de farmacêutico com estabelecimento próprio, o Sr. Ramalho exerceu o cargo de inspetor da educação da região jaguaribana, além de vice-presidente do Partido Progressista de Russas.<sup>94</sup> Uma de suas filhas testemunha:

Eu lembro que meu pai já estava doente, mas ele deu a vida tentando levar a diocese para Russas. Meu pai saía para a zona rural, andou muito também no centro da cidade. Acho que meu pai morreu mais depressa por causa disso, pois ele já estava doente. O processo foi um abalo para ele, foi desgastante demais.

Como pôde Limoeiro ter passado Russas para trás? Alguma coisa aconteceu! Limoeiro foi desmembrada de Russas, que é uma cidade mais antiga e mais populosa. Hoje, Russas deve ter uns dez mil habitantes a mais que Limoeiro, mas Limoeiro tem muitas coisas [conquistas] a mais que Russas. Tenho a impressão que isso aconteceu porque, em Limoeiro, os políticos são mais unidos, quando eles querem uma coisa, eles conseguem mesmo!<sup>95</sup>

Mesmo sem o seu mais fervoroso defensor, a comissão russana prosseguiu sua luta para angariar a quantia estipulada. Todavia, a comissão de Limoeiro foi mais rápida e eficiente, ou, nas palavras de dom Mauro Ramalho, “a comunidade de Limoeiro foi mais dinâmica do que a de Russas, e deve ter sido isso o que prevaleceu”.<sup>96</sup>

Era uma questão de juntar dinheiro. Tanto que o arcebispo botou três cidades para disputar: Aracati, Limoeiro e Russas. Mas Limoeiro foi mais esperto e mais rápido, não arranhou o dinheiro todo, deu a entender ter arranjado depois. Papai [o farmacêutico Ramalho] podia ter feito a mesma coisa com políticos, mas não fez. Limoeiro levou o bispado em razão da esperteza, eles [a Comissão Pró-Bispado]

---

<sup>92</sup> CRUZ, Manuel Edmilson da (Dom, bispo). Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 17 de outubro de 2009.

<sup>93</sup> SANTIAGO, José Mauro Ramalho de Alarcon e (dom). Entrevista concedida em Fortaleza-CE, em 02 de fevereiro de 2011.

<sup>94</sup> *O Nordeste*, 21 de dezembro de 1936, p. 3.

<sup>95</sup> GURGEL, Maria Clarice Ramalho de Matos. Entrevista concedida em Fortaleza-CE, em 25 de março de 2011.

<sup>96</sup> SANTIAGO, José Mauro Ramalho de Alarcon e (dom). Entrevista concedida em Fortaleza-CE, em 02 de fevereiro de 2011.



souberam fazer o negócio bem feito [burlar o esquema estabelecido pelo arcebispo].<sup>97</sup>

Em 22 de dezembro de 1936, uma semana após o falecimento do Sr. Ramalho, a comissão de Limoeiro envia ao arcebispo metropolitano um Memorial, contendo os motivos que pesavam para Limoeiro ser a escolhida como sede do bispado jaguaribano.<sup>98</sup> Dom Manuel teria sugerido a feitura desse documento, para ser enviado à Nunciatura Apostólica,<sup>99</sup> juntamente com uma planta do futuro Palácio Episcopal, encomendada por Franklin Chaves ao engenheiro de nomeada Abel Ribeiro Filho (BESSA, 1998, p. 204). A ideia de levar a planta ao arcebispo teria sido de Hercílio Costa e Silva.<sup>100</sup> O patrimônio angariado teria sido depositado em 31 de março de 1937, no Banco de Crédito Popular São José,<sup>101</sup> estratégia para garantir a escolha da cidade. Tudo havia sido providenciado e restava apenas a palavra final do arcebispo. Ícaro se agarrara com todas as forças ao sonho de alçar voo e, assim, fugir do labirinto, como fica patente na fala de alguns depoentes:

O que eu entendi do que me falaram depois é que houve uma mobilização mais forte da sociedade limoeirense, o que não teria acontecido em Russas ou Aracati. Houve realmente uma mobilização, não sei partindo de quem. Eu acredito que o que pesou, nessa questão, foi Limoeiro sempre procurar se capacitar na área cultural. Com a vinda do primeiro bispo, a cidade passou a ser o berço cultural da região.<sup>102</sup>

Para a formação do patrimônio, o padre Misael foi muito sabido, astuto, conseguindo formar boa parte do patrimônio com títulos de um banco de Fortaleza. E então garantiu Limoeiro como sede, com a maior parte do patrimônio com títulos. Assim, se fôssemos levar em conta a importância da cidade, Limoeiro não teria conseguido bispado nenhum. Foi o patrimônio que garantiu isso, trabalho que se deve ao padre Misael.<sup>103</sup>

Limoeiro formou uma comissão liderada por Custódio Saraiva e passaram a fazer leilões de garrotes, carneiros e até de pebas [tatus]... Foi de uma maneira tal que todo mundo colaborou. Mesmo as cafezeiras que vendiam café no mercado

---

<sup>97</sup> GURGEL, Maria Clarice Ramalho de Matos. Entrevista concedida em Fortaleza-CE, em 25 de março de 2011

<sup>98</sup> Foi encontrada uma cópia desse memorial em poder do padre Francisco de Assis Pitombeira. A cópia foi assinada por "Odílio", certamente o Sr. Odilon Odílio Silva, membro da Comissão Pró-bispado de Limoeiro.

<sup>99</sup> CHAVES, Franklin Gondim. Entrevista ao Núcleo de Documentação Cultural (NUDOC) da Universidade Federal do Ceará, concedida em Fortaleza-CE, em 21 de março de 1984 (Fita 02).

<sup>100</sup> MATOS, Maria José Costa. Entrevista concedida em Brasília-DF, em 22 de novembro de 2013.

<sup>101</sup> CÚRIA DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE. **Livro-caixa n.º 1:** assentamentos diversos da Diocese. Limoeiro do Norte, 31 de março de 1937, p. 1: "Importância entregue ao Banco de Crédito Popular São José \_\_\_\_ 100.000.000" (cem contos de réis).

<sup>102</sup> HOLANDA, Francisco Ariosto. Entrevista concedida em Fortaleza-CE, em 31 de maio de 2013.

<sup>103</sup> LUCENA, José Maria de Oliveira. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE, em 08 de março de 2014.

público combinaram entre si e procuram a Comissão, dizendo: “Está aqui, nós reservamos o apurado de um dia das cafezeiras”. Essa história é até comovente.

Quando cuidaram, Limoeiro depositou o dinheiro exigido e a diocese foi para lá. Limoeiro passou a perna em Russas e pegou a diocese para si porque uma diocese é um veículo de muito desenvolvimento para a cidade que a sedia. Isso criou uma rixa entre as cidades, ainda hoje, Russas tem certa restrição para com Limoeiro.<sup>104</sup>

As falas mencionadas deixam transparecer uma peculiaridade observada em Limoeiro: certa tendência em impingir um protagonismo exclusivista ou preponderante a alguns personagens, como o padre Misael ou o político Custódio Saraiva, citados acima, ou mesmo Franklin Chaves ou Manfredo de Oliveira. Depende sempre do ponto de vista de quem “explica” o fato. Todavia, sabe-se que a história nunca é forjada individualmente, nem mesmo num município pequeno como Limoeiro. A união de políticos, comerciantes, profissionais liberais, clérigos, etc. proporcionou a vitória do projeto: “passar a perna” nas favoritas, isto é, suplantar cidades mais ricas, antigas, bem estruturadas, e entronizar na urbe um bispo que também assumiria o projeto de modernização da cidade.<sup>105</sup>

O Memorial elaborado pela Comissão de Limoeiro (1936) apresenta razões consideradas irrepreensíveis para que a cidade fosse escolhida como sede diocesana. São dez páginas datilografadas nas quais se arrola todas as vantagens geográficas, econômicas, culturais, religiosas, bem como as possibilidades financeiras futuras, ou seja, tudo o que deveria interessar ao arcebispo no momento de tomar a decisão. Nesse ponto, a cidade esquece seu complexo de inferioridade, de Ícaro aprisionado num “labirinto de águas”, e pensa num futuro ideal, concebendo uma sede diocesana com perspectivas de se tornar um polo aglutinador de progresso ou um centro de desenvolvimento humano, exemplo para os demais municípios em volta, como já acontecera com as sedes diocesanas de Sobral e Crato.<sup>106</sup>

---

<sup>104</sup> NUNES, Antônio Pergentino. Entrevista concedida em Fortaleza-CE, em 04 de setembro de 2010.

<sup>105</sup> Mentalidade da época, patente na seguinte fala do cardeal José Falcão: “A presença de um bispo na cidade estimula a criação de estruturas urbanas benéficas ao bem-estar econômico-social da população. O próprio bispo pode ter a iniciativa de suscitar ou criar essas estruturas. Assim aconteceu em Limoeiro do Norte”. In: FALCÃO, José Freire, Dom (cardeal). Carta-resposta enviada de Brasília-DF, em 11 de novembro de 2009.

<sup>106</sup> O benefício que uma sede de bispado pode trazer para uma cidade é sempre lembrado pelo jornal *O Nordeste*. Por exemplo, durante as celebrações do jubileu episcopal de 25 anos do arcebispo dom Manuel da Silva Gomes, em 1936, discutiu-se como as cidades de Sobral e

As vantagens geográficas apontadas são as seguintes: a cidade estava fincada em uma planície composta de argila massapé, misturada com húmus de aluviões, o que tornava o solo fértil para cultivar quase todo tipo de legumes e frutas. O município era fecundado pelo maior rio do Estado, o Jaguaribe, e por seus afluentes Banabuiú e Figueiredo, em cujas margens se poderiam cavar poços para captação de água potável do lençol freático, já existindo muitos deles que utilizavam bombas manuais ou cataventos fabricados na região. O documento omite, porque ali não era conveniente lembrar, o fato de que nas estações chuvosas a cidade ficava inteiramente ilhada, isolada do restante do Vale. Como vantagens econômicas apontam-se, sobretudo, uma agricultura diversificada e desenvolvida e uma indústria que, “embora incipiente, deixa prever largo surto de progresso”.<sup>107</sup> Os produtos destacados são o algodão, o milho, o feijão, a laranja (“doce como um favo”), a oiticica (de cujo fruto se extraía óleo) e, menina dos olhos de toda a região, a cera de carnaúba, verdadeira fonte de riqueza da elite, na época. Também se faz alusão à pecuária, com menção de que a macambira servia de ração ao gado no período de estiagem.

Os autores do Memorial tiveram o cuidado de escamotear a triste realidade da instabilidade de chuvas no semiárido. Segundo o texto: “Os efeitos das sêcas são quasi nulos na região, de vez que os recursos próprios da mesma mantêm com relativa vantagem os seus habitantes nessas épocas de calamidade climática”.<sup>108</sup> Realidade bem distinta se lê nos jornais da época. Apenas três anos depois de escrito esse documento, Limoeiro enfrentaria uma terrível situação de seca, fome e, como consequência, surto de malária. O padre Otávio de Alencar Santiago escreveu uma carta, em 21 de abril de 1939, ao seu colega homônimo, monsenhor Otávio de Castro, pintando um quadro dantesco da situação do município, apenas um ano antes da sagração do primeiro bispo:

Estamos atualmente atravessando uma crise impressionante. Por toda a parte, a dôr, a tristeza, a morte, o luto, o povo sofre muito e os pobres, em grande número, em determinadas zonas da paróquia, se acabam de fome... O inverno para nós

---

Crato se desenvolveram depois da implantação do bispado. Cf.: *O Nordeste*, 03 de novembro de 1936, p. 1 e 4, mencionado também em *O Nordeste*, 14 de novembro de 1946, p. 4.

<sup>107</sup> MEMORIAL Dirigido ao Exmo. Sr. D. Manuel da Silva Gomes pela Comissão Pró-bispado de Limoeiro. Limoeiro do Norte, 22 de dezembro de 1936, p. 5.

<sup>108</sup> MEMORIAL Dirigido..., p. 3.

não está bom. As primeiras e quasi únicas plantações foram colhidas pela “lagarta” e com elas perdidas as esperanças do pobre que se vê doente, impossibilitado de entregar-se aos trabalhos de uma nova plantação. Mesmo os que replantaram estão em risco de perder outra vez o seu trabalho, como aconteceu em Olho d’Água da Bica, onde há um mês não chove.<sup>109</sup>

No texto do Memorial, entretanto, a seca não parece um problema muito sério. Na idealização concebida, os habitantes se manteriam com recursos da região, sem precisar emigrar de seu habitat nem sofrer maiores agruras. Omite-se, assim, a vulnerabilidade do município. Este, por se encontrar no semiárido nordestino, sempre esteve à mercê das relações entre limitações da natureza e condições da sociedade, estas historicamente instáveis, mas aquelas geologicamente estáveis. Nesse sentido, as relações que se estabelecem entre essas esferas – mesmo com a contundente interferência do homem sobre a natureza – possibilitam afirmar que as estruturas sociais configuradas na história do interior cearense “jamais permitiram uma relação... de modo a garantir para todos os homens uma vida segura diante da irregularidade de chuvas” (NEVES, 2002, p. 76).

Com um documento derramando tantas vantagens sobre Limoeiro, somado ao fato de o dinheiro já ter sido depositado, juntamente com a promessa das apólices do Estado, o arcebispo metropolitano poderia convencer facilmente a Nunciatura Apostólica de que a melhor cidade seria aquela. Segundo o cronista Meton Maia e Silva, no dia 27 de agosto de 1937, “encerrando os festejos em louvor a São Tarcísio”, foi lançada a pedra fundamental do Palácio Episcopal de Limoeiro (SILVA, 1990, p. 1). É viável considerar que o grupo limoeirense responsável pela Campanha Pró-Bispado tenha iniciado a construção de um prédio tão caro somente depois de garantida a instalação da sede em sua cidade. A aceitação das apólices deixa entrever a ideia que o arcebispo metropolitano possuía das relações que deveriam existir entre Igreja e Estado, mentalidade cultivada durante a implantação da República no país. Não obstante oficialmente “separados”, nessa concepção o Estado deveria “cooperar” para o bem da Igreja, acatando assim a “autoridade divina” que sobre ela repousava:

A união entre o Estado e a Igreja era compreendida a partir da ideia de harmonia, subtendida como uma ação coordenada e integrada do Estado respeitando as

---

<sup>109</sup> O Nordeste, 26 de abril de 1939, p. 4. “Impressionante carta sobre o estado sanitário de Limoeiro”.

diretrizes divinas. Nesse aspecto, o Estado era entendido como um instrumento de Deus para a manutenção da ordem e da paz social, absolutamente necessária para o sucesso da Igreja no trabalho de salvação das almas (ROSA, 2015, p. 77).

Assim, Limoeiro venceu a “corrida pelo bispado” mais por motivações políticas que religiosas. Sobrepueram-se mais imposições econômicas que históricas, geográficas ou administrativas. O atual bispo da diocese reconhece, com certo constrangimento, que os elementos “política” e “dinheiro” é que acabaram por determinar a escolha da cidade.<sup>110</sup> Assim, esses critérios acabariam por desprezar a importância de Russas, a “cidade-mãe” de todos os povoados do Jaguaribe, e mesmo da portuária Aracati, bem como o isolamento geográfico de Limoeiro, algo que dificultaria a administração episcopal nos primeiros vinte e cinco anos do bispado. Em decorrência disso, persistiu durante longo tempo certo ressentimento no imaginário coletivo de Russas,<sup>111</sup> pois a população nunca teria se conformado em perder a sede do bispado jaguaribano para uma cidade que, até meados do século XIX, não passava de obscura vila onde o povo não dispunha sequer de uma capela para ouvir missa.<sup>112</sup> Mesmo clérigos da diocese, caso do padre Pedro de Alcântara Araújo, secretário do bispado que auxiliou dom Aureliano nos primeiros anos,<sup>113</sup> indispôs-se com muitos em Limoeiro por ocasião da publicação de seu livro *Capital e santuário* (1986). Nele, que deveria ser uma análise histórica dos livros de tombo da paróquia de Russas, o autor guarda para o último capítulo a intenção a que veio: contestar intempestivamente a escolha de Limoeiro como sede do bispado jaguaribano, mesmo com o fato já consolidado

---

<sup>110</sup> HARING, José (Dom, bispo). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE, em 01 de outubro de 2010.

<sup>111</sup> Em visitas que fiz à cidade em 2013 e 2014, ainda pude constatar resquícios desse ressentimento, sobretudo em pessoas idosas.

<sup>112</sup> Até 1845, quando é benta a capela de Limoeiro, os atos religiosos dos limoeirenses eram celebrados em Russas (LIMA, 1997), cuja primeira capela remontaria ao ano de 1707 (ROCHA, 1976). Quando o povo não se dirigia às vilas próximas, onde já existiam capelas (Tabuleiro de Areia, Livramento e São João), as missas na vila do Limoeiro eram celebradas na frente da casa do padre Vicente Rodrigues Vasconcelos da Silva (1782-1859), em um altar portátil (CASTELLO BRANCO, 1995). Em decorrência disso, o povo criou versos para denunciar seu estado de abandono: “Minha gente tenha dó do povo de Limoeiro/ Que assiste missa no terreiro, com a cabeça ao sol”. Portanto, durante todo o século XIX, Russas foi a “sede do bispado jaguaribano” de fato (LIMA, 1997, p. 216), tendo a oportunidade de sê-lo de direito “arrebataada” por Limoeiro no ano de 1936. Esse fato explicaria o ressentimento do povo russano para com dom Manuel da Silva Gomes, conforme relata meus depoentes. Ao ignorar a vanguarda eclesial de Russas na região e propor uma espécie de “corrida pelo bispado”, o arcebispo teria escolhido um critério considerado pelo clérigo mencionado como “infeliz”, “dispersivo”, “canonicamente abusivo” e “responsável por inimizades entre russanos e limoeirenses” (ARAÚJO, 1986, p. 336).

<sup>113</sup> O Nordeste, 24 de outubro de 1946, p. 8.

há quase cinquenta anos. Araújo questiona o método de escolha do arcebispo, as estratégias da Comissão de Limoeiro para reunir a soma e mesmo o fato de que a sede diocesana teria se efetivado sem patrimônio, o que seria proibido pelo Código Canônico.

Vigário-geral de Limoeiro por muitos anos, Monsenhor João Olímpio Castello Branco escreveu longo texto refutando os argumentos de seu colega de clero (LIMA [L. O.], 1997, p. 370-80). Outros autores se disseram perplexos, ignorando as razões do “ressentimento tardio” de Araújo (MALVEIRA, 1998) ou mesmo revidando com palavras duras (LIMA [L. O.], 1997). O método utilizado pelo arcebispo – “leiloar” o direito de sediar uma diocese entre duas ou três cidades e cobrar indenização por isso – é visto com estranheza,<sup>114</sup> já que, na história da Igreja brasileira, tal critério teria sido incomum. Uma autoridade aracatiense teria interpelado o arcebispo, questionando se o bispado estava sendo posto em leilão (BESSA, 1998). Certamente, dom Manuel agiu dessa forma porque tinha autonomia, ou seja, não precisava do aval da Nunciatura e da Santa Sé para determinar como seria a criação de uma nova diocese cujo território sairia de sua administração eclesiástica. Todavia, ainda hoje o estranhamento persiste, mesmo entre clérigos:

A compreensão de que se precisava de bens para poder construir os prédios necessários para o estabelecimento da diocese é aceitável e sempre ocorre, mas taxa de indenização por perda de território me parece um absurdo. Nunca ouvi falar em coisa semelhante.<sup>115</sup>

Indo em outra direção, monsenhor João Olímpio Castello Branco acredita que isso não seja nada grave e que tenha acontecido porque “como a Igreja vive de esmolas, iria faltar um pedaço das esmolas [da arquidiocese], que passaria para a nova diocese”.<sup>116</sup> Mesmo assim, o clérigo reconhece que a cobrança da indenização foi uma “jogada” do arcebispo para tentar demover Limoeiro de sediar o sólio, já que o antístite metropolitano queria escolher Russas, com a desistência de Aracati. Não deu certo, pois a comissão de Limoeiro acabou por recorrer ao interventor federal no Ceará, para completar a soma, e exigir do arcebispo o cumprimento da palavra. De fato, não parece

---

<sup>114</sup> Caso do atual bispo de Limoeiro, dom José Haring, empossado desde janeiro de 2000. HARING, Dom José (bispo). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE, em 01 de outubro de 2010.

<sup>115</sup> OLIVEIRA, Manfredo Araújo de [Reverendo, padre]. Entrevista concedida em Fortaleza-CE, em 04 de dezembro de 2010.

<sup>116</sup> Entrevista concedida em Flores, distrito de Russas-CE, em 11 de dezembro de 2010.

prática histórica da Igreja a cobrança de indenização por “perda de território”, com a divisão de uma nova diocese. Seria punir uma região pobre com uma taxa elevada de indenização quando a nova divisão permaneceria na instituição de origem, na Igreja Romana. No rumo oposto, pesquisas como a de Nainôra Freitas (2006) apontam que dioceses como a de Ribeirão Preto-SP foram criadas sem patrimônio algum porque a elite da cidade se recusou a contribuir financeiramente para isso.

Mesmo no Ceará se verificou a criação de um bispado sem patrimônio.<sup>117</sup> Quarenta e dois anos depois de criada, somente em 1956 a prelazia do Crato iniciaria sua campanha para arrecadação de fundos, o que prova que o critério utilizado por dom Manuel para criar dioceses, no Ceará, flutuava ao sabor das “condições do tempo”. Percebendo que corria dinheiro no Vale do Jaguaribe, sobretudo em função da cera de carnaúba, o arcebispo não titubeou em cobrar a constituição do patrimônio da nova divisão eclesiástica, como previa o Direito Canônico e, além disso, exigir uma indenização por “perda de território”. No caso de Limoeiro, a elite aceitou o preço cobrado, pois considerou aquele o momento ideal para Ícaro fugir do labirinto, ou seja, uma oportunidade imperdível de modernização da cidade.

Assim, Limoeiro foi escolhida como sede da diocese jaguaribana não porque reunia condições urbanísticas ou geográficas favoráveis, mas como parte do projeto de modernização concebido pela elite da cidade. Na fala de dom Manuel Edmilson da Cruz, os obstáculos só foram removidos em função da “esperteza, audácia e determinação” do limoeirense.<sup>118</sup> O elemento indispensável que a cidade reunia, nessa época, era uma elite decidida, um grupo de homens que queria se libertar do labirinto, elevando o município ainda com ares de vila atrasada à condição de cidade moderna. O triunfo da elite limoeirense ou o recebimento da “palma da vitória” (BESSA, 1998, p. 205),

---

<sup>117</sup> “Fundada em 1914, a Diocese do Crato foi então erecta com dispensa de patrimônio, em vistas das condições do tempo e pela urgência de instituir, na zona sul do Estado, um sólio episcopal. Por todos esses longos anos, não foi possível constituir o patrimônio diocesano, uma vez que outros problemas mereciam mais urgente solução. Agora [1956]... julgou-se oportuno levantar a campanha, como sendo o presente da Diocese, não para a pessoa do seu querido Antístite, que é um exemplo de desprendimento, mas para a própria Diocese atender as necessidades do futuro...” In: *O Nordeste*, 13 de agosto de 1956, p. 4.

<sup>118</sup> CRUZ, Manuel Edmilson da (Dom, bispo). Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 17 de outubro de 2009.

deu-se em 29 de setembro de 1938, quando o arcebispo dom Manuel da Silva Gomes chegava a Limoeiro para proceder à instalação oficial da diocese jaguaribana. No dia 07 de maio daquele ano fora expedida a bula papal *Ad Dominicum*, criando o Bispado de Limoeiro, assinada pelo papa Pio XI.<sup>119</sup>

O arcebispo certamente apressou os trâmites em função da publicação de um Decreto-lei assinado em 22 de abril daquele ano, que ameaçava o retorno ao Estado das apólices doadas, caso a instalação do bispado não se efetivasse no prazo estipulado:

Art. 1.º – O auxílio de cem contos de réis (100:000\$000), concedido para a constituição do 3.º Bispado do Ceará, com sede em Limoeiro, nos termos da Lei n. 350, de 2 de setembro de 1937, fica condicionado a instalação do mesmo Bispado dentro do prazo de dois anos, a contar da data da entrega da respectiva importância, em apólices nominativas do Estado.

Art. 2.º – No caso de não se verificar a instalação no prazo marcado no artigo antecedente, as apólices reverterão ao Estado, serão incorporadas ao seu patrimônio e após cancelada a emissão.<sup>120</sup>

Nessa ocasião, a pequena Limoeiro recebia a maior autoridade eclesiástica do Estado para a realização de uma cerimônia nunca antes lá presenciada. O momento era a distinção mais altaneira que uma cidade católica do interior poderia desejar. E, em outra interpretação, aquele momento era algo maior, era a própria concretização do sonho do Ícaro limoeirense. O sentimento de alegria da elite limoeirense, patente nas fotografias da época, constitui resultado de determinação, obstinação e vitória. Os homens que, apenas dois anos antes, gestaram um sonho miraculoso – elevar uma obscura cidade do sertão à categoria de sede diocesana do Vale do Jaguaribe – agora posavam para fotógrafos como atletas olímpicos ostentando seus louros. O dia da implantação do bispado representava a confirmação dessa vitória e depois dele Limoeiro nunca mais seria a mesma. Afinal, a ideia de fugir do labirinto nas asas da modernização – com a ajuda da Igreja Romana, cuja autocompreensão a fazia imbuída de uma “missão civilizatória” – se tornara possível. A sagração do primeiro bispo jaguaribano, dois anos depois da implantação da diocese, seria a coroa definitiva do sonho.

---

<sup>119</sup> Bula original em latim publicada em *Acta Apostolicae Sedis*, Ano XXX, Série II, Vol. V, Nº 1. Roma, Tipografia do Vaticano, 1938, p. 334-6.

<sup>120</sup> *Diário Oficial do Estado do Ceará*, Ano V, Nº 1340, 26 de abril de 1938, p. 1 e 2.



#### 1.4 O plano do arcebispo: combate ao protestantismo

Não obstante os itens anteriores retratarem com clareza o pano de fundo histórico que define a criação do bispado jaguaribano, uma dúvida persiste: qual o real propósito de dom Manuel da Silva Gomes ao criar a prelazia do Jaguaribe exatamente em fins da década de 1930? Que condições históricas favoreceram esse plano e que imposições pontuais exigiram essa decisão? É o que pretendo discutir a seguir.

Oficialmente, a criação da diocese de Limoeiro do Norte se deu como resultado de atuação da Ação Católica no Ceará, estabelecida no Estado em 20 de julho de 1936<sup>121</sup> e efetivada, de fato, em 22 de maio de 1938.<sup>122</sup> Nessa época, Roma se mostrava preocupada com o número ainda reduzido de divisões eclesiais no Brasil, um país de dimensões continentais que possuía dioceses ou arquidioceses com imensos territórios, como era o caso da arquidiocese de Fortaleza, abrangendo todo o litoral e o imenso Vale do Jaguaribe. As duas dioceses criadas até o fim da década de 1930 abrangiam a região serrana do Cariri, sediada na cidade do Crato, e a região agreste dos Inhamus, sediada na cidade de Sobral. Essas duas primeiras dioceses tinham sido criadas por dom Manuel ainda no início do século XX: a do Crato em 20 de outubro de 1914 e a de Sobral em 10 de novembro de 1915, portanto com apenas um ano de diferença.<sup>123</sup> Na visão da Igreja, a criação desses bispados se dera muito em função da benevolência do arcebispo metropolitano. Segundo *O Nordeste*, o “importante era que o povo fôsse mais bem assistido, que a vida religiosa tivesse maior fervor, que o clero fosse mais bem cuidado e que cada região fosse ficando mais dotada de obras e realizações sociais e religiosas, eficientes e úteis”.<sup>124</sup> Assim, ocultando que o arcebispo seguia inclinações romanizadas, o jornal retratava dom Manuel como um homem extraordinário. Não obstante, na mesma época que desmembrou as primeiras dioceses sufragâneas, dom Manuel da Silva Gomes deixou que o Vale jaguaribano permanecesse por mais um quarto de século atrelado à arquidiocese, talvez por considerar a região demasiadamente pobre para

<sup>121</sup> *O Nordeste*, 21 de julho de 1936, p. 1.

<sup>122</sup> *O Nordeste*, 22 de maio de 1938, p. 1.

<sup>123</sup> *O Nordeste*, 15 de novembro de 1946, p. 4. O artigo analisa o protagonismo do arcebispo na criação das dioceses cearenses.

<sup>124</sup> *O Nordeste*, 15 de novembro de 1946, p. 4.

manter sua própria prelazia. Todas as cidades da região, plantadas longe da capital, excetuando Aracati, e desprovidas de estradas decentes, ligando-as a Fortaleza, amargaram durante longo tempo uma realidade bem distanciada daquela idealizada pelo jornal.

O povo católico do Jaguaribe não era efetivamente assistido nas suas necessidades, nem religiosas (ARAÚJO, 1986) nem sociais (FREIRE, 2010), já que o poder público sempre fora ausente e mesmo a Igreja não possuía ministros suficientes para cobrir e impactar toda a região. Esse espaço vazio deixado por uma Igreja antiliberal e inimiga da modernidade e por um Estado liberal que ansiava o contrário da hierarquia eclesiástica católica, persistindo entre eles confrontos e acomodações, configura-se exatamente como a “brecha” que os ministros reformados encontraram na zona jaguaribana,<sup>125</sup> em tudo propensa à sementeira de uma fé que prometia mudar o homem “de dentro para fora”. Largado à própria sorte, povoando um grande território assistido por poucos padres, o povo do Jaguaribe não tinha nada a perder em permitir que aquele vácuo fosse preenchido por quem manifestasse interesse em socorrer o sertanejo, mesmo que esse socorro fosse apenas espiritual.

A documentação confirma que o povo do sertão se ressentia de abandono por parte das autoridades desde sempre, ou seja, desde que ousou se estabelecer no semiárido. A seca de 1877-79, por exemplo, costuma ser apontada por historiadores como o ápice de abandono do poder público ao sertanejo, no século XIX.<sup>126</sup> A sociedade brasileira da época desconhecia a realidade do semiárido e, por isso, ficou escandalizada quando os jornais divulgaram o número de mortos. A realidade se repetiria no século seguinte, especialmente durante a seca de 1915, que também afetou a zona jaguaribana. Em livro de tombo, o vigário de Morada Nova se ressentia de que a “Camara Municipal fez sentir aos poderes competentes a necessidade de

---

<sup>125</sup> Tese defendida por Antônio Mendonça e Prócoro Velasques Filho: “Num dado momento, portanto, houve na história brasileira um vácuo religioso: de um lado, um Estado em busca de uma religião civil aberta para a modernidade e, de outro, uma Igreja que, à beira de perder suas prerrogativas históricas, volta-se para si mesma no intento de reforçar-se institucionalmente, mas nos marcos do conservadorismo. No meio, um espaço aberto a quem quisesse entrar. Foi nesse espaço que o protestantismo penetrou” (MENDONÇA e VELASQUES FILHO, 2002, p. 72).

<sup>126</sup> Sobre isso, ver: FERREIRA NETO, Cicinato. **A tragédia dos mil dias**. Fortaleza: Premius, 2006.

urgente socorro, não se recebendo delles, sequer, resposta do apello, então, dirigido”.<sup>127</sup> Dos pedidos de socorro enviados à capital cearense, somente o arcebispo metropolitano, dom Manuel da Silva Gomes, e a Associação Comercial de Fortaleza responderam a contento, enviando mantimentos aos famintos, dentre os quais muitos pereceram a caminho da mesma capital que sediava o Estado que lhes negara ajuda.

A miséria era generalizada. Os jornais publicavam com alarde o temor predominante na época: o semiárido poderia ser totalmente abandonado pelo sertanejo, consequência do abandono desse homem pelo Estado. Esse temor aumentava exponencialmente em períodos de estiagem prolongada.<sup>128</sup> Faltavam escolas, hospitais e mesmo igrejas para o povo estudar, se curar e se congregar, ou seja, para se “fazer gente” segundo os parâmetros da Igreja, ditados nas encíclicas papais que evocam a dignidade humana (PIMENTEL JÚNIOR, 1963). Assim, as cidades do Vale do Jaguaribe só recebiam muito raramente a visita pastoral do arcebispo metropolitano. O povo jaguaribano era “um rebanho sem pastor” e isso deve ter incomodado o arcebispo em algum momento, sobretudo quando a hegemonia católica era ameaçada. Segundo o jornal, o “incansável zelo apostólico” de dom Manuel o teria levado a planejar um bispado para essa região muito antes de 1938.<sup>129</sup> O que poderia ser entendido como uma tentativa de amenizar o estado de abandono do povo, na verdade se configuraria como tentativa desesperada de manter o rebanho católico longe da influência da Igreja Protestante.

Nessa época, a autocompreensão da Igreja Católica se pautava naquilo que se convencionou chamar de ultramontanismo<sup>130</sup> ou romanização. Ivan A. Manoel (2004) define esse modelo como a política que norteou o catolicismo entre 1800 e 1960, pautada em princípios antimodernos, antiliberais, antiprotestantes e fundamentalmente centralistas e medievalistas. Assim,

---

<sup>127</sup> PARÓQUIA DE MORADA NOVA. **Livro de tombo**. Morada Nova, 1915, p. 8f.

<sup>128</sup> Sobre isso, ver: FERREIRA NETO, Cicinato. **1915: a história dos sertanejos cearenses no ano da seca**. Fortaleza: Premius, 2015. Ver especialmente o capítulo “A saga dos migrantes”.

<sup>129</sup> *O Nordeste*, 18 de dezembro de 1936, p. 1.

<sup>130</sup> Criado na França, o termo *ultramontanismo* se referia à centralização do poder em Roma, ou seja, apontava que todas as diretrizes do catolicismo deveriam partir da Santa Sé, além dos Alpes suíços, cordilheira que separa França e Itália. No Brasil, o resultado mais relevante do ultramontanismo foi suplantando o padroado, impondo a obediência à hierarquia eclesiástica e agregando vertentes dispersas de se praticar o catolicismo.

as características fundamentais da reação antimoderna católica permaneceram mais ou menos as mesmas: na esfera intelectual, a rejeição à filosofia racionalista e à ciência moderna; na política externa, a condenação à liberal democracia burguesa e o concomitante reforço da ideia monárquica; na política interna, o centralismo em Roma e na pessoa do Papa e o reforço do episcopado; na esfera socioeconômica, a condenação ao capitalismo e ao comunismo e um indisfarçável saudosismo da Idade Média, que se manifestará fortemente no Brasil, na década de 1930; na esfera doutrinária, a retomada das decisões fundamentais do Concílio de Trento (1545-1563), em especial aquelas estabelecidas para o combate do protestantismo, que, no século XIX, englobou também o combate ao espiritismo e concretizou-se... na criação de seminários fechados para a formação do clero e na criação de colégios católicos, masculinos e femininos, para a educação da juventude (MANOEL, 2004, p. 11).

Para Sergio Miceli (1988, p. 12), essa doutrina se consolidou em 1864, com a publicação das encíclicas *Quanta Cura* e *Syllabus Errorum*, cartas que “condenavam drasticamente os chamados ‘erros modernos’, a saber, o racionalismo, o socialismo, o comunismo, a maçonaria...” O ultramontanismo, portanto, abarca uma série de “conceitos e atitudes do lado conservador da Igreja Católica e sua reação aos excessos da Revolução Francesa” (VIEIRA, 1980, p. 32). No Brasil, a autocompreensão ultramontana cobre exatamente o período de transição do regime de padroado para o *status* de separação entre Igreja e Estado, efetuado nos primeiros anos de vigência da República.<sup>131</sup> Fechando-se em torno de si mesma e lançando sua voz profética contra o mundo moderno, a Igreja reagia de modo contundente àquilo que considerava uma ameaça a sua hegemonia como instituição que ditava uma forma de vivência religiosa, um poder divino na terra. Em razão disso, considero que a intenção motriz do arcebispo de Fortaleza, ao conceber uma diocese para a zona jaguaribana, obedecia prioritariamente à ideologia ultramontana. A escolha da cidade que sediaria o bispado pouco importava à Santa Sé, desde que a Igreja conseguisse conter a insurgente onda protestante que ameaçava “invadir” o interior cearense. A experiência mostrara que, em função da deficiência de pastoral católica no Vale do Jaguaribe, os protestantes começavam a fundar “pontos de pregação” no sertão, em muitos casos fugindo de perseguições na capital, onde o número maior de padres permitia uma “vigilância” mais constante.

No Ceará, a ideologia ultramontana foi responsável por criar a primeira diocese, delimitando o território da então província que, até 1859, pertencia à

---

<sup>131</sup> Sobre isso, ver: (1) MICELI, Sergio. **A elite eclesiástica brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988 e (2) ROSA, Lilian Rodrigues de O. **A Santa Sé e o Estado brasileiro**: estratégias de inserção política da Igreja Católica no Brasil. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2015.

jurisdição eclesiástica do bispado de Olinda, em Pernambuco. No ano seguinte, é nomeado como primeiro bispo do Ceará o padre Luiz Antônio dos Santos (1817-1891), legítimo representante da Igreja romanizada, com formação iniciada no Rio de Janeiro e concluída no Seminário de Caraça, Minas Gerais, onde depois assumiria a reitoria do Seminário de Mariana, até ser nomeado para a prelazia do Ceará (PINHEIRO, 1994). Preocupado com a formação do clero cearense, uma de suas primeiras providências foi organizar o Seminário Diocesano, em 1863, que ficou conhecido como Seminário da Prainha, onde foram formados quase todos os clérigos que protagonizariam a história da diocese de Limoeiro. Para dirigi-lo, o bispo convidou os padres lazaristas franceses, também ultramontanos por excelência; tradição depois perpetuada por dom Aureliano Matos, ao convidar para reger o Seminário de Limoeiro os lazaristas holandeses.

Segundo a documentação, na década de 1930 a Igreja Católica do Ceará estava em pleno combate aos reformados, disseminando intolerância às “heresias” e assim tentando amenizar o abalo da ordem social que a Igreja imputava à cisão protestante na cristandade ocidental. Diz Carlo Ginzburg que a “laceração da cristandade europeia que se seguiu à Reforma protestante acabou comprometendo também a legitimação da ordem social existente, tradicionalmente fornecida pela Igreja” (GINZBURG, 2001, p. 65). Essa tese, em verdade, fundamentava todo o combate movido aos “filhos de Lutero”, pois o clero católico acreditava que, quanto menos as “seitas heréticas” fossem injetadas numa sociedade, menor seria a desordem social sofrida. Evitar esse “caos social”, então, passou a ditar os esforços da elite eclesiástica, pois quanto mais avançava o protestantismo, mais se desgastava a organização social arraigada no catolicismo. Segundo estudiosos como Scott Mainwaring (1989), o combate às Igrejas da Reforma emergiu como “interesse indispensável” da Igreja Católica brasileira na década de 1930. As fontes também apontam que esse pensamento fundamentou importante parcela da ação pastoral do clero católico no Ceará. Nesse sentido, por sua importância para a compreensão da história da diocese de Limoeiro, considero imprescindível refazer brevemente a inserção histórica da Igreja Reformada no Estado e no Vale do Jaguaribe, delimitação geográfica desta tese.

Assim, em março de 1938, o jornal anunciava que chegara a Fortaleza três pregadores católicos, convidados do arcebispo metropolitano dom Manuel da Silva Gomes para “tomar parte na campanha anti-protestante, organizada pelos catholicos cearenses, afim de contrabalançar os efeitos de um Congresso Baptista, designado em hora bem infeliz para Fortaleza”.<sup>132</sup> Pouco depois, ante a ameaça de os batistas fundarem um colégio na capital, o arcebispo lançaria uma carta pastoral dirigida “aos seus arquidiocesanos de Fortaleza e diocesanos de Limoeiro contra os colégios protestantes, fazendo-os ver os perigos que constituem tais colégios”.<sup>133</sup> Curioso que, ainda nessa época, reformadores como Lutero e Calvino eram acusados, como em seu tempo, de “tomar a Bíblia dos sacerdotes” e cometer o “sacrilégio” de traduzir o cânon do latim para o vernáculo, possibilitando que “qualquer um” lesse o texto sagrado. Fazendo assim, “criavam a possibilidade de cada um se tornar seu próprio sacerdote” (SCHWANITZ, 2007, p. 4), ou seja, ameaçavam o ostracionismo católico propondo a democratização da religião.

Por isso mesmo, a Igreja Católica via no protestantismo um inimigo a ser combatido sem trégua, muito em função da proposta reformada de romper a supremacia clerical, pregando o sacerdócio universal dos redimidos. Segundo essa que foi “uma das doutrinas basilares da Reforma Protestante” (ALMEIDA, 1995, p. 49), cada crente era sacerdote de si mesmo diante de Deus, mentalidade que desprezava afrontosamente as funções do padre ordenado pela Igreja. Os que desconsideravam o poder de interseção de um homem sobre outro geralmente evocavam palavras de Lutero, segundo o qual “quem saiu do Batismo pode gloriar-se de já estar ordenado sacerdote, bispo e papa” (*apud* BRAADEN e JENSON, 1987, p. 343). Tais palavras chegavam como acinte à elite eclesiástica, autoproclamada “nobreza divina”. Os bispos eram considerados “príncipes escolhidos de Deus”, pois durante um período de sua história a Igreja pregou a autocompreensão de si como “um império sagrado ou uma monarquia divina” (COZZENS, 2006, p. 50).

Nesse sentido, o descaso para com a figura eclesiástica ou a pregação de que o homem deveria se confessar somente a Deus ameaçava a proposta

---

<sup>132</sup> *O Nordeste*, 15 de março de 1938, p. 1.

<sup>133</sup> *O Nordeste*, 18 de agosto de 1939, p. 2.

de dom Aureliano, toda fincada no que ele considerava ser a revolucionária influência dos sacerdotes católicos na região (MATOS, 1965b). Segundo as vozes que ressoavam no jornal *O Nordeste*, a nação se orgulhava de ser um país católico desde o seu “nascimento”. Assim, para os defensores da hegemonia do catolicismo, o Brasil deveria continuar se ufanando de sua fé “original”, que teria cimentado entre nós “uma pujante civilização cristã”.<sup>134</sup> Nesse sentido, os pastores protestantes são apontados como “saúva daninha a nossa integridade nacional e a nossa unidade religiosa, patrimônios altamente sagrados pelos quais temos a inalienável obrigação de consciência de garantir e de legar, incólumes, à posteridade”.<sup>135</sup> Ora, desde seu surgimento, a Reforma Protestante vinha sendo acusada pelo clero católico de desencadear “todos os sinais do fim do mundo” (KOSELLECK, 2006, p. 25). Documentos coloniais já destacavam que a relação entre protestantes holandeses e católicos brasileiros e portugueses residentes era pouco favorável, sendo os “papistas” (católicos) mantidos em obediência “só devido ao temor”. Um holandês, em 1640, não deixa dúvidas de que a pregação protestante não surtia efeito em Pernambuco:

A religião reformada, através do ensino da sagrada palavra de Deus, é propagada no Brasil pelos pregadores “dominus” Frederik Kessler, Pieter Jansz Landman e Francisco Plante... os três realizam alternadamente prédicas no Recife e em Antônio Vaz... Os papistas têm liberdade de exercício de suas cerimônias, mas algumas vezes se excedem tanto que provocam a indignação dos reformados...

Devemos agora acrescentar, de modo geral, nesta parte, sobre o culto divino e a religião, que há pouca aparência de que os portugueses se convertam à religião reformada, porque ali só há um ministro que prega na língua deles mas nem um só português comparece às prédicas nem o procuram para, por meio de entrevistas individuais, aprender algo a respeito: pelo contrário, recusam-se a prestar ouvidos a isto, com pertinácia, o que procede do que lhes disseram os padres, isto é, que a nossa doutrina é uma doutrina herética e maldita da qual não poderiam ouvir falar sem incorrer em pecado de heresia, e coisas que tais; assim há pouca aparência de obter algum resultado com os adultos. O único meio de fazer brilhar a luz do evangelho entre eles seria instruir e doutrinar a mocidade na escola desde cedo, mas não temos escolas a não ser no Recife e em Frederícia. Os portugueses, porém, não mandam os seus filhos para essas escolas, mas ensinam-nos dentro de suas casas por meio de padres que nelas residem de modo que nada se consegue por este meio...<sup>136</sup>

E a situação perduraria assim por pelo menos duzentos anos. Foi somente no século XIX, no ocaso do Império, que o protestantismo, partindo

<sup>134</sup> *O Nordeste*, 19 de janeiro de 1954, p. 3.

<sup>135</sup> *O Nordeste*, 06 de fevereiro de 1941, p. 3. “Protestante, espírita e catimbó”, texto assinado por J. Valdivino.

<sup>136</sup> “Relatório sobre o estado das Capitanias conquistadas no Brasil pelos holandeses (1639)”, apresentado pelo Senhor Adriaen Van Der Dussen ao Conselho dos XIX, na Câmara de Amsterdam, em 04 de abril de 1640. In: CASTRO, 1968[?], p. 73-4, grifos meus.

também da capital pernambucana, expandiu-se para Estados do Nordeste e do Norte.<sup>137</sup> Em Recife, o primeiro missionário presbiteriano que veio residir na cidade, reverendo John Rockwell Smith, chegou lá em janeiro de 1873, batizando os primeiros conversos em agosto daquele ano. Porém, só conseguiu organizar a Igreja Presbiteriana do Recife em 11 de agosto de 1878, em função ainda de “dias sombrios”, quando os pregadores protestantes, nas palavras de um deles, espalhavam sua semente “em perigo de vida, com soluços e lágrimas” (CORTEZ, 1965, p. 40). Foi aquele missionário que preparou os primeiros ministros protestantes que iriam “levar a Palavra” às cidades e aos sertões do Nordeste brasileiro.

O reverendo Smith visitou o Ceará em 1875, três anos após sua chegada ao Brasil, mas apenas para pregar à colônia britânica de Fortaleza. Anos depois, em 1881, Smith enviou ao Estado o leigo João Mendes Pereira Guerra (ALENCAR, 2004), cujo trabalho como colporteur<sup>138</sup> chegou até o Amazonas, depois de longa permanência no Ceará (GADELHA, 2005). Porém, reconhecidamente, o primeiro ministro protestante que se instalou em Fortaleza foi o missionário De Lacy Wardlaw, nascido no Tennessee, EUA, em 1856. Desembarcando em 27 de setembro de 1881, no mesmo dia tratou de realizar o primeiro culto protestante na capital alencarina, na Praça dos Mártires (hoje Passeio Público), em frente ao antigo Hotel do Norte, onde se hospedara (STUDART, 1918). Apenas um punhado de gente assistiu ao culto noturno, mas isso não teria desanimado o missionário. Prosseguindo em sua missão, em 08 de julho de 1883 batizou os treze primeiros convertidos à nova fé (CORTEZ, 1965). O pioneiro do protestantismo no Ceará costuma ser retratado como “um obreiro corajoso, enérgico e combativo”, que não temia perseguição (GADELHA, 2005, p. 72). Talvez por isso, oito anos após sua chegada, o

---

<sup>137</sup> Para um histórico detalhado da expansão do protestantismo no Brasil, ver: MENDONÇA, Antônio G. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

<sup>138</sup> O colporteur (do francês *colporteur*) era, ao mesmo tempo, um vendedor de literatura protestante (bíblias, livros, livretos...) e um pregador leigo, pois além de vender o material, quando não doava bíblias e folhetos, conversava sobre a doutrina reformada com os moradores das casas que o recebiam. Em muitos casos, o colporteur “abria o caminho” para a chegada do missionário. O jornal da Arquidiocese fazia severas críticas a esse profissional, considerando-o feroz proselitista e desestabilizador da hegemonia católica no Ceará. A ordem era: “Ninguém deve adquirir essa literatura perniciosa e perigosa. Seria um apoio à obra do mal. Uma cooperação nefasta contra a religião católica”. In: *O Nordeste*, 19 de fevereiro de 1941, p. 8.



reverendo Wardlaw procedeu à organização oficial da Igreja Presbiteriana de Fortaleza, em 08 de agosto de 1890. A pedra fundamental do primeiro templo só seria posta oito anos depois, em 12 de outubro de 1898 (ALENCAR, 2004). Somente em 1919, vinte e um anos após o início das obras, o templo é concluído. Os intervalos entre os fatos demonstram que o trabalho protestante no Ceará demorou a se firmar e demandou muito paciência dos pioneiros.<sup>139</sup>

Outras vertentes protestantes só enviariam missionários ao Ceará já no século XX. Pela Igreja Batista, teria pregado em Camocim e Fortaleza, em 1908, Eurico Alfredo Nelson, vindo de Manaus (PEREIRA, 1963). Em 1924, teria surgido a Primeira Igreja Batista do Ceará, na capital, que logo desapareceu por motivos desconhecidos. Em 10 de agosto de 1930, organizou-se a Igreja Batista de Fortaleza, pelo pastor João Rodrigues de Andrade (NOGUEIRA, 2003), hoje considerada Primeira Igreja Batista. Foi dessa igreja que saíram missionários para o Aracati, onde seria instalada uma das primeiras igrejas protestantes do Vale do Jaguaribe. Já em 1935, um missionário peregrinou por Aracati, pregando a fé reformada e despertando a ira do padre Manoel Pacheco, jesuíta estrangeiro que se fizera vigário da cidade. Em reação às pregações do “filho de Lutero”, o sacerdote mandou imprimir um folheto para prevenir que seu rebanho contra o “embusteiro” que vinha “disseminar doutrinas falsas, mil vezes victoriosamente refutadas pelos apologistas Catholicos”:

Previno os meus bons parochianos de não podem assistir às prédicas do pastor protestante por se tratar de um hereje, de um excommungado e de um embusteiro.

[...] a nenhum catholico é licito, nem mesmo por curiosidade assistir às prédicas do “crente”, sob grave responsabilidade de consciência. Exhorto pois e peço a todos os pais e mães de família que com todas as veras afastem do perigo aos seus filhos e filhas, bem como a todos aquelles sob os quais exercem alguma autoridade ou influencia, lembrando-se de que sobre qualquer condescendência nesta matéria deverão prestar a Deus rigorosíssimas contas.<sup>140</sup>

Como se vê, a chegada de um missionário protestante no sertão logo alvoroçava o clero católico, que corria para combater “o veneno de sua doutrina”. Mesmo sofrendo refutação dos teólogos e censura eclesiástica, o autor do panfleto acredita que a fé reformada ainda conseguia “enganar muitos

---

<sup>139</sup> Nas palavras de um deles, a “semente germinou, e a Igreja cresceu, porque Deus abençoou a sementeira” (CORTEZ, 1965, p. 40).

<sup>140</sup> “Aos catholicos de Aracaty”, folheto do vigário, Pe. Manoel Pacheco, S. J. Aracati, 26 de setembro de 1935. In: PEREIRA FILHO, 2010, p. 61.

ignorantes”. Nesse mesmo documento, o padre acusa a maçonaria de Aracati de andar “de mãos dadas com o protestantismo”, não por relações mantidas entre eles, mas em função do irritante liberalismo que a maçonaria insistia em propagar e que seria um ponto de intercessão entre a doutrina reformada e a sociedade secreta.

Outra forma de acusar os protestantes era associá-los ao comunismo, pois dessa forma eles poderiam ser presos. A experiência do Pr. Pedro Freire de Brito, que começou como missionário em meados da década de 1930, perambulando pelos sertões cearenses, é exemplo dessa política de “colar rótulos” nos inimigos da Igreja Católica:

Eu fui preso várias vezes, ameaçado de açoites e morte. Passei detido no quartel da polícia em Baturité 36 horas, ali interrogado pelo capitão de polícia, me acusando de comunista e perturbador. Deu lugar a eu fazer a minha defesa e do evangelho dizendo-lhe que eu era pregador do evangelho e não comunista... Preso pelo mesmo capitão viajei para Fortaleza com seis companheiros escoltados como comunistas e perturbadores. Chegando a Fortaleza, na praça da estação fomos em direção a Delegacia Auxiliar, vizinha a antiga prefeitura: atravessamos aquelas ruas escoltados por soldados de um lado e outro e como estávamos engravatados isso chamava a atenção das pessoas.

Ali fomos encarcerados com criminosos e ladrões, também ali contemplei tantas misérias, mas Deus me deu graça para eu pregar para aquele pobre povo. Não perdi tempo durante 26 ou 27 horas que passei detido naquele cárcere.

Sendo ouvido pelo Dr. Hugo, delegado regional a mandado do secretário de segurança Cordeiro Neto, disse-me que eu me ausentasse e aguardasse ordem para pregar o evangelho em São Sebastião de Panelas.

No fim de dezembro de 1936 com ordem do secretário de segurança para pregar culto religioso acompanhado pela polícia, vim a São Sebastião dirigir um culto. A princípio ocorreu em paz, mas depois que a polícia foi embora, estando eu reunido com os crentes – dirigindo o culto, entraram na sala 25 homens alcoolizados, armados de revólveres, facas e grossos cacetes. Logo usaram das armas e ali houve balaço mortal, grandes facadas, cabeças partidas a cacete, vários ferimentos e muito sangue derramado.

Foi o maior barulho que já vi. Alguns fugiram. Não houve fuga pra mim, pois estava cercado de inimigos... Três homens com três grandes facas se dirigiram a mim e eu disse: “Ah! Senhor, chegou a minha hora, tem misericórdia de mim”. Ali, me defendia com um tamborete de couro que recebeu 12 facadas que atravessaram de um lado para o outro. Ao mesmo tempo outros homens com cacetes me espancavam barbaramente, derramando o meu sangue. Sem mais resistir, caído no chão, eles ainda me espancaram e me deixaram quase morto.<sup>141</sup>

Para o autor do documento, acusar os protestantes de comunistas e “perturbadores da ordem” era uma tática recorrente para manter os inimigos encarcerados e silenciados. Não funcionou muito com o missionário Brito, que conseguiu uma ordem oficial para pregar numa localidade no meio do sertão,

---

<sup>141</sup> BRITO, Pedro Freire de [Reverendo, pastor]. **Autobiografia**. Morada Nova, 22 de outubro de 1972, p. 3-5 (mimeo).

onde dificilmente passaria um padre. Mas, na mentalidade da Igreja da época, era preferível o povo não ter assistência religiosa do que recebê-la dos “hereges”. Nota-se também que, nesse caso específico, os insurgentes contra os protestantes não foram arregimentados por um clérigo. Agiram como tal por estarem alcoolizados, coisa que não o fariam se estivessem sóbrios, assim deixa implícito o depoente.

Segundo as fontes, os missionários que peregrinaram pelo sertão seguiam quase sempre de Fortaleza para o interior, deixando a “semente” no coração de alguns e inaugurando a pregação reformada no semiárido.<sup>142</sup> O primeiro protestante do Vale do Jaguaribe teria sido Francisco Nogueira de Queiroz, migrante cearense que, fugindo da seca de 1915, mudou para a região Norte, convertendo-se lá ao pentecostalismo da Assembleia de Deus, igreja fundada em 1911, em Belém do Pará. Em retorno à terra natal, Riacho Santa Rosa, município de Morada Nova, em 1922, depois de uma temporada em Fortaleza, o Sr. Chico Nogueira voltou a ocupar a fazenda da família que, como flagelado, abandonara em 1915. Lá, passou a viver uma fé reformada um tanto subterrânea. Mesmo que se posicionasse como “crente” para o povo, ninguém sabia ao certo o que isso significava (CAVALCANTE [M. L.], 2004). Aos poucos, o converso se transmuta em missionário e começa a falar para os conterrâneos, tentando explicar em palavras simples o que significava abraçar a nova fé.

Em 1926, a Assembleia de Deus do Pará enviou missionários para fundar um trabalho protestante em Morada Nova, muito em função do retorno do jaguaribano a sua terra natal. O primeiro culto reformado teria sido realizado em 04 de novembro daquele ano, tendo se convertido à nova fé, na ocasião, vinte e sete pessoas. Segundo a historiadora Maria Lucineide Cavalcante (2004), aconteceu essa “colheita” de neófitos porque Chico Nogueira havia pregado que “o Deus dos crentes cura os enfermos”, tendo ele mesmo orado por um garoto que sarara depois da prece. O povo tratou de espalhar a “notícia do milagre” e assim a audiência do culto reformado aumentou. O desejo dos missionários em “ganhar almas” se manifestava em fazer quase tudo diferente

---

<sup>142</sup> Nessa época, segundo o documento da nota anterior, quase sempre os cultos eram “apedrejados e provocados por homens ímpios ameaçando faca e bala”.

dos seguidores do papa. Como se disse, nem mesmo a Igreja Católica conseguiu chegar adequadamente aos rincões do sertão. Por isso, acredito que o amparo espiritual trazido pelos protestantes aos sertanejos explicaria, em boa parte, a gradativa aceitação da doutrina reformada na região jaguaribana. Mesmo assim, a nova fé não se firmou sem oposição, sobretudo de clérigos:

Quando a crença chegou aqui eu tinha 12 anos. Os primeiros cultos eu tive de participar, eram muito bons. Eles [os missionários] vinham todos bem vestidos e testificando, pregavam e começou a ter crente desse tempo para cá. As pessoas do lugar, de primeiro, não gostavam da crença [protestante]. Eles [os católicos] tinham essa encrenca com os crentes, queriam acabar com a lei. Aí eles vieram pra ver se acabava, mas não puderam. Ficaram sempre perseguindo, diversas vezes eles açoitaram [crentes] na Barra... Foi ali... Eles queriam acabar, pra não haver crente aqui, mas nunca houve morte.<sup>143</sup>

Portanto, mesmo se confrontando com o plano do arcebispo – criar a diocese no Jaguaribe para instaurar o combate ao protestantismo –, a fé evangélica encontrou “corações abertos” no Vale. Não sem antes resistir ao catolicismo, configurando assim um processo lento e demorado que, agregando pontuais e espaçadas vitórias, acabaria por abalar definitivamente a hegemonia da Igreja Católica na região.

### 1.5 O plano do bispo: combate à secularização

Um conceito que perpassa, de forma recorrente, os textos do primeiro bispo de Limoeiro é o de secularização, também chamada por ele de “mundanismo”, “neopaganismo”, “paganismo renascente”, “impiedade moderna”, dentre outros termos. Estudiosos como Giacomo Marramao (1997) acreditam que a ampliação do conceito de filosofia da história acabou por tornar *secularização* um termo difuso, indeterminado e controverso, exigindo mesmo um estudo de gênese para tentar contornar a extensão semântica dessa expressão.<sup>144</sup> Eric Hobsbawm (2000) também admite a secularização do mundo moderno como um problema complexo e de difícil manejo.<sup>145</sup> Mesmo

---

<sup>143</sup> BRITO, Antônio Crispiano de. Entrevista, 1998. In: CAVALCANTE, Maria Lucineide. **As Boas Novas em Morada Nova**: protestantismo no interior do Ceará (1955-1972). Monografia, Universidade Estadual do Ceará. Limoeiro do Norte, 2004, p. 49.

<sup>144</sup> Para um estudo específico sobre isso, ver: MARRAMAIO, Giacomo. **Céu e terra**: genealogia da secularização. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

<sup>145</sup> Sobre as dificuldades no manejo do conceito “secularização”, ver: GLASNER, Peter E. **The sociology of secularization**: a critique of a concept. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1977. Esse autor considera a secularização um fenômeno multifacetado, com diversas tipologias, segundo as diferentes definições de religião (institucional, normativa e cognitiva).

assim, ele fornece indícios de seus sintomas, dentre os mais evidentes: a falência das corporações religiosas, com a redução de filiação, e o gradativo declínio de participação em ritos e atividades, quando tais organizações teriam sido criadas para a imersão ou o comprometimento do fiel no corpo místico da Igreja. Exemplos desses sintomas secularizantes seriam o casamento civil e o enterro fora do controle clerical. Não obstante o poder de demolição desse fenômeno na Europa, o historiador inglês nota que muitos dos feriados religiosos “sobreviveram incólumes à secularização”, mesmo que transformados em festividades familiares ou reinterpretados ideologicamente (HOBSBAWM, 2000, p. 59), realidade que se aplica também ao Brasil.

Quase sempre, a dificuldade de manejo do termo se explica por sua abrangência conceitual, bem como por sua flexibilidade argumentativa:

Interpretada ora em termos de *descristianização* (ou seja, de ruptura e profanação modernas dos princípios da *Christianitas*), ora em termos de *dessacralização* (cujo núcleo essencial, ao invés, estaria já presente desde as origens na mensagem cristã de salvação), a categoria de secularização foi capaz de fornecer munição argumentativa tanto à crítica cristã quanto à crítica anticristã da civilização. [...] Pôde enfim servir igualmente bem... para formular um juízo seja otimista seja pessimista do presente (MARRAMAO, 1997, p. 16).

Exatamente por se distanciar de um esperado sentido monolítico, o conceito *secularização* foi operacionalizado de formas diferentes no século XX, levando um estudioso a dizer que o melhor seria prescindir dele, em razão das confusões criadas (MARTIN, 1978). Acredito, como Karel Dobbelaere (1994), que o mais sensato seria considerar o conceito um prisma, com as diversas cores representando as múltiplas definições de religião que estão em seu substrato e mesmo as limitações dos métodos que se propuseram analisá-lo:

Secularización, como un concepto sensibilizante, es multi-dimensional. En primer lugar, secularización significa *laicización*, y hace referencia a un proceso de diferenciación: se desarrollan instituciones que realizan diferentes funciones y son estructuralmente diferentes. La religión se convierte en una institución junto con otras instituciones y pierde su pretensión globalizante (DOBBELAERE, 1994, p. 8).

Neste trabalho, o termo *secularização* é entendido mais como um recorte de transição da religião de sua atuação pública para a esfera privada, gerando um deslocamento do sagrado no espaço social. A transferência do poder religioso da valência objetiva para a subjetiva promoveu uma mudança “de dentro para fora”, ou seja, a religião passou a ser vista como “uma das

diversas interpretações de vida que o indivíduo tem a seu dispor” (PAIVA, 2003, p. 24), não a única, não mais a versão imperativa/impositiva. Nesse sentido, a *secularização* admite uma mobilidade no espaço-tempo, o que significa dizer que seu triunfo na zona jaguaribana se deu décadas depois de outras regiões do Brasil. Admitindo que tenha existido na História um momento ou um ponto específico em que essa situação estivesse invertida, a secularização necessariamente implica uma profunda perda do significado social que o pensamento, a prática e a própria instituição da Igreja tiveram sobre as vidas (WILSON, 1966). A tese de Ivan Manuel (2004) admite que a Idade Média seja aquele ponto. Também seria o medievo o “lado certo” para o qual a Igreja desejava, sobretudo durante a vigência do ultramontanismo, atrair o pêndulo da História, fugindo assim do “lado errado” ou oposto daquele: uma sociedade secularizada em tudo.

A documentação deixada pelo primeiro bispo de Limoeiro, dom Aureliano Matos, aponta na direção de um homem inteiramente inserido na formação ultramontana,<sup>146</sup> discípulo que foi de dom Manuel da Silva Gomes, arcebispo cuja carreira eclesiástica foi toda pautada no centralismo romano, modelo então assimilado pelo pupilo. Nesse sentido, o projeto do prelado jaguaribano alinha-se à intenção de resguardar a região jaguaribana das investidas da secularização, instituindo na sede uma espécie de “tabernáculo da fé”, ou seja, um polo exemplar de pureza católica e centro aglutinador da religião. A leitura atenta da primeira Carta Pastoral de dom Aureliano, bem como das demais, permite concluir que ele tinha um bom conhecimento da Bíblia Sagrada, certamente adquirido durante o curso teológico no Seminário da Prainha (Fortaleza-CE), e também um bom domínio de figuras de linguagem, por certo aprendidas nas aulas de língua vernácula. Trechos bíblicos e exposições apologéticas se misturam a metáforas e a outras figuras de estilo para compor um rico e interessante conjunto de textos. Como se disse, o projeto do bispo para a zona do Jaguaribe era promover a sede Limoeiro como centro de referência espiritual e social, bem como modelo de cidade modernizada e ao mesmo tempo preservada da secularização. Limoeiro deveria se transformar, assim, numa espécie de tabernáculo de fé e vitalidade

---

<sup>146</sup> Para um perfil biográfico completo de dom Aureliano Matos, ver Apêndices, no final do volume.

cristã, um ponto de magnetismo religioso que atraísse as demais cidades do bispado e infundisse nelas uma vontade de imitar a sede, transformada numa espécie de tabernáculo de Deus no semiárido jaguaribano.

O tabernáculo que o bispo tinha em mente era algo compatível com o modelo mosaico, isto é, aquele construído por Moisés no deserto (ver Figuras 04 e 05),<sup>147</sup> durante a peregrinação do povo hebreu rumo à terra prometida, depois da tumultuada saída do Egito, onde o povo estivera debaixo do “chicote do faraó”. Esse santuário montado no deserto não somente atraía o povo a um centro de fé, como ele mesmo concentrava toda a ritualística do judaísmo, num patente demonstração de coesão da religião do povo hebreu. Na constituição do cristianismo, diversas figuras e simbologias foram assimiladas do judaísmo, o que explica a cosmovisão cristã ter adotado o tabernáculo e seus utensílios como tipologias aplicáveis à teologia neotestamentária (ALMEIDA, 1995). Essa mentalidade, repassada nos seminários católicos, fundamenta o projeto do bispo de Limoeiro. Assim como o tabernáculo era o centro de fé que atraía o acampamento do povo ao lugar onde Deus se fazia representar pelo sumo sacerdote Arão, dom Aureliano esperava que a sede episcopal também atraísse a todos, firmando a tradição católica na região, aparando os excessos contrários aos preceitos da Sé Romana e protegendo a região das influências da secularização, considerado veneno para a fé cristã.

O tabernáculo do povo hebreu, diz o Pentateuco, foi construído seguindo detalhado modelo ditado por Deus a Moisés, constituído basicamente de átrio ou pátio, onde animais eram sacrificados em favor do povo, e tabernáculo propriamente dito, na verdade, uma tenda alta dividida em duas partes, onde foram postos utensílios para o rito mosaico e a arca da aliança, símbolo da presença de Deus entre o povo. O tabernáculo, aos olhos de um estrangeiro, seria definido apenas como uma “barraca móvel”, mas para os israelitas, era o “lugar de encontro provisório entre Deus e o seu povo” (KENDALL, 2007, p. 184). De fato, em comparação com os ricos e ornamentados templos dos

---

<sup>147</sup> Uma imagem sucinta do tabernáculo de Moisés: “tenda desmontável de cento e quarenta côvados de comprimento por oito de largura, feita de linho fino retorcido, tingido nas cores jacinto, púrpura e escarlata, ornada com vários bordados, ligadas por cordões de jacinto, passados em argolas de ouro, cobertas com quatro camadas de peles de cabra e de carneiro, umas tintas na cor vermelha outras na cor roxa” (ANATALINO, 2010, p. 115).

outros povos, o tabernáculo hebreu era bem simples: quatro colunas principais sustentando um teto de tecido e peles de animais. Como o povo estava em peregrinação, era imprescindível que o tabernáculo fosse desmontável, o que justifica, em parte, sua simplicidade. Foi também Moisés quem supervisionou a construção do tabernáculo, além de consagrá-lo a Jeová e ordenar “Arão e seus filhos como sacerdotes” (METZGER e COOGAN, 2002, p. 204).<sup>148</sup>

O tabernáculo concebido por dom Aureliano, não obstante uma construção inteiramente mentalista ou simbólica, também guardava similitudes com o modelo hebreu. O Vale do Jaguaribe, à semelhança do deserto vencido por Israel, era um lugar onde a vida transcorria sem comodidades, onde faltava água durante as estiagens e havia privações de toda espécie, resultado de séculos de abandono do poder público, que nunca quis “investir” numa zona de instabilidade climática. A despeito das adversidades, lá residia um povo, assim como o hebreu, cuja fé em Deus necessitava de atenção e vigilância. Essa conjuntura vem à tona já no primeiro texto escrito por dom Aureliano Matos como bispo, a carta pastoral “Saudando a seus diocesanos”,<sup>149</sup> distribuída no mesmo dia de sua sagração. Por considerar esse documento essencial para a apreensão do pensamento do bispo, faço uma breve descrição de seu conteúdo. Nele, o recém-entronizado saúda com “afeição e amizade” seu rebanho, considerado por ele a única e absoluta preocupação daqueles dias.

Com quanto separados de vós pela distancia e pelo ministério, como Paroco em longínqua freguezia, nós bem poderíamos dizer que sempre estivemos unidos a vós, não só ethnicamente, como filhos que somos desta vasta região intertropical, o Ceará, mas, sobretudo, pelos sofrimentos, nestes últimos anos, em que quasi toda esta Diocese foi impiedosamente assolada pela malaria (p. 3).

Como se vê, o eleito de Roma inicia sua missiva usando de empatia para com seus apascentados, identificando-se com eles como etnia tropical e como povo sofrido, recentemente assolado por um surto de malária que

---

<sup>148</sup> A ritualística de ordenação dos padres católicos é toda inspirada na ordenação de Arão e de seus filhos como sacerdotes do rito mosaico (ver Figura 05). O símbolo essencial desse ritual, a imposição de mãos sobre o noviço, só pode ser feita pelo bispo e por outros padres já ordenados. Sobre isso, ver: COZZENS, Donald. **A fé que ousa falar**. São Paulo: Loyola, 2006. Em seus 27 anos de bispado, dom Aureliano ordenou quase duas dezenas de cearenses como padres e pelo menos três bispos.

<sup>149</sup> MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **Carta Pastoral (primeira)**: Saudando a seus diocesanos. [s.n.], 1940, 14 p. Nessa carta, o bispo se confessa “esmagado e confundido com a elevação a tão alta dignidade episcopal” (p. 3). Todas as citações a seguir são desse documento. Para evitar repetência de notas, optei por indicar apenas o número da página depois da citação.



ameaçou seriamente a população da região.<sup>150</sup> Assim, o prelado se dizia ciente de que viera inaugurar seu episcopado em “dias sombrios”, não em “dias áureos”. O “calvário do povo”, ainda fresco na memória, levava o bispo a manifestar “satisfação de ajudar [o povo] a sofrer”, realizando isso de duas formas: pregando a “consoladora Palavra de Deus” e trabalhando para o “soerguimento moral” das ovelhas, rezando juntamente com o “povo que se a habituou a prostrar-se diante de Deus”. Não obstante, o bispo diz que encontrou os “campos cobertos de riquezas” (certamente pensando na cera de carnaúba) e os “lares livres dos dias amargurados” (do surto de malária). Marcando sua posição como representante de uma instituição que encontrava justificativa do penar humano no mundo transcendente, o prelado sugere que aquele surto possa ter sido um “tributo que a Providência” cobrou de Limoeiro pelo “presente” de sediar a diocese jaguaribana.<sup>151</sup> Depois da tempestade, a bonança: “E no farfalhar dos vossos carnaubais ouve-se um hino de ação de graças por tão prestimosa dádiva” (p. 4).

Dom Aureliano faz rápido histórico de suas passagens pelas cidades de Itapipoca, cujo povo o presenteou com o crucifixo episcopal que trazia ao peito; Uruburetama, onde ele permaneceu dez anos; e Pentecostes, onde desenvolveu as “primícias” de seu sacerdócio. Logo em seguida, abre um agradecimento ao arcebispo metropolitano que o indicou ao episcopado.<sup>152</sup> Também tece agradecimentos aos prelados dom José Tupinambá da Frota (Sobral-CE) e dom Francisco de Assis Pires (Crato-CE), consagrantes em sua cerimônia de ordenação episcopal, além de dom Jaime de Barros Câmara (Mossoró-RN) e dom João da Mata Andrade e Amaral (Cajazeiras-PB), convidados especiais. Assim, espelhando-se em “colegas de acrisoladas virtudes”, esperava empunhar o báculo de bispo “sem as vacilações da timidez

---

<sup>150</sup> A leitura de matérias de *O Nordeste*, somente no mês de julho de 1938, deixa transparecer que a situação era alarmante, mesmo em Limoeiro, futura sede episcopal. Sobre a epidemia de malária no Ceará, nesse período, ver: SILVA, Gláubia Cristiane Arruda. **Epidemia de malária no Ceará: enredos de vidas, mortes e sentidos políticos (1937-1942)**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

<sup>151</sup> A mentalidade de que Deus “cobra tributos” do ser humano por meio de desarranjos na natureza (tempestades, secas etc.) ou no corpo (doenças, deformações etc.) se sedimentou na Idade Média, quando a Igreja Católica exerceu sua hegemonia punindo os corpos na fogueira da Inquisição. Sobre isso, ver o recente estudo do medievo de: LE GOFF, Jacques. **Para uma outra Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

<sup>152</sup> O bispo imputa a dom Manuel da Silva Gomes mais o “pulsar do coração amigo” do que o “peso do cajado de sua autoridade” (p. 5).

e sem os excessos da autoridade” (p. 5). Tecendo algumas proposições sobre o projeto – chamado por ele de “programa” – que concebera para sua diocese, admite que, porque ainda não tivera tempo de tomar ciência dos problemas e peculiaridades da divisão eclesiástica jaguaribana, não o poderia fazer minuciosamente, apesar de reconhecer que a missão de todos os bispos era uma só: ser semelhante ao Cristo e, como ele, promover o bem entre os povos. Assim, o prelado deixa claro que não trazia “novidades”, já que viera “apenas trabalhar entre vós e convosco, para que, cumprindo-se a missão de Cristo, nesta Diocese, venham para ela abundantes frutos de salvação” (p. 6). O projeto episcopal de dom Aureliano, segundo suas palavras, estava todo embasado no tripé doutrina, trabalho e oração. Isso implicava a constituição de uma estrutura espiritual, mentalista, fundamentando decisões e impondo diretrizes para a plena realização de um plano maior, o domínio da paz entre o povo jaguaribano. Paz era um valor escasso no mundo de então, sobretudo na Europa combalida pela Segunda Guerra Mundial. Um vislumbre do “tufão horrível da guerra” perpassa a mente do bispo e o faz distribuir uma benção de paz ao seu novo rebanho, ressaltando, todavia, que “possuiremos a paz quando amarmos e, pontualmente, observarmos a lei do Senhor” (p. 7).

O ponto culminante da carta de dom Aureliano é a tese de que o grande problema que afligia o mundo de então, ou a “maior necessidade para os tempos que correm”, seria a lacuna no coração do ser humano, somente preenchida pelo Cristo. O Nazareno é apontado como “solução de todos os problemas da vida presente e futura”, razão pela qual o bispo crê que os cristãos primitivos eram mais felizes e plenos que os homens modernos, exatamente porque conheciam Jesus melhor, não obstante carecessem dos “conhecimentos científicos” e do “conforto trazido pelas descobertas modernas”. Tal aparato, bem conhecido pelo homem moderno, não lhe proporcionara um mundo melhor.<sup>153</sup> Aturdido diante de um mundo conturbado, o homem deveria se conscientizar de que ainda faltava algo. Fazer com que o

---

<sup>153</sup> Sobre isso, o bispo escreve: “Tanta luz e tantas trevas; tanta força e tanta fraqueza; tanto progresso e tanto atraso; tanta riqueza e tanta pobreza; tanta alegria e tanto sofrimento. Tudo sob o domínio do homem – a terra, o mar, os ares, parecendo que nunca o homem foi tão rei da criação quanto agora. No entanto, nota-se que não é feliz. Grande desassossego o domina.” In: MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **Carta Pastoral (primeira)**: Saudando a seus diocesanos. [s.n.], 1940, p. 7.

Filho de Deus, o Jesus que os cristãos primevos conheceram, reinasse no coração de seus apascentados aparece na carta como a diretriz do projeto do bispo. A mesma simplicidade que conduzira aqueles primeiros cristãos deveria nortear também a vida dos jaguaribanos, que assim deveriam viver sem o apego exagerado aos bens da modernidade. Nesse sentido, esse povo até poderia tomar conhecimento dos avanços científicos e das “invenções modernas”, mas não deveria pôr neles o seu coração. Enfim, não deveria ficar fascinado com as asas que permitiam um voo altaneiro, para voltar à metáfora de Ícaro, pois as mesmas asas que conduziam ao céu, promovendo a libertação do labirinto, podiam ser derretidas pelo sol da verdade, conduzindo à trágica queda fatal. E esse fim, o ser humano “atônito” e “sem saída para as questões vitais”, não era o que ele desejava para os seus diocesanos.

O bispo aponta três categorias sociais – a família, a criança e a juventude – para deixar mensagens especiais, já que seriam essas classes que mereceriam atenção do prelado em seus primeiros anos de bispado. À primeira delas, a família, a “base da sociedade”, o bispo dirige sua pena episcopal para admoestar marido e esposa a cultivarem um lar cristão pautado não na “lustração da inteligência”, mas sim na “formação do coração, da vontade, do caráter” dos pais, um aprendizado só disponível na “escola de Cristo”. Um dos grandes males da civilização moderna, segundo o prelado, teria sido o esfacelamento do lar pelo trabalho feminino fora de casa. No momento em que a esposa/mãe deixa o “lar onde tem o seu trono de rainha” e passa a transitar pelas avenidas e fábricas, em busca de empregos, naquela que se tornara uma “sociedade paganizada” (p. 8), a própria existência da família estaria ameaçada.<sup>154</sup> Considera os filhos o “prêmio do amor matrimonial”, reproduzindo o pensamento oficial da Igreja de que o “fim primordial” do casamento era a procriação. As crianças são postas como símbolo de pureza ou modelo a ser seguido para “herdar o reino de Deus”. Por isso, o bispo questiona o sexo fora do casamento, considerado um “desrespeito à dignidade e à santidade” dessa instituição e, sobretudo, o aborto, uma “guerra movida à criança antes mesmo de seu nascimento”. Também chama a atenção daqueles

---

<sup>154</sup> Esse assunto voltará a ser discutido ao longo da tese, quando discorro sobre o papel da mulher durante a execução do projeto do bispo e no momento de seu esfacelamento.

pais católicos preocupados somente em tornar os filhos “fortes e robustos de corpo”, desprezando o “fortalecimento da alma”:

“Que os paes cumpram fielmente este grave dever da instrução religiosa dos filhos, para que possam assegurar a sua salvação, pois... ainda que os paes tenham vida devota, ocupem-se sempre da oração e comungem todos os dias, não se salvarão se abandonarem a educação cristã de seus filhos” (p. 9).

A responsabilidade dos pais, nessa interpretação, é grave e reverberante para a vida eterna. Para seu pleno sucesso, o bispo propõe o ensino do catecismo, a “maior necessidade espiritual do Brasil”. Se a criança não fosse educada nos princípios da região, no futuro não se tornaria uma “atalaia na defesa das tradições cristãs”, o que comprometeria “a glória, a segurança e a salvação da Pátria”.

A educação religiosa era considerada a própria redenção do Brasil, o que explica, por um lado, o investimento gasto em escolas e no Seminário Diocesano e, por outro, oculta a intenção de manter as almas atreladas ao catolicismo conservador.<sup>155</sup> O bispo se diz preocupado com o futuro do Brasil, representado pela juventude, segmento a quem dirige seu maior anseio como “pastor de almas”. Segundo dom Aureliano, durante a puberdade o ser humano sofreria uma “forte crise no físico e na moral”, chamada por ele de “rebelião dos sentidos”. Isso tornaria o adolescente um “barco que reclama hábil piloto para atravessar o oceano proceloso da vida”. Para ele, somente a doutrina cristã, os “clarões do Santo Evangelho”, daria segurança para atravessar o tormentoso mar, ou seja, para superar os desgovernos do instinto ou da “natureza” (o poder fazer), da inteligência (o saber fazer) e da vontade (o querer fazer), naus facilmente conduzidas pela libido (o “prazer sem limites”).<sup>156</sup> O moço moderno só conseguiria “acalmar as tempestades do coração”, “dissipar as trevas da inteligência” e “domar as rebeldias dos sentidos” (p. 10) com a ajuda do Cristo, o “protetor da juventude”. Se o jovem tivesse Jesus como modelo, nele brilhariam seis virtudes consideradas indispensáveis à vida: a obediência às autoridades instituídas; o amor ao trabalho, tal como o Cristo carpinteiro; a

---

<sup>155</sup> Sobre educação religiosa pautada no ultramontanismo, ver: MANOEL, Ivan A. **Igreja e educação feminina (1859-1919)**: uma face do conservadorismo. Maringá: EDUEM, 2008.

<sup>156</sup> Desde a Idade Média, a Igreja via na libido um poder que despertava medo e que, quase sempre, acarretava violência. Esse medo parece persistir na atualidade. Para um paralelo de comparação entre os medos medievais e os medos contemporâneos ver: DUBY, Georges. **Ano 1000, ano 2000**: na pista de nossos medos. São Paulo: Editora UNESP e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

pureza moral e sexual; a humildade; a constância e o patriotismo ou amor à Pátria. Como se vê, o modelo ultramontano era posto como ideal de vida do povo jaguaribano, representado aqui pelos moços.

Diante da situação do mundo moderno – estremecido pela guerra, a “tempestade que se desencadeou” e saturado de irreligiosidade, o “gérmen da dissolução”, – o bispo apela, seguindo o exemplo dos papas, à boa vontade do clero e das “reservas católicas” no sentido de organizar uma “defesa eficiente”, “na altura do ataque”, defesa da fé e da moral católica, e também uma “ofensiva eficaz” para conter ou dissipar a onda de “mundanismo” que ameaçava o mundo cristão, dentro do qual se inseria o bispado de Limoeiro. Para tal, aponta como caminho a organização, na região jaguaribana, da Ação Católica, chamada por ele de “remédio na proporção do mal”. Ao instalar um sólio no Jaguaribe, a Igreja Católica esperava consolidar seu secular domínio sobre as almas. Nesse sentido, a criação dessa prelazia deixava em oculto seu verdadeiro propósito: deter a inserção do protestantismo na região, numa intransigente defesa da fé católica. O “mal” mencionado era a “ousadia dos filhos de Lutero”, ou seja, a ação do proselitismo reformado no Ceará, desafio que vinha inquietando a Elite eclesiástica desde meados dos anos de 1930.

No início da década de 1940, quando o bispo chegou a Limoeiro, denominações como a Igreja Batista ainda estavam se consolidando no Ceará, paulatinamente. Somente depois de fortalecidas, mediante a evangelização do litoral, onde estava a capital, essas missões se expandiriam rumo ao sertão, buscando assim “ganhar almas” e preencher a “brecha” deixada pela Igreja Católica (de amparo espiritual) e pelo Estado (de amparo material). Durante aquela década, o jornal *O Nordeste* acompanhou o declarado combate da Igreja Católica contra as tentativas de avanço dos missionários protestantes no Estado. Em 1940, um mês antes da sagração de dom Aureliano, aparecera em Fortaleza o pastor adventista Gustavo Storch, fazendo uma série de conferências na Associação dos Choferes. Um jornalista foi assistir e encontrou

um auditório de cerca de uma centena de pessoas, na grande maioria das classes mais humildes do nosso povo. Contavam-se a dedo os assistentes a que se pudesse dar o nome de intelectuais. Faltava mesmo, ali, boa parte da nata do Reformismo no Ceará.<sup>157</sup>

---

<sup>157</sup> *O Nordeste*, 28 de agosto de 1940, p. 1.

Pautando-se em certo preconceito social, ao afirmar que somente as “classes mais humildes” foram ouvir a palestra, o jornalista católico procura desmontar a argumentação do pastor. Chega a ironizar o “caradurismo” do adventista, que procurara “embrenhar-se meticulosamente nos cipoais do Apocalipse para provar a existência, a finalidade e até a residência do Diabo”.<sup>158</sup> No dia seguinte a esta matéria, o jornal publicaria uma nota comunicando que era proibido ao povo católico assistir às conferências do Pr. Storch, não apenas por ser ele protestante, mas por mentir que faria palestras sobre saúde e educação quando, o que fazia de fato era proselitismo adventista. O pastor é considerado um farsante.<sup>159</sup> Quase um mês depois, o jornal vai celebrar o recebimento de uma nota – apondo em letras garrafais a manchete: “Protestantes ‘versus’ Protestantes!” – na qual os pastores de outras denominações evangélicas refutavam as conferências do adventista, considerando que ele estava “barafundando as coisas”. Para contrapor-se aos ensinamentos de Storch, foram organizadas outras conferências, no final de setembro, no templo da Igreja Presbiteriana de Fortaleza, a mais antiga do Ceará, como se viu. Convocavam-se todos os membros das igrejas reformadas da cidade e os curiosos, “especialmente aos que desejarem esclarecimentos sobre os pontos controvertidos e chocantes apresentados pelos sabatistas”.<sup>160</sup> Nos primórdios de sua inserção no Brasil, os diversos ramos do protestantismo procuraram enfatizar apenas a “mensagem do Evangelho”, não dando ênfase às denominações nem levantando divergências doutrinárias. Todavia, diante de interpretações teológicas vagas e “afrontosas”, como eram consideradas as adventistas, os missionários renegavam que a vertente “discordante” pertencia ao protestantismo histórico, o que, nesse caso, era verdade. Diante de “pagãos” e de católicos doutrinados séculos a fio, era imprescindível que o protestantismo aparecesse como um bloco teologicamente monolítico, que oferecesse uma só mensagem de esperança:

---

<sup>158</sup> Idem.

<sup>159</sup> *O Nordeste*, 29 de agosto de 1940, p. 1. Diz a nota: “Este é, pois, atualmente, um lugar proibido a quem quer que se préze da sua fé católica. Aos outros, os indiferentes, ou curiosos, um ensejo para cochilar horivelmente ou sair de lá com raiva do lôgro”.

<sup>160</sup> *O Nordeste*, 25 de setembro de 1940, p. 1. O jornal católico nunca publicava notas dos protestantes ou destinadas a eles, mas abriu uma exceção somente porque o caso lhe interessava, ou seja, compactuava na desmoralização das palestras adventistas.

Se em outras áreas missionárias a multiplicidade de estranhas religiões tinha de ser vencida, na América Latina o inimigo a ser enfrentado era a presença vasta de um ramo do cristianismo implantado pelo conquistador e colonizador, solidamente instalado em todos os segmentos da sociedade, e ainda intimamente ligado ao poder político. Era o velho e conhecido inimigo da Reforma que importava vencer novamente [o catolicismo]. Contra um inimigo poderoso, nada melhor que uma coligação (MENDONÇA, 2008, p. 289).

Assim, a década de 1940 prosseguiria com o jornal católico denunciando a divulgação de literatura adventista na cidade, como o livro *O conflito dos séculos*, e as revistas *O Atalaia* e *Vida e Saúde*.<sup>161</sup> Uma acusação recorrente, denunciada pelo periódico, era a “mania” dos protestantes de se acharem “donos” da Bíblia ou seus “legítimos intérpretes”.<sup>162</sup> Imbuído de preconceito social, o diário também punha em xeque a fé de algum católico que se tornasse protestante.<sup>163</sup> Essa era uma forma parcial e questionável de “atacar” o inimigo que começava a ganhar terreno, ocultando o fato de que diversos sacerdotes católicos, nessa mesma época, no mundo, abandonaram a batina para abraçarem a fé reformada, alguns deles se tornando ministros protestantes.<sup>164</sup> No interior, nos anos de 1940, o crescimento dos protestantes foi ainda tímido. No município de Limoeiro, por exemplo, segundo dados do IBGE, em 1940 existiam apenas quarenta e um protestantes (19 homens, incluindo oito adolescentes, e 22 mulheres, incluindo oito meninas e três adolescentes),<sup>165</sup> e em 1950 os números chegavam a cento e oitenta e quatro (91 homens e 93 mulheres).<sup>166</sup> Excluindo-se o número de crianças e adolescentes, filhos de casais protestantes, tem-se um crescimento pouco expressivo, ocorrido mais em comunidades rurais distantes do distrito-sede, onde reinava o bispo.

Assim, os que abraçaram a fé reformada, em Limoeiro, só conseguiram construir seu primeiro templo vinte anos depois da chegada do bispo, o que

---

<sup>161</sup> Sobre esse material, diz: “Não obstante a encantadora encadernação da obra em apreço e os conselhos higienicos e receitas bromatologicas do magazine, fique todos de sobreaviso que [as] ditas publicações são protestantes”. *O Nordeste*, 19 de fevereiro de 1941, p. 1 e 8.

<sup>162</sup> *O Nordeste*, 29 de setembro de 1941, p. 5.

<sup>163</sup> Diz o jornal: “Na Inglaterra, na Alemanha, nos Estados Unidos são os protestantes mais instruídos que se tornam católicos. No Brasil são os católicos mais ignorantes que se fazem protestantes”. *O Nordeste*, 29 de julho de 1942, p. 1. Frase atribuída a dom Manuel Nunes Coelho.

<sup>164</sup> Cf. MARTINS, Syr. **Por que deixamos a batina?** 4. Ed. São Paulo: Edição do Autor, 1988.

<sup>165</sup> Total da população: 28.140, sendo 13.809 homens e 14.331 mulheres. Adultos que se declararam protestantes: seis homens e seis mulheres. Suponho que se trata de apenas três casais protestantes e dezenove crianças e adolescentes, somados os filhos desses casais.

<sup>166</sup> Total da população: 37.269, sendo 18.414 homens e 18.855 mulheres. O Censo daquele ano não especificou a idade das pessoas, o que tornou inviável a comparação com os dados do Censo anterior. Mesmo assim, pode-se supor que ao menos 30% dos declarados protestantes eram crianças e adolescentes, filhos de casais que professavam a fé reformada.

indica crescimento paulatino diante da frente antiprotestante de dom Aureliano. Mesmo em cidades vizinhas onde o número de evangélicos era maior, como Morada Nova, ainda se vivenciava uma fé reformada de forma discreta.<sup>167</sup> A expansão do protestantismo inquietava muito a elite eclesiástica, temerosa em perder a hegemonia do catolicismo e também ver abalada a ordem social vigente. Acusados de serem “agressivos” em sua “mania proselitista”, os “filhos de Lutero” impunham um novo modelo de sociedade, liberal. Em função disso, em meados de 1944, o bispo de Limoeiro enviou ao seu clero uma carta circular solicitando um detalhado censo do número de cristãos reformados em cada cidade:

Peço que preencha êste questionário enviando-me com a brevidade possível, pois, preciso fornecer dados solicitados a esta Diocese.

1. Seitas protestantes existentes na Paróquia; quais são e quando começaram a organizar-se.
2. O número de templos e casas de oração existentes.
3. O número de pastores protestantes de cada seita; nacionalidade de cada um.
4. Existem colégios e escolas protestantes, e no caso afirmativo qual o número de alunos, de cada estabelecimento?
5. Há associações recreativas, lugares de reuniões, jornais de propriedade protestante?
6. Recebem os protestantes auxílios pecuniários de nações estrangeiras, e quais são elas?
7. Qual o número de protestantes existentes na paróquia? Esse número aumentou ou diminuiu nos últimos anos?
8. Ocupam pessoas protestantes lugares de destaque nas repartições públicas?
9. Que fez o clero secular e regular nessa Paróquia para combater o protestantismo, e quais os resultados?<sup>168</sup>

Das paróquias que responderam ao bispo, encontrei no Arquivo da Cúria Diocesana seis respostas, a saber: Aracati, Frade, Itaiçaba, Pereiro, Quixeré e Russas. Não encontrei a resposta do pároco de Morada Nova, na época a cidade jaguaribana mais bem “coberta” pelos protestantes. Reunindo-se nas casas, na falta de dinheiro para construir templos, já no final da década de 1940 “eram realizados cultos permanentes nas localidades de Riacho Santa Rosa, São Gonçalo, Açude dos Pinheiros e Melancias” (CAVALCANTE, 2004, p. 52). Naquele município, em dez anos, de 1940 a 1950, o número de protestantes cresceu de 135 pessoas para 605, um aumento de mais de 400% (Cf. IBGE, 1950 e 1955). O imenso território do município, dispondo de um só

---

<sup>167</sup> “Os cultos eram realizados dentro das residências, com louvores, pregações e orações em tom baixo, pois como a maioria do povo não compartilhava com os novos valores e doutrinas, os crentes temiam algum tipo de revolta” (CAVALCANTE, 2004, p. 50, grifos meus).

<sup>168</sup> CÚRIA DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE (Ceará). **Circulares, Decretos, Atos, Cartas Pastorais etc.** Livro 01. Circular n.º 23, 03 de agosto de 1944, p. 24f/v.



padre, seria a razão mais forte da frágil ação pastoral, justificando também a investida protestante na “brecha” ou no território “descoberto” pela Ação Católica. Cruzando dados dessa época, sobre a inserção do protestantismo no Vale, apresento, a seguir, dois quadros:

Quadro 03

**SITUAÇÃO DO PROTESTANTISMO EM SEIS PARÓQUIAS DA DIOCESE DE LIMOEIRO DO NORTE, SEGUNDO AS RESPOSTAS DOS VIGÁRIOS À CIRCULAR N.º 23, DE 1944**

| <b>Paróquia</b> | <b>Situação do protestantismo em 1944, segundo o vigário da paróquia</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|-----------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Aracati         | Não há nem seita nem organização formal; somente de cinco a oito famílias se reúnem nos lares. O número aumentou pouco nos últimos anos. Algum pastor brasileiro os visita, de longe em longe. Os protestantes não possuem colégios, associações recreativas, lugares de reuniões ou jornais nem ocupam cargos de destaque nas repartições públicas. Os auxílios pecuniários de nações estrangeiras não são permanentes.<br>Para se combater o protestantismo na paróquia o clero tem feito tudo o que é possível: pregações, missas e missões nas quais os fieis são esclarecidos do perigo das seitas protestantes.                                                                                                                                  |
| Frade           | O vigário escreveu apenas isto: “Deixei de responder os itens do questionário justo porque em Frade não há protestantes nem espíritas”. [Nota-se a evidente intenção de deixar o bispo despreocupado com relação a esta paróquia.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| Itaiçaba        | Há apenas uma família protestante, fora da sede paroquial, totalizando dez pessoas. O número não cresceu nos últimos anos. Não há nenhum templo ou casa de oração, nem pastores estabelecidos; apenas um que visita a família. Os protestantes não possuem colégios, associações recreativas, lugares de reuniões ou jornais nem ocupam cargos de destaque nas repartições públicas. O vigário ignora se os protestantes recebem ajuda financeira de fora e à pergunta do bispo sobre o que o clero tem feito, respondeu apenas “combater o protestantismo”. [O vigário da paróquia, padre Graça, é apontado em outras fontes como um severo “inimigo dos crentes”, o que indica que o “combate” a que ele se refere deve ter sido dos mais renhidos.] |
| Pereiro         | Há duas seitas protestantes: evangelista e luterana, com um pastor cada uma, remunerados pela América do Norte. Totalizam quarenta protestantes nesta paróquia, mas nestes dois últimos anos quase nada aumentou o número. Não há templos nem casas de oração. Os protestantes não possuem colégios, associações recreativas, lugares de reuniões ou jornais nem ocupam cargos de destaque nas repartições públicas porquanto são atrasadíssimos e, na maioria, analfabetos.<br>O clero secular tem combatido tenazmente contra eles, razão porque não evoluem.                                                                                                                                                                                        |
| Quixeré         | Não há seitas organizadas, apenas alguns adeptos, entre quatro a cinco pessoas. O número tem diminuído nos últimos anos. Não há nenhum templo ou casa de oração, nem pastores estabelecidos. Os crentes não ocupam cargo de destaque e também não recebem ajuda financeira de fora.<br>Para se combater o protestantismo na paróquia o clero tem ensinado o Catecismo e a devoção a Nossa Senhora.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| Russas          | Existe a Igreja Presbiteriana, começada há cinco ou seis anos, contando-se aproximadamente 45 seguidores. O número tem diminuído nos últimos anos. Há um templo construído, com assistência de um pastor presbiteriano brasileiro. Os protestantes não possuem colégios, associações recreativas, lugares de reuniões ou jornais nem ocupam cargos de destaque nas repartições públicas. Recebem auxílios pecuniários da América do Norte.<br>Para se combater o protestantismo na paróquia o clero tem realizado missões.                                                                                                                                                                                                                             |

Fonte: CÚRIA... [Respostas dos Vigários à Circular n.º 23, do Sr. Bispo Diocesano], 1944.

Quadro 04

**CRESCIMENTO DO NÚMERO DE PESSOAS PROTESTANTES EM QUATRO CIDADES  
DO VALE DO JAGUARIBE, SEGUNDO OS CENSOS DO IBGE DE 1940 E 1950**

| Cidades | Censo de 1940 | Censo de 1950 | Crescimento % |
|---------|---------------|---------------|---------------|
| Acarati | 18            | 137           | 761%          |
| Frade   | 14            | 78            | 557%          |
| Pereiro | 99            | 215           | 217%          |
| Russas  | 15            | 111           | 740%          |

Fonte: IBGE (Censos de 1940 e 1950).

O quadro 03 expõe as respostas dos padres aos questionamentos de dom Aureliano e traça um pano de fundo da situação do protestantismo nas cidades onde eles exerciam o paroquiado. O quadro 04, dados do IBGE, fornece “outro ângulo” da expansão do protestantismo na região, em quatro daquelas seis paróquias. As vilas de Itaiçaba e Quixeré somente em fins da década de 1950 se tornariam municípios, sendo impossível obter seus dados, anteriormente inseridos nas respectivas cidades das quais se emancipariam no futuro. Não obstante, tomo as quatro paróquias como um número expressivo para a comparação que farei a seguir.

Com exceção da paróquia de Pereiro, que teve um crescimento de apenas 217%, todas as demais ultrapassaram o patamar de 500%, em dez anos. Deve se ter em mente que os Censos captaram informações dos anos que seriam as “pontas” dos dados medianos apresentados pelos vigários em 1945. O número de protestantes colhido pelo padre de Pereiro nesse ano (40) destoa bastante do coletado pelo IBGE (99), o que pode indicar que o primeiro foi maquiado ou que o sacerdote não fez uma pesquisa rigorosa. Difere, assim, do caso de Aracati, cujo padre fez uma estimativa para cima, não para baixo. O vigário de Frade, ao contrário, ignora o número de quatorze protestantes (1940) em sua paróquia. Supondo que não morreram ou não se mudaram todos, certamente o número seria até maior em 1945, como de fato o foi em 1949, quando setenta e oito pessoas declararam abraçar a fé reformada. Se os dados de Russas estiveram corretos, os protestantes cresceram de quinze (1940) para quarenta e cinco (1945), um aumento de 300%, numa tendência que teria continuado até o final da década em progressão geométrica, somando cento e onze pessoas, numa elevação de mais de 700%.

Assim, das paróquias apresentadas parece que Russas inspirava maior cuidado, já que a Igreja Presbiteriana estava devidamente organizada, com templo construído e recebendo ajuda financeira dos EUA. Já em Pereiro, não obstante existirem duas denominações protestantes, nenhum templo ou casa de oração fora construído ainda, em razão do crescimento pífio dos evangélicos, crédito, segundo o vigário, dado ao clero e seu “tenaz combate” à doutrina reformada. Naquele momento, Russas deve ter concentrado todas as atenções do bispo, que certamente solicitou do vigário medidas enérgicas nesse sentido. No início de 1944, mesmo ano da circular do bispo, o jornal noticiava que o “protestantismo quer, a fina força, implantar-se em Russas, onde estão construindo um templo”.<sup>169</sup> A difusão da Reforma na cidade começara já em 1931, quando chegara de transferência, de Fortaleza José Pinto Bandeira, funcionário dos Correios.<sup>170</sup> Pelo visto, o vigário ignorou ou não deu importância a esse cargo quando disse que os protestantes não ocupavam lugar de destaque nas repartições públicas. Ao chegar a Russas, o telegrafista “fez amizades, conseguiu a casa do Sr. Milton Loyola para pregar e foi fazendo reuniões”.<sup>171</sup> As “reuniões” consistiam em estudos bíblicos e cultos evangelísticos.

Crescendo o número de conversos, “formou-se a Congregação Presbiteriana de Russas que passou a pertencer à Missão Americana”, tendo como responsável o reverendo Arehart.<sup>172</sup> Esse missionário residia em Fortaleza, mas assumiu o proselitismo protestante em parte da zona jaguaribana, incluindo na comunidade de Flores, a poucos quilômetros de Limoeiro. Em 20 de fevereiro de 1944, segundo as palavras de um memorialista, depois de lutarem “tenazmente na construção de seu Templo”, os presbiterianos puderam inaugurá-lo “com grandes pompas”; presentes o rev. Natanael Cortez, o missionário E. R. Arehart, o ex-prefeito da cidade, Ezequiel Menezes, além de “grande número de adeptos” (ROCHA, 1976, p. 191). A “difusão do Evangelho” pelo sertão jaguaribano, todavia, encontrou severas dificuldades, em função da oposição sistemática movida pela Igreja Católica,

---

<sup>169</sup> *O Nordeste*, 24 de janeiro de 1944, p. 7.

<sup>170</sup> IGREJA PRESBITERIANA DE RUSSAS: Sua História. Russas, [s. n.], 1998. Folheto de divulgação oficial da IPR.

<sup>171</sup> LIMA, Alda Torres de. Entrevista concedida em Russas, em 19 de outubro de 2013.

<sup>172</sup> IGREJA PRESBITERIANA DE RUSSAS: Sua História. Russas, [s. n.], 1998.

conforme ela mesma reconheceria. Segundo o jornal, em Russas os “pupilos de Lutero” teriam encontrado

uma barreira formidável na pessoa do Revmo. Padre José Terceiro, o qual, maneiramente, sem espalhafato, nem violência, mas à custa de doutrinação constante do seu rebanho, vai conseguindo, pouco a pouco, reconduzir as ovelhas tresmalhadas ao verdadeiro redil de Jesus Cristo.<sup>173</sup>

Segundo uma depoente, nascida em 1930, a oposição não se deu com a suavidade de que fala o jornal. Ao contrário, diz ela:

O padre Terceiro perseguiu os crentes. Na época, a Igreja Presbiteriana formou uma congregação no Tabuleiro [zona suburbana de Russas], fora da cidade, e quando havia culto lá, a turma toda, a igreja todinha ia para o culto. Eu já era mocinha nesse tempo e lembro que o padre mandava os adeptos dele com varas e paus para bater na gente. Quando uma pessoa de bom coração avisava, mesmo a turma já tendo saído, a gente voltava do caminho, para não apanhar. O padre também mandava apedrejar a casa dos crentes. A oposição da Igreja Católica foi deveras!<sup>174</sup>

O padre José Terceiro de Sousa<sup>175</sup> foi enviado a Russas, como cooperador, em 19 de fevereiro de 1942, depois assumindo a paróquia em 31 de julho de 1944,<sup>176</sup> movendo efetiva oposição a reformados e espíritas. Em Russas, em dez anos o crescimento dos evangélicos foi razoável (de 15 para 111), mas o dos espíritas, pífio (de 3 para 5), indicação de que, na época, o povo tinha grande repulsa pela “seita de Kardec”, cujos centros eram considerados pela Igreja como “verdadeiras fábricas de loucura”.<sup>177</sup> A acentuada intolerância para com os espíritas e o trabalho perseverante dos protestantes explicaria a disparidade de crescimento entre os grupos. O protestantismo era considerado uma “revolta contra a verdade”, enquanto o espiritismo seria uma “revolta contra o próprio Deus”. Ao difundir abertamente que “devemos amar os protestantes e detestar o protestantismo, como devemos amar o pecador e detestar o pecado”,<sup>178</sup> abria-se a possibilidade de uma porta para um “irmão desgarrado”, o que não acontecia com o espírita. Mesmo que isso não implique na aceitação dos reformados, indica que parte

---

<sup>173</sup> *O Nordeste*, 24 de janeiro de 1944, p. 7.

<sup>174</sup> LIMA, Alda Torres de. Entrevista concedida em Russas-CE, em 19 de outubro de 2013.

<sup>175</sup> José Terceiro de Sousa nasceu em Boa Viagem-CE em 07 de julho de 1908 e foi ordenado em Fortaleza em 30 de novembro de 1933. Cf. *Correio do Ceará*, 25 de agosto de 1944, p. 3.

<sup>176</sup> *O Nordeste*, 24 de fevereiro de 1948, p. 6.

<sup>177</sup> *O Nordeste*, 13 de maio de 1944, p. 3. Comentando palestra de um professor chamado Xavier de Oliveira, o jornal concorda com o conferencista quando de sua afirmação: “Mais que o alcool e, talvez, mais do que a sífilis, vem o espiritismo concorrendo para povoar os nossos manicômios, desfazer lares cristãos e para desgraçar inúmeras famílias que a ele recorrem com o fim de curar males do corpo e da alma”.

<sup>178</sup> *O Nordeste*, 04 de abril de 1944, p. 2.

dos católicos ao menos era mais tolerante para com aqueles do que para com os kardecistas.



Houve, por assim dizer, uma confluência histórica de fatores que acarretaram a escolha de Limoeiro como sede do bispado jaguaribano. De um lado, a elite via na elevação da cidade à sede episcopal uma oportunidade de superar um histórico de isolamento geográfico, abandono do poder público e analfabetismo da população. Essa classe vinha cultivando, desde meados dos anos de 1930, uma série de inquietações peculiares a quem sonhava em modernizar uma urbe ainda com ares de vila. Por outro lado, concomitante ao sonho da elite, ganhou força o plano do arcebispo cearense de fundar a prelazia jaguaribana com objetivo de combater o protestantismo. Ao ser escolhido por Roma como primeiro bispo de Limoeiro, dom Aureliano processaria essa confluência de projetos, impondo sua própria versão: implantar o modelo de um tabernáculo de fé na região, preservando-a de influências do secularismo/mundanismo e combatendo o protestantismo.

Assim, tão logo instituído de poder prelatício, o bispo passou a executar seu projeto de transformar o Vale Jaguaribano num santuário onde a força do catolicismo conseguisse anular ou minimizar as influências do mundo moderno sobre as almas, mantendo assim a hegemonia da Igreja Católica na região. Visava, com isso, “cerrar as cortinas” da fé católica em volta do Vale, criando um ambiente propício à assimilação da ideologia ultramontana. Para obter esse resultado, antes de tudo, era preciso restaurar as quatro colunas de sustentação do “edifício da fé”: Educação, Saúde, Trabalho e Religião. O próximo Capítulo abordará exatamente esse processo de organização das colunas e das cortinas do tabernáculo.

# 2

## O TABERNÁCULO JAGUARIBANO: EDUCAÇÃO, SAÚDE, TRABALHO, RELIGIÃO E TRADIÇÃO NO SERTÃO

“Toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo.  
A religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento.”

Peter Berger<sup>179</sup>

Novembro de 1946. Um redator do jornal *O Nordeste*, Audifax Mendes, visita Limoeiro pela primeira vez. O carro que o conduz, envolto numa nuvem de poeira, sacoleja entre os buracos da estrada carroçável que ligava a Rodovia Transnordestina ao centro da cidade. Dias depois, numa crônica, o jornalista escreve sobre aquela experiência:

E não devo esconder o que sinto, como traço marcante dessa visita: Limoeiro merece uma estrada, em lugar daquilo por onde a gente tem que penar para atingir os seus muros.

Sede de bispado, onde pontifica, como seu 1º Prelado, a virtude simples e austera do antigo padre Aurélio, de Itapipoca, profundo conhecedor da alma do nosso povo do interior, Limoeiro, a par disso, tem tudo e mais do que era preciso para haver merecido, já, uma estrada.

Aquilo que lá usa esse nome é uma vergonha para os nossos governos. É inominável. É “aquilo”. Só.<sup>180</sup>

Sentado em sua espreguiçadeira de couro, o bispo de Limoeiro leu a matéria. Concluída a leitura, redigiu uma carta, publicada dias depois do texto do Sr. Mendes, cujo teor era o seguinte:

Li, como sempre faço, a sua crônica diária no NORDESTE, desta vez sobre sua vinda, ultimamente, à nossa cidade de Limoeiro.

Venho felicitá-lo pela justa e franca observação feita, quanto à carência de estrada ligando esta florescente cidade à Transnordestina, num trecho que não mede mais de 12 quilômetros. Não sou partidário da “mão estendida”. No entanto, assim tenho estado, desde que aqui cheguei, suplicando, conjuntamente com as

---

<sup>179</sup> BERGER, 1985, p.15.

<sup>180</sup> *O Nordeste*, 26 de novembro de 1946, p. 5. Coluna “De Bubuia”.

autoridades locais, esse melhoramento de importância vital para esta terra. E o resultado você viu.

Nutro, apesar disto, a esperança – porque esta nunca morre – de que, no governo de um destes dois ilustres patrícios que se candidatam a fazer a felicidade do nosso povo [1946 era ano de eleição para governador do Estado], teremos a realização desta velha aspiração. E, quando você por aqui voltar, já poderá dizer que o Governo se redimiou de uma dívida, para com uma parte laboriosa e progressista dos seus governados, pois já teremos uma ótima estrada.<sup>181</sup>

Dom Aureliano Matos se diz avesso à política da “mão estendida” ao poder público, mas, diante das circunstâncias, teria se submetido a essa prática em busca de uma estrada vicinal decente para Limoeiro, conectando a Transnordestina ao centro da sede episcopal, menos de doze quilômetros. Seis anos se passaram, desde sua sagração, e a estrada continuava da mesma forma, causando problemas em quem por lá se aventurava. Exemplo da odisseia do bispo em modernizar a cidade de Limoeiro, da qual toda a década de 1940 seria emblemática, a luta para conseguir uma estrada decente, um “cartão de visitas apresentável” exigira constantes esforços do prelado e das autoridades locais sem muito sucesso. O visitante, assim como o redator Audifax Mendes, era coagido a adentrar a cidade suportando a poeira e a trepidação. Não obstante, tanto o jornalista quanto o bispo reconhecem que aquele melhoramento deveria ser uma ação do poder público, do Estado, dos políticos. Uma análise do contexto jaguaribano da época, todavia, não favorece essa mentalidade, ou seja, o abandono do sertão começava pela inoperância dos políticos locais, preocupados mais com a perpetuação do poder.

Neste Capítulo, reconstituo o contexto da região jaguaribana na década de 1940, quando o bispo se dispôs a construir seu “tabernáculo da fé” ainda estremecido pelos “ecos da guerra” na Europa, que acabaria arrastando sertanejos à Itália. No Vale, o “combate” de dom Aureliano foi de outra natureza, contra os entraves do desenvolvimento humano e urbanístico de Limoeiro. Buscando superar a secular defasagem de progresso no sertão, o bispo se dispôs a restaurar as colunas que fundamentavam seu projeto (tabernáculo), a saber: a Educação (construiu escolas), a Saúde (criou maternidade e posto de saúde), o Trabalho (organizou os trabalhadores da região em torno da Igreja, condenando o comunismo) e a Religião (fundou o Seminário Menor de Limoeiro, representação da “cidade-convento” que o bispo

---

<sup>181</sup> O Nordeste, 03 de dezembro de 1946, p. 5. Em sua coluna “De Bubuia” desse dia, o jornalista Audifax Mendes transcreveu a carta que recebeu do bispo de Limoeiro do Norte.

concebera para afastar a população do secularismo). Para “cobrir” seu tabernáculo, isto é, para manter o povo jaguaribano longe das influências do neopaganismo (secularismo), o bispo tramou um “tecido espiritual” utilizando-se de dois fios: a idealização do campo e a tradição da região, elementos atrelados ao conservadorismo católico.

## **2.1 Ecos da Europa no sertão: o Vale durante a Segunda Guerra Mundial**

Os movimentos políticos que sacudiram o Brasil nos anos de 1930 e 1940 teriam favorecido, em Limoeiro, o domínio da conservadora família Chaves. Segundo o memorialista Lauro de Oliveira Lima (1996), controlando o cartório local, esse clã se perpetuou no poder por anos a fio. Na oposição, liderada pelos irmãos Oliveira, despontavam comerciantes que trouxeram para a cidade instrumentos modernos como cinema e rádio (aparelho transmissor). Não obstante, como se viu no Capítulo anterior, quando conveniente, os clãs Chaves e Oliveira se uniam contra o isolamento, o abandono e o analfabetismo na cidade. A vitória desse grupo em seu projeto de sediar o bispado jaguaribano demonstra que as inquietações da elite intentavam libertar Ícaro do labirinto, ou seja, superar a conjuntura adversa que ainda mantinha ou “aprisionava” uma cidade como Limoeiro à condição de “pequena povoação”.<sup>182</sup>

Segundo meus depoentes, desde que chegou para residir em Limoeiro, em 1940, o bispo dom Aureliano Matos não se deixou envolver no teatro das escaramuças políticas locais. Sua posição de “príncipe da Igreja” o impulsionava a viver “acima” de facções, partidos e questiúnculas sociais. Transitava entre os políticos, solicitando deles benefícios para seu bispado, e até os convidava para celebrações, mas não “fechava acordos” com nenhum partido ou nome. Sua posição de “pastor” e “chefe do rebanho católico” era mais poderosa do que qualquer posição no Governo, ou seja, conferia a sua

---

<sup>182</sup> Um historiador da região assim caracteriza o Vale no período: “Os municípios constituíam-se de pequenas cidades e povoações, onde os benefícios da modernidade e da tecnologia só timidamente começavam a chegar. Nos núcleos urbanos, praticamente isolados uns dos outros (não havia rodovias ou estradas de ferro), a vida era simples e sem sobressaltos. [...] Com exceção de Aracati, que ainda ostentava os fastos de um passado de riqueza, os demais núcleos do Vale não apresentavam arquitetura exuberante ou que chamasse a atenção. Mesmo os mais abonados não se arriscavam a construir palácios suntuosos. A simplicidade e a frugalidade eram as principais marcas das construções, inclusive das que eram destinadas à Igreja ou às repartições do Estado” (FERREIRA NETO, 2003, p. 444).



peessoa uma aura de respeito e prestígio. Assim, constatando que mesmo a sede do bispado precisava de modernização, passou a usar a autoridade concedida pelo Vaticano para preencher lacunas e oferecer a Limoeiro uma estrutura urbanística, mínima, que a honrasse como sede de prelazia. Durante a primeira década de sua presença no Vale, o bispo então fomentaria em Limoeiro estabelecimentos de ensino, hospital e maternidade, Seminário diocesano, além de um Tiro de Guerra que, em razão da demanda tacanha da cidade, seria uma instituição impensável sem seu prestígio.

Enquanto na Europa as bombas destruíam edificações seculares em questão de minutos, em Limoeiro dom Aureliano construía, paulatinamente, a base do seu “edifício da fé”, ou seja, executava seu projeto sócio-religioso para a região. Enquanto a Europa estremecia diante dos “pássaros da destruição”,<sup>183</sup> Limoeiro se abria como “borboleta saindo da crisálida”.<sup>184</sup> Segundo os depoentes, o bispo tomara para si a responsabilidade de modernizar Limoeiro, tornando-a assim um “polo de atração” no centro do Vale. Durante os cinco primeiros anos de sua administração (1940-1945), o bispo não pôde contar com dádivas vindas da Europa, conflagrada pela Segunda Guerra Mundial.<sup>185</sup> Ao contrário, naquele período, o prelado limoeirense receberia correspondências da Nunciatura Apostólica deixando claro que era o Velho Mundo que, desta vez, precisava de ajuda. Segundo as anotações do prelado, o povo jaguaribano foi desafiado a levantar preces e ofertas pelas crianças europeias, pela Polônia, e até mesmo pelo papa Pio XII, também ameaçado por bombas.<sup>186</sup> Dom Aureliano lamentou muito que o continente que enviara tantos missionários ao Brasil, estivesse agora sendo “devorado” pelo nazismo.

---

<sup>183</sup> A expressão “pássaros da destruição” (aviões de guerra) é de dom Aureliano Matos, mencionada em: CÚRIA DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE (Ceará). **Circulares, Decretos, Atos, Cartas Pastorais etc.** Livro 01. Circular n.º 25, 19 de abril de 1945, p. 25v.

<sup>184</sup> A expressão “borboleta saindo da crisálida” é de Lauro de Oliveira Lima (1997), cunhada para designar um novo tempo em Limoeiro, quando então a cidade finalmente ganharia feições modernizadas, sobre a tutela de dom Aureliano, o “grande benfeitor do município”.

<sup>185</sup> A bibliografia sobre a Segunda Guerra Mundial é vastíssima e foge do escopo deste trabalho qualquer análise sobre ela. Um recente estudo cronológico do conflito pode ser conferido em: GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

<sup>186</sup> CÚRIA DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE (Ceará). **Circulares, Decretos, Atos, Cartas Pastorais etc.** Livro 01. Limoeiro do Norte, 1940-1945.

Para o povo em geral, todavia, a guerra na distante Europa era uma incógnita. Quase todos ignoravam a causa, o andamento e mesmo quem eram os agentes do conflito. A elite limoeirense era a exceção, pois acompanhava, via rádio, o noticiário sintonizado, durante a noite, no Cine Moderno. A guerra somente começou a despertar algum interesse no povo jaguaribano quando o Brasil, de fato, entrou no conflito, convocando os expedicionários.<sup>187</sup> Depois de constatar que homens da região, até parentes ou amigos, haviam sido atraídos, repentinamente, para lutar na Itália, o povo passou a manifestar interesse naquele embate mundial, cujo teatro da guerra ficava tão longe do Vale. Alguns reservistas da região e do município de Limoeiro do Norte se viram, coercitivamente, convocados a abandonar suas atividades cotidianas – a grande maioria era agricultor – e embarcar num navio velho rumo à Itália,<sup>188</sup> para se engalfinhar num “combate que não era seu, numa luta que não desencadearam” (FREITAS e OLIVEIRA, 1997, p. 162). A turma dos limoeirenses “sorteados”, composta de quarenta e dois homens, seguiu para Fortaleza em fins de outubro de 1944, acompanhada pelo então prefeito municipal,<sup>189</sup> Custódio Saraiva de Menezes.

O Sr. Pedro Moreira de Almeida, nascido em 1920, um dos que integraram a Força Expedicionária Brasileira (FEB), esteve envolvido na guerra durante sete meses,<sup>190</sup> dos quais vinte e oito dias pelejando na Batalha de Montesi. Ao voltar ao Brasil, recebeu medalha,<sup>191</sup> condecorações<sup>192</sup> e foi

---

<sup>187</sup> O Estado do Ceará possui poucos estudos sobre a repercussão da Segunda Guerra, prevalecendo memórias e pesquisas dos aspectos gerais do conflito. Um exemplo dessa bibliografia: AZEVEDO, Stênio e NOBRE, Geraldo. **O Ceará na Segunda Grande Guerra**. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1998.

<sup>188</sup> Sobre isso, ver: VIEIRA JÚNIOR, Antônio Marloves G. **“Só sabe o que a gente passou quem tava lá”**: homens do sertão do Ceará nos campos da Itália durante a Segunda Guerra Mundial (1944-1945). Monografia (TCC) – Universidade Estadual do Ceará. Limoeiro do Norte, 2015 (106p).

<sup>189</sup> O *Nordeste*, 26 de outubro de 1944, p. 1. Efetivamente, somente uma parte desse contingente embarcou para a Itália, em 08 de fevereiro de 1945, depois de algum treinamento em Fortaleza. O restante seguiu para patrulhamento da costa brasileira, para a Marinha Mercante, ou para ocupar postos diversos nas Forças Armadas Brasileiras.

<sup>190</sup> O soldado Almeida embarcou para a Itália em 08 de fevereiro de 1945 e retornou em 17 de setembro do mesmo ano, depois do anúncio do fim da guerra. Cf. MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. **Listagem da FEB**, vol. 1.

<sup>191</sup> O Decreto-lei nº 6.795, de 17 de agosto de 1944, criou a Medalha de Campanha para os oficiais e praças que lutaram na Itália. Cf.: *Diário Oficial da União*, Ano LXXXV, N.º 74, 01 de abril de 1946. O nome do Sr. Pedro Moreira de Almeida aparece na p. 7 desse DOU. A placa de entrega da medalha apresenta os seguintes dados: Rio de Janeiro, 13 de julho de 1946.

<sup>192</sup> Na sala da casa do Sr. Pedro Moreira de Almeida encontram-se ao menos três placas condecorativas, destacando-se o Diploma da Medalha de Campanha.

aclamado como herói de guerra.<sup>193</sup> Todavia, segundo o depoente, partiu de seu pequeno recanto no sertão sem saber que tipo de conflito era aquele e mesmo ignorando quem era Adolfo Hitler. Ele já conhecia armas de fogo porque, em Fortaleza, servira ao Exército anos antes, mas na Europa passou a manusear artilharia até então desconhecida, para aniquilar inimigos igualmente desconhecidos porque fora enviado para isso, não lhe cabendo, nem mesmo, o direito ao medo:

Ninguém tinha medo, não, porque tinha que ir; de qualquer jeito tinha que ir. Não tinha essa história de medo, não. Medo era luxo, mesmo durante a guerra ninguém podia se dar ao luxo de ter medo. Num dos dias em que fui designado para a trincheira, antes participei de uma missa, rezada por um tal de Frei Alipe, celebrando debaixo de uma árvore, em Montese. No final da missa, o frei lançou sobre os soldados uma recomendação que era quase uma sentença da hora da morte [uma espécie de extrema unção antecipada]. O frei disse: “Não é porque vai morrer todo mundo, não! Mas aquele que desaparecer, já estará recomendado a Deus!”<sup>194</sup>

A fala do depoente inspira uma reflexão sobre o estado de espírito dos homens “sorteados” e lançados no campo de batalha, sem o preparo necessário. Eram estreantes no inóspito teatro da guerra, seja em sua geografia, seja em seu clima, o que justificaria as muitas covas deixadas na Itália (MAXIMILIANO, 2010). Considero esse caso da convocação compulsiva para a guerra um exemplo emblemático do poder do Estado em chegar aos grotões do sertão exigindo dos cidadãos somente seus deveres, ignorando sempre os direitos. O mesmo Estado que não oferecia empregos nem condições de trabalho pinçava o sertanejo de suas roças e cercados para guerrear em terras longínquas. Em outras palavras, isso implica dizer que o sertanejo vivia jogado à própria sorte, sem amparo do poder público em suas premências, como ter semente para plantar e assim alimentar a família. Talvez por isso, há quem diga que aqueles soldados “escreveram com sangue generoso e ingênuo uma página na história do mundo, do Brasil, de Limoeiro” (FREITAS e OLIVEIRA, 1997, p. 162).

Por outro lado, o embarque de sertanejos já em momentos decisivos da guerra acabou por gestar, sobretudo em Limoeiro do Norte, o imaginário de

---

<sup>193</sup> FORÇAS Vivas da Nação. Nossos Políticos: Estado do Ceará. São Paulo: IMBRAMO/IMPRESS, 1981.

<sup>194</sup> ALMEIDA, Pedro Moreira de. Entrevista concedida em Tabuleiro do Norte-CE, em 20 de novembro de 2014.

que eles teriam ido “só para conhecer a Itália”,<sup>195</sup> pois a fase cruenta do combate já teria terminado. Todavia, os soldados foram jogados no teatro da guerra durante ao menos dois meses e participaram de batalhas decisivas para a vitória dos Aliados. Na verdade, esse boato seria uma tentativa de negar a participação num conflito do qual os próprios sertanejos não se viam como agentes legítimos, pois quase todos foram enviados compulsivamente, sem entender bem quem era o “inimigo”. Mesmo quem se alistara voluntariamente também se encontrava na mesma situação, apenas cumprindo ordens sem nunca indagar os motivos. Quando voltaram da guerra, os “pracinhas”, em sua grande maioria, guardaram silêncio ou se restringiram em rememorar fatos apenas com familiares e amigos mais próximos, dentre os quais muitos passaram a nutrir certa desconfiança das “façanhas” narradas. Assim,

a falta de reconhecimento por parte da população pode ter agravado [o] desejo desses soldados de não falarem das suas histórias, já que o povo e [mesmo] alguns familiares não acreditavam. Sendo assim, foi melhor para eles [silenciar] e guardar para si aqueles momentos tão fortes... [...]

Aparentemente, estes homens... tentaram apagar das suas mentes e contribuíram para a construção desse imaginário de não presenciarem a guerra. [...] [Seria uma] tentativa de deixar para trás todas aquelas histórias e momentos tristes que vivenciaram... Seria uma forma de não terem o que falar (VIEIRA JÚNIOR, 2015, p. 14 e 101).

Esse imaginário, na verdade, seria resultado do secular sentimento de inferioridade, de baixa autoestima do sertanejo. Em documentos oficiais, nas memórias escritas pelo mesmo Estado que sempre relegou esse povo à própria sorte, o homem do sertão costuma aparecer como um “peso”, um retirante esfarrapado seguindo viagem pela estrada, em busca de ajuda para sobreviver. Fontes evidenciam que esse sentimento de abandono se sedimentou na alma sertaneja de tal modo que as populações do semiárido teriam se acomodado a viver isoladas e subnutridas, obtendo socorro somente em tempos de calamidade. Nesse sentido, os “pracinhas” jaguaribanos, nômades por natureza como todos os nordestinos, sentiram-se como “objetos emprestados” que, subitamente arrebatados de sua vida simples, foram “devolvidos” a ela, meses depois. Assim, traumatizados, carregando na

---

<sup>195</sup> Cito a fala de uma depoente minha: “Meu avô dizia que quando os pracinhas chegaram lá, a Guerra estava era se acabando. Dizem que foram e voltaram logo. Por isso, fazendo gozação, o povo diz que quando eles chegaram lá tudo estava terminando e que eles foram só conhecer a Itália”. FREITAS, Maria das Dores Vidal. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 18 de fevereiro de 2012.

memória as cenas da guerra, aqueles homens não encontravam nenhum motivo para celebrar. Alguns deles chegaram a ser homenageados com banquetes,<sup>196</sup> mas a grande maioria logo cairia no esquecimento.

Quando recebeu a notícia de que já se vislumbrava o fim da guerra, dom Aureliano escreveu uma circular para seus vigários, determinando preces públicas em favor da conferência que os líderes mundiais iriam ter, em São Francisco, EUA, com aquele objetivo. O texto merece ser lido em sua íntegra, tão emblemático daquele momento, mas destaco dele apenas um fragmento:

Conquanto ainda troem os canhões incessantemente vomitando a morte e os céus cubram-se dos pássaros da destruição, já se vislumbra, entretanto, a aurora da paz, com o término dessa tremenda guerra, que já vai longe.

O atizador dessa grande fogueira mundial já sente as forças libertadoras transpondo as fronteiras do seu país baterem às portas da própria capital, fechando um círculo de ferro e fogo.

Como uma furiosa hiena no seu covil, o monstro do nazismo rugue, freme, por ver que não pode levar mais adiante a sua obra de desmoralização, de descristianização, de destruição, contados estão os seus dias.

Espalhou o luto e a tristeza, derramou rios de sangue, queimou nessa fogueira imensa da guerra os tesouros acumulados em muitos séculos de civilização. Cavou a ruína para o seu próprio povo, para a grande nação alemã.

A catástrofe é apocalíptica. Não fica pedra sobre pedra. Destruíram os mais belos monumentos do mundo.

Como Jesus, que chorou sobre Jerusalém, quem não tem também motivos de derramar lágrimas nesta guerra, até mesmo os que estão mais longe do seu teatro, como nós que tivemos os nossos navios torpedeados estupidamente, naufragando com centenas de vítimas inocentes.

Mas por que chorou Jesus, sobre Jerusalém? Não foi tanto pela destruição material da capital de seu país, que ele previa, mas pela causa dessa destruição que era o crime dos homens.

Se apavorados estamos com os efeitos tremendos desta guerra, mais horrorizados devemos estar com as suas causas, que sempre são o abandono de Deus, de sua doutrina, e, conseqüentemente, da caridade, surgindo o ódio, a ambição, o orgulho.

Não estará longe, por certo, o dia em que os sinos de nossas Igrejas, em repiques festivos, anunciarão o surgir da paz, tão ansiosamente esperada.

Mas a paz não está no cessar das hostilidades, no calar dos canhões, no baixar das armas, na rendição dos inimigos, no esfacelamento do nazismo, no desaparecimento do fascismo.

A paz não vem dos homens. Eles não a podem dar.

A paz nos vem do céu. Só Deus no-la pode enviar.<sup>197</sup>

---

<sup>196</sup> Caso do limoeirense Gregório Maia de Freitas, recepcionado por parentes e amigos em um banquete no Bairro Boa Fé.

<sup>197</sup> CÚRIA DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE (Ceará). **Circulares, Decretos, Atos, Cartas Pastorais etc.** Livro 01. Circular n.º 25, 19 de abril de 1945, p. 25v e 26f/v.

A impressão de um leitor desavisado que lesse apenas os seis primeiros parágrafos seria a de que o autor dessas linhas estava na Europa, sofrendo com os soldados, sentindo suas dores, vendo o patrimônio arquitetônico de séculos explodir pelos ares. O estilo elegante de descrição do cenário bélico, o uso de metáforas e de outras figuras de linguagem e a quase declarada exultação diante da derrota do inimigo, “atiçador da grande fogueira mundial”, deixam transparecer certa alegria ou alívio, como se o bispo tivesse escrito o texto para celebrar o fim da guerra, ou o que ele chama de fechamento do “círculo de ferro e fogo”. Fazendo menção a passagens bíblicas, o prelado quer chamar a atenção de seu destinatário original, cada um dos vigários de sua diocese, para o fato de que a Bíblia já profetizara aquela catástrofe, no sentido de que as palavras do Messias aos apóstolos, anunciando que do templo de Jerusalém não ficaria “pedra sobre pedra”,<sup>198</sup> aplicavam-se também à Europa combalida, tantas vezes bombardeada durante a guerra. O continente devastado era motivo de piedade e choro, tal como Jesus fez diante dos muros de Jerusalém, sentindo a incredulidade e a dureza de coração de seus habitantes.<sup>199</sup>

Mesmo quem estava longe do teatro da guerra, como o povo brasileiro, tinha motivo para chorar, ante o iminente aniquilamento da Europa. Todavia, aquela carta-circular apenas fazia um retrospecto dos aspectos sangrentos da guerra, dos “rios de sangue” corridos, pois seu propósito era anunciar que o fim do armistício estava às portas. Antes mesmo de aquela carta ser enviada, havia uma atmosfera de contentamento e festividade no Vale do Jaguaribe. Próximo do fim da guerra, a cidade de Morada Nova comemorou a saída dos alemães da França, com a libertação de Paris, fato ocorrido em fins de agosto de 1944.<sup>200</sup> Morada Nova foi também o primeiro município do Vale a declarar fé

---

<sup>198</sup> Cf. Evangelho de Mateus, capítulo 24; Evangelho de Marcos, capítulo 13 e Evangelho de Lucas, capítulo 20. Essas passagens do Novo Testamento são chamadas pelos teólogos de “sermão profético de Jesus”, em função de conterem elementos escatológicos. Sobre isso, ver: MACHADO, Paulo Edgard. **Entendendo as profecias**. Barueri/SP: Ágape, 2012.

<sup>199</sup> Cf. Evangelho de Lucas, cap. 13, v. 31-35 e também Evangelho de Mateus, cap. 23, v. 37-39.

<sup>200</sup> Já no dia 24 daquele mês, um dia antes do anúncio oficial da liberação da capital francesa, certamente tendo sido os moradores informados pelo rádio ou telégrafo, noticiava-se: “Morada Nova, empolgada pela vitória aliada livrando Paris do jugo nazista, tendo à frente a sua mocidade delirou durante todo o dia, percorrendo os manifestantes as ruas da cidade. À noite, houve comício na praça pública, falando diversos oradores”. *O Nordeste*, 28 de agosto de 1944, p. 4.

na vitória dos Aliados.<sup>201</sup> Sendo o término da guerra anunciado oficialmente, em 07 de maio de 1945, ocasião em que o jornal proclamou: “Os alemães renderam-se incondicionalmente”,<sup>202</sup> festivas celebrações na sede do bispado já estavam programadas, com benção, presença e participação ativa do bispo e de seu clero, cuja “alegria incontida” teria sido notada por todos.

Segundo o jornalista, a “festa da vitória das Nações Unidas aliadas, na florescente cidade do Vale do Jaguaribe, foi das mais organizadas vistas ultimamente”.<sup>203</sup> A programação constou de missas celebradas ao ar livre, no “altar da paz”; comícios inflamados; passeatas de populares; desfiles de estudantes conduzindo as bandeiras do Brasil, dos EUA, da Inglaterra, da França e da União Soviética; homenagens ao bispo, em frente ao Palácio Episcopal, e até um julgamento simulado de Adolfo Hitler, com direito a juiz, advogados de acusação e defesa, jurados, pregão e carrasco. O réu, “escortado por dois soldados do Destacamento local, foi condenado à força e queimado”, certamente um boneco de pano tipo “Judas”. Nos desfiles, pessoas conduzindo estandartes com dizeres como este: “Do sangue da mocidade derramado nos campos de batalha surgirá um mundo melhor” (PITOMBEIRA, 1992, p. 35). Um momento de folguedos, músicas, aplausos, “gritos de satisfação” e de “vivas e mais vivas” dadas aos “chefes das Nações Unidas, aos grandes generais e soldados brasileiros que [integraram] o Corpo Expedicionário”. Essa celebração, basicamente uma “festa na ilha”, não pôde contar com a presença de gente de fora porque, naqueles dias, pesadas chuvas caíram na região, destruindo açudes e “tornando intransitáveis as estradas de rodagem”.<sup>204</sup>

---

<sup>201</sup> Em 07 de setembro de 1944, durante as comemorações do Dia da Pátria, meses antes do anúncio oficial do fim da guerra, a cidade já se preparava para festejar: “Cumprimos o patriótico dever de comunicar [que]... foi instalada e empossada, sob calorosos aplausos de compacta massa popular, a Comissão dos Festejos do Dia da Vitória das Nações Unidas, que tem a precípua finalidade de organizar a comemoração dos inigualável momento em que as denodadas tropas aliadas derrotarem definitivamente as forças da tirania nazi-nipo-fascista [o Eixo]”. *O Nordeste*, 11 de setembro de 1944, p. 4.

<sup>202</sup> Esta é a manchete de capa de *O Nordeste* de 07 de maio de 1945, acrescentando que “Todo o mundo vibra de entusiasmo” e que “Os sinos repicarão em Fortaleza”.

<sup>203</sup> *O Nordeste*, 25 de maio de 1945, p. 6. Com exceção da fonte mencionada, todas as informações repassadas neste parágrafo, mesmo as expressões entre aspas, foram extraídas desta matéria, assim intitulada: “Limoeiro do Norte: a queda de Berlim e a vitória das Nações Unidas”.

<sup>204</sup> *O Nordeste*, 09 de maio de 1945, p. 1. Na Europa, os Aliados viviam os últimos dias da guerra, enquanto no Vale do Jaguaribe caíam generosas chuvas. Em ambos os casos, guerra

Como se viu, exemplificado na visita do jornalista Mendes, Limoeiro da década de 1940 carecia de uma estrutura urbanística que a modernizasse, pois ainda era uma sede episcopal isolada. A falta de vias transitáveis comprometia a organização racional do trabalho rurícola e urbano. Sem vias terrestres adequadas, para transporte humano e para intercâmbio de mercadorias entre o campo e o centro urbano e entre a cidade e a capital, o desenvolvimento do município ficava prejudicado, bem como o projeto de dom Aureliano. Não obstante, mesmo ignorado pelas gestões governamentais, que não atenderam de pronto ao pedido de uma nova estrada, o bispo de Limoeiro conseguiu, financiado com recursos da elite que sonhara a fuga do labirinto, construir em Limoeiro uma estrutura mínima de modernização, que rapidamente mudaria suas feições urbanísticas. Em menos de dez anos, novas instituições passaram a constituir o cenário citadino: um ginásio masculino, para a elite; um educandário, para moças pobres; uma maternidade; um seminário diocesano, para formar clérigos segundo o modelo idealizador do bispo; dentre uma série de ações incentivadoras nas áreas de Educação, Saúde, Trabalho e Religião. Essas eram, na verdade, as quatro colunas do tabernáculo que dom Aureliano concebera para o Vale do Jaguaribe. Erguidas, restauradas, fortalecidas e consolidadas, tais colunas alavancariam o progresso material da sede diocesana, promovendo a modernização da cidade. Na verdade, iniciava-se o decisivo combate contra o abandono, o isolamento e o analfabetismo de que tanto se ressentira a elite na década anterior, mas que, nas mãos do bispo, ganhava contorno de “missão civilizatória”, ou seja, assumia-se o projeto de modernizar a infraestrutura da cidade, sem abalar o conservadorismo católico da população, mantendo assim o domínio sobre as almas.

## **2.2 A coluna da Educação: doutrinar crianças e jovens nos princípios do catolicismo conservador**

Segundo Boris Fausto, no Brasil, durante praticamente todo o século XX, a educação constituiu “um privilégio e não um instrumento importante no sentido de se estabelecer, na prática, a igualdade de oportunidades para

---

e chuva implicavam em estradas arruinadas. Assim, a celebração do fim da guerra, em Limoeiro, aconteceu com a cidade ilhada, o que, aliás, era a regra, não a exceção.



jovens de diferentes classes sociais” (FAUSTO, 2002, p. 544). Em decorrência disso, sempre prevaleceu uma “elite educada” e uma massa analfabeta. Em Limoeiro, a instituição daquilo que chamo de coluna da Educação, a implantação de escolas segundo moldes católicos se processou somente a partir de meados da década de 1930 exatamente tendo em vista a educação da elite, cujos filhos, até então, também eram vítimas do analfabetismo. Assim, foi ideia da elite econômica e do clero dotar a cidade de uma mínima estrutura educacional, criando o Grupo Escolar Padre Joaquim de Menezes, a Escola Normal Rural e o Educandário Padre Anchieta. Os memorialistas costumam dizer que a ideia de assimilar educação e desenvolvimento foi um “presente” de dom Aureliano Matos. Há, assim, uma tendência de ocultar a ação da elite e do clero na condução dos rumos da cidade, postos exclusivamente nas mãos do bispo.<sup>205</sup> Não obstante, ao chegar em Limoeiro e passar a ser aquilo que os depoentes chamam de “o mais ilustre morador da cidade”, o “problema da instrução” (o analfabetismo) deixou aquele prelado muito preocupado,<sup>206</sup> conforme se depreende de seus escritos:

A zona jaguaribana, conquanto uma das mais ricas do Estado, graças aos seus extensos carnaubais e à fertilidade de seu solo, não deu, no seu passado, ao problema da instrução, o carinho e o cuidado que ele bem merece.

A população, apesar de ordeira e de bons costumes, no que nenhuma outra lhe leva vantagem, é ainda muito atrasada.

Em face desta observação e notando que, atualmente, há um grande surto de progresso neste setor da instrução, foi nosso primeiro cuidado procurar incentivar cada vez mais este movimento, interessando-nos sobremodo pela instrução da zona.

Como já existia, fundada há 3 anos, uma Escola Normal Rural para moças, lancei a ideia da fundação de um estabelecimento de ensino equiparado que viesse beneficiar a mocidade masculina.

---

<sup>205</sup> Antônio Malveira (1998), por exemplo, esmerou-se nessa ideia. Entretanto, em entrevista a um pesquisador, ele chegou a confessar que, antes mesmo da instalação da diocese, a cidade vinha gestando um “movimento de conscientização” sobre a importância da educação. Diz ele: “Já havia em Limoeiro um movimento de consciência [de] que a educação era peça importante para o progresso, fato que deveria ter sido assimilado por Dom Aureliano, quando da sua chegada. Acredito que Dom Aureliano, mesmo com toda a sua visão intelectual, foi sensibilizado pelas ideias daquela gente, integrando-se no processo e o liderando posteriormente”. In: VASCONCELOS JÚNIOR, 2006, p. 52.

<sup>206</sup> Um jornalista que conversou com o bispo sobre esse problema, afirma: “Sua Excelência, pondo a larga mão à frente, me disse que são tantas as dificuldades que se antolham ao seu objetivo que precisa estudá-las devagar, a fim de encará-las sem receio”. In: VALDIVINO, José. “O ginásio de Limoeiro”. *O Nordeste*, 05 de dezembro de 1940, p. 3.

A idéia encontrou decidido apoio dos homens da terra.<sup>207</sup>

Como a diocese não dispunha de recursos para uma empresa desta monta, lançamos um empréstimo em bases que não viesse a prejudicar a diocese, em qualquer emergência.

E assim no dia 4 de janeiro de 1941, com grande assistência de fiéis, lançamos a primeira pedra do Ginásio Diocesano, que visa a equiparação no próximo ano [1942], aproveitando para isso o pequeno Colégio Pe. Anchieta, já existente na localidade e que será encampado pelo Ginásio.

O prédio está orçado em 400 contos de reis.<sup>208</sup>

O bispo decidiu pedir ajuda aos mesmos homens que tornaram possível a escolha da cidade para sede episcopal. Já em 02 de novembro de 1940, pouco mais de um mês depois da sagração, convocou uma reunião no Palácio, convidando autoridades civis (prefeito, juiz, coletor federal, tabelião), comerciantes e proprietários de carnaubais, três padres (Otávio de Alencar Santiago, Francisco José de Oliveira e Misael Alves de Sousa, secretário da reunião) e mesmo profissionais liberais já reconhecidos socialmente, como o médico Deoclécio Lima Verde e o advogado Manuel de Castro.<sup>209</sup> Abrindo a sessão, expôs sua finalidade: “consertar com os presentes um plano, a fim de equiparar o Ginásio Diocesano, cujo escopo principal é formar a mocidade intelectual e moralmente, de acordo com as normas da pedagogia cristã”.<sup>210</sup> Para isso, seria conveniente encampar o Educandário Padre Anchieta, aproveitando o curso primário ali ofertado. Para executar o plano, uma pequena fortuna seria necessária.<sup>211</sup> Os homens endinheirados ali presentes teriam se prontificado a comprar ações nos valores de quinhentos reis, de um conto e de dois contos, de acordo com a fortuna de cada um. Um senhor, rico

---

<sup>207</sup> A expressão “homens da terra” é utilizada nesse documento para designar a elite da cidade, ou seja, os “donos do dinheiro”: proprietários de carnaubais, comerciantes, fazendeiros, médicos e outros profissionais liberais.

<sup>208</sup> SOUSA, Misael Alves de (Cônego). **40 Anos Depois**: Solenidade Comemorativa do Transcurso do 40.º Aniversário de Sagração Episcopal de D. Aureliano Matos, 1.º bispo da Diocese de Limoeiro do Norte – CE (1940-1980). Discurso proferido naquela solenidade pelo Pe. Misael Alves de Sousa. Limoeiro do Norte: [s.n.], 1980, p. 8 e 9.

<sup>209</sup> O grupo era bem eclético e fazia parte do plano de dom Aureliano convocar representantes de toda a sociedade, para que o projeto fosse encampado por todos. O médico Lima Verde, por exemplo, já era maçom nessa época.

<sup>210</sup> EDUCANDÁRIO PADRE ANCHIETA. **Livro de Atas**. Limoeiro, 1940, p. 2f. Em 1980, o padre Misael Alves de Sousa publicou um opúsculo em comemoração aos quarenta anos da sagração de dom Aureliano, incluindo nele a transcrição dessa ata, com algumas alterações feitas, por ele, sobre o original. Como tive acesso ao original manuscrito, ative-me à fidedignidade da fonte primária. Cf. SOUSA, 1980, p. 9-12.

<sup>211</sup> Para obter o dinheiro, o bispo pretendia fazer “um empréstimo, emitindo ações resgatáveis conforme o movimento e a produção dando como garantia o terreno e o prédio do referido Estabelecimento, com juros de cinco por cento ao ano, após seis meses de funcionamento do Ginásio”. Cf. EDUCANDÁRIO... **Livro de Atas**. Limoeiro, 1940, p. 2v e 3f.

proprietário de matas, doou toda a madeira referente à lenha para queimar tijolos e para a estrutura do teto.

Segundo o jornal, nessa reunião entre os “elementos de destaque local, foram logo subscritos mais de oitenta contos”,<sup>212</sup> um evidente exagero, comparando os valores pontuados nas atas.<sup>213</sup> Certamente, outros membros da sociedade limoeirense foram convocados a ajudar, já que o prédio finalizado estava orçado em quatrocentos contos de reis. Como aqueles homens juntaram altas somas em tão pouco tempo? Alguns deles precisaram vender gado ou esperar o comércio “apurar” para obter a soma prometida e outros possuíam dinheiro guardado em casa, hábito na época.<sup>214</sup> Assim, o apelo do bispo deu certo e, segundo o padre Misael, já “no dia 4 de janeiro de 1941, com grande assistência de fiéis, lançamos a primeira pedra do Ginásio Diocesano”.<sup>215</sup> Adepto da mentalidade à época, o bispo acreditava que a “educação religiosa deveria ser contínua, ao invés de orientada somente às crianças que estavam se preparando para a primeira comunhão” (MAINWARING, 1989, p. 50).

O Ginásio Diocesano começou suas atividades ainda no ano de 1942, o que indica que as obras andaram aceleradas e que não faltou dinheiro para o material e para pagar mestres de obra e pedreiros. Em 29 de março, teve início o primeiro ano letivo do estabelecimento, matriculados cento e vinte e nove garotos, entre os cursos de admissão, primário e ginasial. Para dirigir o ginásio,<sup>216</sup> dom Aureliano convidou o jovem padre Aluísio de Castro Filgueiras,

---

<sup>212</sup> *O Nordeste*, 06 de novembro de 1940, p. 4.

<sup>213</sup> Segundo a primeira ata, naquela reunião se arrecadou “um total de quatorze contos e quinhentos mil reis”. A segunda ata acusa uma soma de dezesseis contos. O total das duas reuniões para levantamento de valores somaria pouco mais de trinta contos. Admitindo a ocorrência de mais subscrições, nos dias seguintes, a quantia arrecadada poderia ser maior, porém, seguramente, a soma de oitenta contos não seria reunida em um único dia, como supõe o jornal. Os dados foram obtidos em: (1) SOUSA, Misael Alves de (Cônego). **40 Anos Depois**: Solenidade Comemorativa do Transcurso do 40.º Aniversário de Sagração Episcopal de D. Aureliano Matos... Limoeiro do Norte: [s.n.], 1980, p. 11; (2) EDUCANDÁRIO... **Livro de Atas**. Limoeiro, 1940, p. 4f/v.

<sup>214</sup> Guardar cédulas, mesmo de alto valor, era hábito dos endinheirados. Cf. *O Nordeste*, 31 de julho de 1944, p. 4.

<sup>215</sup> SOUSA, Misael Alves de (Cônego). **40 Anos Depois**... Limoeiro do Norte: [s.n.], 1980, p. 9. Se esta foi a chamada “pedra fundamental”, há uma dualidade de datas, já que o padre Pitombeira (1992, p. 23) encontrou um rascunho a lápis de uma ata que retrocede o lançamento dessa pedra para 22 de dezembro de 1940, apenas cinquenta dias após a realização da primeira reunião com o bispo. Meton Maia e Silva (1990) aceita a primeira data.

<sup>216</sup> Segundo o padre Pitombeira (1992, p. 27-8), diretor do estabelecimento durante décadas, dirigir o ginásio era enfrentar o desafio de disciplinar “centenas de meninos e rapazes oriundos,

e este chamou para auxiliá-lo, assumindo funções docentes e administrativas, o padre Heitor de Matos Montenegro e o professor Joaquim Alexandre Neto (PITOMBEIRA, 1992). O padre Aluísio, ordenado em 1934, enviado a Russas no ano seguinte, como coadjutor do vigário Vital Gurgel Guedes, lá permaneceu até 1942, quando assumiu a direção do Ginásio Diocesano.<sup>217</sup>

Criar escolas no sertão era considerado um ato quase heroico:

Abrir casa de Instrução, em um recanto sertanejo, cujos campos dia a dia se despovoam, em troca do urbanismo atraente das capitais, onde aglomeram centenas de indivíduos, em busca de vida cômoda, do velo de ouro, quando o interior é olhado somente para se saber o computo das safras, é corajosa tarefa, que nem a todos é dado conhecer e aferir.<sup>218</sup>

Na documentação consultada, levantar um grande edifício, em menos de dois anos, e fazê-lo funcionar como uma escola de referência nos torrões do sertão são trabalhos que exigiam grande esforço humano.<sup>219</sup> Mas, para o bispo, valia a pena porque aquele colégio prenderia a juventude no sertão, diminuindo o êxodo rural por motivação estudantil, além de se constituir num braço forte de doutrinação cristã,<sup>220</sup> isto é, num instrumento de hegemonia da Igreja, de seu poder de dominação sobre as almas. Sua intenção em retardar ao máximo a ida dos moços para as capitais ou cidades grandes se desvela, na verdade, como vontade de evitar que a juventude jaguaribana entrasse em contato com os vícios da modernidade que, nesses centros urbanos, “corriam

---

na maioria, dos sítios e das fazendas, sem nenhum hábito de convivência em escola”, ou seja, “despreparados para a vida de estudos regulados por horários rígidos”.

<sup>217</sup> Esse clérigo já possuía experiência em dirigir colégios. Em 1937, apenas um ano antes do colega Misael Alves de Sousa criar o Educandário Padre Anchieta, em Limoeiro, o padre Aluísio fundara o Ateneu São Bernardo, em Russas, com a primeira turma contando cento e doze alunos externos. Com a epidemia de malária no Vale, o número de alunos sofreu um duro golpe, mas a escola não fechou. Antes do Ateneu, em 1936, o padre Aluísio criara um curso noturno de alfabetização para os pobres, cuja matrícula, em 1938, chegou à soma de cento e sessenta alunos. Essa tarefa só pôde ser realizada com a ajuda de professoras voluntárias.

<sup>218</sup> *O Nordeste*, 13 de setembro de 1939, p. 3.

<sup>219</sup> Em função disso, gestou-se entre os memorialistas um perfil de dom Aureliano como um homem quase sobrenatural. Diz um deles: “somente um homem como Dom Aureliano enfrentaria, como o fez, tamanho desafio, pois confiava nos seus paroquianos e na sua alta missão apostólica” (MALVEIRA, 1998, p. 28).

<sup>220</sup> Registro do bispo: “Este Ginásio funcionará em um vasto e confortável prédio, recentemente construído, obedecendo a todos os requisitos pedagógicos. Não é exagero dizer que é um dos melhores do Estado. Conta com um corpo docente competente, dispondo de gabinetes de Física, Química, História Natural, Geografia, Desenho e campos de diversão [quadras de esportes]. Além da vantagem de manter as crianças por mais tempo no interior, oferecerá ainda vantagens de ordem econômica, pois os preços de pensão e estudos são mais módicos do que os dos colégios da Capital. Este estabelecimento de ensino visa dar à mocidade estudentina não só uma instrução sólida como também uma educação cristã”. CÚRIA DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE (Ceará). **Circulares, Decretos, Atos, Cartas Pastorais etc.** Livro 01. Circular n.º 6, 22 de dezembro de 1941, p. 10f/v

soltos”. A fundação do ginásio deveria colocar o “Ensino ao alcance de todos, sem os graves prejuízos da educação da mocidade fora da vigilância paterna”.<sup>221</sup> Na concepção de dom Aureliano, os jovens precisavam ser “vigiados” para não que não caíssem na tentação do “estilo devoluto” da vida moderna. E isso seria mais fácil se os genitores ou responsáveis acompanhassem a formação escolar dos filhos na própria cidade. Com isso, o bispo tinha em mente o regime patriarcal de educação, esperando que esse sistema não sofresse nenhum arranhão pela fuga precoce dos filhos do lar, forma de independência reconhecidamente perigosa pela Igreja. Segundo Sérgio Buarque de Holanda (1995), o ensino superior jurídico, fundado em Olinda e São Paulo ainda em meados do século XIX, constituiu o que seria um impulso que faltava ao país para a formação de homens públicos “adequados” à modernidade, algo só possível porque eles saíram ou foram “arrancados”, ainda adolescentes, de seus meios provincianos e rurais e passaram a viver, por si mesmos, numa gradativa libertação dos “velhos laços” patriarcais. “Transplantados para longe dos pais, muito jovens, os ‘filhos aterrados’ de que falava Capistrano de Abreu, só por essa forma conseguiam alcançar um senso de responsabilidade que lhes fora até então vedado” (HOLANDA, 1995, p. 144). O antístite jaguaribano certamente queria evitar isso ao fundar o Ginásio Diocesano Padre Anchieta.

Além do secular abandono do sertão pelo Estado, esse modelo escolar oitocentista, potencialmente “libertador” do patriarcalismo, explica em parte porque, na zona jaguaribana, a escolarização sempre fora negligenciada. Muito em função disso, dom Aureliano precisou derrubar resistências e instaurar outra mentalidade, gerando nova perspectiva de futuro. Se não existisse um ginásio em Limoeiro, muitos pais nem cogitariam em enviar os filhos às cidades grandes, ou porque não possuíam recursos para tal ou porque não queriam esperar longos anos para que a jornada escolar produzisse os frutos “esperados”: empregos rentáveis. Para a grande maioria, mesmo entre os endinheirados, não havia outra perspectiva senão a de cooptar coercitivamente os filhos às mesmas atividades que permitiram a estabilidade da família, efêmera ou flutuante em razão da instabilidade climática e econômica. Para

---

<sup>221</sup> EDUCANDÁRIO PADRE ANCHIETA. **Livro de Atas**. Limoeiro, 1940, p. 4f.

Boris Fausto (2002), o que explica a falta de atração da escolaridade formal entre as classes desfavorecidas, na segunda metade do século XX, é a inadequação do ambiente escolar às camadas pobres e as necessidades sociais que levam esses segmentos a buscarem renda imediata.

Assim, durante muito tempo, fomentou-se na zona jaguaribana uma tautologia perversa que servia para legitimar a mentalidade de que o sertanejo não tinha como estudar porque não havia escola, e sem escola, ele não teria como estudar. Os irmãos Olímpio Augustinho Maia, nascido em 1914,<sup>222</sup> e Gumercindo Cláudio Maia, nascido em 1920,<sup>223</sup> foram vítimas dessa mentalidade. Criados na comunidade de Saco do Barro, no então distrito de Tabuleiro de Areia, a poucos quilômetros do centro de Limoeiro, são casos da inserção coercitiva e precoce na labuta dos pais. Sem direito à infância, eles foram atraídos à lida do campo antes mesmo de completarem dez anos e só tiveram acesso à escola nos dias em que não estavam ajudando na colheita do feijão, do algodão, no corte do carnaubal, na lida do gado... “Escola era uma coisa se desse certo”, diz o Sr. Gumercindo. “E fomos para aprender a ler, escrever, fazer contas”, recorda o Sr. Olímpio. Eles frequentaram, em períodos esporádicos, as aulas do professor Francisco Sidrônio, em um salão alugado. Como não existiam carteiras, os alunos mesmos pegavam emprestados os bancos da igreja matriz, pois o professor tinha a chave da porta, para uso durante a semana, devolvendo-os no sábado.

Quando o Ginásio Diocesano abriu suas portas, em 1942, o Sr. Gumercindo ainda era um rapaz parcialmente alfabetizado. E também seu irmão, mesmo já tendo quase trinta anos, sentiu a necessidade de dominar melhor o vernáculo. Para isso, pagou um professor particular, do pouco que ganhava com a venda de algodão e feijão. Em suas falas, os pais não parecem muito preocupados com a baixa escolaridade dos filhos, até porque a perspectiva de quem vivia na zona rural era realista e dura, dificilmente perpassando a ideia de mandar crianças estudarem fora de casa, mesmo quando os recursos financeiros eram favoráveis. Pagar a mensalidade do

---

<sup>222</sup> Entrevista concedida em Tabuleiro do Norte-CE, em 07 de dezembro de 2010. Em 28 de agosto de 2014, o Sr. Olímpio Augustinho Maia celebrou seu centenário de vida.

<sup>223</sup> Entrevista concedida em Tabuleiro do Norte-CE, em 29 de janeiro de 2005. O Sr. Gumercindo Cláudio Maia faleceu em 17 de outubro 2006, aos 86 anos de idade.

Ginásio Diocesano não era, de fato, algo viável para todos. No caso dos irmãos Maia, o Sr. Gumerindo lembrou: “Papai tinha recursos, tinha propriedade, carnaubal, gado, mas eu mesmo vim calçar meu primeiro par de sapatos quando tinha dezessete anos”. Segundo o depoente, a “cultura” do pai era apenas se vestir e trabalhar. Em função da gama de atividades econômicas que movimentava, é certo que havia recursos para educar formalmente os filhos, o que não aconteceu por falta de esclarecimento ou por excesso de imediatismo, já que a formação escolar demanda um período longo, preço que nem todos estavam dispostos a pagar. O certo é que, quando tiveram os próprios filhos, os irmãos Maia não repetiram o descaso do pai e investiram na instrução dos rebentos, já que “doía-lhes no coração” o descaso para com a escola, como vivenciado em sua infância e adolescência.

Assim, em seus primeiros anos de funcionamento, o Ginásio Diocesano precisou superar “grandes dificuldades”. Além do mencionado entrave de atrair alunos a um colégio de mensalidade cara, numa região não acostumada a investir na educação, o padre Francisco de Assis Pitombeira, diretor do estabelecimento durante quase cinquenta anos, admite que um dos entraves enfrentados nos primeiros anos foi compor adequadamente o corpo docente da escola. Mesmo alguns profissionais aptos não possuíam o registro do magistério que o MEC exigia. A solução, na época, foi pedir a esses profissionais que “emprestassem os seus nomes e os números de seus registros”. Nesse sentido, na “relação enviada ao MEC em 1942, há nomes de docentes que efetivamente não lecionaram no Diocesano” (PITOMBEIRA, 1992, p. 31).

A indisciplina dos alunos – parte criada em fazendas, na liberdade do campo, não afeitos ao regime quase monacal do Ginásio – também foi importante entrave na contratação de professores. Isso fica explícito em uma carta do bispo a um avô cujos netos, alunos do colégio, haviam sido castigados por indisciplina. Em defesa dos descendentes que ele mesmo criava, em virtude do falecimento da mãe dos meninos, o avô escreveu uma missiva ao Secretário da escola, fazendo severas críticas ao estabelecimento. Transcrevo abaixo a resposta de dom Aureliano:

Acaba de chegar ao meu conhecimento uma sua carta ao Secretário do Ginásio Diocesano, sobre uma penalidade imposta a alguns alunos dêste estabelecimento, entre os quais estão uns netos do Sr.

As acusações ao Ginásio contidas em sua carta são graves e por que feitas por um homem de reputação e responsabilidade mereceram meu enxame.

1º) O Sr. diz que o Ginásio não tem professor de musica. Não é exato. É professor desta matéria o Sr. Odílio Silva, registrado no ministério da Educação, e vem sendo substituído pelo professor protocolado Eliseu Barbosa.

2º) O Sr. diz que faltam professores para diversas matérias. Entretanto, todas as matérias estão sendo lecionadas por professores registrados e protocolados, como pode afirmar o fiscal federal do mesmo estabelecimento.

3º) O Sr. diz que o Ginásio está reduzido a escola do mestre Ovídio. E segundo estou informado, esta escola era uma nulidade. O Ginásio, portanto, no seu conceito é uma nulidade.

Realmente errei quando localizei o Ginásio Diocesano nesta cidade, onde havia absoluta falta de professores registrados. Entretanto, com grande esforço junto ao Ministério e aos homens de letras da terra, médicos, bacharéis e outros e com os meus padres consegui fazer o corpo docente deste estabelecimento preencher a todos os requisitos exigidos pelo Ministério.

Para isto, sacrifiquei, em parte, a assistência espiritual às almas [ilegível] das Paróquias vagas para manter como professores e na direção deste estabelecimento sacerdotes afim de ter êle uma direção segura, onde houvesse ordem e disciplina.

Efetivamente, fora de Limoeiro, em Fortaleza, [o colégio] é conceituadíssimo, chegando a se dizer que é o Ginásio onde se estuda.

Mas se é êle uma nulidade, uma simples escola do mestre Ovídio, não deve continuar [a] existir, porquanto sendo uma instituição diocesana seria uma vergonha para mim e para o próprio Limoeiro.

Se, portanto, eu chegar me convencer que o Ginásio é tido nesse conceito pelos principais homens de responsabilidade de Limoeiro, procurarei pagar o empréstimo que fiz para a construção do prédio [ilegível] com sacrifício e o transferirei para onde queiram a escola do mestre Ovídio.

Quando abri este estabelecimento não ignorava a indisciplina da mocidade odierna, que já encontra dificuldade em obedecer aos pais quanto mais aos professores. Entretanto, confiava nos pais.

Em vista desta indisciplina já encontro dificuldade em manter o Ginásio. O diretor ausentou-se, os professores recusam a continuar lecionando. Ainda há pouco tive que ir pessoalmente com o fiscal do Ginásio à casa de um professor afim de conseguir que voltasse às aulas, pois, desapontado com a indisciplina dos alunos recusou-se a continuar lecionando ali.

O castigo a que se refere não atingiu somente aos seus netos, como dá a entender, sendo uma injustiça a estes órfãos, talvez por serem pobres.

Talvez o Sr. julgue ter eu feito esta carta por serem o Diretor e o Secretário do Ginásio meus sobrinhos. Não estou defendendo senão a disciplina e o nome deste estabelecimento, porquanto prefiro não ter um Ginásio a tê-lo anarquizado. Aliás, se estão ali, foi antes por iniciativas de outros que me solicitaram a nomeação dos mesmos para o referido Ginásio.<sup>224</sup>

Ao contrário do que faz parecer a ala memorialista de Limoeiro, no sentido de que o primeiro prelado não teria encontrado dificuldade alguma para

---

<sup>224</sup> MATOS, D. Aureliano. [Carta ao cel. José Jerônimo de Oliveira]. Limoeiro do Norte, 1945[?].



implantar seu projeto na zona jaguaribana, a carta de dom Aureliano apresenta outro cenário. As dificuldades apareciam à medida que o material humano era “moldado”. Como se vê, a rebeldia de discentes na fase da adolescência não é um problema recente, tendo sido a causa não somente da carta em si, mas da recusa de professores em lecionar para uma juventude que, segundo o bispo, se já não queria obedecer aos pais, muito menos aos docentes. O antístite teve que se deslocar até a casa de um mestre, “desapontado com a indisciplina dos alunos”, para pedir que ele voltasse ao Ginásio. Não resta dúvida de que a disciplina era observada rigorosamente, pois o bispo preferia não ter um colégio, a tê-lo “anarquizado”. A vida de um aluno do Diocesano dos primeiros anos se assemelhava à dos seminaristas, ao menos no regime disciplinar inflexível. Sob o olhar do bispo, a carta permite traçar um perfil do Ginásio Diocesano em seus primeiros anos de funcionamento, quando existia a disciplina de Música, ministrada pelo maestro Odílio Silva e pelo professor Eliseu Barbosa. O Ginásio teve sua excelência reconhecida na capital, não obstante o avô dos alunos castigados ter se referido ao estabelecimento com certo desprezo, chamando-o de “escola de mestre Ovídio”,<sup>225</sup> ou seja, uma escola de qualidade questionável, cujo professor não fora preparado para o magistério. O bispo refuta essa acusação dizendo que, ao contrário, o bom andamento do ginásio da diocese exigira a presença de padres que deixaram de ser enviados às paróquias vagas para assumir a direção.<sup>226</sup> Primava-se, assim, pela “ordem e disciplina” do estabelecimento. O documento não deixa dúvidas: a criação de escolas em Limoeiro era estratégia privilegiada que a

---

<sup>225</sup> A bibliografia disponível não traz maiores dados sobre o mestre Ovídio, nem mesmo seu nome completo. Segundo Maria Florinda de França, ele foi um dos que ensinaram em Limoeiro entre fins do século XIX e começo do XX, quando, em função da “ausência de escolas, [alguns] professores leigos, mesmo sem condições de preparo intelectual, ministravam aulas” (1974, p. 4). Franklin Chaves, que chegou a Limoeiro adolescente, em 1923, teve duas aulas com um professor com esse perfil, logo desistindo do “arremedo de aula”. “Eu me convenci de que o rapaz era muito mais atrasado do que eu. Ele não tinha condições de ensinar nem português nem matemática. Então, eu não continuei.” In: CHAVES, Franklin Gondim. Entrevista ao Núcleo de Documentação Cultural (NUDOC) da Universidade Federal do Ceará, concedida em Fortaleza-CE, em 21 de março de 1984 (Fita 01).

<sup>226</sup> O argumento do bispo se encaixa em análises como a de Scott Mainwaring (1989, p. 50-1): “Na teoria, a solução para o problema da educação religiosa parecia simples. Mas, na prática, a solução se deparava com algumas barreiras, sendo a mais importante, do ponto de vista da Igreja, a falta de padres. Já que grande parte dos relativamente poucos sacerdotes do país estava engajada no ensino ou em funções administrativas, muitas funções pastorais eram conduzidas de maneira inadequada”.

Igreja encontrara para dominar as “verdes mentes” dos moços, instruindo-os e disciplinando-os nos moldes do catolicismo conservador.

Magoado pela carta, o prelado ameaçava transferir o Ginásio Diocesano para outro lugar, mas somente se fosse convencido pela elite que financiara o projeto de que a escola não cumprira seu objetivo e se tornara uma “nulidade”. Como era de se esperar, a elite limoeirense não permitiria esse fim. O Ginásio Diocesano permaneceu na sede e se fortaleceu ao longo dos anos, inclusive com o recrudescimento da disciplina, considerada a chave-mestre para o sucesso de uma escola que pretendia educar não somente cidadãos, mas, sobretudo, homens tementes a Deus e obedientes ao modelo de Igreja concebido pelo prelado jaguaribano, conforme a reflexão de um ex-professor do colégio, escrevendo em 1992, no cinquentenário da instituição:

Debruçado sobre a hoje avenida Dom Aureliano Matos, o edifício do antigo “Ginásio Diocesano” domina, ainda hoje, o perfil daquele recanto da cidade. Sua concepção incorporou nitidamente uma forma seminarística. É um prédio que se fecha e amolda dentro de um estilo à época imperativa para colégios de administração e inspiração religiosa, impondo uma disciplina arquitetônica *sui generis*, em que se alinhavam os elementos construtivos e as tendências de proteção, de isolamento, que marcavam as intenções de sua projeção.

[...] Era tudo uma austeridade, segura e sólida. Uma invenção que copiou o perfil de seu criador, Dom Aureliano Matos, o inesquecível primeiro Bispo da Diocese.

O edifício tinha ambições regionais. Feito para centralizar, em Limoeiro, a orientação religiosa que a Igreja de D. Aureliano acolhia como a mais relevante.

[...] Provenientes do Seminário ou por ele influenciados, os professores não discutiam muito o aspecto metodológico [de sua didática].

[...] O programa – só depois se viu isso com clareza – era feito fora da escola.<sup>227</sup>

Como se percebe, a concepção de um colégio que educasse o mancebo sertanejo no rígido modelo de disciplina cultivado pela Igreja compunha uma das frentes do projeto de dom Aureliano para o Vale do Jaguaribe, ou seja, investir na “educação cristã” e manter, assim, a região afastada das nefastas influências do “neopaganismo moderno”. Nesse sentido, o projeto do bispo se coadunava à reforma do ministro Gustavo Capanema (1942), segundo a qual a educação deveria servir prioritariamente na constituição de uma realidade política, moral e econômica da pátria, alinhando-se então aos ideais nacionalistas do Estado Novo, rascunhados inicialmente na reforma Francisco

---

<sup>227</sup> ALVES FILHO, Pedro. **Os 50 anos do Colégio Diocesano**. Limoeiro do Norte, 1992, p. 2-4.

Campos (1931).<sup>228</sup> Legitimando a desigualdade social, essas reformas marcariam a história educacional do Brasil por adequar o ensino ao projeto político de Vargas, isto é, por fazer uma divisão sócio-econômica do trabalho. Assim, ao se distribuir funções sociais aos educandos, segregava-se a própria educação, que se dividia em vários “segmentos”: um para as mulheres (educadas para o lar), outro para a elite (educada para “dirigir” o povo), outro para os filhos das camadas médias urbanas (futuros profissionais liberais) e outro para os pobres (o futuro “exército de trabalhadores” que exploraria a “riqueza potencial da nação”).

Assim, o período que vai dos anos 30 aos anos 60 foi importante tanto para a consolidação do capitalismo no Brasil, com a industrialização, como também para a penetração efetiva de uma nova ideologia educacional, que proclamava a importância da escola como via de reconstrução da sociedade brasileira, advogando para tal a necessidade de reorganização do ensino (BRITO, 2015, p. 12).

Para dom Aureliano, a realidade era simples: a segregação da educação era resultado da própria desigualdade social na região, uma vez que somente os ricos comerciantes e proprietários de carnaubais ofereciam condições de manter crianças e adolescentes numa escola que cobrava mensalidades inviáveis aos despossuídos. E mesmo aqueles, sofrendo revezes econômicos, sobretudo em períodos de estiagem, podiam se tornar inadimplentes e assim deixar de matricular seus filhos. O quadro abaixo, listando as matrículas e os balancetes dos sete primeiros anos do Ginásio Diocesano, mostra as oscilações e dificuldades de manter uma escola dispendiosa em pleno sertão cearense dos anos de 1940:

Quadro 05

**MATRÍCULAS E BALANCETES DO GINÁSIO DIOCESANO PADRE ANCHIETA  
DE LIMOEIRO DO NORTE, ENTRE OS ANOS DE 1942 E 1948**

| Ano  | Total de Alunos Matriculados | Alunos: Curso de Admissão | Alunos: Curso Primário | Alunos: Curso Ginásial | Receita em Cr\$ (Cruzeiro) | Despesas em Cr\$ (Cruzeiro) | Saldo em Cr\$ (Cruzeiro) |
|------|------------------------------|---------------------------|------------------------|------------------------|----------------------------|-----------------------------|--------------------------|
| 1942 | 129                          | 23                        | 79                     | 27                     | 100.670,30                 | 98.232,00                   | 2.438,30                 |
| 1943 | 143                          | 23                        | 83                     | 37                     | 100.885,10                 | 92.667,90                   | 8.217,20                 |
| 1944 | 154                          | 13                        | 70                     | 71                     | 139.775,40                 | 121.250,60                  | 18.524,80                |

<sup>228</sup> Sobre isso, ver: BRITO, Silvia Helena A. de. “A educação no projeto nacionalista do primeiro governo Vargas (1930-1945)”. Disponível em: [www.proferlao.pbworks.com](http://www.proferlao.pbworks.com), acesso em 25 jun. 2015.

|      |     |    |     |    |            |            |           |
|------|-----|----|-----|----|------------|------------|-----------|
| 1945 | 199 | 29 | 91  | 79 | 139.271,00 | 132.196,00 | 7.075,00  |
| 1946 | 230 | 32 | 102 | 96 | 183.683,50 | 163.689,50 | 19.994,00 |
| 1947 | 181 | 30 | 70  | 81 | 185.760,00 | 184.527,20 | 1.232,80  |
| 1948 | 124 | 20 | 25  | 79 | 141.150,50 | 142.230,80 | -1.080,30 |

Fonte: GINÁSIO DIOCESANO PADRE ANCHIENTA. **[Pasta de Documentos Diversos]**. Documentos datilografados e assinalados a caneta. Limoeiro do Norte, 1942-1949.

A educação no município de Limoeiro do Norte, segundo o Censo do IBGE de 1950, correspondendo aos anos anteriores, apresentava severas fragilidades. Do total de 30.363 pessoas presentes no município, 21.213 não sabiam ler e escrever. Como o Ginásio Diocesano, nessa época, só recebia homens, os dados a seguir dizem respeito apenas ao sexo masculino. Do total de homens alfabetizados, 4.530, apenas 269 haviam concluído o nível elementar; 41, o nível médio e 17, o nível superior (IBGE, 1950), incluindo aqui padres e profissionais liberais que foram estudar fora e voltaram para Limoeiro. Se os números do Censo forem próximos do real, tem-se que admitir que nem mesmo metade dos noventa e seis rapazes que se matricularam, em 1946, no início do curso ginasial, conseguiu concluí-lo em 1949, ano anterior ao recenseamento. A crise já se arrastava desde o ano anterior, 1948, quando apenas treze alunos colaram grau ginasial, sendo o número de matriculados no início do curso, em 1945, de setenta e nove rapazes. Sessenta e seis alunos ficaram pelo meio do caminho.<sup>229</sup>

O quadro mostra que houve crescimento de matrícula de 1942 para 1943 em quase todos os cursos, bem como de 1945 para 1946. Houve quedas bruscas, sobretudo no curso de admissão, de 1943 para 1944, além do curso primário. Todavia, o maior decréscimo de matrículas, em todos os cursos, verificou-se de 1946 para 1947, não obstante o número total de matrícula se mostrar ascendente até o ano de 1946, quando houve evasão escolar de

<sup>229</sup> Na edulcorada visão dos memorialistas, essas crises são amenizadas ou ignoradas. Em estilo literário, por exemplo, um deles descreve como se deu, em 1945, a festa de formatura da primeira turma de humanistas do Ginásio Diocesano: “O fato foi comemorado com uma bela festa e na qual dom Aureliano pronunciou um emocionante discurso. Foi uma noite de gala para o Ginásio, enfeitado de lindas bandeirolas, tremulantes à suave brisa, vinda da margem do rio, por intermédio de seus esguios e verdejantes carnaubais. Mulheres e homens elegantes apinhavam o salão de festa, todos com fisionomia aristocrática, pois ali, naquele momento de emoções, não se encontrava, somente, a sociedade local, porém a das cidades-irmãs. Naquela época, naqueles rincões, o rapaz que terminava o ginásio andava com ar de doutor. E o velho rio, sério, dormindo no seu leito de areia, assistia a tudo aquilo com a serenidade dos fortes” (MALVEIRA, 1998, p. 30).

quarenta e quatro alunos, fora os treze que colaram grau no final de 1947.<sup>230</sup> As finanças do Ginásio Diocesano também iam razoavelmente bem, com saldos positivos até 1947. Ano de crise, 1948 apresenta um *déficit* de mais de mil cruzeiros, quando em 1946 o estabelecimento atingira o recorde positivo de quase vinte mil cruzeiros de saldo. O fim da guerra na Europa (1945), desencadeando considerável queda na cotação da cera de carnaúba, é apontado como fator preponderante dessa crise no colégio. Aliás, segundo as fontes, se não fosse o bom preço da cera, dificilmente os pais teriam matriculados seus filhos entre os anos de 1942 e 1946, ou mesmo a elite limoeirense teria condições de contribuir na construção da escola.

Durante a guerra, aumentou a demanda e o próprio preço por arroba vendida no comércio de Limoeiro chegou, em 1946, a Cr\$ 900,00 [novecentos cruzeiros o quilo] a cera de olho [de melhor qualidade].

Quando se lê a relação dos que contribuíram acionariamente para a construção do Ginásio Diocesano, é evidente que havia reservas guardadas nos baús, e elas vinham da cera de carnaúba (PITOMBEIRA, 1992, p. 13).

Desvalorizada a cera de carnaúba, abalava-se a economia da cidade. E sem recursos, as matrículas no Ginásio Diocesano minguavam. Como conseguir lotar um ginásio do sertão se faltava o essencial, o alunato? E como convencer os pais com recursos estremecidos que investir na educação dos filhos era prioridade inegociável? Como não deixar murchar “um dos frutos da batalha episcopal”?<sup>231</sup> Vendo abalada sua coluna da Educação, o bispo logo tomou providências para evitar maiores danos:

Atento aos sinais de crise e preocupado com o baixo índice de matrícula no curso primário, Dom Aureliano dirige uma mensagem aos pais de família a 23 de janeiro de 1949, anunciando “uma completa reforma, quer quanto ao professorado, quer quanto à organização dos estudos”. Chama para dirigir o colégio o jovem e inteligente sacerdote recém-ordenado, Pe. José Mauro Ramalho Alarcon e Santiago. Pela tardinha, saía o Pe. Mauro em sua bicicleta, visitando as famílias e convidando-as a matricular os filhos no Ginásio (PITOMBEIRA, 1992, p. 38-9).<sup>232</sup>

---

<sup>230</sup> O número de evadidos foi obtido assim: Em 1947, 181 alunos estavam matriculados e treze colaram grau no final do ano. Restaram 168 alunos que deveriam continuar seus cursos no ano seguinte. Como apenas 124 se matricularam em 1948, a diferença, de 44 alunos, corresponde ao número dos que saíram do colégio sem concluir o curso no qual haviam se matriculado.

<sup>231</sup> Expressão utilizada pelo memorialista Antonio Malveira. Cf.: MALVEIRA, 1998, p. 30.

<sup>232</sup> Diz o panfleto escrito pelo bispo: “Para isso, faz-se um apelo aos senhores pais de família no sentido de matricularem no Ginásio os seus filhos. [...] A Diretoria, de acordo com o professorado, está disposta a envidar todos os esforços para que o ano de 1949 seja um ano de intensa vida escolar neste Estabelecimento, satisfazendo, assim, **aos sacrifícios dos bondosos pais de família**, desejosos de verem o progresso intelectual de seus filhos”. In: PITOMBEIRA, 1992, p. 85, grifos meus.

O padre Mauro Ramalho foi empossado em 30 de janeiro de 1949,<sup>233</sup> menos de dois meses após sua ordenação sacerdotal, ocorrida em Russas, em 05 de dezembro de 1948. Pianista, orador, professor de Português e Francês, padre Mauro era filho do farmacêutico José Ramalho de Alarcon e Santiago, que tanto lutara para elevar Russas à sede do sôlio jaguaribano, conforme visto no Capítulo anterior. Segundo o bispo, a nomeação se justificava em função de ser aquele jovem padre “portador de grandes predicados para o magistério, como se revelou no Seminário de Fortaleza” (In: PITOMBEIRA, 1992, p. 85). A fundação do Ginásio Diocesano, sucedendo-se à criação da Escola Normal Rural, quatro anos antes, e esta pouco depois da inauguração do Grupo Escolar Padre Joaquim de Menezes, colaborou efetivamente para sacudir, na década de 1940, o marasmo provinciano de Limoeiro, contando agora a cidade com “a presença ruidosa e colorida dos Colégios com suas bandeiras e fardas de gala” (PITOMBEIRA, 1992, p. 33). Agora os “filhos de Limoeiro” podiam estudar e sonhar com outro futuro, longe do analfabetismo que tanto inquietara a elite limoeirense em meados dos anos de 1930.

Todavia, estando garantida a oportunidade de estudo apenas para as meninas (Escola Normal) e para os meninos (Ginásio Diocesano) filhos da classe que detinha alguma condição financeira, os pobres só podiam contar com o Grupo Escolar Padre Joaquim de Menezes, correspondendo somente ao Ensino Primário. Faltava em Limoeiro uma escola que cobrisse a carência de vagas para meninas pobres e que detectasse, entre elas, eventuais vocações sacerdotais. Pensando nisso, dom Aureliano criou o Patronato Santo Antônio dos Pobres, cujo objetivo era formar “mães cristãs”,<sup>234</sup> isto é, mulheres segundo o padrão exigido pela Igreja. Na região, já existia uma instituição escolar similar: o Patronato Coração Imaculado de Maria, inaugurado em Russas em 25 de julho de 1937, e dirigido pelas irmãs da Congregação Coração de Maria, vindas de Belém do Pará.<sup>235</sup> Mesmo tendo fechado suas

---

<sup>233</sup> *O Nordeste*, 01 de fevereiro de 1949, p. 3. Segundo o jornal: “A referida nomeação foi muito bem recebida em toda zona jaguaribana, onde são conhecidos os méritos do digno sacerdote.

<sup>234</sup> Entre os memorialistas, prevalece como objetivo de fundação dessa escola o seguinte: “preparar as moças menos favorecidas [economicamente], proporcionando-lhes no futuro melhores condições de vida e de ajuda aos seus familiares” (FRANÇA, 1974, p 14).

<sup>235</sup> *O Nordeste*, 20 de julho de 1937, p. 4. A expressiva soma angariada pelo farmacêutico José Ramalho de Alarcon e Santiago, e por sua esposa, na tentativa de reunir a quantia exigida pelo

portas durante quatro meses, entre abril e julho de 1938, ápice do surto de febre amarela na região, nos anos posteriores, no patronato russano, foram ofertados, com boa demanda, os cursos de corte geométrico, pintura e vida doméstica.<sup>236</sup> Em 1944, a escola oferecia, além da instrução primária, aulas de bordado, corte geométrico, arte culinária, piano e datilografia, somando trinta internas e cinquenta e seis externas.<sup>237</sup>

A primeira menção à criação do Patronato Santo Antônio de Limoeiro foi encontrada em matéria de jornal datada de 14 de setembro de 1944. Nela, comunica-se que no dia 01 de outubro daquele ano se realizaria um leilão de mais de cem cabeças de gado, destacando-se vacas e novilhos de puro sangue, “rezes doadas ao Bispado para atender à construção do Patronato Santo Antônio dos Pobres, que, em breve, estará funcionando naquela próspera cidade”.<sup>238</sup> A disponibilidade da elite limoeirense, abrindo os cofres para construir o Ginásio Diocesano, parece ter convencido o bispo de que outras obras para a cidade e a região poderiam ser feitas. Para isso, contou com a doação dos pecuaristas e criadores de gado que, atendendo ao seu apelo, entregaram mais de cem cabeças para leilão. Transformado em dinheiro, aquele gado possibilitaria a construção do patronato. O jornal confirma, dois dias depois do evento, que “decorreu animadíssimo o leilão de gado, em Limoeiro, em benefício do Patronato que ali vai ser dirigido pelas Irmãs de Caridade”.<sup>239</sup>

Dom Aureliano sabia que os pais das moças pobres de Limoeiro não podiam mandá-las estudar em Russas, demandando gastos que eles não dispunham. Era preciso criar um patronato na sede do bispado para alcançar a mocidade do distrito-sede, das vilas e comunidades mais próximas. Mesmo assim, a pobreza era tão acentuada que uma depoente nascida em 1937

---

arcebispo para a cidade que pretendesse sediar a diocese jaguaribana, teria sido utilizada na construção do prédio desse patronato (BESSA, 1998, p. 206).

<sup>236</sup> *O Nordeste*, 17 de agosto de 1939, p. 4.

<sup>237</sup> *O Nordeste*, 22 de maio de 1944, p. 4. O número ainda inexpressivo de alunas indica que esse colégio não conseguiu se tornar um polo aglutinador na região, ou seja, não conseguiu atrair a juventude das cidades vizinhas, a exemplo do que aconteceu com a Escola Normal Rural de Limoeiro.

<sup>238</sup> *O Nordeste*, 14 de setembro de 1944, p. 3. Diz-se, ainda, que o prefeito, como prova de apoio ao leilão e, sobretudo, à “generosidade dos doadores do gado para obra de tão elevado fim social”, daria um prêmio ao pecuarista que doara o animal que alcançasse maior lance.

<sup>239</sup> *O Nordeste*, 03 de outubro de 1944, p. 1.

explicou porque muitas crianças, como ela, não estudaram no Patronato Santo Antônio dos Pobres, não obstante residir a apenas doze quilômetros da escola:

Em Tabuleiro de Areia, na época, contava-se a dedo quem podia colocar a filha para estudar em Limoeiro, no Patronato, ou mesmo o filho, numa casa de parente, para estudar no Ginásio Diocesano. Precisava ter condições para mantê-los e foram bem poucos que conseguiram. Lembro que o Sr. Antônio Alves Maia, que era latifundiário, botou duas filhas para estudar no Patronato e lá elas descobriram a vocação religiosa e depois se tornaram freiras. Para os moços, como tinha condição, comprou casa em Fortaleza e assim eles puderam estudar.<sup>240</sup>

Diferente do Ginásio Diocesano, cujo projeto original se pode atribuir seguramente ao padre Misael, o Patronato parece ser ideia do bispo. Em comum acordo, sacerdote e prelado conceberam escolas distintas para classes sociais e sexos definidos. Na época, a Igreja era absolutamente contra a chamada “educação mista” ou “coeducação”: a convivência de homens e mulheres em uma mesma escola, numa mesma sala de aula ou no mesmo turno. Esse sistema pedagógico moderno era considerado uma “forma fecunda de decadência social” e potencialmente perigosa.<sup>241</sup> A Escola Normal Rural seguiu rigidamente esse preceito, quando de sua fundação, aceitando apenas moças, abrindo exceção apenas em casos raros. O Ginásio Diocesano, então, veio para suprir a carência de uma escola exclusiva para rapazes. Quando ambos estavam em funcionamento, parecia ainda faltar uma instituição para as “moças pobres”, pois os “meninos pobres” eram visados pela Igreja para o seminário. Também no caso do Patronato Santo Antônio a Igreja acabaria descobrindo vocações para freiras, como mencionou a professora Raimunda Gadelha Chaves.

Portanto, a criação do Patronato Santo Antônio dos Pobres, em Limoeiro, e também a fundação do Ginásio Diocesano constituem ações da Igreja no sentido de tentar recuperar a primazia que ela sempre exercera na esfera educacional e que, desde o século XIX, fora profundamente abalada pelas ideias liberais, maçônicas e protestantes, reivindicando para o país um ensino laico. Essa luta pela imposição da “educação religiosa” só teria fim com

---

<sup>240</sup> CHAVES, Raimunda Gadelha (Mundosa). Entrevista concedida em Tabuleiro do Norte-CE, em 01 de janeiro de 2011.

<sup>241</sup> “Todos nós conhecemos a facilidade com que rapazinhos e mocinhas, hoje em dia [década de 1940], se entregam a colóquios amorosos em pleno sol e nas praças públicas. Ora, o ambiente coeducacional é um incentivo ao desenvolvimento cada vez maior dessa precocidade amorosa, onde tudo se tem a perder, pela facilidade dos encontros e ausência quase completa do sentido de responsabilidade.” *O Nordeste*, 01 de fevereiro de 1946, p. 3.



a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1961.<sup>242</sup> Como tantos outros membros da Elite eclesiástica brasileira, dom Aureliano considerava a educação da juventude em moldes católicos a única maneira segura de “recristianizar a nação” e evitar que ela mergulhasse de vez na secularização liberal, considerada uma espécie de “paganismo moderno”. Para obter sucesso nessa proposta, os agentes da Igreja acreditavam no que Ivan Manoel chama de “teoria dos círculos concêntricos”: a mãe cristã transmitia a educação aos filhos; estes transmitiam às suas próprias famílias, quando as instituíam, e estas, por fim, a toda a sociedade cristã (MANOEL, 2008).

Assim, a fundação de escolas em Limoeiro, pela diocese, constituía um ataque em várias frentes: a moça se tornaria “mãe de família”; o rapaz se tornaria “chefe do lar” e as crianças poderiam seguir carreira eclesiástica, fechando o círculo e engrossando a fileira dos que se consideravam imbuídos da missão de proteger a sociedade. O projeto do bispo na área de educação até previa uma modernização da cidade no presente, porém lançava mesmo seus olhos para o futuro daqueles que, sentados em bancos escolares, eram firmemente doutrinados nos princípios do catolicismo conservador, na expectativa de reprodução dessa doutrina como ideal perfeito de sociedade.

### **2.3 A coluna da Saúde: salvar gestantes e crianças num abraço entre o presente e o futuro**

Se em decorrência do abandono do Estado a região do Vale do Jaguaribe sempre padecera por falta de escolas, na área de Saúde pública a situação era mais grave, sobretudo durante epidemias. Durante todo o século XIX, as cidades jaguaribanas foram assoladas por contínuos surtos de varíola, sarampo, cólera e febre amarela. No caso da ainda pequena vila de Limoeiro, as três últimas décadas daquele século foram críticas, tendo o sarampo (1874) e a febre amarela (1888) feito “muitas vítimas no município limoeirense” (FERREIRA NETO, 2003, p. 262). Em documentos oficiais pesquisados pelo historiador Cicinato Ferreira Neto fica patente que os membros das câmaras municipais se viam em grande aperto, tendo que suplicar e mesmo pedir

---

<sup>242</sup> Sobre isso, ver: SAVIANI, Dermeval. **A nova lei da educação**: trajetória, limites e perspectivas. 11. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2008.

misericórdia ao presidente da província para que enviassem medicamentos, médicos e alimentos para socorrer o povo flagelado em decorrência de secas, fomes e epidemias. Enfim, no final do século XIX a situação da população jaguaribana ganhava contornos preocupantes: “doenças, seca, fome, descaso das autoridades, perda de trabalhadores, empobrecimento permanente” (2003, p. 271).

No século seguinte, o estado de abandono das “terras áspers”<sup>243</sup> persistiu conturbando os membros das câmaras municipais, já que as periódicas secas geralmente vinham acompanhadas de epidemias. Jornais reconheciam que, surtos como o da malária, na década de 1930, poderiam ter sido evitados se a região já fosse assistida pelo poder público. Em função de um antigo e persistente sentimento, entre os sertanejos, de que sua terra era desprezada pelos homens ou amaldiçoada por Deus,<sup>244</sup> a solução encontrada pelas populações do sertão era sempre a mesma: a migração para as cidades, sobretudo para a capital. Essa recorrência ou, antes, esse despovoamento crônico do semiárido desencadearia novos problemas no decorrer do século XX, conforme se verá adiante. Esse quadro desalentador, encontrado pelo primeiro bispo de Limoeiro, já era um velho conhecido dele, pois sua ação pastoral sempre se restringira ao interior cearense. Nesse sentido, ele chegou a enfrentar graves crises nas cidades por onde passou, tendo iniciado seu sacerdócio em Pentecoste, pobre paróquia do Ceará, durante a seca de 1915.<sup>245</sup> Três anos antes de ser eleito bispo de Limoeiro, em 1937, ainda vigário em Itapipoca, viu a cidade ser invadida por flagelados da seca.<sup>246</sup>

---

<sup>243</sup> “Terras áspers” é uma expressão da escritora cearense Rachel de Queiroz (1910-2004), usada para designar o bioma do semiárido nordestino. Cf.: QUEIROZ, 2001.

<sup>244</sup> Esse desalento é facilmente verificado nas páginas do jornal *O Nordeste*, sobretudo quando os editores dão voz ao homem simples da caatinga, dentre os poucos que sabiam ler e escrever, ou mesmo no caso de homens nascidos em Fortaleza que, por exigência de empregos públicos, passavam a morar no sertão. Em ambos os casos, prevalece um sentimento de autopiedade, como se o bioma sertanejo fosse inferior aos outros.

<sup>245</sup> Nas palavras de uma sobrinha do bispo, esse “seu noviciado tornou-se um calvário” (MONTENEGRO [Y.], 2007, p. 86). O então padre Aureliano teria recebido mantimentos do pai para superar a seca que, no imaginário cearense, foi uma das mais graves de toda a história.

<sup>246</sup> Diz o jornal: “De Itapipoca chegam notícias as mais desoladoras. A falta de chuvas naquela zona está dando bargem [margem] a que levas e levas de flagellados procurem aquella cidade, em busca de meios para não morrer de fome. Segundo informações do prefeito local, sobem a 5.000 os retirantes que deixaram seus lares impellidos pelo flagello da secca. Para apreciar de perto a extensão do occorrido, seguiu, hoje [03 fev. 1937], pela manhã, para aquella cidade, o exmo. Sr. Governador do Estado, que se fez acompanhar do Secretario do Interior, dr. Martins

Quando dom Aureliano Matos chegou a Limoeiro, a cidade não possuía nenhum programa ou projeto de Saúde, inexistindo hospital, maternidade ou qualquer estrutura que lembrasse um posto de saúde. A ausência de médicos e medicamentos levava “as populações rurais e urbanas a recorrerem aos remédios tradicionais e à medicina caseira” (FERREIRA NETO, 2003, p. 265). Partos eram feitos em casa, com a assistência das parteiras do sertão, e os doentes em geral, quando não podiam se tratar na capital, chegavam a viajar para outras cidades mais distantes:

Eu adoeci do pulmão em dezembro de 1941 e demorei a ficar bom. Fiquei com uma dorzinha no peito que não tinha fim. Foi no final do ano, resultado de extravagância que fiz. Estava muito gripado e com febre e tomei cerveja gelada. Então peguei uma pneumonia e quase morro. Por sorte, escapei.

Quando dona Maria Gonçalves soube, ela era diretora da Escola Normal daqui, aconselhou meu pai: “Homem, mande esse rapaz para Barbalha, pois eu tenho um primo lá que é bom médico; mande que eu faço um bilhete para o Dr. Leão”. Era assim que o médico se chamava. Ele chegou a ser até Deputado Federal, naquele tempo.

Então meu pai me mandou para o Cariri, e foi o maior sacrifício do mundo. De Limoeiro, num caminhão de carga, fui para Lavras da Mangabeira. Lá, esperei até pegar o trem para Juazeiro do Norte. Cheguei em Juazeiro já à noite, e não conhecia nada, mas me informei sobre transporte para Barbalha. Havia umas caminhonetas que saíam regularmente, peguei uma e fui.

No dia seguinte, fui ao médico. Já tinha muita gente esperando para se consultar e eu fiquei por último porque ainda era um começo de conversa. Aí mostrei o bilhete e ele me examinou. Passou um medicamento e disse: “Pode ir, mas volte daqui a certo tempo”. Parece que era um mês e pouquinho. Tomei o remédio e voltei. Cheguei lá, ele me examinou de novo e disse: “Pronto, está curado, pode ir e comer melancia quente”. Nunca esqueci essa expressão do médico.<sup>247</sup>

Quem não tinha outro recurso, só poderia contar com o auxílio dos padres. Em Limoeiro, a memória de sacerdotes cuidando de enfermos e flagelados da seca foi gestada pela tradição oral tendo em mente a figura do padre Joaquim Rodrigues de Menezes (1840-1890), que teria contraído febre amarela quando socorria as vítimas da seca de 1877-79.<sup>248</sup> Uma das homenagens do povo a esse vigário foi nomear o primeiro grupo escolar inaugurado pelo Estado com o seu nome. Em fins da década de 1930, como se disse, o surto de malária deixou milhares de mortos. No documento abaixo

---

Rodrigues e do director de Viação e Obras Publicas, dr. Paulo Ferreira.” *O Nordeste*, 03 de fevereiro de 1937, p. 1.

<sup>247</sup> MELO, Eurico Vieira de. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE, em 03 de janeiro de 2011.

<sup>248</sup> Nesse sentido, um memorialista reconhece: “Diz a tradição oral que ele comia macambira com o povo faminto! E até a pouca macambira para o seu sustento ele a repartia com os mendigos!” (CASTELLO BRANCO, 1995, p. 79).

(1939), monsenhor Santiago confirma que o clero de Limoeiro estava todo envolvido em socorrer os doentes, ao menos levando a extrema união:

Quase não temos tempo para outra cousa, o nosso trabalho é todo de confissões de moribundos. Que “gambiae” [mosquito transmissor da malária] terrível! Ri dos médicos, de seus guardas e da pobre, engenharia sanitária. O padre Macário há sete dias não celebra, abatido, vencido pelo valente animalzinho. Eu e o padre Misael ainda não recebemos os beijos mortíferos do “costalis” mas esperamos a cada instante depor as armas, também vencidos, Que Nosso Senhor proteja porque, se adoecermos, que será do pobre povo sem o abençoado conforto da Religião “in extremis”? Comtudo ainda trabalhamos no palácio... Avalie, agora o que não se passa com os outros padres, em pleno domínio do terrível “anofelis”!<sup>249</sup>

Também envolvidos na construção do Palácio Episcopal, a sagração do primeiro bispo às portas, dali a pouco mais de um ano, padre Macário Maia de Freitas já contraíra a doença, e os outros dois sacerdotes, Misael e Otávio, aguardavam a qualquer momento os “beijos mortíferos” do mosquito. Segundo o missivista, o inseto transmissor ria de médicos e dos chamados guardas mata-mosquitos. Chamada na época de impaludismo, a malária grassava no Vale do Jaguaribe, segundo jornais da época, já desde o ano anterior (1938). Em meados desse ano, o mesmo padre Santiago, ainda vigário de Riacho do Sangue (hoje Jaguaretama), fora a Fortaleza buscar socorro para as vítimas junto ao interventor federal interino, J. Martins Rodrigues, e ao diretor do Departamento de Saúde Pública, Vergílio de Uzêda. Do primeiro, o sacerdote conseguiu o “fornecimento de gêneros [alimentícios] para socorrer as famílias atacadas da epidemia” e, do segundo, entendimento para o envio de “remessa de medicamentos para combater o mal”.<sup>250</sup> Menos de vinte dias depois, o jornal noticiava que, como providências tomadas pelo governo do Estado teriam sido enviados ao Riacho do Sangue ambulatorios, remédios e enfermeiros, dentre outros cuidados.<sup>251</sup>

O fornecimento de alimentos, além de remédios, indicava que a população também passava fome; na verdade, uma realidade crônica à época. Esse fato, o permanente estado de desnutrição do povo, justificava uma teoria de estudiosos daqueles dias. Em palestra proferida no Centro Médico

---

<sup>249</sup> Impressionante carta sobre o estado sanitário de Limoeiro. In: *O Nordeste*, 26 de abril de 1939, p. 4. A carta está datada de 21 de abril daquele ano, o que condiciona a supor que a epidemia tenha começado bem antes.

<sup>250</sup> A malária em Riacho do Sangue. In: *O Nordeste*, 08 de julho de 1938, p. 4.

<sup>251</sup> A malária em Riacho do Sangue - o governo toma providencias. In: *O Nordeste*, 23 de julho de julho de 1938, p. 1.

Cearense (1938), Evandro Chagas<sup>252</sup> chega à conclusão de que a alta mortalidade na zona jaguaribana, em razão do surto de malária, deve-se ao “terreno humano profundamente desnutrido, com defesas orgânicas anuladas”.<sup>253</sup> Essa tese, segundo o jornal, reafirmava conclusões semelhantes obtidas por estudiosos como Belo da Mota, especialista em malária, e Vergílio de Uzêda, diretor do Departamento de Saúde Pública. A epidemia chegou a tal estado de gravidade que, naquele mesmo ano, fora solicitado do presidente Vargas um crédito de mil contos de réis para se executar um plano de combate à malária nos Estados do Ceará e do Rio Grande do Norte.<sup>254</sup> Em maio de 1939, o interventor do Ceará, Menezes Pimentel, visitava a cidade de Aracati, onde fora instalado um laboratório de estudos da malária. Com isso, o governo esperava que, em breve, fosse “o inimigo derrotado pelo exército sanitário em mobilização”, pois supostamente na zona jaguaribana o mosquito não encontraria “redutos para uma resistência sistemática”.<sup>255</sup> E, de fato, em breve o surto seria controlado, mas retornaria, pontualmente, dez anos depois. Em 1947, noticiava-se: o “surto de malária na zona aracatiense está sendo debelado... pelo Serviço de Malária da Delegacia Federal de Saúde”.<sup>256</sup>

Quando dom Aureliano chegou a Limoeiro, no primeiro ano da década de 1940, equipes de pesquisadores e captores do mosquito ainda percorriam urbe e interior do município (FREITAS e OLIVEIRA, 1997, p. 152). Um ano depois, o bispo escreveria uma espécie de hino de agradecimento a Deus pelo fim do surto de malária na região.<sup>257</sup> Não obstante, a ausência de políticas públicas na área da saúde tornava o Vale do Jaguaribe uma região de permanente fragilidade. Fazendo-se presente somente em momentos de crise,

---

<sup>252</sup> Evandro Serafim Lobo Chagas (1905-1940) era o filho primogênito do renomado cientista brasileiro Carlos Justiniano Ribeiro Chagas (1878-1934).

<sup>253</sup> O impaludismo no Jaguaribe. In: *O Nordeste*, 08 de julho de 1938, p. 1.

<sup>254</sup> *O Nordeste*, 18 de julho de 1938, p. 1. Segundo a nota, num telegrama ao interventor federal do Rio Grande do Norte, Sr. Rafael Fernandes, comunicava-se que “o presidente Getúlio Vargas despachou, anteontem [16 de julho de 1938], o processo, no Ministério da Fazenda, afim de ser aberto o aludido crédito”.

<sup>255</sup> O combate à malária. In: *O Nordeste*, 31 de maio de 1939, p. 4.

<sup>256</sup> *O Nordeste*, 18 de julho de 1947, p. 1.

<sup>257</sup> Diz dom Aureliano: “Estamos agradecendo a sua infinita Misericórdia que extinguiu, de vez, o flagelo maudito da malária, quando por entre atrozes angustias e amargurados prantos de aflição esvaíam-se as esperanças de vê-lo debelado, enviando-nos, em seguida, anos de bonança, pondo-nos, assim, em condições de antes dar do que pedir”. In: MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **Carta Pastoral (segunda)**: Pedindo aos seus diocesanos auxílio para construção do Seminário. Fortaleza; Livraria Humberto, 1941, p. 13.

quando solicitado, o Estado perpetuava um vácuo que obrigaria o bispo a tomar suas próprias iniciativas, priorizando duas classes de pessoas: as gestantes e os recém-nascidos.<sup>258</sup> Nesse sentido, na voz dos depoentes, dom Aureliano Matos não se conformou com a situação, “arregaçou as mangas”<sup>259</sup> e criou a Maternidade São Raimundo, com vistas a amparar mulheres grávidas desvalidas.<sup>260</sup> Encontrei, na Cúria Diocesana de Limoeiro do Norte, uma folha de papel amarelada contendo, frente e verso, o que seria um rascunho da ata de fundação da Associação Maternidade São Raimundo.<sup>261</sup> Fundada para

---

<sup>258</sup> Sobre isso, dom Pompeu relata a versão que se sedimentou entre os memorialistas: “Foi aos 8 de agosto do ano de graça de mil novecentos e quarenta e três (1943), que Dom Aureliano Matos... sonhou um lindo sonho: fundar uma maternidade para amparar as pobres mulheres gestantes que morriam de parto e às vezes quase à míngua. Foi o coração do solícito e caridoso Pastor que o fez sonhar. Sonhou, e o sonho virou realidade; a ideia luminosa transformou-se em realidade palpitante. [...] Vendo que muitas pobres mães de família morriam de parto, sem os devidos cuidados, seu coração se confrangeu, se comoveu, e ele resolve construir uma Maternidade, um Hospital. Antes porém de concretizar em tijolos e telhas esse seu projeto, tomou as providências para que a Maternidade começasse logo a funcionar. Foi numa casa adaptada, sita à Rua Cel. Malveira. Foi sua primeira Diretora, a fidalga Dona Isabel Távora Fontoura... Pouco a pouco, Dom Aureliano foi construindo a Maternidade, no local mesmo onde hoje está chantado o HOSPITAL SÃO RAIMUNDO.” In: BESSA, Pompeu Bezerra (Dom, bispo). **Algo de uma História que deve ser contada**: a História do Hospital São Raimundo. Limoeiro do Norte, 1983, p. 1 e 2.

<sup>259</sup> “Arregaçar as mangas” é uma expressão recorrente na fala dos depoentes. Para eles, significa: tomar providências; buscar ajuda; sair da inércia para a ação decisiva.

<sup>260</sup> Na versão dos memorialistas, a ação do bispo se justifica assim: “além do conforto espiritual de seus diocesanos... [dom Aureliano almejava também] a saúde deles, principalmente [das] mulheres... [Por isso,] criou a Maternidade São Raimundo” (MALVEIRA, 1998, p. 43-4). Também dom Pompeu acredita que, “já nos primeiros anos de seu episcopado” o primeiro bispo, “realizando concretamente seu lema episcopal – Deu aos frágeis de corpo o alimento –, pensou e logo concretizou seu sonho: dotar Limoeiro de uma Maternidade” (BESSA, 1998, p. 219, grifo meu).

<sup>261</sup> Teor do documento: “Aos vinte dias do mês de agosto do ano de mil novecentos e quarenta e três, no Salão do Círculo de Operários, desta cidade, pelas treze horas, teve lugar a sessão de fundação da “Associação da Maternidade São Raimundo”, sob os auspícios da associação das Mães Cristãs e da Prefeitura Municipal. Com a presença das autoridades civis, eclesiásticas, dos srs. médicos locais, distintas famílias e numerosa assistência popular foi aberta a sessão pelo Exmo. Sr. Bispo Diocesano, D. Aureliano Matos. Logo em seguida, Sua Excia em fluente e concisa oração, disse com muito acerto qual a finalidade da presente sessão e que servia a fundação da “Associação da Maternidade São Raimundo”, nesta cidade de Limoeiro, com o objetivo de manter uma maternidade, com igual nome, que naquele mesmo dia ficava fundada. Salientou com palavras de profundo agradecimento o auxílio que a L. B. A. deu para o mencionado fim, revelando assim a compreensão da importância e urgência na solução do problema máximo da Nação que é o amparo à maternidade e infância. Facultada a palavra usou dela o Sr. Hercílio Costa, inteligente e esforçado telegrafista desta cidade, que em fluente oração enalteceu a finalidade desta instituição, justificando a sua oportunidade. Em seguida foram solenemente aclamados os membros componentes da Diretoria da nova Associação e que foram os seguintes: Provedor – D. Aureliano Matos; Presidente – D. Isabel Távora Fontoura; Vice-Presidente – D. Consuelo Chaves; 1ª Secretária Emilce Osterne; 2ª Secretária Risalva Cabral; Tesoureiro João Nogueira Sobrinho; Corpo técnico Dr. Lima Verde e Dr. Samuel Bedê e um grupo de senhoras e senhoritas que formariam a Legião de Cooperadoras – “Berço do Pobre”. Antes de encerrar a sessão, o Exmo. Sr. Bispo convidou os presentes para irem até o prédio onde funcionará a Maternidade, devendo nessa ocasião ser dada a benção das instalações, inaugurando o anexo. Usando da palavra o médico Dr. Samuel

manter a Maternidade São Raimundo, essa associação surgiu sob os auspícios da Prefeitura de Limoeiro e da Associação das Mães Cristãs, bem como com a fundamental ajuda da LBA (Legião Brasileira de Assistência). Criada em 1942, pela primeira-dama Darci Sarmanho Vargas (1896-1968), esposa de Getúlio Vargas, essa instituição de cunho social “herdara algumas finalidades da antiga Legião da Caridade, mas adquiriu novas funções no quadro da administração pública” (SCHUMAHER e BRASIL, 2000, p. 175). No Ceará, como em todo o país, a LBA realizou diversas atividades de assistência social, sobretudo à gestante e à criança.<sup>262</sup> Na verdade, durante décadas a Legião funcionou como a cabeça do corpo das instituições sociais do país.<sup>263</sup> Em Limoeiro, um núcleo da LBA teria sido fundado em 08 de agosto de 1943,<sup>264</sup> dias antes da sessão de fundação da Associação Maternidade São Raimundo. Esse posto, na verdade, seria o embrião da própria Maternidade, inaugurada em prédio provisório que constava de duas casas geminadas. A fundação da Associação teria exatamente o fim de manter esse posto transformado em maternidade.

A Associação Maternidade São Raimundo (AMSR) seria responsável por angariar recursos e buscar parcerias para tornar viável o funcionamento da instituição hospitalar. Criada apenas três anos depois da chegada do bispo, em agosto de 1943, somente em 05 de julho de 1946 foi requerida personalidade jurídica, certamente para melhor viabilizar doações, auxílios e subvenções. Anexo à Maternidade, posteriormente teria sido criado o pequeno Hospital São José. A renda inicial da AMSR provinha de mensalidades dos sócios e de contribuições obtidas pela obra “Berço do Pobre”, conforme mencionado na Ata de fundação da Associação, uma engenhosa ideia para buscar recursos junto à população em geral. Nos cinco primeiros anos (1943-47), a instituição recebeu auxílios da Prefeitura de Limoeiro, do governo do Estado e, sobretudo, da LBA. Até 1946, a instituição não recebeu subvenções oficiais regulares, nem ajuda

---

Bedê discursou sobre aquela solenidade. Nada mais havendo a tratar, o Exmo. Sr. Bispo deu por encerrada a sessão que foi pelos presentes assinada. Eu, Emilce Osterne, secretária ad hoc escrevi”. ASSOCIAÇÃO MATERNIDADE SÃO RAIMUNDO. **[Pasta de Ofícios e Outros Documentos Avulsos]**. Limoeiro do Norte, 1943.

<sup>262</sup> O Nordeste, 29 de janeiro de 1948, p. 1.

<sup>263</sup> A LBA foi extinta somente em 1995, pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso. No lugar da LBA, foi criado o Programa Comunidade Solidária (PCS); então coordenado pela primeira-dama Ruth Cardoso (Cf. MACHADO, 2012, p. 84).

<sup>264</sup> Segundo o jornal, fora inaugurado, naquele dia, o “Posto de Assistência à Maternidade e Infância, sob os auspícios das mães cristãs desta cidade e com o auxílio da LBA, de cuja organização receberá subvenção mensal”. O Nordeste, 10 de agosto de 1943, p. 2.

de instituições estrangeiras, conforme aponta relatório.<sup>265</sup> A maternidade começou a funcionar, de modo provisório, “em duas casas residenciais conexas e adaptadas para este fim”, próximas à Câmara Municipal. Como era de se esperar, o atendimento deveria ser muito improvisado, já que a documentação fala que “a falta de local próprio e adequado à sua finalidade tem sido verdadeiro entrave ao maior desenvolvimento no amparo às gestantes”.<sup>266</sup>

Esse projeto de dom Aureliano, mais uma vez, confirmava que o primeiro bispo de Limoeiro não tinha em mente somente o presente – salvar gestantes na hora do parto –, mas também o futuro: garantir que muitos dos meninos “salvos” teriam pendor para a vocação sacerdotal, povoando assim dignamente o Seminário que ele construiria na sede diocesana. Em carta pastoral de 1943, ele já reconhecia que os lares pobres tendiam a ofertar mais varões para a Igreja do que os lares abastados. Para garantir que esses meninos provenientes de famílias desvalidas tivessem acesso ao seminário, o prelado investiria na chamada Obra das Vocações Sacerdotais, cujo escopo era justamente financiar o curso teológico de garotos despossuídos. Ora, alicerçando esse plano conceitual, era imprescindível antes defender e proteger o nascimento dos bebês. Para tanto, o bispo considerava imperativo desprezar o controle da natalidade, visto por ele como um “pecado... que na sua hediondez e gravidade atrai a maldição de Deus para o lar” (MATOS, 1943, p. 5).

Assim, manter a maternidade era imprescindível para o sucesso do projeto de criar um “tabernáculo da fé” no Vale do Jaguaribe. Todavia, como reconhece dom Pompeu em seu histórico (1983), o primeiro antístite limoeirense amargaria grandes dificuldades para manter as portas da Maternidade São Raimundo abertas. Para tal, teria que recorrer ao que ele mesmo chamou de “política da mão estendida”, prática recorrente em sua vida de ministro da Igreja. Era preciso pedir a quem tinha para dar. O primeiro registro de solicitação de auxílio a autoridades federais, enviada pelo próprio

---

<sup>265</sup> ASSOCIAÇÃO MATERNIDADE SÃO RAIMUNDO. [Pasta de Ofícios e Outros Documentos Avulsos]. Limoeiro do Norte, 1946.

<sup>266</sup> ASSOCIAÇÃO... [Pasta de Ofícios e Outros Documentos Avulsos]. Limoeiro do Norte, 1947.



bispo, data de 1945, em ofício ao ministro de Educação e Saúde da época. Nesse documento, dom Aureliano vem “solicitar pela primeira vez uma subvenção para o exercício de 1946... [destinada] à manutenção e desenvolvimento de suas atividades na Maternidade que dirige”.<sup>267</sup> Recibos posteriores provam que o prelado foi atendido. Assim, enfrentando sérias privações, a Maternidade São Raimundo atendeu, entre 1945-9, centenas de gestantes, efetuando mais de 1.300 partos, dentre outras ocorrências cujas somas, delimitadas por ano, são especificadas no quadro seguinte:

Quadro 06

**OCORRÊNCIAS NA MATERNIDADE SÃO RAIMUNDO DE LIMOEIRO DO NORTE,  
ENTRE 1945 E 1949**

| Ocorrência              | 1945 | 1946 | 1947 | 1948 | 1949 |
|-------------------------|------|------|------|------|------|
| Gestantes matriculadas  | 216  | 616  | 232  | 266  | 887  |
| Gestantes internadas    | 145  | 452  | 154  | 201  | 575  |
| Partos normais          | 115  | 380  | 150  | 188  | 520  |
| Partos fórceps          | 6    | 12   | 7    | 4    | 28   |
| Partos Versão           | 3    | 10   | 5    | 9    | 18   |
| Casos de hemorragia     | 4    | 8    | 7    | 2    | 24   |
| Eclampsia               | 2    | 5    | 2    | 0    | 8    |
| Mortalidade materna     | 0    | 0    | 0    | 2    | 1    |
| Mortalidade fetal       | 4    | 10   | 6    | 11   | 18   |
| Receitas aviadadas      | 164  | 454  | 178  | 101  | 770  |
| Receitas de ambulatório | 68   | 118  | 76   | 32   | 225  |
| Médicos em atendimento  | 2    | 2    | 2    | 2    | 2    |

Fonte: ASSOCIAÇÃO MATERNIDADE SÃO RAIMUNDO. **[Pasta de Ofícios e Outros Documentos Avulsos]**. Limoeiro do Norte, 1945-1949. Arquivo da Cúria Diocesana de Limoeiro do Norte-CE.

Como se percebe, inexistem dados referentes aos dois primeiros anos de funcionamento da Maternidade (1943 e 1944), ou porque não foram

<sup>267</sup> ASSOCIAÇÃO MATERNIDADE SÃO RAIMUNDO. **[Pasta de Ofícios e Outros Documentos Avulsos]**. Limoeiro do Norte, 1945.

registrados ou porque se perderam. Como era um estabelecimento recém-criado, ainda se firmando em sua atuação hospitalar, levanto a hipótese de que naqueles anos o número dos atendimentos foi bem pequeno. Todavia, os cinco últimos anos da década de 1940 registram considerável número de ocorrências, sobretudo de partos efetuados e receitas liberadas. Foram 1.353 partos normais e 57 fórceps, destacando-se ainda um quadro sério de eclampsia (17 casos). Apenas três parturientes faleceram, mas quarenta e nove fetos não sobreviveram, índice ainda alto, numa clara indicação dos recursos médicos ainda precários na época. O reduzido número de médicos (dois) para atender tão expressiva quota de gestantes, também é indicativo das privações que a instituição enfrentou em seus primeiros anos.

Por tudo isso, o bispo acreditava que a Maternidade só conseguiria funcionar a contento em um prédio próprio. Para construção da sede da Maternidade, a partir de 1946, o bispo também buscava recursos por meio de ofícios, e até pessoalmente. Ao mesmo tempo, pedia periódicas subvenções para manutenção da instituição. Datados do dia 27 de junho de 1946, foram encontrados dois ofícios dirigidos a duas diferentes autoridades, uma federal e outra estadual. O primeiro, dirigido ao então diretor do Departamento Nacional da Criança, Braga Neto, no Rio de Janeiro, e o segundo, ao interventor federal no Ceará, Pedro Firmeza, em Fortaleza. A Braga Neto o bispo solicitava uma doação “no sentido de ser dotada a Maternidade com um auxílio para construção de prédio próprio, de que tanto se ressentia”.<sup>268</sup> No relatório escrito no ano seguinte, diz-se que entre setembro de 1946 e início de 1947, esse Departamento investiu na construção da maternidade cerca de cem mil cruzeiros. Todavia, o prédio estava orçado em CR\$ 544.969,10 e, nesse caso, ainda faltava muito para a conclusão das obras. Quanto ao ofício dirigido ao interventor, parece que não obteve resposta, já que este político estava em fim de mandato e seu partido não conseguira eleger sucessor. Talvez em função disso, o bispo resolveu, no ano seguinte, pouco depois da posse do novo governador do Ceará, desembargador Faustino de Albuquerque, enviar outro documento. Nele, o prelado deseja “solicitar do Estado, cujo governo acaba de assumir, em virtude do memorável pleito de 19 de Janeiro, próximo passado,

---

<sup>268</sup> ASSOCIAÇÃO MATERNIDADE SÃO RAIMUNDO. [Pasta de Ofícios e Outros Documentos Avulsos]. Limoeiro do Norte, 1946.

uma subvenção para esta humanitária instituição”.<sup>269</sup> Curioso observar que o bispo não estipulava um valor para a subvenção, esperando a boa vontade do chefe do Executivo.

Outras fontes explicitam que o bispo chegou a ir à capital da República, Rio de Janeiro, “a interesses do seu rebanho, levando como secretário o rvm. padre Misael Alves de Sousa”.<sup>270</sup> A viagem teria iniciado em 30 de maio de 1946. O prelado iria participar da II Semana Social da Ação Católica e aproveitaria para buscar ajuda financeira. O jornal também cobriu o retorno do bispo, que se deu em 19 de junho de 1946, portanto vinte dias fora do Estado, tempo suficiente para dom Aureliano transitar por várias repartições públicas e conseguir recursos para suas obras sociais. Diz o correspondente: “Segundo afirmou d. Aureliano Matos, a construção da Maternidade São Raimundo pelo Governo Federal é certa, tendo conseguido também um Tiro de Guerra para Limoeiro do Norte”.<sup>271</sup> Nos anos posteriores, o bispo continuou solicitando ajuda para a Maternidade. Em ofício datado de 19 de janeiro de 1948, dom Aureliano faz uma espécie de prestação de contas e explica quando começou a construção da sede da maternidade e em que estágio a obra estava:

Interessado em amparar essas obras que visam proteger as gestantes na sua precípua missão de ser mãe, [o Diretor Braga Neto] enviou-nos em 1947, por intermédio do Departamento da Criança nesse Estado, a quantia de Cr\$ 50.000,00 para a construção do referido prédio.

Em Setembro do mesmo ano nos foi enviada mais Cr\$ 25.000,00 e em Novembro ainda Cr\$ 15.000,00. Graças a estes auxílios, demos início a construção do prédio no dia 7 de Setembro de 1947 e atualmente já se encontra com a metade coberta. Se nos forem enviadas novas remessas de numerário poderemos vê-lo concluído com grande rapidez.<sup>272</sup>

Como se vê, em 1947 foi enviado à maternidade a quantia de noventa mil cruzeiros, somente para começo da construção. Em princípios de 1948, a metade do prédio já estava devidamente coberta. Em 1949, os trabalhos ainda estavam em andamento. A documentação permite concluir que os recursos chegavam paulatinamente, o que justifica a demora de conclusão da obra. O prédio seria inaugurado somente em 1954, durante a realização do Congresso Eucarístico.

---

<sup>269</sup> ASSOCIAÇÃO... [Pasta de Ofícios e Outros Documentos Avulsos]. Limoeiro do Norte, 1947.

<sup>270</sup> O Nordeste, 28 de maio de 1946, p. 1.

<sup>271</sup> O Nordeste, 02 de julho de 1946, p. 4.

<sup>272</sup> ASSOCIAÇÃO MATERNIDADE SÃO RAIMUNDO. [Pasta de Ofícios e Outros Documentos Avulsos]. Limoeiro do Norte, 1948.

Na área da Saúde, o bispo conseguiu outros órgãos para sua sede diocesana, agora com vistas à infância propriamente dita. Segundo notícia de jornal, cuja manchete aparece em letras garrafais: “Dom Aureliano Matos conseguiu vários melhoramentos para Limoeiro – Haverá naquela cidade uma agência do SAM, um campo de aviação e um posto de puericultura”.<sup>273</sup> Limoeiro seria a primeira cidade do Ceará a ter uma agência do Serviço de Assistência aos Menores (SAM), que teria abrangência em toda a zona jaguaribana. Também passaria funcionar, anexo à Maternidade, um posto de puericultura, ou seja, de atendimento à criança, sobretudo ao lactante. Segunda a nota, toda a aparelhagem cirúrgica desse posto também fora uma conquista do prelado limoeirense. O coroamento da visita ao Rio de Janeiro seria a construção de um campo de aviação, mas essa obra traria na verdade constrangimento para dom Aureliano. Em julho de 1949, o então ministro da justiça, Adroaldo Mesquita da Costa, veio ao Ceará para participar de um congresso e, convidado pelo bispo de Limoeiro, dispor-se a inaugurar a agência do SAM naquela cidade. No dia 24, de Fortaleza,

[...] do aeroporto [o ministro] rumou em aviões do Aero Clube para Aracati, onde almoçou, seguindo, depois, para Limoeiro, afim de instalar, ali, o Serviço de Assistência a Menores. **Dadas, porém, as condições pouco seguras do campo de aterrissagem, não foi possível descer naquela cidade,** pelo que regressaram o Ministro e sua brilhante comitiva a Fortaleza.<sup>274</sup>

A agência do SAM foi inaugurada somente dia 31 de julho daquele ano, não mais pelo ministro, e sim por seu oficial de gabinete, Ernesto Valente. Essa situação deixou constrangido o bispo de Limoeiro, já que a cidade não possuía uma pista de pouso adequada para recepcionar a comitiva do ministro da Justiça. E jornal da arquidiocese fez questão de lembrar: “Preciso é primeiro aparelhar o campo de aterrissagem de aviões, afim de permitir a ida ali de pessoas que não possam demorar muita na viagem”.<sup>275</sup> Este episódio vem retificar que, dez anos depois da escolha da sede do bispado, o então arcebispo dom Manuel da Silva Gomes de fato ignorou por completo critérios como estrutura urbanística existente. Aracati e Russas, que já possuíam aeroporto ou pista de pouso e decolagem, foram usadas como suporte para se chegar a Limoeiro. Acompanhado pelo deputado Franklin Chaves e pelo

---

<sup>273</sup> O Nordeste, 29 de novembro de 1948, p. 1.

<sup>274</sup> O Nordeste, 25 de julho de 1949, p. 8.

<sup>275</sup> O Nordeste, 01 de setembro de 1949, p. 1.

prefeito de Aracati, Abelardo Costa Lima, o oficial de gabinete Ernesto Valente saiu de avião de Fortaleza para Russas, e de lá, para Limoeiro, de carro.<sup>276</sup> Como a estrada que ligava Fortaleza a Limoeiro era muito precária, e transitar por ela era sempre um risco,<sup>277</sup> o ministro evitou esse itinerário, confiando que o campo de pouso de Limoeiro já oferecesse suporte para a aterrissagem, o que não aconteceu. Esse episódio exemplifica os obstáculos que se levantavam contra o projeto do bispo de instituir em Limoeiro uma estrutura modernizadora. O objetivo era dotar a cidade de uma “arquitetura básica” que permitisse o desenvolvimento humano e o acesso aos bens de consumo, sem que isso representasse uma autonomia rumo à secularização.

O “tabernáculo da fé” concebido pelo bispo constituía-se uma tentativa de criar uma cidade modernizada em seu “corpo arquitetônico”, mas preservando o “espírito conservador” arraigado no catolicismo. Para obter essa estrutura dispendiosa, o bispo não pôde prescindir da ajuda do Estado, o mesmo que durante longos anos deixara o sertanejo à mercê da própria sorte. Assim, amparado na documentação, tendo como exemplo a maternidade, constatou-se que o projeto para criar e manter o contorno de uma cidade modernizada demandou longo trajeto, pontuado por avanços e recuos, vitórias e derrotas. Na visão dos memorialistas, prevalece uma aura de mito em torno de dom Aureliano Matos, como se ele fosse portador de um “toque de Midas”: tudo que intentava trazer para Limoeiro, ele conseguia com facilidade, quase que por “mágica”.<sup>278</sup> No âmbito da Saúde, o projeto do bispo priorizava gestação, parto e infância, sobretudo em função da visão de futuro que ele mesmo concebera: transformar a zona jaguaribana num tabernáculo espiritual onde a influência da Igreja fosse decisiva sobre as vidas, o que exigia um número razoável de sacerdotes, muitos deles salvos ainda durante o parto.

---

<sup>276</sup> *O Nordeste*, 03 de agosto de 1949, p. 8.

<sup>277</sup> Em diversas datas, o jornal *O Nordeste* noticiou desastres automobilísticos nessa estrada. Conferir, como exemplo, as seguintes datas: 24 de maio de 1939 (p. 4); 12 de dezembro de 1939 (p. 8); 20 de novembro de 1944 (p. 1); 26 de novembro de 1945 (p. 1) e 01 de dezembro de 1947 (p. 2). Alguns desses acidentes deixaram feridos e vítimas fatais, tal como o noticiado na última data, quando doze pessoas ficaram feridas e uma faleceu.

<sup>278</sup> Os biógrafos de dom Aureliano Matos se esmeram por retratar o primeiro bispo de Limoeiro em cores míticas e nostálgicas, tendo como pincel o mito do herói fundador. Tecem, assim, a cosmogonia da Limoeiro moderna, cujo passado é todo idealizado em função da atuação do bispo. Como exemplos, ver: MALVEIRA, Antonio Nunes. **O Limoeiro de Dom Aureliano Matos**. Rio de Janeiro: Peleluc, 1998; e MAIA, Avani Fernandes. **Dom Aureliano: pastor, educador e operário**. Fortaleza: Premium, 2010.

## 2.4 A coluna do Trabalho: doutrinar e proteger os operários contra o comunismo

Assim que aportou em Limoeiro, dom Aureliano constatou como, em relação à força de trabalho, a região jaguaribana apresentava sérias fragilidades, sobretudo em relação à limitada oferta de empregos e à ausência de organização entre os trabalhadores.<sup>279</sup> Nos centros urbanos, prevalecia quase que exclusivamente a categoria do comerciário, além de alguns empregos na Prefeitura e eventuais profissionais liberais que viviam por conta própria. Nas zonas rurais, somente a agricultura familiar e a pequena pecuária, exercidas sem qualquer organização sindical que orientasse o homem do campo a produzir mais e melhor. A situação se agravaria com a falta de braços, quando muitos homens que manejavam bem uma enxada e desconheciam um fuzil foram convocados para guerrear na Itália, como se viu em páginas anteriores. Na região, somente as estradas esburacadas lembravam a Europa do pós-guerra, com suas cicatrizes de bombas. Como não recebiam manutenção regular, essas estradas vicinais, como a que ligava a Rodovia Transnordestina ao centro de Limoeiro, quase sempre dependiam das chamadas “frentes de trabalho”, quando, em anos de estiagem, o Estado cooptava os flagelados para todo tipo de trabalho braçal, evitando assim que famintos invadissem as cidades e saqueassem o comércio.

Em um país católico como o Brasil, a vitória dos Aliados seria recebida com alívio, já que a nação guerreara no bloco dos vencedores, o “lado certo”, mas também com apreensão, em função da influência que a Rússia comunista<sup>280</sup> poderia exercer no mundo a partir de então. Temia-se que essa

---

<sup>279</sup> Já na década de 1960, um relatório do governo apresenta as fragilidades que persistiam no Vale do Jaguaribe, em relação ao trabalho: produção acanhada da agricultura, primitivismo das atividades pastoris e falta de organização operária. “Geralmente, os trabalhadores do campo não se arrematam em associações de classe, nem promovem reivindicações coletivas. Os operários de subáreas urbanas mais desenvolvidas, estes se agregam em alguns raros sindicatos, ainda não de todo organizados, ou em sociedades outras de natureza beneficente, igualmente em reduzido número e expressão”. Cf.: SUDENE, Grupo de Estudo do Vale do Jaguaribe. **Estudo geral de base do Vale do Jaguaribe**. Rio de Janeiro: GVJ, 1967, Vol. IX: Aspectos Sócio-Culturais, p. 173-7.

<sup>280</sup> Durante a Segunda Guerra Mundial, a imprensa católica do Ceará não viu com bons olhos a inclusão da Rússia Soviética, e de seu líder Stalin, na lista dos ditos “Aliados” contra o nazismo. As vitórias conseguidas com a ajuda do “exército vermelho” eram apenas “engolidas”, sempre com ressalvas. Temia-se que Stalin, depois da Guerra, cobrasse um alto preço por

influência “contaminasse” o operário brasileiro e que ele desse ouvidos ao apelo russo de unificação do proletariado internacional. A Igreja orientou o episcopado brasileiro a assumir a firme posição de lutar contra o comunismo,<sup>281</sup> propondo como antídoto desse mal sua doutrina social,<sup>282</sup> fundamentada em algumas encíclicas papais, dentre as quais se destaca a *Rerum Novarum*,<sup>283</sup> publicada pelo papa Leão XIII em 15 de maio de 1891. Dom Aureliano leu e estudou o texto dessa encíclica ainda no Seminário da Prainha, quando também bebeu dos ideais de uma Igreja ultramontana, assimiladas de seu tutor, arcebispo dom Manuel da Silva Gomes. Em razão disso, é viável pontuar proposições do texto leonino nos escritos do bispo. Na verdade, a doutrina sobre as “coisas novas” estava impregnado na alma do clérigo, o que influenciou decisivamente o seu discurso como bispo e pastor de uma diocese cujas cidades historicamente agrárias viam no horizonte, entre assustadas e inebriadas, antevisões da modernidade, dissipando as “brumas da inocência” que tornavam os moradores do Vale do Jaguaribe um povo “amigo da religião” e de fácil condução.

A *Rerum novarum* (RN nas referências posteriores) é conhecida como o documento da Igreja a tratar primordialmente das condições sociais de operários em fins do século XIX. O frenético século da industrialização e a alvorada iminente do novo século XX, prometendo transformar o mundo,

---

isso. Assim, a colaboração soviética era recebida com desconfiança, pois se acreditava que os russos não estavam fazendo nada “de graça” ou pensando no bem do Ocidente.

<sup>281</sup> No Ceará, a “guerra ideológica” contra o comunismo encontrou o espaço ideal nas páginas do jornal *O Nordeste*. Logo após o anúncio do fim da Segunda Guerra, esse jornal passou a publicar, aos sábados, um suplemento que pretendia esclarecer o povo católico do “perigo do comunismo ateu”. Rigorosamente, toda edição de sábado ganhava até quatro páginas extras, nas quais se divulgavam matérias inéditas ou textos já saídos em jornais do Rio de Janeiro ou de São Paulo, sobretudo, ou mesmo traduções de artigos da imprensa europeia. Em todos essas matérias, a Rússia era tratada como o “reino do mal” na Terra, um país que caíra desgraçadamente nas “garras do ateísmo” e que sofria severas privações para perpetuar o devaneio da “vitória do comunismo”. A ditadura do proletariado, impingida como triste realidade à nação russa, era vista como a pior forma de opressão que poderia recair sobre um povo. Cf.: *O Nordeste*, 1945-1947.

<sup>282</sup> Nessa mesma época, *O Nordeste* se empenha em publicar textos completos e comentários sobre as encíclicas que fundamentam a chamada “doutrina social da Igreja”. Nas páginas do jornal, essa doutrina é tratada como a salvação única e possível para um mundo que se afastou de Deus.

<sup>283</sup> Segundo Scott Mainwaring (1989, p. 43), a RN marcava a “aceitação tardia do mundo moderno pela Igreja”, já que durante todo o século XIX a modernidade fora sumariamente condenada. Não obstante, “embora clamasse por uma ordem social mais justa e por um equilíbrio entre o trabalho e o capital, sua doutrina social continuava a conter elementos conservadores”.

inquietaram o seio da Igreja, levando-a a olhar com mais cuidado aquela sociedade que vivia uma “agitação febril” provocada pela sede de inovações. Em função disso, Leão XIII escreveu a carta para propor a “cristianização do capitalismo”, na expressão de Pimentel Júnior (1963). Não obstante ser o primeiro texto da moderna doutrina social da Igreja, essa encíclica continua sendo estudada e considerada atual, mesmo em países onde os católicos são minoria, como nos Estados Unidos da América (WINDLEY-DAOUST, 2008). O plano de escrever uma encíclica sobre a condição dos operários envolveria uma série de ações bem delimitadas, a saber:

refutar os erros do socialismo, separar as reivindicações legítimas dos operários daquelas que eram ilegítimas ou utópicas, impedir que estes, com a sua inexperiência se deixassem seduzir para fora do caminho da ordem, precisar qual seria a principal ação dos católicos no campo social e em que pontos essa se deveria desenvolver (SOARES SOBRINHO, 1941, p. 57).

A *RN* foi gestada em longo tempo, mediante estudos da Comissão Íntima para perscrutar os problemas sociais da época, nomeada em meados de 1882 pelo próprio papa Leão XIII, bem como pelas discussões da assembleia conhecida como União de Friburgo (1884-1891). Compunha a Comissão Íntima os seguintes nomes de confiança do pontífice: secretário de propaganda do Vaticano, cardeal Domenico Jacobini; bispo de Genebra, Dom Gaspard Mermillod; padre dominicano Denifle, Conde de Blome e Conde Kuefstein (SOARES SOBRINHO, 1941, p. 31). Estiveram envolvidos, diretamente, na redação final do documento o jesuíta Matteo Liberatore, o cardeal Tommaso Zigliara e os secretários particulares do papa monsenhores Alessandro Volpini e Gabriele Boccale (CAMACHO, 1995, p. 54). O pano de fundo, o contexto da Europa de então, marcado pela tensão entre operários e patrões, resultado de uma Revolução Industrial que havia corrompido os costumes, justificava a preocupação do papa em escrever um texto denunciando a situação de desumanidade do processo de exploração da mão de obra operária. Com isso, pretendia o chefe do Vaticano “pôr em evidência os princípios duma solução, conforme à justiça e à equidade” (LEÃO XIII, 2010, p. 10).

As causas da exploração são assim arroladas pelo pontífice: a aniquilação das corporações antigas de artes e ofícios, a abolição de princípios e sentimentos religiosos das leis e instituições públicas (o que é chamado por alguns autores de secularização), a prevalência da usura sobre a misericórdia



e o domínio da cobiça sobre as almas dos patrões. O pontífice refuta a teoria socialista como solução para o problema da exploração do trabalho. Segundo ele, abolir a propriedade particular, tornando-a comum a todos, não apenas não solucionaria o conflito como seria prejudicial ao operário, que assim não teria nenhuma oportunidade de ascender socialmente. Ademais, se consumado nesses moldes, o socialismo faria uma violação do direito à propriedade, corromperia o Estado e arruinaria completamente o edifício social. A propriedade seria, então, um direito natural do ser humano, em função de sua racionalidade, já que é isso que o distinguiria dos animais, cuja qualidade mais relevante seria o instinto.

A encíclica leonina era tão importante para o bispo de Limoeiro que ele promoveu, como um dos grandes eventos da década de 1940, a celebração do cinquentenário de publicação da *Rerum Novarum*, chamada pelo jornal católico da arquidiocese de Fortaleza de “a Carta Magna dos operários, a qual irradia luz e indica o caminho certo da solução da Questão Econômica Social”.<sup>284</sup> A efeméride foi realizada em Limoeiro, em meados de maio de 1941, constituindo-se uma série de conferências “confiadas aos intelectuais da terra e divulgadas pela amplificadora local, culminando os trabalhos numa sessão solene no teatro municipal”.<sup>285</sup> Os conferencistas foram os seguintes: padre Antonio Pereira da Graça Martins (então capelão da Escola Normal, depois pároco de Itaçaba), Joaquim Matos (professor do Ginásio Diocesano Padre Anchieta), Maria Gonçalves da Rocha Leal (diretora da Escola Normal Rural), José Mendes da Rocha (juiz municipal) e outros nomes importantes como Hercílio Costa e Jaime Leonel Chaves. A palestra de dona Maria Gonçalves, “O Papel da Mulher na Sociedade”, causou grande impressão no jornalista que a ouviu. Na manhã do dia 15 de maio, data exata do cinquentenário da encíclica, celebrou-se missa solene na Catedral. Duas horas depois, uma concentração de trabalhadores, em frente ao Palácio Episcopal, fazia uma saudação ao bispo. Mesmo sendo comerciante, não operário, tomou a palavra, representando os demais, Franklin Chaves. Às vinte horas, “sob a presidência de Dom Aureliano, presentes as autoridades civis e militares, perante

---

<sup>284</sup> *O Nordeste*, 14 de maio de 1941, p. 5.

<sup>285</sup> *O Nordeste*, 29 de maio de 1941, p. 5.

numerosa assistência, realizou-se a sessão magna que encerrou os trabalhos”.<sup>286</sup>

Por tudo isso, é evidente que dom Aureliano abraçou o texto da *RN* com ardor, sendo-lhe um “documento de cabeceira”. Em suas seis cartas pastorais (1940, 1941, 1943, 1954 e as duas últimas de 1965) e em um caderno de anotações (sem data) fica explícito que a voz de Leão XIII ecoava nos escritos do futuro bispo, conforme demonstra o seguinte trecho:

Os socialistas pretendem que essa partilha deva ser abundante e igual para todos. Ora, a abundancia é incompatível com a igualdade. Reparamos na ordem natural que quanto mais extenso é um rio, tanto menos profundo se manifesta; quanto mais o espírito conhece os objetos, tanto menos os conhece bem. Se os bens do progresso se estendessem sobre mais indivíduos hão de diminuir naturalmente para cada um. Mas os socialistas dizem que a produção aumentará. Assim os operários vendo um chefe tomar uma vez a primeira classe em um trem criticaram-no, mas este respondeu: não é a primeira classe que é preciso suprir e sim a terceira. Portanto, pretendem a igualdade na abundancia. Este argumento não se pode asceitar.

Os dois motivos que excitam ao trabalho são: o interesse pessoal e o sentimento do dever. Trabalhando para todos, o interesse pessoal desaparece. Separe as forças físicas e intelectuais sendo desiguais por natureza devem se reduzir ao mínimo para manter a igualdade; o que leva a redução dos bens. A única solução verdadeira é a Igreja: todos são iguais na ordem sobrenatural.<sup>287</sup>

Como se vê, dom Aureliano acompanha o raciocínio do papa em discordar que o socialismo seja uma solução viável para o problema da exploração humana, pelo capitalismo. Nota-se a ênfase em pontuar que abundância e igualdade são fenômenos incompatíveis, na verdade, diametralmente opostos. O prelado propõe que a única solução viável seria todos se ajuntarem debaixo das asas da Igreja, tendo uma mesma ordem sobrenatural a igualá-los como filhos de Deus.

Tendo em mente que o homem “deve ter sob o seu domínio não só os produtos da terra, mas ainda a própria terra” (LEÃO XIII, 2010, p. 14) e que o Estado é uma criação humana, posterior ao próprio homem, admite-se que ele recebeu da natureza (não do Estado) o direito à vida e a sua perpetuação. Entre os desdobramentos desse direito estaria a legitimidade da propriedade particular, resultado natural e inalienável da cultura humana sobre o uso da terra e de seus bens. Em outras palavras, isso implica dizer que o homem

---

<sup>286</sup> *O Nordeste*, 29 de maio de 1941, p. 5.

<sup>287</sup> MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **[Diário de Anotações Doutrinárias de Dom Aureliano Matos]**. [s. l.], [193-?], sem paginação.

aplica a si mesmo “a porção da natureza corpórea que cultiva e deixa nela como que um certo cunho da sua pessoa” (LEÃO XIII, 2010, p. 15), sendo-lhe, então, legítima a posse do bem, sancionada tanto pelas leis humanas (leia-se o Estado) como pelas leis divinas (leia-se a Igreja). As palavras de dom Aureliano, interpretando a *RN*, são reveladoras e postulam como essa encíclica marcou a alma do primeiro bispo de Limoeiro:

Na ordem natural, todos têm a mesma natureza humana e todos os direitos inerentes à natureza. Mas há variedades nas aptidões e a sociedade é como que um organismo em que cada um ocupa seu lugar conforme o serviço que nelle presta. E daí uma certa desigualdade que a Igreja tende a diminuir, quanto mais possível, pregamos sempre a justiça e a caridade. [...]

Esses laços [de família] são de direito natural, da mesma forma que de direito natural é a propriedade; e por isso o Estado não pode acabar o que não criou.

Como para a propriedade o Estado pode e deve dar garantia, protecção, assim também deve fazer para o matrimónio.<sup>288</sup>

Observa-se um alinhamento de pensamento, sobretudo na adoção de um mesmo veio conceitual – o de natureza – que perpassa ambos os textos e deixa implícito a noção de Igreja como mãe que congrega todos os homens, não importando sua posição social. A Igreja seria a diluidora dos conflitos humanos e, como tal, somente ela poderia intermediá-los. O bispo aceita a propriedade como um direito natural, assim como a família. O Estado deveria proteger esses direitos sempre, nunca aniquilá-los, como a Igreja acreditava ter acontecido nos países que abraçaram o socialismo soviético. O texto da *RN* critica o comunismo também por ser este sistema um provocador constante de “perturbação em todas as classes da sociedade”, ao propor uma igualdade fundamentada não na riqueza, mas na pobreza. Ou, nas palavras do papa, uma “igualdade na nudez, na indigência e na miséria” (LEÃO XIII, 2010, p. 19). A Igreja não poderia concordar com a propriedade coletiva do modelo socialista, não por ser coletiva, mas porque nele coisas e homens passam a ser dominados por uma força maior – o Estado – sem qualquer necessidade de religião e, portanto, da própria Igreja que é, em sua autocompreensão, a representante de Deus que “haure no Evangelho doutrinas capazes ou de pôr termo ao conflito ou ao menos de o suavizar, expurgando-o de tudo o que ele tenha de severo e áspero” (LEÃO XIII, 2010, p. 20).

---

<sup>288</sup> MATOS, Aureliano (Dom, bispo). [Diário de Anotações Doutrinárias de Dom Aureliano Matos]. [s. l.], [193-?], sem paginação.

Pregando que “o homem deve aceitar com paciência a sua condição” – o que significa dizer que a desigualdade é um elemento intrínseco ao ser humano –, Leão XIII postula a tese de que capitalistas e operários não são inimigos natos, coagidos a um perpétuo combate, como sustenta o marxismo, mas ao contrário, são classes “destinadas pela natureza a unirem-se harmoniosamente e a conservarem-se mutuamente em perfeito equilíbrio”, já que “não pode haver capital sem trabalho, nem trabalho sem capital” (LEÃO XIII, 2010, p. 22). À Igreja caberia a grande responsabilidade de reunir patrões e operários em um só ideal de vida eterna, mas Leão XIII sabia que aquele século de industrialização, com suas fábricas explorando ininterruptamente seres humanos, inclusive crianças, afastara-se muito dos propósitos de Deus. A conjuntura da Europa de fins do século XIX destoara em muito da Idade Média, quando a Igreja atingiu seu ápice de influência no Ocidente. Se as tensões entre capitalistas e operários precisavam ser solucionadas, antes de tudo era necessário restaurar a própria sociedade, pois “se a sociedade humana deve ser saneada, não o será senão pelo regresso à vida e às instituições do cristianismo” (LEÃO XIII, 2010, p. 30).

Não sem razão, Manoel (2004) postula em sua teoria do pêndulo que o período ultramontano considerou o regresso à Idade Média como ideal para sanar a sociedade cristã estremecida pela modernidade. As palavras do pontífice leonino são explícitas nesse sentido, quando apregoa que a “quem quer regenerar uma sociedade qualquer em decadência, se prescreve com razão que a reconduza às suas origens” (LEÃO XIII, 2010, p. 30). Nesse caso, as origens estariam fincadas no medievo, quando a Igreja reinava hegemônica sobre a vida humana. As ideias ultramontanas também marcaram fortemente o discurso de dom Aureliano Matos, não obstante o papa Leão XIII escrever sua encíclica em 1891 e o bispo, seus textos já em meados do século XX. A espinha dorsal do ultramontanismo, a ideia de que a modernidade era a causa primeira dos males que avassalavam o mundo, impunha o retorno à simplicidade medieval para “curar as feridas” daquele modelo de sociedade,

que primava por criar mecanismos e costumes que cultuavam o corpo em detrimento do espírito.<sup>289</sup>

Também a ideia de que as classes ricas e mesmo a Igreja devam amparar e acudir operários e pobres, tão presente na RN, também encontra eco na vida de dom Aureliano, como no caso da construção do Ginásio Diocesano, quando ele convocou os endinheirados da cidade para financiar a escola, e no caso da criação da Maternidade São Raimundo, quando a Igreja tomou para si a tarefa de acudir as gestantes pobres do município e mesmo da região. Os depoentes são unânimes em afirmar que foi graças à riqueza da cera de carnaúba e, posteriormente, do algodão, amealhadas pelos grandes proprietários de terra e pelos comerciantes, que todas as obras modernizadoras de dom Aureliano saíram do mundo de ideias para o mundo real.

O ideal comunista de entregar todos os meios de produção nas mãos de um Estado que se dizia ateu não poderia ser defendido por homens que se consideravam representantes de Deus na Terra. Aliás, o fato de o marxismo ter se afirmado ateu – acusando a religião de ser o ópio dos povos – correspondeu a uma declaração de guerra à Igreja. Assim, repudiar o socialismo correspondia, aos olhos da elite eclesiástica, a própria preservação da fé católica dos brasileiros. Por isso mesmo, nas páginas do jornal católico do Ceará, o maior inimigo da Igreja era sempre o comunismo e suas “roupagens”, como se chamavam todos os matizes de marxismo, socialismo, anarquismo ateu, sindicalismo não vinculado à Igreja e de toda e qualquer ideologia que pregasse a “revolução social”, a ditadura do proletariado e o inconformismo com as estruturas históricas que mantinham a sociedade em seus “eixos de funcionamento”, isto é, tudo que surgisse como proposta de

---

<sup>289</sup> A exaltação do ultramontanismo fica evidente no seguinte trecho de uma carta pastoral de dom Aureliano: “Ao examinarmos atentamente a situação social, moral e religiosa da comunidade cristã, já não podemos empregar as mesmas expressões do Apóstolo aos Tessalonicenses, o qual rendia graças a Deus pelo crescimento de sua fé e pelo transbordamento de sua caridade. [...] Decaem os costumes. E a própria decadência moral é justificada como consequência inevitável do progresso humano. A vida social vai, assim, desenvolvendo-se à margem do Evangelho. [...] O Evangelho é pregado, mas não é vivido pelos cristãos. E sem a vivência da mensagem de Cristo, sem sua encarnação na vida de todos os dias, não há verdadeiramente renovação cristã. [...] Apesar de muitos movimentos religiosos, está faltando vida religiosa em profundidade, ou seja, convicção pessoal dos valores do cristianismo”. In: MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **Carta Pastoral (sexta):** Os dois Jubileus. Limoeiro do Norte: [s.n.], 1965, p. 10.

aniquilação do Estado de direito. Assim, o capitalismo não era um sistema mau em si mesmo, já que passível de correção de suas “imperfeições”.

A historiografia reconhece que o combate ao comunismo “foi um dos instrumentos utilizados pela instituição [romana] na luta pela manutenção do poder simbólico na sociedade” (GIMÉNEZ, 2003, p. 128). Historiadores como Eric Hobsbawm (1995, p. 158) consideram esse embate parte da postura tradicional da Igreja, que passou a rejeitar “tudo o que acontecera no mundo desde Martinho Lutero”. Mesmo até meados do século XX, entre os temas mais discutidos pela elite eclesiástica estavam o apelo ao retorno dos bons costumes cristãos e a celeuma geral contra a secularização e o comunismo (RODEGHERO, 1998). Admitindo que o comunismo seja uma manifestação moderna do movimento secularista surgido no século XIX (CAMPBELL, 1971) e que a Igreja acreditasse nisso, compreende-se porque o marxismo foi encarado como um mal duplamente perigoso, por compactuar com a secularização e por representar o ateísmo.

A Igreja não via nada de proveitoso na doutrina comunista, nem em seus métodos, considerados radicais e violentos, nem em sua proposta teleológica de substituir o reino de Cristo na Terra pela ditadura do proletariado. Todavia, o cerne da discórdia estava mesmo no ateísmo, ou na proposta do comunismo de eliminar do ser humano aquilo que a Igreja considerava a latente e nata necessidade de se relacionar com o Criador. Nos textos publicados, o ateísmo era visto como a mais baixa e degradante proposta desse sistema considerado “ímpio e desumano”. Esses textos tinham a pretensão de esclarecer os leigos e ajudar os padres na luta contra a difusão da “erva daninha do comunismo” no Ceará. Alguns também foram publicados em forma de folhetos para distribuição entre os fieis, conforme declarou uma depoente nascida em 1924, e que, durante toda sua vida, frequentou a Igreja de Cristo Rei, na Aldeota, e a Igreja do Rosário, no centro de Fortaleza:

Era costumeiro a Igreja dar esses livrinhos que a gente chamava “folhetinhos” nas missas de domingo. Eu lembro que os padres falavam bastante contra o comunismo, que era uma coisa anticristã. Lembro que tanto as catequistas como os padres nos falavam que o comunismo era contra as leis de Deus. Diziam que não era uma coisa de Deus, que era contra a nossa lei, que a lei que nós

devíamos seguir era a da nossa Igreja, que era a Igreja Católica Apostólica Romana.<sup>290</sup>

Por ser católica devota e “Filha de Maria”, a depoente frequentava semanalmente a Igreja, ouvindo sempre do púlpito, e antes, por meio das catequistas, que o comunismo “era contra as leis de Deus”, que “era uma coisa muito ruim”. Segundo ela, os padres sempre pediam para a “gente rezar para Deus nos livrar do comunismo. Agora, eu lá sabia o que era comunismo... Não tinha ideia do que era, mas eles sempre falavam contra”.<sup>291</sup> Uma ameaça obscura, porém real, pronunciada pela boca daqueles que “sabiam mais que os fieis”. Assim, os padres incutiam em seus seguidores um “medo cego” do comunismo. E o “dragão vermelho”<sup>292</sup> não se contentava em difundir sua flama somente na capital. O interior também recebia visitantes comunistas ou operários socialistas que por lá passavam, eventualmente. Um depoente nascido em 1929, quando trabalhava no calçamento de uma cidade do sertão, em fins da década de 1940, começou a ser “doutrinado” por um guarda-chefe em uma ideologia que ele só conseguiria identificar posteriormente. Esse senhor, católico fervoroso na época, anos depois convertido ao protestantismo, leu literatura fundamentada no materialismo histórico em pleno sertão do Ceará:

Comecei a ler uns livros, umas histórias, alguns jornais, mas não me esqueço de um livro volumoso que ele [o guarda-chefe] me emprestou, falando sobre religião. Esse livro tentava provar que o homem conseguia tudo por conta própria, por seu próprio esforço e que essa história de fé, de religião era coisa banal, não existia isso, era tudo por esforço do homem. E eu li aquele livro de ponta a ponta e não encontrei a palavra “Deus” sequer uma vez. Aí eu fiquei cismado e disse para mim mesmo: Esse negócio aqui está errado! O livro pregava essas coisas do comunismo, mas eu só fui entender isso anos depois.<sup>293</sup>

Pelo visto, dom Aureliano tinha motivos reais para se preocupar, uma vez que a ideologia comunista também dava um jeito de se instalar na caatinga. Para evitar que a classe operária jaguaribana caísse nas “garras do socialismo ateu”, o primeiro bispo de Limoeiro tomou uma série de providências preventivas para resguardar o trabalhador urbano e, sobretudo, o rural. No

---

<sup>290</sup> TORRES, GERALDA COSTA. Entrevista concedida em Fortaleza-CE, em 31 de outubro de 2012, com intermediação de seu neto, João Helson Franklin.

<sup>291</sup> TORRES, GERALDA COSTA. Entrevista concedida em Fortaleza-CE, em 15 de dezembro de 2012.

<sup>292</sup> Na literatura católica destinada aos fieis, o comunismo é quase sempre representado por um dragão vermelho sendo pisoteado e vencido pela Virgem Maria. Cf.: SIGAUD, GERALDO DE PROENÇA. **Catecismo Anticomunista**. São Paulo: Vera Cruz, 1963.

<sup>293</sup> SILVA, RAIMUNDO SOLON DA (Reverendo, Pastor). Entrevista concedida em Fortaleza-CE, em 19 de maio de 2014.

caso dos trabalhadores urbanos, a Igreja do Ceará encontrara na fundação dos Círculos Operários Católicos uma forma eficiente de doutrinar e manter coesos, em torno da religião, as diversas classes laborais da cidade (SANTOS, 2007). Na zona rural, além da cooptação dos rurícolas ao Círculo Operário, que funcionava assim como uma “grande família proletária”, visitas do vigário-geral e do próprio bispo. Em sua encíclica, Leão XIII deixa patente que acreditava no poder de agremiações como o Círculo Operário. Já que alguns patrões se deixavam levar pela ganância, fechando a porta do coração para a caridade, o papa admitia, como benefício de socorro aos pobres e desvalidos, a existência de corporações religiosas e associações operárias. Nestas últimas, lamenta que, quase sempre, prevalecia um caráter hostil ao cristianismo. Isso teria obrigado os católicos a se organizarem em grupos que, ao mesmo tempo em que lutavam por melhores condições de trabalho, permitiam aos seus filiados o fortalecimento de sua fé, ou, nas palavras do pontífice, o “aperfeiçoamento moral e religioso” (LEÃO XIII, 2010, p. 53).

Em Limoeiro, o Círculo Operário teria sido fundado em 1920. Não obstante, teria ficado vários anos inoperante, até ser reorganizado em 1941, em razão da ação pastoral do primeiro bispo de Limoeiro (SANTOS, 2007). Nessa nova gestão, a agremiação atuou decisivamente, criando uma Cooperativa de Consumo para trabalhadores urbanos e rurais do município. Fundada em 08 de agosto de 1948, essa cooperativa reunia uma eclética diretoria executiva, tendo como presidente o padre Misael Alves de Sousa e diretores como Francisco Posidônio Guimarães, Irapuan Dinajard Feijó, João Nogueira Sobrinho e Antônio Mendes Guerreiro.<sup>294</sup> A sessão de inauguração dessa cooperativa contou com a presença de Roberto de Menezes, diretor do Departamento Estadual de Cooperativismo e também “das autoridades locais e de pessoas gradas da sociedade de Limoeiro, além de avultado número de operários e trabalhadores rurais, bem como da Diretoria do Círculo Operário”.<sup>295</sup> O tema trabalho era de interesse geral, mesmo da elite (“pessoas gradas”).

---

<sup>294</sup> *O Nordeste*, 12 de agosto de 1948, p. 4.

<sup>295</sup> *Idem*.



Na primeira década de seu bispado, dom Aureliano incentivou o seu clero a fundar Círculos Operários e a promover eventos que agregassem os operários em torno da Igreja, como estratégias de fugir dos “perigosos tentáculos” do comunismo. Nessas ocasiões, uma comissão do Círculo de Limoeiro sempre se fazia presente. Isso implica dizer que existia um plano sistemático do bispo em espalhar esse modelo de agremiação operária pelo Vale do Jaguaribe. Notas de jornal comprovam que isso efetivamente aconteceu em cidades como Aracati<sup>296</sup> e Russas.<sup>297</sup> Em 26 de novembro de 1946, fundava-se o Círculo Operário de Jaguaribe, celebrando-se na ocasião a “guerra sem tréguas” movida aos “arautos vermelhos”, aos “russófilos” (amigos da Rússia) que haviam erguido um “quartel general” na cidade:

O Círculo era uma velha aspiração do vigário, padre Macário de Freitas, e do povo daquela cidade, que não quer saber do comunismo, e o repele desassombradamente, embora os arautos vermelhos estejam lá com toda sorte de manha. Mas todos estão alerta e não dão tréguas aos russófilos que, mentindo, sofismando e enganando, erigiram um quartel general bem pertinho do mercado de Jaguaribe. Ainda bem que suas iscas não conseguem nenhum peixinho [...]

O padre Macário, em meio à sessão, fez a chamada dos operários e trabalhadores rurais já inscritos, em número de 143, os quais se colocaram em lugar adrede preparado, para serem conhecidos de todos os presentes, pois havia muitos deles que eram tidos como comunistas e que na verdade não o eram. Tática vermelha local: apontar um cidadão reconhecidamente bom como comunista para, com esse exemplo, mostrarem um numero fictício de adeptos.<sup>298</sup>

A ocasião exigiu que o padre apresentasse os trabalhadores como cidadãos de bem, homens católicos, num contra-ataque para desfazer a “tática vermelha” de impingir o rótulo de comunista a muitos e assim “mostrarem um número fictício de adeptos”. Na verdade, a criação do Círculo Operário em Jaguaribe fora a solução encontrada pelo vigário para resguardar o proletariado do município contra o assédio dos comunistas, que vinha se processando

---

<sup>296</sup> Na primeira quinzena de dezembro de 1944, durante a celebração do vigésimo quarto aniversário do Círculo Operário de Aracati, “em meio a intenso júbilo da numerosa assistência, foi inaugurado no salão de honra [da sede do Círculo] o retrato de S. Excia, Reverendíssima Dom Aureliano Matos, primeiro bispo de Limoeiro do Norte”. *O Nordeste*, 15 de dezembro de 1944, p. 5.

<sup>297</sup> Em 07 de setembro de 1946, dava-se a criação do Círculo Operário de Russas, ocasião em que compareceram “pessoas de todas as classes sociais, sobretudo operários, desejosos de sentir de perto a ação social da Igreja que se manifesta através desses organismos”. O vigário da cidade, padre José Terceiro, é considerado um apóstolo que espalha o bem a mancheias e que concorreu efetivamente para a fundação do Círculo russano. *O Nordeste*, 20 de setembro de 1946, p. 4.

<sup>298</sup> *O Nordeste*, 26 de novembro de 1946, p. 5.

desde 1945.<sup>299</sup> Enviado por dom Aureliano para Jaguaribe, ainda em 1940, o padre Macário Maia de Freitas passaria dez anos na cidade, metade deles em constante conflito com comunistas e simpatizantes do socialismo. A guerra foi declarada em 29 de setembro de 1945, quando a Igreja organizou um “grandioso comício anticomunista”, em oposição à chegada do inimigo.<sup>300</sup> Com o Círculo Operário, o sacerdote pensava manter insone vigilância sobre seus fiéis, evitando assim que algum fosse seduzido pela “ideologia de Moscou”. Porém, os “amigos de Stalin” sabiam ser persistentes e também revidavam agressões, sendo o alvo quase sempre era o próprio vigário.<sup>301</sup>

Em junho de 1947, algumas calçadas de Jaguaribe amanheceram pichadas com palavras contra o general Dutra, então presidente da República, repetindo-se o que já acontecera em Fortaleza.<sup>302</sup> Preocupado com essa “propaganda bolchevista” em sua paróquia, o padre Macário tomaria outras providências. Auxiliado por seu colega Otávio Santiago, admirador da tecnologia, fundou na cidade, em setembro de 1947, a irradiadora paroquial.<sup>303</sup> Com esse instrumento, surgido na região para divulgar eventos profanos, a Igreja podia alçar sua voz para todo o núcleo urbano, mais visado pelos comunistas. A reação dos “vermelhos” não demorou e acentuou o conflito,

---

<sup>299</sup> Com certo alarde, noticiou-se o momento em que o comunista responsável por disseminar a “semente ateuista” despontava na cidade: “Acha-se nessa cidade o comunista Raimundo Diógenes, representante dos Laboratórios Raul Leite. Em vez de fazer propaganda dos remédios que está vendendo, entrega-se o mesmo à propaganda do comunismo. A população católica da terra repeliu com energia a propaganda indecente desse inimigo da tradição e dos sentimentos religiosos do povo brasileiro”. *O Nordeste*, 03 de outubro de 1945, p. 8.

<sup>300</sup> Na ocasião, diz o jornal que o padre Macário “explicou o que era o comunismo e sua política nefasta, seu cativo para o operariado”, expressão que desencadeou “muito aplauso pelo povo, em verdadeiro delírio de entusiasmo cristão”. *O Nordeste*, 09 de outubro de 1945, p. 4. Como não se encontrou panfletos ou escritos da ala comunista da cidade, tem-se apenas a visão particular da Igreja, que se dizia agredida pelos comunistas, quando muitas vezes a agressão partia dela, na ânsia de manter inalterado o domínio sobre as almas.

<sup>301</sup> Nota publicada em maio de 1946 acusa o líder comunista de fazer a “campanha do seu partido atacando o Clero e seus admiradores; dizendo que o tal Partido Comunista é quem vem salvar a pobreza, atacando os ricos e tomando seus recursos para serem distribuídos com os pobres, com o fim de ficarem todos iguais... Diz ele que os padres são exploradores da humanidade. [...] Admiramos muito que o tal Clodomiro comunista se arvora em salvador da pobreza, ele, cujos rebanhos de suínos devoram diversas plantações nas vizinhanças da cidade”. *O Nordeste*, 11 de maio de 1946, p. 5 e 6. Nessa matéria, obtém-se, por tabela, uma acusação dos comunistas aos padres, chamados de “exploradores da humanidade”.

<sup>302</sup> O jornal católico não perdoa: “Deve ser obra dos nazistas vermelhos que... hoje exercem a vagabundagem. Essa gente boa devia ser metida num campo de concentração russo, para aprender a trabalhar”. *O Nordeste*, 12 de junho de 1947, p. 1. Como se vê, na visão dos jornalistas católicos, os comunistas “exercem a vagabundagem” e, por isso, deveriam ser mandados a um campo de trabalho forçado na Rússia, “para aprender a trabalhar”.

<sup>303</sup> *O Nordeste*, 16 de setembro de 1947, p. 3.

arrastando-o por toda a segunda metade da década. Em fins de março de 1948, anuncia-se que o médico Romildo Mendes iria inaugurar um colégio para “bolchevizar” a juventude, ou seja, com projeto pedagógico de orientação socialista. “O padre Macário advertiu as famílias do perigo de matricular os filhos num colégio comunista, cujo professorado era constituído de pessoas novas, que desconhecem as insidias vermelhas”. Os comunistas respondem: “Enquanto os cães ladram a caravana passa”.<sup>304</sup>

A ideia de que as autoridades eclesiásticas podiam e deviam intervir para reprimir os “agitadores” comunistas, preservando “os bons operários do perigo da sedução”, encontra respaldo na encíclica de Leão XIII (2010, p. 39), teor certamente conhecido pelo padre Macário e por seu superior, dom Aureliano. Nesse caso, o vigário de Jaguaribe agiu com inteiro conhecimento e consentimento do bispo de Limoeiro. É possível, aliás, que o grande evento trabalhista promovido pelo prelado jaguaribano na década de 1940 tenha sido inspirado na luta inicial do padre Macário contra o comunismo em Jaguaribe. Ainda em meados de outubro de 1945, o bispo realizou um encontro do proletariado da região, receoso de que o comunismo de algum modo fincasse raízes no Vale, a exemplo do que vinha acontecendo em Jaguaribe. Era do conhecimento de todos que alguns malsucedidos migrantes que regressavam de São Paulo – o polo por excelência da “agitação proletária” – podiam entrar em contato com o operariado da região e “contaminá-lo”. Em circular ao clero da diocese de Limoeiro, o bispo explica os motivos que o levaram a realizar aquele evento.<sup>305</sup> O jornal cobriu o último dia deste congresso trabalhista. Segundo a matéria, mais de oitenta caminhões e automóveis chegaram à pequena Limoeiro, transformando a acanhada cidade em “capital dos operários católicos”, sendo o evento considera um “acontecimento inédito na vida civico-religiosa do baixo Jaguaribe”:

---

<sup>304</sup> O *Nordeste*, 27 de março de 1948, p. 8.

<sup>305</sup> “O comunismo com sua intensa propaganda vem alarmando as forças sadias do nosso Brasil. Assim é que intensifica-se um movimento de reação, sobretudo de esclarecimento. Nossa Diocese não pode ficar alheia a este movimento. Estou organizando uma semana trabalhista que terminará com uma grande concentração no dia 14 de Outubro [de 1945] próximo (Domingo) à tarde. Desejo que todas as Paróquias mandem uma numerosa comissão de homens, sobretudo trabalhadores, para essa concentração. Peço que V. Rev.<sup>a</sup> organize esta comissão e venha chefiando-a. Aqui terão hospedagem. Peço ainda que se tiver qualquer contrato para este dia, procure adiá-lo ou antecipá-lo, contanto que não falte a esta parada cívico-religiosa, porquanto precisamos dar uma demonstração bem viva do amor às nossas tradições cristãs, negando assim ambiente à difusão do comunismo” (CÚRIA, 1945, p. 29v).

Foi indescritível o aspecto de grandiosidade e distinção que tomou o grande certame, bem como o êxito que obtiveram todos os oradores, trazendo suspensa a multidão que se comprimia na praça da Sé, sacudindo a cada momento, em expressivo pronunciamento de apêgo às tradições cristãs brasileiras e em enérgica repulsa ao totalitarismo vermelho que pretende escravizar o Brasil.

O exmo. Sr. d. Aureliano Matos encerrou com palavras repassadas de fé e patriotismo a grande concentração trabalhista.<sup>306</sup>

A presença de importantes autoridades conferiu o prestígio que dom Aureliano esperava que o congresso transmitisse. De Mossoró, viera o bispo dom João Batista Portocarrero Costa e seu secretário, padre Mário de Aquino. Da região, quase todas as autoridades civis dos diversos municípios, além das bandas de música de Aracati e Itaiçaba e, claro, das comitivas de representantes dos operários, acompanhados por seus vigários e por representantes da Ação Católica. De Fortaleza, representantes do Círculo Operário e da Federação dos Círculos. Padre Macário, evidentemente, conduziu a comitiva de Jaguaribe. O evento deixou o bispo de Mossoró impressionado. A realização desse congresso, concebido pelo próprio dom Aureliano Matos, demonstra que, em sua prática pastoral, o bispo jaguaribano assimilou o texto da *Rerum Novarum* como parte importante de seu projeto. Em verdade, por acreditava nas palavras de Leão XIII, considerava que somente a Igreja solucionaria os problemas desencadeados pela modernidade no mundo, sobretudo o da situação de miséria em que viviam os operários, explorados por seus patrões. Seria preciso influenciar o mundo que, de tão desumano e cruel, transformara-se numa “máquina de fabricar pobres”.<sup>307</sup>

Assim, dom Aureliano acreditava, por ter assimilado bem a encíclica leonina, que somente a caridade, o amor cristão seria a solução definitiva para o chamado conflito de classes. Na proposta do marxismo, essa desavença somente teria fim quando o operário – consciente de sua força de transformação histórica – recusasse o jugo capitalista e deflagrasse a ditadura do proletariado. Para Leão XIII, além de não se constituir em solução de cunho cristão, já que a “revolução” desencadearia mortandades e ódios, tal proposta

---

<sup>306</sup> O *Nordeste*, 29 de outubro de 1945, p. 5. Nos seis dias anteriores ao encerramento, vira-se um “vasto programa de estudo sobre a debatida Questão Social”. A concentração na tarde do dia 14 de outubro de 1945 foi o coroamento dessa Semana Trabalhista. O povo saiu em caminhada, “conduzindo-se em carro-andor a imagem de São José – Patrono dos operários”, da capela da Escola Normal até a praça da catedral. A fama de dom Aureliano como “pastor dos operários”, segundo pregam os memorialistas (Cf.: MAIA [A. F.], 2010), vem dessa época.

<sup>307</sup> MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **Carta Pastoral (quinta)**: A presença da Igreja na atual transformação econômico-social do Vale jaguaribano. Fortaleza: [s.n.], 1965, p. 7.

não arrancaria o mal pela raiz. Somente a religião e a restauração dos costumes cristãos poderiam “produzir salutareos resultados” (2010, p. 57). É nisso que acreditava o bispo de Limoeiro. Suas ações na área do trabalho se pautaram todas nesse credo. Foi norteado por ele que dom Aureliano inculcou em seu clero a responsabilidade de implantar Círculos Operários na região jaguaribana e declarar guerra ao comunismo ateu que ameaçava não somente a hegemonia da Igreja Católica, mas até sua razão de existir.

## **2.5 A coluna da Religião: recristianizar e blindar a região contra influências do “neopaganismo”**

Deixei a Religião para o final por ser ela, aos olhos do primeiro bispo de Limoeiro, a coluna mestra do tabernáculo da fé que ele projetara para o Baixo Jaguaribe. A Religião não somente justificava as outras colunas, como era a razão de existir de todas as estruturas e mesmo do pano das cortinas que manteriam o Vale escondido das “corrupções do mundo”. Quando chegou para morar em Limoeiro, dom Aureliano encontrou uma população já doutrinalizada nos ensinamentos da Igreja. Todavia, a cultura religiosa de toda a região ainda estava eivada de credulidades, superstições e formas idiossincráticas e sincréticas de praticar o catolicismo, isto é, discrepante dos moldes ditados por Roma. Tal fato, na verdade, teria prevalecido em todo o país. Gilberto Freyre, em seu clássico *Casa grande & senzala* (1983), já chamava a atenção para o aspecto medievalista do catolicismo brasileiro, cujo caráter animista e fálico herdado dos portugueses produzira, no período colonial, uma vivência litúrgica mais social que religiosa propriamente dita. Em decorrência disso, a “religião interferia em todos os setores da vida privada colonial: justiça, economia, lazer” (FERREIRA NETO, 2002, p. 144).

No sertão cearense da primeira metade do século XX ainda eram muito comuns práticas de procurar rezadeiras, buscando-se cura e anulação de quebrantos; realizar promessas e sacrifícios para satisfazer os “santos”;<sup>308</sup> perpetuar em família a crença em “almas penadas” que assombravam lugares e pessoas e assumir os sacramentos da Igreja mais por medo do que por

---

<sup>308</sup> Sobre os “santos” e suas festas populares, ver: ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus...** Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

convicção.<sup>309</sup> Toda essa herança, sedimentada, tendeu a transformar a religião católica em “um mito tradicional” que teria comprometido muito a doutrinação da Igreja no Jaguaribe.<sup>310</sup> Um depoente, nascido em 1938, confirma que a religiosidade do povo limoeirense, ainda na década de 1940, alicerçava-se muito na crença de influências do mundo espiritual sobre o mundo físico:

Havia uma brincadeira entre os garotos do meu grupo que nós chamávamos de “Voz do Além”, com qual muito nos divertíamos. Nas casas havia janelas com pequenas aberturas, as basculantes, e nós estávamos na residência do seu Odílio, uma casa de esquina. Ao meio-dia, quando Limoeiro parava totalmente – mesmo os comerciantes fechavam as lojas e todos iam almoçar e fazer a cesta – um dos meninos do grupo colocava a boca numa abertura e chamava pelo nome de algum raro transeunte. “Fulano... Fulano...” O cidadão parava, olhava para os lados, não via ninguém e se arrepiava. Certa vez, pegamos essa peça no sacristão da catedral. Ele vinha de bicicleta e ouviu a voz: “Diolindo, oh! Diolindo!” Ele parou, desceu da bicicleta, olhou em volta e não viu ninguém. Quando estava para sair, novamente a voz: “Diolindo, me atenda! Por que você não me atende, Diolindo?”. Aí ele ficou zangado e gritou: “Apareça [alma], apareça”.<sup>311</sup>

O temor às “coisas do além” persistiria na cultura religiosa do povo, mesmo com a ação pastoral de dom Aureliano, conforme relata Nelson Faheina (2011), jornalista nascido em 1943. Ele narra que, quando adolescente, pregou uma peça na população de Limoeiro. Usando um fio de náilon que prendera no badalo do sino da catedral, subindo em uma árvore e puxando a outra extremidade, provocou no povo a certeza de que uma “alma pensada” estava dobrando o instrumento. A brincadeira se deu à meia-noite, o povo recolhido em casa, a cidade às escuras, pois na época a luz era desligada às 21h, e a “assombração” dominando todos. Logo o patamar da igreja ficaria lotado. Mandaram o sacristão, segurando uma vela, acompanhado de dois homens, subir à torre. Como ninguém descobriu o fio, retornaram. Então, o garoto voltou a tocar o sino.<sup>312</sup>

---

<sup>309</sup> Sobre o aspecto coercitivo do catolicismo no Baixo Jaguaribe, ver: FREIRE, Edwilson S. **Arautos do catolicismo...** Fortaleza: Lux Print, 2010.

<sup>310</sup> Tese defendida pelo padre Pedro de Alcântara Araújo (1986). Segundo ele, numa apologia à ação de seus colegas padres, “se não fora a pastoral missionária dos vigários e religiosos, a doutrina da Igreja estaria totalmente comprometida” (ARAÚJO, 1986, p. 4).

<sup>311</sup> HOLANDA, Francisco Ariosto. Entrevista concedida em Fortaleza-CE, em 31 de maio de 2013.

<sup>312</sup> O desfecho da narração: “Foi um Deus nos acuda! O sacristão e as duas pessoas **se jogaram escada abaixo, apavoradas...** No patamar da igreja, **dezenas de pessoas, terços à mão, rezavam**, rogando a Deus uma explicação para o que estava ocorrendo, e o mistério tomou maiores proporções quando o sacristão saiu apavorado, com alguns arranhões nos braços, jurando de pés juntos não ter visto nada. E, à medida que dava explicações, **o sino continuava tocando e o povo haja a rezar!**” (FAHEINA, 2011, p. 192-3, grifos meus).

Pode-se dizer, então, que “almas trêmulas” e “ouvidos moucos”<sup>313</sup> caracterizavam a população jaguaribana. Seria para esse povo que o bispo de Limoeiro iria traçar um projeto que tinha por finalidade dirimir ou esmaecer os traços “espúrios”, sincréticos, populares, pouco afeitos ao ultramontanismo, não romanizados, cultivados sem muita vigilância clerical, como já se disse no Capítulo 1. Para ser bem-sucedido nessa tarefa, recorreria a diversos expedientes, inclusive reafirmando, paradoxalmente, o temor do povo a Deus e o respeito pético aos seus representantes na terra, os padres. Exerceu essa função com destemor, tomando o lugar do bispo, o vigário-geral, monsenhor Otávio de Alencar Santiago, geralmente referido nas entrevistas como um padre extremamente zeloso da fé católica e como um “homem valente” que não permitia nenhum tipo de profanação aos templos e eventos católicos.<sup>314</sup> Por adotar o modelo de Igreja ultramontana, romanizada, o bispo impediu que representantes do catolicismo popular fizessem pregações na sede do bispado. O caso de Frei Damião (Pio Giannotti) foi recordado por uma depoente que nunca entendeu porque as missões desse frade só podiam acontecer em outras cidades, nunca em Limoeiro.<sup>315</sup> Representante do que se convencionou chamar de “sagradas missões” – peregrinações pelo sertão do Nordeste, entre as décadas de 1940 e 1970 –, Frei Damião sempre foi respeitado e criticado ao mesmo tempo. Frade capuchinho, italiano de nascimento, considerado pelo povo virtuoso ou mesmo santo, teve, porém, seu nome envolvido em discórdias dentro da própria Igreja, já que uns viam na celeuma em torno de sua figura um exemplo de fanatismo e outros, um exemplo de santidade (MOURA, 1978). Parece que dom Aureliano pendia mais para a primeira interpretação, vendo no frade um fanático que alvoroçava o povo simples do sertão. Ao evitar as pregações de Damião em Limoeiro, o bispo queria preservar a população da sede de influências do catolicismo popular, reconhecidamente autônomo.

Agindo assim, o bispo exercia de forma ortodoxa sua função de prelazia na zona jaguaribana. Para aparar os excessos e consolidar sua posição de

---

<sup>313</sup> “Almas trêmulas” e “ouvidos moucos” são expressões inspiradas nos estudos de Eduardo Hoornaert (1978 e 1994).

<sup>314</sup> Segundo um memorialista, dois fatos mais ou menos recorrentes provam o zelo inegociável desse padre: derrubar mesas de jogos em festas católicas e se envolver em brigas com homens considerados desrespeitosos (Cf.: MALVEIRA, 1986).

<sup>315</sup> CASTRO, Iolanda Freitas de. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE, em 18 de março de 2011.

“príncipe da Igreja” na região, dom Aureliano precisava por em prática seu projeto eclesial que, na área da Religião – sua especialidade –, envolvia três grandes frentes: (1) a criação urgente do Seminário de Limoeiro; (2) a fomentação da Obra das Vocações Sacerdotais, que já existia, e (3) a cristianização das famílias.

Como era de se esperar, o bispo não se preocupou apenas com a educação dos leigos, como ficou explicitado no item Coluna da Educação. Na verdade, a obra mais ousada de dom Aureliano – a fundação do Seminário Cura D’Ars, na sede da diocese – é chamada pelos memorialistas de “menina de seus olhos” (BESSA, 1998, p. 215). Menos de um ano depois da sagração, o bispo escreveu uma carta pastoral para convencer seu rebanho da importância, necessidade e urgência de construir o seminário. Para isso pedia auxílio aos fiéis, a todos; solicitando que “ricos e pobres, homens e mulheres venham trazer a sua pedra”.<sup>316</sup> Para ele, bispo de uma diocese recentemente instalada, isso era “um grave, porém aprazível dever” determinado por Roma.<sup>317</sup> Não obstante tal coerção, ele diz que edificar um dos “quartéis de formação dos oficiais da milícia do Senhor” era um “veemente desejo” nutrido com carinho. A proposta, segundo diz em seu texto, seria fundar um “seminário menor” – uma espécie de propedêutico –, a fase inicial em que os candidatos ao sacerdócio ingressavam ainda garotos, para estudos preparatórios e para se confirmar se havia vocação ou não. A continuação dos estudos seria feita em Fortaleza, no Seminário Arquidiocesano da Prainha, onde o próprio bispo fizera seus estudos.

No início da década de 1940, para incentivar doações entre os fiéis, sobretudo entre quem tinha mais recursos, foi concebido uma espécie de “atestado de gratidão” a quem se dispusesse colaborar. Preenchido com o nome do fiel e a quantia, era datado e assinado pelo próprio prelado. Muitas paróquias atenderam a esse apelo. O vigário-geral Otávio de Alencar Santiago, designado para coordenar a campanha, devassou o sertão em busca de

---

<sup>316</sup> MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **Carta Pastoral (segunda)**: Pedindo aos seus diocesanos auxílio para construção do Seminário. Fortaleza; Livraria Humberto, 1941, p. 11.

<sup>317</sup> Desde o Concílio de Trento (1543-1565), a Igreja determinara que, cada nova diocese instalada deveria criar, o quanto antes, o seu próprio seminário (CASTELLO BRANCO e Outros, 2010). Essa determinação depois foi incluída no Direito Canônico (Can. 1354, § 1º).



recursos.<sup>318</sup> A pedra fundamental do seminário foi posta no dia 29 de setembro de 1941, primeiro aniversário de sagração de dom Aureliano:

Logo depois o Sr. Bispo, acompanhado por grande multidão, se dirigiu à praça José Jerônimo, lugar do futuro Seminário. Nos quatro cantos viam-se cruzadas as bandeiras da Santa Sé e Nacional. Paramentou-se s. excia. e, ladeado pelo Clero deu a benção à pedra fundamental do Seminário. Falou ao povo da grandeza da obra, do sacrifício que requeria por parte de todos para a sua construção, e por fim convidou as crianças a colocarem a primeira pedra.<sup>319</sup>

Naquele mesmo dia o bispo recebia das mãos de crianças de todas as paróquias da Diocese a primeira contribuição para o Seminário. Ideia do vigário-geral, como “presente-surpresa” para o aniversariante, meninos e meninas saíram pelas escolas e ruas pedindo “esmolas para os primeiros trabalhos da construção do Seminário Diocesano”.<sup>320</sup> A soma obtida foi de 20:168\$000 (vinte mil, cento e sessenta e oito réis), entregue nas mãos do bispo que, diante do presente, agradeceu “quase em lágrimas”. Os recursos para a construção do prédio do seminário chegaram pouco a pouco, e isso provocou a demora na edificação. O bispo, paciente, imputava a demora à crise de seca que se abateu sobre o Vale no início da década, sobretudo no ano de 1942.<sup>321</sup> Lembrando que, entre 1941 e 1942, a diocese também estava construindo o prédio do Ginásio Diocesano, o que demandou recursos angariados junto à elite e mesmo o acompanhamento atento do vigário-geral (PITOMBEIRA, 1992). Em 1943, dois anos depois de posta a pedra fundamental, o prelado reconhecia: “Conquanto tudo nos escasseie, o

---

<sup>318</sup> Os memorialistas aproveitam esse fato histórico para também honrar e mitificar a figura do vigário-geral, conforme demonstram os seguintes aportes:

- (1) “O padre Otávio se agigantou, percorrendo a Diocese de ponta a ponta, no intuito de angariar recursos financeiros. [...] Celebrando a Eucaristia nas Matriz e Capelas mais importantes, bem como em casas de Fazendas, promovendo leilões, exibindo cenas de um teatrinho de fantoches, o primeiro Vigário Geral ia amealhando o necessário para a construção da casa de formação sacerdotal” (BESSA, 1998, p. 216).
- (2) “Homem obstinado”, monsenhor Santiago enfrentou severos desafios, mas como era “a Igreja em peregrinação constante”, mesmo imbuído de “frágil corpo”, voava “nas asas de seu motor [motocicleta], em alta velocidade, pelas estradas poeirentas do sertão, pregando aos fazendeiros a essência de sua missão” (MALVEIRA, 1998, p.40).

<sup>319</sup> *O Nordeste*, 15 de outubro de 1941, p. 5.

<sup>320</sup> *O Nordeste*, 21 de outubro de 1941, p. 5.

<sup>321</sup> Em março de 1942, a seca já entranhada no Ceará, os jornais estampavam manchetes desoladoras, como esta: “Ameaçados pela seca pedem, por intermédio do NORDESTE, ao presidente Vargas, trabalho de emergência”. *O Nordeste*, 24 de março de 1942, p. 1.

Seminário... já se ergue de alguns metros, porque no coração do cearense jamais se esgota a generosidade e esta obra firma-se na fé do povo”.<sup>322</sup>

Mesmo empobrecidos pela seca, monsenhor Santiago não se deu por vencido e percorreu a diocese em busca dos escassos donativos dos sertanejos. A determinação desse clérigo é reconhecida somente por alguns memorialistas, como se disse. Geralmente, atribui-se somente a dom Aureliano o protagonismo exclusivo pelas “conquistas do bispado”. Alguns depoentes reclamaram dessa “injustiça” e disseram que, além das atribuições eclesiásticas, o vigário-geral exerceu funções de arquiteto e mestre de obra em algumas das construções da diocese, caso do prédio do seminário:

Na verdade, todo o prédio é uma obra de arte, uma coisa fabulosa, cujo desenho foi concebido pelo Monsenhor Otávio, muito inteligente. Dom Aureliano deve ter dado ideias, dizendo aqui deve ser uma ogiva não sei de que estilo; aqui um arco abatido, aqui um arco romano e tal. O bispo e o monsenhor eram homens cultíssimos, de extraordinária cultura.<sup>323</sup>

Como o projeto original previa um prédio muito grande, ocupando um quarteirão inteiro, e como as ofertas chegavam paulatinamente, dom Aureliano resolveu que não esperaria a conclusão das obras para iniciar as aulas. Para isso, cedeu sua residência oficial, o Palácio Episcopal, para lá funcionar provisoriamente a organização das primeiras turmas de seminaristas, passando a residir em casa cedida pelo vigário. Assim, no dia 09 de fevereiro de 1947, instalava-se oficialmente o Seminário de Limoeiro.<sup>324</sup> Um dos primeiros alunos deixou o testemunho de sua experiência:

À tardinha [nesse dia da instalação], estávamos defronte a um edifício majestoso para os nossos olhos, grandioso para nossa estatura. Era o Palácio Episcopal, transformado provisoriamente em Seminário Diocesano Santo Cura D’Ars. Na porta de entrada, a figura eminente do Sr. Bispo, Dom Aureliano Matos. A seu lado, Mons. Otávio Santiago, Vigário Geral, Padres Misael Alves de Sousa, Heitor de Matos Montenegro, alguns vigários. [...] os Padres holandeses, que dirigiram o Seminário [...] pessoas de Limoeiro e de outras paróquias.

---

<sup>322</sup> MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **Carta Pastoral (segunda)**: Pedindo aos seus diocesanos auxílio para construção do Seminário. Fortaleza; Livraria Humberto, 1941, p. 12.

<sup>323</sup> MAIA FILHO, Napoleão Nunes. Entrevista concedida em Fortaleza-CE, em 06 de janeiro de 2011.

<sup>324</sup> Segundo a Ata de Instalação e Abertura do Seminário de Limoeiro, no dia escolhido, 09 de fevereiro de 1947, houve missa solene na catedral celebrada pelo bispo, ocasião em que falou “sobre a parábola da semente que lançada em bom terreno, cresce e produz ótimos frutos”. Com isso, o antístite queria explicar que o “Seminário [era] a semente planta por Nosso Senhor Jesus Cristo... [e que] multiplica-se pelo mundo inteiro, disseminando por todos os continentes os continuadores da missão divina do Mestre”. Após a missa, clero e povo se dirigiram ao Palácio Episcopal, para entrega das chaves da casa do bispo ao padre-reitor.

Estava fundado o Seminário Diocesano, sementeira de futuros padres. Ali estavam 29 seminaristas, os primeiros minipadres, todos de batina preta e colarinho branco. Havia de tudo: alegria pela realização de um desejo, expectativa sobre os dias seguintes, lágrimas de saudade do calor da própria casa.

Conhecemos as instalações do prédio, cada um situou sua mala em local adequado, houve jantar, depois o sono e os sonhos ou pesadelos.

Começaram as aulas. [...] Para os novatos, alguma surpresa, pois os estudos eram “puxados” porque padre tinha que saber muito. [...] Nós, apertados em pequeninas salas.

Só estudo? Não. Havia um enorme campo de futebol, onde se devia jogar obrigatoriamente para aliviar as tensões dos estudos, embora jogássemos todos de batina preta, ao sol escaldante. [...] Nas grandes solenidades, Missa na Catedral, mas era ir e voltar sem mais delongas.

Enquanto ocupávamos, apertados, as dependências do Palácio, prosseguia a construção do prédio definitivo do Seminário, na época, fora da cidade. Prédio enorme, previsto para abrigar cem ou mais seminaristas, com seus respectivos professores. Íamos lá, de vez em quando, sonhando com a transferência.<sup>325</sup>

Como se vê, prevalece o imaginário da casa de formação de padres como “lugar fechado”, longe do mundo ou de suas influências maléficas, para onde haviam sido levados garotos de tenra idade, saudosos do lar, e de onde só saíam para assistir missa na catedral, somente “nas grandes solenidades”. O depoimento também exala a angústia da longa espera pelo fim das obras do “prédio definitivo do Seminário”. Para instalar e manter uma instituição onerosa como o Seminário Diocesano, numa região de clima instável onde a riqueza flutuava ao sabor das chuvas e das cotações de produtos como cera de carnaúba e algodão, o bispo dom Aureliano se utilizou de uma série de estratégias, explicitadas, em ordem cronológica, no quadro seguinte.

Quadro 07

**CRONOLOGIA DAS ESTRATÉGIAS DO PRIMEIRO BISPO DE LIMOEIRO PARA A INSTALAÇÃO E A MANUTENÇÃO DO SEMINÁRIO MENOR, NA DÉCADA DE 1940**

| Ano         | Estratégia de ação                                                             | Forma de execução da estratégia                                                                                                                    |
|-------------|--------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>1940</b> | Organização da Diretoria da Obra das Vocações Sacerdotais (OVS) na Diocese.    | Diretoria indicada pelo bispo, com controle total dele. A OVS foi “bem compreendida/acolhida pelos diocesanos”, segundo palavras do próprio bispo. |
| <b>1941</b> | Pedido de “esmola mais avultada” aos diocesanos, em favor do futuro Seminário. | Solicitação via Carta Circular, para ser executada por todos os vigários da Diocese.                                                               |
| <b>1942</b> | Coleta de ofertas para o Seminário no Dia da OVS, primeiro domingo de outubro, | Ofertas recolhidas em todas as matrizes e                                                                                                          |

<sup>325</sup> SOUSA, José Edvaldo Moreira de (Reverendo, padre). “Mergulho no tempo”. Depoimento. In: CASTELLO BRANCO, João Olímpio e OUTROS. **O Seminário Cura D’Ars ao longo do tempo**. Fortaleza: Print Color, 2010, p. 15-16.

|             |                                                                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|-------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|             | recolhidas pelos vigários.                                                                                                                                                                                                                                | capelas da diocese, no mesmo dia.                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>1943</b> | Divisão das paróquias em três categorias e estipulação de cotas de contribuição para cada uma delas, em contos de réis (3.500, 2.000 e 500). Solicitação das “primícias do corte dos carnaubais” aos proprietários (um quilo de cera de cada um deles).   | Contribuições dentro da possibilidade de cada paróquia, com possibilidade de superação da cota, o que seria honroso para a paróquia. Os donos de carnaubais entregavam o quilo de cera ao vigário de sua paróquia ou pessoalmente a dom Aureliano, no Palácio Episcopal. |
| <b>1944</b> | Nova solicitação das “primícias do corte dos carnaubais” aos proprietários, em função do “bom inverno”. Realização, em Aracati, do Congresso das Vocações Sacerdotais.                                                                                    | Os donos de carnaubais entregavam o quilo de cera ao seu vigário ou pessoalmente a dom Aureliano. Conscientização dos fiéis sobre a importância da OVS e da necessidade de construção do Seminário Diocesano.                                                            |
| <b>1945</b> | Lançamento da campanha “Cruzada Pró-Seminário”, criada pelo bispo, na qual o vigário-geral mons. Otávio visitou todas as matrizes, capelas e oratórios para arrecadar dos fiéis contribuições para a construção do Seminário Menor de Limoeiro do Norte.  | Envio de Circular ao clero, preparando-o para a visita do vigário-geral, que percorreu a Diocese em busca dos donativos para a construção do Seminário. Em cada visita, mons. Otávio insistia na urgência de a Diocese ter seu Seminário.                                |
| <b>1946</b> | Aumento da contribuição das paróquias, segundo as categorias e cotas determinadas a cada uma, em cruzeiros (agora 7.000, 4.000 e 3.000).                                                                                                                  | Solicitação às paróquias de maior generosidade de ofertas à OVS, ficando sua arrecadação a cargo do vigário de cada paróquia.                                                                                                                                            |
| <b>1947</b> | Abertura do Seminário Diocesano, provisoriamente no Palácio Episcopal, dirigido por lazaristas holandeses. Fundação, na sede, da obra Sodalício dos Cooperadores de São José, cujas contribuições seriam revertidas para a Obra das Vocações Sacerdotais. | Uso provisório das dependências do Palácio Episcopal para funcionamento do Seminário. Fundação de uma obra que angariava recursos mediante missas pagas, para intercessão dos mortos, por exemplo, sendo as ofertas repassadas para a OVS.                               |
| <b>1948</b> | Atuação, nas paróquias, da obra Sodalício dos Cooperadores de São José, cujas contribuições eram revertidas para a Obra das Vocações Sacerdotais.                                                                                                         | Recolhimento de taxas por missas rezadas, nas paróquias da Diocese, com razoável resultado.                                                                                                                                                                              |
| <b>1949</b> | Pedido do bispo aos vigários no sentido de fomentarem ainda mais, em suas paróquias, a obra Sodalício dos Cooperadores de São José.                                                                                                                       | Recolhimento de taxas por missas rezadas, nas paróquias da Diocese, totalizando a soma de Cr\$ 84.904,00 (oitenta e quatro mil, novecentos e quatro cruzeiros) em dois anos de atuação da obra.                                                                          |

Fonte: CÚRIA DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE. **Livro de Circulares, Decretos, Atas, Cartas Pastorais etc.** Livro 1, 1940-1949, p. 01f a 56v.

Como se torna inviável discorrer sobre todo o período, quero destacar somente o ano de 1945, quando o bispo concebe a campanha por ele mesmo chamada de “Cruzada Pró-Seminário”, rememorando assim os “tempos imemoriais das Cruzadas”. Em suas palavras, a campanha seria um “grande apelo a todos os [seus] Diocesanos, ricos e pobres, grandes e pequenos”, no sentido de levantarem, todos juntos, a escola de formação de padres. Segundo

o prelado, a “construção do nosso Seminário Diocesano impõe-se a todos os católicos que aspiram ver o triunfo do reinado de Cristo, a todos os homens de boa vontade que desejam a prosperidade social da zona jaguaribana”. Depois desse prelúdio, passava a pedir aos diocesanos que recebessem bem monsenhor Otávio durante sua visita para recolher ofertas, confiando que o “povo deseja ver em sua Diocese o estabelecimento para onde vai mandar seus filhinhos que se destinam ao serviço do Senhor”. Aos olhos do bispo, instalar e manter o Seminário Diocesano não era obra facultativa, mas sim impositiva e urgente:

Ou teremos o nosso Seminário para preparar os nossos padres de amanhã, ou a Diocese tem o seu futuro comprometido, por lhe faltar este órgão estimulador, defensor de vocações sacerdotais, dificultando, pois, o aumento do clero.

E sem clero a Diocese é organismo morto.<sup>326</sup>

Para dirigir e lecionar no Cura D’Ars, dom Aureliano solicitou ao superior da Província Holandesa no Brasil a designação de três padres, que assumiram as seguintes funções na diretoria: reitor – padre Afonso de Graaf; disciplinário – padre Vicente Colsen e diretor espiritual – padre Adriano Van der Heyde (BESSA, 1998, p. 215). Padres da diocese como Misael Alves de Sousa e Heitor de Matos Montenegro completavam o corpo docente. Posteriormente, outros padres holandeses residiram no Seminário de Limoeiro. Em 1948, “quando o prédio já oferecia algumas condições de habitação, embora precárias”, alunos e professores mudaram-se para lá (BESSA, 1998, p. 215), voltando o bispo a ocupar sua residência oficial. Mesmo ocupado antes da conclusão, o prédio só seria inaugurado oficialmente seis anos depois, em 1954, durante o Congresso Eucarístico. Segundo os escritos do bispo, ele tencionava inaugurar o prédio no começo de 1948,<sup>327</sup> mas certamente não entrou recurso suficiente para isso. A continuação do testemunho do padre Edvaldo Sousa cobre esse período também:

Finalmente, a mudança em 1948. Muito mais espaço, área de lazer ampla e mais confortável. Interessantes as metamorfoses acontecidas a cada ano. Sempre que voltávamos das férias, novas construções tinham sido realizadas e, conseqüentemente, algumas mudanças eram efetuadas: onde era dormitório, por exemplo, agora era salão de estudos, pois o dormitório fora transferido para os altos, já concluídos, em parte. Eram comuns as perguntas: onde é agora a Capela,

---

<sup>326</sup> CÚRIA DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE (Ceará). **Circulares, Decretos, Atos, Cartas Pastorais etc.** Livro 01. Circular n.º 26, 16 de maio de 1945, p. 27f/v e 28f/v.

<sup>327</sup> CÚRIA DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE (Ceará). **Circulares, Decretos, Atos, Cartas Pastorais etc.** Livro 01. Circular n.º 41, 08 de junho de 1947, p. 43f-44v.

o salão de estudos... a enfermaria...? A rotina, porém, era a mesma: estudos, orações, missas cantadas aos domingos, jogo de bola ao campo ao meio dia, cineminha às quartas, a banana para merenda, invariavelmente (quem mandou Limoeiro ser produtora de banana?), a sopa de feijão À noite, acordar às 05:30 horas, passeio na Páscoa, visitas dos familiares aos domingos.

Quarta-feira era um dia diferente. Não havia aulas. Podíamos escrever cartas (as que chegavam ou saíam eram “censuradas” pela leitura prévia do Pe. Reitor). Leituras opcionais (Tesouro da Juventude e Karl May, eram os preferidos). Aulas de cânticos, com o grupo “que tinha voz”... Oficinas de carpintaria, entalhe, pintura de imagens (para ajudar na manutenção da casa), encadernação, corte de cabelo...

Beleza em todo esse tempo: interesse e entusiasmo do Sr. Bispo diocesano, que tinha o Seminário como “a pupila de seus olhos”, a dedicação exclusiva dos padres holandeses, a colaboração de outros padres e leigos, o convívio amistoso dos colegas... os dramas que encenávamos na Páscoa e no final do ano... a Semana Santa na Catedral, com a pompa das solenidades enriquecidas com os cânticos preparados pelo Pe. Adriano, e, finalmente, as férias, tão ansiosamente aguardadas, para alívio do peso dos estudos e o reencontro alegre com os familiares.<sup>328</sup>

Dom Aureliano também tinha consciência que não bastava instalar um seminário menor se não havia garotos dispostos a cursá-lo e a seguir a carreira eclesiástica. Era preciso povoar a “menina dos olhos do bispo”, mesmo porque se sabia que o número dos meninos que ingressavam era sempre muito maior do que aqueles que seguiam adiante. Assim, conseguir esse feito exigia uma organização permanente que procurasse entre os meninos aqueles que “sonhavam” com o sacerdócio. Entra em ação, então, a Obra das Vocações Sacerdotais, cujos objetivos eram, segundo o próprio bispo:

Pedir a Deus pela santidade do Clero e pelo aumento de candidatos ao Sacerdócio; despertar nas famílias mais compreensão e amor à vocação sacerdotal; conseguir recursos materiais para amparar as crianças pobres nos Seminários.<sup>329</sup>

Essa instituição interna da Igreja era tão importante para dom Aureliano que o primeiro grande evento promovido por ele foi exatamente o Congresso das Vocações Sacerdotais, em Aracati, entre 03 e 07 de setembro de 1943.<sup>330</sup> Falando ao jornal, monsenhor Santiago justifica a necessidade do evento “diante da escassez do clero limoeirense, havendo apenas 20 seminaristas da

---

<sup>328</sup> SOUSA, José Edvaldo Moreira de (Reverendo, padre). “Mergulho no tempo”. Depoimento. In: CASTELLO BRANCO, João Olímpio e OUTROS. **O Seminário Cura D’Ars ao longo do tempo**. Fortaleza: Print Color, 2010, p. 16-17.

<sup>329</sup> SOUSA, Misael Alves de (Cônego). **Relatório das Atividades da Obra das Vocações Sacerdotais da Diocese de Limoeiro do Norte**: Vinte Anos Passados. Limoeiro do Norte: [s. n.], 1960, p. 1.

<sup>330</sup> O programa completo do Congresso foi publicado no diário da arquidiocese de Fortaleza. *O Nordeste*, 24 de julho de 1943, p. 4 (inteira).

diocese”.<sup>331</sup> O evento provocou comoção entre o povo de Aracati, e mesmo de Fortaleza.<sup>332</sup> O Congresso constou de missas solenes, conferências diversas e sessões plenárias, além de uma missão pregada por frades franciscanos, antecedendo o evento propriamente dito. Segundo um dos oradores, a cidade de Aracati tinha se convertido “numa grande catedral, onde se recolheu, para orar, a católica zona jaguaribana”.<sup>333</sup> Durante a missa dos homens, celebrada à meia-noite do dia 06 de setembro, mil e quinhentos varões comungaram, o que surpreendeu mesmo os organizadores, tendo em vista a histórica apatia do gênero masculino para com as coisas da Igreja, segundo observou um padre ainda em 1939.<sup>334</sup> Durante todo o evento, vinte mil comunhões foram ministradas, o que também surpreendeu, tendo em vista ser Aracati uma cidade do interior, não uma capital.

O ponto culminante do Congresso foi a procissão fluvial do Santíssimo Sacramento. Partindo às 14 horas da capela do Fortim, distante três léguas do centro da cidade, o cortejo eucarístico foi seguido por cinquenta embarcações, entre lanchas e jangadas. A população de Aracati esperava no porto, e seguiu-se então outra procissão, terrestre, rumo à Praça do Congresso, participando cerca de quinze mil pessoas. No fim do ato, discursou dom Aureliano Matos, agradecendo aos participantes e apresentando as três conclusões decisivas do evento: “a cristianização dos lares, a construção do Seminário Diocesano e o maior incremento da Obra das Vocações Sacerdotais”.<sup>335</sup> Dom Aureliano saiu desse congresso aclamado pelo povo como “o bispo das vocações sacerdotais”, título que certamente o deixou envaidecido, já que essa batalha – aumentar o número de sacerdotes na diocese – era, de fato, parte de seu plano para o bispado jaguaribano. O bispo concebera e presenciara uma cena impressionante: “Aracati, toda de joelhos, rezando e pedindo a Deus pelas

---

<sup>331</sup> *O Nordeste*, 22 de julho de 1943, p. 5.

<sup>332</sup> Um jornalista chegou a exclamar com ufanismo: “Aracati viverá mais uma página brilhante de suas tradições gloriosas em prol da causa da Igreja Católica, dando o que de melhor possui para o bom resultado de tão grande quão alevantado certame espiritual”. *O Nordeste*, 18 de agosto de 1943, p. 3.

<sup>333</sup> *O Nordeste*, 11 de setembro de 1943, p. 6.

<sup>334</sup> ROHDEN, Huberto. “Religião para homens”. In: *O Nordeste*, 01 de dezembro de 1939, p. 3. Nesse artigo, o padre Rohden lamenta que o catolicismo tenha se tornado uma “religião para mulheres” e que, mesmo em eventos extraordinários como congressos, tais momentos não valiam, para os homens, como um “terremoto de catolicismo moral e prático”. A surpresa dos organizadores, portanto, foi o Congresso de Aracati ter derrubado esse tabu.

<sup>335</sup> *O Nordeste*, 11 de setembro de 1943, p. 6

Vocações Sacerdotais”.<sup>336</sup> Nas fotografias recolhidas pelo Instituto Museu Jaguaribano<sup>337</sup> (Figuras 06 e 07), vê-se a multidão prostrada diante da Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres: homens de terno em tons claros e mulheres de branco, com seus longos véus, exceção somente para aquelas que guardavam luto, cumprido, tradicionalmente, em cor preta durante um ano (FREYRE, 2009).

Pouco depois do Congresso de Aracati, dom Aureliano escreveu e publicou sua terceira carta pastoral, intitulada: “Comunicando aos seus Diocesanos as Resoluções do Primeiro Congresso das Vocações Sacerdotais desta Diocese”. O próprio bispo resumiu o conteúdo desse documento no Livro de Circulares e Atas, explicando que, em quinze páginas, o documento tratava de explanar as três conclusões do Congresso, mencionadas acima. A carta é um testemunho evidente de que o prelado considerava essa obra da Igreja uma espécie de coluna vertebral do catolicismo, uma obrigação de todos os fiéis, não somente do clero. Para incrementar tal instituição na diocese, solicitava que fossem estabelecidos “centros de vocações sacerdotais em tôdas as Matrizas, capelas, escolas, fábricas e demais centros de atividades sócio-religiosos”, além do que, sugeria que “todas as Paróquias... iniciassem a fundação de uma bolsa das Vocações Sacerdotais, abrindo para isto, embora com pequena quantia, uma caderneta em um banco”.<sup>338</sup> A carta, também enviada ao jornal *O Nordeste*, impactou os homens católicos da imprensa.<sup>339</sup>

Todavia, antes mesmo da chegada do primeiro bispo, responsável por incrementar a OVS em Limoeiro, consta que, já em outubro de 1938, o padre Misael Alves de Sousa estava à frente de uma “organização de vocações sacerdotais”, tendo angariado nos treze meses anteriores a importância de cinco mil contos de réis, enviados então para a tesouraria geral da

---

<sup>336</sup> *O Nordeste*, 15 de setembro de 1943, p. 4.

<sup>337</sup> O Instituto Museu Jaguaribano ocupa um antigo casarão do século XIX na Rua Coronel Alexanzito (antiga Rua Grande), no centro histórico de Aracati, sítio tombado pelo IPHAN em abril de 2000. Sobre isso, ver: ARACATI..., 2008. Site do IMJ: [www.museujaguaribano.org.br](http://www.museujaguaribano.org.br).

<sup>338</sup> MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **Carta Pastoral (terceira)**: Comunicando aos seus diocesanos as resoluções do Primeiro Congresso das Vocações Sacerdotais desta cidade. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1943, p. 9.

<sup>339</sup> Um deles afirma: “Pastoral de Dom Aureliano Matos constitui uma página de palpitante atualidade, pela doutrina que expõe e pelos métodos seguros que aponta, no sentido de se regularizar a situação difícil do interior, onde há angustiosa carência de padres para o ministério sagrado”. *O Nordeste*, 03 de novembro de 1943, p. 1.



organização, em Fortaleza.<sup>340</sup> Quatro anos depois, o padre Misael aparece como diretor-geral e dom Aureliano como “organizador da O. V. S. na Diocese”. No dia 04 de outubro de 1942 acontecem novas celebrações – missa na catedral e sessão solene no Cine Moderno, quando diversos oradores tomaram a palavra – presididas, desta feita, pelo próprio bispo. Segundo o jornal, o diretor leu um relatório de arrecadação anual que causou surpresa em todos, tendo em vista que, mais uma vez, desde 1937, a paróquia de Limoeiro levava a primazia na região, tendo arrecadado mais de onze mil réis, bem distante do segundo lugar, Russas, que juntou três mil e quinhentos réis.<sup>341</sup> O quadro abaixo especifica as ofertas levantadas pela OVS na diocese, em cada paróquia, entre 1941 e 1946:

Quadro 08

**OFERTAS PARA A OBRA DAS Vocações SACERDOTAIS DA DIOCESE DE LIMOEIRO DO NORTE, POR PARÓQUIA E ANO, 1941-1946, EM MOEDA CORRENTE (CRUZEIRO)**

| Paróquias            | 1941      | 1942      | 1943      | 1944      | 1945      | 1946      |
|----------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| <b>Alto Santo</b>    | -         | 314,50    | 255,00    | 813,00    | 1.370,10  | 638,00    |
| <b>Aracati</b>       | 3.987,00  | 1.509,00  | 3.510,00  | 7.686,00  | 6.000,00  | 10.564,00 |
| <b>Frade</b>         | 750,00    | 420,00    | -         | 563,80    | 1.685,00  | 175,00    |
| <b>Icapuí</b>        | -         | -         | -         | 1.101,50  | 1.111,30  | 1.208,80  |
| <b>Itaíçaba</b>      | -         | 50,00     | -         | 2.000,00  | 1.400,00  | 4.605,90  |
| <b>Jaguaribe</b>     | 1.165,00  | 1.065,00  | 272,60    | 2.703,50  | 3.727,50  | 2.082,10  |
| <b>Jaguaruana</b>    | 2.113,50  | 1.288,00  | 3.000,00  | 2.100,00  | 3.144,10  | 5.500,00  |
| <b>Limoeiro</b>      | 9.094,40  | 11.325,70 | 7.120,20  | 7.768,90  | 5.823,60  | 9.178,90  |
| <b>Morada Nova</b>   | 1.646,00  | 1.450,00  | 2.128,60  | 1.298,00  | 903,00    | 1.606,00  |
| <b>Pereiro</b>       | 1.000,00  | 300,00    | -         | 1.300,00  | 2.500,00  | 3.000,00  |
| <b>Quixeré</b>       | 450,00    | 2.500,00  | 1.300,00  | 5.010,00  | 4.400,00  | 5.000,00  |
| <b>Russas</b>        | 4.100,00  | 3.500,00  | 3.500,00  | 6.200,00  | 6.294,40  | 12.020,00 |
| <b>Total por ano</b> | 24.305,90 | 23.722,20 | 21.086,40 | 38.544,70 | 38.359,00 | 55.578,70 |

<sup>340</sup> Naquele último quadrimestre de 1938, foram realizadas celebrações para lembrar a importância dessa obra, estipulando o jornal que, com essa ação, o povo limoeirense “compreendeu a necessidade premente que temos do sacerdócio católico para a família, para a sociedade e para o mundo, quando a impiedade e o materialismo grosseiro vão arrastando-o para uma hecatombe dolorosa”. *O Nordeste*, 18 de outubro de 1938, p. 6. Certamente, ao falar em “hecatombe dolorosa”, o autor tinha em mente o contexto que desencadeou a Segunda Guerra Mundial.

<sup>341</sup> *O Nordeste*, 15 de outubro de 1942, p. 4.

Em seis anos, a OVS juntou em toda a diocese um total de Cr\$ 201.596,90 (duzentos e um mil, quinhentos e noventa e seis cruzeiros e noventa centavos), o que é mesmo surpreendente, tendo em vista a seca de 1942-1943, o que justifica os vazios e as quedas de contribuição em paróquias como Frade, Jaguaribe e mesmo na serrana Pereiro, e a queda do preço da cera de carnaúba, em 1946, que provocou reduções drásticas nas paróquias de Alto Santo e Frade. Entretanto, mesmo em crise ou seca, os católicos não deixavam de contribuir para a OVS, obra pontifical, abençoada pelo papa e fomentada constantemente pelo bispo. Não havia como esquecer a arrecadação para os seminaristas pobres. Em 1947, por exemplo, o papa Pio XII enviava uma carta à elite eclesiástica brasileira pedindo que

se cultivem intensamente as vocações sacerdotais para dotar os Seminários do Brasil de muitos e escolhidos jovens. [...] E... desejamos ardentemente que se conjuguem todos os esforços para a fundação de novos Seminários onde ainda não existem e para a ampliação dos que felizmente já existem...<sup>342</sup>

Em fevereiro daquele ano, conforme já mencionado, dom Aureliano cedia o Palácio Episcopal para começar a funcionar a primeira turma de seminaristas, enquanto o prédio ficava pronto. Nesse sentido, o projeto do bispo se coadunava plenamente à vontade do papa, no sentido de favorecer as vocações sacerdotais no Brasil, cujo aumento exigia, necessariamente, a construção de seminários e a manutenção da OVS. Confirmando o desejo papal, o jornal publicaria dados considerados alarmantes, uma vez que, em 1945, comparando Brasil e Estados Unidos, nação de maioria protestante, o país ainda perdia em número de sacerdotes para cada cem mil habitantes: EUA 38.451 padres para quase vinte e quatro milhões de católicos; Brasil 5.000 padres para mais de quarenta milhões de habitantes.<sup>343</sup> A elite eclesiástica brasileira estava deveras preocupada com esses dados. Essa inquietação culminou, em fins de outubro de 1949, com o Primeiro Congresso Nacional de Vocações Sacerdotais, realizado na Bahia.<sup>344</sup> Dele, participou dom Aureliano Matos, em companhia do padre Misael, que o acompanhou na condição de secretário e afirmou ao jornal que o evento havia alcançado êxito,

<sup>342</sup> *O Nordeste*, 18 de agosto de 1947, p. 3.

<sup>343</sup> *O Nordeste*, 19 de agosto de 1947, p. 2.

<sup>344</sup> *O Nordeste*, 14 de outubro de 1949, p. 8.

com a participação de quarenta bispos, um cardeal e “incalculável a massa de fiéis que de todo o país ocorreu a Salvador”.<sup>345</sup>

Além de construir o seminário e incrementar a Obra das Vocações Sacerdotais, o primeiro bispo de Limoeiro se preocupava também com a “cristianização das famílias” jaguaribanas. Sabia ele que, de nada adiantaria um seminário se não houvesse uma atuação eficaz e permanente no sentido de evitar que a onda de secularização que varria o país chegasse ao Vale e aniquilasse anos e anos de trabalho pastoral. Assim, o projeto de defesa da fé católica concebido pelo bispo envolvia duas estratégias fundamentais: (1) a realização de grandes eventos que atraíssem o povo às origens “puras” de sua fé católica e (2) o envolvimento do maior número possível de fiéis nos diversos agrupamentos religiosos da Igreja. Já em sua primeira Carta Pastoral, dom Aureliano reconheceria nessas “associações pias” o “termômetro que marca o grau da piedade de um povo”, ou seja, eram elas responsáveis por levar o “antídoto da virtude” ao “intoxicado organismo social”, envenenado pelo “paganismo renascente”.<sup>346</sup>

A primeira estratégia, o ajuntamento do “grande rebanho católico” em encontros que celebrassem festivamente datas importantes e propusessem o reavivamento de obras da Igreja na diocese, como foi o caso do Congresso das Vocações Sacerdotais de Aracati, era mentalidade predominante na elite eclesiástica brasileira da época. Esse tipo de evento costumava despertar entusiasmo em dom Aureliano, que participou de vários certames desse tipo, tanto no Ceará como em outros Estados. Somente na década de 1940, o bispo realizou três grandes concentrações: a celebração do cinquentenário de publicação da encíclica *Rerum Novarum*, em Limoeiro; o Congresso das Vocações Sacerdotais, em Aracati e o Congresso Eucarístico do Centenário do Apostolado da Oração, em Russas. Como já tratei dos dois primeiros em páginas anteriores, faço breves considerações somente sobre o último. O Congresso Eucarístico do Centenário do Apostolado da Oração foi realizado na

---

<sup>345</sup> O Nordeste, 04 de novembro de 1949, p. 1.

<sup>346</sup> MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **Carta Pastoral (primeira)**: Saudando a seus diocesanos. [s.n.], 1940, p. 13.

cidade de Russas, entre os dias 29 de novembro e 03 de dezembro de 1944.<sup>347</sup> O evento foi precedido, entre 23 e 28 de novembro, de uma missão dos frades franciscanos auxiliados pelas Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado.<sup>348</sup>

Convocar o povo jaguaribano a assumir suas antigas raízes, a se orgulhar da “tradição dos avós” era exatamente o propósito do bispo ao realizar cerimônias tão pomposas num Vale de população predominantemente pobre. No evento, também presentes autoridades como o interventor federal, Menezes Pimentel, e secretários das pastas e diretores de órgãos estaduais,<sup>349</sup> afirmava-se a fé católica como base do projeto de transformar o Vale em um polo de atração da religião.<sup>350</sup> Um jornalista convidado confirma a intenção do bispo ao promover aquele evento:

A alma sertaneja formou ao lado do seu grande Bispo, Dom Aureliano, e fez uma demonstração total do seu espírito religioso. Nas sessões solenes, o silêncio era quase completo, de modo que, mesmo de longe, ouvia-se bem a voz dos oradores e a do locutor. [...]

Russas, em peso, abriu os braços para todos que com ela se ajoelharam em torno do altar-monumento. Desde o governo municipal – operoso e progressista – até o elemento popular – simpático e franco – notava-se um espírito de coesão, um trabalho solidário em função da grande homenagem a Cristo-Hóstia. [...]

Até nisso a Igreja é maternal para o homem. Na sua pompa, na sua liturgia, no seu cerimonial, nos seus templos, ela proporciona ao coração humano o suave consolo da saudade e o preito comovente da tradição.<sup>351</sup>

Mesmo a pompa do evento é considerada elemento de consolo ao povo pobre, lembrando-lhe que a verdadeira riqueza seria usufruída na eternidade. Esse mesmo povo, “simpático e franco”, se prostrava silencioso e humilde diante do misticismo e da tradição da Igreja.

O ministério do Apostolado da Oração, cujo centenário estava sendo celebrado naquela ocasião, fora fundado em 03 de dezembro de 1844, pelo padre jesuíta francês Xavier Guatrelet, entre os estudantes da Companhia de Jesus de uma cidadezinha francesa. De simples associação particular, coube

---

<sup>347</sup> Um morador de Russas, ante a expectativa do acontecimento, escreveu: “Precisamos demonstrar publicamente que temos fé e continuamos a manter a tradição de nossos avós”, ou seja, defende que é “necessário manter o brilho ofuscante da religião cristã em nossas plagas... Realizando um congresso de caráter cívico-religioso”. LIMA, Eliseu Ferreira. “A semana do Apostolado”. *O Nordeste*, 16 de outubro de 1944, grifos meus.

<sup>348</sup> *O Nordeste*, 09 de novembro de 1944, p. 5, e 23 de novembro de 1944, p. 8.

<sup>349</sup> *O Nordeste*, 01 de dezembro de 1944, p. 2.

<sup>350</sup> A programação constou de procissão inaugural, entre a capela do Patronato e a Praça da Matriz, onde ocorreram sessões e missas solenes, todas presididas pelo bispo, além de reuniões de estudos bíblicos. *O Nordeste*, 10 de novembro de 1944, p. 6.

<sup>351</sup> *O Nordeste*, 07 de dezembro de 1944, p. 5.

ao padre Henrique Ramière disseminá-lo universalmente, até cair nas graças dos papas. Leão XIII, por exemplo, afirmou ser essa instituição “uma planta nova que tanto embeleza o jardim do Divino Jardineiro”.<sup>352</sup> Em seu centenário, essa organização já contava com pelo menos trinta milhões de filiados em todo o mundo. Como a Igreja acreditava que o Apostolado da Oração transformava “as ações mais insignificantes [dos fiéis] em moedas de ouro”, com as quais se poderiam comprar o céu para eles e “para muitas almas”,<sup>353</sup> isso justifica a frequência massiva dos católicos jaguaribanos ao evento promovido pelo bispo de Limoeiro.

Além de arregimentar o povo para participar de “eventos extraordinários”, era preciso convencer o rebanho todo, se possível fosse, a se filiar e atuar em alguma irmandade, associação ou grupo religioso, tal como o Apostolado da Oração. A documentação permite dizer que isso não era muito difícil, não obstante a resistência de muitos, sobretudo de homens. Como se viu, o gênero masculino em sua maioria tinha certa aversão às coisas da Igreja e, por isso, filiava-se mais facilmente a grupos como o Círculo Operário e a Associação do Pão dos Pobres de Santo Antônio, certamente porque essas agremiações se assentavam, em suas bases regimentais, mais em práticas trabalhistas e sociais que litúrgicas e cerimoniais. Em Limoeiro, a Obra do Pão dos Pobres de Santo Antônio foi fundada ainda em 1900, durante o paroquiado do padre Antônio Pereira da Graça Martins.<sup>354</sup> Na verdade, ele era o único clérigo no corpo dessa organização, criada e mantida por quarenta e quatro leigos. Em 1941, com aprovação e benção do bispo recém-chegado, é publicado o estatuto,<sup>355</sup> depois registrado no IBGE.<sup>356</sup>

---

<sup>352</sup> *O Nordeste*, 20 de setembro de 1944, p. 2. Este texto é a primeira parte de um histórico do Apostolado da Oração, publicado em três fragmentos, neste e nos dois dias seguintes.

<sup>353</sup> *O Nordeste*, 22 de setembro de 1944, p. 2.

<sup>354</sup> Com mais de cem anos, essa é a única sociedade de leigos, fundada à sombra da Igreja durante o século XX, que continua em atuação no município de Limoeiro do Norte. Sobre essa obra, ver: BESSA, Pompeu Bezerra. **A Antiga Freguesia do Limoeiro**: notas para sua História, Fortaleza: Premium, 1998.

<sup>355</sup> Entre outras coisas, diz o documento: “Art. 2.º – Esta Obra, genuinamente cristã, tem como fim atender às necessidades dos pobres. [...] Art. 3.º – Como finalidade primária a Obra deverá recolher os donativos dos ofertantes e distribuí-los aos pobres, todas as semanas, às terças-feiras. [...] § 1.º – Salvo determinação posterior, estas esmolas deverão ser distribuídas na sacristia da Igreja de Santo Antônio, quando possível pela manhã. [...] Art. 4.º – Dentro dos moldes cristãos a Obra poderá desdobrar-se em outras obras de assistência aos pobres, como sejam: construções de hospitais, patronatos, etc”. ESTATUTOS DA OBRA DO PÃO DOS POBRES DE SANTO ANTÔNIO: Limoeiro, Ceará. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1941, p. 3-4.

Aos olhos do bispo, aquela iniciativa de leigos se alocava dentro do plano maior de desenvolvimento espiritual de seu rebanho. Já o padre Graça não teria visto a obra por esse ângulo. Não obstante prestar oficialmente assistência eclesiástica à Associação do Pão, aquele sacerdote em grande parte de sua gestão (1900-1906) atuou como político, tendo assumido as funções de presidente da Câmara Municipal e intendente, o prefeito da época. Afastado da paróquia de Limoeiro, em 1906, pelo bispo do Ceará, dom Joaquim José Vieira, em razão de choques entre política partidária e pastoral eclesiástica, a obra não sofreu nenhum tipo de abalo. Possivelmente, a autonomia da instituição, administrada por leigos, irritou o padre, conhecido por sua atuação política pouco diplomática.<sup>357</sup> Em um memorial datado de 24 de dezembro de 1946, admite-se que o empreendimento de construção do prédio do Patronato Santo Antônio dos Pobres, tratado no item da coluna da Educação, foi resultado dessa obra social, fundada por homens que não se conformaram com a sorte das “criaturas desafortunadas”.<sup>358</sup> Como visto, o Estatuto da organização já previa esse tipo de empreendimento. Assim, com a Associação já atuando em prol de pessoas carentes, o bispo precisou apenas convencer as lideranças leigas do movimento que todos tinham o mesmo objetivo: conduzir o rebanho católico a “pastos verdejantes”.

Ainda em atuação no município, a chamada “paga do pão de Santo Antônio” (distribuição de alimentos e roupas), ocorre toda terça-feira em prédio próprio, o chamado Dispensário, localizado trás da Igreja de Santo Antônio. Sentados à frente, em banco de madeira, um grupo de pessoas, sobretudo

---

<sup>356</sup> SILVA, Meton Maia e. Entrevista concedida em Fortaleza-CE, em 31 de janeiro de 2010.

<sup>357</sup> Um exemplo de conflito entre o vigário e os membros da associação ocorreu quando o sacerdote “negara a banda [de música] da Paróquia para os festejos em honra de Santo Antônio”, sendo ele próprio assistente da Associação que promovia a festa (CASTELLO BRANCO, 1995, p. 101). Essa indisposição do padre com os leigos teria sido o motivo de seu afastamento da paróquia de Limoeiro.

<sup>358</sup> “Esta cidade de Limoeiro do Norte, antiga Limoeiro, conta no elenco das suas poucas obras de assistência social, a Associação do Pão de Santo Antônio dos Pobres, instituição caridosa que fundada há mais de 40 anos por uma pleiade de homens clarividentes e imbuídos de vera caridade, vem distribuindo o generoso óbulo e o farto pão a centenas de criaturas desafortunadas... [...] No desejo ardente de ampliar, como é vontade de Deus, esses benefícios e torná-los extensivos à criança pobre e desamparada; anelando levar aos velhos e doentes que dela vêm se beneficiando há tanto tempo uma assistência mais racional e mais extensiva, empreendeu, faz 3 anos, com a aquisição de donativos e esmolas a construção de um grande prédio, nesta cidade, destinado a instalação de um PATRONATO, cuja direção vai ser confiada às Irmãs de São Vicente de Paulo, mestras no amparo aos desgraçados e educadoras por excelência, como universalmente são reconhecidas.” In: ASSOCIAÇÃO MATERNIDADE SÃO RAIMUNDO. **[Pasta de Ofícios e Outros Documentos Avulsos]**. Limoeiro do Norte, 1946.

idosos, aguarda a chamada de seu nome para receber, das mãos de voluntários, mantimentos e roupas. Depois do grupo, também sentados nos bancos, uma multidão de católicos participa do momento, recitando o terço, entoando benditos e cânticos que antecedem a distribuição. Algumas dessas pessoas, “cumprindo promessas”, vêm regularmente assistir a “paga”. É o caso da senhora Maria Margarida Costa Pereira, nascida em 1945. Desde 1975, depois de uma laqueadura com complicações, tendo feito uma promessa para Santo Antônio lhe curar, sempre que pode vem e assiste o momento de joelhos, como penitência e agradecimento pela cura alcançada.<sup>359</sup>

Se grande parte dos varões adultos vivia “à margem das praticas culturais”, não assistindo a missas, não se confessando, não comungando, em suma, “não [praticando] normalmente o catolicismo”,<sup>360</sup> certamente era mais fácil cooptar os mancebos e adolescentes. Para isso, a Igreja dispunha da União dos Moços Católicos, criada em Limoeiro ainda em 26 de fevereiro de 1938, pouco antes da instalação do bispado. Uma comitiva de rapazes de Fortaleza, liderada por padre Perdigão Sampaio e Sr. Alfredo Franco, viajou para Limoeiro e procedeu à fundação oficial da UMC.<sup>361</sup> Segundo o jornal, o grupo era composto por “varias dezenas de moços ainda não contaminados pelo desenvolvimento das ideias e costumes modernos”. Os “cruzados do Senhor” fundariam um círculo de estudos, a exemplo do que já existia na capital alencarina, conhecido por realizar conferências sobre assuntos da atualidade, ensinando o moço católico a “evitar a corrupção do mundo”.<sup>362</sup>

Para as mulheres, a cooptação às agremiações da Igreja sucedia-se dentro da família, tendo-se em vista a figura da “mãe cristã”. Desde 1915, existia em Limoeiro a organização da Pia União das Filhas de Maria, fundada pelo padre Acelino Arraes (ANDRADE, 2008). Congregando moças solteiras, com objetivo de afastá-las das maléficas influências da modernidade, criavam-se devotas com “o coração de Maria”, ou seja, piedosas e avessas às

---

<sup>359</sup> Entrevistei dona Maria Margarida em 23 de junho de 2015, no Dispensário do Pão de Santo Antônio de Limoeiro do Norte. Ajoelhada durante todo o momento, ela se mostrou muito feliz em contar sua história a um pesquisador, pois isso seria uma forma de “divulgar a graça recebida” e assim “deixar o santo satisfeito”.

<sup>360</sup> ROHDEN, Huberto (Padre). “Religião para homens”. In: *O Nordeste*, 01 de dezembro de 1939, p. 3.

<sup>361</sup> *O Nordeste*, 11 de março de 1938, p. 6.

<sup>362</sup> *O Nordeste*, 23 de abril de 1938, p. 1.

novidades do feminismo e da degeneração da raça humana.<sup>363</sup> O testemunho de uma senhora nascida em 1929 é expressivo nesse sentido. Sua adolescência e mocidade foram vividas em Limoeiro, já sobre a influência do primeiro bispo:

Quando completei quatorze anos [1943], minha mãe orientou-me a ingressar na Associação Filhas de Maria. As jovens passavam por um estágio denominado “pretendente”. Nesse estágio, nosso comportamento era observado e usávamos uma fita verde. Era o nosso distintivo. O Conselho da Associação decidia se podíamos ou não receber a “fita azul”. Não tínhamos trabalho voluntário ou social. Se frequentássemos festas dançantes, não receberíamos a “fita azul”. Após contrair matrimônio, a jovem era automaticamente desligada.<sup>364</sup>

Assim, mediante filiação a agremiações como as mencionadas, e participação em “grandes eventos de fé”, o bispo de Limoeiro conseguiu cooptar boa parte de seu rebanho para exercer, no corpo místico da Igreja, a função de leigo ativo e obediente aos preceitos do clero. Para evitar que esse corpo se contaminasse com a “sedução do mundo” e mesmo para tentar resgatar as “ovelhas que se extraviaram do aprisco do Senhor”, dom Aureliano concebeu um conjunto de ações que, integralizadas e interdependentes, permitia a manutenção hegemônica do catolicismo na região. Essas ações intentavam manter intacto o tecido da cortina que, tramada com persistência, resguardava o Vale das influências do secularismo moderno, cujo exemplo acabado era a capital Fortaleza. Evitar que afluxos indesejáveis dessa e de outras metrópoles chegassem à região, sobretudo à sede, ditou a pastoral do primeiro bispo de Limoeiro.

## 2.6 A cidade-convento: Limoeiro fechada ao mundo

Segundo Sérgio Buarque de Holanda (1995), a sociedade brasileira se estruturou historicamente longe dos meios urbanos, na zona rural, no seio da vida doméstica, toda ela moldada pelo patriarcalismo:

A família patriarcal fornece, assim, o grande modelo por onde se hão de calcar, na vida política, as relações entre governantes e governados, entre monarcas e súditos. Uma lei moral inflexível, superior a todos os cálculos e vontades dos homens, pode regular a boa harmonia do corpo social, e portanto deve ser rigorosamente respeitada e cumprida (HOLANDA, 1995, p. 85).

---

<sup>363</sup> Sobre a atuação das Filhas de Maria em Limoeiro, entre 1915 e 1945, ver: ANDRADE, Maria Lucélia de. **“Filhas de Eva como anjos sobre a terra”...** Fortaleza, 2008 (Dissertação).

<sup>364</sup> MATOS, Maria José Costa. Entrevista concedida em Brasília em 22 de novembro de 2013.



Assim, esse quadro familiar tendeu a moldar os indivíduos mesmo fora do ambiente doméstico, marcando de forma poderosa e persistente a vida social: o privado invadindo o público, a família invadindo o Estado. Esse “espírito da dominação portuguesa” se adaptou bem à vida no campo, não na cidade. As cidades que os lusitanos fundaram na América tendiam sempre ao “desleixo”, à falta de rigor, de método, de previdência. Não constituindo um “produto mental”, antes resultando de um espírito de abandono, de uma mentalidade de que “não vale a pena”, a urbe brasileira teria herdado do “realismo” português (o “pé no chão”) a renúncia de “transfigurar a realidade” e de organizar o espaço natural por meio de códigos e regras, já gestados e sedimentados em seu “devido lugar”: o regime patriarcal rural.

Os padres jesuítas representaram a ruptura dessa mentalidade. Na América hispânica, onde teve maior liberdade de atuação, a Companhia de Jesus conseguiu implantar um modelo de urbe que era, na verdade, um instrumento elaborado de dominação sobre as almas. Esse modelo se fundamentava na centralização do poder, não em sua pulverização, como predominou no Brasil colonial. Os objetivos eram claros: “o homem pode intervir arbitrariamente, e com sucesso, no curso das coisas e... a história não somente ‘acontece’, mas também pode ser dirigida e até fabricada” (HOLANDA, 1995, p. 97-8). Conhecedor desse modelo jesuítico, o bispo jaguaripeense concebeu para Limoeiro do Norte algo semelhante: uma cidade onde a Igreja fosse o centro emanador de poder. Gravitando em torno dela, atreladas àquele poder central, instituições que exercessem o controle sobre as almas dos moradores. Curioso constatar que, mesmo geograficamente, houve um planejamento para dispor os prédios nesse modelo de urbe, cujo crescimento partia de um centro previamente definido. No caso de Limoeiro, a catedral era esse centro. Em torno dela, formando um triângulo, foram levantados o Colégio Diocesano Padre Anchieta, o Patronato Santo Antônio dos Pobres e o Seminário Cura D’Ars.

Assim, estava constituída a estrutura geopolítica perfeita para a gestação de uma “cidade-convento”, uma urbe onde a população seria devidamente doutrinada para seguir os ditames da Igreja. Nasquelas três instituições, havia internatos cujo rigor disciplinar os aproximava de clausuras.

No caso dos seminaristas, eles viviam mesmo enclausurados, realidade predominante no Brasil até meados do século XX. Nesse sentido, um jornalista descreve, em 1939, a rotina dos estudantes do antigo Seminário Menor do Rio Cumprido, no Rio de Janeiro. Todo o tempo do dia era meticulosamente controlado pelas autoridades eclesiásticas e os estudantes só recebiam visitas de familiares uma vez por mês. O isolamento era considerado um método necessário para manter os garotos afastados do mundo moderno com suas seduições e perigos. Em razão disso, um campo de futebol do prédio bicentenário fora isolado somente porque com “a abertura de uma rua lateral ali [deixara] o local muito devassado” (WANDERLEY, 1939, p. 25), ou seja, “aberto ao mundo”. Assim, a rotina em um seminário católico dos anos de 1940 lembrava o rigor encontrado num quartel de soldados.

O medo do mundo representava, na verdade, o esforço obsessivo para “domesticar” a sexualidade dos seminaristas. Se um rapaz tivesse controle sobre seus impulsos eróticos, “sacrificando-os no altar do celibato”, ele certamente estaria preparado para “enfrentar o mundo” como “soldado de Cristo”, título que caía bem não somente aos jesuítas, mas a todos os sacerdotes católicos. Os padres holandeses de Limoeiro, por exemplo, tratavam assim seus alunos, que futuramente deveriam sair ao mundo de corrupção com a missão de “salgar a terra”. A disciplina e o isolamento a que eram forçados garotos ainda imberbes não funcionaram para todos, ao menos não como os tutores esperavam. Caso de Francisco Jay Gonçalves, sacerdote casado desde 1993, conhecido como Padre Jair, aluno das primeiras turmas do Seminário de Limoeiro, quando ingressou aos dez anos. O testemunho dele é contundente:

Na época, o seminário possuía uma educação muito fechada e rígida. A gente vivia quase fora do mundo. Tínhamos horário para tudo... Eu peguei padres holandeses tanto no seminário menor, aqui em Limoeiro, como no maior, em Fortaleza. E eles faziam questão de que o contato dos alunos com o mundo externo fosse mínimo. Então, acho que não fomos preparados para enfrentar o mundo. Eu pelo menos não tenho vergonha de dizer que não fui preparado para a realidade que iria assumir como padre novo, com apenas vinte e seis anos.

A estrutura do seminário, tanto aqui em Limoeiro como em Fortaleza era a mesma: tudo era pecado e a mulher era vista como um demônio. Mesmo no seminário daqui, não podíamos olhar para as cozinheiras, até porque só existia uma janelinha [separando cozinha e refeitório].

Vou lhe contar um episódio só para você vê como a educação era rígida. Como eu morava em Limoeiro, tinha direito a sair uma vez por mês, todo primeiro domingo.

[...] Eu tinha um amigo que morava próximo de minha casa, ele era coletor em Limoeiro. Certo domingo, depois que saí, passei antes na casa desse amigo. Um padre do seminário, que na época se chamava disciplinar, me viu entrando na casa do amigo. Quando voltei ao seminário, à tarde, alguém veio me avisar: “O reitor quer falar com você”. Ele me perguntou: “O que você foi fazer na casa de Fulano?” Tudo isso porque esse meu amigo tinha irmãs e então fizeram alguma suposição [de namoro escondido]... Eu pensei: mas, meu Deus do Céu, eu nem pensei nisso!<sup>365</sup>

Esse depoimento pode ser complementado com um trecho de uma Circular de dom Aureliano, mencionando uma carta pastoral coletiva. Segundo esse documento, o reitor agiu dentro das normas da Igreja. Era esperado e “desejado” que os padres vigiassem os seminaristas, pretextando “velar sobre a vocação dos que já foram admitidos no Seminário”. Assim, em férias e folgas dos noviços, o vigário assumia também a função de “vigilância dos aspirantes”:

Então, o Pároco faz às vezes de Diretor do Seminário, e tem não só direito, mas gravíssimo dever de velar sobre o aluno. Procurará, pois, **andar em dia com o modo de viver do seminarista**; notando se frequenta os sacramentos, se não falta às funções eclesiásticas, como serve ao altar, **a que lugares e famílias é assíduo**, que gênero de leituras lhe agrada, qual é o seu espírito de obediência, caridade, sinceridade, pureza, ortodoxia, mortificações, para lhe emendar o errado, aconselhar-lhe o bem e acoroçoá-lo na prática das virtudes sacerdotais. Se descobrir nele vaidade, leviandade, arrogância, **inclinação a novidades**, dissipação secular, aversão ou pouco gosto ao estudo e às coisas divinas, faça-lhe a caridade de persuasivas e delicadas admoestações.<sup>366</sup>

Como se vê, os padres holandeses transplantados para o Brasil eram ortodoxos, tendo trazido da Europa sua visão de mundo, na qual a figura da mulher era tida como um demônio pronto para seduzir os neófitos seminaristas, que, pela conjuntura da época e pelo isolamento forçado, só podiam mesmo ser completos inexperientes em sociabilidade humana. Influenciados por um dos pais da Igreja, Agostinho, os clérigos europeus que vieram para Limoeiro acreditavam que era imperativo evitar o contato visual dos alunos com qualquer mulher que não fosse mãe ou irmã. Considerando que Agostinho via na luxúria a causa e o efeito do pecado original; e na ereção do pênis, o sintoma e a manifestação clara daquela “doença” (a luxúria), era preciso que se evitasse qualquer contato do seminarista com mulheres, já que, nessa concepção, o homem não tem controle sobre seu membro, dominado que foi pelo pecado original (FRIEDMAN, 2002). A julgar pelos elogios que teceu aos padres holandeses, supõe-se que dom Aureliano concordava com a doutrina e a

---

<sup>365</sup> GONÇALVES, Francisco Jay (Padre Jair). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE, em 22 de dezembro de 2011.

<sup>366</sup> CÚRIA DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE (Ceará). **Circulares, Decretos, Atos, Cartas Pastorais etc.** Livro 01. Circular n.º 41, 08 de junho de 1947, p. 46v, grifos meus.

pedagogia dessa congregação, cuja atuação no Brasil já se estendia quase há um século, conforme suas palavras:

Não é uma experiência que vamos fazer, porquanto, há quase cem anos vêm os Lazaristas dirigindo o Seminário de Fortaleza, com ótimos resultados, haja visto o clero que tem saído de suas mãos, um dos mais conceituados do Brasil, o virtuoso clero cearense.<sup>367</sup>

Como acreditava que a formação do padre “exige um ambiente próprio ao seu desenvolvimento: clima puro, isento de emanções mefíticas de um mundo corrompido”,<sup>368</sup> dom Aureliano defendia uma educação clerical num ambiente fechado, longe das influências do mundo neopaganizado. Assim, se o bispo convocou a ajuda dos padres holandeses, certamente concordava com a forma como eles conduziam o seminário. Ademais, a associação entre pecado e sexo e a antinomia entre corpo e espírito também eram mentalidades da Igreja ultramontana, ditando assim o comportamento que se esperava dos sacerdotes e mesmo dos fieis:

Em todo o curso de sua história, a Igreja Católica tem visto o corpo e a sexualidade como obstáculos no caminho para a perfeição espiritual. Jejum, privações, exposições ao perigo, autoflagelação e outras formas de ascetismo foram associados a estados de alta espiritualidade. O celibato, a virgindade e o controle de pensamentos e sensações sexuais foram considerados sinais de uma natureza espiritual evoluída... a sexualidade foi vista não como um caminho, mas como uma obstrução ao sagrado (ELKINS, 2005, p. 140).

Para Antony Kosnik e outros (1982), a Igreja Católica nunca soube lidar bem com a sexualidade humana, processada sempre como um problema ambíguo, quando não contraditório:

Há uma ambiguidade no cerne da tradição católica que dá azo à ambivalência. De um lado, considera-se o matrimônio com um sacramento que intensifica a relação do homem com Deus; encaram-se as relações matrimoniais como cooperação com a criatividade divina; e a união de marido e mulher é um símbolo da união entre Cristo e a Igreja. De outro lado, deu-se muita importância ao fato de Jesus ter sido celibatário; durante muitos séculos julgou-se a virgindade superior ao matrimônio; e as condições em que o prazer sexual é permitido como legítimo ainda permanecem restritas a um grau que encontramos em poucas culturas, sistemas éticos ou religiões. [...] Embora com raízes na Bíblia, também atesta a evolução moral e inclui teologias diversas, a doutrina católica [sobre o sexo] chega até nós desde os Santos Padres e os escolásticos medievais com as limitações de sua condição histórica pré-científica. Os conhecimentos inadequados da biologia, bem como os tabus religiosos, a tradição de tratamento desumano da mulher e a filosofia dualista da natureza humana deixaram suas marcas diversas no pensamento católico (KOSNIK e OUTROS, 1982, p. 15).

---

<sup>367</sup> CÚRIA DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE (Ceará). **Circulares, Decretos, Atos, Cartas Pastorais etc.** Livro 01. Circular n.º 38, 10 de janeiro de 1947, p. 44f.

<sup>368</sup> MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **Carta Pastoral (terceira)**: Comunicando aos seus diocesanos as resoluções do Primeiro Congresso das Vocações Sacerdotais desta cidade. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1943, p. 9.

Essa multiplicidade de influências – adicionada à ambivalência de sacralizar e demonizar o sexo – promoveu, no homem moderno, desorientação e descompasso em lidar com os próprios impulsos. Isso explicaria, em parte, o fato de muitos padres terem renunciado ao celibato e, conseqüentemente, à própria ordem sacerdotal, para se casarem e constituírem família. Em suas consciências, fazendo assim, conseguiriam promover um ajustamento entre a natureza humana, satisfazendo sua sexualidade, e o mandamento divino, “crescei e multiplicai-vos”. Mas não sem sacrificar o estigma imposto pela Igreja. Casos como o do padre Jair demonstram que a Igreja não manifestou, durante a formação nos seminários, interesse em conciliar sexualidade humana e serviço sacerdotal. Ao seminarista e posteriormente ao padre estava reservado negar suas pulsões, “crucificar” sua carne e assim obter a “graça” de ser um soldado de Cristo. Como a natureza humana não é uma “fera” fácil de aprisionar, a “debandada” de jovens seminaristas teria sido o preço que a Igreja pagou por sua inaptidão. Utilizando exemplos, voltarei a esse assunto nos próximos Capítulos.

## **2.7 Os fios do tecido: a idealização do campo e a tradição da região**

Dom Aureliano sabia que era função do poder público chegar a todos os rincões do Ceará, mas cedo constatou que, no Vale do Jaguaribe, o Estado se perpetuara anos a fio ignorando o bem-estar, quando não a própria existência do povo sertanejo. Em função disso, a decisão de buscar ajuda de todos – mesmo do poder público que sempre fora omissa – pautou o projeto administrativo e eclesástico do primeiro bispo de Limoeiro. Transitando com desenvoltura entre políticos, comerciantes, produtores, agricultores e pecuaristas, sempre dava um jeito de obter deles favores que se estendessem a um número maior de pessoas, que promovesse o desenvolvimento físico e econômico da sede diocesana, sem que isso afetasse a vigência do conservadorismo católico entre a população. Nesse sentido, no projeto de Dom Aureliano a religião não funcionava apenas como coluna do tabernáculo, mas também como adorno do tecido que o envolvia, demonstrando, assim, toda a complexidade e vital importância do catolicismo para o sucesso do projeto

concebido para manter o Vale do Jaguaribe protegido de influências do neopaganismo.

Para tramar o tecido das cortinas de seu tabernáculo, o bispo se utilizou de dois fios: (1) a idealização do campo como lugar perfeito para o católico viver e (2) a tradição da região como ideal de simplicidade de vida. Passo a analisar esse dois elementos.

### 2.7.1 A idealização do campo

Como se viu em páginas anteriores, quando chegou para morar no Vale, dom Aureliano já possuía uma visão particular do tipo de educação que os moços sertanejos deviam ter. Ao criar o Ginásio Diocesano, destinado a “preencher uma lacuna na instrução da zona jaguaribana”, a intenção primaz era manter a juventude afastada o máximo dos grandes centros urbanos, onde reinava o secularismo:

Com este estabelecimento queremos intensificar, em nossa Diocese, a percepção ruralista, retardando o mais possível o êxodo da mocidade masculina para as capitais, aonde vão buscar luz, porém, onde, muitas vezes, queimam as azas, como mariposas, nas chamas do vício alí mais difundido.<sup>369</sup>

O intento era manter os jovens em suas cidades de origem, incutindo nas verdes mentes a importância das sociedades rurais para a manutenção do *status quo* e da hegemonia da Igreja. Pretendia-se, assim, evitar o êxodo rural dos moços que tencionassem continuar os estudos, mas que, antes, só podiam ir buscar a “luz do conhecimento” em capitais como Fortaleza, onde os vícios da modernidade já haviam se difundido. No caso de rapazes vocacionados ao sacerdócio, depois da primeira etapa no Seminário de Limoeiro, estes não escapariam de morar em Fortaleza para concluir os estudos na Prainha. Todavia, o rígido regime de internato garantia que a corrupção da cidade não traspassasse os muros.

A concepção de que o habitante do sertão ainda não havia se contaminado com o “mundanismo moderno” é claramente difundida no jornal da arquidiocese, que o bispo recebia em casa. Essa visão era amplamente cultivada entre o clero e mesmo entre simpatizantes do conservadorismo

---

<sup>369</sup> MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **Carta Pastoral (segunda)**: Pedindo aos seus diocesanos auxílio para construção do Seminário. Fortaleza; Livraria Humberto, 1941, p. 11.

católico, como exemplifica a matéria intitulada “O matuto ficou horrorizado com a visão pagã dos banhos da Praia de Iracema”, na qual o jornalista cede voz a um sertanejo que escrevera ao jornal:

Sendo eu **um matuto criado no interior do Estado, não conhecendo a Fortaleza**, fui há poucos dias, em obediência à lei, a essa capital, afim de requerer uma caderneta de reservista – e lá chegando, fui forçado a requerer uma carteira de identidade, demorando ali dez dias, pois, sem esta não poderia viajar.

Um dia, fui à Ponte Metálica olhar o mar, e por lá topei uma cena, que me fez arripiar os cabelos.

Fui vêr um grupo de rapazes e de mocinhas, tomando banho no mar; semi-nús, ou, para melhor dizer, nós! Uma verdadeira imoralidade, Sr. Redator!

Por isso é que eu prefiro viver mergulhado nos labores pesados do sertão, sofrendo as tormentas da grande sêca, que assola nosso Estado, **vivendo num meio atrasado, mas onde reina o temor de Deus**.

É lamentável a liberdade que tantos pais de família aí na Cidade dão aos seus filhos, especialmente às suas filhinhas amadas, que vivem expostas a toda sorte de misérias, no caminho da perdição.<sup>370</sup>

O sertanejo ficara escandalizado com a vestimenta de praia da juventude da capital, preferindo assim a “ingenuidade” do sertão. Para ele, mesmo assolada pela seca e pelo atraso econômico, na caatinga reinava “o temor de Deus”, diferente do litoral, onde os jovens entravam no mar praticamente desnudos. Segundo Nicolau Sevcenko (1998), os banhos de mar surgiram no Rio de Janeiro como recomendação médica, como terapia para diversas moléstias. Na transição dos séculos XIX para o XX, o sal era considerado elemento de cura. Ia-se à praia não para se tomar sol, mas para mergulhar no mar e sentir os efeitos “purificadores” do sal. Com a inauguração da Avenida Beira-Mar, em 1906, frequentar o balneário do Flamengo passou a ser uma “moda elegante”, onde os atletas exibiam músculos esculpidos em regatas e outros esportes da elite. A partir dos anos de 1920, prevalecendo o “culto ao corpo”, promovido pelo desporto, e a “emulação das modas” copiadas da França, sobretudo dos balneários de Deuville e Côte d’Azur, o foco de atração mudaria, passando o sol, não mais o sal, a ditar os modelos de traje de banho:

Os banhos de mar eram originalmente feitos sob condições de estrita privacidade, donde a necessidade de fortalezas em que se internavam sobretudo as moças, a fim de se submeterem ao tratamento terapêutico, mais por exigência médica do que por sua vontade. Aos poucos os trajes foram se encurtando, ganhando leveza, modelando o corpo, revelando as formas e expondo a pele ao sol e aos olhares indiscretos. Um grande escândalo sempre acompanhava cada inovação,

---

<sup>370</sup> O Nordeste, 23 de maio de 1942, p. 8, grifos meus.

ameaçando sobretudo as moças com o quinto dos infernos ou com um quarto no prostíbulo do Mangue (SEVCENKO, 1998, p. 574).

A transição dos trajes de praia entre a recomendação terapêutica e a tendência estética também escandalizaria a Igreja cearense e pessoas não acostumadas com os “tempos modernos”, caso do sertanejo que visitou Fortaleza pela primeira vez. Essa inocência ou esse desconhecimento das “misérias” da capital dava a certeza ao camponês de que era preferível “viver mergulhado nos labores pesados do sertão” do que trilhar o “caminho da perdição” no qual viviam os jovens fortalezenses. Assim, o simples fato de viver no campo, longe da “imoralidade” da cidade grande, seria garantia para se possuir o “temor de Deus”. O bispo de Limoeiro também compartilhava dessa visão que cinde campo e cidade em realidades não só distintas, mas claramente opostas em aspectos como religiosidade e “pureza”, aqui entendida como “desconhecimento da modernidade”.<sup>371</sup> Ao que parece, parte do clero católico assimilou essa visão da literatura. Ou também é possível que ela seja um resquício da mentalidade de se considerar o medievo o período no qual o homem teria se aproximado mais de Deus, em função de uma vida simples no campo, mergulhado na “inocência” e sem a parafernália do mundo moderno.

Jacques Revel, Michel de Certeau e Dominique Júlia (1989) esboçam o nascimento do que eles chamam de “exotismo do interior”, tentando localizá-lo na história da França. Segundo eles, no fim do século XVIII a aristocracia liberal e esclarecida teria se deixado marcar por um “entusiasmo pelo popular” e por uma exaltação dos elementos rurais, rústicos (“rusticofilia” para os autores), traço que, na verdade, seria reverso de um medo, o da cidade perigosa, espaço gerador de corrupção. Em razão disso, as hierarquias tradicionais passaram a cultuar “o regresso a uma pureza original dos campos”, que seria o “símbolo das virtudes conservadoras desde os tempos mais remotos”. O campônio francês, chamado de “selvagem do interior”, sofria, já naquele tempo, o que os autores denominam de “espessura da história”, ou seja, já era retratado como estando ao mesmo tempo “distante do mal” e “civilizado pelos costumes cristãos”. Assim, a proximidade do homem com a

---

<sup>371</sup> Essa visão parece ter persistido, entre o clero brasileiro, até meados da década de 1980, como explicita a seguinte fala de Frei Betto: “O homem do campo – pequeno-agricultor, boiadeiro, assalariado rural – encontra na Igreja seu principal referencial ideológico. Ao contrário do operário urbano, sua cultura está impregnada de religiosidade. A palavra do padre ou do bispo é, para ele, a palavra de Deus” (BETTO, 1985, p. 26).



natureza, bem como séculos de moralização cristã teriam produzido “súbditos fiéis, dóceis e laboriosos” (REVEL, 1989, p. 52). O primeiro bispo de Limoeiro reproduz, em seus textos, essa ideia antiga de idealização do ambiente rural e de seus habitantes. Para ele, o catolicismo vigente no campo, longe da corrupção das grandes cidades, seria mais “puro” e menos sujeito às degenerações da modernidade, fenômeno que teria escolhido a metrópole como ninho de proliferação.

Raymond Williams tem em seu *O campo e a cidade na história e na literatura* (1989) uma obra ainda não superada quanto à análise da idealização do campo e do passado nas obras inglesas. Suas conclusões, em grande medida, são aplicáveis ao mundo ocidental como um todo. Williams descobriu que cada geração de escritores conterrâneos regredia sua visão do campo como espaço edênico ao passado mais ou menos correspondente à infância de cada um. Assim, se fosse possível inventariar o “passado ideal” de todos, certamente haveria um retorno ao jardim do Éden, antes da Queda. O próprio espaço campestre era tomado como ideal muito em função do fato de que todos os escritores tinham raízes históricas e genealógicas no campo, ou seja, cresceram ou passaram momentos importantes de suas vidas naquele espaço.

Algo semelhante fez Woody Allen em seu filme *Meia-Noite em Paris*,<sup>372</sup> ao focar a idealização do passado da urbe parisiense. A Cidade Luz aparece aos olhos do personagem Gil (Owen Wilson) como lugar perfeito, não obstante ele considerar os anos de 1920 a “era de ouro” da capital francesa. Ao percorrer as ruas da cidade, descobre que, à meia-noite, consegue viajar para aquele passado edênico. Sua métrica idealista começa a perder sentido quando descobre que as pessoas que viveram naquele que ele considerava o passado ideal também estão frustradas com o seu presente, considerando, por sua vez, tempos mais longínquos os seus ideais de vida, as suas eras áureas particulares. O personagem descobre, assim, que a idealização do passado é uma realidade subjetivamente flutuante e não um dado objetivo como ele imaginara.

Tal parâmetro explica a forma peculiar como o bispo de Limoeiro idealizava o campo sem necessariamente demonizar a cidade pequena.

---

<sup>372</sup> Título original: *Midnight in Paris*. EUA, 2011. Direção: Woody Allen (100min).

Segundo uma biógrafa do prelado, o pai de dom Aureliano, coronel no semiárido, possuidor de terra e gado, tinha recursos suficientes para passar veraneios e temporadas em qualquer um dos espaços onde a família tinha casa, na cidade, no sertão ou na serra. Assim, o menino Aureliano cresceu na fazenda do campo ou da serra e também no centro urbano de Itapipoca. A versatilidade da mãe do bispo, dona de casa em múltiplos ambientes, também o influenciou no respeito que sempre nutriu ao homem do campo, ao pobre da zona rural, ao camponês isolado em sua gleba, ao rurícola que pouco entendia o homem citadino.<sup>373</sup> O progresso – mesmo que tímido – experimentado em sua cidade-natal, Itapajé, parece explicar também o gosto que dom Aureliano tinha para com o desenvolvimento das cidades do interior cearense, ou seja, o seu desejo de vê-las livres da obscuridade e da defasagem socioeconômica. O ecletismo de paisagens usufruídas ao longo do ano, a versatilidade da mãe no trato com empregados e agregados e o progresso material marcaram indelevelmente o menino Aureliano, gestando em seu espírito um tipo de idealização que envolvia transitar bem pelos diversos ambientes, respeitando a função de cada ator social e sua importância para a manutenção das estruturas vigentes. A formação no Seminário, por sua vez, incutiu no clérigo a primazia da religião como a forma ideal de viver bem, usufruindo os benefícios do avanço tecnológico sem se deixar “contaminar” pelos vícios e desequilíbrios da modernidade.

O êxodo do sertanejo para as capitais era um “elo quebrado” na corrente da idealização, uma ruptura de valores no passado edênico do bispo, enfim, um problema da modernidade que dom Aureliano queria evitar. Essa também era a mentalidade dominante na elite eclesiástica cearense e mesmo entre jornalistas. A chamada “onda urbanista” era condenada com veemência nas páginas do jornal *O Nordeste*. Em matéria de 1946, ano de chuvas, o colunista

---

<sup>373</sup> Cito a biógrafa: “Na sombra, Zefinha [a mãe do futuro bispo] vivia governando os três grandes casarões: o da cidade, o da fazenda, no sertão e o do sítio, na serra, de acordo com as temporadas e internadas. Ah!... o corre-corre das mudanças em lombos de lentos animais. No comando desses eventos e nas demais ocorrências da vida, a voz ativa era do marido, mas o senso das oportunidades, da justiça, a argúcia, o cochicho na hora certa – que determinava as ações – eram da mulher. Seu governo dominava silencioso. Era ela, a pequena Zefinha, calada austera, de aparência frágil, na realidade, a autêntica detentora das rédeas. Sua vontade sutil é que ativava aquele mundo de oito homens fortes, viris, orgulhosos, comerciantes, fazendeiros, além do padre e do bispo – os de sua grande família. Minha avó, à sua maneira, reinava sobre todos eles” (MONTENEGRO, [Y.], 2007, p. 145-6).

que se assina como “Zé do Sertão” lamenta que a produção de alimentos não tenha sido suficiente, em função da falta de braços, que migraram para Fortaleza, iludidos por empregos que não existiam. Condenando o que chama de “urbanismo”, ou seja, “a mania de morar em cidades grandes”, o autor estima como catastróficos os resultados da migração. O aumento da produção agrícola, que só funcionaria com a “ímpiedosa necessidade de prender os homens ao campo”, é apontado como única forma de sobrevivência do Estado. Mas cidades grandes como Fortaleza, onde “germinam os vícios”, estariam seduzindo os camponeses, e tornando a própria vida nessas cidades insustentável. Segundo o colunista, em vinte anos (1920-1940) a população do Estado teria crescido 30%, enquanto a da capital, quase 300%. Diante disso, o jornalista é categórico:

O Estado precisa de vir (sic) em socorro dos sertões para pôr óbice ao urbanismo.

Construir prédios para Colectorias e para os membros da magistratura, duplicar escolas, fornecer aparelhamento para instalação de luz elétrica, etc., e recolher as municipalidades 15 por cento da arrecadação que fizer em cada município ao em vez de deles receber contribuições.

Ao lado disso urge sistemática propaganda, sob todas as formas, contra o avanço para a Capital.

É preciso conter a maré. [...] [Daqueles que foram] para a Capital à cata de empregos que a quase totalidade não obteve.<sup>374</sup>

O problema é tratado com toda a seriedade, pois a escassez de alimentos no campo afetava em cheio quem morava nos centros urbanos, onde não existia produção agrícola. Nesse sentido, o jornalista estaria defendendo sua própria causa. Mesmo assim, não deixa de atribuir ao Estado sua função precípua, realizar o bem comum. A mesma consciência demonstrada pela elite limoeirense, conforme já tratado, alicerça as solicitações do final do texto, no sentido de dotar as cidades do interior de uma estrutura mínima para a manutenção digna da vida e, em consequência, para a permanência do homem no lugar onde nascera. Se as cidades do interior estivessem providas minimamente de uma estrutura modernizada, que se estendessem também à zona rural, o sertanejo não sentiria necessidade de migrar ou não se iludiria com o conforto da cidade grande. A rigor, diz o colunista, só uma classe de pessoas usufruía esse conforto de fato: os endinheirados. Assim, o jornalista

---

<sup>374</sup> SERTÃO, Zé do. “O urbanismo e os sertões cearenses”. *O Nordeste*, 16 de maio de 1946, p. 4.

atribui corretamente ao Estado a obrigação de alcançar também, com seu braço provedor, o sertanejo que vivia em vilas e pequenos centros urbanos, ou mesmo aquele que morava nas brenhas da caatinga.

### **2.7.2 A tradição da região**

O outro fio do tecido do tabernáculo jaguaribano era a tradição. Uma definição simples de “tradição” é esta: “um produto do passado que continua a ser aceito e atuante no presente” (SILVA e SILVA, 2012, p.?). Assim, a tradição jaguaribana representa os elementos do passado, ou o conjunto de práticas sociais vivenciadas pela população do Vale desde o momento em que despontaram na região os primeiros criadores.

Cultivada na região desde os primórdios de sua colonização, a tradição gestada/processada/herdada dos portugueses fincou profundas raízes no Vale do Jaguaribe, especialmente em Limoeiro, mencionada pelos depoentes como “lugar onde a tradição sempre teve vez”. Isso facilitou em muito o projeto do bispo, já que seu plano exigia a manutenção de certas tradições, sem esquecer o expurgo de outras. Se a idealização do campo pretendia manter o sertanejo preso a sua terra, estancando o êxodo rural, o objetivo de burilar o fio da tradição jaguaribana era evitar o afastamento do homem da Igreja, tornando bem-sucedida a empreitada contra o secularismo, já que tradição e catolicismo costumam aparecer atrelados. Para dom Aureliano, o fio da tradição deveria ser conduzido pelo catolicismo, isto é, as práticas sociais deveriam se pautar pelo dogmatismo católico. Como se sabe, no Brasil, depois da língua, a religião costuma ser apontada como o traço cultural mais preponderante herdado dos portugueses. E, de fato, a integração “positiva” dessa herança foi utilizada para “construir” a identidade brasileira, permitindo assim justificar a “permanência de uma cultura, de uma fé religiosa e de tradições herdadas dos tempos coloniais” (ATHAYDE, 2008, p.126). O bispo tinha exatamente isto em mente: extrair os elementos “positivos” da cultura sertaneja, além de impor traços conservadores do catolicismo como “filtro” para obter assim o fio que, entrelaçado com o da idealização do campo, tramariam o tecido das cortinas que manteriam o Vale “escondido” de influências ateístas, comunistas, protestantes, espíritas, liberais, maçônicas, secularizantes, “mundanas”, enfim.

Utilizar-se do fio da tradição exigia do bispo uma vigilância constante para que o “moderno” não contaminasse a “alma inocente” do povo, alma de quem vivia longe dos grandes centros urbanos já “afogados” pelo neopaganismo. Para não me alongar demasiadamente, escolhi falar apenas de três facetas da tradição jaguaribana que desafiaram a prática pastoral de dom Aureliano, a saber: (1) a tradição no espaço do lar, destacando a figura da mulher como a “rainha enclausurada”; (2) a tradição no espaço da rua, apontando o homem como o “ébrio errante” e (3) a tradição no tempo do entretenimento, analisando o circo como a “festa dos sentidos”. A primeira sempre mereceu elogio por parte do bispo (a mulher trabalhando somente em casa); a segunda exigiu repreensão e aconselhamento (o homem jaguaribano adoecendo a olhos vistos), e a terceira, impôs vigilância (todos usufruindo o circo debaixo dos olhos da Igreja).

Trato, a seguir, da tradição que mereceu elogio por parte do primeiro bispo de Limoeiro, ou seja, o enclausuramento da mulher em casa. Parte do processo que dom Aureliano chamou de “cristianização das famílias”, ou o afastamento do “espírito pagão”, secularizado, liberal, dos lares católicos, esse tema é recorrente em seus escritos:

O espírito pagão infiltra-se em seu seio, destruindo costumes austeros e cristãos e criando hábitos de indiferentismo religioso e mesmo pecaminosos. Inoculando-lhes o veneno de teorias perigosas, corroe o cerne da árvore gigantesca da família, reduzindo-a simples esqueleto triste e inexpressivo.

De remanso feliz de paz e amor, passam os lares a um ponto de ligeiras e desinteressantes reuniões.<sup>375</sup>

Para o prelado jaguaribano, conseguir afastar o neopaganismo do lar exigia, sobretudo, que pais e mães vivessem mais para a família do que para si mesmos. Para isso, sugere, no interior dos lares, a vigência de duas atitudes fundamentais: o cultivo da “prática das virtudes” e a renúncia da “prática do pecado”. Na visão da Igreja, pais e mães possuíam funções bem delimitadas. Assim, para o bispo, a função precípua da esposa seria cuidar dos filhos e do marido. Evitando que a mulher trabalhasse fora, atributo do homem,<sup>376</sup> ela não

---

<sup>375</sup> MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **Carta Pastoral (terceira)**: Comunicando aos seus diocesanos as resoluções do Primeiro Congresso das Vocações Sacerdotais desta cidade. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1943, p. 4-5.

<sup>376</sup> Reproduzindo a mentalidade dominante entre a Elite eclesiástica, o jornal católico do Ceará defende a tese de que o número de casamentos nos anos da Guerra (1939-1945) diminuiria consideravelmente porque a mulher da época já tinha liberdade de trabalhar fora, o que,

se corromperia facilmente com as “coisas do mundo”, já que, nessa cosmovisão, era mais suscetível a isso que o sexo masculino.<sup>377</sup> No jornal *O Nordeste*, aparece o modelo de mãe desejado pela Igreja da época:

“Veja aí, moço, disse a senhora, tenho esta filhinha única [de 13 anos] que, não obstante vir apresentando, até agora, bom comportamento e excelente conduta moral, vive constantemente sob os meus cuidados de mãe. Não a deixo sair sozinha, passeiando pelas praças e avenidas. Traja cristãmente e trabalhei, desde que fez a 1ª. Comunhão, para que tivesse o hábito de confessar-se sempre e de não perder missa aos domingos e dias santificados. Já terminou, num colégio feminino católico, o primeiro ano seriado e, **não desejando que minha filha siga ou ocupe, de futuro, os lugares dos homens**, como funcionaria publica ou auxiliar particular de fabricas e estabelecimentos particulares, acabo de matriculá-la na ‘Escola Domestica São Rafael’. Querendo Deus **irá tomar, ali, a sua mentalidade para as lides do lar cristão**. Desejo que minha pequena seja uma excelente dona de casa, não prejudicando, assim, **o verdadeiro dever da mulher que é, não resta duvida, ter apurada educação domestica**”. [...]

A pequena ouvia, com muita atenção, a nossa palestra e apoiava, sorridente, as palavras da sua genitora, notando-se na sua fisionomia um quê de felicidade e de inocência.

**Mãe como essa poderiam ser todas as outras.** Se assim acontecesse, as gerações futuras teriam que seguir os princípios cimentados na sua infância, assegurando, no recesso do lar, a honra e a honestidade, inspiradas no amor a Deus e ao próximo.<sup>378</sup>

O autor dessa matéria chama aquela senhora de “mãe exemplar” por criar uma moça para, no futuro, ser única e exclusivamente esposa e mãe de família. Segundo o jornal, na década de 1940, na capital cearense, esse modelo já começava a mostrar sinais de desgaste. Todavia, no interior ainda era rigorosamente observado. Mulheres depoentes contaram que, durante a infância, não podiam fazer “coisas de menino”, como, por exemplo, sair para o mato e caçar passarinho com baladeira (estilingue) e também, quando moças, ir a festas desacompanhadas de algum varão da família.<sup>379</sup> Para Boris Fausto (2002), o fenômeno de ingresso da mulher no mercado de trabalho, acentuado

---

entretanto, promovia o “desinteresse” dos homens, que “não gostam de ver as possíveis futuras esposas andando para um lado e para o outro, como baratas tontas”. *O Nordeste*, 26 de dezembro de 1944, p. 3. Assim, trabalhar fora era “obrigação do homem”, não da mulher.

<sup>377</sup> Um leitor do jornal, homem de quase 50 anos, escreve para dizer que, inadvertidamente, assistiu ao “filme mais imoral de sua vida”. O que lhe causou mais constrangimento, todavia, foi ver senhoras e senhoritas no cinema “presenciando aquele desenrolar de indecorosidades”. Ele assevera que aquele filme, “quando muito, poderia ser permitido a adultos do sexo masculino, unicamente, mas não seria eu que iria assisti-lo, se já soubesse quantas misérias morais ali se exibem”. *O Nordeste*, 28 de maio de 1941, p. 3.

<sup>378</sup> OLIVEIRA, José Moreira de. “Mãe exemplar”. In: *O Nordeste*, 29 de abril de 1941, p. 5, grifos meus.

<sup>379</sup> CASTRO, Luzanira Holanda de. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE, em 22 de dezembro de 2011. Diz a depoente: “Tive mais convivência com os irmãos mais novos, homens, do que com as mulheres, mais velhas, e eles me levavam para caçar. Quando a gente voltava, eu com a saia rasgada por passar debaixo dos arames farpados, todos apanhavam porque tinham me levado”.

entre os anos de 1950 e 1980, foi consequência de vários fatores, entre eles o crescimento econômico do país, demandando maior oferta de empregos, e o incentivo ao consumo, desencadeado pelo *boom* da industrialização/urbanização. Assim, as “mulheres passaram a buscar trabalho fora de casa, visando a suplementar o orçamento familiar e a ampliar o consumo de bens” (FAUSTO, 2002, p. 547).

Vigorou, portanto, até os anos de 1940, resquícios do antigo hábito de enclausurar, dentro de casa, a mulher, a quem se vetava o mundo exterior e pessoas estranhas. Alguns visitantes europeus que percorreram o Brasil, no século XIX, admiraram-se dessa “rigorosa reclusão” e lamentaram passar dias e dias sem avistar uma única mulher.<sup>380</sup> Segundo Ivan A. Manoel (2008):

Essa clausura doméstica, esse afastamento do mundo, a ignorância que marcaram o espaço colonial adentraram o próprio período do Império. Os depoimentos de viajantes estrangeiros que percorreram o Brasil do século XIX... informam das mulheres analfabetas, ignorantes, arredias, que se ocultavam atrás das portas e evitavam contato com estranhos, voltadas para a criação dos filhos e a direção da casa e dos escravos domésticos (MANOEL, 2008, p. 24).

O bispo de Limoeiro aceitava bem esse “modelo exemplar de mulher”. Segundo ele, certo autor não teria exagerado quando dissera que, ao trabalhar fora de casa, a mulher descuidaria de sua “missão de esposa e de mãe”. Assim, “faltando ela aos deveres desta sublime missão, a felicidade do lar não é mais possível”.<sup>381</sup> Esse modelo ignorava que a modernidade elevara as “necessidades do lar” a um patamar de exigências que, na maioria dos casos, somente o salário do marido, o “provedor do lar”, não conseguia atingir. Era mais um aspecto negativo da sociedade secularizada, ou daquilo o bispo chama de “sociedade neopaganizada”, a exigência que “empurrara” a mulher para fora do lar, para trabalhar e ajudar nas despesas da casa. Nem a mãe do prelado e muitos menos suas avós tiveram que se submeter a essa “opressão” (MONTENEGRO [Y.], 2007). Evidentemente, esse modelo ignorava o desejo da própria mulher, que não era “consultada” para responder se queria realmente ficar “enclausurada” em casa; esse protótipo era considerado “algo intrínseco” à sua natureza de “sexo frágil”, fundamentado no tipo de educação

---

<sup>380</sup> Sobre isso, ver o capítulo “Universo Feminino” em: SIMÕES, Renata da S. (org.). **Equipamentos, usos e costumes da casa brasileira: costumes** (v. 3). São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2001, p. 169-82.

<sup>381</sup> MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **Carta Pastoral (primeira): Saudando a seus diocesanos**. [s.n.], 1940, p. 8.

escolar e familiar que tivera. Não obstante ter sido imposto, a rebeldia contra esse modelo também compõe o mosaico da História, rica em exemplos de mulheres que recorreram a posturas de contraposição social, insurgentes do jugo que a sociedade patriarcal queria lançar sobre elas:

O ideal de mulher enclausurada, casando virgem, responsável pela casa, pelo bem-estar da família, subjugada pelo marido... [Era a situação desejada] por todos que teriam algo a perder socialmente caso não fossem alcançados tais objetivos. Nada mais ilusório. A população pobre agia, reagia e possuía regras de conduta próprias. Processos de rapto, divórcio, filhos adulterinos e crianças expostas denotam práticas frequentemente encontradas, demonstrando que as regras poderiam existir, mas mecanismos de rebeldia e tensão estavam sempre presentes (FARIA, 1998, p. 48).

A quebra da hegemonia desse modelo pode ser facilmente verificada na história da diocese de Limoeiro. Para os depoentes, o bispo também aceitava que “mulheres politizadas” e já devidamente inseridas no mercado de trabalho ocupassem “postos que não ficariam bem aos homens”, segundo o *status* social impingido a algumas profissões. Eram esses os casos das funções de presidente e secretária da Associação Maternidade São Raimundo, que exigiam certo “traquejo feminino” para transitar bem entre os dois sexos e para acompanhar gestantes e lactantes. Assim, para assumir tais posições, dom Aureliano, também provedor da instituição, convidou para compor a gestão inicial da instituição Isabel Távora Fontoura, presidente, que na época já era parteira (LIMA [J. S.], 2008), Risalva Cabral e Emilce Osterne, primeira e segunda secretária, respectivamente.<sup>382</sup> Outras figuras femininas de destaque, como Judite Saraiva Chaves, primeira-dama na gestão do prefeito Custódio Saraiva, também assumiu a diretoria da Maternidade em anos posteriores.

Para que o fio da tradição não se rompesse com facilidade, o policiamento sobre costumes considerados impróprios também exigiu posturas radicais do bispo. Nesse sentido, uma de suas primeiras ações como autoridade eclesiástica teria sido proibir o funcionamento de cabarés,<sup>383</sup> ao menos na sede diocesana, já que cidades como Aracati possuíam as chamadas “casas de tolerância”, mas estavam distantes do olhar do prelado.

---

<sup>382</sup> ASSOCIAÇÃO MATERNIDADE SÃO RAIMUNDO. [Pasta de Ofícios e Outros Documentos Avulsos]. Limoeiro do Norte, 1946.

<sup>383</sup> Para o cearense, até a década de 1970, “cabaré” significava não necessariamente um prostíbulo, mas sim uma “casa reservada ou destinada exclusivamente à prostituição”. A palavra sempre evocava um lugar decadente, sem nenhum *glamour*, aonde os homens se dirigiram para beber e se prostituir com as chamadas “mulheres da vida”.



“Não existia cabaré em Limoeiro, no tempo de dom Aureliano. Podia ter uma ou duas prostitutas, mas se existia algum lugar de prostituição era muito escondido. Chegava um viajante e não tinha cabaré nenhum para ele ir”.<sup>384</sup> Assim, manter a mulher em casa, enclausurada, era uma tradição jaguaribana que o bispo fazia questão de perpetuar, já que tal mentalidade se coadunava ao modelo conservador de Igreja que ele pensara para a região.

Passo a falar agora da tradição jaguaribana que mereceu reprovação por parte do bispo: o homem como “ébrio errante”. Na mentalidade da época, o homem casado, o “provedor do lar”, tinha o “direito” de sair de casa, frequentar bares e se embriagar.<sup>385</sup> A chegada de dom Aureliano não parece ter modificado muito esse hábito, predominantemente masculino. Existiam cerca de quatro bares no centro de Limoeiro quando da chegada do bispo,<sup>386</sup> mas eram suficientes para atrair fiel freguesia. Não obstante, na concepção da Igreja, o “álcool transforma o rei da Criação em asqueroso e repelente animal, degradando até a lama a obra prima de Deus”.<sup>387</sup> Em Fortaleza o acesso à bebida era mais fácil e, mesmo assim, era senso comum acreditar que o problema do consumo excessivo de bebidas alcoólicas era mais grave no interior que na capital:

Entre os países em que o álcool produz devastações as mais incalculáveis, força é incluir o Brasil, principalmente **no tocante à população inculta e ao homem que vive no interior**. Entre nós a cachaça figura não só como responsável pela degeneração física da raça, mas igualmente como causadora de estragos sem conta no ambiente moral da nossa gente.<sup>388</sup>

Como se vê, o hábito de se entorpecer com álcool era considerado fator de “degeneração de raça”, além de desencadeador de crise moral, sobretudo nos “homens incultos” e sertanejos do interior. Entretanto, em Limoeiro, ir a bares e embriagar-se era prática sem distinção de classe (FAHEINA, 2011). Havia mesmo grupos de boêmios formados tanto por homens cultos e

---

<sup>384</sup> PINHEIRO, Francisco Irajá. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE, em 29 de outubro de 2010.

<sup>385</sup> Segundo se depreende da memória dos depoentes, na época, acreditava-se que, por carregar sozinho o peso de “provedor do lar”, ao homem era concedido o “benefício social” de se entorpecer e assim esquecer um pouco a grande responsabilidade que pesava sobre seus ombros. Mulheres e crianças, “inocentes” que desconheciam o real custo de vida, dispensavam essa válvula de escape. Homens adolescentes também não “precisavam” beber, mas o faziam, geralmente escondido dos pais, na ânsia de se tornarem adultos.

<sup>386</sup> Idem.

<sup>387</sup> *O Nordeste*, 08 de julho de 1942, p. 1. Frase atribuída ao Barão de Studart (1856-1938).

<sup>388</sup> *O Nordeste*, 26 de julho de 1944, p. 3, grifo meu.

inteligentes como também por homens analfabetos ou de pouca frequência escolar. O hábito de beber, aliás, era considerado por seus defensores como fator de coesão social, já que servia para aproximar classes distintas. Não obstante tal defesa, a cachaça era frequentemente associada à criminalidade. Em Fortaleza, a imprensa acusava os “botequins... [de vender] aguardente a rodo a miseráveis e viciados”, desencadeando assim a violência, metonimicamente representada pela “faca, denominada ‘peixeira’, [que andava] trabalhando com vontade”.<sup>389</sup> No fim da década de 1940, um jornalista alarmava: “Fortaleza vive dominada pela cachaça, que é vendida livremente, noite adentro, em toda parte, donde a enxurrada de crimes verificados todos os dias. E não há jeito para isso”.<sup>390</sup> O jornal acreditava que entre os fabricantes da bebida haveria alguns que, dizendo-se religiosos, conseguiam dormir tranquilamente, não obstante o peso de saberem que estavam vendendo um “veneno social”.<sup>391</sup> E mesmo com a ação repressora da polícia, o jornal se perguntava: “De que serve tomar faca se outras facas estão à venda por aí? De que serve prender cachaceiros se, quando eles forem soltos, mais cachaça encontrará à sua disposição?”<sup>392</sup>

O alto consumo de bebidas alcoólicas, sobretudo da tradicional aguardente, de fato não se restringia à capital. Em meados daquela mesma década, no interior cearense, segundo um contador que teve acesso aos livros dos bodegueiros, “o consumo de cachaça é tão grande que [somente em] três municípios, Russas, Limoeiro e União se vendem mais de duas mil garrafas por semana”.<sup>393</sup> Se multiplicada essa quota por quatro (semanas) e dividido o resultado por três (cidades), em números aproximados, somente em Limoeiro o consumo de cachaça certamente chegava a 2.500 garrafas de aguardente por mês. Todavia, esse ainda é um número mais ou menos impreciso. Para obter um número mais aproximado ainda, correspondendo às três cidades, recorro ao Censo dessa década (IBGE, 1950), que computou nesses municípios o total

---

<sup>389</sup> *O Nordeste*, 03 de abril de 1948, p. 3.

<sup>390</sup> *O Nordeste*, 02 de julho de 1949, p. 1 e 7.

<sup>391</sup> *O Nordeste*, 13 de dezembro de 1949, p. 7.

<sup>392</sup> *O Nordeste*, 15 de dezembro de 1949, p. 3.

<sup>393</sup> *O Nordeste*, 15 de agosto de 1944, p. 4. O autor da “denúncia” do elevado consumo, Firmino Lima, propõe uma taxa estadual de vinte centavos por garrafa vendida e duzentos cruzeiros anuais, como taxa especial para cada depósito de aguardente, e sugere, como destino desse imposto, a criação de um programa governamental para socorrer os pedintes da capital cearense, pondo fim ao vergonhoso problema de mendicância na cidade.

de 16.317 homens com idade entre vinte e oitenta ou mais anos, incluindo adultos de idade ignorada.<sup>394</sup> Dividido esse número de consumidores pelo total de garrafas vendidas (oito mil), tem-se o resultado de mais de dois litros por homem e por mês, e pelo menos meio litro por semana e por cabeça, nos três municípios. Como não foi possível extrair o número de abstêmios nem incluir o número de adolescentes, prováveis consumidores, do total da população masculina, estes também não são números exatos, mas bastante representativos, tendo em vista que correspondem somente ao consumo de aguardente, deixando-se de fora a cerveja, o vinho e outras bebidas alcoólicas.

Para a Elite eclesiástica, a situação era preocupante em todo o Brasil. No final da década de 1940, um jornalista anunciava que o Serviço de Estatística do Ministério da Agricultura publicara um quadro constando que, em 1948, houvera no país decréscimo ou estagnação de produção dos principais gêneros alimentícios, enquanto a “cachaça se [apresentava] com um alto índice de aumento, a partir de 1942”. Em apenas seis anos (de 1942 a 1948), a produção de pinga crescera de 131 milhões para 176 milhões de litros. Decaíram mesmo outros produtos derivados da cana, caso do açúcar e do álcool, mas a aguardente se mantivera ascendente, o que levava os donos dos engenhos a preferir o que o jornalista chama de “fonte de vício, desgraça, imoralidade e morte”, pois esta “se vende toda e a preço exorbitante”.<sup>395</sup> O que se conclui, baseados nesses dados, é que o consumo de álcool em Limoeiro e na região era até mais elevado do que se imaginava, tendo em vista a fala dos depoentes.

Para a Igreja, a figura do “ébrio errante”, do pai de família que saía de casa para se embriagar na rua, muitas vezes caindo prostrado na sarjeta, era motivo de misericórdia e atenção. Os padres costumavam tocar nesse assunto em seus sermões, sobretudo nas festas de padroeira, e também o jornal católico publicava com regularidade matérias que apontavam os malefícios do álcool no organismo, além de destacar as mazelas sociais provocadas pelo

---

<sup>394</sup> Nessa estatística, estou considerando fato a recorrente fala dos depoentes segundo a qual, nessa década, “beber era coisa de homem”. No jornal da arquidiocese, cobrindo a capital, algum eventual caso de mulher embriagada era anunciado com estardalhaço incomum: “Foi presa e conduzida ao xadrez a mulher [A. F. A.] por ter sido encontrada ébria e se portando de maneira repreensível”. *O Nordeste*, 03 de março de 1944, p. 8. Nenhum caso semelhante, acontecido no interior, foi noticiado em toda a década de 1940.

<sup>395</sup> *O Nordeste*, 03 de agosto de 1949, p. 3.

vício. Uma carta pastoral sobre o tema chegou a ser escrita pelo arcebispo de Fortaleza,<sup>396</sup> tendo em dom Aureliano plena aprovação. O bispo de Limoeiro iria fazer da luta contra o alcoolismo um dos fundamentos de sua postura como “educador do povo”, conforme se verá no próximo Capítulo. Recorrendo também às esposas, algumas das quais conseguiram pressionar os maridos com ultimatos, o bispo acabaria por transformar o consumo de bebidas alcoólicas, tão arraigado na região, numa tradição que deveria ser repreendida e expurgada, pois ela estava adoecendo o homem jaguaribano a olhos vistos, consumido por doenças como a tuberculose. Não obstante as recomendações do clérigo, os bares continuaram proliferando pela região.

Finalmente, algo precisa ser dito sobre a tradição que merecia vigilância por parte do prelado limoeirense: o circo como “festa dos sentidos”. É voz recorrente entre os depoentes que as opções de lazer do povo jaguaribano eram poucas e efêmeras. No Vale, em se tratando de entretenimento, a vigilância da Igreja recaía com especial atenção sobre os divertimentos vindos de fora, tais como o circo.<sup>397</sup> Um dos primeiros a montar pano em Limoeiro foi o Circo Nerino.<sup>398</sup> Na turnê de 1944, entre 29 de novembro e 27 de dezembro, o circo surpreendeu o povo limoeirense, tendo vindo de Mossoró (RN) e seguindo depois para Fortaleza. Na mente de muitos depoentes, ficou gravada uma imagem quase mágica dos espetáculos assistidos. Levados pelos pais, a pretexto de acompanhar os filhos, todos usufruíram um raro entretenimento que se fixou memória para nunca mais ser apagado. “Lembro-me que mamãe

---

<sup>396</sup> LUSTOSA, Antônio de Almeida (Dom, arcebispo). **Carta Pastoral sobre o Alcoolismo**. Fortaleza: [s.n.], 1953.

<sup>397</sup> Outro entretenimento estrangeiro que o povo limoeirense teve acesso, na década de 1940, foi a apresentação de um ventríloquo chamado Vidondo. Quando chegou a Fortaleza, esse artista foi observado por gente da Igreja que publicou no jornal uma nota crítica aprovando as apresentações e estipulando que mesmo as crianças poderiam assisti-las. Entre 14 e 17 de setembro de 1944, Vidondo se apresentou em Limoeiro. O padre Misael conseguiu convencer o artista a doar parte da bilheteria à Obra das Vocações Sacerdotais. A notícia do jornal diz: “Em companhia do ventríloquo Vidondo, visitou-nos, hoje, o revmo. padre Misael Alves de Sousa, digno diretor diocesano da Obra das Vocações Sacerdotais em Limoeiro, o qual nos comunicou a próxima viagem do famoso artista àquela cidade. Em Limoeiro... Vidondo dará espetáculos em benefício da O. V. S., exibindo-se no Cine Limoeiro”. *O Nordeste*, 09 de setembro de 1944, p. 8.

<sup>398</sup> O Circo Nerino começou suas atividades em Curitiba-PR, em 1913, e fez a última apresentação em Cruzeiro-SP, em 1964. Nesse intervalo de cinquenta anos, apresentou-se por todo o Brasil, inclusive no sertão cearense. Cf. Avanzi e Tamaoki, 2004. Em Limoeiro do Norte, esse circo se instalou algumas vezes, sendo mencionado pelos depoentes como uma das poucas formas de entretenimento disponível, eventualmente, antes do aparecimento da televisão, e mesmo depois da instalação da primeira emissora de rádio.

nos falava que, mesmo jovem (ela nasceu em 1915), assistira a espetáculos do Circo Nerino. Contava-nos até o enredo de uma peça que assistira com base na música de Vicente Celestino, *O Ébrio*.<sup>399</sup> “O Circo Nerino, como se diz, entrou na imaginação do limoeirense, do jaguaribano assim como uma coisa quase celestial de tão bonita e tão bacana. Era uma arte tão perfeita! Então, isso merece mesmo ser lembrado”.<sup>400</sup>

Eu tenho boas lembranças do Circo Nerino em Limoeiro, que foi um sucesso deveras. Foi um negócio do outro mundo, numa cidade ainda pequena, naquele tempo... Os animais, a orquestra, os dramas... Houve até uma peça, *A Canção de Bernadete*, que foi em homenagem à Maternidade. Eles ajudaram a Diocese, deram a renda daquele espetáculo.<sup>401</sup>

Como se vê, o circo aparece aos olhos dos depoentes como a “festa dos sentidos”, uma “arte perfeita”, um momento de fascinação, “uma coisa quase celestial”, “um negócio do outro mundo”. Dentro do processo seletivo da memória, recordar do circo, mesmo que por tabela, relembrando o que contavam os pais, torna-se um ato mágico, fácil, afluído, quase obrigatório. Num cenário onde predominava a escassez de entretenimento, um circo despontar no sertão era o mesmo que se decretar um mês de festa, segundo se depreende das falas mencionadas. O povo se regozijava. Mas o que a Igreja pensava disso? Dom Aureliano certamente leu a crítica que o jornal *O Nordeste* fez do Circo Nerino, ainda em 1940. O jornalista que frequentou o circo durante três dias, como “observador”, aprovou os espetáculos.<sup>402</sup> Em Fortaleza, somente na década de 1940, o Nerino se instalou para apresentações em 1940, 1945 e 1946, sendo em que nenhum momento recebeu censura do jornal da arquidiocese, como aconteceu com o Circo Garcia, cujo palhaço era constantemente acusado de usar “linguagem pornográfica” e não ter “o menor respeito pelas famílias”.<sup>403</sup>

Avanzi e Tamaoki relatam que a relação do Circo Nerino com a Igreja Católica sempre foi de respeito. Mesmo membros da Elite eclesiástica

---

<sup>399</sup> OLIVEIRA, Maria Lenira de. Entrevista concedida via e-mail. Resposta enviada de Limoeiro do Norte-CE, em 18 de outubro de 2012.

<sup>400</sup> PINHEIRO, Francisco Irajá. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE, em 08 de fevereiro de 2013.

<sup>401</sup> SILVA, Meton Maia e. Entrevista concedida em Fortaleza-CE, em 15 de fevereiro de 2013.

<sup>402</sup> “Não houve, até agora, nada que censurar, atendendo-se a que se trata de um circo. Sobretudo, fazemos questão de frisar: o vestuário feminino foi impecável”. *O Nordeste*, 12 de agosto de 1940, p. 8.

<sup>403</sup> *O Nordeste*, 20 de setembro de 1946, p. 8.

frequentaram o circo, deixando registrado no “Livro de Ouro” boa impressão.<sup>404</sup> O circo quase sempre reservava a renda de certo dia e horário para a paróquia local e apresentava peças sobre a vida dos santos, o que efetivamente agradava a Igreja. Certo padre, por exemplo, agradece ao Nerino pela renda de um espetáculo que foi dada em benefício de crianças pobres e do Círculo Operário Católico de sua paróquia, Sapé, na Paraíba. De todo modo, como o povo aprovava o entretenimento circense, sobretudo por usufruir dele muito esporadicamente, não seria viável a Igreja proibir os fiéis de frequentá-lo. Um curioso episódio ilustra isso. Em Santo Amaro das Salinas, no Recife-PE, Avanzi entrou numa igreja e viu diversos bilhetes postos no altar. Eram de moradores da localidade pedindo ao santo que não deixasse o Circo Nerino partir.<sup>405</sup>

Assim, mesmo merecendo da Igreja certa vigilância, o circo era uma tradição que não se chocava necessariamente contra a fé católica. Em alguns casos, como no exemplo dos dramas apresentando a vida dos santos ou a Paixão de Cristo, o circo se submetia à influência da Igreja e dela tirava proveito, em razão da grande popularidade desses espetáculos. Havia, por assim dizer, uma simbiose entre Igreja e circo, com ganhos para ambos. No caso de Limoeiro, a bilheteria de um espetáculo foi doada à maternidade da diocese, que enfrentou tantas dificuldades para se consolidar, conforme visto neste Capítulo, e a audiência do espetáculo nos dias seguintes certamente compensou a doação.



Dom Aureliano chegou ao Vale do Jaguaribe decidido a montar um “edifício espiritual”, um polo de atração da fé católica na sede diocesana, Limoeiro. Dentro desse projeto, restaurou as colunas de sustentação do

---

<sup>404</sup> Foi o caso de dom Basílio, então bispo de Manaus-AM, que escreveu suas impressões em 06 de dezembro de 1939. Segundo Roger Avanzi, se “não tivéssemos registrado sua assinatura em cartório, muita gente desconfiaria da veracidade do documento” (AVANZI e TAMAOKI, 2004, p. 103).

<sup>405</sup> Diz o autor: “O povo ficava sentido quando o circo ia embora. Vinha pedir pra gente ficar, fazia abaixo-assinado, ia aos jornais. Era uma coisa” (AVANZI e TAMAOKI, 2004, p. 94).

“tabernáculo jaguaribano” que serviriam para manter a sociedade disciplinada e fiel aos preceitos ultramontanos, conservadores. Nessa concepção, as colunas basilares – Educação, Saúde, Trabalho e Religião – não são estruturas estanques; ao contrário, interligam-se para formar um todo: a sociedade gravitando em torno da Igreja. O tecido do “tabernáculo” foi tramado com dois fios básicos: a idealização do campo e a tradição da região. Para dom Aureliano, o sertanejo preservava uma “inocência” diante do mundo, por não ter sido, ainda, avassalado pelo secularismo que já sacudia a vida do morador de grandes cidades como Fortaleza. Além desse fio, a tradição da região, atrelada ao catolicismo, seria processada para elogiar a “rainha enclausurada” (mulher), para censurar o “ébrio errante” (homem) e para vigiar a “festa dos sentidos” (circo).

Contando com o apoio da elite econômica de Limoeiro e com a obediência irrestrita do clero da diocese, o bispo se dispôs a: (1) fundar escolas, doutrinando os jovens no catolicismo ultramontano e esperando deles a reprodução desse ideal conservador de sociedade; (2) criar a maternidade, priorizando gestação e parto e salvando bebês que, no futuro, abraçariam o sacerdócio e manteriam o tabernáculo espiritual jaguaribano; (3) implantar Círculos Operários na região, incitando o clero a declarar guerra contra o comunismo e sua ameaça à hegemonia católica; (4) resguardar o Vale de influências do secularismo, impondo aos fiéis filiação às associações católicas e participação em “eventos de fé” promovidos pela Igreja.

O projeto do primeiro prelado jaguaribano implicou numa série de beneficiamentos sociais, dentre os quais destaco: (1) crianças e adolescentes que tiveram seu futuro transformado pela educação; (2) bebês salvos pela Maternidade São Raimundo, dentre eles os meninos pobres que, na idade adequada, despertaram para a vocação do sacerdócio, incentivados por mães piedosas,<sup>406</sup> pelo clima religioso do lar<sup>407</sup> ou mesmo seduzidos pelo misticismo

---

<sup>406</sup> Caso do padre Francisco Jay Gonçalves (padre Jair), segundo entrevista concedida por ele em Limoeiro do Norte-CE, em 22 de dezembro de 2011: “Mamãe era muito católica e o seu sonho era que um dos filhos fosse padre. Na época, considerava-se grande honra ter um sacerdote na família”.

<sup>407</sup> Caso do monsenhor Manuel Diomedes de Carvalho, segundo entrevista concedida por ele em Quixeré-CE, em 04 de fevereiro de 2012: “No meu caso, penso que o fator principal para sentir a vocação foi encontrar em casa uma experiência religiosa muito forte”.

da Igreja,<sup>408</sup> e agraciados pela Obra das Vocações Sacerdotais, a “mão amiga” que os conduziram à carreira eclesiástica; (3) trabalhadores da cidade e do campo, agricultores e pecuaristas, amparados pela Igreja e por seu Círculo Operário, que dentre outras coisas criou uma cooperativa de alimento em Limoeiro, contribuindo assim na melhoria da segurança nutricional do município e da região; (4) residentes em Limoeiro e todos os moradores, que passaram a contar com uma estrutura urbanística própria de uma cidade modernizada que ao mesmo tempo possuía uma população conservadora.

Para usar uma linguagem metafórica, Limoeiro nas décadas de 1940 e 1950 vivenciou um duplo ostracionismo. De um lado, despontando o Seminário Cura D’Ars, meninos e adolescentes da região eram enclausurados do mundo, paradoxalmente sendo preparados como “soldados de Cristo” para militar nesse mundo; e, do outro lado, dominando o cotidiano da população, a vivência religiosa que, a exemplo da casa de formação dos padres, mantinha a cidade voltada para si mesma. Assim, tanto os seminaristas em seu claustro, longe da “corrupção do mundo”, quanto os limoeirenses em outro tipo de restrição, numa *práxis* religiosa católica fundamentada no ultramontanismo, foram todos preservados do secularismo e do mundano estilo de vida que grassava sem peias na capital do Ceará, distante apenas duzentos quilômetros daquele “tabernáculo jaguaribano”. Isso somente foi possível porque, engenhosamente, dom Aureliano soube se utilizar do “tear da autoridade”, fomentando ou assimilando em torno de si uma série de atributos que serão analisados no próximo Capítulo.

---

<sup>408</sup> Caso do monsenhor João Olímpio Castello Branco, segundo entrevista concedida por ele em Flores, Russas-CE, em 11 de junho de 2014: “Eu era ‘rato de igreja’: a primeira coisa que fiz quando cheguei a Limoeiro, em abril de 1947, foi visitar a igreja”.



Carro-de-boi transportando lenha entre mata seca da caatinga



Fonte: Acervo do fotógrafo Devanir Parra Torrecillas, setembro de 1980

# 3

## O CAJADO DE FERRO: PODER E AUTORIDADE DO BISPO, DEMONSTRAÇÕES DE FÉ E FISSURAS NO TECIDO DO TABERNÁCULO JAGUARIBANO

“Não se deve usar o cajado sem luvas.  
Nem se queira apenas luvas sem cajado.  
Quem governa, pode errar.  
Quem obedece, sempre acerta.”

**Dom Aureliano Matos**, primeiro bispo de Limoeiro<sup>409</sup>

Na Limoeiro do Norte de meados dos anos de 1950, o bispo dom Aureliano Matos, depois do jantar, servido sempre pouco antes do crepúsculo, começava sua caminhada pela larga calçada do Palácio Episcopal, para “fazer o quilo”. Não obstante a barriga proeminente, o clérigo não se entregava completamente ao sedentarismo, pois, reproduzindo o pensamento de Pio XII, a elite católica brasileira acreditava nos benefícios da atividade física.<sup>410</sup> Depois de algum tempo de caminhada, o bispo percebeu que a amplificadora de som “Voz da Cidade”, posta ao lado da catedral, fora ligada. O locutor anunciou uma canção na voz de Nelson Gonçalves (1953),<sup>411</sup> cantor muito apreciado na cidade. O bispo interrompeu sua caminhada quando se ateu à letra da canção “A Camisola do Dia”: “tão transparente e macia... a pequena maravilha que o

---

<sup>409</sup> Sexta Carta Pastoral, 1965, p. 7.

<sup>410</sup> Para o papa, o esporte estava “destinado a fazer parte da vida do homem como um elemento de equilíbrio, de harmonia e de perfeição, como eficaz auxílio ao desempenho dos outros deveres do homem”. *O Nordeste*, 31 de dezembro de 1952, p. 10. “Esporte e Religião”, matéria assinada pelo padre J. Cabral, p. 10 e 13.

<sup>411</sup> O disco de cera (78rpm) de Nelson Gonçalves (Lado A: “Tantos Anos”; Lado B: “A Camisola do Dia”) foi lançado pela RCA Victor em abril de 1953 e já em meados de julho é possível que um tivesse sido comprado para compor o acervo da Amplificadora Voz da Cidade. O exemplar consultado se encontra no Arquivo Nirez, em Fortaleza-CE.

teu corpinho abrigava. E eu, eu era dono de tudo, do divino conteúdo que a camisola ocultava.” De súbito, esqueceu a atividade física e entrou no Palácio.

Momentos depois, alguém chegava ao prédio onde a amplificadora funcionava para comunicar que o senhor bispo ficara muito desgostoso com a canção executada há instantes e mandava dizer que não tocassem mais aquela música que afrontava a religião e a mulher católica.<sup>412</sup> Transcorrida uma década de sua chegada a Limoeiro, o prelado havia consolidado definitivamente sua posição de poder na cidade, sobretudo após restaurar as quatro colunas de seu projeto, ou seja, a Educação, a Saúde, o Trabalho e a Religião, estruturas que deveriam sustentar o “tabernáculo da fé” na região jaguaribana. Conforme visto no Capítulo anterior, o tecido das cortinas desse santuário foi tramado com dois tipos de fios, idealização do campo e tradição da região. Imbuído de poder por Roma, dom Aureliano se utilizou do tear da autoridade para interferir na realidade jaguaribana, especialmente na sede, cujo histórico ressentia-se de abandono do Estado. Fazendo isso, acabaria gestando na posteridade uma imagem indelével, ainda hoje viva como explícito na seguinte fala:

Convém dizer que Dom Aureliano era uma figura interessante, seu porte majestático chamava a atenção de todos. Eu me lembro das suas feições, claramente, apesar de tê-lo visto poucas vezes, apenas nas festas da igreja, quando ia assistir à missa. Ele era respeitadíssimo, todos o respeitavam. Só andava vestido impecavelmente nos trajes de Bispo, não importava, em qualquer hora estava sempre trajado de forma impecável.

Tinha plena noção de sua influência e poder sobre o povo! E o interessante é que ele sabia muito bem usar essa influência e liderança, pois estava sempre a par de todos os assuntos do município e até intervia se fosse necessário. Qualquer que fosse o assunto, até mesmo de cunho político. Tanto sabia que o tom de sua influência e liderança dependia de sua maneira de agir diante do povo que, praticamente toda tarde, saía para ver algumas obras da diocese e não dispensava no mínimo dois moleques para servirem de caudatários.<sup>413</sup>

Conforme registra o depoente, o bispo tinha clara noção de que, muito além de ser celebridade em Limoeiro, ele reinava na cidade com “seu porte majestático”, chegando mesmo a intervir nos assuntos políticos do município. Também vigiava a execução das obras da diocese de perto, o que demandava a presença de garotos-caudatários, já que o prelado exigia tal regalia por estar

---

<sup>412</sup> Episódio narrado por: PINHEIRO, Francisco Irajá. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 29 de outubro de 2010.

<sup>413</sup> FREITAS, Maurilo Maia de. Entrevista concedida via e-mail, enviado de Limoeiro do Norte-CE em 25 de agosto de 2015.

sempre vestido de “forma impecável”, o que chamava a atenção de todos na pequena cidade. Esse imaginário criado pelo povo e reafirmado pelo próprio prelado serviu como uma luva ao projeto de se manter o “tabernáculo jaguaribano”.

Neste Capítulo, analiso como dom Aureliano se apoderou de duas ferramentas (autoridade de bispo e fé do povo) para executar seu plano de manter a região envolta em cortinas do conservadorismo católico. Ao manusear o “tear da autoridade” e as “engrenagens da fé católica”, o bispo conseguiu, simultaneamente, de um lado resguardar o Vale da ameaça imprevisível da modernidade e do outro oferecer à população a “dádiva” de uma estrutura modernizadora iniciada na década de 1940. A forma como se conduziu, processando a autoridade outorgada pela Sé Romana e o modo como a população interpretou sua ação pastoral, acabaria por impingir ao bispo os seguintes títulos: (1) o “bondoso pastor de almas”; (2) o “educador do povo”; (3) o “fiel guardião da cidade” e (4) o “melhor prefeito da história”. Para manter as cortinas cerradas e preservar a hegemonia da Igreja, o prelado realizou uma série de eventos religiosos, responsáveis por promover um “avivamento” da fé católica na região. Mesmo assim, os agentes do secularismo conseguiram provocar algumas “fissuras” no tecido do tabernáculo, num vislumbre das transformações sociais que sacudiriam a região na década de 1960.

### **3.1 O tear da autoridade: manejando o cajado de ferro**

O episódio em o que o bispo proibiu a execução da canção “A Camisola do Dia”, mesmo que pitoresco, expõe nuances reveladoras daquilo que Pierre Bourdieu (2000) chamou de poder simbólico, ou seja, o tipo de poder que forja significações legitimadoras sobre pessoas e objetos, configurando, assim, símbolos como formas de integração social ou mantenedoras de um *status quo*. O poder simbólico seria uma espécie de máquina abstrata que transforma e legitima modos de dominação social. A ação humana em sociedade refina formas de poder de modo a gestar uma mentalidade hegemônica: o próprio poder simbólico. O caso tratado aqui é o poder simbólico sobre um povo exercido pela religião – cujo representante visível era a figura de um bispo do sertão cearense, considerado um “príncipe da Igreja Católica”, – e o efetivo

domínio que ele, em nome daquela instituição, exercia naqueles torrões esquecidos pelo Estado. A definição de Bourdieu de que o simbólico seria “um poder de consagração ou de revelação”, uma forma que descortina ou consolida, como relevantes ao viver humano, as estruturas já existentes, explica plenamente como, numa cidade interiorana do sertão, quem “mandava” de fato e de direito era o bispo, sobrepondo mesmo o prefeito, e também como todos tendiam a aceitar aquele poder como legítimo e oriundo do divino, em função da presença física de um representante do papa e da Igreja Católica, a quem seus seguidores deviam submissão e obediência.

Em função de sua polissemia, abrangência e mesmo controvérsia, não caberia aqui discutir longamente o conceito de poder. A melhor definição que se poderia levantar, para essa discussão rápida, seria a defendida por Max Weber: “toda probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistências, seja qual for o fundamento dessa probabilidade” (2004, p. 33). A aplicação do conceito de poder em âmbito religioso fundamenta-se em dois elementos básicos: hierarquia e pragmatismo. Dom Aureliano fora instituído na função de prelado por um poder superior (o papa, “senhor” de toda a Igreja Católica) e se consolidara nessa função por méritos próprios, ao modernizar a estrutura urbanística de Limoeiro. Como era o responsável direto por “criar” um novo modelo de cidade, modernizada, progressista, o povo passou a ver no bispo mais do que um representante do papa. Para além da função de “pastor espiritual”, ele ganhou contorno de “dono” de Limoeiro. E como “dono” tinha legitimidade quando mandava censurar uma música que afrontava os dogmas da instituição que representava. Ao poder pragmático de autoria – foi ele que “fez”, ele é o criador, o “dono” da cidade – fundia-se o poder de “coação hierocrática”, ou seja, o tipo de domínio psíquico que o clero católico sempre exerceu sobre os fiéis, para agraciar, conceder ou recusar os bens salvíficos. A Igreja, representada por sua elite eclesiástica, arrogava-se no direito de “gerenciar os bens simbólicos dos quais é detentora”, bens esses que se constituem “meios

de controle dos fiéis, e, por isso... instrumentos para exercer o poder simbólico” (PEREIRA, 2008, p. 81).<sup>414</sup>

O poder de dom Aureliano se fundamentava na autoridade outorgada por Roma, mas transcendeu essa “dádiva” quando ele tomou para si a criação do tabernáculo da fé na região. Ao executar seu projeto, que resultou numa nova feição urbanística para Limoeiro, o bispo não apenas transformou a sede da diocese em polo de atração, mas também reconfigurou sua própria posição de prelado para “dono da cidade”. Nesse caso, o bispo de Limoeiro teria escapado do processo de desgaste da autoridade pela vigência dos “tempos modernos”, admitindo que a eficácia e a abrangência da autoridade tenham sido corroídas pela modernidade, como sugere Hannah Arendt (1998). Para ela, o desgaste da autoridade seria a fase final e decisiva do processo que, durante séculos, “solapou basicamente” religião e tradição. Arendt não vê a noção de autoridade necessariamente atrelada a formas de coerção, pois, em seu entendimento, “a autoridade exclui a utilização de meios externos de coerção; onde a força é usada, a autoridade em si mesmo fracassou” (ARENDR, 1998, p. 129). Nesse caso, a autoridade não pode se deixar persuadir por argumentos de subalternos, pois, uma vez expostos, isso faria a autoridade ficar em suspenso e obliterar sua função intrínseca. Outros estudiosos, todavia, associam idiossincraticamente autoridade e poder, ou seja, definem autoridade como uma “tentativa de interpretar as condições de poder, de dar sentido às condições de controle e influência, definindo uma imagem de força” (SENNETT, 2001, p. 33).

A sociologia weberiana<sup>415</sup> prevê três categorias de percepções de autoridade, assim brevemente explicitadas: (1) autoridade tradicional, ou o tipo socialmente hereditário de autoridade, aquele cuja origem se perde no tempo, podendo mesmo se confundir com o mito; (2) autoridade racional ou legal, aquela oriunda da aceitação social de normas e leis, em razão da investidura

---

<sup>414</sup> O depoimento de uma senhora que se ajoelhou diante do padre que havia amaldiçoado sua casa, por ela ter permitido se realizar ali uma festa dançante, é emblemático do uso dos bens simbólicos pela Igreja. A mulher ficou apavorada que uma desgraça caísse sobre sua residência e foi correndo pedir perdão ao vigário, insistindo ainda que ele fosse benzer a casa para “anular” a maldição lançada. Esse padre era o “braço direito” de dom Aureliano Matos. Cf. FREIRE, 1999

<sup>415</sup> Para uma visão geral da obra de Weber, ver: KALBERG, Stephen. **Max Weber**: uma introdução. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

de poder a certos cargos que visam manter essa legalidade intacta; e (3) autoridade carismática, ou o poder de atração que dado indivíduo manifesta sobre um grupo, fundamentado quase sempre em um elemento abstrato como a sacralidade, o heroísmo ou a exemplaridade.<sup>416</sup> Dom Aureliano fora investido como autoridade racional (escolhido pela Santa Sé), mas no decorrer de sua ação pastoral acabou por gestar também a autoridade carismática, muito em função das obras que realizou na diocese. Na verdade, o binômio que ditou o agir do primeiro bispo de Limoeiro como autoridade foi este: Providência divina e obediência humana. A autoridade episcopal com que ele foi investido poderia ser definida como “qualquer poder de controle das opiniões e comportamentos individuais ou coletivos, a quem quer que pertença esse poder” (ABBAGNANO, 1962, p. 93). Com isso, admite-se que a autoridade de um bispo do sertão cearense foi recebida pela comunidade católica local como manifestação irrefutável de poder da Igreja e, em último caso, como “dádiva de Deus”.

Apesar de abranger uma definição complexa e generalizada, que foge ao objetivo deste texto, talvez o problema filosófico mais significativo posto pela noção de autoridade seja sua legitimidade, o que levantaria duas questões fundamentais: de onde vem a autoridade e quem legitima a posse da autoridade? Para Abbagnano (1962), essas perguntas tiveram três respostas durante a sistematização do pensamento filosófico no Ocidente, a saber: a natureza, a divindade e a sociedade. Educado sob os auspícios do ultramontanismo, o bispo de Limoeiro acreditava que toda autoridade era estabelecida por Deus, conforme a Igreja prega desde os primórdios.<sup>417</sup> Tendo sido instituída pelo próprio Deus, a posse dessa autoridade seria legítima, não cabendo contestação, pois isso implicaria revolta contra Deus.

O bispo tinha consciência de sua autoridade, escolhido que fora pela Igreja para reger os destinos espirituais do povo jaguaribano. Em uma de suas cartas pastorais, ele faz uso de metáforas para aludir a termos como autoridade e obediência:

---

<sup>416</sup> Essa tipologia pode ser conferida em: SENNETT, Richard. **Autoridade**. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 34-6. A classificação encontra-se diluída na obra de Max Weber.

<sup>417</sup> O apóstolo Paulo em sua *Epístola aos Romanos* deixa explícito que “não há autoridade que não venha de Deus, pois toda autoridade existente foi ordenada por Deus”. *Epístola aos Romanos*, capítulo 13, versículos 1 a 5.

No cumprimento desta alta função de pastorear a grei, que nos foi confiada, aprendi que:

Não se governa somando defeitos; nem se obedece exigindo virtudes.

Não se governa isolando-se; nem se obedece anulando-se.

Não se deve usar o cajado sem luvas. Nem se queira apenas luvas sem cajado. Quem governa, pode errar. Quem obedece, sempre acerta.<sup>418</sup>

O cajado do bispo, todo em ferro, aparece como símbolo de sua autoridade sobre os diocesanos. A arma bíblica do pastor de ovelhas simboliza um instrumento de autoridade, disciplina e ordem e, mesmo sendo de ferro, pesado, indicação de poder ou mesmo de opressão, encontra-se em mãos enluvadas, macias, clementes. É evidente a intenção de contrapor elementos díspares: a dureza do ferro se opõe à macieza das luvas. O bispo tinha em mente as seguintes antíteses: rigidez/serenidade, peso/suavidade e dor/consolo, além da evidente ordem/obediência. Para ele, não se podia brandir o cajado sem luvas, usar da autoridade sem serenidade, mas também não se devia esperar somente luva, o símbolo da polidez, do consolo. Prevalece a ideia de que o povo necessitava de autoridades que o conduzissem ao “bom caminho”. A manutenção da hegemonia da Igreja Católica, o domínio sobre as almas, fica patente, sobretudo quando se diz que do mandatário não se devia esperar que somasse os defeitos dos subalternos, nem estes deviam exigir daquele um rosário de virtudes.

Assim, utilizando-se da metáfora do pastor de ovelhas que sabe guiá-las ao redil seguro, dom Aureliano expõe nitidamente que concepção tem de autoridade. Alguém instituído dela, como ele, até poderia errar em suas decisões, mas quem obedecia estaria sempre acertando porque seria como obedecer ao próprio Deus. Autoridade e força (representados pelo cajado de ferro) coincidem, uma vez que o detentor da força, no ato do fazer-se valer como tal, não podia prescindir de autoridade, mesmo que o fizesse de modo “macio”. Nessa concepção, “toda força é desejada por Deus ou é divina” (ABBAGNANO, 1962, p. 94). A força, o poder, a autoridade, exigindo uma obediência quase cega, paradoxalmente não deveria ser feita com o governante se isolando como mandatário, nem com o governado se anulando como subalterno. Este até poderia ter noção das falhas daquele, mas devia

---

<sup>418</sup> MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **Carta Pastoral (sexta)**: Os dois Jubileus. Limoeiro do Norte: [s.n.], 1965, p. 7.



obedecer sempre se quisesse acertar, se não quisesse ser extraviado do rebanho, ou pior ainda, ser encontrado lutando contra o próprio Deus. A aceitação da autoridade episcopal pode ter sido hegemônica, mas não unânime. Não deixou de existir contestações, como foi visto no exemplo do avô que questionou o uso da disciplina contra seus netos. Não obstante, os casos de autoritarismo do bispo aparecem bastante esmaecidos nas falas dos depoentes, para quem dom Aureliano delegava ao vigário-geral, seu secretário e “braço direito”, as ações mais espinhosas e francamente autoritárias.<sup>419</sup> Monsenhor Otávio de Alencar Santiago, por sua vez, é evocado nas lembranças dos idosos como um “homem valente”, um “padre exasperado e nervoso” e um pároco radical em suas posturas, chegando a expulsar da igreja mulheres que, em sua visão, estivessem trajadas inadequadamente.<sup>420</sup>

Na década de 1950, em Limoeiro, a consolidação da prática pastoral do bispo gestou uma noção de sujeito histórico como criador e proprietário, idealizador e dono da cidade, tudo confluindo para a mesma pessoa: dom Aureliano Matos. O prelado limoeirense se enquadra naquele grupo da elite eclesiástica brasileira de meados do século XX que Scott Mainwaring (1989) chama de “bispos modernizadores conservadores”. Dom Aureliano era modernizador (que alguns depoentes chamam de “progressista”) quando se tratava de mudar a superfície da cidade, dotando-a de uma estrutura de desenvolvimento social. Mas também era conservador no que dizia respeito à manutenção do catolicismo tradicional do povo, fincado em valores ultramontanos. Foi conciliando esses dois atributos que o prelado conseguiu transformar Limoeiro em uma cidade-convento, um modelo de fé e piedade para a região jaguaribana.

Em dom Aureliano, a simbiose perfeita entre o “modernizador” e o “conservador” alicerça o mito de homem progressista que enxergava “além do seu tempo”, que via o futuro e que tirou a cidade do atraso que ela amargara longos séculos. Nessa visão, o prelado era o “criador” e o “dono” da cidade, já

---

<sup>419</sup> Segundo se depreende das falas dos depoentes, para não se “queimar”, dom Aureliano pedia que Monsenhor Otávio resolvesse pendências e questões que demandassem uso de força.

<sup>420</sup> Não existe biografia específica do padre Otávio. Traços biográficos desse clérigo podem ser conferidos em: CASTELLO BRANCO, João Olímpio. **O Limoeiro da Igreja: a história de Limoeiro do Norte a partir de seus párocos**. S. I.: Tipografia Minerva, 1995.

que fora idealizador e fundador de escolas, hospitais e de toda uma estrutura que concedera a Limoeiro um perfil diferente daquele observado antes de sua chegada. Esse processo de mitificação ficou devidamente sedimentado entre os memorialistas da cidade. Antônio Malveira, com seu livro *O Limoeiro de Dom Aureliano Matos* (1998) parece ser o melhor “escultor” dessa mitologia que se criou em torno do primeiro bispo jaguaribano, mostrando-se especialista em impingir uma aura quase divina de “criador” a esse prelado.<sup>421</sup> Para conseguir esse efeito, ele tece demoradas considerações sobre aquelas que seriam as qualidades peculiares do antístite: “idealizador”, “administrador” e “realizador”. Essa tríade de atributos teria sido a responsável pela “glória” de arrancar “o Limoeiro do Norte de uma simples cidade situada à margem do rio Jaguaribe e [colocá-la] em posição invejável diante de suas irmãs” (MALVEIRA, 1998, p. 11). Para consolidar o efeito desejado, o autor tece seu livro com cuidado, obliterando qualquer traço de autoritarismo do bispo de Limoeiro.

Meus depoentes, entretanto, retratam dom Aureliano como uma figura complexa, poliforma e quase indecifrável, muito em função de sua habilidade de processar em si mesmo a dualidade autoridade/autoritarismo. Ele “reinava” absoluto na sede da diocese, ninguém contestava suas decisões em sua presença,<sup>422</sup> ele sabia de tudo o que se passava, por meio de “informantes” e tinha um controle rigoroso sobre as manifestações religiosas de seu rebanho.<sup>423</sup> Também procurava manter vigilância sobre as formas de entretenimento,<sup>424</sup> de modo que mesmo os empresários da cidade iam pedir sua “autorização” ou “bênção” para abrir lugares profanos. Agindo assim, dom Aureliano barrava manifestações “indesejáveis” de autonomia e de

---

<sup>421</sup> Isso fica patente no seguinte trecho: “**O Limoeiro é obra sua** [de dom Aureliano], da vontade dinâmica de servir à Diocese, e, ao mesmo tempo, **deixar às novas gerações um patrimônio imorredouro, eterno**, porque as ações do espírito transpõem os séculos e permanecem na consciência das nações” (MALVEIRA, 1998, p. 62, grifos meus).

<sup>422</sup> Fala recorrente entre meus depoentes. Cf. lista completa em “Referências Bibliográficas e Fontes”.

<sup>423</sup> Na imposição de manifestações religiosas, coadunando-se com as determinações de uma Igreja ultramontana, o bispo contava com a vigilância permanente do vigário-geral, responsável por evitar que até mesmo “fanáticos” representantes do catolicismo popular, como Frei Damião, fizessem peregrinações e pregações na sede do bispado. Ver Capítulo 2.

<sup>424</sup> No trado do entretenimento, o bispo assumia a conhecida postura de “guardião da moral e dos bons costumes”. O cinema, por exemplo, recebia da Igreja atenção especial, ficando o jornal católico *O Nordeste*, publicado em Fortaleza, mas com muitos assinantes em Limoeiro, responsável por publicar uma seção que indicava aos católicos que filmes eles poderiam assistir e que filmes, considerados “indecentes”, ficavam censurados.

modernidade em sua diocese. De posse do cajado de ferro, sempre manejado por mãos enluvadas, o bispo aparecia como uma autoridade até mais importante do que o prefeito, já que sua gestão era vitalícia e ele era um legítimo “príncipe da Igreja”:

O bispo era a pessoa mais importante da cidade. As autoridades da cidade eram o bispo e o prefeito. Para a Igreja e os fiéis, o bispo era mais importante. Quando o bispo ia celebrar, aos domingos, até o sino da catedral tinha um toque diferente, repicava diferente.<sup>425</sup>

A depoente reafirma a mitificação em torno de dom Aureliano, considerado por ela a “pessoa mais importante da cidade”, mais importante mesmo que o prefeito. A presença do bispo na catedral, transbordando uma autoridade inigualável, repercutia até em objetos do mundo exterior, ouvindo-se do sino um “toque diferente”. Trata-se, possivelmente, de uma idealização projetada na memória da idosa, já que outros depoentes ignoram um “toque especial” para delimitar a presença do bispo no templo.

A autoridade recebida, executada, processada e consolidada pelo bispo se desdobrou em atributos de condutor, educador, protetor e gestor, ou títulos bem conhecidos, a saber: pastor de almas, educador do povo, guardião da cidade e melhor prefeito da história. Os dois primeiros foram efetivamente semeados pelo próprio bispo, ou seja, diziam respeito à essência de sua função e de seu projeto para a região. O terceiro foi fomentado pelo prelado, mas o último foi gestado pelo povo, posteriormente, para justificar a figura idealizada do “criador” da cidade modernizada, uma fuga dos limites do real para se embrenhar nos domínios do mito.

### **3.1.1 O pastor de almas**

Na quadra invernosa do ano de 1950, chuvas torrenciais castigaram o Ceará com rigor, afetando muito a região jaguaribana.<sup>426</sup> Açudes cheios começaram a romper as paredes, muitas delas frágeis, levantadas de modo

---

<sup>425</sup> MAIA, Avani Fernandes. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 26 de dezembro de 2011.

<sup>426</sup> Segundo o jornal, em meados de abril, estradas carroçáveis como a que ligava Aracati a Fortaleza ficaram completamente inutilizadas. Uma viagem que antes demorava três horas, agora demandava dois dias de lama e sofrimento “numa buraqueira do outro mundo”, e isso mesmo “só por meio de caminhões possantes, que vão deixando pedaços pelo caminho”. *O Nordeste*, 19 de abril de 1950, p. 8.

negligente em tempos de emergência e seca. Os rios começaram a transbordar e inundar as cidades que cortavam. Limoeiro, por exemplo, já no dia 20 de abril aparece no jornal como “uma autêntica ilha no [Rio] Jaguaribe”.<sup>427</sup> Um mês depois, na vizinha cidade de Morada Nova, na localidade de Ibicuitinga, uma violenta “chuva de mais de duas horas fez ruir a capela”, deixando o povo católico consternado.<sup>428</sup> Diante dessa calamidade, o bispo jaguaribano estava de malas prontas, na iminência de viajar para Europa. Desde o final do ano anterior, ficara acertado que ele conduziria uma caravana de peregrinos católicos à Europa, em função do Ano Santo decretado pelo papa Pio XII. O jornal dizia que, em fins de maio, a “zona jaguaribana, atingida pela enchente do Jaguaribe, já está voltando à normalidade”.<sup>429</sup> Por “normalidade” entenda-se que as chuvas cessaram ou diminuíram e que o nível dos rios começava a voltar ao leito costumeiro. Mas os estragos, sobretudo no campo, não seriam recuperados logo. Plantações se perderam, casas desmoronaram e muitas represas se romperam.<sup>430</sup> A notícia das inundações chegou ao Rio de Janeiro, onde se levantou um movimento para arrecadação de donativos em favor das vítimas do Jaguaribe.<sup>431</sup> Ainda em meados de julho, auxílios federais continuaram chegando à região.<sup>432</sup>

Foi durante essa conjuntura que o bispo se viu obrigado a visitar Roma, onde deveria se encontrar com o papa. Dom Aureliano viajou no dia 02 de junho de 1950,<sup>433</sup> depois de algumas remarcações da partida. Os peregrinos viajaram no “Portugal”, que, segundo o jornal, era um “navio pequeno e mal tratado, que não correspondeu à expectativa dos excursionistas”.<sup>434</sup> A comitiva de peregrinos foi presidida pelo próprio bispo de Limoeiro.<sup>435</sup> Na Europa, os

---

<sup>427</sup> *O Nordeste*, 20 de abril de 1950, p. 8.

<sup>428</sup> *O Nordeste*, 20 de maio de 1950, p. 8.

<sup>429</sup> *O Nordeste*, 23 de maio de 1950, p. 2.

<sup>430</sup> No jornal, em junho já se anunciava convocação aos “proprietários de açudes destruídos pelas enchentes [dos Rios] Jaguaribe e Acaraú para um entendimento com o Departamento de Saneamento e Obras Públicas do Estado”. *O Nordeste*, 12 de junho de 1950, p. 4.

<sup>431</sup> *O Nordeste*, 20 de junho de 1950, p. 7 e 6.

<sup>432</sup> *O Nordeste*, 15 de julho de 1950, p. 6.

<sup>433</sup> *O Nordeste*, 02 de junho de 1950, p. 1.

<sup>434</sup> *O Nordeste*, 02 de junho de 1950, p. 5.

<sup>435</sup> Um deles assim se expressou sobre a importância de ter religiosos os conduzindo: “Nada disso [intranquilidade e insegurança] ocorreu na excursão do Ano Santo, pela boa assistência aos viajantes, e à elevação de espírito devida aos atos religiosos celebrados a bordo pelo coordenador Dom Aureliano Matos, Bispo da Diocese de Limoeiro, e dos demais sacerdotes participantes do evento naquele mês de junho de 1950, juntamente com senhores distintos e

cearenses visitaram cidades como Lisboa, Fátima, Lourdes (ver Figura 10), Paris e Roma, detendo-se especialmente no Vaticano, para conhecer o papa e receber as bênçãos que o pontífice distribuía diariamente às sucessivas levas de católicos do mundo todo. Segundo noticia *O Nordeste*, dom Aureliano teria sido recebido pelo papa, em audiência, no dia 13 de julho, mas nenhum detalhe do encontro é mencionado. Em Fátima, o antístite limoeirense também foi recebido pela irmã Lúcia, uma das pastoras do episódio da aparição da Virgem naquela cidade, quando então conversaram sobre a situação do Brasil e como a aparição tivera repercussão em todo o país.<sup>436</sup> A experiência de coordenar uma comitiva de peregrinos a Roma serviu para consolidar a posição de pastor, condutor do “rebanho do Senhor” que o bispo detinha desde sua sagração, em 1940.

O bispo costumava receber da sociedade limoeirense, sobretudo no dia de seu natalício, homenagens e afagos, numa prova do reconhecimento de sua autoridade sobre o “rebanho católico”.<sup>437</sup> Padre Francisco de Assis Pitombeira, diretor do Ginásio Diocesano durante décadas, confirma que, quando o bispo fazia aniversário, ele mesmo conduzia os alunos, em formação, como se fosse uma procissão, para saudar o clérigo no Palácio Episcopal.<sup>438</sup> A figura imponente, lembrando um nobre, e o poder efetivo, religioso e mesmo político, que o prelado exercia na cidade justificavam aquele conjunto de práticas

---

senhoras de fina educação, em um espaço limitado ao embalo do Atlântico” (AZEVEDO e NOBRE, 2001, p. 23-4).

<sup>436</sup> O bispo também aproveitou sua passagem por Portugal para obter informações genealógicas de sua família. Segundo Montenegro (2007), o bispo visitou a paróquia de Mendiga (diocese de Leiria), próximo de Fátima, e lá teria consultado os livros que apontavam que os seus antepassados residiram ali antes de migrar para o Brasil. Segundo o próprio bispo, esses ancestrais teriam chegado ao Ceará ainda no final do século XVIII (XAVIER, 1989, p. 23). As anotações que teria feito em Portugal e a persistência em pesquisar as raízes teriam gerado um considerável estudo genealógico, cujo original teria sido aproveitado em parte por sua sobrinha Yolanda Matos Montenegro, citada acima. Alguns depoentes leram o livro e contestam essa ideia, acreditando que o original tenha se perdido ou esteja em posse de alguém que, por algum motivo, não queira dar publicidade ao volume.

<sup>437</sup> Sobre isso, nota do jornal de 1955 diz: “A cidade tomou parte ativa na comemoração do aniversário de s. excia. revma. sr. Bispo Diocesano, Dom Aureliano. Às sete da manhã do dia 17 [de junho], houve missa solene na Catedral, com assistência pontifical. Logo após, no Palácio, uma homenagem dos estabelecimentos de ensino e da população. Ao meio-dia, realizou-se um banquete íntimo, no Palácio, oferecido pelo clero diocesano. Coroando as festividades, efetuou-se, à noite, Bênção Solene. Dessa forma, o povo limoeirense procurou dar grande brilho ao aniversário de seu estimado bispo, o amigo sempre ativo e pronto em atender a todos os interesses da cidade que vive sob sua jurisdição”. *O Nordeste*, 25 de junho de 1955, p. 4.

<sup>438</sup> PITOMBEIRA, Francisco de Assis (Reverendo, padre). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 13 de fevereiro de 2010.

simbólicas. Ao católico que tivesse a honra de ser recebido pelo bispo ou se o encontrasse na rua, por acaso, restava uma reverência obrigatória: inclinar-se diante dele e beijar-lhe a mão, ou melhor, o anel episcopal. Incutiu-se entre o povo a mentalidade de que beijar o anel do “príncipe da Igreja” proporcionava indulgência de pecados. Após celebrações em datas especiais, na catedral, formavam-se longas filas para esse ato simbólico de reafirmação do poder e da autoridade do bispo sobre as almas, tal qual um pastor de ovelhas contando o seu rebanho.

Sim, o anel do bispo tinha aquela pedra bonita. Então, quando ele entrava na igreja, tinha o sacrário assim de um lado, era o altar do Santíssimo, e ele fazia aquela genuflexão ali, depois sentava na cadeira dele, que ficava ao lado, e só depois ia para o altar principal. Quando terminava a cerimônia nestas datas festivas de Semana Santa, Natal, festa da padroeira e outras, as pessoas faziam fila para ir beijar o anel do senhor bispo. Por quê? Foi implantado isso, todo mundo ia beijar o anel do bispo porque diziam que se ganhava indulgência plenária. Eu era menina, moçotinha e nesse tempo, Vixe Maria, todo mundo dizia: “Hum bora, hum bora beijar o anel do bispo!”. Era para ganhar indulgência, perdão dos pecados... Aquilo ali era como uma paz, uma bênção, uma bênção especial.<sup>439</sup>

Como se vê, a depoente acata a autoridade do bispo como “pastor de almas”, possuidor de um anel que distribuía graça e perdão, quase por magia, bastando ser tocado com os lábios. O hábito de “ir beijar o anel do bispo” foi “implantado”, mas a idosa não sabe por quem. Segundo documentação pessoal de dom Aureliano, desde a década de 1940, a Nunciatura Apostólica, em nome do pontífice, repassara ao bispo o direito a “Faculdades Quinquenais”, que, segundo o padre Francisco de Assis Pitombeira, dava ao prelado o direito de transmitir indulgências, títulos ou algum outro favor ao clero ou ao laicato, com validade de cinco anos. E tal como os filhos que, naquele tempo, beijavam respeitosamente a mão do pai, os católicos que praticavam ósculo no anel agiam assim como reconhecimento do papel e do trabalho do pastor em conduzir o rebanho.<sup>440</sup> Padre Pitombeira procura relativizar aquele ato, considerando-o como uma “praxe entre os católicos” e não necessariamente como um ritual incentivado pela Igreja. Todavia, a definição dessa prática, dada por um clérigo, não deixa dúvidas de que os dogmas católicos alimentavam atitudes místicas nos fiéis, quando não as concebiam ou reafirmavam:

---

<sup>439</sup> MAIA, Avani Fernandes. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 26 de dezembro de 2011.

<sup>440</sup> PITOMBEIRA, Francisco de Assis (Reverendo, padre). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 06 de fevereiro de 2012.

Indulgência é a remissão, diante de Deus, da pena temporal devida aos pecados já perdoados quanto à culpa. A Igreja, dispensadora da Redenção, distribui e aplica com autoridade o “tesouro” das satisfações de Cristo e dos santos. A Igreja recebeu de Cristo o poder das chaves para ligar e desligar... Por isso, pode conceder a remissão das penas temporais do pecado. (TÓTH, 2003, p. 182).

Portanto, o ato de beijar o anel do senhor bispo denota o respeito e a obediência que as “ovelhas do rebanho” tinham para com seu pastor, numa patente aceitação da autoridade episcopal como “condutor de almas” ou responsável pelo destino espiritual do “aprisco do Senhor”. Em suma, aceitação tácita da dominação sobre as almas pelos católicos, para quem o bispo era mais do que um homem, era o representante de Deus entre eles.

### 3.1.2 O educador do povo

Além de pastor, aquele que conduz o rebanho, para quem as ovelhas pedem a bênção e de quem recebem perdão dos pecados, dom Aureliano também exerceu a função de “educador do povo”, ressaltada por uma biógrafa do autor (MAIA [A. F.], 2010). Nessa acepção, “educar” a multidão é o mesmo que admoestar, aconselhar, indicar caminhos, funções daquele que tem responsabilidades por um grupo ou povo. Não consta que o clérigo Aureliano Matos tenha assumido a função de professor, mesmo quando podia fazê-lo no Seminário de Limoeiro. Quando pároco em Itapipoca, ele assumiu o cargo de inspetor escolar,<sup>441</sup> conseguido em razão de sua posição de autoridade eclesiástica e por transitar bem entre os políticos.<sup>442</sup> Assim, a imposição da educação como uma das “colunas” do tabernáculo jaguaribano, conforme visto no Capítulo 2, demonstra que o bispo foi mais do que um incentivador da escolarização do povo, foi um “cabeça que estava acima dos outros”.<sup>443</sup> Foi

---

<sup>441</sup> Então vigário de Itapipoca, padre Aureliano esteve presente na inauguração do Grupo Escolar Anastácio Braga, em 05 de fevereiro de 1938, realização do governo de Menezes Pimentel. *O Nordeste*, 07 de fevereiro de 1938, p. 4.

<sup>442</sup> O então padre Aureliano Matos foi exonerado “por conveniência do ensino” em outubro de 1939, antes mesmo de ser eleito bispo. Cf. *Diário Oficial da União*, 13 de outubro de 1939.

<sup>443</sup> Declaração feita por um padre da diocese de Limoeiro: “Dom Aureliano era um homem que falava muito bem, pregava muito bem, mas era, sobretudo, **um homem de saber prático**, um homem prudente, experiente, um homem que sabia pensar, refletir e que **não fazia nada de improvisado**. Tudo nele era racionalmente elaborado, pensado, medido. Por isso, ele teve uma aceitação muito grande, especialmente aqui na cidade de Limoeiro porque era, assim, uma espécie de **cabeça que estava acima dos outros**, não só no sentido de pensar e realizar. Dom Aureliano era uma pessoa que, para decidir uma coisa, depois de refletir e levar para a ação, ele não esperava, ele **estava sempre na ativa** para convocar pessoas para conversar, para organizar comissões e **botar o povo para trabalhar** porque ele mesmo estava sempre no

agindo assim que o bispo concretizou a ideia do padre Misael Alves de Sousa de fundar o Ginásio Diocesano. Mas os obstáculos para manter essa escola aberta, com internato, persistiriam na década de 1950, na verdade os mesmos do decênio anterior: a seca e a mentalidade pouco afeita à cultura letrada. O clima e o homem sertanejo eram os maiores entraves ao sonho de ver a região livre do analfabetismo, chamada por muitos de “trevas da ignorância”.

Durante a década de 1950, o Ginásio Diocesano funcionou com grande defasagem de estudantes, com média anual não ultrapassando cinquenta e seis garotos (PITOMBEIRA, 1992, p. 39). Já no final do decênio, a seca que assolou o Ceará quase fechou aquele estabelecimento de ensino:

No ano de 1958, houve uma seca horrível aqui no Vale, uma das maiores secas do Nordeste, na verdade. Naquele tempo, o alunado do colégio, em sua maioria, era da zona rural. Havia terminado aquele período de desenvolvimento econômico por causa da cera de carnaúba, pois houve um *boom* como é chamado, e então a maioria dos alunos vinha da zona rural e como a seca era muito grande, os pais tiraram muitos filhos do Ginásio para trabalharem nas frentes de serviço. Assim, não tinha mais como pagar os professores. Eu fui para o Palácio e disse: “Dom Aureliano, acho que o Diocesano vai ter que fechar este ano porque não está havendo mais pagamento das mensalidades e eu estou com dívidas”. Ele disse: “De maneira nenhuma, eu vou lhe ajudar, vou lhe dar uma importância para você colocar o pagamento em dia e você vai pelejando lá para receber, para levar até o fim do ano”.<sup>444</sup>

Também a mentalidade sertaneja de que estudar era “coisa de rico” ou mesmo “coisa de vagabundo” dificultou o projeto de educação formal do prelado limoeirense. O depoimento de um sertanejo que foi alfabetizado aos vinte anos e que chegou ao magistério universitário é ilustrativo desse antigo ranço do nordestino contra a cultura letrada:

Não havia interesse dos pais pelo aprendizado dos filhos, pois estes eram usados nos afazeres do campo. Havia até quem dizia que estudo era para malandro.

Quando comecei a estudar, aos vinte e três anos de idade [em 1952], no Ginásio Diocesano, ao me dirigir para a cidade de qualquer maneira (a pé, montado num jegue ou numa bicicleta caindo aos pedaços), sabia que alguém dizia: “Aquele agora só quer ser vagabundo, só pensa em estudar” (NUNES, 1999, p. 200).

---

centro, informando, incentivando, estimulando as pessoas”. In: PITOMBEIRA, Francisco de Assis (Reverendo, padre). Entrevista concedida a Edwilson Soares Freire para o Programa Especial de Treinamento (PET) em História, da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM), em Limoeiro do Norte-CE, março de 1994. Os grifos são meus.

<sup>444</sup> PITOMBEIRA, Francisco de Assis (Reverendo, padre). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 05 de janeiro de 2010. Inicialmente, ante à situação que também afetava seus vigários, o bispo disse: “Se o ginásio não tem com que pagar [os] professores, feche-o” (PITOMBEIRA, 1992, p. 41). Todavia, ouvindo a argumentação do diretor de que os alunos perderiam o ano letivo, tendo já transcorrido dois terços dele, o bispo decidiu destinar parte dos “parcos recursos da diocese” para ajudar os estudantes que não podiam pagar as mensalidades.



Como se vê, embora o rurícola continuasse trabalhando no campo, no período da tarde, pois estudava pela manhã, recebia de vizinhos a alcunha de “vagabundo” porque agora “só [pensava] em estudar”. Note que o sertanejo admite abertamente que os pais não manifestavam interesse na vida escolar dos filhos, já que eles eram “usados” nos afazeres campestres, como se fossem servos ou empregados dos pais. Havia, por assim dizer, uma “dívida” a ser paga, dívida de vida, de manutenção da vida, de alimento e vestuário com que os genitores provinham seus rebentos, como se tais atributos não fossem coercitivos ao poder pátrio, e sim uma “dádiva” que exigia algum tipo de recompensa ou pagamento. Trabalhava-se para os pais para tentar solver essa dívida “impagável” que os filhos traziam consigo desde o nascimento. Essa mentalidade explicaria porque “investir” na educação não era considerado um “bom negócio”, mesmo para quem tinha recursos razoáveis, pois os “dividendos” do investimento eram incertos ou vislumbrados somente num futuro distante, afrontando o pragmatismo do sertanejo.

Manuel Domingos Neto (2010), ao estudar a pecuária extensiva e o domínio oligárquico no Nordeste, vasculha a cultura sertaneja de “coronéis” cujos avós foram simples vaqueiros, ainda no século XIX. Um deles, nascido em 1891, respondendo por que o pai nunca se interessara pela educação escolar dos filhos, argumenta que, nas primeiras décadas do século XX, na mentalidade do sertanejo, o estudo estava associado à malandragem, à bebedeira, ao carteado, em razão de exemplos que se tornaram convenientemente generalizados. Assim, para alguém que indagava por que o garoto ainda não estava cursando o Liceu, o pai impreterivelmente respondia: “O Pedro, aqui, vai aprender é a trabalhar” (DOMINGOS NETO, 2010, p. 112). Nota-se que a mentalidade do nordestino alocava trabalho e estudo em posições diametralmente opostas: estudava quem não queria trabalhar e trabalhava quem não queria estudar. Nessa equação arrevesada pela ausência de investimentos do poder público na educação das massas, o estudante era, necessariamente, um “malandro” que fugira do trabalho braçal para se entregar ao “ócio mental”. Foi lutando contra essa mentalidade que o bispo dom Aureliano pediu ao então diretor do Ginásio Diocesano, padre Mauro Ramalho (1949-1953), que percorresse todas as ruas de Limoeiro, de bicicleta, visitando

casa por casa, tentando convencer os pais da necessidade de matricularem seus filhos no colégio (PITOMBEIRA, 1992, p. 39).

Assim, dom Aureliano precisou vencer uma batalha cotidiana no campo da educação formal. Todavia, em razão de sua posição de bispo, também ficaria conhecido como um “admoestador”, um “mestre das massas”, um educador de “saber prático”, uma “cabeça” que ensinava o povo a seguir o “caminho certo”. Nesse sentido, o caso mais emblemático levantado pelos depoentes foi o de uma mulher pobre que, tendo ido pedir limões ao senhor bispo, recebeu dele somente uma unidade, acompanhada da seguinte admoestação: “Retire as sementes e plante em seu quintal, para que daqui a alguns anos a senhora tenha o seu próprio pé de limão, e não precise mais pedir a ninguém”. O fato é lembrado por memorialistas e depoentes para enaltecer atributos do prelado: ser “educador nato” e “sagaz economista”,<sup>445</sup> e “querer ensinar a pescar” e “não entregar o peixe pronto”.<sup>446</sup> Ademais, o bispo defendia abertamente os “remédios caseiros”, mais acessíveis ao povo pobre. Os remédios industrializados, além de caros e raros no sertão, representavam a modernidade e seu inexorável poder de exclusão. Assim, os remédios modernos não escondiam a estranheza de serem ao mesmo tempo “um seguro contra as fraquezas e vulnerabilidades do corpo, um estímulo para a iniciativa e uma caução para o sucesso” (SEVCENKO, 1998, p. 553) e um elemento disponível exclusivamente a quem tinha dinheiro para comprá-los. Foi precisamente o surto de urbanização que esfacelou a cadeia de transmissão de conhecimento baseado em ervas e tratamentos naturais, o que constituía mais uma desvantagem da modernidade aos olhos do bispo.

Quando chegou a Limoeiro, uma das primeiras providências de dom Aureliano foi plantar ervas, árvores frutíferas e mandioca no quintal do Palácio Episcopal.<sup>447</sup> Para regá-las havia um sistema rústico de irrigação, constituído de poço profundo, cataventos de fabricação local e tanques de alvenaria. Os cataventos puxavam a água do poço e a depositava no tanque, de onde era

---

<sup>445</sup> Segundo Lauro de Oliveira Lima (1997, p. 368).

<sup>446</sup> Segundo meus depoentes, esse caso do limão é uma demonstração de amor do bispo, que assim evitaria fomentar o “vício” de pedir e ajudaria a promover a autonomia do ser humano.

<sup>447</sup> MAIA, José Amirto Nunes. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 04 de março de 2014.

distribuída para a plantação.<sup>448</sup> Como a terra era fértil, chegou a produzir com regularidade algumas frutas: ata, cajarana, carambola, goiaba, graviola, laranja, limão, mamão, siriguela e até uva, cujo cultivo teria sido ensinado ao bispo por um frade capuchinho, quando este se hospedara no Palácio.<sup>449</sup>

Eram tão bonitas as laranjas, amarelinhas, da casca fina, coisa deliciosa. Foi lá no Palácio que eu aprendi a comer laranja, pois dom Aureliano não chupava, ele comia. Depois do almoço, vinha uma bandeja com as laranjas cortadinhas para a gente comer. Parece que eu estou vendo!<sup>450</sup>

A população logo soube que o bispo tinha um magnífico pomar em casa, e muitas pessoas, em certas ocasiões, sobretudo com doentes na família, sufocavam a vergonha de bater à porta do Palácio Episcopal. No caso do limão, a própria imprensa tratava de alardear suas propriedades medicinais. Já em 1929, a revista *O Cruzeiro*, de circulação nacional, ensinava a dona de casa a usar o limão como remédio.<sup>451</sup> Quinze anos depois, em 1944, o jornal *O Nordeste* publicava matéria intitulada “O limão e suas virtudes”, onde se dizia que essa fruta era excelente remédio contra “infecções catarrais, febres, indolência, cardialgia, gastralgia e todas as moléstias devidas ao excesso de ácido úrico”.<sup>452</sup> Em Limoeiro, teria ocorrido até uma “Campanha do Limão”, pretendendo esclarecer o povo sobre o poder desse fruto cítrico:

A Campanha do Limão foi inspirada num artigo de uma revista do Ministério da Agricultura de um país latino-americano. A ideia partiu do Círculo Operário e D. Aureliano aprovou. Mandou-se imprimir um folheto sobre a história do limão, sua importância como fruta que combatia sessenta doenças diferentes. Então, mandaram imprimir mil boletins durante uma festa do Círculo Operário de Limoeiro e foram distribuídos esses boletins tratando da importância do limão como remédio caseiro. O propósito era ensinar sobre o grande valor do limão e levar o povo a plantá-lo em seus quintais. Essa campanha ajudou a trazer saúde para Limoeiro, inclusive para reduzir a taxa de mortalidade infantil, que em certo tempo era alta.<sup>453</sup>

O fato pode ter ocorrido em 1957, quando um surto de gripe assolou o mundo e uma “corrida ao limão” se verificou mesmo em capitais como

---

<sup>448</sup> SILVA, Antônio Zeudo Coelho. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 07 de março de 2014.

<sup>449</sup> SILVA, Meton Maia e. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 25 de fevereiro de 2014. Segundo o depoente, a terra jaguaribana tem capacidade de produzir boas uvas, mas sem a técnica adequada, elas não amadurecem.

<sup>450</sup> CASTELLO BRANCO, João Olímpio (Monsenhor). Entrevista concedida em Flores, Russas-CE em 11 de junho de 2014.

<sup>451</sup> *O Cruzeiro*, ano I, nº 19, 16 de março de 1929, p. 38.

<sup>452</sup> *O Nordeste*, 11 de janeiro de 1944, p. 4.

<sup>453</sup> SILVA, Meton Maia e. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 25 de fevereiro de 2014.

Fortaleza.<sup>454</sup> O estado permanente de desnutrição do sertanejo cearense não apenas reduzia o desempenho laboral de sua gente como também era uma porta de entrada para vírus, bacilos e bactérias.<sup>455</sup> Dom Aureliano, como homem educado numa instituição rigorosa como a Igreja, sabia disso. O sertanejo não somente vivia desnutrido, como também ingeria álcool em demasia, quase sempre de estômago vazio. Esse era um problema que inquietava o antístite, sobretudo por ser de difícil solução. Segundo um depoente, líder sindical, em conversa com o bispo, este afirmara que o brasileiro, especialmente o homem do sertão, “não sabia beber”, nem tinha capacidade orgânica para isso:

Ele falava que, em outros países como a América do Norte, o povo também bebia muito, porém comia bem, alimentos que fortificavam o organismo e, por isso, a pessoa suportava a força do álcool. Mas, dizia ele, entre nós não é assim, o povo não tem essa alimentação e por isso o álcool mata tanto.

A doença da época que ele falou que matava tanto era a tuberculose. Ele disse “nós”, quem não se alimenta bem, ele falou até como se estivesse pelo meio... Aí o resultado é a tuberculose. E morreu muita gente, eu lembro que morreu muita gente na época, dentro da cidade mesmo, que vivia sempre bebendo. Os bares viviam cheios, de gente bebendo. Aí ele disse: “O resultado é a tuberculose!” E era o que acontecia mesmo.<sup>456</sup>

A pedagogia do antístite se utilizava de empatia, colocando-se ele mesmo na posição de alguém do povo que não dispunha de uma alimentação saudável. Evidentemente, não era o caso. Além das frutas mencionadas, dom Aureliano mandara plantar uma horta e também criava galinhas no quintal, alimentando-se delas e da produção de ovos.<sup>457</sup> Uma depoente que, adolescente em 1956, teve o privilégio de tomar café com o senhor bispo,

---

<sup>454</sup> Segundo o jornal: “De um momento para o outro um limão chegou a custar dez cruzeiros, não havendo estoque que atendesse às solicitações gerais”. A crença popular no limão como “remédio milagroso” e a ganância dos comerciantes levaram o jornal católico a escrever que “a Saúde Pública devia esclarecer ao povo é que tome vitamina C, mas [que] esta não se encontra somente no limão, mas em todas as frutas cítricas, nas verduras e no tomate”. *O Nordeste*, 08 de outubro de 1957, p. 3 e p. 6.

<sup>455</sup> Sobre isso, foi publicado o seguinte texto no jornal: “Como todos sabem, o nosso operário alimenta-se mal, sobretudo no Norte [Nordeste] do país. Vive em permanente carência alimentícia. **É um subnutrido, sujeito à tuberculose e às infecções bacilares.** [...] Os filhos, anêmicos e magricelas, crescem e tornam-se homens subnutridos, incapazes para o desempenho de um trabalho eficiente e produtivo. [...] **Precisamos ensinar o operário a se alimentar.** A saber escolher dentro das possibilidades econômicas os melhores alimentos”. *O Nordeste*, 29 de abril de 1957, p. 4. “Educação alimentar do trabalhador”, texto de Clóvis Barroso, grifos meus.

<sup>456</sup> AMORIM, Joaquim Anastácio de. Entrevistas concedidas na Cidade Alta, Limoeiro do Norte-CE em 01 de novembro de 2010 e 21 de setembro de 2013.

<sup>457</sup> SILVA, Antônio Zeudo Coelho. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 07 de março de 2014. Este depoente foi vizinho do Palácio e conhecia bem o quintal do bispo.

constatou que sua mesa era farta.<sup>458</sup> Com sua influência de “homem sábio”, o bispo ensinou o sertanejo a fazer o uso correto das frutas, como, por exemplo, da laranja. Antes, o homem do campo apenas sugava o sumo da fruta, jogando seu bagaço fora, desperdiçando fibras e nutrientes imprescindíveis ao organismo. Mas persistia o problema do alcoolismo, outro vetor de desnutrição entre a população. Segundo o Sr. Amorim, ao contrário de outros que relativizaram o consumo de álcool, os “bares viviam cheios”. Em razão disso, aponta como fatores desencadeadores da tuberculose a desnutrição e o alcoolismo. Percebendo que muitos homens morriam tuberculosos, por manter alimentação inadequada e hábito de beber de estômago vazio, o bispo esperava que seu interlocutor, como liderança entre os trabalhadores, repassasse esses ensinamentos aos sertanejos.

Segundo o jornal, na década de 1950 a tuberculose foi a doença que mais ceifou vidas no Ceará.<sup>459</sup> A chamada “peste branca” era um tabu na boca do povo, que não pronunciava o nome da enfermidade com medo de atraí-la. O mal era denominado de “doença do peito” e seu portador, “indivíduo enfraquecido”. Esse preconceito, alimentado pelo medo e pela vergonha, favorecia que o doente mentisse sobre seu estado, mantendo suas atividades cotidianas e contaminando outros, pois também não procurava tratamento. Os jornalistas anunciavam escandalizados casos de tuberculosos que chegaram a falecer no local de trabalho.<sup>460</sup> Dos três pilares que mantinham a chamada “desgraça social” – alimentação inadequada, falta de higiene e alcoolismo – a Igreja iria incidir seu foco especialmente sobre o último. Considerado sério problema social, o alcoolismo receberia do arcebispo metropolitano, dom Antônio de Almeida Lustosa, atenção suficiente para escrever longa carta

---

<sup>458</sup> MAIA, Cleandira Chaves. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 28 de outubro de 2013.

<sup>459</sup> Ainda em 1950, Fortaleza sediou uma “Semana da Tuberculose”, cujo objetivo era “formar a ‘consciência nacional anti-tuberculose’, por meio de ampla e intensa educação sanitária”. *O Nordeste*, 15 de maio de 1950, p. 3.

<sup>460</sup> Como exemplo, destaco a seguinte nota: “Tuberculosa em alto grau, vendia, cada manhã a carregadores de frutas, carroceiros e crianças de recado o beijú de côco gostoso, amassado com paciência, noite em fora, nos dedos magrentos e cheios de bacilos”. *O Nordeste*, 25 de julho de 1950, p. 8 e p. 5. A manchete divulgava em letras garrafais: “Em que cidade vivemos: Tuberculosa em último grau vendia café e tapioca no mercado da praça S. Sebastião. A infeliz veio a falecer no local, em dolorosa situação. Ameaçadas a vida e a saúde do povo. Onde andam as autoridades responsáveis?”. Segundo a matéria, somente em Fortaleza havia mais de oito mil tuberculosos, muitos deles imiscuídos no comércio e em plena relação social com a população sadia.

pastoral, publicada em 1953. Nela, o prelado previne sobre os perigos de desmantelamento da célula familiar e redução da expectativa de vida, sobretudo dos homens, em função do poder devastador do “furacão do vício”. A fala de dom Aureliano ao líder sindical não deixa dúvidas quanto ao poder que esse texto impingiu na alma do bispo jaguaribano, conforme fica implícito no seguinte fragmento:

E a vida desse pobre infeliz se encurta, ainda mesmo quando alguma enfermidade não sobrevenha – o que poucas vezes se dá. Sim – poucas vezes – porque o alcoólatra facilmente contrairá a tuberculose ou outra enfermidade. O organismo intoxicado pelo álcool é campo aberto a muitas doenças, já porque se predispõem os órgãos para as infecções, já pelo depauperamento que o álcool causa, já porque enfraquece extremamente a resistência natural à invasão dos germes.<sup>461</sup>

Creio que os episódios mencionados – o caso do limão, já lendário em Limoeiro, e a conversa sobre desnutrição, alcoolismo e tuberculose – exemplificam a faceta de educador do primeiro prelado jaguaribano, demonstrando que uma de suas metas era “educar o rebanho”, libertá-lo da ignorância, da “escuridão”, conduzindo-o ao conhecimento do saber. Esse saber só seria proveitoso se fosse tutorado pela Igreja, se o homem se “deixasse conduzir” como ovelha que segue o pastor. Portanto, reafirma-se mais uma vez que o projeto do primeiro bispo de Limoeiro, em suma, era manter a hegemonia do catolicismo conservador na região, “agregando” as almas dentro do “tabernáculo da fé” concebido por ele para manter o povo jaguaribano longe das influências do secularismo e da modernidade.

### 3.1.3 O guardião da cidade

No Brasil, os anos de 1950 são marcados por uma euforia no futuro do país, transmitida geralmente em palavras de ordem como urbanização, industrialização e tecnologia. Ganha forma, assim, a “utopia nacionalista que dá por findo o ciclo do atraso” (VELOSO, 2002, p. 172). Na esfera cultural, surgem novos elementos tentando conciliar modernidade e desenvolvimento, persistindo uma valorização do “novo” e uma forte vontade de mudança. Os ditames de um “tempo cultural acelerado”, quando tudo acontece simultaneamente, tornam a emergência de uma cultura de massa e de um

---

<sup>461</sup> LUSTOSA, Antônio de Almeida (Dom, arcebispo). **Carta Pastoral sobre o Alcoolismo**. Fortaleza: [s.n.], 1953, p. 5 e 6.

público essencialmente urbano uma realidade nova, fenômeno propulsor de uma profunda transformação na sociedade brasileira. A partir de então, o imaginário brasileiro vivenciaria um “deslumbramento de urbanidade” nunca antes visto, sendo a primeira vez na história do país que o mundo rural era sobrepujado como ideal de vida do brasileiro, sendo associado como “atrasado”, “velho” e “ultrapassado”. O ambiente citadino, então, ganha contornos de um mundo “novo”, “moderno” e “adiantado” (OLIVEIRA [L. L.], 2002).

Não obstante, muito intelectuais, incluindo a elite eclesiástica brasileira, pensavam o contrário, isto é, propunha uma idealização do camponês, do campo e de seu habitante como “testemunha da história”, como elemento de coesão nacional. Assim, o chamado “discurso romântico” tece uma distinção entre duas categorias do “popular”:

[...] o popular-rural, visto como positivo, e o popular-urbano, visto como negativo. Entre os intelectuais da ABL [Academia Brasileira de Letras] essa polarização é clara. A área rural, o interior do país, aparece como o espaço ideal para se desenvolver as pesquisas folclóricas. Lá estariam nossas tradições mais puras, nossas relações mais estreitas com o passado. Já nas cidades, observa-se justamente o contrário: a dispersão das energias nacionais, o abandono do passado (VELOSO, 2002, p. 190).

Como já demonstrei no Capítulo anterior, dom Aureliano defendia abertamente essa tese. Para ele, o campo era o lugar por excelência da “pureza” das tradições cristãs e a cidade, seu oposto, o espaço de sepultamento dessas tradições e o ambiente de proliferação dos “vícios” da modernidade. Entre os produtos acusados de alimentar esse “venenoso” estilo de vida citadino, destacava-se uma leva de discos e canções que ofendiam os “bons costumes” defendidos pela Igreja. A música “A Camisola do Dia” era uma delas, o que motivou a sua censura pelo bispo de Limoeiro. Composta por Herivelto Martins e David Nasser, em 1952, a letra diz o seguinte:

Amor, eu me lembro ainda/Era linda, muito linda/Um céu azul de organdi/A camisola do dia/Tão transparente e macia/Que eu dei de presente a ti/Tinha rendas de Sevilha/A pequena maravilha/Que o teu corpinho abrigava/E eu era o dono de tudo/Do divino conteúdo/Que a camisola ocultava/A camisola que um dia/Guardou a minha alegria/Desbotou, perdeu a cor/Abandonada no leito/Que nunca mais foi desfeito/Pelas vigílias de amor.<sup>462</sup>

---

<sup>462</sup> GONÇALVES, Nelson. **A camisola do dia**. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1953. 1 disco sonoro: lado B (3min17seg), 78rpm, estéreo, 05 pol.

Segundo Nicolau Sevcenko, foi no fim da década de 1920 que a música popular, notadamente de raiz nordestina, começou a projetar o rádio como instrumento preferido das massas no Brasil. Assim, “não foi o rádio que lançou a música popular, mas o contrário”: o sucesso da música popular alavancou a aceitação das emissoras radiofônicas. Depois, as “gravadoras se cruzaram com o potencial do rádio” e então a “grande mágica se deu” (1998, p. 593): surgia a indústria da música no país, cooptando a reboque a dança frenética da modernidade. Esse painel desencadearia profundas transformações na cultura urbana do Brasil, como aponta o caso da música censurada pelo bispo. Essa canção trata de um elemento do vestuário feminino não muito comum na atualidade. A camisola do dia era a peça do enxoval da noiva, utilizada por ela especialmente em sua primeira noite de casada, costume difundido “em várias regiões do Brasil entre o final do século XIX e a década de 1960”, constituindo-se, assim, “parte integrante do ritual de núpcias da sociedade cristã ocidental moderna” (CERQUEIRA e SANTOS, 2011, p. 305-6). Em Limoeiro, por se tratar de uma sociedade tradicional, fincada nos “bons costumes cristãos”, a peça de “estreia nupcial” era efetivamente difundida entre as “moças casadoiras”, ficando as mães das nubentes encarregadas de confeccioná-la ou de escolher a dedo uma costureira que faria a peça, orientada pela interessada.

Por tradição histórica, a camisola do dia constituía item obrigatório no enxoval de uma noiva. Na minha família, exceto eu que casei mais tarde, não só dos parentes mais próximos dos quais testemunhei, como de três irmãs, pude verificar a existência da referida peça, exclusivamente para a noite de núpcias.<sup>463</sup>

A depoente relata que a mãe se casou na década de 1930 e que levou um pequeno enxoval consigo, pois nenhuma mulher, por mais pobre que fosse, contraía núpcias sem algumas peças básicas que usaria na “nova vida de casada”. O costume de mandar fazer ou comprar a camisola do dia perdurou em Limoeiro mesmo nas décadas seguintes, até fins dos anos de 1970. Uma das irmãs da depoente se casou exatamente em 1971. Como já era funcionária pública e os pais não podiam “banciar o luxo como ela desejava”, a própria noiva comprou em uma “loja de requinte” o conjunto composto por camisola, calcinha e *desabíé*, pagando em muitas prestações que “quase não acabavam mais”. Em função disso, por representar uma “lembrança especial do amor” e

---

<sup>463</sup> OLIVEIRA, Maria Lenira de. Entrevista concedida via email em 18 de outubro de 2012.



mesmo pelo alto valor pago, essa senhora ainda guarda sua camisola do dia, como relíquia, lavando-a de tempos em tempos.

Como evocava um objeto que tinha sua dimensão prática presa à própria intimidade sexual do casal, considerada pela Igreja campo indevassável, espaço intocável por sua natureza, aquela música na voz rouca de Nelson Gonçalves podia fazer sucesso entre a boemia, nunca entre o clero. Ao menos desde a Idade Média, o tema da sexualidade humana sempre fora desconfortável para a Igreja, quase um campo minado. Em relação à mulher, a tradição católica consolidara o marianismo como modelo “esperado” para a esposa e a mãe. Por marianismo, aqui, entenda-se um “estereótipo derivado do culto católico feito à Virgem Maria” (ARY, 2000, p. 72), ou seja, a atribuição à devota católica do modelo de mulher “casta de alma”, espiritualmente “pura”, tal como teria sido Maria mãe de Jesus. Na América Latina e especialmente no Brasil, o marianismo foi assumido como um dos pilares do positivismo ortodoxo. Assim, transfigurava-se o culto mariano numa sacralização da feminilidade, atributo que deveria ser venerado e preservado diante de um mundo em degeneração. A mulher, nesse parâmetro, era o próprio “núcleo moral” da sociedade, cuja regeneração exigia, por isso mesmo, a manutenção da sacralidade feminina (HAHNER, 1978).

Assim, o comportamento sexual dos fiéis, e mesmo dos clérigos, fugia da esfera natural, dos impulsos biológicos, para ganhar dimensão espiritual, de consequências eternas. Ora, numa sociedade cristã que prezava os “bons costumes” e a moral católica – tal como a de Limoeiro do Norte de meados do século XX – algumas virtudes femininas eram cultivadas: o recato diante de estranhos, sobretudo de homens; a virgindade guardada como um “presente” para o marido, aquele com quem a mulher passaria o resto da vida, pois o divórcio ainda era inconcebível, e o pudor em palavras e ações, mesmo para com o esposo. Naquela sociedade, a camisola do dia apontava para um conjunto de simbologias do que se esperava do perfil da mulher cristã ideal, que se supunha conhecido por todos os católicos.

Como contrapartida da pureza e virgindade, esperava-se da noiva uma quase total ignorância com relação aos detalhes da vida sexual de uma esposa. Tratava-se de uma ignorância virtuosa, pois não se esperava de moças de boa índole que conhecessem os detalhes da vida conjugal. Muitas, portanto, casavam-se ainda bastante ingênuas – o pouco que sabiam eram coisas que ouviam, aqui ou ali,

entre mulheres da família ou entre colegas de escola (CERQUEIRA e SANTOS, 2011, p. 323).

Levando-se em conta que a mulher se entregava ao marido apenas na noite de núpcias, e que somente depois disso sabia o que realmente se passava numa alcova, a peça da camisola do dia funcionava como uma espécie de véu que, descortinado, rompia a inocência da mulher, preenchendo a expectativa do homem de que realmente se casara com uma “moça de família”. Essa “ignorância virtuosa” que se esperava da mulher católica explica, em grande medida, o motivo de o bispo ter ficado escandalizado com a canção, uma vez que a letra mencionava elementos – “divino conteúdo” e “vigílias de amor”, por exemplo, – que deveriam ficar guardados, escondidos no quarto do casal, pois eram “assunto de alcova” e não tema de música a ser executada em toda a cidade. Esse caso é exemplar da própria ambiguidade que marca a manipulação da sexualidade humana, na história da Igreja, ora valorizando-se a virgindade e o celibato, considerados formas “seguras” de “fugir do pecado”, ora estimando-se o matrimônio e a fidelidade conjugal como sacramentos e manifestações “corretas” de comunhão com o Criador. As ambivalências e contradições no trato da natureza carnal do ser humano, gestadas no seio da Igreja no decorrer dos séculos, teria desencadeado no homem ocidental aquilo que um médico francês chamou de “superego neurótico do cristão”:

L'angoisse du péché, le manque de confiance en notre propre nature, le mépris de notre corps et de ses instincts, construisent un surmoi névrotique qui est un écran opaque, inhibant toute créativité personnelle, rendant impossible toute relation vraie avec autrui, et empêchant de découvrir l'autre dans sa dimension profonde, dans sa destinée de sujet, dans sa spontanéité irréductible. Autrui n'est là que pour répondre à nos besoins et comme support à nos illusions (SOULIGNAC, 2012, p. 93).<sup>464</sup>

Assim, em função da angústia do pecado, do menosprezo ao corpo e da repressão do sexo, a Igreja é acusada por autores como Soulignac de ser a responsável pela formação de uma sociedade repleta de pessoas culpadas em assumir sua natureza, o que justificaria a instabilidade dos relacionamentos humanos modernos. No caso que estou analisando, até se admitia que

---

<sup>464</sup> Tradução livre: “A angústia do pecado, a falta de confiança em nossa própria natureza, o desprezo de nossos corpos e de seus instintos, desenvolvem um superego neurótico que é uma tela opaca, inibindo toda criatividade pessoal, tornando impossível qualquer relacionamento verdadeiro com os outros, e impedindo a descoberta do outro em sua dimensão mais profunda, em seu destino de sujeito, em sua espontaneidade irreduzível. O outro está lá somente para atender às nossas necessidades e como suporte de nossas ilusões”.

sexualidade e sedução fluíssem “por entre gazes, organzas, sedas, rendas, barras e bordados”, mas nunca por entre bocas e ouvidos da sociedade, muito menos divulgados abertamente numa canção. O recalque à sexualidade humana naquela sociedade tradicionalista exigia que as ações de alcova nascessem e morressem lá mesmo, ou seja, somente o casal podia comentar suas “vigílias de amor”, para usar a expressão da canção. A fofoca, o mexerico, o “falar sobre aquilo” eram silenciados pela confecção da peça nupcial, cujo uso legítimo “simbolicamente atestava que a mulher [observara] todos os cânones para chegar à sua primeira relação sexual” (CERQUEIRA e SANTOS, 2011, p. 325).

Nesse sentido, para dom Aureliano era inconcebível que as “boas moças de família”, criadas com esmero pela católica sociedade limoeirense, ouvissem uma “canção acintosa”, despertando nelas o interesse por assuntos que deveriam ser conhecidos somente depois do casamento. Vida conjugal, amor carnal, sexo eram temas secretos, guardados no “baú do silêncio social”. Nessa época, a intimidade do casal ainda era considerada um tipo de sacralidade que nenhum elemento da cultura (como a música e o cinema) poderia violar. Não sem despertar ira e reação da Igreja. Ao mandar censurar a canção, o prelado se colocava como um guardião que vigiava a sede da diocese contra os ataques da secularização do mundo moderno. Mesmo que incentivador da modernização do Vale em áreas como educação e saúde, o bispo repudiava a filha natural da modernidade, a secularização, pois percebia nela o momento histórico em que “a esfera pública passa a ser construída sem a chancela da esfera religiosa” (PAIVA, 2003, p. 24). Por isso, canções como “A camisola do Dia” provocam nele uma reação imediata no sentido de barrar ou mesmo reverter os efeitos desse viver pautado no mundanismo.

Dom Aureliano aparece como uma sentinela que vigiava a cidade contra as “invertidas do mal”, contra os “vícios da modernidade” ou os “atrativos do abismo”, segundo se depreende da fala dos depoentes que conviveram com ele ou que o conheceram bem. É o que fica explícito, por exemplo, na entrevista de Franklin Chaves à Universidade Federal do Ceará, em 1984. Segundo ele, nenhum projeto era arquitetado em Limoeiro sem que se consultasse o prelado, que deveria ao menos ser informado sobre o que os

“homens ilustres” estavam pensando para a cidade. E em meados da década de 1950, alguns desses senhores conceberam fundar um clube dançante, desejando ter se não a aprovação ao menos a certeza de que o pastor diocesano não moveria guerra declarada aos seus propósitos. Como sabiam que no quesito música/dança o representante da Igreja não daria sua aprovação facilmente, era preciso recorrer a um desejo em comum: o “progresso” da cidade.

Fundi também a Associação Cultural de Limoeiro do Norte porque eu achava que Limoeiro não tinha assim um clube, uma associação, uma espécie de sala de visitas, onde as pessoas chegassem e pudessem ser recebidas em sociedade. Então, convoquei uma porção de amigos e fizemos outra sociedade [além da Sociedade Pró-Educação Rural de Limoeiro], fundamos essa Associação.

**Dessa, o Sr. Bispo não gostou**, mas eu era muito amigo de Dom Aureliano Matos, muito amigo mesmo. Ele até me fez confidências de muitas coisas que eu até me admirava, quando ele vinha me consultar. **Dessa Associação ele não gostou e tal.**

Houve até uma particularidade muito interessante: uma noite ele nos convidou para uma reunião lá no Palácio e havia um sócio dessa sociedade muito interessado na fundação do clube, era o telegrafista Hercílio Costa. Então, ele estava mostrando as vantagens dessa sociedade, pá, pá, pá e tal: um clube para as moças dançarem, se educarem [em moldes modernos], adquirirem trajetos sociais, não sei mais o quê...

E o velho bispo muito calado. Mas, depois, ele disse: “Hercílio, se dança fosse progresso, Itapipoca era a capital da República. Fui vigário de Itapipoca e lá se dança em três ou quatro lugares da cidade, todo dia e toda noite [risos]. Se dança fosse progresso, repetiu ele, Itapipoca era para ser a capital da República”. Nunca mais me esqueci disso.

**Mas nós fundamos a Sociedade assim mesmo, apesar do bispo se opor. Mas ele não brigou conosco porque nós tínhamos feito um trabalho muito grande** pela construção do Seminário e também porque ele criou um Ginásio e nós contribuimos muito com tudo. Tudo nós fizemos, fomos até da Comissão do Bispado.<sup>465</sup>

Como se vê, para fundar um clube profano, onde as moças iriam dançar, houve por assim dizer uma negociação entre a elite e o bispo. Este, como era de se esperar, opunha-se a tal projeto, mas os “homens ilustres” estavam decididos a criar mais uma opção de entretenimento na cidade. E como eles sempre apoiaram logística e financeiramente os projetos diocesanos (como na fundação do Ginásio Diocesano e do Seminário Cura D’Ars), o prelado não teria como negar ao menos a autorização para a execução do projeto, que seria pomo de discórdia entre o clero e a sociedade no futuro. Como se percebe, dom Aureliano deu a permissão a contragosto, ou com desgosto, por

---

<sup>465</sup> CHAVES, Franklin Gondim. Entrevista ao Núcleo de Documentação Cultural (NUDOC) da Universidade Federal do Ceará, concedida em Fortaleza, em 21 de março de 1984 (Fita 02), grifos meus.

constatar que aquele clube seria uma fissura no tecido das cortinas do santuário da fé que ele concebera para a região. Suportar uma “casa de dança” em plena sede do bispado não estava nos planos do prelado que, tal como a elite eclesiástica em geral, não tolerava as “obscenidades dos tangos e requebros”:

A Igreja condena as dansas. É que há nas reuniões profanas desse gênero uma ocasião próxima de grandes desvios morais.

Daí o zelo dos curas dalmas [padres] em evitar que seu rebanho se extravie dos seguros caminhos do Evangelho.

[...] Não admira, pois... que os vigários e prelados católicos, em nossos dias, se insurjam contra os malefícios dessas manifestações de mundanismo.<sup>466</sup>

O fato de a cidade dispor de um lugar onde se poderia dançar é levantado por um dos sócios como justificativa e vantagem, “sinal de progresso urbano”. O bispo, ao contrário, via na dança um sinal de atraso, de desgraça, mencionando como exemplo a última cidade onde ele fora vigário, Itapipoca. Ora, a Igreja sempre viu a dança com ressalvas, e muito mais as vertentes “modernas”. O jornal divulgava constantemente campanhas de padres contra os “sapateios selvagens” e seus “abusos desavergonhados”. Chegavam mesmo a associar “fatos macabros”, tão ao gosto dos maledicentes, a avisos ou sinais que Deus estaria mandando, chamando o povo ao arrependimento:

Duas crianças, de sexos diversos, nasceram unidinhas tal qualmente os pares de dansas, as mãos direitas juntas e as esquerdas grudadas nas costas uma da outra. Só não nasceram dansando, porque nasceram mortas...

[...] Uns dizem que é um exemplo, pois naquelas paragens, **as dansas andavam muito infestadas**. [...] Assombrou de modo especial às senhoras gestantes. Mais ainda o horror invadiu os espíritos dos pais das recém-natas, que as fizeram sepultar imediatamente, no coração da mata.

Eu tenho pra mim que vai nisso uma lição. Deus quis zelar, mais uma vez, a campanha que o Vigário de São Francisco move às dansas... O bom padre age como homem de responsabilidade, firmado em princípios firmes e justos. [...] É certo que não se atinge aqui a dansa em si, mas nos seus **abusos desavergonhados**. A dansa nos forrós de lamparina, tangidos pelas gargalhadas loucas da sanfona, aos pulos nervosos dos dançantes ‘bribados’, a dansa em ambientes [tais...] **estraga os bons costumes, desvirtua a honestidade**. [...]

O vigário de S. Francisco não dá trégua aos **sapateios selvagens** de certos paroquianos. Faz muito bem. É aguentar firme e duro com eles.<sup>467</sup>

É curioso que esse assombro dos natimortos se deu exatamente na região onde nasceu o bispo de Limoeiro, nos limites de Pentecostes (onde ele também foi pároco), na então paróquia de São Francisco, correspondendo,

---

<sup>466</sup> O Nordeste, 19 de fevereiro de 1944, p. 3.

<sup>467</sup> O Nordeste, 17 de agosto de 1943, p. 6. Grifos meus.

hoje, à cidade de Itapajé, terra natal de dom Aureliano. Se os vigários da região empreendiam campanhas contra as “danças desavergonhadas” supõe-se que o prelado trouxe de lá essa mentalidade, na verdade uma opinião consensual entre o clero cearense. E, de fato, processando-se concomitante ao “culto ao corpo”, à exaltação aos esportes, a dança moderna viria quebrar o paradigma do modelo tradicional, cortês e delicado. Instituíam-se a ditadura do movimento, o paradigma da ação:

A dança que surge para empolgar o panorama cultural do século XX é baseada no ritmo pulsante, sincopado, frenético, de base negra, cigana ou latina e o que é buscado nela é um estado de completo abandono, excitação e euforia extática. [...] Há um consenso entre vários pesquisadores quanto ao fato de que foi a atmosfera tensa, gerada pela Primeira Guerra Mundial, que deu o impulso decisivo para a dança baseada em ritmos frenéticos tornar-se uma das atividades simbólicas preponderantes da vida social (SEVCENKO, 1998, p. 593-4).

A elite de Limoeiro queria exatamente esse moderno paradigma da ação, da dança frenética, dos “sapateios selvagens”, confrontando assim o discurso da Igreja que, por sua vez, impregnava a dança de sinônimos como loucura, obscenidade e vício.<sup>468</sup> Por ironia, o clube dançante Associação Cultural de Limoeiro do Norte (ACLN) surgiria em 1955 tomando como sede o prédio reformado daquela que fora anos antes a casa do padre Acelino Viana Arrais.<sup>469</sup> Quando chegou a Limoeiro, o padre Acelino fez amizade com o mestre de obras José Sombra,<sup>470</sup> a quem encomendou uma bela casa no centro da cidade, que chamava à atenção da população pela profusão de frisos e detalhes da fachada. Com a renúncia do padre, que passou a residir na zona rural, a casa foi desocupada em 1922. A partir de então, passou a sediar uma série de instituições, nesta ordem: Escolas Reunidas (1922-1936); Prefeitura Municipal (1936-1938), que comprara a casa; Educandário Padre Anchieta (1938-1941); Cine Brasil, o primeiro cinema falado de Limoeiro, que depois virou Cine Limoeiro (1942-1955). A partir de 1955, a casa sofreria o que um memorialista chama de “mutilações” e “descaracterizações” para abrigar o

---

<sup>468</sup> O jornal menciona citações atribuídas a Cícero e a E. S. Basílio, a saber, respectivamente: “Não dança senão quem está bebedor ou louco de todo; a dança encerra em si todos os vícios” e “A dança é o tráfico vergonhoso das obscenidades”. *O Nordeste*, 17 de agosto de 1943, p. 6.

<sup>469</sup> Acelino Viana Arrais nasceu em Jucás (CE), em 02 de março de 1882, e faleceu em Fortaleza (CE), em 21 de março de 1931. Paroquiou Limoeiro durante quatorze anos (1908-1922), afastado “por interferência de políticos influentes, adversários do Vigário”. Cf. BESSA, 1998, p. 82-3.

<sup>470</sup> José Ferreira Sombra nasceu no Sítio Botão, a cinco quilômetros de Limoeiro, em 04 de janeiro de 1875, e faleceu em Russas (CE), em 19 de março de 1938. Para um perfil biográfico, ver: SOMBRA, Waldy. **Mestre José Sombra: vida e época**. Edição do Autor, 1994.

serviço de autofalante, a pista de dança e o bar do clube profano (SOMBRA, 1994). Para outro memorialista, o prédio teria sido doado pela Câmara de Vereadores para a ACLN em 12 de janeiro de 1955, numa “votação suspeita” (LIMA [L. O.], 1996, p. 405).

O Sr. Alfredo Montenegro, então secretário da Fazenda do Estado, ao passar por Limoeiro em junho de 1955, visitou as obras e expressou sua opinião sobre o empreendimento, “mostrando-se entusiasmado com a finalidade e o plano arquitetônico do conjunto da Associação”.<sup>471</sup> Em 02 de agosto daquele mesmo ano, o correspondente de *O Nordeste* anunciava que a ACLN iniciava “seus programas de cunho cultural”.<sup>472</sup> O “cultural” que o nome do clube ostentava era um conceito amplo, envolvendo literatura culta e popular, oratória e também a música sertaneja da época. A ACLN também funcionava como um “clube social”, como a “sala de visitas” de que falou Franklin Chaves. Na segunda metade de década de 1950, foi comum a realização de coquetéis de recepção ou homenagem a personalidades que chegavam ou mesmo que já residiam na cidade.<sup>473</sup>

Como o tabernáculo de dom Aureliano previa guardar especialmente a sede do bispado de “infiltrações do mundanismo”, pode-se considerar a fundação da Associação Cultural de Limoeiro uma “concessão” do bispo à elite que vinha financiando seus projetos. A tônica, todavia, era manter as cortinas cerradas em volta do Vale, preservando-o de influências maléficas da modernidade. Para isso, fazia-se necessário uma vigilância sobre os costumes sociais que, a exemplo da música e da dança, ofereciam maior resistência ao cerceamento e ao controle episcopal. Efetivamente, dom Aureliano conseguiu proibir a execução pública de uma música considerada “indecente”, mas não pôde evitar que um clube de dança se instalasse a dois quarteirões do seu trono. Esse fato vem corroborar minha hipótese de que o prelado e a elite

---

<sup>471</sup> *O Nordeste*, 25 de junho de 1955, p. 4.

<sup>472</sup> Programação da inauguração: “noitada de variados números”, destacando-se declamação de poesia; palestra sobre “O Ensino em Limoeiro do Norte” e, fechando a noite, “um ‘show’ do sanfoneiro Zé Lustosa e seu conjunto, tendo recitado também belas poesias matutas da sua autoria”. *O Nordeste*, 02 de agosto de 1955, p. 5.

<sup>473</sup> O jornal menciona uma recepção dessas. No dia 15 de junho de 1959, “num ambiente de alta distinção”, foi oferecido, “em meio à maior cordialidade”, um coquetel ao tenente delegado José Camilo Filho e ao odontólogo José Maia de Freitas, e às suas respectivas esposas. *O Nordeste*, 25 de junho de 1959, p. 4.

limoeirense começaram a “jornada da fuga do labirinto” compartilhando o mesmo projeto para a cidade (década de 1940), mas que, em certo momento (meados dos anos de 1950) começaram a divergir, culminando numa ruptura que se efetivaria no decorrer da década de 1960, conforme se verá adiante.

### 3.1.4 O melhor prefeito da história

Como se disse, a figura de dom Aureliano foge, muitas vezes, dos limites do real para ganhar contornos de mito. Essa esfera mitológica perpassa não somente a biografia do prelado, dentre a qual se destaca o estudo de Malveira (1998), mas também foi verificada entre os depoimentos coletados. Há quem reconheça que a dramaticidade da censura à canção “A camisola do dia” só se processou daquela forma porque “quem mandava na cidade era o bispo”.<sup>474</sup> Por ser uma autoridade de incontestável poder, o “príncipe da Igreja” tinha respaldo para cercear a execução de uma canção e ninguém teria coragem de questioná-lo por isso.

Não quero dizer que Dom Aureliano era autoritário porque esse termo é pejorativo, mas ele tinha uma autoridade tal que quando falava, todo mundo atendia, obedecia mesmo. Era uma figura extraordinária, extraordinária. Ele preencheu todos os requisitos exigidos de um bispo.<sup>475</sup>

Para o depoente, o poder episcopal que deitava sua abrangência mesmo em elementos do cotidiano não tinha sua razão de ser somente na instituição da Igreja, que delegava e justificava aquele poder, mas na própria personalidade do antístite, pois ele acredita que a autoridade emanava de dom Aureliano como “algo natural”, como se ele tivesse nascido com o dom de “apascentar o rebanho do Senhor”.

Dom Aureliano era uma pessoa muito séria, respeitado e respeitável. Então, vamos dizer assim, ele tomou a frente [do projeto de desenvolvimento de Limoeiro] e foi chefiando as coisas. [Mas], ele não se envolvia em política [partidária].<sup>476</sup>

Segundo essa depoente, a autoridade do prelado emanava em função do cargo que ocupava, mas muito em razão de seu caráter sério e apartidário e

---

<sup>474</sup> PINHEIRO, Francisco Irajá. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 29 de outubro de 2010.

<sup>475</sup> NUNES, Antônio Pergentino. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 04 de setembro de 2010.

<sup>476</sup> FREITAS, Maria das Dores Vidal. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 18 de fevereiro de 2012.



de sua vontade de “elevant” Limoeiro à categoria de cidade desenvolvida. Não obstante, outro depoente sinalizou para o fato de que nada disso seria importante se o próprio bispo não exercesse um exemplo vivo e contundente naquela sociedade, um modelo de vida religiosa para todos:

Além de ter sido um bispo empreendedor e virtuoso, ele era um exemplo para o clero, um modelo para os seminaristas e para toda a sociedade. Lembro-me que os padres holandeses sempre mandavam, sempre recomendavam que a gente se mirasse em Dom Aureliano, tido e havido, merecidamente, como um sacerdote que eu diria perfeito, em minha opinião.<sup>477</sup>

O próprio clérigo, reafirmando as palavras de Pio XII, diria que não havia “outra salvação para a humanidade fora da reconstrução do mundo seguindo o espírito cristão”.<sup>478</sup> Em razão de tudo isso, por ter assumido essa postura em sua diocese, sem abrir mão de criar na sede uma estrutura urbanística compatível com uma cidade que primava pelo desenvolvimento humano, dom Aureliano recebe do povo limoeirense, especialmente, recorrentes demonstrações de gratidão e apreço:

Para a cidade de Limoeiro, ele foi muito mais do que um prefeito, e dos melhores. O que ele fez na cidade no setor de saúde, de educação e mesmo na atuação pastoral a diocese jamais esquecerá. Tanto que o povo de Limoeiro, da diocese toda, mas especialmente de Limoeiro, tem uma gratidão muito grande pelas obras que ele realizou lá.<sup>479</sup>

Em razão disso, de ter fundado instituições modernizadoras, o bispo acabou recebendo de seu povo o epíteto de “o melhor prefeito que Limoeiro já teve”. Não obstante a incongruência, já que ele nunca assumiu cargo político nenhum, muito menos o de prefeito, aos olhos do povo, o bispo fez mais do que qualquer gestor executivo faria, se “tomasse a peito” ser o que todo prefeito deveria ser, um excelente administrador. Ao tomar para si algumas das “obrigações dos prefeitos”, e tendo em vista a suporta inoperância dos efetivos, o bispo conseguiu a confiança do povo, que passou a considerá-lo não somente o “pastor do rebanho”, mas também o “melhor administrador da história”. Alguém que, por assim dizer, era um “político apolítico” que não precisava prometer porque efetivamente realizava o bem comum:

---

<sup>477</sup> MAIA FILHO, Napoleão Nunes. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 06 de janeiro de 2011.

<sup>478</sup> MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **Carta Pastoral (quarta)**: Comunicando aos seus diocesanos a realização, de 4 a 8 de dezembro de 1954, do Primeiro Congresso Eucarístico Diocesano, comemorando o Centenário do dogma da Imaculada Conceição e em preparação ao Congresso Eucarístico Internacional de 1955. Fortaleza: [s.n.], 1954, p. 7.

<sup>479</sup> CRUZ, Dom Manuel Edmilson da (Bispo). Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 17 de outubro de 2009.

Eu acho que Limoeiro é o que é, hoje, em virtude da atuação de Dom Aureliano. Ele era um verdadeiro estadista. **Ele fez Limoeiro** ao construir o Ginásio, o Patronato, o Liceu, o Seminário, a Rádio Educadora... A partir de tudo isso, acredito eu, ao menos três gerações de limoeirenses se formaram com excelente educação.

Ainda hoje a cidade de Limoeiro se destaca em todo o Ceará, não somente no Vale do Jaguaribe, por ter uma série de juristas, poetas, muitos poetas... Em minha opinião, **tudo isso se deve ao rumo que Dom Aureliano traçou para Limoeiro**. Eu tenho uma admiração enorme por ele.<sup>480</sup>

Segundo o depoente, é evidente que o bispo tinha um projeto para a sede da diocese (o “rumo que dom Aureliano traçou para Limoeiro”) e que, afinal, o prelado conseguiu o seu intento (“ele ‘fez’ Limoeiro”) ao fundar nela o conjunto de instituições compatível com uma cidade desenvolvida e modernizada. Essa função, que seria “trabalho” dos prefeitos, dos estadistas, coube, na verdade, a um “príncipe da Igreja” quando dele se deveria esperar, no máximo, uma preocupação exclusiva ou preponderante com a vida eterna de suas “ovelhas”. Todavia, nessa fala, o prelado vai além e não se conforma apenas em mostrar ao rebanho o caminho do porvir, também limpa e ornamenta o caminho terreal por onde as ovelhas deveriam trilhar. Nessa visão, dom Aureliano é o herói-fundador da Limoeiro modernizada. O fato de ter “feito” Limoeiro, ou seja, de ter fundado na municipalidade instituições que a modernizaram em áreas como educação e saúde, dá ao representante do papa o direito de ser chamado de “dono da cidade”. Ou, como outro depoente prefere: “Para ser franco, eu diria que Dom Aureliano é o pai de Limoeiro; se não fosse ele, o município não seria a pujança que é hoje”.<sup>481</sup> Foi o bispo, e não o prefeito ou os vereadores – as autoridades responsáveis pela gestão do bem comum – que gestou condições para a urbe transmutar-se de um centro urbano acanhado e inexpressivo, praticamente uma vila cuja população ainda amargava alta taxa de analfabetismo até 1938, em uma cidade interiorana modernizada e atraente, com um povo educado e amante da cultura.

A despeito de ter recebido o título de “melhor prefeito de Limoeiro”, os depoentes reconhecem que o bispo vivia acima da “política torta” que dirigia a postura dos administradores da cidade. Ninguém sabia em quem o prelado votava, pois ele conscientemente se mantinha longe dos partidos políticos. Diz

---

<sup>480</sup> MAIA, Virgílio Nunes. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 26 de fevereiro de 2011. Grifos meus.

<sup>481</sup> MAIA FILHO, Napoleão Nunes. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 06 de janeiro de 2011.

uma depoente: “Sempre que eu perguntava a minha madrinha [Judite Saraiva, líder política na cidade]: ‘De que partido é Dom Aureliano?’, a resposta era a mesma: ele não se envolvia e não deixava transparecer preferência por partido algum”.<sup>482</sup> O bispo “reinava” acima dos partidos e dos políticos da cidade, quase sempre envolvidos em escaramuças e disputas “politiqueiras”. Os períodos de eleição, então, acirravam os ânimos, pois mandonismo e clientelismo ditavam o fazer política no sertão. Acredito, como José Murilo de Carvalho (1997), que o coronelismo, como sistema, “morreu” nos anos de 1930, em todo o Brasil, mas persistiram aqueles atributos, ou seja, formas autoritárias e fisiologistas de se conduzirem os cidadãos. Por mandonismo, entende-se a manutenção de “estruturas oligárquicas e personalizadas de poder” e, por clientelismo, a relação tecida entre atores políticos, envolvendo a “concessão de benefícios públicos”, sejam empregos, amortizações fiscais, isenções, que são usados como moeda de troca para obter apoio e voto (CARVALHO [J. M.], 1997).

Em Limoeiro, estruturas criadas pelo Governo Federal para socorrer a massa de famintos e flagelados em períodos de seca, tais como a CAN (Comissão de Abastecimento do Nordeste), foram apropriadas pelos políticos e usadas para fins eleitoreiros, numa clara demonstração de mandonismo e clientelismo. Uma das remessas de gêneros alimentícios teria sido escondida pelo prefeito para “trocar” por votos, mas gerou revolta na população, que acabou arrombando e saqueando o armazém.<sup>483</sup> Esse episódio é considerado por Maurilo Freitas<sup>484</sup> como um dos elementos fundamentais para a queda da hegemonia política da família Chaves no comando da sede do bispado jaguaribano. A derrota nas eleições de 1954, quando Jaime Leonel (PSD) é fragorosamente vencido por Sabino Roberto de Freitas (UDN), com mais de mil e cem votos de diferença, é o ápice da troca de mandatários. Saem os Chaves, os pessedistas, os “cartorários” (ou os “donos de cartório”) e entram os Oliveira, os undenistas, os “coronéis da carnaúba”, assim chamados por terem

---

<sup>482</sup> FREITAS, Maria das Dores Vidal. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 18 de fevereiro de 2012.

<sup>483</sup> *O Nordeste*, 12 de março de 1953, p. 5.

<sup>484</sup> FREITAS, Maurilo. **História política de Limoeiro do Norte**. In: <http://maurilofreitas.blogspot.com.br>. Visualizado em 21 de janeiro de 2015.

amealhado riqueza com a cera da carnaubeira, rica fonte de economia do sertão nas primeiras décadas do século XX.<sup>485</sup>

Dom Aureliano, ao contrário, não teria se utilizado do mandonismo, mas da autoridade que recebera da Igreja, nem do clientelismo, já que não apoiava nenhum partido ou candidato. Seu prestígio e sua desenvoltura em transitar entre as diversas instituições e mesmo entre os diversos governos lhe conferia um poder paralelo ou acima das formas profanas. Não obstante, o prelado recebeu o estigma de ter atuado na política, isto é, na “construção da *polis*”, muito mais intensamente do que os políticos propriamente ditos da época. Sua atuação pastoral na “seara das almas”, como pastor guiando um rebanho ao “redil eterno”, é uma faceta quase sempre “esquecida”, recordada apenas por representantes da Igreja, como o atual bispo dom José Haring.<sup>486</sup> Em razão de sua efetiva atuação social e de seu caráter reservado e taciturno, a imagem que se consolidou do prelado foi a de um homem ético e de postura moral ilibada, constituindo o perfil acabado do político honesto, do prefeito ideal para “tirar uma cidade do atraso”. O memorialista Lauro de Oliveira Lima acredita que, diante de tantas realizações que promoveram uma “profunda revolução” na cidade, o primeiro bispo “foi o grande administrador do município de Limoeiro, depois de quase um século de omissão, incompetência e corrupção de intendentes e prefeitos!” (1997, p. 367). A fala dos depoentes corrobora essa ideia e confirma que Limoeiro não seria a cidade desenvolvida que de fato é sem seu “criador”.

A despeito de tudo o que poderiam fazer e não fizeram, ou fizeram mal, um olhar atento sobre a atuação dos prefeitos de Limoeiro, ao menos na década de 1950, questiona o mito de que os administradores municipais nada

---

<sup>485</sup> Para uma análise histórica do ciclo da cera de carnaúba e de sua permanência no município de Limoeiro do Norte, ver: VARELA, Ângelo Felipe Castro. **Instituições prevaletentes, tradição e persistência no extrativismo da cera de carnaúba em Limoeiro do Norte**. Natal, 2001.

<sup>486</sup> Diz o bispo: “Acho que isso não está certo, não. Que ele fez tudo isso é verdade! Mas a motivação era diferente, uma motivação cristã que veio do Evangelho, a partir de Jesus Cristo, de servir as famílias, os doentes, os jovens e assim por diante. E não simplesmente de criar uma obra. Muitas vezes, hoje em dia, não se veem as raízes que levaram D. Aureliano a fazer isso. Então se apaga um pouquinho a visão dele: foi só político. Mas ele era um homem da Igreja, homem do Evangelho e por isso, por amor às pessoas, ele criou todas essas obras. Graças a Deus que ele fez disso uma benção muito grande para a diocese e para a região toda”. HARING, Dom José (Bispo). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 02 de outubro de 2010.

realizaram e que tudo se deve ao bispo.<sup>487</sup> Ainda no final de 1949, o então prefeito Estevam Remígio de Freitas inaugurava a barragem da Lagoa Salinas, a nove quilômetros do centro urbano, onde moravam muitas famílias.<sup>488</sup> Dias depois, em 06 de janeiro de 1950, o mesmo político inaugurava telefones nos sítios Botão e Arraial,<sup>489</sup> nos arredores da cidade, provendo os moradores da zona suburbana de um invento da modernidade, algo que, em cidades vizinhas, só apareceria três décadas depois. A passagem do deputado federal Raul Barbosa por Limoeiro, ainda em janeiro de 1950, também elucida que os políticos votados na cidade retornavam ao município, mesmo que fosse a busca da reeleição.<sup>490</sup> Foi também durante uma visita do mesmo Raul Barbosa, já governador do Estado, que se inaugurou, em 10 de junho de 1951, o serviço de água encanada de Limoeiro.<sup>491</sup> No ano seguinte, o prefeito Francisco Nonato Freire inauguraria o novo campo de pouso da cidade, que dois aviadores do Aéreo Clube do Ceará consideraram “o melhor do interior cearense”. Para executar essa obra, a municipalidade “contou com o apoio financeiro do comércio limoeirense”,<sup>492</sup> o que demonstra que a elite não comprava somente os projetos do senhor bispo, mas também os do administrador municipal, quando era conveniente. Aquele prefeito fechou sua administração inaugurando cinco escolas em diversas localidades rurais do município.<sup>493</sup>

Também a elite de Limoeiro concebia, executava e favorecia projetos de instituições que favoreciam o desenvolvimento da cidade. Foi o caso do comerciante Mário de Oliveira Lima, que construiu um “modelar estabelecimento hospitalar” para que o filho Antônio Fernandes de Oliveira,

---

<sup>487</sup> As obras que os políticos inauguravam com grande publicidade, quase sempre para garantir a perpetuação do voto, também alcançavam notoriedade entre o povo. Foi assim que, em outubro de 1952, o governador Raul Barbosa vem a Limoeiro para inaugurar um posto de saúde e um projeto de irrigação por meio de bombas, levando o jornalista a desejar que essas obras não ficassem “apenas na festa de inauguração”. Cobrava-se, assim, para que o povo se interessasse para que “os melhoramentos que lhe são oferecidos não sejam passageiros e transitórios, como acontece via de regra”. *O Nordeste*, 03 de outubro de 1952, p. 3.

<sup>488</sup> *O Nordeste*, 03 de janeiro de 1950, p. 5.

<sup>489</sup> *O Nordeste*, 14 de janeiro de 1950, p. 8.

<sup>490</sup> Para o jornal, esses políticos eram os agentes de “grandes realizações em pleno andamento em Limoeiro, todas elas já contando com vultoso auxílio federal, graças ao trabalho pertinaz e profícuo do seu ilustre representante”. *O Nordeste*, 25 de janeiro de 1950, p. 4.

<sup>491</sup> *O Nordeste*, 09 de junho e 11 de junho de 1951, p. 8 e p. 3, respectivamente.

<sup>492</sup> *O Nordeste*, 28 de janeiro de 1952, p. 3.

<sup>493</sup> *O Nordeste*, 26 de março de 1955, p. 8 e p. 7.

recém-formado em Medicina, pudesse clinicar.<sup>494</sup> Na verdade, a chamada Casa de Saúde Santo Antônio era uma clínica particular cujo dono era um dos “grandes homens” de Limoeiro, também interessado em que a cidade sepultasse seu passado de vila inexpressiva. Também a classe menos favorecida contribuía para isso. Foi o caso de dois rapazes, José Holanda Maia e Valdivino Maia, que, não obstante carentes de recursos, montaram em Limoeiro a primeira oficina diesel do Vale do Jaguaribe, para reparo, sobretudo, dos motores utilizados na irrigação.<sup>495</sup> Outra iniciativa particular de grande impacto na sede jaguaribana foi a criação da Rádio Vale do Jaguaribe, concebida pelo empresário Gerardo Lucena de Oliveira, sobre a qual falarei páginas adiante.

Não obstante a aplicação inapropriada do título de “melhor prefeito” a quem nunca exerceu cargo eletivo, o bispo dom Aureliano foi reconhecido pelos próprios políticos como um “homem que trabalhou pelo bem de Limoeiro”. Isso se deu no final da década de 1950, quando houve um reconhecimento oficial da ação pastoral do bispo (interpretada como *práxis* política) promovido pela própria Câmara Municipal de Limoeiro, mediante concessão do título de “cidadão limoeirense”, proposto pelo vereador José Honorato de Lima (PTB).<sup>496</sup> A ata dessa sessão foi encontrada na Câmara Municipal de Limoeiro.<sup>497</sup> Esses documentos confirmam que a classe política e

---

<sup>494</sup> *O Nordeste*, 17 de abril de 1954, p. 8.

<sup>495</sup> Segundo o jornal, eles “tinham a seu favor uma vontade inquebrantável, dessas que arrancam sorte das mais inesperadas circunstâncias” e, em decorrência disso, em “sua mãos repousa a tranquilidade de dezenas e dezenas de agricultores que lidam com motores a óleo”. *O Nordeste*, 14 de março de 1955, p. 4.

<sup>496</sup> Teor do requerimento: “Tendo em vista os **inestimáveis benefícios que Limoeiro do Norte tem usufruído** com a atuação de S. Excia. Rvma. DOM AURELIANO MATOS, à frente da nossa Diocese desde a sua fundação em 29 de setembro de 1940, **pioneiro do nosso desenvolvimento e progresso em vários setores assistenciais**, quer na instrução com a fundação do Ginásio Diocesano Padre Anchieta, Seminário Cura D’Ars, Patronato Santo Antônio, quer na saúde pública com a criação da Maternidade São Raimundo e Casa de Saúde São José, cujos **benefícios imensos proporcionados à nossa população** não existem palavras suficientes para exaltar, além de outras atividades morais e espirituais que Limoeiro do Norte sempre tem contado valioso apoio e visão do nosso venerando Pastor, venho requerer aos meus dignos pares seja concedido à S. Excia. Rvma. DOM AURELIANO MATOS, o título de CIDADÃO LIMOIRENSE em homenagem à S. Excia. e em reconhecimento do que Limoeiro do Norte deve à S. Excia. pelo seu progresso e desenvolvimento”. Requerimento datado de 25 de maio de 1959, assinado pelo vereador José Honorato de Lima. Texto publicado em *O Nordeste*, 29 de maio de 1959, p. 8. Grifos meus.

<sup>497</sup> Teor da ata: “Aos dezesete dias do mês de junho do ano de mil novecentos e cinquenta e nove [1959], no salão nobre da Comarca Municipal de Limoeiro do Norte, com a presença do Exmo. Sr. Bispo Diocesano de Limoeiro do Norte, Dom Aureliano Matos, do representante do Sr. Prefeito Municipal, Dr. José Simões dos Santos, do Sr. Valderilo Holanda Oliveira,

a elite econômica de Limoeiro do Norte consideravam seu bispo o “pioneiro do desenvolvimento e do progresso”, o “apóstolo número um do bem da diocese”, uma espécie de “Dédalo da Igreja” que trouxe “benefícios imensos” ao povo, que o ensinou a sonhar, a voar, a sair do labirinto, a ter melhores condições de vida. Importantes autoridades do município se fizeram presentes à sessão de honra ao “venerando pastor”, além dos párocos de várias cidades da diocese. O prelado recebeu a homenagem “com emoção” e se comportou com desenvoltura entre os políticos, como sempre. Todavia, em sua fala de agradecimento fica explícito que o progresso almejado pelo bispo não era somente o social, mas também o religioso, ou seja, ele lembrou que sua ação era pastoral, sob a tutela da Igreja, acima de tudo. Em suma, o prelado reconhecia que tudo o que fizera fora para manter a hegemonia de uma instituição que “velava sobre as almas”.

Assim, o título de “melhor prefeito de Limoeiro” não corresponde à verdadeira feição histórica do homem dom Aureliano Matos. Esse epíteto se

---

presidente do Legislativo, vereadores, padre Konings, Reitor do Seminário, do Padre Francisco Assis Pitombeira, Diretor do Ginásio Diocesano, do Sr. Cândido Gadelha, Coletor Federal, dos Srs. João Nogueira Sobrinho e Jaime Leonel Chaves, notários públicos, dos revmos. Padres Heitor Montenegro, vigário de Jaguaratama, Pompeu Bessa, vigário de Jaguaribe, Luiz Gonzaga Xavier, vigário de Alto Santo, Manoel Diomedes de Carvalho, vigário de Iracema, dos padres Misael Alves de Sousa, Mariano Matos, José Falcão Freire, Marcondes Cavalcante e sacerdotes do Seminário, do maestro Odílio Silva, de representações dos Colégios da cidade e entidades de classes e religiosas, de ilustres famílias locais, realizou-se a solenidade de entrega do diploma de “Cidadão Limoeirense” ao Exmo. Revmo. Sr. Bispo Diocesano Dom Aureliano Matos, cujo programa teve o seguinte cumprimento, como autor do requerimento da denominação honorífica, falou o vereador José Honorato de Lima, sendo muito aplaudido. A seguir foi entregue a sua Excia. revma. Dom Aureliano Matos, pelo Presidente da Câmara, o diploma de “Cidadão Limoeirense”. Discursou em seguida o Sr. Meton Maia e Silva, representando o Exmo. Sr. Prefeito Municipal, Dr. José Simões dos Santos, sendo suas palavras bastante aplaudidas. O Sr. Francisco de Andrade Maia, como circulista residente na zona rural, expressou o seu contentamento por tão brilhante acontecimento para a terra limoeirense. Encerrando a solenidade com a sua fácil e empolgante palavra discursou Sua Excia. Revma. Dom Aureliano Matos, portador de excepcionais virtudes morais e espirituais, **apóstolo número um do Bem de nossa Diocese**. O homenageado dissertou sobre importantes problemas do baixo e médio Jaguaribe, cuja região de tão fértil apaixonou o coração de sua Excia. Moldado na sua simplicidade, sua Excia. agradeceu com viva emoção o honroso título de Cidadão Limoeirense à Câmara Municipal e ao Excia. Sr. Prefeito Municipal, bem como a todos aqueles que ao seu lado têm cooperado pelo progresso sócio-religioso de Limoeiro do Norte e da sua Diocese. A solenidade foi encerrada com o Hino Nacional cantado pelos presentes. Em tempo: Também compareceu à sessão o tenente José Camilo Filho, Delegado Especial em Limoeiro do Norte e o vereador José Honorato de Lima solicitou a Casa que se consignasse em ata um voto de louvor pela passagem hoje do septuagésimo aniversário natalício de Dom Aureliano Matos. Nada mais havendo a tratar, eu, Valdeci Saraiva Guimarães, secretário *ad hoc* lavrei a presente para a memória desta sessão”. CÂMARA MUNICIPAL DE LIMOEIRO DO NORTE. **Livro de Atas de Sessões**, de 21/09/1953 a 27/03/1962, p. 166f/v e 167f/v. Grifo meu.

explica como coturno do processo de mitificação pelo qual passou o antístite, reconhecidamente depois de seu falecimento, em 1967. O prelado efetivamente trouxe desenvolvimento urbanístico para sua sede diocesana, mas a elite e mesmo o povo limoeirenses trabalharam por ele, já que sempre “gostaram” de tecnologias e novidades. Enfim, a modernização de Limoeiro foi um valor almejado por todos, uma forma de neutralizar o secular isolamento da cidade. Atribuir a construção desse fenômeno a um único homem, como sendo ele o exclusivo “criador” de obras progressistas, destituiria a história do povo limoeirense de seu caráter social, algo impossível, pois, como diz Agnes Heller (1989), a “história é a substância da sociedade” e a “sociedade não dispõe de nenhuma substância além do homem” (HELLER, 1989, p. 2). Sendo o ser humano um animal social, somente em interação com seus semelhantes ele se torna portador daquilo que os estudiosos chamam de “objetividade social”. Ou seja: o homem só se faz homem interagindo com outros homens.

### **3.2 A fé que atrai multidões: realizações do bispo para manter a hegemonia do catolicismo**

Como se disse, dom Aureliano Matos muniu-se do tear da autoridade e dos fios da idealização do campo e da tradição da região, fios tingidos pela cosmovisão católica, para tramar as cortinas do “tabernáculo da fé”. Depois de buriladas pelo bispo, e cerradas, o Vale do Jaguaribe, e mui especialmente a sede Limoeiro, deveria experimentar momentos de desenvolvimento social, mas sem abrir mão da religião e dos “bons costumes” católicos, fincados desde que os colonizadores resolveram que o Siará Grande merecia povoamento. Enfim, a sociedade jaguaribana poderia se manter “fechada e paternalista”, para usar as palavras do prelado,<sup>498</sup> sem intrusões severas da modernidade secularista e mundana. Assim, durante os anos de 1950 o bispo jaguaribano manteria o Vale firmado na hegemonia da fé católica. Depoentes afirmam que

---

<sup>498</sup> MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **Carta Pastoral (quinta)**: A presença da Igreja na atual transformação econômico-social do Vale jaguaribano. Fortaleza: [s.n.], 1965, p. 5. Diz dom Aureliano: “A transição de uma sociedade fechada e paternalista para uma sociedade aberta e pluralista irá exigir de nós uma nova orientação pastoral”. Esse documento será analisado mais detalhadamente no Capítulo 4.



a religiosidade teria sido a marca indelével desse decênio,<sup>499</sup> seja pela presença vigorosa do Seminário Cura D'Ars, com os seminaristas desfilando pelas ruas,<sup>500</sup> seja pela realização de importantes eventos que impactaram grandemente o povo.<sup>501</sup> Com essas “demonstrações públicas de fé”, o bispo intentava exatamente “reavivar” e manter acesa a chama do catolicismo. Nesse sentido, quatro eventos foram fundamentais nessa década, a saber: a Semana Eucarística, encerrando o Ano Santo de 1950; a passagem da Virgem Peregrina de Fátima pela região (1953); o Congresso Eucarístico Diocesano em Homenagem ao Centenário da Proclamação do Dogma da Imaculada Conceição (1954), realizado na sede do bispado, e o Congresso das Vocações Sacerdotais em Jaguaruana (1959).

Celebrações religiosas já despontaram desde o início da década, decretado que foi, pelo papa, 1950 como Ano Santo. Para dom Aureliano foi também um período tumultuado, sobretudo em função das enchentes que arrasaram o Vale do Jaguaribe e de sua viagem a Roma, chefiando a caravana de peregrinos cearenses, como se viu. Para fechar dignamente aquele ano, pontuado de celebrações em todo o mundo católico, o prelado resolveu promover uma Semana Eucarística, na sede diocesana, realizada efetivamente entre 17 e 24 de dezembro de 1950. Foram criadas comissões para melhor divisão do trabalho, cujo objetivo era celebrar o encerramento do Ano Santo e a proclamação do dogma de Assunção da Virgem Maria, anunciada por Pio XII também naquele ano de 1950. Segundo consta no jornal, com essa Semana, dom Aureliano pretendia iniciar uma “nova e vigorosa fase de vida cristã” na diocese de Limoeiro, “iluminando as inteligências e aquecendo os corações”.<sup>502</sup> Em outras palavras, é patente a intenção do bispo em manter intacta a hegemonia católica na região.

Nesse sentido, o segundo “evento de fé” na diocese de Limoeiro na década de 1950 cumpriu cabalmente aquele propósito e passou a ditar uma tendência de veneração à Maria ainda hoje recorrente na região. Refiro-me à

---

<sup>499</sup> NUNES, Antônio Pergentino. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 21 de dezembro de 2013.

<sup>500</sup> CASTELLO BRANCO, João Olímpio e outros. **O Seminário Cura D'Ars ao longo do tempo**. Fortaleza: Print Color, 2010.

<sup>501</sup> MATOS, Maria José Costa Matos. Entrevista concedida em Brasília-DF em 22 de novembro de 2013.

<sup>502</sup> *O Nordeste*, 12 de dezembro de 1950, p. 2.

passagem da Imagem Peregrina de Fátima pela região, em 1953, depois de sua visita à capital cearense no ano anterior. Essa peregrinação teve início em 13 de maio de 1947, em Fátima, Portugal, no atribuído local das aparições da Virgem aos pastores, ocorridas em 1917. Inicialmente, a ideia era visitar somente países da Europa, mas a chamada “vidente de Fátima”, a freira carmelita Lúcia do Coração Imaculado, sugeriu que “a peregrinação se estendesse aos outros países do mundo e que, no fim, fosse a Imagem oferecida ao Soberano Pontífice [Pio XII] – o Pai Comum dos cristãos”.<sup>503</sup>

Nos escritos oficiais da Igreja, o objetivo dessa peregrinação era que a Virgem se dirigisse “às almas de boa vontade, numa linguagem de **oração e penitência**”, lembrando que “só pelo retorno sincero a uma vida cristã, **a uma compreensão religiosa da vida** é que se encontra e conserva a paz”.<sup>504</sup> A peregrinação dessa imagem pelo mundo representa um contra-ataque quase desesperado da Igreja contra o secularismo que estava minando a olhos vistos suas bases ultramontanas. Representa, também, um ataque direto à expansão internacional do protestantismo. Como se sabe, a veneração à Virgem Maria ou a imagens que buscam uma “representação” da mãe de Jesus é o ponto de maior discórdia entre católicos e protestantes. Carlo Ginzburg (2001, p. 122) reconhece que nos primeiros séculos do cristianismo havia entre os cristãos uma “atitude substancialmente hostil para com as imagens”, depois substituída, gradativamente, por uma atitude favorável.

Em fins de outubro de 1953, uma nota em *O Nordeste* comunica que Limoeiro estava se preparando para a chegada da Virgem. “A cidade inteira está coberta de pintores na preparação de prédios que se engalanam para tão grande acontecimento” e o prefeito mandara podar e enfeitar os *ficus benjamins*. O jornalista, ufanista, afirma que “será uma das maiores festas religiosas já realizadas na sede episcopal”.<sup>505</sup> E, de fato, é assim mesmo que alguns depoentes se referem à passagem da Peregrina pela cidade.<sup>506</sup> Já em

---

<sup>503</sup> *O Nordeste*, 18 de setembro de 1952, p. 2.

<sup>504</sup> *O Nordeste*, 15 de setembro de 1952, p. 3 e p. 2. “O sentido da peregrinação de N.ª S.ª de Fátima”, de autoria do padre Monteiro da Cruz, S. J. Grifos meus. Antes de vir ao Brasil, a imagem peregrinou pela Europa, Ásia, África e Oceania, semeando nesses lugares milagres e “maravilhas da graça”, segundo notícia o jornal.

<sup>505</sup> *O Nordeste*, 24 de outubro de 1953, p. 3.

<sup>506</sup> Por exemplo: FREITAS, Maria das Dores Vidal. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 18 de fevereiro de 2012. Diz ela: “Ave Maria, foi uma expectativa maior do mundo”.

08 de setembro de 1953, dom Aureliano escrevia uma Carta Circular preparando todos para a chegada da Peregrina:

Os benefícios distribuídos por Maria Santíssima nesta peregrinação são incalculáveis e de toda sorte, sobretudo de ordem moral e espiritual. Curas de organismos doentes foram múltiplos, porém, muito mais frequentes as da alma e por isto mais valiosas. As conversões são numerosas até mesmo aqui em nossa Diocese, quando por ela passou. [...]

Peçamos para nós. E quantos com a alma a sangrar! Peçamos pelas nossas famílias. Como estão elas ameaçadas do cancro maldito do divórcio, que se um dia introduzido em nossa Pátria todo este magestoso edifício de quatro séculos de vida familiar e cristã ruirá por terra com um cortejo de misérias imprevisíveis.

Peçamos pela nossa querida Pátria, a maior nação católica do mundo e na qual está a esperança do Santo Padre, o Papa. Pela conservação das suas tradições cristãs e católicas, tão perturbadas pelas heresias do protestantismo e do espiritismo. [...]

A preparação remota já começou com a recitação do terço, intercalado com cânticos a N. Senhora de Fátima. De todos os lares cristãos devem subir diariamente estes louvores à Virgem de Fátima. Mas esta preparação deve ser a preparação para outra que é a confissão e a comunhão. É preciso que se modifique este ambiente de futilidades, de costumes pagãos, de modas exageradas e se estabeleça um ambiente de vida cristã, onde N. Senhora possa entrar sem repugnância. Vamos ornamentar as nossas ruas, nossas casas, nossas Igrejas, mas sobretudo, enfeitarmos as nossas almas.

N. Senhora percorrerá as nossas estradas, transitará (sic) pelas nossas ruas, entrará em nossas Igrejas, mas o seu olhar fixar-se-á em nós, em que deseja ver a imagem de seu Divino Filho e seus ouvidos estarão atentos para ouvir as nossas preces.<sup>507</sup>

Nesse documento, fica patente que a intenção do bispo era conceber um evento de “contrição espiritual”, ou seja, promover um despertar da fé católica na região, alertando os fiéis contra o divórcio (o “cancro maldito”), contra os ataques à tradição cristã pelo “ambiente de futilidades”, pelos “costumes pagãos” e pelas “modas exageradas” e contra as perturbações das “heresias do protestantismo”. Segundo ele, para neutralizar tudo isso somente a devoção à Virgem Maria parecia surtir algum efeito no mundo neopaganizado, ao qual a Peregrina viera trazer uma mensagem de esperança e de retorno à cristandade. Fica patente uma reação contra o liberalismo, o mundanismo e o protestantismo, ameaças reais contra a hegemonia católica no Vale, onde fora construído o “tabernáculo da fé” para resguardar a região exatamente contra esses males.

---

<sup>507</sup> CÚRIA DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE (Ceará). **Circulares, Decretos, Atos, Cartas Pastorais etc.** Livro 01. Circular n.º 61, 08 de setembro de 1953, p. 76v-78/v. Cópia dessa Circular foi publicada pelo jornal *O Jaguaribe*, de Aracati, em sua edição de 18 de outubro de 1953, p. 1 e 2.

A Imagem chegou ao Ceará em Sobral, em cuja diocese passou cerca de dez dias, indo em seguida para a prelazia do Crato, onde ficou outro tanto. No bispado de Limoeiro, a Peregrina chegou à tarde do dia 24 de novembro de 1953, pousando o avião que a trazia na cidade de Jaguaribe, marco-zero da peregrinação pelo Vale do Jaguaribe. Nessa região, a imagem visitou as seguintes cidades, nesta ordem: (1) Jaguaribe,<sup>508</sup> (2) Jaguaretama,<sup>509</sup> (3) Morada Nova,<sup>510</sup> (4) Limoeiro, (5) Quixeré,<sup>511</sup> (6) Russas,<sup>512</sup> (7) Jaguaruana,<sup>513</sup> (8) Itaiçaba e (9) Aracati.

Em Limoeiro, a Imagem chegou dia 25 de novembro, às 18h, vinda de sua rápida visita a Morada Nova, e permaneceu até às 17h do dia seguinte, quando seguiu para Quixeré. Desde o dia anterior, caravanas de fiéis das cidades vizinhas, de Mossoró-RN e mesmo de Fortaleza esperavam a Peregrina (FREITAS e OLIVEIRA, 1997, p. 201). Uma comissão de “homens ilustres” e um grupo de ciclistas foi recepcioná-la à margem do Rio Jaguaribe, na localidade de Bom Jesus, hoje conhecida por Cidade Alta. A Virgem chegou à cidade à noite e foi recepcionada por uma “procissão de luzes”, toda a multidão portando velas. Colocada em um carro triunfal, o prefeito de Fortaleza,

---

<sup>508</sup> Em Jaguaribe, o bispo diocesano concedeu uma bênção ainda no campo de pouso. “Logo após, a Imagem da Virgem Santíssima foi conduzida por cerca de 20 mil pessoas ao altar que lhe estava preparado, em frente à Matriz”, onde o número de confissões e comunhões foi “verdadeiramente fantástico, prolongando-se noite adentro”. À meia-noite, dom Aureliano celebrou missa campal e às quatro da madrugada, procedeu à bênção dos enfermos. “O povo, com lanternas à mão, permaneceu toda a noite prestando sua homenagem de amor filial à Santíssima Virgem”. *O Nordeste*, 27 de novembro de 1953, p. 1.

<sup>509</sup> Em Jaguaretama, ainda chamada de Frade pelo jornal, a Peregrina chegou dia 25 de novembro para receber novas e fervorosas homenagens de uma multidão estimada em seis mil pessoas, vindas de “todos os recantos do Município” para “aclamar delirantemente a Senhora Caminheira”. *O Nordeste*, 27 de novembro de 1953, p. 1.

<sup>510</sup> Em Morada Nova, para onde seguiu a comitiva no mesmo dia, o vigário Francisco Assis de Castro Monteiro escreve para comunicar que houve três milagres em função da fé do povo na Peregrina: idosa cega recuperou a visão, rapaz diagnosticado com tumor cerebral e senhor com hérnia se viram curados. *O Nordeste*, 02 de dezembro de 1953, p. 8. Nas poucas horas que passou em Morada Nova, a Virgem foi recebida com fogos de artifício, palmas, flores e “alegria contagiante”, levando o prefeito a afirmar que a visita foi “a maior festa que já se viu, nesta cidade, em todos os tempos”. *O Nordeste*, 21 de dezembro de 1953, p. 5 e p. 4.

<sup>511</sup> Em Quixeré, onde a Imagem passou a noite do dia 26 de novembro, foram realizadas novas homenagens e celebrações. Curas milagrosas teriam ocorrido. O correspondente do jornal lista dezesseis nomes de senhoras e senhores sarados de variadas enfermidades. *O Nordeste*, 22 de dezembro de 1953, p. 4.

<sup>512</sup> Em 27 de novembro, a Peregrina teria passado por Russas, visitando as capelas de São João de Deus e Timbaúba. Nenhum registro da imprensa cobriu a passagem de 24 horas da Caminheira em Russas, e o Livro de Tombo do respectivo período teria sido extraviado, segundo informações obtidas na Secretaria da Paróquia.

<sup>513</sup> Informação obtida no itinerário elaborado pelo bispo. De Russas a Peregrina teria visitado Jaguaruana, onde teria pernoitado dia 28 de novembro. Cf. *O Jaguaribe*, 18 de outubro de 1953, p. 2.

Paulo Cabral, fez uma saudação à Imagem, seguindo a entrega simbólica da chave da cidade. O carro seguiu seu cortejo em direção à catedral, conduzido pelos Congregados Marianos, seguidos logo atrás pelas autoridades e pela multidão de devotos.

Na avenida central, na sequência dos três colégios – Escola Normal Rural, Grupo Escolar Padre Joaquim de Menezes e Ginásio Diocesano Padre Anchieta – o carro parou para que a Imagem recebesse homenagens dos estudantes de cada escola, avolumando o cortejo. Na frente da catedral, a Peregrina foi posta num altar especialmente preparado, ficando lá até a missa da meia-noite. Em nome dos diocesanos, o padre Marcondes Cavalcante saudou a Senhora Caminheira (SILVA [M. M.], 1997, p. 64). Às 24h, celebrou-se uma missa de comunhão geral, no patamar. Finda a celebração, a Imagem foi colocada em seu trono, na capela-mor da catedral, permanecendo assim durante toda a noite em vigília, com orações e cânticos pelos devotos. Entre 3h e 5h, novas missas foram celebradas. Meia hora antes das seis da manhã, nova procissão da Imagem rumo ao Patronato Santo Antônio dos Pobres, em cujo adro interno foi realizada missa e bênção aos doentes. Em seguida, a procissão conduziu a Virgem em uma rápida passagem pelo Seminário Cura D'Ars, depois da qual retornou para a catedral, onde permaneceu no trono. Às 15h, houve uma bênção para as crianças, em frente à igreja. Duas horas depois, a Imagem partia para a cidade vizinha.<sup>514</sup>

No dia 29 de novembro, pela manhã, a Virgem entrava em Itaiçaba, a cidade “toda ornamentada com bandeirinhas, flores e um monumental Arco, de onde, à passagem da Imagem, saíram doze pombos”. Dom Aureliano se fez presente em todos os momentos, desde o cortejo do carro triunfal percorrendo as ruas principais, “acompanhado de grande multidão que não deixava de entoar hinos e dar vivas em honra da Virgem Caminheira”, até a ministração da missa e da bênção aos doentes. “Dez caminhões, cinco automóveis e dois jipes acompanharam a Imagem Peregrina até Aracati”.<sup>515</sup> Nessa cidade

---

<sup>514</sup> LEMBRANÇA da Passagem da Imagem Peregrina de N. S. de Fátima. Limoeiro do Norte, 25 e 26 de novembro de 1953: [s.n.].

<sup>515</sup> O Nordeste, 04 de dezembro de 1953, p. 3.

praiana, a recepção ganharia contornos cinematográficos.<sup>516</sup> A recepção da Virgem de Fátima na região jaguaribana é pontuada pelo próprio bispo como parte de uma

marcha triunfal, jamais registrada na história dos povos cristãos, e até pagãos, foi sobretudo uma farta sementeira de graças, de favores, e mesmo, de milagres, com uma rápida e abundante colheita de frutos espirituais, numa verdadeira revolução de almas a se lançarem nos braços de Seu Divino Filho, Nosso Redentor.<sup>517</sup>

Para o prelado, a peregrinação de Maria pelo mundo deveria produzir “frutos espirituais” abundantes, dentre os quais graças e milagres, mas, sobretudo, um poder de atração sobre as “ovelhas desgarradas” que, não resistindo a esse magnetismo, “lançavam-se nos braços” do Cristo, o fundador da Igreja. Com isso, realizando uma demonstração pública da abrangência da fé católica, o bispo pretendia marcar uma clara posição de defesa do catolicismo conservador e um velado ataque aos “inimigos da Igreja”. Para os depoentes, a passagem da Peregrina por Limoeiro é rememorada mais pela força da “revolução espiritual” desencadeada do que pelos milagres operados:

Jamais poderia me esquecer desse dia, em 1953, eu tinha oito anos, quando da chegada de Nossa Senhora de Fátima a Limoeiro. A imagem foi trazida por uns padres estrangeiros. A imagem ficou em Limoeiro e Monsenhor Otávio fez um cântico, letra e música dele, mas deve ter tido pitaco dos padres Pitombeira e Misael, uma canção muito bonita que minha mãe cantava em casa, às vezes lavando roupa, engomando ou cozinhando, fazendo o serviço de casa e cantando. Eu sei essa canção de cor, só não me peça para cantá-la. Pois bem, a Imagem

---

<sup>516</sup> Diz o jornal: “O cortejo, que se formou desde a “Cruz das Almas” até à Igreja Matriz, foi dos mais luzidios e numerosos, não se podendo calcular a grande massa humana que acompanhou o carro triunfal – feito com arte e bom gosto –. No qual a Virgem Soberana percorreu algumas ruas de nossa *urbs* em meio ao som festivo de hinos sacros, por entre vibrações e preces que irrompiam de todos os corações, sob uma chuva redolente de pétalas de flores. Na Igreja Matriz, farta e lindamente iluminada, o vulto de Nossa Senhora de Fátima foi colocado no magnífico trono que lhe foi destinado no altar-mor, trono esse de uma beleza sem par, imitando um recanto do céu. A romaria de devotos superlotou todas as dependências do vasto templo católico, sendo que às 12 horas realizou-se imponente missa campal, acercando-se da mesa eucarística grande número de fiéis. No dia seguinte, às 6hs da manhã, foi celebrada a missa destinada aos doentes, espetáculo de fé que emocionou as almas sensíveis, parecendo que Nossa Senhora de Fátima sorria para aquela enorme legião de sofredores, prometendo-lhes o suave bálsamo de uma próxima cura. [...] A Virgem Peregrina retirou-se desta cidade em meio a um contínuo tremular de lenços, que se agitavam ao vento, traduzindo a saudade de um povo que teve a felicidade de tê-la perto de si durante algumas horas, que decorreram céleres e vertiginosas, como sempre passam e desaparecem as cousas belas e nobres da vida”. *O Jaguaribe*, 06 de dezembro de 1953, p. 1 e 2.

<sup>517</sup> MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **Carta Pastoral (quarta)**: Comunicando aos seus diocesanos a realização, de 4 a 8 de dezembro de 1954, do Primeiro Congresso Eucarístico Diocesano, comemorando o Centenário do dogma da Imaculada Conceição e em preparação ao Congresso Eucarístico Internacional de 1955. Fortaleza: [s.n.], 1954, p. 3.

Peregrina de Fátima desfilou num carro pelas ruas e nele havia quatro anjos, meninos vestidos de anjo, e eu era um deles.<sup>518</sup>

O povo de Limoeiro enfeitou as casas, todo mundo com lanternas de velas, as mulheres de véu na cabeça, foram receber Nossa Senhora. Os ficus benjamins muito bonitos, bem podados, todos iluminados, não com luz elétrica, mas com velas, e na rua havia um arco de malacacheta muito bonito, e a rua toda enfeitada com estandartes de papelão e lanternas. Foi uma coisa linda! A Imagem ficou na catedral, a noite toda em vigília, e foi feito para ela um manto muito bonito, pelas habilidosas senhoras de Limoeiro. No lugar onde a Peregrina chegava, ela trocava de manto, deixando o que trazia, mudando-o por outro feito na cidade. Ela deixou um aqui em Limoeiro, que não sei se ainda existe.<sup>519</sup>

Como o bispo esperava, a visita da Peregrina vivificou a fé do povo católico da diocese jaguaribana, prostrando-o em oração e penitência e retardando ao máximo o domínio do secularismo na região, objetivo primaz de dom Aureliano. Tal demonstração de fé, ocorrida em período de estiagem, exigiu esforços e recursos sacrificantes. No início do ano da visita, ao comentar que milhares de flagelados nordestinos estavam abandonando o sertão em demanda das capitais, o jornal trazia uma notícia desalentadora: “A seca penetra no seu terceiro ano consecutivo: fome e sede ameaçam extinguir os nordestinos”.<sup>520</sup> Em Limoeiro, 1951 foi um ano seco, com chuvas insuficientes, quando, no ano anterior toda a região havia sido castigada por enchentes, um exemplo da irregularidade pluviométrica do semiárido. De enchente à estiagem, poucos meses de distância. Já em meados de abril de 1951, o jornal manifestava preocupação com a situação em Limoeiro.<sup>521</sup> O quadro é pintado em tintas fortes, mesmo a manchete fazendo menção somente à “população pobre” como estando faminta e doente. Subentende-se que os comerciantes, dentre outras classes, conseguiam se remediar num ano seco. Já em fins de junho, noticia-se que “começou a chover em Limoeiro, a zona mais seca do Estado este ano, havendo [ainda] esperança de boa safra de algodão e feijão no município”.<sup>522</sup> Mas as chuvas não persistiram, até porque no sertão é muito

---

<sup>518</sup> MAIA FILHO, Napoleão Nunes. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 28 de dezembro de 2010.

<sup>519</sup> FREITAS, Maria das Dores Vidal. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 18 de fevereiro de 2012.

<sup>520</sup> *O Nordeste*, 09 de fevereiro de 1953, p. 1.

<sup>521</sup> Diz o jornal: “O calor dia a dia torna-se mais sufocante. O preço dos gêneros alimentícios está custando os olhos da cara, tendo havido no mês de março uma alta absurda no do feijão, farinha de mandioca, milho, leite, etc. Há muita fome e quem se der ao ensejo de visitar as localidades [suburbanas]... e a zona da caatinga deparar-se-á com cenas verdadeiramente contristadoras. Pessoas procedentes do distrito de Bica afirmam que ali a situação é desesperadora: o povo não pode mais esperar. [...] O povo também está doente. A tuberculose dia a dia manifesta-se impiedosamente”. *O Nordeste*, 14 de abril de 1951, p. 8 e p. 3.

<sup>522</sup> *O Nordeste*, 23 de junho de 1951, p. 2.

incomum uma quadra invernosa entre os meses de julho e outubro. Nos “invernos” mais generosos, as precipitações começam em dezembro e se estendem até abril ou maio, quando a estação for excelente. Aquela chuva junina serviu apenas para, como diz o sertanejo, “diminuir a quentura da terra”.

A situação iria se agravar muito, com a chegada de 1952 e a confirmação da seca. O êxodo rural, ameaçando deixar o sertão “despovoado em dois tempos”, scandalizava os jornalistas, sobretudo porque os flagelados “fugiam” pela estrada que o Governo concebera para “unir o Brasil”, mas que, na verdade, estava servindo de “sangradouro demográfico do Nordeste”. Assim, alardeava-se que numa “média espantosa de mil pessoas por dia, a população dessa parte do Brasil se vai escoando para os Estados sulinos, principalmente para São Paulo”.<sup>523</sup> Para Boris Fausto (2002), a marca fundamental da distribuição populacional no Brasil, entre as décadas de 1950 e 1980, foi exatamente a onda de deslocamentos de dada região para outra, sobretudo do Nordeste para o Centro-Sul. Assim, a “migração de nordestinos... resultou, de um lado, do ímpeto da industrialização e, de outro, das dramáticas secas que atingiram o Nordeste, em especial nos anos 50” (FAUSTO, 2002, p. 533). Na verdade, o Ceará iria se equilibrar nessa gangorra durante toda a segunda metade do século XX.

Somente um mês depois da divulgação da nota do “despovoamento do sertão”, quando o jornal publicaria que “a fome é cada vez mais assustadora em todo o Estado”, representantes do Governo foram analisar a situação *in loco*. Numa cidade como Jaguaribe, a seca ganhava contornos absolutos, sem “nenhuma lavoura nascente nem pastagem que [pudesse] garantir os rebanhos”. Em toda a extensão do município, somente “fome e desespero nas populações”, “centenas de pais de família, com oito e dez filhos... vivendo da caridade pública, já esgotada” e a mortalidade infantil “aumentando em grandes proporções”.<sup>524</sup> O prefeito chegou a clamar ao Poder público, estadual e federal, que socorresse sua cidade empobrecida pela estiagem.<sup>525</sup> Em Limoeiro, a situação também era semelhante. A iminente falta de gêneros

---

<sup>523</sup> *O Nordeste*, 04 de março de 1952, p. 3.

<sup>524</sup> *O Nordeste*, 04 de abril de 1952, p. 8.

<sup>525</sup> *O Nordeste*, 12 de abril de 1952, p. 8.



alimentícios ameaçava o comércio de “cerrar suas portas, ante a fome que predomina”.<sup>526</sup>

O quadro abaixo apresenta dados aproximados do comprometimento da safra em alguns municípios jaguaribanos, em meados de junho de 1952, quando a perspectiva de novas chuvas era praticamente nula:

Quadro 09

**PERDA DA LAVOURA EM CINCO CIDADES DO VALE DO JAGUARIBE NO ANO DE 1952**

| <b>Cidade do Vale do Jaguaribe</b> | <b>Perda da lavoura (em % aproximada)</b> |
|------------------------------------|-------------------------------------------|
| Ereré                              | Cerca de 100%                             |
| Jaguaribe                          | Cerca de 100%                             |
| Limoeiro do Norte                  | Cerca de 80%                              |
| Morada Nova                        | Cerca de 70%                              |
| Russas                             | Cerca de 70%                              |

Fonte: [Relatório dos Comitês Municipais à Comissão de Abastecimento do Nordeste, sobre a situação de perda da lavoura no Ceará, em 1952]. *O Nordeste*, 15 de junho de 1952, p. 2.

A situação era preocupante, sobretudo depois que a imprensa passou a anunciar que o Governo iria cancelar a qualquer momento o envio de mantimentos aos flagelados famintos. Em Limoeiro, a sociedade se organizou e escreveu um memorial que deveria ser entregue ao presidente Getúlio Vargas. Para levá-lo ao Rio de Janeiro, três atletas do município se dispuseram a fazê-lo num longo trajeto de bicicleta. Nesse documento, a população pedia ao Chefe da Nação que “não sejam interrompidos os socorros que tem sido enviados pelo Governo Federal... às populações vítimas das secas”.<sup>527</sup> A partida se deu no início de setembro de 1952 e os três destemidos atletas chegaram à capital federal da época em 09 de outubro, depois de trinta e seis dias de viagem. Os ciclistas Antônio de Sousa Ferreira, Damião Lopes Siqueira e Francisco Germano Freire falavam “em nome de quatro mil agricultores cearenses, [solicitando] o prosseguimento dos socorros distribuídos pela

<sup>526</sup> O prefeito Francisco Nonato Freire mandou um telegrama desesperado ao deputado estadual Franklin Chaves, comunicando que era procurado a todo instante por homens do município, suplicando alistamento na emergência, mesmo o rol já contando dois mil nomes. Um carregamento de mantimentos fora distribuído rapidamente e o chefe municipal pedia ao deputado que conseguisse mais caminhões para “transporte de gêneros, afim de melhor atender à fome do povo deste município”. *O Nordeste*, 16 de abril de 1952, p. 8.

<sup>527</sup> *O Nordeste*, 21 de agosto de 1952, p. 8.

Comissão de Abastecimento do Nordeste”.<sup>528</sup> O jornal não informa se o presidente Vargas prometeu atender os viajantes, mas o certo é que os mantimentos continuaram a ser mandados nos cinco meses seguintes. No final do primeiro trimestre de 1953, as comissões de socorro foram desfeitas e o envio de alimento cessou.

Não obstante, a seca persistiria na região jaguaribana em 1953. Ainda no início do ano, o vigário de Jaguaruana, padre Aluisio de Castro Filgueiras, escreveu pedindo socorro ao Poder público, pois todo dia ele era “procurado por legiões de famintos, que se multiplicam continuamente, em filas, à porta da minha residência, aos quais já entreguei o estoque das últimas remessas”.<sup>529</sup> Em fevereiro, o jornal publicava que “agrava-se a situação no interior do Estado... para as populações acossadas pela fome”.<sup>530</sup> E o flagelo atingia não apenas o Ceará, mas o Nordeste inteiro.<sup>531</sup> Em fins desse mesmo mês, chegava a Fortaleza um “avião carregado de gêneros [e roupas] para as vítimas do flagelo da seca”, mandados pelo governador de São Paulo. Além de tecido e roupa pronta, os flagelados receberiam carne seca, óleo enlatado, macarrão, sal moído, feijão, café, leite, rapadura e mesmo fumo em corda. Todo esse material seria destinado a “Limoeiro do Norte, para D. Aureliano Matos, Bispo da Diocese, no intuito de ser a mesma [carga] distribuída à zona jaguaribana”.<sup>532</sup> A fome era feroz e logo esse carregamento se acabou. Doze dias depois o vigário de Morada Nova visitou a redação de *O Nordeste* e pintou o seguinte quadro: o povo desesperado se alimentava de raízes de pau-mocó que, “quando não mata, intoxica”. Crianças entre quatro e oito anos, “completamente nuas e caídas de fome, sem força para se locomoverem”. O padre José Monteiro, informado de que a ajuda do Governo iria demorar alguns dias, clamava a misericórdia de particulares e “almas cristãs e generosas”:

---

<sup>528</sup> *O Nordeste*, 10 de outubro de 1952, p. 8.

<sup>529</sup> *O Nordeste*, 03 de janeiro de 1953, p. 8.

<sup>530</sup> *O Nordeste*, 11 de fevereiro de 1953, p. 8.

<sup>531</sup> Diz o jornal: “Notícias chegadas de vários pontos do Nordeste continuam dando visões dramáticas da seca. Já se anunciam os primeiros casos de morte por inanição [no ano de 1953]... no sertão norte-riograndense. Diante dessa situação, estão se multiplicando os atos de desespero. Em diversos pontos, os sertanejos têm assaltado o comércio das vilas e cidades à procura de alimentos; e em Ouricuri, no alto sertão pernambucano, um grupo de 400 pessoas chegou a ocupar a Prefeitura, pedindo não só comida como trabalho. [...] Em um só dia, o Departamento Nacional de Obras contra as Secas alistou quatro mil homens para as obras federais no Ceará”. *O Nordeste*, 24 de fevereiro de 1953, p. 1.

<sup>532</sup> *O Nordeste*, 28 de fevereiro de 1953, p. 8.

“Pelo amor de Deus! Dai um socorro para os pobres de Morada Nova, que padecem o horror da fome”.<sup>533</sup>

Em Limoeiro, a fome também não deu trégua longa. Na mesma edição que anunciou a situação na cidade vizinha, o jornal comunicava que no dia 11 de março “flagelados invadiram o armazém de mercadorias do prefeito de Limoeiro, dali retirando tudo, que era avaliado em cem contos”.<sup>534</sup> O chefe da Polícia do Estado se deslocou para o município, para acalmar os ânimos e investigar a denúncia de que o saque teria conotação política. Acusado de chefiar a invasão, foi preso o agricultor Francisco Andrade Maia, ex-diretor do Círculo Operário de Limoeiro, adversário do prefeito que morava a três léguas do centro urbano. Sua defesa permite vislumbrar o ambiente de fome e miséria que passava a sede diocesana:

Houve um alistamento para distribuição de gêneros a flagelados, alistamento esse feito pelo Vigário Geral de Limoeiro. Então, juntamente com outros alistados, fui à cidade... receber minha quota. Entretanto, nada recebemos. O povo, tendo à frente grande número de mulheres, que formavam a maioria do bando, se dirigiu ao Armazém do Sr. Prefeito, dando-se então o arrombamento do mesmo. Eu não participei disso. Depois é que entrei no armazém e, lembrando-me dos meus onze filhos famintos, tentei pegar umas latas de leite condensado. Aí fui agarrado.<sup>535</sup>

Foi nesse ambiente de “negras perspectivas”,<sup>536</sup> ou seja, de seca, fome, flagelo e mesmo inquietação política, que a Virgem Branca de Fátima peregrinou pela região. No caso de Limoeiro, mesmo tendo caído chuvas em fins de abril, a persistência da seca “destruiu as esperanças” de colheita do que quer que tenha sido plantado.<sup>537</sup> Mesmo assim, em maio daquele ano, realizaram-se na sede do bispado jaguaribano “festas exuberantes”, como se a cidade “estivesse em pleno sonho”, para usar a expressão do jornalista que, escrevendo em 18 de maio, mencionava “festividades magníficas” entre os dias 10 e 16 de maio de 1953. Não se especifica que tipo de festa a cidade celebrou, mas se critica duramente o gasto de recursos em folguedos, em tempos de fome:

Quem teve a oportunidade de estar em Limoeiro do Norte em dias da semana passada, animado apenas do desejo de sentir com o povo, como cronista dos

<sup>533</sup> *O Nordeste*, 12 de março de 1953, p. 1 e p. 8.

<sup>534</sup> *O Nordeste*, 12 de março de 1953, p. 5.

<sup>535</sup> *O Nordeste*, 13 de março de 1953, p. 8.

<sup>536</sup> É assim que o jornal caracteriza o Baixo Jaguaribe durante a visita que o governador Raul Barbosa e comitiva, juntamente com dois jornalistas do Paraná, fizeram à região em princípios de abril daquele ano. *O Nordeste*, 08 de abril de 1953, p. 8.

<sup>537</sup> *O Nordeste*, 18 de maio de 1953, p. 1.

fatos diários, não pôde deixar de estranhar a contradição entre as festas ali verificadas e a situação de miséria do povo.

Limoeiro foi dos municípios cearenses o mais atingido pela escassez de chuvas nestes últimos anos. Tanto assim que mereceu beneficiar-se com os melhores auxílios da CAM e mesmo da campanha “Ajuda teu irmão”. Para ali seguiu a primeira remessa de donativos conseguidos pela dita campanha, o que prova o reconhecimento da situação de necessidade em que se achava toda a região.

Mas, **de um momento para outro, a cidade engalana-se e o ambiente angustioso dos últimos tempos se metamorfoseia num ar de festas exuberantes**, como se estivesse em pleno sonho.

Não se pretende criticar os organizadores das festividades magníficas que a cidade foi teatro. A felicidade, mesmo como promessa, é digna de regozijo. Mas não é compreensível que se pompeie alegria exorbitante quando há sofrimento em derredor. [...] Mas **o bom senso aconselha que não se queimassem tantos fogos diante de uma população martirizada pela seca.**<sup>538</sup>

Segundo se depreende dos depoimentos, essa foi uma festa em honra à Virgem de Fátima, cujos folguedos se comemoram no dia 13 de maio e que, naquele ano, foram realizadas em preparação à iminente visita que a Peregrina faria à cidade em novembro. Os organizadores consideraram que a Virgem, em sua data de celebração, merecia muitos fogos de artifício e festividades, o que escandalizou o jornalista. Não obstante, a estiagem persistia na cidade, levando o jornal a afirmar que a situação era “de grande sofrimento”.<sup>539</sup> A fé do povo nos milagres da Peregrina de Fátima, todavia, parecia justificar uma série de posturas que deixava admirada até a elite eclesiástica católica, durante a passagem da Caminheira pelo semiárido cearense. Foi o caso da moradora de uma casa humilde à beira da estrada, perdida nas brenhas do sertão ressequido, que, não tendo flores e nem mesmo folhas para ofertar, pois a seca mirrara tudo, “deu à Virgem Santa o que de mais precioso tinha em sua pobre casa”:

Já se ouve o buzinar do auto [carro que conduzia a Imagem] que surgiu na curva da estrada – calcinada pela canícula. A mulherzinha toma o pote d’água fresca e a espargue na estrada, como quem esvazia uma cesta de flores para tapetar o caminho. São flores líquidas, sem perfume, mas talvez mais preciosas do que o bálsamo derramado por Madalena nos pés do Divino Mestre.

A Comitiva se comoveu. Parou o carro. Descobriu a Imagem, para que a mulherzinha pudesse beijar a doce Imagem Peregrina. Voltou a mulher para casa com o pote vazio, mas com o coração cheio de consolação; sem água para beber, mas com lágrimas de conforto a marejar-lhe os olhos.<sup>540</sup>

---

<sup>538</sup> O Nordeste, 18 de maio de 1953, p. 3, grifos meus.

<sup>539</sup> O Nordeste, 14 de outubro de 1953, p. 1.

<sup>540</sup> O Nordeste, 26 de setembro de 1958, p. 4. “Flores da seca”: texto do arcebispo metropolitano de Fortaleza, dom Antônio de Almeida Lustosa.

Nota-se que o arcebispo quase venera a “oferenda” da sertaneja que deixou de beber água para ofertá-la à Virgem.<sup>541</sup> Era, pois, essa “fé radical” que justificava folguedos aos “santos” e celebrações ao Divino. Também na mentalidade do povo e do clero a seca era vista, muitas vezes, como castigo de Deus para punir o pecado dos homens. Celebrando o Divino, sobretudo em tempos de dor, talvez Ele se compadecesse e mudasse a sorte do povo. Isso justifica, em parte, a ocorrência de tantas festividades religiosas na diocese de Limoeiro, assolada por duas terríveis secas nesse decênio (1951-1953 e 1958). De todo modo, a sede diocesana era reconhecidamente uma “cidade festeira”, de povo alegre e hospitaleiro.<sup>542</sup>

Nesse sentido, atrelando-se ao projeto do bispo de promover eventos que reafirmassem a fé católica, mantendo o secularismo longe da região, ocorreu a terceira festa na cidade, transcorrida apenas um ano da passagem da Imagem Peregrina. Trata-se do Congresso Eucarístico Diocesano de Limoeiro do Norte, concebido para se celebrar o centenário do dogma da Imaculada Conceição da Virgem Maria, padroeira da cidade. Segundo nota do jornal, a ideia de realizar esse tipo de evento em Limoeiro surgiu em dezembro de 1950, e teria partido do povo da cidade. Entre os dias 17 e 24 de dezembro do primeiro ano da década, foi celebrada em Limoeiro uma Semana Eucarística, para encerrar o ano santo. No último dia dessa festa, então, foi lida uma “Mensagem do Povo” pedindo um Congresso Eucarístico para dali a quatro anos, ocasião em que a Igreja celebraria o centenário de adoção do dogma da Imaculada Conceição.<sup>543</sup> Encontrei outro documento, original datilografado, não datado, no qual o mesmo desejo é manifestado pela elite de Limoeiro, por homens que assumiam cargos importantes e que, em dado momento, solicitaram do prelado a realização daquela festividade:

---

<sup>541</sup> A rigor, a oferenda da sertaneja não pode ser julgada como uma manifestação de fanatismo se esse termo for assim definido: “exaltação que leva indivíduos ou grupos a praticar atos violentos contra outras pessoas... baseados na intolerância e na crença em verdades absolutas, para as quais não admite contestação”. Cf. PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla B. (org.). **Faces do fanatismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

<sup>542</sup> Ao traçar um perfil sociológico do povo limoeirense, grande parte dos depoentes destacou três caracteres: o gosto por novidades, a alegria de viver e o prazer de receber visitantes. Esta última, ou seja, a hospitalidade dos limoeirenses, também sempre foi mencionada em *O Nordeste*, pois, na falta de hotéis, os jornalistas que cobriam eventos ficavam hospedados nas casas das famílias mais abastadas.

<sup>543</sup> *O Nordeste*, 02 de janeiro de 1951, p. 5.

No momento em que o orbe católico comemorará, com grandes festas espirituais, o centenário da proclamação do dogma da Imaculada Conceição, excelsa padroeira desta paróquia, nós queremos que Limoeiro se transforme num templo sagrado aonde o Ceará venha adorar Jesus-Hóstia – Deus de Amor e Perdão.

Queremos, nesta época, em que o mundo está mergulhado nas trevas do pecado, levantar um altar em que a Santíssima Eucaristia seja a luz vivificadora que ilumine a todos, que seja o farol pelo qual as almas desorientadas neste mar agitado se guiem para o verdadeiro e único porto de salvação. Assim sendo, reverentes e humildes, viemos na presença de V. Excia. para pedir a realização do Congresso Eucarístico Diocesano no ano de 1954. Estamos à disposição de V. Excia. para enfrentar todos os trabalhos e dificuldades. “As dificuldades”, como diria São Contardo Ferin, “foram feitas para excitar e não para desanimar. O espírito humano deve fortificar-se na luta pelo bem”.<sup>544</sup>

Esse documento certamente não foi redigido por leigos, já que nele sobressai um estilo salpicado de “cacoetes eclesiásticos”, ou seja, a menção à situação do mundo, ao pecado e a citação a um “santo”. O mais viável é supor que tenha sido escrito pelo padre Misael, ou outro, e enviado para ser assinado pelas autoridades, incluindo prefeitos e vereadores, e pelos comerciantes e funcionários públicos mais destacados. O bispo precisava ter a certeza de que um evento daquele porte teria o apoio dos “homens ilustres”, pois um congresso no modelo concebido demandava não somente esforços humanos, mas também recursos financeiros consideráveis. E foi assim, contando com a ajuda da elite e do povo limoeirense, que dom Aureliano realizou a maior festa de seu bispado, mais badalada até que sua sagração. Ora, nesta, ele ainda não tinha o controle da diocese, pois era justamente o momento de ser imbuído de autoridade para, a partir de então, governá-la. A sagração foi a coroação de sua pessoa, mas o Congresso Eucarístico foi a coroação de seu “reinado eclesiástico”. Sua autoridade estava devidamente consolidada, o que pode ser demonstrado pelos pedidos mencionados acima, do povo e da elite.

Finalizado o planejamento do certame, o antístite resolveu publicar uma carta pastoral, comunicando a todos os diocesanos a realização do “Primeiro Congresso Eucarístico Diocesano, comemorando o Centenário do Dogma da Imaculada Conceição e em preparação ao Congresso Eucarístico Internacional de 1955”.<sup>545</sup> Escrevendo no dia 29 de maio de 1954, dia da canonização de Pio

---

<sup>544</sup> MEMORIAL DO POVO DE LIMOEIRO A S. EXCIA. DOM AURELIANO MATOS, PEDINDO A REALIZAÇÃO DO CONGRESSO EUCARÍSTICO DIOCESANO, POR OCASIÃO DO CENTENÁRIO DA IMACULADA CONCEIÇÃO, PADROEIRA DESTA DIOCESE [Original datilografado e assinado]. Limoeiro do Norte, 1951[?].

<sup>545</sup> MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **Carta Pastoral (quarta)**: Comunicando aos seus diocesanos a realização, de 4 a 8 de dezembro de 1954, do Primeiro Congresso Eucarístico Diocesano, comemorando o Centenário do dogma da Imaculada Conceição e em preparação

X, o “Papa da Eucaristia”, o prelado celebra “mais um santo em nossos altares” e divide seu texto nos seguintes tópicos, a saber:

- 1) Século de Maria: acredita que o século XX deva ser considerado domínio da Virgem Maria, sobretudo em função de seus “triumfos na vida dos homens”. A peregrinação da Imagem de Fátima ao redor do planeta seria, na verdade, uma forma de “conquista do mundo”, uma “marcha triunfal” que semeou fé, graça e milagres, como visto em páginas anteriores;
- 2) Congresso Eucarístico Diocesano: anuncia a realização desse certame religioso na sede episcopal. Por ser diferente de todos os outros acontecidos até então, paroquiais, este abrangeria toda a região do Baixo Jaguaribe, todas as dozes paróquias da diocese, “com seus duzentos mil habitantes, desde os alcantilados píncaros da aprazível serra do Pereiro até as brancas praias de Icapuí”, toda a população iria “celebrar as glórias de Maria aos pés de Jesus Sacramentado” (p. 4);
- 3) Fins do Congresso: comemorar o centenário de proclamação do Dogma da Imaculada Conceição e preparar a diocese de Limoeiro para o Congresso Eucarístico Internacional, que aconteceria no ano seguinte, na cidade do Rio de Janeiro. Antepondo os olhos naquele evento internacional, o bispo deseja que a “nossa estremecida Pátria”, abalada pelos vícios da modernidade, pudesse se orgulhar e retornar completamente às “suas gloriosas tradições cristãs” (p. 4);
- 4) Semana Nacional da JACF: pedido do secretário nacional da Juventude Agrária Católica, o Congresso Eucarístico de Limoeiro seria precedido por uma semana reunindo a juventude rural do Brasil em busca da sonhada “redenção dos campos” (p. 5);
- 5) Maria Corredentora: a Igreja honra Maria como corredentora da salvação, pois ela consentiu que o “Verbo se encarnasse em seu virginal seio”, tornando-a credora de “eterna gratidão” dos católicos (p. 5);
- 6) Monumento a N. Senhora: anuncia a inauguração, no encerramento do Congresso, de um monumento à imagem da Senhora da Assunção, já que se considerava que o dogma da assunção de Maria aos céus “uma consequência lógica de sua Conceição Imaculada” (p. 6);
- 7) Bênção do Seminário: comunica a inauguração oficial do prédio do Seminário Cura D’Ars, no último dia do evento, sendo a “nota mais significativa do Congresso”, oficiada pelo arcebispo metropolitano de Fortaleza, dom Antônio de Almeida Lustosa;
- 8) Preparação para o Congresso e Comissões: conclama os diocesanos a se prepararem para o certame e explica que a demora no anúncio definitivo do evento se deu em função da espera de inverno, “que nesta zona muito tardou”. Isso parece indicar que, depois de três anos de seca, se não tivesse chovido no Vale do Jaguaribe possivelmente a realização do Congresso teria sido cancelada, ou um evento de menor porte teria sido concebido. Para a preparação, o bispo comunica “exercícios de piedade do Ano Marial”, tríduos eucarísticos em todas as paróquias e grande missão na sede diocesana, na semana anterior ao Congresso, pregada por padres redentoristas de Pernambuco. Para pleno sucesso das atividades, preparatórias e principais, dividiu-se o conjunto do trabalho em diversas comissões, das quais o senhor bispo solicitava “máximo devotamento” (p. 7);
- 9) Conclusão: o bispo convida a todos e concede sua bênção pastoral a “quantos vierem trabalhar conosco neste grande certame de fé e piedade”, proclamando desde já que o Congresso Eucarístico deveria ser o “comprovante da religiosidade de toda a população do Baixo-Jaguaribe” (Idem, p. 7).

---

ao Congresso Eucarístico Internacional de 1955. Fortaleza: [s.n.], 1954. Os trechos mencionados a seguir são todos deste documento.

Efetivamente, o Congresso Eucarístico Diocesano de Limoeiro do Norte se realizou entre os dias 04 e 08 de dezembro de 1954, encerrando o Ano Mariano ou Marial.<sup>546</sup>

Com a maior solenidade e perante numerosa assistência teve início o Congresso Eucarístico Diocesano de Limoeiro do Norte, promovido pelo exmo. e revmo. Dom Aureliano Matos, incansável e devorado bispo desta Diocese.

Grandioso altar monumental foi armado na Praça Pandiá Calógenas, onde se verificam os atos públicos do glorioso acontecimento que vem empolgando toda a cidade.<sup>547</sup>

Segundo um depoente, o bispo sabia realizar eventos que perduravam na memória do povo por longo tempo:

Sempre me vem à mente o Congresso Eucarístico de Limoeiro. Eu assisti a praticamente todos os atos... Ficou marcado em minha memória e acredito que na de todos os que tiveram a oportunidade de presenciar esse grande acontecimento. Foi um evento muito bonito, demonstração de força da Igreja católica e de sabedoria de Dom Aureliano Matos.<sup>548</sup>

Abriu oficialmente o Congresso, no dia 04 de dezembro, uma pontifical de dom José Terceiro de Sousa, bispo de Caetité-BA, seguido pelo sermão inaugural de dom Avelar Brandão, bispo de Petrolina-PE. À tarde, “hora santa” para a Ação Católica, ocasião em que pregou dom João Porto Carrero, então arcebispo coadjutor de Olinda e Recife.<sup>549</sup> O encerramento, no dia 08 de dezembro, começou às 6h com um solene pontifical. Às 11h, o arcebispo metropolitano dom Antônio de Almeida Lustosa presidiu a cerimônia de bênção do prédio do Seminário Cura D’Ars, seguido de um banquete para duzentas pessoas em seu refeitório. Às 16h, encerrou-se o Congresso com uma procissão eucarística, na qual compareceram cerca de vinte mil pessoas. Segundo o jornal, esse número era “espantoso para uma pequena cidade do

---

<sup>546</sup> Já em fins de novembro, o jornal anunciava que a “cidade de Limoeiro se está enfeitando para a realização do Congresso Eucarístico Diocesano”. *O Nordeste*, 29 de novembro de 1954, p. 1.

<sup>547</sup> *O Nordeste*, 08 de dezembro de 1954, p. 1.

<sup>548</sup> LOPES, Abel Ferreira. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 18 de março de 2011.

<sup>549</sup> Nos dias 05, 06 e 07 de dezembro, às 6h missa na Praça do Congresso; às 16h30min, hora santa com conferências e estudos especializados para homens, senhoras e moças, e às 19h30min sessão plenária, com pregações de clérigos convidados. À meia-noite do dia 07, missa solene para os homens, cuja pregação ficou a cargo do bispo de Caicó (RN). Nos dois últimos dias da festa, segundo o jornal, toda a cidade fervilhava de gente vinda de todas as partes, “dando-lhe um aspecto rumoroso e festivo”. *O Nordeste*, 06 de dezembro de 1954, p. 3.



interior” e seria prova da “repercussão que alcançou o acontecimento não só em Limoeiro como em toda a região jaguaribana”.<sup>550</sup>

Além do Seminário, dom Aureliano resolveu inaugurar oficialmente a Maternidade São Raimundo que, como visto no Capítulo 2, funcionava desde 1943.<sup>551</sup> Durante a década de 1950, essa entidade recebeu subsídios do governo federal para manter suas atividades de amparo às parturientes e aos recém-nascidos, conforme nota do jornal e outros documentos consultados. Para cobrir gastos no ano de 1953, por exemplo, foram subsidiados oito mil cruzeiros.<sup>552</sup> Todas as despesas da Maternidade, em 1951, incluindo a folha de pagamento, a farmácia e a eletricidade, somaram Cr\$ 82.942,70 (oitenta e dois mil, novecentos e quarenta e dois cruzeiros e setenta centavos), e foram pagas pelo somatório de mensalidades dos sócios da Associação que mantinha a Maternidade, somando quatro mil cruzeiros, e o restante oriundo de subsídios e auxílios, federais, estaduais, municipais, e mesmo de donativos diversos. Das 442 gestantes internadas, apenas duas faleceram e oito perderam o feto.<sup>553</sup>

Na verdade, só foi possível inaugurar aquela instituição de saúde durante o Congresso Eucarístico porque, entre 1950 e 1954, o Poder público, em suas esferas estadual e federal, repassou à Maternidade São Raimundo um total de quinhentos e cinquenta mil cruzeiros, o que viabilizou finalizar o prédio; pagar os pedreiros e ainda fazer o acabamento. A tabela abaixo especifica que órgãos mandaram subsídios, qual a quantia, a finalidade e o tipo de documento onde as informações foram coletadas:

---

<sup>550</sup> *O Nordeste*, 09 de dezembro de 1954, p. 1. Também se diz que “Limoeiro floriu em bênçãos e já se recolhem ali frutos magníficos para maior glória de Deus e honra da Cristandade”. *O Nordeste*, 06 de dezembro de 1954, p. 3.

<sup>551</sup> Durante a inauguração, a Maternidade estava funcionando a pleno vapor, o que arrancou do jornalista que presenciou a cerimônia o elogio de que seria “um estabelecimento de primeira ordem, talvez o melhor do todo o Ceará”. *O Nordeste*, 09 de dezembro de 1954, p. 1.

<sup>552</sup> *O Nordeste*, 26 de dezembro de 1952, p. 5.

<sup>553</sup> ASSOCIAÇÃO MATERNIDADE SÃO RAIMUNDO. [Pasta de Ofícios e Outros Documentos Avulsos]. Limoeiro do Norte, 1952.

Quadro 10

**AUXÍLIOS ENVIADOS À MATERNIDADE SÃO RAIMUNDO DE LIMOEIRO DO NORTE  
ENTRE 1950 E 1954, POR ÓRGÃO DE REPASSE, DOCUMENTO, QUANTIA E DESTINO,  
EM MOEDA BRASILEIRA DA ÉPOCA – CRUZEIRO (Cr\$)**

| ÓRGÃO DE REPASSE                                                | TIPO DE DOCUMENTO                                                                                               | QUANTIA RECEBIDA                         | DESTINO DO AUXÍLIO                                                                   |
|-----------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|
| Ministério da Educação e Saúde/Departamento Nacional da Criança | Despacho em 29 de novembro de 1950                                                                              | Cr\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros) | Prosseguimento da construção do prédio da Maternidade                                |
| Ministério da Educação e Saúde/Departamento Nacional da Criança | Ofício n.º 34/54, de 16 de janeiro de 1954, a respeito de Processo n.º 12/54, sobre prestação de contas de 1951 | Cr\$ 60.000,00 (sessenta mil cruzeiros)  | Não especificado                                                                     |
| Plano SALTE                                                     | Ofício de 18 de março de 1952                                                                                   | Cr\$ 80.000,00 (oitenta mil cruzeiros)   | Prosseguimento da construção do prédio da Maternidade                                |
| Governo do Estado do Ceará/Secretaria da Fazenda                | Decreto n.º 1870, de 09 de setembro de 1953 e Resolução do Tribunal de Contas n.º 2712/1953                     | Cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros)      | Não especificado                                                                     |
| Ministério da Educação e Saúde/Departamento Nacional da Criança | Relatório do provedor da Maternidade sobre o exercício de 1954                                                  | Cr\$ 200.000,00 (duzentos mil cruzeiros) | Compra de material de construção e pagamento de mão de obra de pedreiros e ajudantes |
| Ministério da Educação e Saúde/Departamento Nacional da Criança | Relatório do provedor da Maternidade sobre auxílio extra, em 02 de fevereiro de 1954                            | Cr\$ 60.000,00 (sessenta mil cruzeiros)  | Aparelhos e fossas sanitárias, reboco do muro e calçadas                             |

Fonte: ASSOCIAÇÃO MATERNIDADE SÃO RAIMUNDO. [Pasta de Ofícios e Outros Documentos Avulsos]. Arquivo da Cúria Diocesana. Limoeiro do Norte, 1943-1957.

Não obstante a inauguração do prédio da Maternidade São Raimundo, o ponto alto do Congresso Eucarístico foi mesmo a bênção do Seminário Cura D'Ars que, como se disse, era a “menina dos olhos” do bispo (BESSA, 1998, p. 215). Manter a casa de formação do clero era, para o antístite limoeirense, a mola propulsor de seu projeto porque considerava que, sem padres, a fé do povo esfriaria e pouco adiantaria lutar pelo desenvolvimento do corpo quando o espírito padecia “fome de Deus”. Enquanto seminários pelo Nordeste fechavam suas portas, sobretudo em função da persistência de estiagens,<sup>554</sup> o Seminário

<sup>554</sup> Foi o caso do Seminário de Caetitê, na Bahia, regido por dom José Terceiro, que fora vigário de Russas. “A última seca [1952], porém, atingiu fundamente a zona do sertão baiano em que está localizada a Diocese, que se viu sem meios de continuar mantendo o referido

de Limoeiro experimentou na década de 1950 seu período áureo. Anotações feitas em 1955 por um seminarista, hoje monsenhor João Olímpio Castello Branco, permitem concluir que a casa de formação de sacerdotes de Limoeiro funcionava disciplinadamente, quase como um convento do medievo, com rigorosa obediência de regulamentos e horários, sendo a autoridade do reitor e dos padres-professores respeitada sem qualquer questionamento. Ademais, os recursos parcos faziam tudo funcionar franciscanamente:

Ei-lo agora, o novatinho, preso num casarão estranho. Como tudo é diferente! Todos estranhos! Os padres são sérios. Os alunos, desconhecidos. [...] A roupa o distingue logo. Não veste farda. Verte batina. É um vestuário exótico, fora de moda. ...Ignora que o padre está no mundo e não pertence ao mundo? [...] Os padres e seminaristas têm por couraça de sua vocação o negro hábito. [...] Tecido apenas, ela é muro impermeável a nos lembrar: “segregati ab hominibus” – tirados de entre os homens. [...]

É assim no seminário. Os padres controlam os exercícios. [...] Para tudo há uma hora. Tudo está bem dividido. O dia ordinário está previsto, bem como os extraordinários. [...]

[A sineta] diz ao jovem: reza, estuda, brinca, cala, dorme. Sua voz argentina é a de uma mãe que orienta, insistente mas bondosa, o filho para a vida. [...] No mar dos ataques contra a vocação, o jovem seminarista tem na capela o rochedo em que se agarrar para não soçobrar. [...]

Ora, nas férias, a convivência é toda outra e perniciosas são as influências do mundo paganizado, sobre o espírito inexperiente de um jovem.<sup>555</sup>

Para manter os estudantes pobres no Seminário, funcionava em Limoeiro, de modo meticuloso, a Obra das Vocações Sacerdotais (OVS), sob a coordenação do padre Misael Alves de Sousa. Para angariar recursos do povo católico, o clérigo incentivava campanhas de doação nas escolas e nas paróquias da jurisdição episcopal. Periodicamente, a OVS publicava relatórios impressos para prestar contas das somas recebidas e fazer menção honrosa aos colégios e paróquias que tiveram a primazia de ocupar o topo da lista, entre os maiores doadores. A tabela abaixo mostra a movimentação de doações em doze paróquias da diocese de Limoeiro do Norte em seis anos da década de 1950, para manutenção dos seminaristas. Não foram encontrados

---

Seminário. Afim de não perder de todo as vocações em desabrochamento, conseguiu Dom José, dos dirigentes da Escola Apostólica de Baturité [CE], recebessem vários dos seminaristas, que, assim, terão assegurada sua formação eclesial. In: *O Nordeste*, 15 de janeiro de 1953, p. 8.

<sup>555</sup> CASTELLO BRANCO, João Olímpio e OUTROS. **O Seminário Cura D’Ars ao longo do tempo**. Fortaleza: Print Color, 2010, p. 20-7. Segundo os autores, o Seminário de Limoeiro era a “mansão do Senhor” onde “os futuros cavaleiros do Bem se preparam para a investidura solene, naquele grande dia em que serão armados Defensores Perpétuos da Verdade e da Justiça” (p. 18).

relatórios referentes aos anos de 1950, 1951, 1955 e 1956, mas é certo que neles também se coletaram contribuições, realizadas desde os anos de 1930.

Quadro 11

**CONTRIBUIÇÃO DE DOZE PARÓQUIAS DA DIOCESE DE LIMOEIRO DO NORTE, INCLUINDO A SEDE, PARA A OBRA DAS VOCAÇÕES SACERDOTAIS (OVS) NOS ANOS DE 1952/54 E 1957/59, EM MOEDA BRASILEIRA VIGENTE NA ÉPOCA – CRUZEIRO (Cr\$)**

| PARÓQUIAS                | ANO 1952  | ANO 1953  | ANO 1954  | ANO 1957  | ANO 1958  | ANO 1959   |
|--------------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|------------|
| <b>Alto Santo</b>        | 2.000,00  | 3.000,00  | 1.688,00  | 4.130,00  | 5.500,00  | 10.050,00  |
| <b>Aracati</b>           | 9.573,90  | 9.500,00  | 10.000,00 | 67.927,00 | 86.437,00 | 89.181,00  |
| <b>Icapuí</b>            | 3.075,00  | 7.461,70  | 12.781,00 | 12.500,00 | 6.202,00  | 10.000,00  |
| <b>Itaiçaba</b>          | 2.890,00  | 5.259,00  | 2.060,00  | 3.566,00  | 3.248,00  | 6.100,00   |
| <b>Jaguaretama</b>       | 3.637,00  | 2.600,00  | 5.296,00  | 8.000,00  | 3.000,00  | 8.500,00   |
| <b>Jaguaribe</b>         | 6.339,50  | 6.135,80  | 8.000,00  | 10.000,00 | 8.000,00  | 15.000,00  |
| <b>Jaguaruana</b>        | 11.269,00 | 10.400,00 | 11.064,00 | 34.873,00 | 12.500,00 | 20.000,00  |
| <b>Limoeiro do Norte</b> | 26.403,10 | 22.553,00 | 25.017,00 | 46.377,00 | 37.292,00 | 105.145,00 |
| <b>Morada Nova</b>       | 3.823,00  | 5.000,00  | 6.121,00  | 11.615,00 | 1.168,00  | 1.914,00   |
| <b>Pereiro</b>           | 7.200,00  | 5.300,00  | 5.000,00  | 5.000,00  | 5.000,00  | 5.000,00   |
| <b>Quixeré</b>           | 8.050,00  | 6.020,00  | 8.300,00  | 10.500,00 | 9.100,00  | 11.244,00  |
| <b>Russas</b>            | 12.640,00 | 10.088,00 | 9.275,00  | 43.761,00 | 46.065,00 | 48.109,00  |

Fonte: RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DA OBRA DAS VOCAÇÕES SACERDOTAIS DA DIOCESE DE LIMOEIRO DO NORTE, 1954 E 1959. Limoeiro do Norte, [s.n.].

Nota-se que a paróquia que teve números mais expressivos de contribuição foi a própria sede da diocese, Limoeiro, cujos valores somente em um ano, 1958, foram suplantados por Russas, que disputou, em alguns anos, a segunda colocação com Jaguaruana, cidade que carregava com orgulho a tradição de formar diversos padres,<sup>556</sup> e onde a OVS era muito atuante. Somente no ano de 1956, por exemplo, anunciava-se que dezesseis rapazes daquele município estavam no Seminário de Limoeiro ou, mais adiantados, já cursando os últimos anos, em Fortaleza, preparando-se para a ordenação.<sup>557</sup> Esses números elevados para uma cidade pequena do sertão também devem levar em conta a atuação do vigário local, padre Aluísio de Castro Filgueiras, para com a mencionada obra. Outro dado expressivo, facilmente verificado, prova que em anos de estiagem as contribuições tendiam a cair

<sup>556</sup> *O Nordeste*, 30 de outubro de 1959, p. 8. Segundo o jornalista, aquela tradição era “uma graça de escol, um prêmio magnífico para o povo de Jaguaruana”.

<sup>557</sup> *O Nordeste*, 01 de setembro de 1956, p. 5.

consideravelmente. Assim, quase todas as paróquias tiveram quedas expressivas em 1958, um “ano de seca terrível”, segundo os depoentes. Em razão disso, algumas das paróquias não conseguiram recuperar, no ano seguinte, o padrão de contribuição. Nesse sentido, o exemplo de Morada Nova é suficiente para provar o quanto sacrificante a vida se tornava, nesses municípios, em períodos em que o semiárido fazia jus ao nome: em 1957, a cidade contribuiu com quase doze mil cruzeiros, mas nos anos seguintes, em flagelo ou se recuperando dele, as ofertas não chegaram a dois mil reais. Assim, no ano de 1958, dentre as doze cidades, oito apresentaram diminuições consideráveis ou mesmo gritantes em relação ao ano anterior, como é o caso de Jaguaruana, que reduziu suas doações quase pela metade. Em cidades onde a estiagem não fincou suas garras em profundidade, como na serrana Pereiro, a contribuição se mantém estável em todo o período. Também em 1953, terceiro ano consecutivo de seca, notam-se reduções em relação ao ano anterior, escapando os municípios litorâneos. A manutenção de ofertas razoáveis nesse ano se justifica pela passagem da Imagem Peregrina de Fátima pela região que, como se viu, despertou no povo o forte desejo de ofertar ao Divino, mesmo com sacrifício.

Em suma, somente com a boa vontade do povo católico da zona jaguaribana foi possível manter o Seminário em sua fase áurea. Já se viu que, durante a passagem da Imagem Peregrina de Fátima pela região, o povo “inventava um jeito” de oferecer dádivas ao Divino, não importando sacrifícios para isso. Mas os clérigos e seminaristas não viviam em banquetes, ao contrário, possuíam uma alimentação franciscana. No cotidiano, as refeições eram “sofríveis”, segundo o depoimento do padre mencionado acima. Como em todo o Brasil, a casa de formação eclesiástica de Limoeiro não tinha subvenção do Governo, mas vivia de esmolas e ofertas que, como demonstram a tabela, se não eram abundantes, eram constantes, mesmo em tempos de crise. A OVS recebia atenção especial de dom Aureliano e a década de 1950 não passaria em branco sem que a diocese concebesse um evento especial para conscientizar os fieis da importância de cultivar a piedade cristã nos lares, despertando assim nos meninos o desejo para o sacerdócio, e de manter as doações para aqueles que, já enclausurados, necessitavam de recursos para

manter o “chamamento de suas vocações”. Pensando nisso, o prelado jaguaribano idealizou um Congresso de Vocações Sacerdotais na cidade de Jaguaruana que, como se mencionou, possuía sólida tradição em “doar” filhos para o sacerdócio católico. Segundo o jornal, aquela era “uma exceção de que se não tem notícia na vastidão imensa do Nordeste brasileiro”.<sup>558</sup> A falta de padres era reconhecidamente o “problema mais angustiante da Igreja na América Latina, especialmente no Brasil”.<sup>559</sup> Em razão disso, o clero cearense se indagava: “De que nos serviria termos muitas Igrejas sem Padres para celebrar? Melhor será termos muitos Padres santos que celebrem ao ar livre”.<sup>560</sup>

### **3.3 As fissuras nas cortinas: as investidas dos agentes da modernidade**

Ao conceber e coordenar os eventos e manifestações de fé relatados em páginas anteriores, dom Aureliano conseguiu impingir à década de 1950 um perfil religioso bem definido, com o povo saindo de suas casas, lotando as praças das cidades para exaltar sua fé em Deus, na Igreja e em seus representantes. Assim, “moldando” a fé do povo, o projeto do prelado jaguaribano tornava-se bem sucedido, estando o “tabernáculo da fé” com suas cortinas devidamente cerradas. Tudo favorecia o cultivo da fé católica e blindava o povo, por assim dizer, das investidas do secularismo. Todavia, os agentes da modernidade não se deixariam deter e forjariam meios de diluir cada vez mais o poder da Igreja, chamando a atenção da população jaguaribana para novidades como emissoras de rádio, novas formas de praticar a fé cristã, assumindo a Reforma Protestante, e mesmo por meio do “esfacelamento geográfico” da sede do bispado, que no final dos anos de 1950 teria três de seus cinco distritos emancipados geopoliticamente, constituindo novos municípios. Eram fissuras nas cortinas do tabernáculo, ameaças constantes à hegemonia da Igreja. Como não é possível tratar de todas essas fissuras, destaco apenas algumas, a saber: (1) a criação da Rádio Vale do Jaguaribe; (2) a fundação do Rotary Club de Limoeiro; (3) a dessacralização da

---

<sup>558</sup> *O Nordeste*, 30 de outubro de 1959, p. 8.

<sup>559</sup> Ainda segundo o jornal, no Brasil, “a escassez de clero aumenta na proporção em que aumentam os seus problemas morais e espirituais”. *O Nordeste*, 27 de novembro de 1959, p. 5.

<sup>560</sup> *O Nordeste*, 28 de novembro de 1959, p. 5.

mulher; (4) o avanço do protestantismo e (5) a inserção da modernidade na Igreja: o caso do jipe. O último item demonstra como a própria Igreja não resistiu à intromissão da modernidade, ao adotar o veículo jipe como o “transporte oficial do padre”.

### **3.3.1 A criação da Rádio Vale do Jaguaribe de Limoeiro**

Em Limoeiro, conforme visto no Capítulo 1, o primeiro aparelho de rádio apareceu somente em meados da década de 1930. Quando da deflagração da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), e, sobretudo, durante as ações finais do armistício, as famílias mais abastadas encomendavam aparelhos de rádio em Fortaleza para acompanhar o desfecho do conflito. Estabelecimentos comerciais ligavam o rádio para também atrair fregueses ou curiosos que nunca tinham visto este invento da modernidade. Como ainda não existia eletricidade em toda a região, estes aparelhos funcionavam a bateria e exigiam uma antena de captação que poderia até ser instalada em um tronco de carnaubeira, se a residência estivesse na zona rural.<sup>561</sup>

A primeira década de existência no Brasil coloca o rádio ainda em fase de experimentação, já que “a radiodifusão se encontrava muito mais amparada no talento e na personalidade de alguns indivíduos do que numa organização de tipo empresarial” (ORTIZ, 1991, p. 39). Posteriormente, o capitalismo e a política encontrariam no rádio o instrumento ideal para cultivar a publicidade e o populismo, transformando assim a “massa amorfa” de ouvintes em mercado emergente e em “força agregada da paixão política” (SEVCENKO, 1998, p. 587). Também o rádio tratou de criar e destruir mitos ou ídolos, com os quais os ouvintes se identificassem:

Com o esgarçamento das famílias extensivas, dos laços de compadrio e das relações de vizinhança na situação peculiar das grandes cidades, é muito mais nos ícones exibidos e repetidos à saciedade pelos meios de comunicação que as pessoas tendem a definir essa situação de reconhecimento familiar. [...] Nada a estranhar portanto se as pessoas se sentem mais próximas e emocionalmente ligadas... ao astro de cinema, às garotas do rádio e ao líder político carismático do que a um familiar distante ou ao vizinho do outro lado da rua... (SEVCENKO, 1998, p. 592).

---

<sup>561</sup> CHAVES, Raimunda Gadelha. Entrevista concedida em Tabuleiro do Norte-CE em 01 de janeiro de 2011.

Em Limoeiro, essas fases foram postergadas ou, de certo modo, ignoradas, em função da defasagem de implantação da primeira emissora e da peculiaridade da cultura sertaneja, pouco afeita a eleger ídolos desconhecidos do povo. Para entender como foi possível o surgimento de uma emissora em pleno sertão, faz-se necessário um breve histórico da radiodifusão na sede do bispado. Em 1940, surgiu a Amplificadora Municipal de Publicidade, cuja programação consistia basicamente de jornal falado, transmissão esportiva e propaganda do comércio local (SILVA, 1997, p. 35). Também cobria eventos importantes da cidade, tais como o cinquentenário da encíclica *Rerum Novarum*, em maio de 1941,<sup>562</sup> e as cerimônias de celebração da vitória dos países Aliados sobre o nazismo hitlerista, em maio de 1945.<sup>563</sup> Anos depois, em 1946, foi fundada a amplificadora “Voz da Cidade” (FREITAS e OLIVEIRA, 1997, p. 165), sempre alocada em prédios próximos da catedral. Consistia em um alto-falante posto no telhado de uma casa, com mesa de som controlada por um locutor, que tinha acesso a uma “discoteca com músicas populares e clássicas” (SILVA [M. M.], 1997, p. 58). Nelson Gonçalves era um dos cantores preferidos, sobretudo entre a ala masculina que apreciava a boemia.<sup>564</sup> Em 17 de janeiro de 1951 foi criado, naquela amplificadora, o jornal falado<sup>565</sup> que levava o mesmo nome da irradiadora, “A Voz da Cidade” (SILVA [M. M.], 1997). Três anos depois, após cair no gosto da população, o noticioso já recebia elogios do próprio bispo diocesano:

À primeira vista pareceu um empreendimento fadado a morrer no berço, já por faltar-lhe ambiente favorável, já pela originalidade de se apresentar – despertando não a nossa vista, como acontece em todo jornal, mas os nossos ouvidos. [...] Hoje, vitorioso, está celebrando o seu terceiro aniversário, já tendo conseguido a simpatia do público e se imposto no conceito popular, merecendo, pois, os nossos

---

<sup>562</sup> *O Nordeste*, 29 de maio de 1941, p. 5.

<sup>563</sup> *O Nordeste*, 25 de maio de 1945, p. 6.

<sup>564</sup> Sobre isso, diz uma depoente: “Os limoeirenses contavam com a “Voz da Cidade”, serviço de amplificadora que surgiu na década de 1940 e estendeu-se às de 1950 e 1960. Constituída lazer, à tardinha: pediam músicas, ofereciam-nas aos amigos, namorados, etc., sobretudo nas datas natalícias. Discos de cera rodavam e faturavam até à noitinha, no centro da cidade. Na década de 1950, a “Voz da Cidade” estava aos cuidados do limoeirense Gerardo de Oliveira Lucena”. OLIVEIRA, Maria Lenira de. Entrevista concedida via email, em 18 de outubro de 2012.

<sup>565</sup> Esse modelo de jornalismo se firmaria como o preferido do povo, mesmo depois da fundação da emissora de rádio, ocorrida nessa mesma década. Rádios amadores também surgiram, tendo membros do clero como agentes que flertavam com as aparelhagens da modernidade. Em outubro de 1952, o vigário-geral Monsenhor Otávio de Alencar Santiago instalou um equipamento de prefixo PY-7-YC em sua casa (SILVA [M. M.], 1997, p. 61), prestando serviços à comunidade “numa época em que as comunicações eram precárias” (FREITAS e OLIVEIRA, 1997, p. 186).



aplausos. Associando-me às alegrias dos seus dinâmicos diretores, venho trazer a minha mensagem de felicitações, formulando os meus votos porque continue na sua tarefa de trazer ao público os acontecimentos de maior relevo, tanto dentro do Município, como fora; bem assim resumindo em crônicas, por vezes oportunas e sempre bem feitas, a vida social, política e administrativa do nosso meio e mesmo do País. Ao “Jornal Falado”, no seu 3º aniversário, os meus parabéns. Dom Aureliano Matos.<sup>566</sup>

A ideia de criar uma rádio em Limoeiro tem sua gênese em fins de 1952, quando da visita do Circo Nerino à cidade. Nessa época, o Nerino se utilizava de um transmissor radiofônico moderno para anunciar os espetáculos no lugar onde havia “montado pano” (AVANZI e TAMAOKI, 2004). Em Limoeiro, ao ver o equipamento, o empresário Gerardo Lucena de Oliveira se interessou em possuir um aparelho daqueles. Conversando com os artistas do circo, obteve informações sobre o fabricante, radicado em São Paulo, e tomou providências para mandar buscar um equipamento semelhante. Durante certo tempo, o transmissor funcionou juntamente com o rádio amador do monsenhor Otávio Santiago. Com isso, iniciava-se a história da Rádio Vale do Jaguaribe, a primeira da sede da Diocese jaguaribana, aberta, em fase experimental, em 06 de dezembro de 1955,<sup>567</sup> e inaugurada solenemente, com missa, em 21 de janeiro de 1956 (SILVA [M. M.], 1997, p. 66). A emissora se autointitulava “A Pioneira”, usando o prefixo ZYH-23 e tendo como primeira sede o sobrado do Salão Freitas, na Praça José Osterne, n.º 7. Depois, buscando aperfeiçoar sua emissora e assim atingir um número maior de pessoas no Baixo do Jaguaribe, os donos da rádio empreenderam sucessivas trocas de aparelhagens:

Pouco a pouco, maior número de famílias passou a adquirir seu receptor (rádio), já comprando em Limoeiro do Norte, nas Lojas Casimiro e ANFISA (Ângelo Figueiredo S.A.). Toda população recebeu este serviço amplo com entusiasmo: a Rádio local tornou possível o acesso por maior número de ouvintes com seu receptor em casa.

À medida que cresciam as exigências da audiência, o proprietário da pequena Rádio Vale sentiu a necessidade de sua ampliação e iniciou a luta para uma nova fase, reunindo um grupo de limoeirenses (sócios) para se cotizarem e adquirirem maior potência para seu transmissor. Dentre eles: Manfredo de Oliveira, João Eduardo Neto, Manoel de Castro Filho, Antônio Chagas, José Nilson Osterne... E assim se deu sua ampliação, estendendo-se por toda a região jaguaribana.<sup>568</sup>

A experiência de ouvir um aparelho de rádio pela primeira vez, em muitos casos, marcava indelevelmente algumas pessoas, como é o caso de um senhor limoeirense que escolheu ser radialista em função disso:

---

<sup>566</sup> O *Nordeste*, 26 de janeiro de 1954, p. 5. Como correspondente de Limoeiro, o Sr. Meton Maia e Silva publicou a carta que os diretores do “Jornal Falado” receberam do bispo.

<sup>567</sup> OLIVEIRA, Maria Lenira de. Entrevista concedida via email, em 18 de outubro de 2012.

<sup>568</sup> OLIVEIRA, Maria Lenira de. Idem.

Somente entre os dez, onze anos de idade, pelos idos de 1950... tive o meu primeiro contanto com um aparelho receptor de Rádio. Lembro-se como se hoje fosse: na residência do cidadão Sabino Roberto de Freitas... encontrei na sala uma caixa de madeira sobre uma mesa bem cuidada. Era diferente de uma caixa comum, pois falava e cantava. Parei, olhei e vi que aquele negócio emitia sons como uma pessoa, mas não atinava de onde vinha tanto ruído.

A sala estava sem ninguém e isso me proporcionou oportunidade para, mesmo atônito, tentar desvendar o que estava vendo e ouvindo. Aproximei-me do objeto e notei que havia uns pontos de luz, uns vermelhos, outros verdes ou azulados, mas que não silenciavam o barulho que ouvia. Olhei de frente, examinei de lado, busquei resposta por trás da coisa e não via quem falava ou cantava. Sinceramente **comecei a ficar com medo**. Circundei de novo o ambiente com um olhar de 360 graus, não vi ninguém, a não ser aquela caixa assustadora. [...] Saí, sem ser visto e **voltei para casa assustado**. Contando a minha mãe, ela me deu a explicação daquilo que eu vira pela primeira vez: era um Rádio.

Quatro anos depois, em 1954, na minha primeira viagem a Fortaleza, passar férias na casa de um irmão mais velho, revivi o sonho... Foi então na sua residência que passei a ter contato mais íntimo com o Rádio receptor. E que felicidade!

Durante as transmissões dos jogos da Copa do Mundo daquele ano... eu ouvia atentamente as transmissões, **como se tivesse de frente para o altar, assistindo ao ato solene da Santa Missa**, já que, na educação de nossos pais, a missa era o ato mais importante a que se assistia (FREITAS [L. G.], 2007, p. 8-10, grifos meus).

O garoto que não soube identificar um rádio quando ouviu um pela primeira vez, fica fascinado por esse invento da modernidade quando ganha intimidade com ele. Como seu encontro com o aparelho foi quase uma epifania, não é de se estranhar que ele tenha transformado o profano ato de escutar uma partida de futebol transmitida pelo rádio em ato sacrossanto, semelhante à missa celebrada pelo padre. Fica patente, assim, que o rádio era uma ferramenta de libertação da acirrada vigilância da Igreja sobre os leigos. Aquele instrumento merecia atenção especial porque, difusor “natural” da secularização, condenada pela Igreja por levar muitos a perderem o “rumo do Céu”, também era uma acintosa forma de “roubar” devotos prostrados diante do altar, numa verdadeira ação blasfema dos “tempos modernos” contra o domínio da Igreja sobre as vidas.

Nessa perspectiva, a fundação da Rádio Vale pode ser considerada um grito inicial de emancipação do projeto do bispo, considerado pela elite limoeirense um plano eclesiástico fechado, restrito ou mesmo castrador, pois tudo convergia para uma vida religiosa que amenizava o poder da modernidade, considerada uma forma de neopaganismo. A elite, ao contrário, sonhava usufruir todos os bens e direitos dessa modernidade, sem peias nem restrições. Queria voar alto com o par de asas que possibilitara a fuga do

labirinto. Se fosse preciso, iria ignorar os conselhos do velho Dédalo, muito preocupado somente em manter a integridade do fugitivo. Ícaro, ao contrário, sangue fervente a provocar “delírios juvenis”, via na oportunidade de “voar alto” um desafio a “usufruir o momento” e não somente a “passar por ele”. Começava, assim, a se aninhar em sua mente a ideia de se libertar da prudência do “limite religioso” e experimentar as “alturas da vida profana”.

### **3.3.2 A fundação do Rotary Club de Limoeiro**

Outra manifestação patente da emancipação da elite limoeirense do projeto de dom Aureliano foi a criação do Rotary Club na cidade, em meados da década de 1950. Poucos estudos têm se debruçado sobre esse “club de serviço”, ligado ao fenômeno histórico do associativismo voluntário. Destaca-se o trabalho de Maria da Graça Jacintho Setton (2004), que considera o Rotary Club uma entidade produtora de “capital social” e “capital simbólico”, ou seja, um tipo de agregação que “serve de instrumento de distinção, de aproximação e separação social”. Com isso, a autora volta suas vistas para a “criação de espaços institucionais que atestem a diferenciação entre os indivíduos e justifiquem sua posição social” (SETTON, 2004, p. 13). Foi exatamente o que aconteceu em Limoeiro, já que a elite local fundou o Rotary Club tendo em mente criar um espaço para realizar trocas simbólicas onde o prestígio social fosse o “diferencial” do grupo, isto é, o elemento identitário dos “nossos” diante dos “outros”, daqueles que não participavam do que seria uma “escola moral e comportamental”, como define Setton. A relação dos homens que criaram e logo se integraram ao RC de Limoeiro, na qual constam três médicos, dois dentistas, um juiz, um tabelião, um advogado, dentre outros profissionais liberais, funcionários públicos e comerciantes,<sup>569</sup> já se constitui uma prova de que a “nata da sociedade” estava envolvida naquele projeto secularizador, pois se tratava de uma emancipação da tutela da Igreja, cujo domínio envolvia toda a sociedade. A elite, sentindo-se sufocada por esse polvo de mil tentáculos, ensaiava seus voos solos, suas manifestações independentes de também criar espaços para agir e interagir com autonomia. Com isso, a elite limoeirense apresentava provas de que também ela poderia servir de exemplo, de que

---

<sup>569</sup> SILVA, Meton Maia e. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 28 de outubro de 2014.

havia esforços nos “homens ilustres” em fazer o bem comum, em “prestar serviço à comunidade a fim de preservar a harmonia e a paz social”, como estipula o estatuto do Rotary Internacional. Fundar um clube rotariano era duplamente vantajoso: criar um instrumento de controle social e fazê-lo sem que ele estivesse preso à religião, aos restritos moldes do sagrado. Agindo dessa forma, a elite declarava uma emancipação da Igreja Católica, cujo domínio abarcava o mundo social jaguaribano, composto de cidades com perfil eminentemente ruralista.

O Rotary Internacional (RI) é uma organização secular, fundada em 1905, em Chicago, Estados Unidos, pelo advogado Paul Harris e por mais três profissionais, um alfaiate, um engenheiro de mina e um entregador de carvão. No Brasil, somente em 1922, no Rio de Janeiro, seria fundado o primeiro clube rotariano, congregando autoridades, empresários e políticos, sob a presidência do ex-governador do Ceará e na época senador, João Thomé de Saboya.

A estrutura hierárquica rotariana reflete uma organização voltada para um controle interno bastante rígido. Há vários níveis administrativos com responsabilidades diferentes, mas com tarefas semelhantes de supervisão, isto é, todos os níveis hierárquicos têm a obrigação de supervisionar a forma de veiculação da filosofia rotária e a atuação de seu colega hierárquico imediatamente inferior. [...] Assim sendo, verifica-se a predominância de uma elite de privilegiados nos cargos administrativos rotários. O interior da organização reproduz a hierarquia social e política da sociedade mais ampla, não obstante as exceções, os casos individuais e tópicos (SETTON, 2004, p. 27-8).

A Igreja Católica, até certo momento, não viu o Rotary Club com bons olhos, já que a instituição concorria fragorosamente no ato de arrebanhar a sociedade em torno de um ideal humanitário, de uma moral de vida, assunto que a Igreja se arvorava dominar de forma exclusiva ou pelo menos dominante. É o que se depreende de uma nota publicada por um arcebispo nordestino em 1940:

Ao rymo. Clero não é lícito, e aos fiéis cristãos não é conveniente (Canon 684), tomar parte em funções do Rotary.

Nem podem aceitar a pretensa “moral” de Paul Harris, em substituição da divina Moral do Decalogo.<sup>570</sup>

Na década de 1940, o episcopado brasileiro considerava o RC “uma organização pouco nacional, até no nome, e de finalidades anti-nacionalistas”. Em razão disso, repassando uma determinação emanada da Santa Sé, o clero

---

<sup>570</sup> O Nordeste, 02 de março de 1940, p. 1. “O Rotary e o Clero”, nota do arcebispo do Maranhão.

ficava proibido de ter qualquer envolvimento com o Rotary. E a Igreja aconselhava os leigos católicos a não se filiarem a essa organização.<sup>571</sup> Toda a filantropia do RC não passava, para a ala católica mais conservadora, de “caricatura do amor cristão”:

É de fato paradoxal que um católico não queira compreender e praticar o mandamento máximo de amor a Deus e ao próximo, quando **a Igreja necessita de sua ajuda para a realização das suas obras** de caridade, assistência social e beneficência, para exercer apenas a sua filantropia no “Rotary Club”, fiel ao ideal de servir de Paul Harris.

A Igreja não pode aprovar e louvar a atitude de um católico rotariano, e por isso declara que o ambiente rotariano lhe é prejudicial porque cria no seu espírito o hábito de julgar que **o ideal de servir resolve o problema da sua consciência e o isenta da obrigação de ser caridoso**, material, moral e espiritualmente, amando o próximo como a si mesmo. [...] Esse ideal pode ser bom e útil para quem não é católico e portanto desconhece a grandeza e a responsabilidade do preceito evangélico do amor ao próximo.<sup>572</sup>

Como se vê, a Igreja não aceitava “concorrer” com o Rotary, sobretudo na questão da caridade, do “servir ao próximo”. O católico deveria estar compromissado, prioritária ou exclusivamente, em sua posição de caridoso para com as obras da Igreja. Mesmo que fosse rotariano, isso não o isentaria de prestar serviços a favor da e para a Igreja. Como esta possuía uma abrangência de atuação muito extensa, não deveria sobrar tempo ao católico para se dedicar a ações que não fossem do “preceito evangélico”.<sup>573</sup> A ação social do RC também não era bem vista pela Igreja porque aquele “fazer o bem” cheirava à benemerência da maçonaria:

O Rotary Club se apresenta como organização inócua, liberal e filantrópica. Mas, na realidade não é senão um dos departamentos da maçonaria internacional. [...] Difundiu-se rapidamente pelos Estados Unidos e outros países tendo sempre como apoio os maçons espalhados pelo mundo. Esse fato, aliado ao caráter inteiramente leigo e à pregação de uma moral superior e independente de qualquer religião dá ao Rotary um cunho muito suspeito que é suficiente para afastar dele os católicos.<sup>574</sup>

Os fundadores do RI são apontados como maçons e sua organização “suspeita” em função de seu caráter leigo e de sua “moral superior e independente”. O autor não usa meias-palavras, para ele o Rotary não passa de “um dos departamentos da maçonaria internacional”. Em razão disso,

---

<sup>571</sup> O Nordeste, 24 de setembro de 1940, p. 4.

<sup>572</sup> O Nordeste, 05 de agosto de 1947, p. 5. “Moral rotária”, texto não assinado. Grifos meus.

<sup>573</sup> Na visão da Igreja da época, o “ideal de servir rotariano é algo de moral que não pode substituir a moral evangélica ou coexistir com ela, como se as duas coisas fossem idênticas ou semelhantes”. O Nordeste, 12 de agosto de 1947, p. 5. “Por que o Rotary é suspeito?”, texto não assinado.

<sup>574</sup> O Nordeste, 11 de setembro de 1951. “O Rotary Club”, texto de Jerônimo Beccari.

espalhou-se na época que o Rotary era uma espécie de “maçonaria branca”,<sup>575</sup> isto é, não tão “agressiva” como sua suposta progenitora, mas igualmente vetada ao católico que queria ser obediente à Igreja e aos seus líderes. Em Limoeiro, o Rotary Club foi fundado em plena efervescência dessa polêmica, em 1956.<sup>576</sup> Um grande banquete foi servido depois da cerimônia de posse da diretoria, “seguindo-se um sarau-dançante às primeiras horas da madrugada”.<sup>577</sup> Se admitirmos o RC como uma “associação de endinheirados”,<sup>578</sup> segundo se pronunciou um jornalista, certamente aquele evento de inauguração do clube rotariano de Limoeiro não contou com a presença da arraia-miúda,<sup>579</sup> pois era “festa da grã-finagem”.<sup>580</sup>

Segundo Maria Setton, ao longo de sua história, o Rotary Club consolidou três estratégias de “circulação de prestígio social”, ou seja, três maneiras de “converter capital econômico e capital cultural em *capital social* e *capital simbólico*”, a saber: a filantropia, a parceria com outras instituições e a autopromoção (2004, p. 137). Em Limoeiro, essas estratégias foram recorrentes e explicam a grande aceitação que o clube rotariano teve no sertão. O primeiro trabalho do RC de Limoeiro do Norte foi de filantropia, conforme se lê na entusiástica nota de um jornal da época:

O Rotary Clube de Limoeiro do Norte, fundado há poucos meses nesta cidade e que vem, pelo alto espírito de compreensão e cordialidade, realizando importantes reuniões, promoveu, pela primeira vez, com pleno êxito, o Natal da Criança Pobre. A solenidade de entrega dos prêmios [presentes] às criancinhas [teve] início precisamente às 19,30 horas, em frente ao prédio da Associação Cultural de Limoeiro do Norte. Estavam presentes todos os membros rotários e suas exmas. Esposas. Foi uma bela festa. Que o Rotary de Limoeiro continue a proporcionar essas festas tão humanitárias e que comovem até.<sup>581</sup>

---

<sup>575</sup> O Nordeste, 23 de março de 1948, p. 3.

<sup>576</sup> Segundo o jornal, a inauguração se deu “em noite memorável no Departamento Recreativo da Associação Cultural e tendo como primeiro presidente o Dr. José Modesto Ferraz, eminente juiz de Direito da Comarca”. Compareceram ao evento, “expressivas representações do Rotary Club de Fortaleza, Oeste, e do Rotary Club de Mossoró [RN]”, sendo considerado pelo cronista da cidade como um “evento jamais olvidado”. *Diário do Nordeste*, 18 de maio de 1995, p. 2. “Rotary Club”, carta de Meton Maia e Silva ao editor do jornal.

<sup>577</sup> SILVA, Meton Maia e. **Dados sobre o Rotary Club de Limoeiro do Norte**: memórias para o companheiro Dr. José Expedito. Fortaleza, 05 de agosto de 2003.

<sup>578</sup> O Nordeste, 23 de março de 1948, p. 3.

<sup>579</sup> Segundo Fernandes e Ferreira (2006), a expressão “arraia-miúda” foi usada pela primeira vez pelo cronista português Fernão Lopes (1380-1460), em suas *Crônicas*, para designar o povo em oposição à nobreza. Desde então, essa expressão passou a ser usada para definir a plebe, o “povão”, ou seja, o agrupamento de massas desvalidas de uma nação.

<sup>580</sup> Segundo Houaiss (2001), o substantivo “grã-finagem” foi incorporado à Língua Portuguesa em 1954, designando a “alta sociedade”, em oposição à “ralé”.

<sup>581</sup> *Correio do Ceará*, 31 de dezembro de 1956, p. 5.

Distribuir presentes às crianças pobres no Natal era uma forma eficiente de manifestar a filantropia exigida pelo RC, um momento apropriado para que a elite estendesse sua mão à plebe ignara e pobre, cujas carências estavam sempre patentes. Segundo o cronista Meton Maia e Silva, as “campanhas” do Rotary de Limoeiro em prol do povo pobre foram bem-sucedidas e alcançaram encômios em função do “espírito de bem servir à comunidade”. Nos anos de 1960, o Rotary chegou a fundar uma escola em uma comunidade carente da sede do bispado. A parceria com outras instituições também foi importante para trazer para Limoeiro palestrantes e “vultos das letras cearenses”, além da “prata da casa”, oradores da cidade. A autopromoção do grupo rotariano de Limoeiro acontecia, sobretudo, nas constantes “comemorações de aniversários de seus associados”.<sup>582</sup>

### 3.3.3 A dessacralização da mulher

Outro fenômeno que ameaçou a hegemonia do projeto de dom Aureliano foi a dessacralização da mulher na sociedade jaguaribana, liberalismo diante do qual o bispo e o clero conceberam e puseram em prática uma série de estratégias. Em verdade, sobretudo o abandono do tradicional recato feminino foi um assunto que muito preocupou a elite eclesiástica cearense nos anos de 1950, especialmente no diz respeito ao vestuário. Em abril de 1953, em razão da iminente visita da Imagem Peregrina de Fátima ao Ceará, o arcebispo metropolitano e os quatro bispos do Estado lançaram a “Circular do Episcopado Cearense às Senhoras e Donzelas Católicas”, esperando das mulheres uma “reação eficiente contra as modas e diversões que atentam contra a modéstia cristã”. Abaixo, um trecho desse documento:

O Episcopado Cearense sente vivamente, com o Soberano Pontífice, o mais vivo pesar em ver senhoras e moças católicas descuidadas do dever sagrado de cultivar a modéstia cristã e reprova as modas, leituras, espetáculos, danças em que não se respeitam as normas da modéstia. Dirigimo-nos a todas as Senhoras e moças que se prezam de católicas.

Em particular, declaramos às Militantes da Ação Católica, às Mães Cristãs, às Filhas de Maria, aos membros de todas as Associações Pias que não lhes é lícito condescenderem com as modas exageradas ou frequentarem diversões inconvenientes. São de todo reprováveis os vestidos inteiramente sem mangas ou

---

<sup>582</sup> SILVA, Meton Maia e. **Dados sobre o Rotary Club de Limoeiro do Norte**: memórias para o companheiro Dr. José Expedito. Fortaleza, 05 de agosto de 2003.

de mangas cavadas, os de decotes exagerados, os de tecidos muito transparentes.

Mesmo para o banho de mar, de piscina, é indispensável o uso de roupas que não atentem contra a modéstia cristã.

Detestem, portanto, os trajes reprováveis; evitem os filmes que a moral desaconselha; não tomem parte nos bailes dos clubes e cassinos e mesmo os bailes familiares evitem-nos quanto puderem, já que as danças modernas não podem fugir da reprovação da Igreja.<sup>583</sup>

Como se vê, a moda “exagerada”, a leitura de romances tidos como “escandalosos”, o cinema “amoralizado”, a dança, enfim, todos os comportamentos que tinham “cheiro de moderno” e que atentavam contra a modéstia cristã eram sumariamente reprovados, condenados e expostos como “costumes pagãos”. A elite eclesiástica esperava das mulheres, as devotas católicas, “criaturas tentadas, mas vitoriosas”, uma “reação” eficiente e definitiva contra o neopaganismo. A carta foi assinada também por dom Aureliano, bispo de Limoeiro. Não bastasse esse documento, ele mesmo providenciou outra circular dirigida às mulheres de sua diocese, datada de 29 de setembro de 1953, preparando-as adequadamente para receberem a Imagem Peregrina de Fátima, conforme já tratei em páginas anteriores:

Assim, vimos determinar que sejam avisadas as Senhoras e Senhoritas de que não devem ir à Igreja com vestidos sem mangas e quando estas não chegarem [ao] cotovelo sejam fechadas com elásticos ou cousas semelhantes, nem com vestidos muito decotados, ou de fazenda transparente. Demais, seria de toda conveniência que na Igreja tivesse com a cabeça coberta, sendo isto obrigatório quando vão comungar.

A modéstia cristã é o mais rico apanágio de uma Senhora que se preza. Por isto, em casa ou na rua, no salão de festa ou na praia de banho, o seu trajar revela sempre a alta noção que tem da sua personalidade, da nobreza de sua missão na sociedade, na qual deve influir para a sua moralização.

A mulher cristã que ainda moureja aqui na terra está convidada a secundar a grande missão que Maria Santíssima trouxe do Céu, que é a renovação dos costumes pela oração e penitência.

Mas, como poderia a mulher desempenhar este relevante trabalho se ela se põe a serviço da mesma corrupção pelo escândalo que dá no seu trajar imodesto e mesmo imoral?! Chegou o momento de atender o apelo de N. Senhora: vestir modestamente.<sup>584</sup>

Nota-se um rigor detalhista no modelo de vestuário imposto à mulher, sobretudo para sua permanência na igreja: vestido de mangas longas e

---

<sup>583</sup> PROVÍNCIA ECLESIASTICA DO CEARÁ. **Circular do Episcopado Cearense às senhoras e donzelas católicas**. Fortaleza, [s.n.], 29 de abril de 1953, página única. Além de sair como impresso para distribuição nas igrejas, o texto da carta também foi publicado no jornal *O Nordeste*, edição de 30 de abril de 1953, p. 2 e 7.

<sup>584</sup> CÚRIA DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE (Ceará). **Circulares, Decretos, Atos, Cartas Pastorais etc.** Livro 01. Circular n.º 62, 29 de setembro de 1953, p. 79v-80f/v.



fechadas, não decotado, não transparente, e véu na cabeça. Dom Aureliano eleva a modéstia cristã ao patamar de “o mais rico apanágio” de uma senhora que honra a si e a sua religião. Sem nunca abrir desse recato, admite-se até que a mulher católica vá à praia ou mesmo ao “salão de festa”, mas ela será nesses ambientes potencialmente “perigosos” uma espécie de luz, um exemplo, uma influência moralizadora, já que sua conduta induziria a uma “renovação dos costumes pela oração e penitência”. Vestir-se modestamente e comportar-se cristãmente são resultados esperados não somente em razão de obediência às determinações eclesiásticas (humanas), mas também ao apelo (divino) da Virgem Maria. À pergunta “por que tanto combate aos vestidos sem mangas?”, um jornalista que falava em nome da elite eclesiástica no Ceará responde:

Nosso Senhor disse, certa vez: “A luz do teu corpo é o teu olho. Se ele for puro, teu corpo o será. Se ele for mau, teu corpo estará vestido de trevas”. A maioria dos pecados entra pelos olhos. As moças levianas em suas modas, ofendendo a dignidade do próprio corpo, tornam-se culpadas, cúmplices nos pecados que despertam, por pensamentos, desejos ou ações nos homens. Isto é mais sério do que se pensa.<sup>585</sup>

A culpa em “despertar” o desejo e a luxúria no coração dos homens era posta sobre as “moças levianas”, aquelas que, ao usar roupas que deixavam à mostra partes do corpo, ofendiam a si mesmas e aos homens, que supostamente não teriam controle sobre sua libido. A resposta está pautada numa visão machista de sociedade, na qual à mulher caberia um papel secundário, sempre à sombra do homem. Ao aceitar o estilo de roupa moderna, desenhada por estilistas “pagãos” que ignoravam a tradição cristã, a mulher cometia assim um ato de insubmissão e rebeldia não somente contra o modelo de sociedade vigente, mas também contra a Igreja a qual ela dizia abraçar. Isso fica patente nos seguintes fragmentos de *O Nordeste*:

Não se concebe que uma donzela que recebeu o batismo, frequenta os sacramentos, conhece, pelo menos superficialmente a sua religião, se deixe dominar pelos atrativos das modas imorais e se submeta docilmente às imposições de costume que atentam contra a dignidade pessoal da mulher. [...] E o que mais revolta é saber-se que tais moças assim expostas aos olhos vorazes da concupiscência degradada masculina são na sua maioria filhas da Igreja, e se dizem seguidoras de Cristo.<sup>586</sup>

Surgiram agora umas modas tão indecentes, tão atrevidas e loucas, que nunca se poderiam imaginar chegasse a mulher a tamanha degradação. Compreende-se a vaidade feminina. [...] Todavia, se a moda é para adornar e embelezar as filhas de

<sup>585</sup> *O Nordeste*, 17 de maio de 1950, p.2.

<sup>586</sup> *O Nordeste*, 27 de junho de 1952, p. 3.

Eva, não é nem pode ser para degradá-las, arrancar-lhe o pudor, torná-las objeto de sensualismo e provocadoras de escândalos. [...] Nas ruas e nas praças, nos salões, certas jovens arranjaram um vestido que o povo logo chamou “tomara que caia”. É um semidesnudamento muito despudorado. [...]

Outrora se sabia distinguir pelo traje a mulher honesta de uma decaída, de uma pobre da vida airada. Hoje, é impossível. Vestem-se certas moças e têm, muitas delas, os mesmos modos e atitudes que muitas filhas do pecado. [...]

O pior é este vestido ou, melhor, este despido a que chamam “tomara que caia”. [...] Podem chamá-lo de “já caiu”... Sim, porque já caiu a vergonha, já caiu o pudor feminino, já caiu o bom senso dos pais e dos maridos, já caiu a dignidade da mulher que usa tais vestidos.<sup>587</sup>

A mulher católica é duramente criticada por aderir às modas das “filhas do pecado”, das “mulheres decaídas”, de tal modo que o jornalista diz ter se tornado impossível distinguir, pelo vestuário, uma “seguidora de Cristo” de uma “pobre de vida airada”. Devota e prostituta, assim, são postas lado a lado, sem possibilidade de distinção, em função de ambas terem abraçado as “modas indecentes, atrevidas e loucas”. O vestido tipo tomara-que-caia é mencionado como exemplo acabado da degradação feminina, consolidada devidamente com a convivência dos homens, pais e maridos, aos quais teria faltado bom senso para proibir as “submissas” sob seu comando de se atirarem ao “abismo do despudor”. Toda a crítica é tecida de modo a convencer que o autor está, na verdade, preocupado com a dignidade da mulher, ameaçada pelos atrativos da moda moderna, cujo único intento seria desmoralizar a “filha de Eva”, reduzindo os vestidos (que assim “subiam embaixo” e “desciam em cima”) e expondo os corpos aos “olhos vorazes da concupiscência degradada masculina”. Os vestidos de baile, por exemplo, foram perdendo seu tradicional “volume da cintura para baixo” em função de ditames das danças modernas e das conquistas femininas:

A razão original [para tanto volume no vestido de festa], estabelecida na metade do século XIX, foi para manter os rapazes solteiros a uma distância respeitável das cobiçadas damas que dançavam nos bailes. Levou mais de um século para as montanhas de camadas desaparecerem do vestido formal e surgirem indumentárias mais adequadas aos “ritmos quentes” (STALDER, 2009, p. 16).

Nesse sentido, a documentação consultada e constituída estipula que os padres da diocese de Limoeiro foram bem orientados por seu bispo em razão do avanço das “liberalidades modernas” que ameaçavam, sobretudo, a imagem da mulher cristã como exemplo de recato e santidade. Essa preocupação, na verdade, era compartilhada por todo o episcopado, conforme eles mesmos

---

<sup>587</sup> O Nordeste, 19 de agosto de 1953, p. 5.

escreveram em uma carta coletiva: “Lamentamos a decadência dos costumes e quanto concorrem para isso certas iniciativas profanas, como os concursos de beleza, realizados com tão grande desacato à modéstia cristã”.<sup>588</sup> Segundo Nicolau Sevcenko, os concursos de beleza feminina constituem o “marco mais notável do novo culto à juventude, à saúde, ao vigor físico e à formosura” que, vicejando durante todo o século XX, acabariam se tornando “filões da imprensa” e “mania nacional” (1998, p. 578). Nesse sentido, o esforço de dom Aureliano parece ter surtido efeito. Ao menos na sede diocesana, o bispo conseguiu, durante certo tempo, manter as donzelas afastadas de eventos daquela natureza, considerados afrontosos por despir a mulher diante de espectadores concupiscentes. Jornalistas de Fortaleza chegaram a reclamar uma representante de Limoeiro no Concurso Miss Ceará de 1961,<sup>589</sup> já que não aparecia nenhuma moça limoeirense disposta a concorrer.

A Igreja insistia em imprimir à mulher uma natureza “inferior”, mas “benigna”, em contraponto ao homem, cuja natureza seria “superior”, mas “maligna”, já que, nessa visão, ao macho não era possível “aprisionar” seus impulsos sexuais, a exemplo do que era considerado “natural” à fêmea humana. A assexualidade de Maria (sua virgindade permanente) era a chave de sua divinização, o que levaria a devota católica a querer imitá-la, para assim também usufruir de uma “superioridade espiritual” (ARY, 2000). Havia, por assim dizer, uma “doutrinação persistente” destinada à mulher, sobretudo à moça solteira, considerada mais suscetível de cair na “sedução do pecado”, para a qual se propunha uma “castidade espiritual” que ela deveria manter também depois que casasse e tivesse filhos:

A mulher deve procurar se assemelhar a uma figura assexuada; sua imagem compreende também o papel de esposa-mãe. Assim, não somente a virgindade pré-nupcial, mas também a frigidez pós-nupcial, socialmente ditada como um ideal na América Latina, estão em relação com sua condição cósmica. Perdendo sua virgindade física na concepção de sua criança, por um ato sexual sem prazer, elas preservam, entretanto, sua castidade no nível espiritual (REILY, 1984, p. 65).

Tomo o livro de atas das Filhas de Maria da cidade de Jaguaribe para explicitar como as jovens solteiras que pertenciam a essa agremiação eram

---

<sup>588</sup> CÚRIA DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE (Ceará). **Circulares, Decretos, Atos, Cartas Pastorais etc.** Livro 02. Carta Coletiva do Episcopado Cearense. Fortaleza, 24 de junho de 1959, p. 10f.

<sup>589</sup> *Unitário*, 06 de maio de 1961, Seção “O Interior em Revista”.

sistematicamente disciplinadas, instruídas e ensinadas a “desviar o pecado” e abraçar uma vida que “honrasse a Mãe de Deus”:

[O diretor, padre Macário] mais uma vez combateu com as Filhas de Maria que frequentavam festas, avisando que estas deveriam procurar afastar-se e principalmente deixar de ir a baile carnavalesco. [...]

Finalizando, [o diretor, padre Pompeu] disse que as Filhas de Maria deviam ter sempre um vestido próprio de mangas compridas e meias para as reuniões, missa e comunhão geral. [...]

Falou ainda sobre a dança, que era expressamente proibida pelo regulamento a frequência de Filhas de Maria em bailes, que, além da dança não ser conveniente à uma Filha de Maria, era ocasião de pecado para os outros. [...]

Disse ainda que as moças deixavam muitas vezes de ser uma filha de Maria porque pensavam elas que uma filha de Maria seria obrigada a levar uma vida de freira, mas quanto a esse ponto estavam todas enganadas, as Filhas de Maria tinham liberdade também como qualquer outra moça de frequentar a sociedade e pontos de diversões, contanto que procurassem ser virtuosas e dar bom exemplo. Portanto, a única diferença da Filha de Maria para as outras era usar a fita, obedecer o regulamento que manda a associação e não frequentar bailes. [...]

Falou ainda sobre as várias maneiras que temos de cometer o pecado. Este arrastava para o abismo. Devíamos ter força de vontade, espírito forte para desviar o pecado, sobretudo pelo pensamento, o qual chamamos a “doida da casa”. [...]

Ensina-nos, portanto, este Santo que a moda não é pecado se nos utilizarmos dela com simplicidade e sem o excesso. No caso contrário tem sido e será a perdição de muitas jovens e senhoras que dela se ocupam exageradamente, ocasionando os maus pensamentos.<sup>590</sup>

As reuniões eram mensais, sempre dirigidas pelo vigário da paróquia, sendo a frequência obrigação da associada, que poderia até ser afastada se faltasse sem justificativa. Na leitura de dez anos de atas (1950-1959), percebe-se a preocupação quase obsessiva dos padres com dois temas: o vestuário da associada, que deveria mostrar o pudor da dona, e a proibição de frequentar bailes e se entregar às “danças modernas”. Até se admite que a dança e a moda não constituam pecados em si mesmos, mas a forma exagerada e mundana com que estavam sendo “orquestradas” pelo demônio não permitia, em hipótese alguma, que uma representante da pureza da Virgem se entregasse a elas.

Nos anos de 1950, o *prêt-à-porter* (confecção de peças em medida padrão à venda em lojas) ainda não determinava o vestuário no sertão, sendo as peças encomendadas a costureiras (moda feminina) e alfaiates (vestuário masculino). Em Limoeiro, nomes como Adelaide Castro, Aleuda Nogueira,

---

<sup>590</sup> PARÓQUIA DE JAGUARIBE. **Livro de Ata das Filhas de Maria Imaculada e Associadas de Santa Teresinha**. Jaguaribe, 1950-1959, p. 28v, 30v, 31f, 32f, 33v e 38f.

Apolinária Cirila de Oliveira Lima, Madalena Pitombeira, Maria Helena Costa e Mirosa Silva eram costureiras requisitadas, recebendo suas clientes em casa. Os homens, cujo vestuário formal pouco se modificara no último século, contavam com alfaiates como Nelson Forte, seu ajudante e depois autônomo Lírio Remígio de Freitas, Luís Lopes, José Ferreira, João Sales e Joaquim Nogueira, além de Maria José de Freitas, costureira que se especializara no corte masculino das classes menos favorecidas.<sup>591</sup> Os chamados “vestidos de sair” ou “vestidos de festa” (religiosa ou profana) eram inspirados em tendências vindas da Europa, sobretudo da França:

Os costureiros parisienses, Christian Dion, Christobal Balenciaga, Pierre Balmain, Jacques Fath, Hubert de Givenchy, Nina Ricci, Lanvin-Castillo, Carven, Guy Laroche... difundem no mundo inteiro a reputação da moda francesa. Uma atividade social intensa e a organização de grandes bailes lhe fornecem pretextos para criar toaletes suntuosos (BOUCHER, 2012, p. 411).

Segundo Nicolau Sevcenko (1998), entre os “privilegiados” moradores do Rio de Janeiro, desde o século XIX, era “chique” usar as “*toilettes* estupendas” que estavam (ou estiveram, se levarmos em conta o tempo da travessia do Atlântico) em moda na França. Com isso, prevalecia um “individualismo exibicionista” ou uma moda de identificação social, cujo objetivo primordial era marcar uma posição que distanciasse os ricos usuários das classes menos afortunadas ou despossuídas. Era, portanto, “uma questão de posição num amplo movimento geral de emulação, em que a busca sôfrega de modelos indicava justamente a ausência de parâmetros seguros” (SEVCENKO, 1998, p. 541).<sup>592</sup> No Vale do Jaguaribe, sendo inviável importar roupas da Europa, costureiras e alfaiates como os mencionados cultivavam uma crescente clientela copiando modelos exibidos em revistas. Estudiosos franceses que visitaram a região jaguaribana deixaram um curioso registro sobre o hábito de se mandar fazer roupa para “ocasiões especiais”:

A escolha do tipo de vestuário em face de circunstâncias ou ocasiões especiais é mais cuidada entre as populações mais urbanizadas. Mais providas de roupas, podem reservar algumas mais bem postas para determinados dias da semana, como o domingo ou dia santificado, a ida à missa, a festas de padroeiros, a

---

<sup>591</sup> SILVA, Olívia Elisete de Freitas e. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 01 de julho de 2015. Em uma enquete numa rede social, estes nomes foram também lembrados, dentre outros como o de dona Celeste Maria Gurgel, costureira que se especializou em bordados.

<sup>592</sup> Nesse panorama instável, a figura feminina podia se sobressair: “Para as mulheres, o investimento na aparência, nas roupas e no porte oferece oportunidades de romper hierarquias e barreiras sociais, conquistando legitimamente posições pela beleza e elegância” (SEVCENKO, 1998, p. 539).

reuniões recreativas ou a solenidades formais. Deve-se, entretanto, registrar que mesmo nas sub-áreas rurais as comemorações sócio-religiosas coletivas, como o São João, o Natal, marcam o uso de roupas não costumeiramente trajadas como também determinam a compra de novas vestimentas e seus acessórios.<sup>593</sup>

No dia 14 de maio de 1953, as mulheres da sociedade limoeirense tiveram a oportunidade única de exibir *toilettes* feitas especialmente para cobrir um evento social nunca antes visto no sertão: o casamento de um senador da República, então aos 60 anos, com uma adolescente limoeirense de 16 anos, filha da elite local. Na catedral jaguaribana, uniam-se em matrimônio o Sr. Olavo de Oliveira e a senhorita Eunice Mendes de Freitas, “acontecimento” devidamente noticiado pela revista *O Cruzeiro*.<sup>594</sup> A matéria consistia em meia dúzia de fotos e breve texto com o perfil dos noivos e sua história de “amor à primeira vista”, mas não parece ter agradado à elite da cidade. Onze edições depois, uma carta publicada levantava uma série de descontentamentos e censuras, dentre as quais se destacava: “Não vimos uma só fotografia mostrando como sabem vestir-se as damas e senhorinhas de Limoeiro nos seus grandes dias de gala”. A revista responde que

a reportagem censurada não teve em vista a propaganda das belezas urbanísticas, do civismo e esforços dos seus filhos, nem da graça e elegância das senhoras da sociedade de Limoeiro, o que, tudo isso em conjunto, ou de per sim é realmente merecedor de divulgação; mas tão somente a focalização de um único fato [o casamento], que nos pareceu de interesse geral e não municipal.<sup>595</sup>

Como se vê, não somente eventos religiosos como festas de padroeira exigiam vestimentas “não costumeiramente trajadas”. Os ditos “eventos sociais”, como casamentos e bailes, eram ocasiões “certas” para mandar fazer uma roupa nova. Não obstante a constante vigilância do clero, em Limoeiro a Associação Cultural promoveu em toda a década de 1950 “célebres bailes” que foram recordados pelos depoentes como “momentos sadios” de sociabilidade das classes alta e média. Não era isso o que pensavam os padres, que moviam uma guerra sem trégua às festas dançantes e às modas extravagantes, que estavam assim interligadas, pois dificilmente uma mulher repetia o mesmo vestido em diversos eventos sociais. A moda e a costura

---

<sup>593</sup> SUDENE, Grupo de Estudo do Vale do Jaguaribe. **Estudo geral de base do Vale do Jaguaribe**. Rio de Janeiro: GVJ, 1967, Vol. IX: Aspectos Sócio-Culturais, p. 141-2.

<sup>594</sup> *O Cruzeiro*, ano XXV, nº 34, 06 de junho de 1953, p. 24-6. “O senador e o brotinho”. Diz a matéria: “Nunca, em toda a sua história, nem mesmo quando se constituíra sede de um bispado, Limoeiro vira passar, por suas ruas sem calçamento, tão elevado número de figurões da política e da administração, ao lado de senhoras de chapéus complicados e mocinhas de rosas multicores nos cabelos”.

<sup>595</sup> *O Cruzeiro*, ano XXV, nº 45, 22 de agosto de 1953, p. 16.

estavam atrelados aos bailes, e estes se constituíam encontros sociais adequados para se exhibir e “conferir” os modelos de amigas, vizinhas e conhecidas. Nesse caso, para a Igreja, combater a festa dançante era também combater a moda extravagante, e vice-versa, já que uma se alimentava da outra. Uma depoente nascida em 1942 relembra como o clero reagia à constância de festas dançantes na sede da prelazia:

Quando as turmas da Escola Normal se formavam, até o bispo não queria baile. Monsenhor Otávio batia o pé e dizia que se houvesse festa dançante, ele não celebrava missa de conclusão.

Depois que fundaram a Associação Cultural Limoeirense, o padre Mariano criou uma estratégia de contra-ataque. No dia que tinha festa dançante, ele chamava a criançada, pois era diretor da Cruzadinha [Cruzada Eucarística Infantil], reunia todos atrás da Igreja de Santo Antônio, fazia brincadeiras, servia bolo e refresco e exibia um filme mudo, antigo, sobre a vida de algum santo.<sup>596</sup>

O diretor da Cruzada Eucarística Infantil, padre Mariano Rocha Matos, descobriu que poderia usar as crianças como arma de contra-ataque, doutrinando-as religiosamente, disciplinando-as por meio da exemplar vida dos santos. Assim instruídas, convencidas da “verdade de Deus”, poderiam elas influenciar seus pais e demais adultos da família e até mesmo convencê-los a desistir dos bailes. Mesmo as chamadas “festas em casas de família” não recebiam aprovação da Igreja, pois a dança moderna e a ingestão de bebida alcoólica as aproximavam das “festas nos clubes”, ambas vistas como “causa do pecado”:

Qual a diferença [entre as duas festas]? Não encontro. E, se a Igreja entende que as festas dançantes são perigosas ocasiões do pecado, devemos, nós, catequistas, ensinar que, pelas mesmas razões, as festas familiares modernas são também causa do pecado, mais ou menos próxima.<sup>597</sup>

### 3.3.4 O avanço do protestantismo

A preocupação com as “liberalidades modernas” não era exclusividade da Igreja Católica. A leitura das atas do Conselho da Igreja Presbiteriana de Fortaleza, responsável por enviar missionários ao sertão, comprova que os “perigos da modernidade” também preocupavam a Igreja Reformada, conforme demonstra o seguinte fragmento:

---

<sup>596</sup> FREITAS, Maria das Dores Vidal. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 18 de fevereiro de 2012.

<sup>597</sup> *O Nordeste*, 11 de junho de 1957, p. 5. “Festas dançantes em casa de família”, transcrito do *Boletim Catequético*.

Manter maior controle das actividades da mocidade da Igreja, afim de evitar factos como os que passamos a relatar: a) Em um de seus pique-niques, os jovens retornaram de um banho, passando por dentro da vila de Mondubim, com roupa de praia, o que deu motivo de escândalo e comentários, por parte dos católicos. b) Algumas moças estão usando “maillots” indecorosos, quando de seus banhos em pique-niques, que atentam contra uma sã moral. [...] d) Até dança tem havido entre eles. 5.º Combater, com eficiente cuidado, o jogo, o uso desordenado de bebidas alcoólicas, a dança, bem como toda e qualquer prática prejudicial à pureza e ao bom nome da Igreja.<sup>598</sup>

Nota-se um cuidado, por parte das lideranças protestantes, em manter intacto o “testemunho de vida” dos fieis, sobretudo dos jovens, mais afeitos a novidades, e consequentemente o “bom nome da Igreja”. Assim, o uso de roupa de banho moderna (“maiôs indecorosos”) teria sido suficiente para escandalizar pessoas conservadoras. A dança, o jogo e o álcool aparecem como elementos a serem cuidadosamente combatidos, já que constituíam afronta a “sã moral cristã”. Percebe-se um receio de que os presbiterianos escandalizassem os católicos e assim a oportunidade de “evangelizá-los” seria anulada. Em toda a década de 1950, o protestantismo avançou a passos largos no Brasil, conquistando espaços decisivos, mas sempre acusado pela Igreja Católica por sua prática proselitista “agressiva”. Somente em 1952, um navio vindo dos Estados Unidos desembarcou no Pará sessenta e dois missionários e suas respectivas famílias.<sup>599</sup> O avanço do reformismo no Ceará deixou alarmada a elite eclesiástica, conforme fica patente no seguinte fragmento do jornal católico da arquidiocese de Fortaleza:

Em reunião das associações religiosas, ontem [06.10.1954], expôs o Sr. Arcebispo um dos pontos ventilados no último conclave dos Bispos brasileiros: o progresso do Protestantismo no Brasil. Deixou dolorosa impressão a palavra do Sr. Dom Antônio [de Almeida Lustosa].

O Protestantismo, entre nós, toma, no momento, um extraordinário progresso. [...]

Devemos alarmar-nos com tal ameaça ao Catolicismo e à integridade da nossa fé.

Vivemos debaixo de sombra fresca, como se não houvesse mouros na costa...<sup>600</sup>

Nessa fonte, os protestantes são chamados de “mouros” e comparados a invasores que ameaçam tomar o litoral de assalto, e assim disseminar sua “doutrina herética” entre o já catequizado povo brasileiro. A palavra “invasão”,

---

<sup>598</sup> IGREJA PRESBITERIANA DE FORTALEZA. **Livro de Atas do Conselho n.º 7**. Fortaleza, 1948-1952, p. 25f/v. Reunião do dia 26 de agosto de 1950.

<sup>599</sup> *O Nordeste*, 03 de março de 1952, p. 1. Parte dos missionários seria mandada ao interior da Amazônia e o restante se espalharia pelo país. A onda de desembarque prosseguiria nos anos seguintes, quando então foram enviados pregadores para o Ceará.

<sup>600</sup> *O Nordeste*, 07 de outubro de 1954, p. 4. “O protestantismo no Brasil”, texto de José Valdivino.



que poderia parecer “alarmista”, refere-se na verdade a uma “onda missionária” desencadeada por pregadores protestantes desde fins do século XIX, constituindo-se um terno adotado ou assimilado por eles mesmos.<sup>601</sup> A mensagem de alerta e angústia do arcebispo, sentindo que o cearense estava apático diante dessa “invasão da costa” provocou “dolorosa impressão” na assistência. Segundo o jornalista, o tema do avanço do protestantismo no Brasil já havia sido debatido pela elite eclesiástica, na reunião da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) daquele ano (1954). Alguns fragmentos do jornal mostram o que o pináculo clerical brasileiro pensava do avanço da Igreja Reformada em terras tupiniquins:

A muita gente parece a Igreja [Católica] uma fera rancorosa e vingativa, quando acusa e denuncia os protestantes. [...] Afinal, católicos e protestantes não são todos cristãos? Ingenuidade ou ignorância – é o que revelam tais pessoas. Desconhecem a verdadeira feição do protestantismo, e os verdadeiros motivos pelos quais a Igreja o condenou.<sup>602</sup>

Se já somos um povo civilizado e cristianizado, por que teimam norte-americanos de mau caráter em nos olhar como selvagens ou negros da África, ainda vivendo no paganismo e na idolatria? [...]

A vinda ininterrupta de “missionários” americanos para o Brasil, por exemplo, tem sido motivo para que o povo, na sua imensa maioria católico, olhe para os filhos de Tio Sam, indiscriminadamente, como gente do diabo, como enviados de Satanaz, como inimigos que se deve ter.

Num ambiente desses, dificilmente os ianques conseguirão fazer-se amados do povo latino, e isso é um fator poderosíssimo para que pouca repercussão tenha entre nós a campanha da boa vizinhança. Porque, realmente, não podem merecer o nome de bom vizinho aquele que procura, por outros meios, destruir a unidade da família e a ordem espiritual nela reinante.<sup>603</sup>

“Esta atitude das seitas protestantes tem uma dupla consequência... por um lado semeia a confusão e a indiferença no campo religioso... por outro lado, é triste reconhecer mas é a pura verdade, cria uma atmosfera de antipatia quando não de hostilidade para com a nação norte-americana, pois o nosso povo está convencido de que toda essa intensa atividade de proselitismo está dirigida, alimentada e sustentada por norte-americanos”.<sup>604</sup>

Como se vê, os Estados Unidos são considerados culpados por enviar ao Brasil, de modo ininterrupto, missionários para disseminar a fé reformada, como se o brasileiro fosse um “povo pagão”, tal como os “negros da África”, ou

---

<sup>601</sup> Em 1910, por exemplo, o missionário presbiteriano Samuel Rhea Gammon publicaria nos Estados Unidos o livro *The Evangelical Invasion of Brazil or A Half Century of Evangelical Missions in The Land of Southern Cross*, utilizando a expressão “invasão evangélica” para desafiar a vinda de mais missionários ao “país de portas abertas”. Naquele ano, a Igreja Presbiteriana comemorava cinquenta anos de chegada ao Brasil, considerando oportunidade ideal colocar nas mãos de futuros pregadores aquele livro que seria, na verdade, “um manual sobre o país que lhes servisse de guia informativo”. Cf. MENDONÇA, 2008, p. 259-63.

<sup>602</sup> *O Nordeste*, 26 de julho de 1951, p. 5.

<sup>603</sup> *O Nordeste*, 15 de abril de 1952, p. 3.

<sup>604</sup> *O Nordeste*, 03 de setembro de 1953, p. 2.

como “selvagens” que careciam de “evangelização”. Essa “arrogância ianque”, ou seja, essa ânsia de evangelizar um povo já devidamente “cristianizado” seria motivo justo para que o brasileiro recebesse esses missionários e seus adeptos com antipatia ou mesmo com hostilidade, o que de fato aconteceu conforme demonstra a narrativa que passarei a fazer. Em fevereiro de 1954, justamente naquela leva de missionários que aportaram no Pará, chegaram os missionários americanos William e Doris Griffin, e sua filha pequena Linda. Enviado pela *Baptist Mid-Missions*, o casal viajou para Fortaleza, onde passou um ano aprendendo a língua portuguesa. No início de 1955, a família missionária foi morar em Russas, onde começaram um trabalho de implantação de igrejas, realizando cultos quase todas as noites, no subúrbio da cidade.<sup>605</sup> Em Russas, o missionário passou a ser chamado de Guilherme, pois o sertanejo tinha dificuldade de pronunciar o nome William Preston Griffin. Uma depoente nascida em 1943 relembra os primeiros momentos da chegada da denominação batista em sua terra natal:

Assim que chegou, o missionário Guilherme Griffin conheceu meu avô João Honorato, que tinha o apelido de João Bibiu e que frequentava a Igreja Presbiteriana de Russas, na época. Como o missionário veio com o ministério de implantar igrejas, então ele começou a fazer os cultos aqui no Planalto, que naquela época era chamado de Tabuleiro. Logo que pessoas se decidiram a Cristo, o missionário começou a formar trios de cantores, pois ele também era muito bem preparado no que diz respeito à música.

Eu me lembro, devia ter uns doze anos [1955], houve um culto no Tabuleiro de Baixo. Eu já sabia ler e lia passagens da Bíblia, a pedido do missionário, que pregava muito bem. No momento do culto, chegaram cinco homens, comerciantes, proferindo palavras de baixo calão e jogando muita areia, não lembro se pedra também. Minha mãe me mandou entrar na casa, acho que para me resguardar de alguma coisa, e ficou no oitão, onde o culto era realizado. Quando ela entrou, tirou a roupa e foi preciso o papai pegar uma toalha para tirar a areia das costas.

Houve muita perseguição ao Evangelho aqui em Russas. O pároco da cidade na época, padre Pedro, era o perseguidor maior. Numa missa, o padre se referiu ao meu avô assim: “Aquele pregador de beira de cacimba...” Meu avô havia cavado duas cacimbas, durante a seca, e dava água a quem pedia. Mas, antes, ele pregava o Evangelho, ali mesmo, ao pé do poço. Mais: uma senhora católica botou o apelido de “Bode Preto” no meu avô e “Bode Louro” no missionário americano.<sup>606</sup>

---

<sup>605</sup> Dados fornecidos pela esposa do missionário, Doris Griffin, em 2012, ao blog BATISTA MARANATA TAUBATÉ. In: <http://batista-maranata.blogspot.com.br/2012/02/biografia-do-missionario-guilherme.html>. Visualizado em 27 de fevereiro de 2015.

<sup>606</sup> SILVA, Maria de Lurdes dos Santos. Entrevista concedida em Russas-CE em 27 de setembro de 2013.

Outra senhora, nascida já em 1952, professora de Geografia que pesquisou a história da Igreja Batista em Russas, acrescenta dados ao depoimento da primeira:

No início, foi muita perseguição mesmo. Faziam um “pacote” de pedra e barro e jogavam. Tanto João Honorato como o Sr. Guilherme Griffin sofreram afrontas, jogavam areia e até ovo neles. O missionário possuía um jipe, daqueles com capota de lona, e vinham e rasgavam a capota. Também jogavam areia no veículo, ou faziam buracos para o carro atolar. Faziam paródias maldosas com as músicas que os crentes cantavam. Nós cantávamos um hino que dizia assim: “Vamos, irmãos, levar essa luz ao mundo inteiro”. Eles arremedavam assim: “Vamos, irmãos, levar esse bode pro chiqueiro”. Foi um tempo difícil!<sup>607</sup>

O casal Griffin permaneceu em Russas até outubro de 1958, ano de grande seca na região. Em função de uma alergia de pele na filha do casal, Linda, que se agravava em climas quentes, os missionários foram morar em Taubaté-SP, mas outros pregadores se sucederam no trabalho de consolidar a Igreja Batista na cidade jaguaribana, mesmo com todos os obstáculos e “perseguições”. As depoentes mencionadas se ressentem de que, incitados pelo pároco ou feridos em sua intransigente defesa do “romanismo”,<sup>608</sup> os católicos de Russas não tenham demonstrado tolerância para com a pregação da fé reformada, o que acabou desencadeando uma série de ações preconceituosas. Chamar o protestante de “bode”,<sup>609</sup> por exemplo, foi algo recorrente em toda a primeira metade do século XX, sendo condenado somente durante o Concílio Vaticano II, já na década de 1960. O Pr. Natanael Cortez remonta esse preconceito às primeiras décadas daquele século, quando, numa viagem missionária aos sertões nordestinos, foi ameaçado por um homem que bradou: “Eu hoje como carne de bode, inda que seja bode magro”; tendo o pastor reconhecido: “Eu era mesmo bem magro” (CORTEZ, 1965, p. 96). O Pr. Caio Fábio admite que ocorria uma animosidade mútua, o que justifica a permanência do insulto durante tantos anos:

Naquele tempo [década de 1950] ainda havia muito preconceito, de ambos os grupos, um em relação ao outro. Os católicos chamavam os crentes de *bodes* e de *hereges fanáticos*, enquanto os protestantes, por seu turno, atacavam como podiam: não cessavam jamais de pregar e de fazer fortíssimas denúncias ao *culto*

---

<sup>607</sup> COSTA, Ogarita Marta da. Entrevista concedida em Russas-CE em 28 de setembro de 2013.

<sup>608</sup> Em oposição à depreciação do termo “protestantismo”, surgiu o termo “romanismo”, significando o apelo do devoto às tradições da Igreja Católica Apostólica Romana.

<sup>609</sup> Como a Igreja Católica se considerava a única porta de salvação da raça humana, muito provavelmente o preconceito de chamar o protestante de “bode” foi assimilado da interpretação endógena de uma fala de Jesus nos Evangelhos: “Todas as nações serão reunidas diante dele, e ele separará umas das outras como o pastor separa as ovelhas dos bodes” (Mat. 25.32).

às *imagens* praticado pelos católicos e a muitas outras formas de desvios bíblicos, conforme a interpretação reformada da fé (D'ARAÚJO FILHO, 1997, p. 45).

Lucineide Cavalcante (2004) reconhece que, em sua “cruzada” para evangelizar os sertões de Morada Nova, cidade vizinha à sede diocesana, os líderes protestantes usavam uma “linguagem agressiva” e atacavam frontalmente os “postulados da Igreja Romana”. Sabe-se que a literatura protestante no Brasil sempre teceu toda uma “crítica bíblica” aos “desvios do catolicismo”, entre os quais se destacavam: paganismo imiscuído na *práxis* católica; negação da suficiência do sacrifício do Cristo, com instituição de “intermediários”, os “santos”; incentivo à “mariolatria” ou culto à Maria; absolvição de pecados pelo padre, quando só a Deus é dado esse poder; monopólio do clero sobre espaços considerados sacros, como cemitérios, e crença no purgatório, com o único fim de angariar recursos para a Igreja (PEREIRA [E. C.], 1949). Questionados se alguma doutrina do catolicismo havia sido um “entrave” à expansão da fé reformada na zona jaguaribana, os pastores que entrevistei responderam quase por unanimidade que o culto às imagens (o que eles chamam de “idolatria”) “cegava” o entendimento das pessoas, impedindo-as assim de ver a “verdade de Deus” e “aceitar a mensagem de Jesus”.

Por outro lado, o Pr. Cortez reconhece que a “origem das enfermidades físicas e morais, e o conjunto dos males e problemas sociais e econômicos que afligem o Brasil” seria o “espírito intolerante” para com outras religiões que não a católica (CORTEZ, 1965, p. 104). E, de fato, em países onde os protestantes eram maioria, como nos Estados Unidos, praticamente inexistia a atmosfera de belicosidade reinante no Brasil dos anos de 1950. O pastor americano Billy Graham, conhecido como o “maior evangelista do século XX”, relata como a diferença era gritante, quando da realização de suas famosas “cruzadas evangelísticas”<sup>610</sup> em dois países bem distintos: EUA e Filipinas:

Após decidirmos por determinada cidade, ele [um membro da Cruzada] montava um escritório e recrutava pessoas experientes para organizarem todos os detalhes. Visitava o bispo da Igreja Católica e outros sacerdotes da localidade a fim de familiarizá-los com os planos da Cruzada, e convidava-os para as reuniões; em geral eles designavam um padre para representá-los e escrever um relatório. Isso aconteceu anos antes da tolerância do Segundo Concílio do Vaticano para com os protestantes, mas nossa preocupação consistia em mostrar aos bispos

---

<sup>610</sup> O ministério de pregação do Pr. Billy Graham teve início nos Estados Unidos, na década de 1940, e logo em seguida percorreu o mundo, entre os anos de 1950 e 1990.

que nosso objetivo não era tirar os fiéis da Igreja Católica; ao contrário, eu queria que eles entregassem suas vidas a Cristo. [...]

Não foram os comunistas que se opuseram à nossa visita às Filipinas [em 1956]; foi o arcebispo católico de Manila, que aconselhou seus fiéis a não comparecerem às reuniões. Como sempre acontecia, o clima de controvérsia atraiu a atenção do povo. Acho que o arcebispo contribuiu de modo mais positivo para a missão em Manila do que todos os preparativos, que um jornal considerou comparáveis aos de uma tourada. [...] Soubemos depois que 30 por cento dos que aceitaram a Cristo naquele dia eram católicos. Naquela época, nós – protestantes e católicos – estávamos começando a compreender nossas divergências e a nos dedicar mutuamente às doutrinas que professávamos em comum.

Minha experiência nas Filipinas, e em outros países onde a Igreja Católica Romana exercia influência significativa, me ensinou que o povo não nos levaria a sério se passássemos o tempo todo debatendo nossas divergências, em lugar de nos unirmos em torno da cruz (GRAHAM, 2008, p. 176, 295-6).

Em um país de maioria católica como Filipinas, a intolerância religiosa partia do próprio arcebispo da capital Manila, que não aceitava perder adeptos para o evangelista americano, que se diz imbuído de uma missão: não “tirar os fiéis da Igreja Católica”, mas sim fazê-los “entregar suas vidas a Cristo”. Já nos EUA, bispos e padres eram comunicados, convidados e por vezes compareciam às reuniões protestantes, realizadas em estádios ou espaços que comportassem grande multidão.

Admitindo que o preconceito seja uma “categoria do pensamento social”, segundo a teoria de Agnes Heller (1989), é possível traçar uma teoria do comportamento social mediante o desmontamento das formas vigentes dessa categoria. O preconceito, na verdade, nada mais seria do que um produto da própria integração social, na medida em que mantém e consolida a coesão daquela integração. Heller quer investigar o preconceito como fenômeno histórico relativo, ou seja, quer responder à pergunta: a existência do preconceito como tal é necessária ao tecido social? Como acredita que os preconceitos não possam ser eliminados totalmente, em razão de que toda sociedade é dinâmica e mutável, dentro de seu progresso de produção, a coexistência de forças conservadoras ao lado de forças revolucionárias seria necessária à própria estrutura do edifício social. Mesmo assim, a autora acredita que seja possível eliminar a organização do preconceito como sistema, já que não se poderiam eliminar todos os preconceitos sem aniquilar também o sujeito ativo. De todo modo, o preconceito seria indesejável porque atravanca a autonomia humana, ou seja, reduz no homem “sua liberdade de escolha, ao deformar e, conseqüentemente, estreitar a margem real de

alternativa do indivíduo” (HELLER, 1989, p. 59), o que acontecia quando o clero levantava obstáculos para que o povo não tivesse acesso à “outra” forma de interpretar a doutrina cristã, segundo a visão dos reformadores protestantes.

No Brasil, a intolerância ou indisposição dos católicos para com os protestantes (ou vice-versa) não desencadeou nada parecido com a noite de São Bartolomeu, na França, quando, em 24 de agosto de 1572, cerca de três mil protestantes foram mortos em Paris. Os huguenotes, no sul da França, logo após revidaram com “uma série de ataques aos católicos e às igrejas visando principalmente à destruição das imagens dos santos, a favor da austeridade tanto na decoração quanto nos rituais” (PALAZZO, 2002, p. 56). A veneração, adoração ou consideração às imagens de escultura é mesmo o ponto fulcral dos conflitos entre os ramos do cristianismo, como confessaram meus depoentes. Como as convicções religiosas estão necessariamente alicerçadas na fé e na confiança, o preconceito contra o “diferente” exigiria certa “fixação afetiva” do indivíduo a sua vida cotidiana. Se a fé nasce do desejo de satisfazer necessidades ou particularidades, ou da confiança no saber de cada um, a “intolerância emocional... [seria] uma consequência necessária da fé” (HELLER, 1989, p. 49).

Na região jaguaribana, a década de 1950 é prodigiosa em casos de intolerância e conflito, sobretudo com apedrejamentos e xingamentos, atos mais recorrentes. Em Morada Nova, por exemplo, o Pr. Pedro Freire de Brito costumava dirigir um culto na praça central, ao lado da igreja católica, durante a feira do sábado, momento em que os neófitos assembleianos da zona rural estavam na cidade. Durante essa empreitada arriscada, sobretudo no momento da pregação, costumava haver apedrejamento e, invariavelmente, o padre mandava o sacristão tocar o sino incessantemente, promovendo uma “zoada medonha” e tumultuando qualquer tentativa de “evangelização”. Essa intolerância explica também porque o protestantismo em Morada Nova se gestou e permaneceu longo período quase que exclusivamente na zona rural, distante do núcleo urbano vigiado pelo clero católico. No campo, longe das vistas romanas, a fé reformada pôde se desenvolver livremente, pautando-se em atributos como “evangelização agressiva feita por leigos, massa

consumidora constituída de população pobre [e] liturgia simples” (CAVALCANTE [M. L.], 2004, p. 79).

Assim, em função da falta de recursos, da oposição sistemática da Igreja Católica e mesmo do método de proselitismo dos pentecostais (fundar em todos os povoados uma “congregação”, geralmente uma casa onde o “culto doméstico” acontecia semanalmente), o primeiro templo protestante de Morada Nova (Assembleia de Deus) foi construído somente em 1955, na localidade de São Gonçalo, em regime de mutirão, pois de outra forma não seria possível, conforme narra um depoente:

Olha, os crentes fizeram os tijolos, fizeram as telhas, tiraram a madeira [do mato], lavraram e serraram os caibros e as ripas... Foi feito tudo isto [de modo] manual. Não tinha donativos nenhum, mas [eles] trabalhavam com fé e com vontade e construíram o primeiro templo. Inauguramos na noite de Natal, do dia 24 para o dia 25 [de dezembro de 1955].<sup>611</sup>

Nos centros urbanos, então, a intolerância do clero romano era mais evidente. As urbes jaguaribanas surgiram todas, quase sem exceção, à sombra de uma capela católica, em volta da qual se originou uma vila cujo povo foi “devidamente catequizado” por sacerdotes católicos. Ao tentar “invadir” esses “territórios já conquistados”, os protestantes não esperavam outra reação que não a da hostilidade. Em pelo menos num desses casos, a ofensiva contra os “filhos de Lutero” provocou derramamento de sangue, mesmo sem vítimas fatais, conforme se lê em um jornal da época:

A inauguração do Templo Batista de Aracati, uma iniciativa do pastor Edgard Gomes de Menezes, daquele município, foi empanada por arruaças e depredações levadas a cabo por um grupo de indivíduos, que horas antes da solenidade, tentaram invadir o templo, atingindo alguns membros da igreja protestante com pedradas.

Em consequência, saíram feridas algumas pessoas, inclusive uma senhora, que teve a cabeça fraturada por violenta pedrada, havendo necessidade de ser conduzida imediatamente à farmácia para receber curativos.

Os membros da Igreja Batista que aguardavam o início da solenidade de inauguração não reagiram às violências. Trancaram-se na igreja e os feridos com sangue a escorre-lhe pelo corpo deixaram manchadas o púlpito e paredes do templo.

As violências ocorreram sábado último, por volta das 19 horas. A inauguração do templo estava marcada para as 19,30 horas. [...]

Adiantaram nossos informantes que esses acontecimentos são o desfecho de uma campanha que move o vigário de Aracati, Padre José Mauro, contra os

---

<sup>611</sup> BRITO, Paulo Rabelo de. Entrevista, 2003. In: CAVALCANTE, Maria Lucineide. **As Boas Novas em Morada Nova**: protestantismo no interior do Ceará (1955-1972). Monografia, Universidade Estadual do Ceará. Limoeiro do Norte, 2004, p. 78.

protestantes, demonstrando assim, o vigário, uma absoluta intolerância religiosa. Explicaram que as ocorrências mais graves não se registraram ainda naquela cidade, deve-se à prudência dos membros da Igreja Batista, que não aceitam as provocações.

#### INQUÉRITO

Segundo adiantaram... um inquérito deverá ser aberto deverá ser aberto para apurar responsabilidades pelas depredações do templo Batista de Aracati. Pretendem eles, por outro lado, comunicar as ocorrências ao Bispo de Limoeiro, esperando daquela autoridade eclesiástica, as providências necessárias, a fim de que seja permitido um “modus vivendi” para ambas as Igrejas, de acordo com a liberdade de culto permitida pela Constituição do país.<sup>612</sup>

O jornal *O Nordeste* publicou um texto de autoria do médico católico que atendeu os feridos evangélicos, ocasião para defesa do vigário de Aracati. Para Eduardo Dias, o apedrejamento foi mera ação de “um punhado de estudantes”, de uma “meninada” que, por conta própria, sem consultar ninguém, “entendeu de impedir a referida inauguração”. Quanto à acusação ao vigário, diz que tudo “não passa de insinuação cavilosa de quem não pode estar satisfeito com as pregações de quem lança mão da própria Bíblia protestante para provar os erros dos nossos irmãos separados”.<sup>613</sup> Em outras palavras, o autor deixa implícito que o padre tem razão em combater os “irmãos separados” em função de seus muitos erros contra a “sã doutrina” da Igreja Católica. Assim, confirma o autor a intolerância do clero aracatiense para com a expansão da fé reformada na cidade, fato amplamente conhecido e lembrado por católicos ou convertidos à nova fé. A título de ilustração, destaco a fala de dois, um nascido em 1944 (comerciante, memorialista) e o outro em 1936 (relojoeiro aposentado):

Sou católico por formação, fui educado numa escola religiosa, o Colégio Marista, e passei por todo aquele processo de primeira comunhão, de ir à missa, de rezar nas primeiras nove sextas-feiras do ano, de ter medo do pecado e de ir para o inferno... Tudo isso é muito forte em minha formação. A Igreja Católica dominava a vida de todos nós, dominava totalmente. Então, você ser maçom era um ato de rebeldia impressionante e você se apavorava [com a reação da Igreja].

E a Igreja não tinha implicância somente com a maçonaria, mas também contra os protestantes. A Igreja Batista de Aracati, que acho que foi a primeira da cidade, chegou a ser apedrejada. Os alunos do Colégio Marista foram lá, levados pelo irmão marista [o diretor] para que fosse apedrejada a igreja dos protestantes.

Antes, muito antes, se tem notícia de protestantes no Aracati, mas muito tímidos; quase secretos porque a Igreja Católica ia em cima mesmo, a Igreja era absoluta e não admitia nenhuma concorrência. Por isso, esse caso do apedrejamento repercutiu tanto, porque esse templo foi um símbolo, o primeiro a ser construído aqui.<sup>614</sup>

<sup>612</sup> *Correio do Ceará*, 18 de março de 1959, p. 2 e 6.

<sup>613</sup> *O Nordeste*, 01 de abril de 1959, p. 5. “A bem da verdade”, texto de Eduardo Dias.

<sup>614</sup> PEREIRA FILHO, Antero. Entrevista concedida em Aracati-CE em 13 de maio de 2014.



Eu ainda era católico quando começou o trabalho evangélico aqui em Aracati. Eles andaram alugando umas casas e transformaram em salão, para se reunirem. Queriam comprar uma casa de dona Milidrina, viúva, uma senhora muito católica, mas os padres convenceram a viúva a vender para a Igreja Católica.

Depois, compraram um terreno aqui na esquina da rua, de um senhor que conheci por nome de Raimundo Mialma. Construíram um templo nesse terreno e no dia da inauguração, a igreja foi apedrejada. Aliás, essa história me deixou revoltado, na época, e hoje digo que foi exatamente isso que me levou a aceitar o Evangelho, duas semanas depois da inauguração. Fiquei revoltado com esse fato!<sup>615</sup>

Um novo dado é posto pelo depoente, não teria sido o pároco, mas o diretor do Colégio Marista que arregimentou seus alunos para apedrejar o templo protestante, em represália porque a Igreja estava “perdendo terreno” para a “concorrente”. Como a Igreja “dominava a vida de todos”, os “divergentes dos abatinados”,<sup>616</sup> tais como maçons e protestantes, sofriam todo tipo de retaliação, deixando os rebelados temerosos, quando não feridos, como foi o caso do apedrejamento do templo. O depoente confirma que nas décadas anteriores os protestantes eram “tímidos” em sua atuação, “quase secretos” porque a Igreja não admitia perder a hegemonia. O segundo depoente ratifica a dificuldade dos batistas em conseguir um lugar de reunião. Chegaram a alugar casas, mas não conseguiram comprar a que queria, no centro da cidade, por interferência dos padres. A solução final foi comprar um terreno e mandar construir o templo. Esse ato foi considerado pelo clero como afronta dolorosa, como uma “vitória dos hereges”, o que explica a fúria com que revidaram. Não obstante, o ato de vingança acabou por deixar alguns católicos revoltados, caso do depoente, que acabou por abraçar a fé reformada para se contrapor ao ódio cego que moveu o ato do apedrejamento.

O avanço protestante no vale jaguaribano provocava a reação do clero comumente em momentos em que ficava patente, aos padres, que o “movimento herético” não estava cedendo, mas, ao contrário, consolidava-se (a inauguração de templos era o “sinal”) e se fortalecia (a conversão de católicos acionava o “alarme”). Quando os protestantes apenas peregrinavam na região

---

<sup>615</sup> BARBOSA, José Matos. Entrevista concedida em Aracati-CE em 27 de maio de 2014.

<sup>616</sup> “Divergentes dos abatinados” é uma expressão minha, fundamentada no *corpus* dos depoimentos orais. Segundo se depreende do cruzamento crítico das falas, quem queira viver uma *práxis* religiosa durante a hegemonia da Igreja Católica só podia se alocar em um dentre dois grupos: os “arrebanhados dos clérigos” (todos os que aceitavam as ordenações e posturas dos padres e bispos, não importando se condizentes ou não com a realidade posta) e os “divergentes dos abatinados” (todos os que discordavam, mas que não abriam mão de praticar a religião de alguma forma). O protestantismo e o espiritismo são assumidos pelos divergentes como opções de vivência religiosa fora do autoritarismo católico.

como colportores (década de 1930) ou já como missionários itinerantes (década de 1940) o “incômodo” sentido era mínimo, observando-se, por isso mesmo, reações mais esporádicas e pontuais. Entretanto, quando uma denominação evangélica enviava um pastor ou um evangelista para residir na cidade, para cuidar do “campo a ser semeado”, então o clero costumava se exasperar e usar da recorrente intolerância para tentar “arrancar o mal pela raiz”. Nesse sentido, a Igreja Assembleia de Deus está no topo das denominações que mais sofreram com a “falta de paciência” dos padres, pois sua metodologia proselitista sempre foi considerada “agressiva”. Primando pela autonomia, as lideranças assembleianas, ao contrário das presbiterianas e batistas, por exemplo, não mandavam pastores ao seminário para, somente então, capacitá-lo na função de “plantar igrejas”. Nessa época, na Assembleia de Deus, qualquer homem, mesmo um neófito, que apresentasse atributos de líder e/ou que manifestasse desejo missionário, poderia ser “enviado ao campo” ou destacado como “obreiro”<sup>617</sup> sem nenhum tipo de preparação formal.

Nesse sentido, o surgimento da Igreja Assembleia de Deus em Jaguaribe se deve aos “desmembramentos de campo” promovidos pelas lideranças. Até a década de 1940, todo o vale jaguaribano pertencia ao campo de Quixadá, supervisionado pelo Pr. José Alencar de Macedo,<sup>618</sup> uma imensidão de terra que tornava inviável qualquer método de evangelização, tendo em vista o número reduzido de obreiros “cobrindo” o campo. No ano de 1950, foi desmembrada a região leste com a criação do campo de Jaguaribe, que correspondia mais ou menos ao território da diocese de Limoeiro. O Pr. Antenor Bezerra Dias e o Sr. Luis Almiro da Silva recordam como se processou a expansão do protestantismo na cidade de Jaguaribe:

No ano de 1954 eu fui morar em Jaguaribe... e naquele ano o pastor... era João Alves Viana, também não havia templo na cidade, as reuniões eram feitas em um salão alugado de frente para o rio, onde também era a residência do pastor. [...]

---

<sup>617</sup> “Obreiro”, na acepção evangelística, é todo leigo que recebe o “chamado” para “fazer a obra de Deus”, isto é, assumir uma posição de liderança e, necessariamente, de missionário (proselitista). Na região, o caso mais célebre de um neófito que foi alçado ao cargo de líder é o do pr. Antenor Bezerra Dias, que chegou a dirigir o primeiro culto quando tinha apenas “quatro dias de fé”, ou seja, se converteu à fé reformado num dia e três dias após já era líder. DIAS, Antenor Bezerra. **O homem em busca do verdadeiro Deus**. Fortaleza: Tipografia Íris, 2013.

<sup>618</sup> DIAS, Antenor Bezerra [Reverendo, pastor]. Entrevista concedida em Russas-CE em 30 de outubro de 2010.

Na Convenção Estadual de 1955 o Pr. João Alves Viana foi substituído pelo Pr. Francisco Chagas Leite, e no dia 26 de janeiro de 1956, o Pr. Chagas Leite foi substituído pelo Pr. Simão Rodrigues do Nascimento. Foi na gestão do Pr. Simão que foi construído o templo da cidade de Jaguaribe (DIAS, 2013, p. 85).

Desde a época dos pastores João Alves e Chagas Leite, os poucos irmãos que existiam se reuniam em suas casas e depois em um prédio na Rua 7 de Setembro. Lembro-me que ao chegar aqui na cidade de Jaguaribe, mesmo enfrentando grandes dificuldades, o pastor Simão Rodrigues do Nascimento falou para os irmãos que desejava construir o templo aqui na cidade e na ocasião eu dirigi-me a ele e disse que ia ajudar como pedreiro e carpinteiro... A dificuldade era tão grande que até mesmo o material [de construção] foi impedido pelo padre da época, Pompeu Bessa a ser vendido para a construção dos protestantes, pois era assim que nós éramos chamados naquele tempo.<sup>619</sup>

Em Jaguaribe, não houve apedrejamento como em Aracati, mas a construção do templo da Assembleia de Deus encontrou no então padre Pompeu Bezerra Bessa um incansável opositor. O Pr. Antenor Bezerra Dias, que serviu de pedreiro, à época, e o Pr. Simão Rodrigues do Nascimento (nascido em 1926), responsável pela construção, dão os seus depoimentos:

Em Jaguaribe, o padre Pompeu não queria que a Assembleia de Deus construísse o templo. Então, ele proibiu que os oleiros vendessem tijolo para o pastor, dizendo que o terreno [de onde saía o barro] fora doado a Nossa Senhora das Candeias, padroeira de Jaguaribe. Também não era para tirar areia do Rio [Jaguaribe] porque o rio era todo de Nossa Senhora das Candeias. Antes, quis empatar também o dono do terreno de vendê-lo, mas depois de muito custo ele acabou vendendo.<sup>620</sup>

Eu decidi construir o templo de Jaguaribe num terreno que outro pastor já tinha adquirido. Aí eu fui falar com o reverendo, que era o padre Pompeu. Fui a casa dele para palestrar e pedir. Eu o chamava de “Doutor”. Disse: “Doutor, peço que o senhor me conceda material, barro para eu fazer tijolos e telhas para o templo... O terreno já está aí, eu quero fazer um templo para o povo se reunir”.

Ele respondeu: “Não! Eu não posso dar porque o terreno é todo de Nossa Senhora. Eu não posso, não!” Então, Deus usou um homem de lá, Sr. Edmar Barreira, que falou para um irmão: “Diga ao pastor que ele pode retirar de minhas terras todo o material que ele quiser!” O padre ainda foi intervir, querendo empatar o homem de arranjar o material, porque aquele senhor era católico e o padre mandava nele, não é? Mas o homem tinha dado a palavra e não voltou atrás.

Um dia eu estava medindo o terreno onde o templo seria erguido e eis que o padre vinha na minha direção, acompanhado do sacristão; parou onde eu estava e perguntou: “E então, quando é que vai começar a construir o templo?” Respondi de pronto: “Tão logo eu tenha o material, começo a construir. O senhor não pode mesmo arrumar nada de material para o templo aqui?” Ele: “Não posso, como já lhe disse, porque o material é de Nossa Senhora das Candeias”. Respondi: “Doutor, o senhor diz que não pode ceder porque é de Nossa Senhora, então eu vou buscar em outro lugar, naqueles terrenos lá de cima, aqueles são terrenos do Nosso Senhor”.

Eu aceitei a grosseria dele com resignação. E Deus nos honrou com um templo bom, com uma casa pastoral, tudo retirando material de um terreno que era do

<sup>619</sup> SILVA, Luis Almiro da. Entrevista, 2008. In: SILVA, Eleneide Brito da Silva. **Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Jaguaribe-CE: uma longa trajetória**. TCC, Universidade Vale do Acaraú, Jaguaribe, 2008, p. 27.

<sup>620</sup> DIAS, Antenor Bezerra [Reverendo, pastor]. Entrevista concedida em Russas-CE em 15 de agosto de 2011.

Nosso Senhor. O templo ficou uma beleza! Mas o padre Pompeu era muito contra os crentes. Ele era um homem correto e tudo, só que não deixava os crentes prosperarem.<sup>621</sup>

Como última cartada, o padre teria tentado impedir o carreteiro de levar o material para a “igreja dos crentes”, alegando que ele também prestava serviços à Igreja Católica. O Sr. Antônio Moreira de Sousa, ao ser abordado pelo pároco de que ele não podia “servir a dois senhores”, respondeu: “Padre Pompeu, eu tô trabalhando para ganhar meu pão de cada dia, o dinheiro dele [do pastor] é do tamanho do seu...” (SILVA [E. B.], 2008, p. 28). Com se vê, contra a construção de um templo evangélico os padres levantavam todo tipo de obstáculo, mas mantinham pouco ou nenhum controle sobre os cultos que se realizavam nas casas, mesmo de católicos “simpatizantes do Evangelho”. Foi o caso que se verificou em Tabuleiro do Norte, em 10 de outubro de 1958, na casa do ferreiro Antônio Maurício (DIAS, 2013). Na recentemente emancipada cidade, antes distrito de Limoeiro, o protestantismo encontrou maior liberdade de fincar raízes. Em verdade, em lugares onde as vistas do bispo e mesmo dos padres deixavam “brechas”, foi mais fácil implantar igrejas protestantes, como também verificou Maria Lucineide Cavalcante (2004) em Morada Nova.

Em 1958, o município de Limoeiro do Norte sofreria um golpe que iria “rasgar” seu extenso território em quatro partes, em função da emancipação política dos três principais distritos,<sup>622</sup> ao mesmo tempo. Assim, o município-sede ficou praticamente reduzido à quarta parte de seu território original. Essa fragmentação seria usada pelos protestantes como vantagem para avançar mais facilmente, agora em cidades politicamente emancipadas e por isso mesmo mais receptivas à mensagem reformada. Como a novel cidade de Tabuleiro do Norte só seria elevada à categoria de paróquia no início dos anos de 1960, quando o sobrinho do bispo (coincidência ou providência?) assumiria a paróquia, durante algum tempo, o terreno ficou “livre” para a ação de missionários como Antenor Bezerra Dias, hoje pastor, o primeiro a celebrar um culto reformado em terras tabuleirenses. Ele mesmo explica que nessa época exercia um persistente “trabalho evangelístico” na região:

---

<sup>621</sup> NASCIMENTO, Simão Rodrigues do [Reverendo, pastor]. Entrevista concedida em Maracanaú-CE em 13 de maio de 2013.

<sup>622</sup> São eles: Alto Santo, São João do Jaguaribe e Tabuleiro do Norte.

Esse trabalho evangelístico na cidade de Tabuleiro do Norte, quando fizemos o primeiro culto, mesmo antes, nós já evangelizávamos povoados dessa cidade, tais como Sítio Tapuio, Charneca, Sítio do Rocha, Alto do Mendes e a vida de Olho D'água da Bica... Aquela região toda já era evangelizada quando realizei o primeiro culto. Na verdade, foi daí, do evangelismo, que o trabalho se estabeleceu em Tabuleiro do Norte. Esse culto foi realizado em 1958, ano de emancipação do município.<sup>623</sup>

“Evangelizado” o Tabuleiro, seria mais fácil chegar à sede do bispado, distante apenas uma dezena de quilômetros. E, de fato, foi o que aconteceu, o município de Limoeiro receberia os primeiros missionários vindos de cidades vizinhas como Aracati e Tabuleiro, apesar da ferrenha oposição do bispo. De todo modo, os protestantes foram responsáveis por uma persistente fissura no tecido do tabernáculo jaguaribano, propondo uma nova maneira de praticar o cristianismo sem o apelo ritualístico dos católicos romanos, pautados numa simplicidade que incomodava a elite eclesiástica.

### 3.3.5 A inserção da modernidade na Igreja: o caso do jipe

Mesmo combatendo a modernidade secularizadora ou as fissuras que ela provocava no tecido social, a Igreja Católica não conseguiu evitar a assimilação de elementos dessa mesma modernidade, sobretudo de instrumentos que facilitavam o trabalho sacerdotal no sertão, caso do veículo jipe. Ao trocar o cavalo pelo automóvel, em suas incursões pelos interiores desprovidos de estradas asfaltadas, além de agilizar sua *práxis* pastoral, o padre acabaria também desencadeando problemas outrora desconhecidos. Esse assunto foi devidamente tratado em um documento do episcopado cearense: “Ouve-se alguma vez dizer que o Jeep é um verdadeiro coadjutor do vigário. Realmente – o Jeep ou outro veículo semelhante – esse meio rápido de transporte – multiplica a atividade do pároco”.<sup>624</sup> Todavia, o mesmo instrumento que agilizara o trabalho sacerdotal, estava provocando as seguintes distorções na vida dos padres: 1) muitos deles caíam na “boca do povo” por conduzir em seus transportes moças; 2) alguns não eram bons motoristas e estavam ameaçando a segurança dos próprios fiéis; 3) muitos

---

<sup>623</sup> DIAS, Antenor Bezerra [Reverendo, pastor]. Entrevista concedida em Russas-CE em 15 de agosto de 2011.

<sup>624</sup> CÚRIA DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE (Ceará). **Circulares, Decretos, Atos, Cartas Pastorais etc.** Livro 01. Carta Coletiva do Episcopado Cearense. Fortaleza, 28 de março de 1958, p. 99v.

faziam visitas apressadas às comunidades, em função da agilidade do veículo, diferentemente de quando se utilizavam de montaria, exigindo que o sacerdote pernoitasse na localidade e 4) todos estavam cobrando pelas despesas de transporte, até mesmo de doentes em leito de morte. Para evitar escândalos e uso “indevido” do veículo do padre, o episcopado resolveu indicar as soluções efetivas para os problemas, a saber: 1) nunca conduzir meninas e moças no veículo; 2) procurar um bom motorista leigo que o conduzisse às localidades; 3) não fazer “visita de afogadilho”, ou seja, visita apressada somente porque o jipe lhe facilitou a viagem e 4) não cobrar de doentes as despesas de combustível, no caso de visitas para levar os últimos sacramentos. Em Limoeiro, monsenhor Otávio de Alencar Santiago, vigário-geral, possuía um jipe e incorreu em alguns desses problemas, segundo se depreende dos depoimentos. Nota-se uma vontade do episcopado em contornar os problemas, sem com isso abrir mão desse veículo *off road*, tão ágil que conseguia rasgar as areias da caatinga e levar o sacerdote aonde antes era “difícil” ao extremo.

Segundo a empresa que ainda fabrica esse veículo, o jipe foi criado em 1941 para atender às necessidades da guerra:

O Willys MB, com seu espírito forjado pelo fogo do combate e temperado no calor da batalha, foi penetrando no coração dos guerreiros que lutavam pela liberdade. [...]

O robusto e simples Jeep 4x4 se tornou o melhor amigo do soldado – perdendo apenas para o seu rifle. [...] O MP começou uma revolução no uso de pequenos veículos militares no Exército dos EUA. **Cavalos e motocicletas... se tornaram obsoletos** quase imediatamente.

O MB multiuso era incrivelmente versátil. Podiam ser equipados com metralhadoras calibre .30 ou .50 para combate. Também foram amplamente modificados para patrulha de longo alcance no deserto, remoção de neve, extensão de cabos telefônicos, motorização de serras, veículos de combate a incêndio, ambulâncias de campanha, tratores e, com rodas adequadas, funcionavam até sobre trilhos das ferrovias. [...]

Ernie Pyle, repórter de *Scripps Howard* na Segunda Guerra Mundial, disse uma vez: “Fazia tudo. Chegava em qualquer lugar. Foi **fiel como um cão, forte como uma mula e ágil como um bode**. [...] Embora o Willys MB não tenha sido o primeiro veículo de tração nas quatro rodas, o veículo Jeep, que chegava em qualquer lugar e fazia qualquer coisa, influenciou todos os 4x4 construídos em sua esteira.”<sup>625</sup>

---

<sup>625</sup> Jeep Brasil. “Explore nossa história: Willys MB 1941-1945”. [www.jeep.com.br](http://www.jeep.com.br). Acesso em 02 de abril de 2015. Grifos meus.

No Ceará, os primeiros veículos desse modelo foram trazidos pelos estadunidenses durante a Segunda Guerra.<sup>626</sup> Em 1944, os americanos se instalaram na capital alencarina, e passaram a revolucionar o cotidiano da cidade, sobretudo depois do funcionamento de um cassino em seu Clube dos Oficiais, que funcionou na chamada “Vila Morena” (GONDIM, 2007), antiga residência de uma rica família. A imprensa católica não poupou os soldados ianques, acusados de desencaminharem moças “sem juízo”, que ganharam o apelido do refrigerante americano:

Para nós, cearenses, este nome [Coca-Cola] lembra coisa mais triste e lamentável, pois foi com ele que apelidamos as jovens levianas, doidivas e desajuizadas que se metiam em “jeeps” com os ianques e se deixavam levar por eles para mundos e fundos. Assim, “coca-cola” para os cearenses quer dizer “amiginhas dos americanos” ao tempo em que eles aqui acamparam e precisavam de moças para se divertirem.<sup>627</sup>

Carregando o estigma de “seduzir” mulheres, o veículo rapidamente se transforma no “sonho de consumo” da juventude masculina do Ceará. Nos sertões, esse carro se tornaria, a partir da década de 1950, muito útil para vencer as precárias estradas de terra, quando não serviu também como item de ostentação nas cidades jaguaribanas (ver Figura 18). Não obstante a acusação do uso profano de “desencaminhar moças”, a versatilidade do jipe, que chegava a lugares onde outros automóveis não conseguiam, eleva-o, em poucos anos, à posição de “queridinho” do clero. Diante da realidade imposta, o jipe facilitava deveras a vida do padre, o episcopado cearense se viu obrigado a aceitá-lo; não sem doutrinar os subalternos para que estes evitassem escândalos que comprometessem a “função pastoral” do transporte. Em Limoeiro, um caso de atropelamento acionou o alarme. Monsenhor Otávio, vigário-geral, guiando seu jipe dentro da cidade, matou acidentalmente um garoto que “teria saído correndo de um dos lados da Capela do Cemitério” (CASTELLO BRANCO, 1995, p. 205). Os pais, inconformados, não perdoaram o padre, que ficou profundamente abalado.<sup>628</sup> Motivado por esse episódio, dom Aureliano incluiu na Carta Coletiva do Episcopado Cearense, mencionada acima, a recomendação de que o padre contratasse um motorista para guiar

---

<sup>626</sup> O Nordeste, 27 de julho de 1949, p. 3. Diz o jornalista: “Quando os norte-americanos estacionaram em Fortaleza, durante a última guerra, trouxeram a novidade dos ‘jeeps’”.

<sup>627</sup> O Nordeste, 27 de maio de 1950, p. 3.

<sup>628</sup> SILVA, Meton Maia e. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 25 de novembro de 2014.

seu veículo, preservando assim a imagem do sacerdote em caso de acidentes fatais como aquele.

O uso do jipe demonstra que a Igreja era intransigente somente quando o “moderno” ameaçava sua hegemonia sobre as almas. Quando o instrumento moderno auxiliava o sacerdote em seu serviço, logo se providenciava um rearranjo para “colocar as coisas” em seu devido lugar, ou seja, a ameaça era contornada, não eliminada. O mesmo não se pode dizer do protestantismo ou da moda feminina moderna, para os quais a Igreja desejava a suplantação, não a convivência harmônica. A possibilidade de conviver com a diferença se levantaria somente na década de 1960, com a deflagração do Concílio Vaticano II.



Portanto, a modernidade possuía facetas assimiladas também pela Igreja, sobretudo em função do uso de ferramentas e objetos que facilitavam o trabalho pastoral. No restante, prevalecia o receio de que as constantes investidas do secularismo poderiam provocar mais do que simples fissuras, poderiam comprometer o tecido das cortinas que cerravam o Vale, cuja vigilância era legitimada pela autoridade do bispo. Dom Aureliano era autoridade de inegável poder porque “fez Limoeiro”: a cidade dos anos de 1950 não era mais aquela vila atrasada do passado. Limoeiro era agora o centro do tabernáculo jaguaribano, planejado, arquitetado, fundado, criado e autorizado pelo bispo. Isso explica porque ainda hoje, muitas décadas depois de seu falecimento, o bispo continua mantendo a fama de “fundador” da cidade. Por ter transformado a acanhada Limoeiro de outrora em uma cidade modernizada, chamada posteriormente de “princesa do Vale”,<sup>629</sup> dom Aureliano é constantemente homenageado. A faculdade que ele idealizou, tendo falecido antes de vê-la concretizada, recebeu seu nome, bem como a principal avenida da cidade, no centro da qual se ergue uma estátua do prelado.

---

<sup>629</sup> Na década de 1960, a cidade de Limoeiro passou a ser chamada, por radialistas, de “Princesa do Vale” ou “Princesinha do Vale”, em função do aformoseamento, da estrutura modernizada que dom Aureliano imprimiu à cidade em vinte e sete anos de episcopado.



Assim, fica patente que o poder de dom Aureliano Matos, sobretudo na sede de sua diocese, não se restringiu à ação religiosa propriamente dita. Ao se apoderar do “tear da autoridade”, brandindo o “cajado de ferro em mãos macias”, e da fé católica do povo, protegendo a região do “neopaganismo”, o bispo conseguiu manter o Vale cerrado em “brumas do conservadorismo”, tão ao gosto dos clérigos ultramontanos. Ao oferecer, em contrapartida, uma cidade modernizada por escolas, hospital, maternidade etc., o prelado não apenas se impôs pela ação pastoral holística como fomentou, entre o povo, a criação de um imaginário mitológico em torno de sua figura austera. O título de “melhor prefeito da história” seria o auge dessa mitologia, já que dom Aureliano não militou na política partidária. O bispo foi, de fato, um exímio articulador político, sem nunca assumir cor partidária. Foi assim, transitando com desenvoltura entre os políticos, que o prelado implantou em Limoeiro uma estrutura invejável de cidade progressista, urbe que valorizava a educação e a saúde e que tinha um benfeitor de considerável prestígio sob sua vigilância e cuidado. Uma cidade ainda relativamente livre do secularismo, longe do mundanismo, preservada por trás de cortinas da moral católica, reavivada em “grandiosos eventos de fé”, a exemplo do Congresso Eucarístico e da Passagem da Imagem Peregrina. Mas até quando? Os ventos da mudança, que se tornariam ciclones na década de 1960, ameaçavam arrancar as cortinas do tabernáculo, tão penosamente tecidas. Disso tratarei no próximo Capítulo.

# 4

## **A JANELA ABERTA AO MUNDO: INTERVENÇÕES NA CIDADE, NA EDUCAÇÃO E NA CULTURA; TRANSFORMAÇÕES NA IGREJA E NA DIOCESE JAGUARIBANA**

“Um novo tempo começou”.

**Papa João XXIII**, últimas palavras<sup>630</sup>

Meados de 1961. Seminário Cura D’Ars de Limoeiro do Norte. O bispo dom Aureliano Matos está reunido com os seminaristas da diocese, incluindo aqueles que já estão em Fortaleza cursando Filosofia ou Teologia. Na pauta, muitas pendências sobre a situação dos alunos e medidas para mantê-los, diante do alto custo de vida. Os rapazes prestam atenção em cada palavra do prelado, pois decisões importantes seriam tomadas naquele momento. Inopinadamente, assustado, adentra o recinto o sobrinho do bispo, padre Mariano Rocha Matos, clamando:

— Dom Aureliano, sinais estão sendo avistados no céu neste momento! Corramos a ver!

Calmamente, depois de ser interrompido na leitura de um documento, o bispo fitou o sobrinho, e respondeu:

— Padre Mariano, no momento, não estamos preocupados com o céu, estamos preocupados é com a terra mesmo! Então, vamos ficar todos aqui!<sup>631</sup>

---

<sup>630</sup> Citado por BEOZZO, 2005, p. 43.

<sup>631</sup> Episódio testemunhado por: OLIVEIRA, Manfredo Araújo de (Reverendo, padre). Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 04 de dezembro de 2010. Quando presenciou esse fato, o depoente tinha 20 anos.

Na década de 1960, durante a chamada “corrida espacial”,<sup>632</sup> alguns fenômenos luminosos e sonoros, percebidos pelo povo nos céus jaguaribanos, provocaram espanto e mesmo alarde. Foi assim que, no dia 24 de julho de 1964, um clarão acompanhado de forte estrondo cortou os céus de Limoeiro, deixando várias pessoas “em suspense”.<sup>633</sup> Dois anos depois, o espanto seria ainda maior, quando uma sonda americana caiu em território jaguaribano.<sup>634</sup> Antes da queda do objeto, a “população observou [no céu] uma grande mancha aproximando-se cada vez mais do solo, quando... surgiu um avião não identificado, investindo constantemente contra [a] referida mancha”.<sup>635</sup> O fenômeno provocou grande admiração no sertanejo, uma vez que a sonda foi transferida para Limoeiro para “visitação pública” na casa do radialista José Nilson Osterne, conhecido na cidade por seu grande interesse em tecnologia. A curiosidade do povo explica a ação do padre Mariano, interrompendo uma reunião importante. A resposta do bispo, por outro lado, anteciparia, como num vislumbre, a metamorfose que a Igreja Católica passaria depois do Concílio Vaticano II, cujas determinações modificaram a direção da instituição romana, gestando preocupações que se voltariam mais para a vida na terra, para o cotidiano dos fiéis em seus problemas mais imediatos.

Segundo o *corpus* de depoimentos orais, confirmado por notícias de jornais, a década de 1960 foi repleta de “eventos espantosos”. Já no início, em 1960, aconteceria aquela que seria a maior catástrofe da história jaguaribana: o transbordamento do Açude Orós, quando então cidades inteiras tiveram que ser evacuadas às pressas, para que o povo não morresse afogado nas águas do reservatório que vinha sendo considerado, naqueles dias, como a “redenção

---

<sup>632</sup> Convencionou-se chamar de “corrida espacial” a disputa entre Estados Unidos da América e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) pela “conquista do espaço”, isto é, um confronto para medir qual nação desenvolveria antes tecnologia viável para a exploração do Cosmos. Cf. WINTER, Othon Cabo e PRADO, Antônio Fernando de Almeida (org.). **A conquista do espaço: do Sputnik à Missão Centenário**. São Paulo: Livraria da Física, 2007.

<sup>633</sup> SILVA, Meton Maia e. **[Pasta de recortes de jornais e textos datilografados]**. Arquivo pessoal. Fortaleza, 1964.

<sup>634</sup> Diz o jornal: “Acontecimento extraordinário ocorreu por volta das 18 horas do dia 27 [de outubro de 1966], no distrito de Olho d’Água da Bica, no vizinho município de Tabuleiro do Norte, quando caiu ao solo uma sonda meteorológica, de propriedade do governo norte-americano. Esse aparelho, inteiramente transistorizado (segundo os entendidos), pesa cerca de oito quilos sendo em forma de foguete, e de quase um metro de altura. O referido engenho foi, de imediato, transportado por populares para a residência do Prefeito Raimundo Chaves, de Tabuleiro do Norte, e, horas depois, para uma sala na casa do Dr. José Nilson Osterne [em Limoeiro], para visita pública”. *O Povo*, 04 de novembro de 1966, p. 5.

<sup>635</sup> *Unitário*, 30 de outubro de 1966, p. 5.

do Ceará”.<sup>636</sup> Construído para levar água aos “sertões tórridos”, o Açude Orós seria inaugurado depois de quase meio século de trapalhadas, imperícias e desperdícios do governo federal. A finalização de sua parede em ano de inverno retardatário e intenso acabaria por provocar prejuízos e retardar ainda mais o processo de desenvolvimento econômico do Vale do Jaguaribe. Finalizado, a barragem pôde favorecer projetos de irrigação e fomentar o progresso na região, tão ansiosamente desejado pela elite limoeirense. Antevendo as potencialidades daquilo que chamaria de “rasgar das cortinas”, o bispo escreveria uma carta pastoral que teve demorada repercussão na diocese, na qual expõe seu projeto político-eclesiástico e sua visão de futuro para o Vale. Surpreendido com a convocação do segundo Concílio Vaticano, cujas proposições mudariam a história da Igreja, dom Aureliano reconheceria que não havia sido talhado para acompanhar aquele tempo de mudança.<sup>637</sup>

Neste Capítulo, reconstituo como as intervenções executadas na década de 1960 modificaram a história de Limoeiro em três aspectos: cidade, cultura e educação. O confronto entre o tradicional e o novo promoveu um esgarçamento das cortinas do “tabernáculo da fé”. Partindo da análise de uma carta pastoral que anteviu a transformação do Vale em função daquele esgarçamento e da imposição de uma nova mentalidade que passou a renegar a “cidade-convento” e a considerá-la a partir de então a “Princesa do Vale”, detenho-me nas seguintes faces dessa transição: (1) chegada da eletrificação; (2) construção da ponte sobre o Rio Jaguaribe; (3) uso da bicicleta; (4) atuação do estrangeiro; (5) novo modelo de mulher influenciado pelo cinema e pela música; (6) implantação do MEB e da Rádio Educadora Jaguaribana; (7) incremento do Liceu de Artes e Ofícios e (8) criação da Faculdade de Educação. Concomitante a esse processo local, analiso como a aplicação das determinações do Vaticano II modificaram a cultura religiosa da região em três aspectos: (1) liturgia da missa; (2) modelo do sacerdote católico e (3) alteridade

---

<sup>636</sup> Sobre isso, ver: *O Cruzeiro*, ano XXXII, nº 27, 16 de abril de 1960, p. 06-14.

<sup>637</sup> Tão despreparado estava o prelado que nem mesmo enviou resposta ao questionário do Cardeal secretário de Estado do Vaticano, Domenico Tardini, presidente da Comissão antepreparatório do Concílio Ecumênico. Entre 1959 e 1960, os bispos foram convocados a levantar as questões fundamentais que deveriam pontuar a agenda do Vaticano II. No livro onde os votos foram transcritos, o registro do bispo de Limoeiro aparece como “não enviou”. Muitos outros bispos brasileiros optaram intencionalmente por não se envolver em nada que dizia respeito ao Concílio. Sobre isso, ver: BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 77-121.

para com o protestante. Depois do falecimento de dom Aureliano e da posse do segundo bispo, ganha força a valorização do corpo e do exercício físico e o novo modelo de atuação episcopal ocupa o lugar do “cajado de ferro”. O secularismo fincaria sua bandeira na região, promovendo mudanças que se consolidariam nos anos de 1970 e alterando os alicerces conservadores da sociedade. Findava-se a era do “tabernáculo jaguaribano” meticulosamente planejado pelo bispo de Limoeiro.

#### 4.1 O Vale do Jaguaribe aberto ao mundo: tempo de transição

Já demonstrei que o Vale do Jaguaribe esteve abandonado pelo Estado em toda a primeira metade do século XX, quando a mentalidade econômica considerava “tempo perdido” investir no semiárido. Com a criação da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), em 1959, divulgou-se, com alarde, uma “nova era” para o país, mediante a “incorporação progressiva da Região Nordeste... ao processo de desenvolvimento nacional conduzido pelo governo federal, que até aquela data se concentrava nos estreitos limites das Regiões Sudeste e Sul”.<sup>638</sup> Nessa época, a ação mais celebrada para “redimir o Nordeste” de anos de abandono e pobreza foi a construção do Açude Orós,<sup>639</sup> na região do Centro-Sul do Ceará. Em verdade, essa ideia era antiga, mas todos os projetos anteriores a 1959 fracassaram completamente em finalizar uma represa no Boqueirão do Orós, uma “garganta rochosa” que parece pedir, há muito, uma parede para evitar assim a “sangria” do Rio Jaguaribe, então considerado “uma artéria aberta/por onde escorre/ e se perde/ o sangue do Ceará”.<sup>640</sup> Assim, construir uma parede seria intervir com uma “pinça hemostática em Orós”,<sup>641</sup> e manter as águas “estancadas” para uso nas

---

<sup>638</sup> Portal SUDENE. Cf. [www.sudene.gov.br](http://www.sudene.gov.br). Acesso em 10 de março de 2015.

<sup>639</sup> Já na década de 1930, o Açude Orós era tido como a “salvação do Nordeste”. Em matéria datada de 11 de fevereiro de 1938, *O Nordeste* já considerava a construção dessa obra o “passo decisivo para a resolução do multi-secular problemas das seccas do Nordeste” (p. 1).

<sup>640</sup> Versos do poema “O Rio Jaguaribe é uma artéria aberta”, de Antônio Garrido, pseudônimo de Demócrito Rocha. Originalmente publicado no suplemento literário “Maracajá”, do jornal *O Povo*, em 07 de abril de 1929, esse poema viria a se tornar um “hino de apelo” à construção de barragens no Ceará, para aproveitamento das águas do Rio Jaguaribe, sobretudo em Orós. Cf. *fac-símile* em: AZEVEDO, Sânzio de. **O modernismo na poesia cearense**: primeiros tempos. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2012.

<sup>641</sup> Para uma leitura crítica desse poema de Demócrito Rocha, ver: AZEVEDO, Sânzio de. **Literatura cearense**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1975.

prolongadas estiagens e, sobretudo, em projetos de irrigação.

Segundo Boris Fausto (2002, p. 535), “apesar do avanço da industrialização ao longo de várias décadas, o Brasil ainda podia ser considerado em 1950 um país predominantemente agrícola”, título que perderia somente nos anos de 1980. Assim, tendo em mente os planos que a SUDENE concebera para a região jaguaribana, já em 1965 dom Aureliano antevia essa mudança de conjuntura. Pensando em preparar o “coração do povo” para tão sensível guinada, ele lançaria sua quinta carta pastoral, intitulada “A presença da Igreja na atual transformação econômico-social do Vale Jaguaribano”.<sup>642</sup> Nela, o prelado lembra que o “ubertoso vale jaguaribano” há séculos aguardava ações do Estado no sentido de que este promoveria a “redenção econômica para seus milhares de habitantes”, por meio de um contrato entre a terra e o homem, no qual a região entraria com o “potencial imenso de suas riquezas naturais e humanas” e o Estado com “a técnica e o capital” (p. 3).

A construção da tão decantada barragem do Orós foi o primeiro passo para o atendimento desta secular aspiração. Mas isto era muito e era pouco. Muito se levamos em conta o colossal represamento d’água indispensável a qualquer trabalho de envergadura para a valorização econômica do Vale. Pouco, se atendermos aos requisitos técnicos exigidos para a utilização do Orós em benefício do Vale.

Mas eis que chegou a hora do Vale Jaguaribano. A SUDENE... responderá ao desafio deste imenso e fértil Vale. E graças a este trabalho, que será realizado de acordo com as técnicas mais modernas, poderá ele ser transformado no Eldorado do Nordeste (p. 3).

Como se vê, o bispo depositava grandes expectativas no projeto de desenvolver a região jaguaribana e retirá-la do processo secular de abandono. Diante de uma realidade prenhe de mutações, o antístite se pergunta: “Qual a atitude da Igreja frente a esta planejada transformação do Vale?”... Ele inicia a resposta caracterizando sua diocese, palco da revolução em vista, como sendo “marcadamente rural”, ou seja, cujas cidades possuíam inexpressivos núcleos urbanos, “verdadeiros prolongamentos do campo”; e que, mesmo em meados daquela década, quando no restante do país as cidades eram importantes centros de atração populacional, urbes jaguaribanas como Russas e Limoeiro não “conseguiram atrair para si as populações que se derramam em seu

---

<sup>642</sup> MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **Carta Pastoral (quinta):** A presença da Igreja na atual transformação econômico-social do Vale jaguaribano. Fortaleza: [s.n.], 1965, 08 p. Para se evitar profusão de citações, optou-se por mencionar apenas o número da página na transcrição dos fragmentos seguintes.

derredor, em suas ricas várzeas” (p. 4). A conclusão do bispo é que isso, em verdade, não se constitui numa desvantagem, mas sim em motivo de alegria, já que acreditava na superioridade do campo e do rurícola, como lugar e residente da “tradição cristã” e de uma “inocência” que se esmaecia a cada dia nas cidades grandes:

Aliás, não vejo com tristeza este fenômeno [do ruralismo]. Pelo contrário, o constato com alegria. Os grandes benefícios materiais que podem advir da vida nos centros citadinos, são infelizmente neutralizados pelos problemas morais que neles se criam, pelos escândalos que aí facilmente se estampam e pelo clima materialista que neles se respira (p. 4).

Na visão do bispo, as supostas vantagens do viver citadino (eletricidade, água encanada, transporte público, acesso à cultura de massas, etc.) seriam “neutralizadas” pela fragilidade da moralidade cristã nas urbes, ambientes “naturalmente” materialistas e propensos aos escândalos, aos vícios, aos excessos e aos males que ainda não se viam no campo. Diante da possibilidade de num futuro breve aquela realidade de “inocência” ruir ante a chegada do “progresso”, o prelado jaguaribano concebeu sua carta como uma “pastoral de transição do subdesenvolvimento para o desenvolvimento”. Havia consciência de que o “soerguimento econômico do Vale” atingiria os setores da agricultura, da indústria e do serviço. Todavia, essa não era a preocupação do antístite. Dom Aureliano estava ciente de que aquela profunda revolução iria afetar não somente a “fisionomia material da região”, mas, sobretudo, a mentalidade da população, o que poderia abalar seriamente as estruturas da tradição cristã, dos “bons costumes” e o próprio domínio sobre as almas, dissipando a hegemonia da Igreja Católica. O prelado temia que o comportamento religioso do povo fosse atingido, ciente de que a transição de uma economia agrária para uma economia industrial e comercial implicava, necessariamente, uma “transformação no campo cultural e social”.

A transição de uma sociedade fechada e paternalista para uma sociedade aberta e pluralista irá exigir de nós uma nova orientação pastoral. Será que a mentalidade e a formação católicas de nosso rurícola permanecerão inalteradas ao impacto que por certo virá, quando se rasgarem as cortinas que cerravam o Vale, desvendando-se aos olhos atônitos e maravilhados do camponês novos horizontes?! (p. 5).

Diante da metamorfose da lagarta (“sociedade fechada e paternalista” e “economia agrária atrasada”) em borboleta (“sociedade aberta e pluralista” e “economia industrial especializada”), diante do devaneio de Ícaro em seu voo

ariscado, o bispo temia pela vida espiritual do camponês jaguaribano. Temia que, fascinado pelos novos horizontes, de “olhos atônitos e maravilhados”, o rurícola não soubesse processar o momento em que as “cortinas que cerravam o Vale” e perdesse sua fé ou se libertasse da tutela da Igreja. Aquele impacto (na fala do bispo ainda uma projeção no futuro) poderia abalar seriamente a formação católica e a mentalidade tradicionalista que, durante anos, a população preservara, e que, agora, corria a séria ameaça de perder seu valor ante a imposição de novos substratos culturais, pela superação dos antigos costumes. Dom Aureliano temia, em suma, que as “cortinas rasgadas” pelo progresso econômico afetassem também a alma religiosa do povo, desviando-o do “rebanho do Senhor”. Ciente de que toda revolução econômica exigia da sociedade uma “nova expressão cultural”, o antístite se vê na obrigação de também conceber uma “nova orientação pastoral”, ou seja, o momento histórico exigia da Igreja Católica uma postura decisiva, ante as transformações que determinariam o “futuro do catolicismo no Brasil”:

É preciso que o homem do vale no acordar para sua redenção econômica sinta a presença da Igreja, para que o progresso econômico e cultural não empane o brilho de sua fé, que o orientou em toda a trajetória de sua vida. Urge uma pastoral mais em profundidade do que em extensão. Uma pastoral voltada para a educação de uma fé adulta, capaz de infundir o fermento evangélico num mundo em transformação (p. 5-6).

A nova pastoral exigia do clero uma ação para a “educação da fé adulta”, para que o Evangelho ou a fé cristã servisse como “fermento” dentro do mundo em latente transformação. Para isso, o bispo aconselhava aos padres sob seu comando a tomarem conhecimento do projeto da SUDENE, a acompanharem de perto “seu andamento” e a contribuírem para seu sucesso, sobretudo, “no tocante à educação do homem para esta transformação” (p. 6). Agindo assim, dom Aureliano esperava que a grande revolução econômica e cultural que se processaria no Vale não ocorresse com prejuízo dos “valores espirituais” do povo, ou seja, com o “arrefecimento” de sua fé católica:

Não queremos para o Vale a riqueza pela riqueza. Pois, separada de uma ordem espiritual de valores, a riqueza é desumana e cruel. **Não trará a felicidade para esta população** ordeira e pacífica, mas poderá criar tensões sociais, alargando ainda mais o fosso que separa as classes sociais e fomentando as desordens morais.

O bem-estar é um bem precioso, quando está a serviço do espírito e da dignidade humana. É um mal quando se transforma em instrumento de degradação do homem e **traz consigo a irreligiosidade e o paganismo**. É um mal social se enriquece uns com o empobrecimento da maioria, a ponto de se dizer que o



mundo atual é uma máquina de fabricar pobres.

Não queremos o desaparecimento da pobreza, simplesmente porque é pobreza. Mas enquanto a pobreza cria obstáculos à realização plena do homem, como homem e como cristão, cortando-lhe as possibilidades de ser útil a seus irmãos, impedindo-lhe no cumprimento de seus deveres para com sua família e tornando-se um peso para a comunidade (p. 6-7, grifos meus).

Como se vê, o progresso econômico somente seria “digno” se ele também estivesse atrelado a um desenvolvimento espiritual do homem. De pouco adiantaria a região ser rica se seu habitante fosse irreligioso e “pagão”. Essa “riqueza pela riqueza”, na concepção do bispo, não somente não era sinônimo de felicidade, como também serviria para agravar as “tensões sociais” entre as diferentes classes daquela sociedade “ordeira e pacífica”. O desenvolvimento econômico já consolidado em outras regiões do Brasil permitia ao prelado duvidar de um bem-estar que fragmentava o ser humano, ignorando suas necessidades religiosas e pregando unicamente a satisfação da matéria. A distorção do que ele considerava ser a verdadeira noção de “riqueza” e sua concentração nas mãos de poucos explicariam a razão da existência de desigualdades sociais e da transformação do mundo em uma “máquina de fabricar pobres”. Nesse sentido, a pobreza era degradante porque, antes de tudo, constituía-se num obstáculo à “realização plena do homem”, ou seja, como entrave para que esse homem se tornasse um cidadão e um cristão de postura irrepreensível, servindo bem a sua família e a sua comunidade. A pobreza degradava o ser humano e o transformava em “peso” para a sociedade.

Dom Aureliano encerra sua quarta Carta Pastoral implorando bênçãos divinas e desafiando seus diocesanos a manifestarem todo interesse, apoio moral e colaboração no “soerguimento econômico e social da região”. Para isso, coloca-se ao lado dos fiéis como pastor do rebanho, diante da revolução que se processava, e cujas “repercussões inevitáveis” afetariam toda a vida social jaguaribana a partir de então. Tendo os olhos “voltados para o futuro” da região e de seus habitantes, por um lado aceita e fomenta a “redenção do Vale”, mas, por outro lado, não se esquece de incentivar o enriquecimento do jaguaribano em seus “valores humanos e espirituais”. O texto pastoral foi tramado em função do desejo de que aquele período de transição transcorresse sem o fim da hegemonia da religião, fincada no coração do povo

pela tradição católica. Na prática, essa idealização sofreu o mesmo processo de desgaste daquela tradição, resultado das disputas entre o tradicional e o novo.

O aformoseamento de Limoeiro, iniciado ainda nos anos de 1930 com a fundação da Escola Normal Rural, culminaria na década de 1960, com uma série de intervenções físicas e culturais que acabaria por impingir uma nova face à cidade e ao seu povo. O símbolo emblemático desse processo foi a imposição do epíteto “Princesa do Vale” à sede diocesana, por radialistas de Limoeiro,<sup>643</sup> em função da série de ações e realizações que marca a fase de transição de uma “cidade-convento” para uma cidade aberta ao mundo. Para facilitar a compreensão desse rico momento, acato a divisão do processo em três tipos: (1) intervenções na cidade, no espaço físico urbano; (2) intervenções na cultura, na mentalidade da população e (3) intervenções na educação, no processo de ensinar o povo a ler, escrever, ter um ofício, organizar-se em cooperativas etc.

#### **4.1.1 Intervenções na cidade: cirurgias no corpo da “princesa”**

Limoeiro foi o município jaguaribano que mais se desenvolveu na década de 1960, muito em função de ser sede de diocese e ter um bispo que alavancava instrumentos de desenvolvimento para a cidade. Mas, de fato, o governo federal tinha planos de investir em todo o Vale, como prova a visita de técnicos franceses no início da década, imbuídos de avaliar as características e as potencialidades da região.<sup>644</sup> Contratados pela SUDENE, em 1962, esses estrangeiros tiveram a oportunidade de elaborar relatórios sobre solo, recursos hídricos, minerais, etc. em visitas sistemáticas ao Vale do Jaguaribe (1963 e 1964). Os relatórios gerados,<sup>645</sup> publicados em 1967 em volumes temáticos, seriam utilizados para embasar projetos que pretendiam transformar a zona

---

<sup>643</sup> Sobre isso, ver: MACHADO, José Wellington de Oliveira. **“Começou a surgir como uma flor”**: o discurso das elites de Limoeiro do Norte e a invenção da “Princesa do Vale” – 1930 a 1980. Monografia (TCC) – Universidade Estadual do Ceará. Limoeiro do Norte, 2007.

<sup>644</sup> *O Nordeste*, 05 de abril de 1963, p. 1.

<sup>645</sup> Originalmente divulgados com o título de *Mise en valeur du Bassin du Jaguaribe les Eaux de Surface*, em cinquenta exemplares mimeografados, os relatórios foram disponibilizados aos pesquisadores brasileiros em 1967, quando o Grupo de Estudo do Vale do Jaguaribe (GVJ) traduziu e publicou o material em dez volumes (SUDENE, 1967).

jaguaribana numa região agrícola produtiva, conforme se conclui da síntese do estudo:

Estando o JAGUARIBE “condenado” pela natureza a ter como fonte de seu desenvolvimento a agricultura, a valorização desta região consistirá, exatamente, em administrar de modo mais eficaz os fatores de progresso de que dispomos. Estes fatores são a Água, a Terra, o Gado, e, acima destes, o Homem, abundante, disponível subdesenvolvido, cuja promoção será obtida através da valorização integral. [...]

Em primeiro lugar, fornecer trabalho à população rural, atualmente subempregada durante 7 [sete] meses do ano. Quatrocentos mil adultos no Jaguaribe devem encontrar na agricultura sua promoção e um meio para viver decentemente.<sup>646</sup>

A ideia de valorizar o homem sertanejo e “prendê-lo” à terra natal por meio da agricultura foi defendida pelo bispo limoeirense em seus escritos, conforme já visto, mas dependia de vontade política para se concretizar. Por ter sido encomendado por um órgão do governo, o estudo suaviza o aspecto político de abandono secular da zona jaguaribana. Dom Aureliano Matos, longe de ser uma figura que denunciava a inoperância dos políticos, transitou entre eles com desenvoltura, acabando por imiscuir função pastoral e articulação política, de tal forma que sua imagem passaria à posteridade como o “melhor prefeito” de Limoeiro. Foi assim, equilibrando-se entre pastoral e política que o bispo viu as seguintes intervenções mudarem a face da “princesa do Jaguaribe”: (1) instalação da luz elétrica; (2) construção da ponte sobre o rio e (3) popularização da bicicleta como meio de transporte urbano e rural.

#### **4.1.1.1 A luz do progresso: instalação da eletrificação de Paulo Afonso**

O progresso almejado pela elite limoeirense e previsto pelo bispo chegou à sede diocesana, efetivamente, mas talvez não como imaginado por todos. Foi um processo lento, dramático, com avanços e recuos. O cruzamento das fontes permite levantar a hipótese de que o Estado ainda alimentava dúvidas no potencial da região, o que resultou em conquistas quase a contagotas. Exemplo disso foi o processo de eletrificação da zona jaguaribana, numa amostra do que aconteceria em todo o Ceará. Não obstante ser uma alavanca imprescindível à modernização das cidades, a chegada da eletricidade ao semiárido demandou longo entrevero entre políticos e estudiosos, entre

---

<sup>646</sup> SUDENE, Grupo de Estudo do Vale do Jaguaribe. **Estudo geral de base do Vale do Jaguaribe**. Rio de Janeiro: GVJ, 1967, Vol. I: Apresentação e Síntese, p. 67 e p. 73.

burocratas e técnicos.<sup>647</sup> A implantação das ferramentas do desenvolvimento socioeconômico quase sempre se deparava com um fosso entre ideia e realidade. Em agosto de 1960, o jornal levanta o desejo de eletrificação do Baixo Jaguaribe ainda como um sonho de um deputado de Aracati.<sup>648</sup> No início da década, cidades como Limoeiro só dispunham de um rudimentar sistema de geração de energia, privado e com evidentes limitações, fornecendo luz somente algumas horas:

Nos dias que correm, quase todos os municípios jaguaribanos estão passando por séria crise em matéria de eletrificação. Aliás, o problema é um só: NÃO HÁ ELETRICIDADE... Pois dificilmente poder-se-ia considerar como existente uma usina elétrica que fornece apenas 7,5 kwh ou muito menos que isso, trabalhando, quando muito, cinco horas por dia, das 17,30 às 22,30, dando meia hora antes, o “sinal” para a população ir dormir a tempo! A utilização dessas fontes é, exclusivamente, iluminação doméstica e pública. Mal construídas, sem planejamento ou estudo de qualquer natureza, essas “centrais” elétricas vivem à beira da falência, e nem sequer satisfazem aos consumidores, tal incerto é o serviço, além de caro e cobrado em bases arbitrárias.<sup>649</sup>

O sistema de “centrais elétricas” (cada cidade possuindo a sua) inviabilizava qualquer projeto de desenvolvimento regional, já que nem mesmo as prefeituras conseguiam fornecer eletricidade suficiente para seus territórios. A energia gerada era cara, ineficiente e insuficiente para manter indústrias, se elas surgissem. Grande parte da população, sem condições de pagar por esse sistema que vivia à beira do colapso, ainda dependia de lamparinas e lampiões para iluminar suas casas. Sem mencionar os moradores da zona rural, que desconheciam qualquer tipo de eletricidade. Na cidade, o sistema elétrico rudimentar instituíra um curioso “toque de recolher”: um sinal sonoro avisava a quem estava na rua que dentro de meia hora a luz seria desligada. Foi também no início dos anos de 1960 que a energia elétrica gerada na usina de Paulo Afonso, na Bahia,<sup>650</sup> começou a estender seus fios ao sul do Ceará, despertando uma esperança de que aquela eletricidade poderia também chegar ao vale jaguaribano. Para buscar meios de viabilizar o processo, dom

---

<sup>647</sup> Sobre isso, ver: CEARÁ, Serviço de Relações Públicas. **A eletrificação no Ceará**: pequeno histórico da vinda da energia de Paulo Afonso a Fortaleza. 2. ed. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1980 (1. ed. 1965).

<sup>648</sup> O Nordeste, 01 de agosto de 1960, p. 8. A ideia foi levantada pelo deputado Ernesto Valente em reunião com a imprensa cearense.

<sup>649</sup> O Nordeste, 17 de julho de 1961, p. 5. “Nota Jaguaribana: Problema de eletrificação”. Texto de Noronha Neto (Pedro Alves Filho).

<sup>650</sup> A Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF) começou a aproveitar a cachoeira de Paulo Afonso-BA (80m de queda) ainda em 1949. Ao longo dos anos, foram construídas cinco hidrelétricas para gerar eletricidade a Estados como Bahia, Pernambuco e Ceará. Hoje, o complexo gera 4.300 MW de energia para o Nordeste. Cf. [www.pauloafonso.ba.gov.br](http://www.pauloafonso.ba.gov.br).

Aureliano Matos convocou uma reunião com autoridades, políticos, comerciantes e lavradores de Limoeiro, em fevereiro de 1962.<sup>651</sup> À Igreja interessava essa conquista, esse “salto” de desenvolvimento econômico, pois a geração de empregos na região tendia a estancar o êxodo rural, que despovoava o sertão e diluía o poder dos bispos.<sup>652</sup> Em ritmo acelerado, as notícias corriam e enchiam o coração do povo de esperança:

Depois que se começou a pregar, pelos sertões, que o milagre de Paulo Afonso se estenderia num abrir e fechar de olhos, acendeu-se pelo menos a esperança das populações. Está havendo um entusiasmo generalizado de tal sorte que já se nota quase uma alegria de todos, tão forte está a convicção de que os cabos de Paulo Afonso cheguem logo às várzeas jaguaribanas.<sup>653</sup>

Entretanto, as populações jaguaribanas ainda esperariam quatro anos, desde que a ideia fora gestada. Em setembro de 1964, já deflagrado o regime de exceção, foi divulgado que a SUDENE aprovou a liberação de um bilhão de cruzeiros para o Plano de Eletrificação do Nordeste, o que abrangia inicialmente setenta e três cidades dessa região.<sup>654</sup> No final daquele ano, a população de Limoeiro veria finalmente a instalação dos primeiros postes:

Com a presença do Prefeito Pedro Alves Filho, demais autoridades municipais, pessoas gradas e do povo em geral, foram colocados à tarde do dia 25 de novembro [de 1964] os primeiros postes [da cidade], sob a responsabilidade do engenheiro Ernesto Rodrigues. Não temos mais dúvida quanto à energização da nossa cidade, nossa região e da valorização econômica deste rico e ubertoso vale.<sup>655</sup>

O jornalista, representando o povo limoeirense, somente depois de ver instalados os primeiros postes, sentiu sua dúvida dissipada. O povo, cansado de promessas, passou a acreditar no projeto de eletrificação do Ceará só quando presenciou postes fincados no chão do sertão. De fato, já no início do ano seguinte, 1965, era anunciada a conclusão da ligação entre Paulo Afonso e a capital cearense, consolidando o longo processo de espera e desaparecimento da “eterna dúvida da concretização do grande projeto”.<sup>656</sup> A “luz de Paulo Afonso” chegara às cidades jaguaribanas, isto é, aos centros

---

<sup>651</sup> *O Nordeste*, 13 de fevereiro de 1962, p. 4.

<sup>652</sup> Exemplo desse poder: na diocese vizinha, na cidade de Cedro, o bispo dom Mauro Ramalho (que iniciou sua carreira eclesiástica na diocese de Limoeiro) foi convidado pelo juiz da comarca para “proceder a bênção do primeiro poste que [assinalava] a chegada da energia de Paulo Afonso... [àquela cidade]”. *O Nordeste*, 14 de fevereiro de 1962, p. 4.

<sup>653</sup> *O Nordeste*, 26 de abril de 1962, p. 6. “Nota Jaguaribana: Cidades às escuras”, texto de Noronha Neto (Pedro Alves Filho).

<sup>654</sup> *O Nordeste*, 03 de setembro de 1964, p. 1 e p. 7.

<sup>655</sup> *O Nordeste*, 02 de dezembro de 1964, p. 4.

<sup>656</sup> *O Nordeste*, 22 de janeiro de 1965, p. 1.

urbanos, já que as zonas rurais teriam que esperar mais alguns anos por eletrificação, o que também retardaria os projetos de agricultura irrigada. O jornal *O Nordeste* tecia recorrente crítica neste sentido: não obstante ser o campo que alimentava a cidade, nunca ele tinha primazia nos projetos nascidos nos gabinetes governamentais.

A instalação da rede elétrica de Paulo Afonso em Limoeiro foi uma intervenção que modificou profundamente a face da cidade, permitindo à população conhecer e assimilar ao seu cotidiano instrumentos da modernidade, a exemplo de eletrodomésticos como geladeira e televisor, máquinas antes inviáveis nos lares da predominante classe média. Mesmo a disponibilidade de luz artificial à noite, com o fim do desligamento programado do antigo sistema de iluminação, possibilitou a mudança de costumes, passando o povo a dormir mais tarde, por exemplo. Isso acarretou uma série de possibilidades, como estudar à noite dispensando o uso de lamparinas, e fomentou o desaparecimento do paradigma de “limitação da noite”, pois para o sertanejo certas atividades sempre foram restritas à vigência da luz solar.

#### **4.1.1.2 O fim do isolamento: construção de ponte sobre o rio**

A construção da ponte Fernandes Távora pôs fim definitivo ao isolamento da sede do bispado. Sonho antigo, a ponte sobre o Rio Jaguaribe apagaria a imagem de Limoeiro do Norte como uma “ilha” na quadra invernal.<sup>657</sup> Em sua passagem pela cidade, durante a campanha eleitoral de 1960, Jânio Quadros chegou a prometer que corrigiria o traçado original da Transnordestina e que, assim, a então BR-13 passaria por dentro da sede do município.<sup>658</sup> Todavia, o trecho dessa rodovia que posteriormente receberia a denominação de BR-116, entre as cidades de Russas e Icó, seria entregue ao trânsito em 15 de janeiro de 1969 (ver Figura 11),<sup>659</sup> sem nenhuma alteração

---

<sup>657</sup> O isolamento de Limoeiro, originalmente desejado, conforme visto no Capítulo 1, passou a incomodar os moradores quando eles constataram duas coisas: (1) a estrada trazia progresso às aglomerações humanas próximas e (2) seu distanciamento era motivo de “retraimento de negócios”. Como a sede da “ilha Limoeiro” ficava a dez quilômetros da estrada, as oportunidades de comércio eram todas desperdiçadas.

<sup>658</sup> *O Nordeste*, 20 de fevereiro de 1961, p. 4. “Limoeiro e o asfalto”, texto de Noronha Neto.

<sup>659</sup> BR-116 TRECHO RUSSAS-ICÓ. Placa fixada à margem da rodovia pelo Ministério dos Transportes/DNER (Departamento Nacional de Estradas de Rodagem). Jaguaribe-CE: 15 de janeiro de 1969. Fotografia do autor.

no projeto original, ou seja, ainda se desviando do centro urbano de Limoeiro. De fato, a efetivação do projeto se processou a revelia da vontade das lideranças limoeirenses. Poucos meses depois de assumir o cargo de presidente da República, Jânio Quadros receberia um “memorial” das autoridades e “homens grados” de Limoeiro, encabeçados pelo bispo, solicitando o cumprimento do “compromisso formal” feito em praça pública:

Os signatários infra assinados... vêm... solicitar de Vossa Excelência uma REVISÃO DO TRAÇADO da BR-13, a começar da cidade de Russas, do quilômetro 173, num atendimento a essas populações, que sempre têm tido entravado o seu progresso, pelo precário sistema de comunicações, caracterizado pela afastamento da Transnordestina, dos núcleos densamente populosos da Zona Jaguaribana. [...]

Desejamos assinalar que a cidade de Limoeiro do Norte é a sede do 3º Bispado do Ceará; detém a hegemonia espiritual e cultural de todo o Vale Jaguaribano.

Centro de impressionantes atividades na industrialização da cera de carnaúba, no cultivo de algodão, com assombrosa perspectiva no próximo desenvolvimento da fruticultura, o seu inexplicável ilhamento periódico, agravado ainda da circunstância da perenização futura do Rio Jaguaribe, tudo isso faz dessa cidade um Centro que jamais poderá prescindir da ação do Governo Central, na secular solução do problema de uma eficiente Via de Comunicação.<sup>660</sup>

O secretário particular do presidente, José Aparecido de Oliveira, respondeu à petição, via telegrama, mas apenas informando que o assunto havia sido encaminhado ao diretor do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem para devida apreciação. Quando Jânio Quadros renunciou, em 25 de agosto de 1961, atribuindo o ato a “forças terríveis”, o sonho limoeirense de ver a rodovia ser “corrigida” em seu curso se dissipou também junto com a renúncia que “atiraria o país em uma grave crise política”, nas palavras de Boris Fausto (2006, p. 241).<sup>661</sup> Eliminado o plano de desvio da rodovia para favorecer a sede episcopal, restava a alternativa de reivindicar uma ponte sobre o Rio Jaguaribe, na altura da localidade de Bom Jesus,<sup>662</sup> hoje Bairro de Limoeiro Alto. Assim, os políticos da cidade, certamente depois de consultar o bispo, resolveram investir naquele projeto menos grandioso e por isso mesmo mais viável:

AGORA É A PONTE – Reina verdadeiro alvoroço no município, após a

---

<sup>660</sup> MEMORIAL SOLICITANDO REVISÃO DO TRAÇADO DA BR-13. Remetido pelas autoridades de Limoeiro do Norte ao presidente da República, Jânio Quadros. Limoeiro do Norte, 12 de abril de 1961.

<sup>661</sup> Para Fausto, a explicação mais razoável da renúncia inopinada de JQ seria a combinação de “uma personalidade instável com um cálculo político equivocado” (FAUSTO, 2006, p. 243).

<sup>662</sup> O Nordeste, 20 de setembro de 1961, p. 4. “Nota Jaguaribana: Limoeiro diante da mudança”, texto de Noronha Neto (Pedro Alves Filho).

confirmação do cel. Virgílio Távora no Ministério da Aviação e Obras Públicas, com relação às reivindicações de Limoeiro... Depois de um telegrama do Gabinete do Ministro reacenderam-se as esperanças e grande parte crê que Limoeiro está jogando sua cartada definitiva no assunto: ponte agora ou nunca!<sup>663</sup>

Alguns meses depois dessa notícia, técnicos do Governo foram enviados a Limoeiro para estudar as fundações, ou seja, para averiguarem a “profundidade de camadas rochosas que [permitiriam] assentamento tecnicamente recomendável das estacas”.<sup>664</sup> Esses estudos seriam aplicados ao projeto definitivo da ponte, que já contava com um orçamento de cerca de cinquenta milhões de cruzeiros. Segundo o jornal, o político que teve papel decisivo na realização desse projeto foi o deputado estadual Manuel de Castro, “dadas as suas ligações com o ministro Virgílio Távora”.<sup>665</sup> Essa afirmação põe em xeque ao menos um elemento da mitologia que se criou em torno do bispo dom Aureliano, o “fundador da cidade moderna”, já que a ponte é tida como uma “conquista” dele junto ao Governo. Tendo sido, na verdade, um projeto perseguido pelo político Manuel de Castro, tem-se o esmaecimento do “fundador” único e a diluição de sua posição de “dono da cidade”.

Segundo o jornal, a divulgação de que o edital de concorrência para escolher a empresa que construiria a ponte seguia seu processo normal reacendeu o ânimo dos desesperançados e promoveu contentamento generalizado na cidade.<sup>666</sup> Quando a planta da ponte chegou, as murmurações e descrenças cessaram, ficando o croqui exposto numa loja, para que todos pudessem comprovar a autenticidade do projeto de 350 metros de comprimento e média de cinco metros de altura.<sup>667</sup> No início de novembro de 1962, divulgava-se que a construtora Norberto Odebrecht ganhara a concorrência para construir a ponte, cujo custo agora se elevava para oitenta milhões de cruzeiros. O objetivo do empreendimento é recorrentemente lembrado: tirar “Limoeiro do secular pesadelo de cidade ilhada pelo rio Jaguaribe”.<sup>668</sup> Algum tempo depois, em abril de 1963, divulga-se que a

---

<sup>663</sup> *O Nordeste*, 03 de outubro de 1961, p. 4.

<sup>664</sup> *O Nordeste*, 18 de janeiro de 1962, p. 5.

<sup>665</sup> *O Nordeste*, 02 de março de 1962, p. 4. “Nota Jaguaribana: A ponte e o deputado”, texto de Noronha Neto (Pedro Alves Filho).

<sup>666</sup> *O Nordeste*, 25 de julho de 1962, p. 4.

<sup>667</sup> *O Nordeste*, 10 de agosto de 1962, p. 4.

<sup>668</sup> *O Nordeste*, 04 de novembro de 1962, p. 8.



concorrência fora anulada “por apresentar falhas de caráter legal”,<sup>669</sup> mas posteriormente aquela construtora é confirmada como responsável pela obra.<sup>670</sup> No final de julho de 1963, finalmente o anúncio do início das obras:

O Departamento Nacional de Estradas e Rodagens (DNER) iniciou a construção da ponte sobre o Rio Jaguaribe, nas proximidades de Limoeiro do Norte, no lugar Bom Jesus. A obra está orçada em 100 milhões de cruzeiros e deverá ser executada dentro de um ano. Os trabalhos, que foram entregues a uma firma particular, que venceu a concorrência, foram iniciados desde quarta-feira da semana passada [24 jul. 1963], decorrendo em ritmo acelerado.<sup>671</sup>

Observa-se que o orçamento dobrou em relação ao valor originalmente divulgado. A promessa do engenheiro de concluir a ponte dentro de um ano seria cumprida, de fato, como anunciaria o jornal em princípios de agosto de 1964. Estimando que a inauguração ocorresse em breve, o jornalista esclarece que os “serviços complementares” no entorno e na estrada no meio da qual a ponte fora fincada dependiam inteiramente do DNOCS.<sup>672</sup> Finalmente, em 24 de junho de 1965, a ponte Senador Fernandes Távora seria inaugurada oficialmente pelo presidente da República, Humberto de Alencar Castello Branco:

O histórico acontecimento se deu numa bela manhã deste bonito mês do ano, quando milhares de pessoas dos mais distantes pontos do Vale do Jaguaribe, integrantes das mais diversas classes sociais, acorreram à “Princesa do Jaguaribe”, não somente para [ver com] os próprios olhos uma obra gigantesca que, técnica e seguramente construída, a ciclópica ponte sobre o rio Jaguaribe, em Bom Jesus, nos libertou de isolamento e vexames ao tempo das enchentes, oferecendo-nos, doravante felicidades e a certeza de que há de se evoluir a situação econômica deste município e desta região. [...]

As emissoras [de rádio] locais fizeram uma completa cobertura de todas as solenidades, enquanto que o cortejo do aeroporto “Mixico Nonato” à ponte foi feito pela Polícia Rodoviária Federal, com a colaboração da Inspeção do Trânsito e da Polícia local.<sup>673</sup>

Nota-se um acentuado sentimento de ufanismo no texto do jornalista, do qual ecoa um grito de libertação, como se Ícaro estivesse experimentando o par de asas e constatando que era funcional. Nesse caso, a ponte representava mais do que uma construção da engenharia moderna, era um instrumento que possibilitava a libertação do isolamento e dos “vexames ao tempo das enchentes”. Ícaro alçara voo e começava a se deleitar com isso. O encantamento do jornalista é facilmente percebido em expressões como “bela

<sup>669</sup> *O Nordeste*, 02 de abril de 1963, p. 5.

<sup>670</sup> *O Nordeste*, 04 de agosto de 1963, p. 4.

<sup>671</sup> *O Nordeste*, 31 de julho de 1963, p. 4.

<sup>672</sup> *O Nordeste*, 02 de agosto de 1962, p. 2 (Suplemento Dominical).

<sup>673</sup> *Correio do Ceará*, 02 de julho de 1965, p. 5.

manhã”, “bonito mês”, “ciclópica ponte” e palavras como “felicidades” e “evoluir”. Sua visão edulcorada da cena de inauguração da ponte, quase uma tomada cinematográfica do alto, como Ícaro contemplando a terra que o aprisionou, chega ao ponto de idealizar o ajuntamento de “milhares de pessoas dos mais distantes pontos” e a mistura de “integrantes das mais diversas classes sociais”. Aqui, a desigualdade social é obliterada de seu aspecto desumano para ganhar contornos de um conagração coletivo em torno de um ideal maior. As palavras parecem ter sido meticulosamente escolhidas para transmitir essa mensagem. Outro sertanejo, presente na inauguração, testifica:

No dia da inauguração da ponte, eu estava lá em cima, esperando o presidente Castelo Branco. Quando chegou, ele pisou bem forte na ponte e disse: “Tá segura!” Parece que estou vendo isso! Fiquei bem pertinho do presidente, um homem rígido, baixinho... O policiamento não era de brincadeira, não! Castelo Branco estava arrodado de policiais, eram muitos vigiando o presidente, como se Limoeiro fosse naquele momento um campo de guerra. Não precisava de tudo aquilo!<sup>674</sup>

A paranoia do regime militar,<sup>675</sup> que temia atentados contra o presidente, chegou a ponto de desmontar o palanque preparado, em busca de bombas. Não obstante todo o aparato de segurança em torno de Castelo Branco, um repórter da Rádio Vale do Jaguaribe furou o cordão de isolamento e entrevistou o presidente assim que ele desembarcou em Limoeiro (FAHEINA, 2011). O sertanejo se ressentia do exagero do esquema de segurança, pois, para ele, aquele momento não admitia violência e terrorismo; era, na verdade, o tempo da euforia e do louvor pelo tão sonhado fim do isolamento. Aquele momento-chave, a chegada do progresso material – representado simbolicamente pela construção da ponte –, no sertão historicamente abandonado pelo poder público, significava a fuga de Ícaro do “labirinto das águas”, ou seja, o fim do isolamento geográfico e cultural da sede do bispado jaguaribano. Nesse processo, a elite de Limoeiro via naquele exato momento a inescapável oportunidade ou a grave responsabilidade de elevar a cidade ao patamar de líder da região. Não obstante a “aparente estagnação” do momento, preço cobrado pelo regime militar, todas as esperanças foram postas nas asas de Ícaro, ou seja, na “economia da nova Limoeiro”, como se expressou o prefeito

---

<sup>674</sup> ASSIS, José Célio de. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 21 de novembro de 2014.

<sup>675</sup> Para uma síntese recente do período de dominação dos militares no Brasil, ver: NAPOLITANO, Marcos. **1964**: história do regime militar brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.

da época:

Para quem conhece Limoeiro, não poderá espantar o fenômeno: esta cidade, a única do Ceará, tem vivido num círculo, não de fogo, mas de água! [...]

A cidade de Limoeiro não poderá fugir ao imperativo de liderança que lhe pesa sobre os ombros ainda um tanto inseguros e talvez não preparados para levar ao âmago da História da Zona o doce fardo, a perigosa glória que lhe cabe no Vale.<sup>676</sup>

Nota-se que o representante da elite tinha noção de que o Ícaro limoeirense se achava diante de uma situação nova, usando asas pela primeira vez quando sempre tivera os pés presos ao chão. Em função disso, admite que os ombros estejam ainda “um tanto inseguros” e “talvez não preparados” para tomar sobre si a responsabilidade de ser a liderança, o exemplo a ser seguido pelas cidades jaguaribanas, todas ávidas por abandonar sua histórica precariedade econômica e cultural. Na mentalidade da elite limoeirense, somente a sede do bispado tinha condições de assumir essa posição, já que as “asas do progresso” chegaram antes ali. A inauguração da ponte, portanto, representa o momento em que Ícaro se regozija pela “perigosa glória” de voar diante do Vale, tomando para si a primazia de “levar ao âmago da História da zona” o progresso sonhado e articulado pela elite limoeirense.

#### **4.1.1.3 A brisa no rosto: uso democrático da bicicleta**

Em termos de transporte, a Limoeiro dos anos de 1960 ainda vivia uma realidade de cidade pequena, longe do frenesi de metrópoles como Fortaleza. A cidade corria na velocidade de uma bicicleta, não de um automóvel. O uso desse veículo ecológico era tão disseminado que o município passou a se orgulhar de ostentar o título de “cidade das bicicletas”. Desde a década de 1940, esse veículo foi usado para recepcionar personalidades, sobretudo do clero. Ao retornar de suas viagens ao Sudeste, multidões de ciclistas costumavam esperar o bispo ou o vigário à entrada da cidade, para saudá-los. Nas palavras de um memorialista, “era comum esse popular veículo abrilhantar festas cívicas, religiosas e recepções” (SILVA [M. M.], 1997, p. 55).

Em razão de Limoeiro ser uma cidade plana e a bicicleta ser um veículo relativamente barato, esta foi utilizada por todas as classes sociais para se

---

<sup>676</sup> *O Nordeste*, 06 de agosto de 1963, p. 3. “Comentários do mundo: Afinal, a ponte”, texto de Noronha Neto (Pedro Alves Filho).

deslocar dentro da cidade, para ir ao trabalho, à escola, etc., além de servir para passeios ao rio e ao campo. Antes da introdução da bicicleta, que debutou em Limoeiro na década de 1920,<sup>677</sup> o cavalo e o jegue facilitavam o acesso do rurícola ao centro urbano, onde se realizava a missa dominical e as festas religiosas. Quando o veículo de ferro substituiu o animal de montaria, campo e cidade se tornaram espaços ativamente intercambiáveis, permitindo uma relação simbiótica vantajosa para ambos. Oficialmente, a primeira prova ciclística recebeu o nome de São Pedro e foi realizada em 29 de junho de 1949, num percurso de sete quilômetros, “entre o povoado de Arraial e o centro da cidade” (SILVA [M. M.], 1997, p. 51). Em 1960, ocorreu outra prova ciclística organizada pela agência municipal do IBGE, como forma de divulgar o censo estatístico daquele ano.<sup>678</sup>

Até a década de 1980, a bicicleta era o meio de transporte mais usual, não somente por ser barato como também por ocupar pouco espaço, sendo o item mais democrático nas casas limoeirenses:

No começo, todo mundo vinha dos arredores para a missa, para a feira, a pé ou a cavalo. Os animais ficavam amarrados à sombra dos tamarineiros existentes... perto do mercado da carne... [...].

É comum vê-se o pai de família, com a mulher, na garupa da bicicleta, e dois ou três filhos, no quadro e no guidom, vindo do Arraial ou do Sapé [comunidades rurais], pelas várzeas, deixando-se levar, sem pedalar, pelo vento “Aracati” que sopra do mar, à tardinha, com regularidade e constância dos ciclos naturais. O trânsito intenso de bicicletas dentro dos carnaubais traça um emaranhado de trilhas, que ligam, entre si, as moradias dispersas, construindo um tecido quase urbano. As bicicletas foram transformadas até em veículos de carga, só não chegando ao nível de “taxi”, como se faz na China!... (LIMA [L. O.], 1997, p. 504).

Percebe-se, nas palavras desse memorialista, nítida intenção de retratar a bicicleta como instrumento de coesão social, por aproximar campo e cidade, diluindo-lhes os limites. O uso generalizado da bicicleta provocava espanto em jornalistas que visitavam a cidade:

Citação do boletim campus

Uma depoente tece nostálgicas considerações sobre o tempo em que Limoeiro era a “terra das bicicletas”, título esmaecido a partir da década de

---

<sup>677</sup> Tomo como referência a década de 1920 porque, segundo Meton Maia e Silva, as corridas de bicicleta foram inauguradas nesse decênio. Assim, os primeiros homens a adquirirem o transporte, passaram logo a disputar corridas entre o centro urbano e o campo, tendo como ponto de chegada o Sítio Pitombeira. Cf. SILVA, M. M. **Reminiscências de Limoeiro do Norte**. [s. l.]: Edição do Autor, 1997, p. 20.

<sup>678</sup> *O Nordeste*, 27 de julho de 1960, p. 2.

1990, quando a versão motorizada invadiu o sertão e destronou a bicicleta de seu antigo posto:

Limoeiro sempre foi muito plano, então a gente andava de bicicleta tranquilamente, até porque o movimento de carros era pequeno. Eu mesma andava muito de bicicleta, ia dar minhas aulas na Faculdade assim. Estava acostumada com a Limoeiro daquele tempo e, quando percebi, ficou perigoso andar de bicicleta numa cidade tomada de carros e motos, os motoristas freando em cima da gente. Vi que era melhor deixar de andar de bicicleta senão eu iria me acidentiar. Mas todo mundo andava, em toda casa, cada morador tinha sua bicicleta, o marido, a mulher, os filhos...

No desfile de 07 de setembro era uma coisa linda! Os alunos desfilavam de bicicleta, os próprios colégios se movimentavam nesse sentido, incentivando os alunos a enfeitarem suas bicicletas e a desfilarem nelas. Também costumava haver corrida de bicicleta. Era um charme ter uma bicicleta nova, era aquela coisa, por isso todos almejavam uma bicicleta nova. Havia duas lojas que alugavam bicicletas, sobretudo para os alunos que estudavam fora de Limoeiro e que, nas férias escolares, em julho, por exemplo, voltavam à cidade. Eram os filhos de Limoeiro que estavam estudando em Fortaleza e vinham passar férias na cidade. Madrinha Judite já deixava reservadas algumas com M. Alves, que começou assim, alugando, depois passou a vender. Olhe, já houve tempo em que vender bicicleta aqui em Limoeiro era um ótimo negócio, dava lucro... Foi-se o tempo, hoje não dá mais!<sup>679</sup>

Depreende-se, pela fala da depoente, que a bicicleta era mais do que um veículo barato e popular, era um símbolo da cidade interiorana que corria na velocidade do vento Aracati, sem pressa, sem estresse, sem trânsito, sem poluição. Esse quadro idílico foi desfeito com a popularização da motocicleta e do automóvel. Esses veículos, caros, não acessíveis aos pobres, acentuavam a desigualdade social, impondo *status* ao seu possuidor, e diluíam a democratização da bicicleta, antes usada por todos. Assim, a generalização de uso da bicicleta na década de 1960 constituiu importante intervenção material em Limoeiro, ao aproveitar sua geografia plana e aproximar campo e cidade. O “charme” de ter uma bicicleta nova cede lugar ao *status* de possuir uma moto ou um carro, o que implica dizer que a cidade assumia um novo paradigma: deixava de ser a “ilha do Jaguaribe” e se tornava um espaço aberto ao mundo e às suas influências modernas, barulhentas, poluidoras, castradoras do provincianismo e da liberdade de sentir a brisa no rosto.

#### 4.1.2 Intervenções na cultura: tradição e alteridade

Além das marcações no espaço físico, Limoeiro nos anos de 1960 veria

---

<sup>679</sup> FREITAS, Maria das Dores Vidal. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 18 de fevereiro de 2012.

uma série de intervenções culturais que, impregnadas do secularismo condenado pelo bispo, modificariam profundamente a mentalidade de sua população. Destaco duas intervenções no campo da cultura: (1) influências de estrangeiros que residiram na cidade, expondo de modo contundente o demorado desenvolvimento do sertão e (2) influências do cinema e da música, gestando um novo modelo de mulher.

#### 4.1.2.1 O espião amigo: estrangeiros no sertão

A instalação do regime militar de 1964 impôs sobre a nação um sistema político que se alimentava de alienação, acomodação, medo e letargia. Também persistia uma paranoia contra as “forças ocultas” do comunismo. Preocupados com a influência que a Revolução Cubana (1959) poderia ter em países como o Brasil, os Estados Unidos criaram a Aliança para o Progresso,<sup>680</sup> programa que anunciava “promover a democracia na América Latina”, o que em outras palavras significava barrar o avanço do socialismo no continente, tendo em vista o que acontecera em Cuba. Assim, parte de um plano maior,

a política externa americana agia dentro do contexto da guerra fria... [estipulando também] os objetivos de longo prazo da segurança nacional americana... [...] A Aliança foi moldada, em grande parte, pelo medo de que os movimentos comunistas pudessem capturar, em seu favor, as aspirações de mudança na região. O ponto central de atenção da Casa Branca era o regime cubano, o qual parecia ser capaz de garantir estas aspirações por todo o continente. A novidade do programa foi, em parte, o fato de esperar que o desenvolvimento econômico e as reformas sociais, nunca antes propostas pelo governo americano na América Latina, criassem uma estabilidade política, uma legitimidade dos regimes democráticos da região, detendo o presumido avanço comunista (RIBEIRO, [R. A.], 2006, p. 18).

O jornal católico comemorou a chegada desse programa ao Nordeste, cuja base de operações seria instalada em Recife.<sup>681</sup> Mesmo os jornalistas sabiam que o programa devia combater o subdesenvolvimento, apresentando uma alternativa dentro do próprio sistema capitalista, o que

---

<sup>680</sup> Para um estudo detalhado do programa Aliança para o Progresso no Brasil, ver: RIBEIRO, Ricardo Alaggio. **A Aliança para o Progresso e as relações Brasil-Estados Unidos**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP. Campinas-SP: 2006.

<sup>681</sup> Diz o jornal: “Chegaram à noite de ontem [13 set. 1962] a Fortaleza, 16 técnicos da “Aliança para o Progresso”, organismo instituído pelo Governo do Presidente norte-americano John Fitzgerald Kennedy e que promete combater a miséria e o subdesenvolvimento em todo o Nordeste, a fim de evitar a exploração tão ao gosto do comunismo internacional”. *O Nordeste*, 14 de setembro de 1962, p. 8.

deveria ser suficiente para evitar que as populações pobres fossem seduzidas pela “exploração do comunismo internacional”. No Nordeste, a efetiva mudança promovida pela Aliança para o Progresso foi na alfabetização de adultos, já que uma das diretrizes do programa era justamente erradicar nas Américas, até 1970, o analfabetismo entre os adultos, e garantir ao menos seis anos de escolaridade para as crianças (RIBEIRO, [R. A.], 2006). O jornal traduziu parte de uma matéria do *The New York Times* que relatava um exemplo pragmático do programa no Brasil:

Em garranchos, travessando a folha de papel, sem direção certa, fora escrito “belota”. Maria Pequena de Souza, de 32 anos de idade e com seis filhos, chorou de emoção. Aquela era a primeira palavra que havia escrito em toda a sua vida.

Há pouco menos de um mês, escreveu uma carta ao Presidente João Goulart. A ortografia era ruim, e a gramática, coloquial, mas suas palavras pintavam um claro quadro da angústia do povo pobre do Brasil, que habita o interior do Nordeste.

“Eu peço ao senhor educar meus últimos filhos, porque não posso educar eles. Trabalho dia e noite lavando roupa. Assim, eles não podem estudar. O pai deles, com seis filhos dentro de casa, ganha 300 cruzeiros por dia. Que é que a gente pode fazer[?]. Esta foi sua carta. [...]”

“Não estamos somente ensinando o povo a ler e a escrever. Pretendemos através do programa de alfabetização transformar esse povo em cidadãos”, disse o snr. Philip Schwab, assessor (no Recife) da Agência para o Desenvolvimento Internacional, a base da Aliança para o Progresso no Nordeste.<sup>682</sup>

Transformar os despossuídos do Nordeste em efetivos cidadãos brasileiros era apontado como objetivo primaz do programa. Isso teria acontecido ao menos no exemplo mencionado, quando uma simples lavadeira de roupa abandonou a obscuridade em que vivia e escreveu ao presidente da República reivindicando educação para os filhos mais novos. Não obstante, o tom de súplica da carta revela que a mulher ainda não chegara ao nível de consciência da obrigatoriedade do ensino pelo Estado. Mesmo assim, constata-se que aquela senhora estava no caminho certo, quando questionou o que um pai e uma mãe que trabalhavam diuturnamente para levar comida aos seis filhos poderiam fazer para educá-los. Com que dinheiro e tempo, se todos os poucos recursos eram destinados exclusivamente para a sobrevivência da família? Nesse aspecto, o programa estadunidense produziu alguns frutos de transformação social, em função da libertação promovida pela educação. No caso da diocese de Limoeiro, não foram encontrados registros de atuação da Aliança para o Progresso na área educacional, talvez porque o bispo dom

---

<sup>682</sup> O Nordeste, 25 de julho de 1963, p. 6.

Aureliano já vinha fomentando a realização de um amplo projeto radiofônico de alfabetização de adultos, do qual falarei adiante.

Como desdobramento do programa Aliança para o Progresso, no começo dos anos de 1960 a região jaguaribana receberia alguns estrangeiros, membros do Corpo de Voluntários da Paz (*Peace Corp*), movimento no qual “jovens norte-americanos viajavam aos países em desenvolvimento para mostrar o rosto pacífico e anticomunista dos Estados Unidos” (MEGHNAD, 2003, p. 306). A intenção não revelada era mandar jovens se imiscuírem no cotidiano dos sertanejos, como “espiões amigos”, para detectar assim possíveis focos de comunismo. Como já expliquei em páginas anteriores, esse receio era paranoico, sobretudo em razão do completo desconhecimento que grande parte da população cearense tinha para com essa ideologia. Conforme ficou demonstrado, a influência dos padres e dos catequistas, ou seja, a doutrinação católica sobre as almas era suficiente para impingir no povo um medo cego do comunismo. Assim, os jovens que peregrinaram pelo Vale anotando o cotidiano da população não encontrariam sequer grupos marxistas organizados. Uma depoente que conviveu com uma dessas voluntárias, contou como foi entrar em contato com uma cultura tão diferente:

Havia esses Voluntários da Paz em Tabuleiro, vieram dos Estados Unidos na época do presidente Kennedy. Acho que foi em 1962. O rapaz ficou hospedado na casa do Dr. Osias e a moça lá em casa. Ela se chamava Shery e era muito ligada em música... Esses jovens nunca disseram o que foram fazer, mas vieram e passaram a ajudar de algum modo. Ela foi professora de Educação Física no Ginásio de Tabuleiro. Antes dela, nós não tínhamos professor nessa área, então foi ótimo, ela preencheu uma lacuna. Eles também davam aulas de inglês na cidade. Mas o que eu achava interessante é que eles faziam um relatório sem fim. Toda hora estavam escrevendo. Não sei se eles estavam observando alguma coisa... Eu me dava muito bem com a Shery. Mas eles faziam esses relatórios sem fim. Um dia ela me convidou para uma festa que haveria em Limoeiro. Lá tinha também um voluntário, que era engenheiro, morando numa casinha perto do Patronato. Ela me convidou para ir lá e eu fui. Quando cheguei lá, eu fiquei com medo, eles fecharam as portas da casa e ficaram falando em inglês, rápido, e eu sem entender nada. E olhavam para mim e eu pensei: O que será que eles estão tramando? Mas, tudo bem, eu confiava em Shery.

Mas realmente eu nunca perguntei: Shery, o que você veio fazer aqui? Acho que era só observar essas coisas. Ela gostava de conversar. Eu perguntei foi isto: Com quem você aprende mais, como os adultos ou com as crianças? Ela respondeu: “Eu aprendo mais com os adolescentes porque eles falam muito e eu vou anotando tudo”. Depois ela saiu lá de casa, da casa de Alcides, e foi morar numa casa alugada, mas sempre nos visitava. Depois, veio passar uma temporada em Fortaleza. Depois, soube que ela tinha ido embora, voltado para casa. Ela era do Estado de Oregon e o rapaz era de New York. Acho que faziam esses relatórios para mostrar aos chefes deles. Foi muito interessante a convivência com ela porque os americanos já tinham a mente muito aberta. A



cultura americana era muito diferente da brasileira. Eu gostava de conversar com ela porque havia essa abertura, enquanto a cultura do sertão era muito fechada, limitava a vida da gente em tudo. A presença dela na cidade serviu para abrir a mente de muita gente.<sup>683</sup>

A obsessão dos voluntários em anotar tudo, para depois “mostrar aos chefes”, causou admiração na depoente, mas como ela não estava envolvida em nada que lembrasse comunismo (não era uma “ameaça”) tinha uma postura de ingenuidade diante da observadora, nunca manifestando a curiosidade para saber o que, de fato, a forasteira estadunidense viera fazer nas terras abrasadas do sertão. Ela confirma que a presença da estrangeira na cidade agregou valor à vida do sertanejo (“abriu a mente de muita gente”), cuja cultura era “muito fechada”. Nesse sentido, o “choque” de culturas também justificava a prodigiosa produção textual dos visitantes (“relatórios sem fim”), pois tudo era novo e diverso para eles. Nota-se que os estrangeiros também prestaram serviços relevantes, atuando especialmente como professores numa terra carente de educação formal. Não obstante, foram para mostrar a face anticomunista a um povo que nem ao menos sabia ao certo o que era o comunismo. Assim, os “jovens espiões” saíram do semiárido jaguaribano e voltaram aos EUA sem apontamentos importantes sobre atuação comunista na região.

Todavia, os jovens dos EUA deixaram uma efetiva herança no Vale, não somente em função do aprendizado da língua inglesa, mas, sobretudo, na abertura de uma mentalidade mais compatível com os “novos tempos”, fato concretizado na constituição do intercâmbio cultural entre os dois povos:

No tempo em que os americanos começaram a atuar aqui em Limoeiro, como Voluntários da Paz, um deles trabalhava comigo no Posto de Saúde, eu só falava em inglês com ele. Esse tempo foi muito bom mesmo. Eu já tinha um treino com uma namorada estrangeira, então fui estudando, mudando de uma língua para a outra, e assim nunca parei de estudar idiomas. Esses americanos estiveram aqui na década de 1960, no início.

Essa garota da foto é minha filha. Menina, ela estudou aqui em Limoeiro, nessa época, e quando cresceu, certo dia, me pediu o telefone desse americano que trabalhou comigo, pois ela queria saber informações sobre um curso numa universidade americana. Depois disso, ele ficou telefonando direto, dizendo que a gente podia mandar a menina para a casa dele porque ele já havia recebido dez estudantes brasileiros. Tinha um quarto bom para minha filha ficar lá, pois nessa época os filhos dele já tinham casado e era somente ele e a esposa. É um casal excelente! Basta dizer que ele já voltou três vezes ao Brasil para ser padrinho de casamento de jovens que ele recebeu em sua casa nos Estados Unidos. E minha

---

<sup>683</sup> CHAVES, Maria do Carmo Gadelha. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 07 de abril de 2015.

filha foi e acabou ficando lá, trabalhando. Ela estudou, casou-se com um americano e agora vão ter um filho.<sup>684</sup>

O depoente, médico limoeirense muito conhecido, hoje avô de um neto estadunidense, testifica que a ponte entre os dois povos se originou dessa relação com os Voluntários da Paz, no início da década de 1960. Nesse caso, pode-se concluir que a simbiose iniciada naquele período perdurou e gera frutos ainda hoje, sendo a miscigenação a prova patente. Se os moços dos Estados Unidos chegaram ao sertão pensando em denunciar comunistas, voltaram convencidos de que a região necessitava, na verdade, de oportunidades de educação, não de repressão. O exemplo mostra que a educação, não a ideologia política, é a verdadeira ferramenta de libertação e autonomia de um povo.

#### 4.1.2.2 O vento que vem de longe: cinema e música

Em 24 de outubro de 1964, uma moderna sala de cinema era inaugurada em Limoeiro, o Cine Capri, com o faroeste de Clark Gable *Nas Garras da Ambição*.<sup>685</sup> No dia seguinte, um show do cantor Carlos Galhardo,<sup>686</sup> vindo do Rio de Janeiro, encerraria as festividades de inauguração.<sup>687</sup> A partir de então, contando com uma sala com capacidade para quatrocentos e dois espectadores sentados, em sessões semanais com início às 20h,<sup>688</sup> a cidade, ou sua elite, passou a ter melhor acesso às películas hollywoodianas, que já dominavam, mas que chegavam com certo atraso, a exemplo do faroeste que inaugurou o cinema, exibido nove anos depois de sua estreia nos Estados Unidos. Segundo memorialistas, o “Cine Capri foi a fábrica de sonhos de

---

<sup>684</sup> LIMA VERDE, Ari Santiago. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 25 de setembro de 2013.

<sup>685</sup> Título original: *The tall man*. EUA, 1955, direção de Raoul Walsh.

<sup>686</sup> Carlos Galhardo, cujo nome verdadeiro era Castello Carlos Guagliardi, foi um famoso cantor da Era do Rádio. Nasceu em Buenos Aires, Argentina, em 24 de abril de 1913, e faleceu no Rio de Janeiro, em 25 de julho de 1985. Tendo gravado o primeiro disco em 1933, passou a ser um “especialista em canções românticas”. Cf.: AGUIAR, Ronaldo Conde. **Almanaque da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007. Muito querido em Limoeiro, que o escutava há anos na Rádio Vale do Jaguaribe e, antes mesmo, nas radiadoras da cidade, a vinda de Galhardo ao sertão representou uma vitória importante da elite limoeirense, que assim passou a oferecer uma nova modalidade de entretenimento: a apresentação ao vivo de cantores apreciados na cidade. O projeto da elite de Limoeiro começava a divergir daquele apresentado pelo bispo dom Aureliano Matos quando de sua chegada para assumir a diocese.

<sup>687</sup> SILVA, Meton Maia e. “Do Cine Moderno ao Cine Capri”, 1980 (mimeo). In: SILVA, M. M. Pasta de Documentos/Academia Limoeirense de Letras.

<sup>688</sup> *Boletim Campus*, n.º 1, junho de 1979, p. 4.

Limoeiro”. A elite da cidade teria vivido “naquele espaço mágico e sem tempo seus melhores momentos de deleite e enriquecimento cultural” (FREITAS e OLIVEIRA, 1997, p. 237).

A inserção do cinema estadunidense no mundo se deu, segundo Nicolau Sevcenko, depois da Primeira Guerra Mundial, que provocou o colapso da indústria cinematográfica europeia e permitiu a ascensão de Hollywood:

Os Estados Unidos herdaram tudo, construindo uma situação de monopólio virtual de produção, distribuição e exibição em todo o mundo. [...]

Desde inícios dos anos 20, impulsionado pela situação privilegiada da indústria cinematográfica americana, o mercado de distribuição cresceu rapidamente e as salas de cinema se multiplicaram por toda parte, se tornando mais importantes, suntuosas, edificadas segundo o código modernista e ousado do art déco. **Ir ao cinema pelo menos uma vez por semana, vestido com a melhor roupa, tornou-se uma obrigação para garantir a condição de moderno** e manter o reconhecimento social (SEVCENKO, 1998, p. 598-9, grifo meu).

A sedução do cinema, o mais antigo e fascinante símbolo da modernidade, também enredou os sertanejos, aproximando-os da mitologia, da fantasia, do sonho de ser moderno. Hollywood soube oferecer o que todos queriam: um polo de atração da modernidade, uma “fábrica de sonhos” que permitia o voo para fora da ilha do Jaguaribe. Assim, a elite limoeirense brincava e burilava o desejo, a fantasia, o impulso de estar em outro lugar e ser outra pessoa. Nesse sentido, o cinema foi uma luva para a mão, já que é uma “arte feita para os olhos e o subconsciente, não para a razão ou a explanação verbal” (SEVCENKI, 1998, p. 600). Um depoente que trabalhou na sala de cinema de Limoeiro durante quase duas décadas constitui a melhor testemunha desse processo de sedução:

Em 1964, foi inaugurado o Cine Capri, no mesmo prédio que funcionava a Rádio Vale, o cinema no térreo e a emissora no sobrado. Havia uma sociedade que cuidava da rádio e do cinema. Gerardo Lucena e Manuel de Castro faziam parte dessa sociedade, eram homens ligados à cultura. Então eu saí do Cine Clube Pio XII e fui trabalhar no Cine Capri com um irmão meu, João Rodrigues da Costa. Os filmes eram exibidos em sessões às quartas-feiras, aos sábados e, claro, aos domingos, três vezes por semana. O Cine Capri durou mais ou menos dezesseis anos. Começamos com fita de 16 mm. Na época, não era algo atualizado, exibiam-se filmes antigos, fitas velhas.

Como lhe disse, o Cine Capri foi inaugurado com um faroeste de Clark Gable, *Nas Garras da Ambição*. Inicialmente, nós não queríamos exibir esse filme, mas acabou sendo o primeiro. Naquela época, o gênero faroeste era bem aceito, sendo o mais duradouro no cinema do século XX. O faroeste abrangia todas as idades, tanto com o banque-banque como com o faroeste clássico.

Sinceramente, até me admiro que eu tenha cuidado tanto tempo do cinema limoeirense, de 1964 até 1980. Quando a Conceição Pinheiro assumiu o NIT, ela resolveu fundar um museu da imagem e do som lá. E eu não sei se você já entrou lá e viu as máquinas. Aqueles projetores todos, eu trabalhei com eles, o grandão,

o de 16 mm, eu trabalhei com todos. Eu trabalhei com cinema fazendo de tudo, quando eu caía no cinema, era para ser a figura principal, gerente e operador e coisa e tal. Eu gostava das coisas bem certinhas.<sup>689</sup>

O depoente se orgulha de ter trabalhado longo tempo no Cine Capri justamente porque essa sala representava o *crème de la crème* da sociedade limoeirense, pois nessa época havia outra sala de cinema, que acabou fechando porque não suportou a concorrência com o cinema “chique”. O diário de uma depoente cinéfila,<sup>690</sup> no qual ela anotava os filmes assistidos a cada semana, mostra que nos anos de 1960 os limoeirenses tiveram acesso a variado cardápio cinematográfico, destacando-se clássicos românticos como *Candelabro Italiano*<sup>691</sup> (exibido em Limoeiro em agosto de 1965), *La Violetera*<sup>692</sup> (dezembro de 1965) e *Noviça Rebelde*<sup>693</sup> (março de 1968), mas também a épicos como *Spartacus*<sup>694</sup> (outubro de 1964) e suspenses como *Psicose*<sup>695</sup> (janeiro de 1966). Também tiveram acesso a filmes que certamente a Igreja não aprovava, só pelos títulos, e que acabaram não se firmando como “importantes”, tais como *As Sete Mulheres do Inferno* (abril de 1965), *Um Dia com o Diabo*<sup>696</sup> (agosto de 1965) e *Caldeirão do Diabo* (setembro de 1968), para mencionar somente alguns exemplos.

Todavia, o filme que causou mais estardalhaço na sede do bispado jaguaribano foi *E Deus Criou a Mulher*,<sup>697</sup> que projetou Brigitte Bardot ao estrelato:

O filme *E Deus Criou a Mulher* passou no ano de 1962, lembro bem porque foi um ano antes do falecimento do meu pai. Foi exibido naquele que a gente chamava apenas de “Cinema do Bequinho”, pois ficava num beco no centro da cidade.

Eu e uma amiga, Alberice Maciel, fomos escondidas ver o filme. Eu, escondida da minha mãe e ela, da tia com quem morava. A censura do filme era de 18 anos. Eu já tinha idade para assistir, mas minha amiga tinha de 15 para 16 anos. Entramos mesmo assim e vimos o filme, que tinha a cena de Brigitte Bardot tomando banho de sol, nua.

---

<sup>689</sup> COSTA, Raimundo Nonato da. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 26 de setembro de 2013.

<sup>690</sup> FEIJÓ, Jane Eyre. **[Diário de Filmes Assistidos...]**. Limoeiro do Norte/Fortaleza, outubro de 1964 a setembro de 1968, 28 p. Todos os filmes mencionados neste parágrafo foram registrados por esta senhora. O Cine Capri exibiu os filmes nos períodos citados. Quando se compara exibição em Limoeiro e lançamento no país de origem, percebe-se um atraso de cinco anos, em média, para cada filme. Alguns chegavam mais atrasados ainda.

<sup>691</sup> Título original: *Rome adventure*. EUA, 1962, direção e roteiro de Delmer Daves.

<sup>692</sup> Título original: *La Violetera*. Espanha e Itália, 1958, direção de Luis Cesar Amadori.

<sup>693</sup> Título original: *The Sound of Music*. Reino Unido e EUA, 1965, direção de Robert Wise.

<sup>694</sup> Título original: *Spartacus*. EUA, 1960, direção de Stanley Kubrick.

<sup>695</sup> Título original: *Psicose*. EUA, 1960, direção de Stanley Kubrick.

<sup>696</sup> Título original: *Un Dia con el Diabo*. México, 1945, direção de Miguel M. Delgado.

<sup>697</sup> Título original: *Et Dieu... Créa la femme*. França, 1956, direção de Roger Vadim.

De mulheres, só havia nós duas no cinema. Lembro que a sessão foi às 19 horas. Só nós duas entre muitos homens, mas eles nos respeitaram, nada disseram de ofensivo. Nós apenas ríamos durante o filme, pois a personagem de Brigitte Bardot era uma mulher muito avançada pra época.

Os jovens comentaram o filme, que era polêmico e tal, mas não me lembro de críticas da Igreja. Certamente, monsenhor Otávio não deve ter gostado, pois ele era um padre bem rígido, e mais ainda em se tratando de vestimenta da mulher. Ele não deixava uma mulher entrar na igreja de manga curta. Confesso que tinha certo medo do monsenhor Otávio.<sup>698</sup>

Na época, o teor “pesado” do filme é comprovado pelo fato de a depoente e sua amiga irem ao cinema “escondidas” da mãe e da tia e de serem as únicas mulheres na sala. Tudo parecia exalar um “clima proibido”: o cinema ficava num beco; a audiência era majoritariamente masculina, confirmando o machismo do sertanejo; as únicas moças presentes assistiram ao filme sem conhecimento dos responsáveis e o vigário era rigoroso na obediência à moral cristã, não aceitando sequer uma mulher entrar na igreja usando mangas curtas. Desafiando tudo isso, impulsionadas pela curiosidade, as moças romperam tabus e, assumindo um pouco a liberalidade avançada da personagem de Bardot, foram ver o controverso filme. O escritor brasileiro Ignácio de Loyola Brandão (2004) explica porque essa película causou tanta polêmica na época, não somente no Brasil, mas em todo o mundo:

Quando *E Deus criou a mulher* foi exibido no Brasil, a minha geração tinha 20 anos. Para quem cultivava o cinema [cult]... o primeiro filme de um desconhecido chamado Roger Vadim era chocho (como se dizia) cinematograficamente. Incipiente como narrativa, descosturado quanto à edição, primário nos enquadramentos.

Mas tinha Brigitte Bardot e não precisava mais nada. [...] O que se deu é que com aquele filme Brigitte Bardot se tornou uma celebridade internacional, *sex symbol* que ofuscou tudo a sua volta, uma paixão, doença, loucura, paranoia. [...] BB foi um vulcão antes da televisão e das conexões imediatas entre o mundo todo. [...]

Seu personagem em *E Deus criou a mulher* mostra uma jovem inquieta, ardente, sufocada no ambiente restrito e moralista de uma aldeia à beira-mar. Viguada, pressionada, ela contudo é livre, não se deixa aprisionar. [...] Inconscientemente, Vadim, ainda que machista, abriu uma pequena brecha para o que viria a seguir, os grandes movimentos femininos. Ao criar Brigitte fez o mundo respirar, havia ares novos, frescos. A nudez, natural e poética, era a de uma mulher que podia ir para a cama com quem desejasse, sem ser puta. BB desconcertava com sua ternura, rosto ingênuo e ar cândido mascarando extrema voluptuosidade. [...]

*E Deus criou a mulher* foi um assombro. Chocou e espantou e, hoje... nos permite avaliar como o mundo avançou e o comportamento de duas épocas se distanciou. Uma novela das seis, na Globo, é mais permissiva do que esse filme que se tornou marco de libertação. As perguntas de minha sobrinha Helena, de cinco anos, são mais contundentes do que a “moral” dos anos 50 permitia (BRANDÃO, 2004, p. 60-62).

---

<sup>698</sup> MAIA, Maria do Carmo. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 21 de junho de 2015.

Brandão acredita que Bardot surgiu na hora exata da transição entre o velho e o novo, momento em que toda a repressão de sensualidade das décadas anteriores gestaria uma explosão de paixão, loucura, doença e paranoia, tudo confluindo para aquela figura de mulher que não se deixava aprisionar. O jornal católico considera a estrela francesa o “símbolo de uma civilização que se esvaziou dos verdadeiros valores para entumescer na filosofia do prazer”, ou seja, aquilo que o jornal chama de a “mercadoria de largo consumo num público superexcitado e cioso que mal sustém na face a máscara da hipocrisia e do convencionalismo”.<sup>699</sup> Para os representantes conservadores da Igreja, a atriz era o “expoente de uma moral hedonista, num mundo liberto de freios e conceitos morais”; uma ninfeta “segundo o padrão de uma deslocação social nas relações dos sexos e [de] uma moral sem leis”, mas que, no fundo, não passava de “uma pobre criatura, sem muito talento, acossada por uma imprensa sensacionalista e uma multidão histérica de admiradores”.<sup>700</sup> A sensualidade de BB não estaria em seu corpo, que fugia do padrão das estrelas da época, mas sim “no rosto, no beicinho, no olhar abismado, na atitude desabusada, no desprezo às convenções, no abandono da moral vigente” (BRANDÃO, 2004, p. 62). Enfim, a atriz instaurou a “deslocação social dos sexos”, rompendo, definitivamente, o modelo patriarcal e machista de sociedade, segundo o qual os espaços da mulher eram somente a casa, onde reinava como “rainha do lar”, submissa ao marido, e a igreja, onde era “serva de Deus” e submissa ao clero. No patriarcalismo, de todo modo, a mulher sempre estava submissa a uma figura masculina, não sendo, portanto, uma “criatura livre” como Brigitte Bardot. O secular recato imposto à mulher pela doutrina católica também desencadeara no homem de meados do século XX o desejo de ter ao seu lado uma “nova mulher”, uma “mulher ousada” e não apenas a “boneca de porcelana” que a Igreja tanto se preocupava em manter intacta.

Assim, em Limoeiro a exibição de *E Deus criou a Mulher*, mesmo atrasado, já em princípios da década de 1960, causou alvoroço entre o povo e indignação do clero. No filme, a personagem de Bardot aparece nua, a câmara mostrando-a de costas, e também em uma dança selvagem, em cima de uma

---

<sup>699</sup> O Nordeste, 05 de abril de 1964, p. 3 (Suplemento Dominical).

<sup>700</sup> O Nordeste, 05 de abril de 1964, p. 7 (Suplemento Dominical).

mesa. As cenas foram suficientes para escandalizar a tradicional sociedade limoeirense:

Enquanto dom Aureliano foi vivo, aqui geralmente não passava filmes pornô. O cinema era muito controlado e a censura de idade era respeitada mesmo. Eu lembro que quando passou esse filme da Brigitte Bardot, foi a confusão mais horrível do mundo. Ave-Maria! O filme chegou a ser exibido uma ou duas vezes e depois veio a confusão!<sup>701</sup>

Pelo relato, o filme de Vadim parece ter escandalizado mais pelas cenas sensuais do que pela temática *avant la lettre* (uma mulher liberal numa sociedade machista). Note que a depoente se refere a filmes com cenas eróticas ou de nudez como “pornô”, quando o filme aqui mencionado estava longe de algo do gênero. A justificativa da escolha do termo “pornô” se faz pelo filtro do moralismo conservador que caracterizava a época da exibição. Considero, todavia, que o filme tenha incomodado mais porque a personagem de Bardot, como disse Brandão, era uma moça sufocada vivendo numa aldeia à beira-mar. Assimilando as realidades, a sociedade tradicionalista de Limoeiro acreditava que o filme poderia “despertar” em muitas moças, que também viviam “sufocadas” no ambiente moralista da quase aldeia à beira-rio, um sentimento semelhante de “revolta” e de desejo de “libertação”. Nesse caso, acredito que a ambientação e a proposta do filme, que podiam ser aproximadas à realidade de Limoeiro, tenham incomodado mais do que as ousadias de Bardot, tomando banho de sol sem roupa ou dançando sedutoramente, como a “serpente no Paraíso”.

De todo modo, o filme é mencionado aqui como exemplo de um momento de transição, quando o projeto da elite limoeirense começa a ganhar autonomia, a se libertar do moralizante projeto do bispo. No primeiro momento (décadas de 1940 e 1950), elite e bispo perseguiram juntos o mesmo projeto: retirar Limoeiro do isolamento, da obscuridade e conceder à cidade uma estrutura “civilizadora”, modernizada, sobretudo nas áreas de educação e saúde, mas também conservadora, preservando os trabalhadores da influência do comunismo e os fiéis católicos do neopaganismo. Passa a prevalecer o projeto de secularização, desgastando as cortinas tecidas por dom Aureliano nos anos de seu bispado. Então, elite e povo limoeirense preferiram não ficar

---

<sup>701</sup> FREITAS, Maria das Dores Vidal. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 18 de fevereiro de 2012.

mais enclausurados nas “brumas que cerram o Vale”.

Outra manifestação de “libertação” das moças católicas de Limoeiro foi ir ouvir música e dançar, “convocadas” que eram aos bailes e às festas de formatura na Associação Cultural ou mesmo no Cine Capri, para desgosto do clero, conforme já mencionado. Na década de 1960, célebres festas sacudiram o marasmo da sede diocesana, tais como as apresentações da orquestra Marimba Alma Latina, da vedete Virgínia Lane<sup>702</sup> (acompanhada dos humoristas Zé Trindade, Costinha e Badu), e dos cantores Carlos Galhardo, Noite Ilustrada<sup>703</sup> e Nelson Gonçalves. Essas festas “ficaram na memória” e foram recordadas no primeiro centenário da cidade, em 1997.<sup>704</sup> Um depoente também recordou esse “tempo de romantismo”:

Bem, havia o que a mocidade chamava de tertúlias na Associação Cultural de Limoeiro... Era um clube no qual se apresentavam os artistas famosos da época. Eu tive a oportunidade de participar, em duas ocasiões, de festas dançantes onde Nelson Gonçalves se apresentou cantando aqueles sambas-canções belíssimos, escritos por Adelino Moreira.

Além de Nelson Gonçalves, já famoso nessa época, vieram também Cauby Peixoto e Anísio Silva. Dos três, lembro-me marcadamente de Nelson Rodrigues, que foi o cantor que influenciou muito o romantismo da minha geração em Limoeiro e é meu cantor preferido. Eu tenho hoje uma caixa de CDs que foi lançado quando ele ainda era vivo, com todas as canções dele, canções belíssimas cantadas naquele vozeirão de um homem romântico, conquistador, boêmio, fumante inveterado, essas coisas.

Eu o vi por duas ocasiões em Limoeiro e cheguei a ficar numa mesa, sentado com ele, fumando, bebendo e cantando. Foi muito divertido. Deve ter sido na década de 1960, talvez em 1965 ou 1964, ano da Revolução. Nesse ano de 1964 eu estava no Tiro de Guerra de Limoeiro, era atirador portando o número 252 e tendo como comandante o sargento Walter Avelino das Neves.<sup>705</sup>

Uma leitura atenta no livro de atas das Filhas de Maria Imaculada, alunas do Patronato Santo Antônio dos Pobres, em Limoeiro, revela esse

<sup>702</sup> Nascida Virgínia Giaccone, em 1920, no Rio de Janeiro, Virgínia Lane estreou como corista do Cassino da Urca, em fins da década de 1930, quando tinha apenas quinze anos, seguindo depois carreira nas rádios cariocas, nos anos de 1940. Considerada a grande vedete do país, era paparicada por políticos como Getúlio Vargas. Faleceu no Rio de Janeiro, aos 93 anos, em 2014, sendo sepultada vestida de vedete, no cemitério Memorial do Carmo. Cf.: *Folha de S. Paulo*, 12 de fevereiro de 2014.

<sup>703</sup> Nascido Mário de Sousa Marques Filho, em 1928, em Pirapetinga-MG, foi um cantor e compositor de sambas, além de violinista. Faleceu em Atibaia-SP, aos 75 anos, em 2003.

<sup>704</sup> Sobre isso, dizem os memorialistas: (1) “*Marimba Alma Latina* toca para os limoeirenses dançarem na Associação Cultural de Limoeiro do Norte... Muito glamour, muito sonho, muito romantismo: era a magia dos anos 60. A Associação Cultural de Limoeiro promoveu grandes festas, onde a sociedade limoeirense se reunia e dançava” (FREITAS e OLIVEIRA, 1997, p. 247) e (2) “Numa grande apresentação no Cine Capri, o cantor nacional “Noite Ilustrada”, com seus bonitos sambas, é vibrantemente aplaudido. Dia 23 de março de 1969” (SILVA [M. M.], 1997, p. 80).

<sup>705</sup> MAIA FILHO, Napoleão Nunes. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 28 de dezembro de 2010.



momento de transição desencadeado pelo Vaticano II. A partir de então o clero começou a relativizar certas questões que, na década de 1950, eram tratadas com rigor, conforme já mencionado no capítulo anterior:

Ele nos declarou a finalidade das virtudes praticadas pelas Filhas de Maria que é: santificar a si e aos outros; melhorar o ambiente em que vivemos e pelo bom exemplo levar todos ao caminho do bem. Disse ele que as Associações têm a obrigação de combater o mal com orações, sacrifícios, boas obras etc.

Nos explicou também... que os meios de comunicação como o rádio, o cinema, têm muita influência em todo Mundo, mas sendo que o cinema existe em grande quantidade e compostos de filmes que espalham o mal, não só por intermédio das ações, como também das palavras.

Considerou que no Estado vizinho [Rio Grande do Norte] já existe cinco grandes salões de cinema bem confortáveis a espalharem o mal e apenas três paróquias para combater o mal, vendo-se que a religião cristã está demasiadamente abandonada. [...]

Alertou-nos as Filhas de Maria ter uma vida social auxiliando o Catolicismo, amando ao próximo, fazendo apostolado entre as companheiras e ajudando aos que nos cercam. [...]

Em prosseguimento explicou que há coisas que não são pecados, mas [que] não devíamos fazer, por exemplo: ir ao filme em lugares onde [se] escandaliza os outros, brigar ou perturbar a paz, dançar com certas pessoas etc.

Esclareceu-nos que se fosse vigário determinaria a hora para terminar os bailes. Dançariam até 12 horas [meia-noite].

Disse-nos que as moças poderiam ir a festinhas boas e dançar com o apoio dos pais e onde houvesse respeito, que tanto mais exigência, mais felizes seremos. [...]

Na festa, dançar somente com cavalheiro decente, conversar com bons modos, viver dando sempre o bom exemplo. [...]

Aconselhou-nos a melhorarmos o ambiente, nos divertimentos, nos encontros sociais e no colégio, sendo mensageiras da fé e conselheiras das amigas e colegas. [...]

Frisou bem que a base de tudo é a família, dependendo a maior parte da mãe que influencia na vida do filho 60% e do pai 15%, dando o total de 75% dos pais nos filhos. Recebe da escola 10% e 15% das diversões. [...]

Seguindo os avisos, já sabemos que a Associação passou por uma transformação, atualmente será chamada de Movimento Marial, e que os membros que a pertence, de Juventude Marial.<sup>706</sup>

Nota-se um movimento dúbio de assimilação e resistência do novo papel da mulher na sociedade que despontava. Passava-se a aceitar que a jovem fosse dançar em lugares “onde houvesse respeito” e com autorização dos pais, algo impensável no decênio anterior. O discurso clerical sofria uma guinada: agora se dizia que algumas coisas não eram pecado, de fato, mas que se devia evitá-las para não escandalizar a fé dos semelhantes, sendo que à mulher

---

<sup>706</sup> CENTRO EDUCACIONAL SÃO VICENTE DE PAULO. **Livro de Atas de Seção [das Reuniões] das Filhas de Maria Imaculada**. Limoeiro do Norte, 1962-1967, p. 1f/v, 8f, 9f, 11v, 13v, 18v e 21v.

cabia o papel de “santificar a si mesma e aos outros”, ou seja, pelo “bom exemplo” a devota católica podia “levar todos ao caminho do bem”. Percebe-se claramente que a conduta feminina deixa de ter um peso meramente individual – comportamento digno da salvação –, para ganhar contorno coletivo – responsabilidade em conduzir outros à salvação. Essa mudança de mentalidade representa, na verdade, uma aplicação prática das determinações do Vaticano II, que retirou o leigo de sua secular posição de dependência clerical, e o fez assumir atributos antes exclusivos ao sacerdote. Essa diluição entre os leigos da sobrecarga que existia sobre os ombros do clero foi um dos fatores que desencadeou a “desvalorização” da figura eclesiástica.

No discurso clerical, uma atenção especial recebe o cinema, esse meio de comunicação que também é “divertimento” e, por isso mesmo, grande responsável por “espalhar o mal” na sociedade. O estrago provocado por filmes como *E Deus criou a mulher*, conforme visto, e a insuficiência de paróquias para “combater o mal” foram interpretados pelo sacerdote como uma crise na religião cristã, que estaria, assim, “demasiadamente abandonada”. Para tentar contornar essa situação, o clérigo atribui à devota Filha de Maria um papel fundamental de “auxílio ao catolicismo” por meio do “apostolado entre as companheiras” e do bom exemplo que a mulher cristã deveria dar, impactando assim a vida de muitos. Acreditando que a base de tudo era a família, o sacerdote desenvolve a tese dos “elementos de influência” dos filhos. Assim, segundo o padre, a mãe teria muito maior poder de influxo (60%) sobre o filho do que o pai (15%); e mesmo a escola, onde a criança e o adolescente passam boa parte do dia, apresentaria um poder de ação menor (10%) do que as “diversões” (15%), mesmo sendo estas esporádicas. Esses índices foram “criados” ou forçados para justificar a tese do padre, priorizando a influência da Igreja sobre a mulher, esposa, mãe, dona de casa, e a ação do secularismo nas formas de entretenimento, cujo poder de ação seria maior do que a educação formal da escola.

Não obstante o “tom paternal” do discurso, ainda se percebe um traço de autoritarismo na fala de pelo menos um diretor espiritual das Filhas de Maria. Sendo um dos professores de origem holandesa que lecionavam no Seminário de Limoeiro, este padre declara para as alunas que se ele fosse o vigário

determinaria que os bailes dançantes encerrassem impreterivelmente à meia-noite, como se estivesse imbuído de poder legislativo e executivo. Certamente produto de resquício do tempo em que o vigário era considerado, de fato, uma autoridade que “mandava” na cidade, essa mentalidade sofreu, na região jaguaribana, um forte esvaziamento semântico quando o Vaticano II determinou novas funções aos padres.

Nos exemplos citados, conclui-se que o papel da mulher na sociedade ganha novos contornos: no cinema, dá-se a “profanação visual” do corpo feminino e na dança, a liberação de antigas amarras. Isso aconteceu em função do questionamento do marianismo como estereótipo de “superioridade espiritual” da mulher (ARY, 2000). O esmaecimento da divinização de Maria, ocorrido na década de 1960, em função do Vaticano II e porque entrava em choque com o ecumenismo (REILY, 1984), promoveu um afrouxamento no rígido modelo feminino que a Igreja antes pregara como adequado às suas seguidoras. Agora, uma mulher podia falar na catedral de Limoeiro, para o povo, sem causar grande escândalo.<sup>707</sup> A mudança da função da mulher dentro do corpo místico da Igreja pode ser claramente percebida no livro de atas da Associação das Filhas de Maria de Jaguaribe:

Falou [o diretor, padre Pompeu Bezerra Bessa] ainda sobre o comunismo mostrando o avanço em que este estava atualmente e suscitou às Filhas de Maria que se fizessem batalhadoras deste mal, mesmo que custando sacrifícios, elas se tornassem dia a dia cristãs mais autênticas a fim de darem bons exemplos e conseguirem salvarem (sic) a humanidade.

[...] Deveríamos trabalhar insistentemente no sentido de nos aperfeiçoarmos, o que nos é possível com a prática das santas virtudes do Salvador e de sua Mãe Santíssima, visto que é por este caminho que chegaremos a Deus.

Abordou claramente o assunto referente às Filhas de Maria e às festas dançantes, analisando as qualidades positivas e negativas deste divertimento, dizendo ele que, apesar de ter sido tolerante neste ponto, não aconselha a nenhuma Filha de Maria tomar parte de tal passa-tempo. E, se por acaso, uma ou outra o fizer, deve proceder como autêntica cristã, tornando-se instrumento de moralização daquele ambiente, a começar pelo traje que deve revelar o mais belo ornamento da jovem – a simplicidade. [...]

Em sequência falou [o novo diretor, padre José Edvaldo Moreira], como sempre, a respeito do Catecismo, procurando despertar entre as associadas, o bom gosto pelo mesmo, encorajando-as na luta pelo triunfo da Religião Cristã. Explicou detalhadamente as primeiras partes da missa, mostrando as atitudes que se devem tomar ao assisti-la, dando a entender que é de suma importância, e até indispensável o bom exemplo das associações, no tocante à participação consciente dos atos religiosos, pois assim, em cooperação com o vigário, que não

---

<sup>707</sup> ASSIS, Verônica Ivanide Moura de. **A saga de um empreendedor**: Dom Aureliano Matos, de pastor a educador. Limoeiro do Norte: Edição da Autora, 2007, 14 p. [cordel].

deve está sozinho, poderão atrair a massa à prática da verdadeira Doutrina de Cristo. [...]

O referido Diretor fez ver às mesmas que a importância da fita azul não é só o comparecimento as reuniões mensais, e sim, o desempenho de um apostolado para o qual temos o vasto campo da catequese o qual não devemos cultivar por imposição do Vigário mas como verdadeiras cristãs.<sup>708</sup>

Em relação ao conteúdo das atas dessa mesma associação, na década de 1950, cujos fragmentos foram transcritos no Capítulo 3, nota-se claramente que houve uma mudança no peso de responsabilidade exigida da Filha de Maria. Antes, exigia-se que ela fosse um modelo da Virgem, que transformasse a sociedade por meio de sua vida virtuosa, “cópia” de pureza da “Mãe de Deus”. Em razão disso, era terminantemente proibido a uma associada frequentar um baile dançante, considerado “ocasião de pecado para os outros”. No início dos anos de 1960, o padre Pompeu ainda carrega os resquícios desse modelo, pregando que as Filhas de Maria estariam destinadas a “salvar a humanidade” por meio da replicação da divinização de Maria. Esmacido o marianismo, admitia-se que uma devota pudesse ir ao baile (a Igreja até aceitava, mas o pároco pessoalmente não aconselhava), desde que seu testemunho e seu vestuário simples apontassem uma mulher genuinamente cristã. Agindo assim, a católica seria “luz” entre trevas, um meio de moralização do ambiente. Com a mudança de pároco, percebe-se a troca de atributos: de “salvadora da humanidade” a Filha de Maria é convocada ao “apostolado da catequese”. Agora não se exaltava mais sua condição feminina de “cópia da Virgem”, mas seu trabalho de ensino da Palavra aliado ao bom testemunho de vida, visando assim o “triunfo da religião cristã”. Agora a mulher não era mais um estereótipo divinizante, mas uma cooperadora do serviço religioso, função que se esperava de todo leigo, após o Vaticano II.

#### **4.1.3 Intervenções na educação: últimas ações do bispo**

Na diocese de Limoeiro, as intervenções na área da educação, nos anos de 1960, foram tutoradas pela Igreja, tendo sempre a figura de dom Aureliano como “idealizador de grandes projetos”, segundo fala dos memorialistas e depoentes. Destaco três ações que contribuíram na composição do título de

---

<sup>708</sup> PARÓQUIA DE JAGUARIBE. **Livro de Ata das Filhas de Maria Imaculada e Associadas de Santa Teresinha**. Jaguaribe, 1960-1967, p. 58f, 61v, 63f/v, 68f, 73v e 74f.

“cidade modelo na educação”, tecido pela elite de Limoeiro para “ornamentar” a Princesa do Vale, a saber: (1) fundação da Rádio Educadora Jaguaribana como requisito para aplicação do programa do MEB em Limoeiro; (2) incremento do Liceu de Artes e Ofícios, investindo na educação técnica do proletariado e (3) concepção de uma Faculdade de Educação para qualificar o quadro docente da região.

#### **4.1.3.1 Rádio Educadora Jaguaribana e MEB**

Nos últimos anos de seu bispado, dom Aureliano concebeu projetos para reforçar especialmente a coluna da educação. Pensando nisso, implantou o projeto do Movimento de Educação de Base (MEB), por meio de uma escola radiofônica. Quando se convenceu do poder da transmissão do rádio – chegar aos grotões do sertão onde o acesso era difícil – o bispo pensou logo nos benefícios desse meio de comunicação nas mãos da Igreja. O povo poderia ser educado – alfabetizado, ensinado e doutrinado – de uma forma que nenhum outro meio anterior fora capaz de conseguir. Usando sua autoridade episcopal e sua desenvoltura em transitar entre os políticos, o prelado jaguaribano conseguiu trazer para Limoeiro, apenas seis anos após a fundação da Rádio Vale, uma emissora católica, a Rádio Educadora Jaguaribana, supervisionada diretamente pela diocese por meio de sacerdotes da inteira confiança do bispo, como seu sobrinho padre Mariano da Rocha Matos. Assim, em 19 de março de 1962, num dia de São José, dom Aureliano inaugurou aquela que o povo chamaria a partir de então de “a rádio do bispo”. O cognome foi assimilado de tal maneira que o prelado não perdia oportunidade de, usando os microfones da emissora, rebater que “esta rádio não é minha, é do povo”.<sup>709</sup> Surpreendente como em seis anos o prelado teve condições de angariar recursos para comprar equipamentos e obter autorização de funcionamento da emissora. Uma depoente explica a razão: “O bispo conseguiu concretizar este

---

<sup>709</sup> Essa fala foi mencionada por mais de um depoente, deixando implícito que as intervenções modernizadoras eram “coisas do bispo”, possessões episcopais que, implantadas na sede da diocese, diziam da “benevolência do prelado para com suas ovelhas” numa cidade que, até 1965, na quadra invernososa chegava a ficar inteiramente ilhada.

projeto de tão longo alcance graças à sua habilidade e ao prestígio com os políticos do Estado”.<sup>710</sup>

Na verdade, a fundação de rádios católicas no Brasil obedecia a um plano maior da Igreja, inspirado em uma experiência bem-sucedida da Colômbia, assimilada por dom Eugênio Sales quando de sua visita àquele país sul-americano.<sup>711</sup> Em 1957, o então bispo auxiliar de Natal fora enviado pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) para “entrar em contacto con las instituciones colombianas dedicadas al mejoramiento de vida del pueblo campesino”.<sup>712</sup> No ano seguinte, o prelado já implantava na capital potiguar a ideia de alfabetizar o sertanejo por meio de escolas radiofônicas. O objetivo era ambicioso: acabar com o analfabetismo no país, sobretudo entre os adultos das zonas rurais. O projeto era amparado pelo Governo Federal, ao conceder aos bispos católicos as emissoras de rádio que possibilitariam essa educação de base (WANDERLEY [L. E.], 1984). Com esse propósito e vinculado à CNBB, surgia em março de 1961 o MEB.<sup>713</sup> Sendo o Rio Grande do Norte vizinho do Ceará, o trabalho de dom Aureliano foi facilitado:

Como a diocese de Natal acumulava experiências na área da radiodifusão e, naquela época, dava coordenadas para que os bispos conseguissem a instalação de emissoras católicas, com o intuito de criar escolas radiofônicas, o bispo de Limoeiro foi até Natal à procura dessas informações, conseguindo o necessário para a implantação do sistema na região. A diocese conseguiu uma concessão junto ao Governo Federal, instalando sua estação de rádio no município (CAVALCANTE [M. H.], 1996, p. 95).

Grande parte das populações esparramadas nas “brenhas nordestinas”, ainda na década de 1960, viviam sem acesso a qualquer tipo de educação escolar básica. No caso do Ceará, um jornalista testemunhou que, quanto menos educação entre os membros da família, mais miséria se via:

O homem do interior do Ceará – o que nós conhecemos – precisa, sobretudo, é de educação de base. [...]

Na cidade onde nos encontramos no momento, verificamos que a falta dessa educação é a causa da miséria de numerosas famílias.

---

<sup>710</sup> OLIVEIRA, Maria Lenira de. Entrevista concedida via e-mail, enviado de Limoeiro do Norte-CE em 18 de outubro de 2012.

<sup>711</sup> O Nordeste, 19 de outubro de 1961, p. 8 e p. 4.

<sup>712</sup> La Republica, Bogotá, 24 de outubro de 1957.

<sup>713</sup> Autocompreensão do MEB: “entidade precursora da educação à distância, por meio das escolas radiofônicas, nascidas na arquidiocese de Natal - Rio Grande do Norte por iniciativa do então Bispo Auxiliar Dom Eugênio Sales. Nas décadas seguintes, além da alfabetização, implantou cursos de capacitação destinados às comunidades tais como cooperativismo e associativismo”. In: <http://www.meb.org.br/#home>. Visualizado em 29 de outubro de 2012.

Estamos em plena fase de “apanha” do algodão. A safra é excelente. Todavia, faltam braços para colher o algodão. [...]

O número de pedintes não diminuiu. Homens, mulheres e crianças continuam a percorrer as ruas mendigando uma xícara de farinha, um pedaço de pão, um “restinho de comida”...

O número de pessoas que, nas ruas ou nas casas, fica reclamando contra quem inventou o trabalho é o mesmo.

A cachaça. A peixeira. O revólver. O futebol. O circo. O cinema e o jogo não perderam os seus fiéis amigos.

Passamos então a investigar porque muita gente continuava a passar fome.

E vimos onde 7 pessoas tinham que se alimentar, apenas o homem apanhava algodão. Os filhos de 14, 12, 10 e 9 anos ficavam nas ruas; ou jogando futebol, ou atirando de baladeira [estilingue], ou jogando pião. A mãe lavava roupa.

E vimos casas onde pai, filhos e filhas trabalhavam na colheita do algodão.

Nas primeiras [casas] havia um pouco de feijão e farinha no almoço. Os meninos vestiam roupas rasgadas.

Nas últimas, havia café pela manhã, almoço e modesta janta. Tanto o chefe da casa como os filhos trajavam modestamente, mas sem os “buracos”. E, interessante, ou o pai ou a mãe haviam recebido alguma instrução.

É urgente, portanto, educar o homem do interior. Incutir-lhe, ao menos, o desejo de prosperar. De ter uma casa melhor. De comer mais. De vestir razoavelmente.

Um bom apanhador de algodão pode ganhar Cr\$ 300,00 por dia. Mas, um médio apanhador de algodão auxiliado por dois ou mais filhos pode ganhar mais de Cr\$ 600,00 por dia. É questão de querer trabalhar. De retirar os filhos da malandragem. E de não gastar de uma vez, no fim da semana, bebendo cachaça, como é comum no interior. [...]

Venham, pois, as Escolas Radiofônicas fazer esse trabalho.

O habitante do interior, na sua quase totalidade, é bom. Precisa é de quem o instrua, o estimule, incuta-lhe hábitos de poupança, de bom aproveitamento da terra, das sementeiras e das colheitas.

As Escolas Radiofônicas de Fortaleza, de Sobral, de Crato e de Limoeiro do Norte unam-se e levem ao Ceará toda a mensagem redentora do homem e da terra.<sup>714</sup>

Não obstante pontuado por preconceitos e mentalidades estereotipadas, segundo a época, o texto permite desenhar um quadro da situação de abandono do homem do campo, esquecido pelo poder público e entregue à miséria. Mesmo os filhos em idade escolar viviam na “malandragem” das ruas, o que scandalizava o jornalista, que propõe o trabalho infantil como forma de aumentar a renda da família. A pobreza generalizada é apontada como consequência da preguiça, da minguada vontade naqueles que maldizem quem “inventou o trabalho”. Em função disso, o homem da imprensa percebe uma cidade repleta de mendigos suplicando até um “restinho de comida” e uma mescla caótica entre vícios (cachaça e jogo), instrumentos de violência e assassinato (peixeira e revólver) e formas de entretenimento e lazer (circo,

---

<sup>714</sup> O Nordeste, 31 de outubro de 1961, p. 2. “Educação de base”, texto de Jesus Costa Lima.

cinema e futebol), tudo compondo um pano de fundo para explicar os resultados da depreciação do trabalho, gerando a pobreza observada. O antídoto mais eficaz contra essa situação é apontado pelo jornalista como sendo a educação de base. Educando-se o homem do sertão, acredita o autor que seria possível incutir nele “hábito de poupança” e “bom aproveitamento da terra”. As escolas radiofônicas poderiam ajudar a retirar o sertanejo de seu estado de apatia, de marasmo, de comodismo, de “preguiça” e assim fazê-lo despertar o “desejo de prosperar”, de possuir uma “casa melhor”, de “vestir-se razoavelmente” e mesmo de “comer mais”.

A fala do jornalista oblitera as condições sociais de trabalho oferecidas ao sertanejo, levando o leitor a crer que dependia somente desse trabalhador o desejo de sair da pobreza e prosperar. Ocultam-se, assim, talvez conscientemente, a reduzida oferta de empregos (somente a colheita do algodão é citada) e o próprio abandono do Estado para com o semiárido (falta de investimento na cotonicultura, mencionada em outro Capítulo). Mesmo de modo arrevesado, o texto permite concluir que a ausência de educação formal básica, associada à frágil conjuntura da economia rudimentar do sertão, sem qualquer incentivo do Estado, tecia uma forma de pobreza ou miséria que o jornalista parecia ou não queria perceber, daí receitar a educação de base como solução para aquele contexto complexo. Mesmo admitindo que sobrassem vagas de emprego, que todos tivessem boa remuneração, fica evidente a desmesura de colocar no mesmo balaio problemas tão distintos como mendicância, inatividade laboral (“preguiça” de trabalhar) e alcoolismo.

Assim, com a tutoria da Igreja, Limoeiro era também convocada a levar a “mensagem redentora do homem e da terra” por meio do rádio.<sup>715</sup> Tendo em vista apenas o analfabetismo no município, nesse período, a educação via rádio se mostrava efetivamente promissora, sobretudo para as comunidades isoladas do sertão, conforme salienta minha depoente, explicitando também como funcionava o sistema:

Nas comunidades rurais, um morador local recebia treinamento e um receptor cativo, ou seja, [um aparelho] exclusivo para receber, com os alunos matriculados,

---

<sup>715</sup> Sobre isso, ver: CAVALCANTE, Maurina Holanda. **Saber para viver: Igreja, rádio e educação popular. Uma história do MEB Limoeiro do Norte, CE (1962-1972).** Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília. Brasília, 1996.



as aulas [radiofônicas], além de tarefas e informes. Aquele morador era chamado de “monitor”. Através deste sistema, grande número de diocesanos foi alfabetizado e orientado para o bom caminho, ou seja, conscientizado em vários aspectos, através da sua Diocese.<sup>716</sup>

As ondas radiofônicas da estação da diocese chegavam onde nenhum clérigo conseguia, na casinha de taipa isolada no meio da caatinga e em todo lugar onde existisse um aparelho de rádio, mesmo a pilha, já que a eletrificação da zona rural demoraria ainda longos anos. Assim, o projeto se tornaria conhecido por levar educação e evangelização aos pobres espalhados nas brenhas da zona rural jaguaribana (FREITAS e OLIVEIRA, 1997). Um documento elaborado já no bispado de dom Pompeu Bezerra Bessa admite que a Rádio Educadora surgiu em função do MEB para, como no projeto original, na Colômbia, atingir populações isoladas:

A Rádio Educadora foi projetada, instalada e posta em funcionamento para servir de veículo das Escolas Radiofônicas, nascidas sob a luminosa inspiração do sacerdote colombiano Padre Salcedo que, na pequena cidade rural de Sustatzena (Colômbia) descobriu e pôs em prática um método de alfabetização muito funcional, econômico e eficaz, capaz de atingir, de uma só vez, milhares de camponeses até então isolados, nos vales e florestas do seu país.<sup>717</sup>

O MEB em Limoeiro vivenciou, na década de 1960, três fases importantes, segundo análise de Maurina Cavalcante (1996):

1ª) Plano Piloto (1961): fase inicial de implantação do projeto, com treinamento de pessoal e instalação dos equipamentos da emissora. O bispo designou seu sobrinho, padre Mariano Rocha Matos, para coordenar todo o projeto e conduzir algumas senhoras a Fortaleza, onde seriam capacitadas como as primeiras supervisoras. Prioridade: instituição de escolas radiofônicas em toda a diocese jaguaribana;

2ª) Coordenação Padre Mariano (1962 a 1967): fase de implantação das escolas radiofônicas nas comunidades, sediadas geralmente nas casas dos monitores. Em função da ojeriza que se nutria ao comunismo na diocese, os monitores recebiam um treinamento distinto da orientação dada pela direção estadual do MEB, que valorizava a conscientização política do homem do campo. Em Limoeiro, controlado inteiramente pelos padres, os pilares do programa eram a alfabetização propriamente dita e a transmissão de noções de educação sanitária, higiene, saúde, alimentação, agricultura, horticultura e economia doméstica. Havia também ênfase no ensino religioso, já que no projeto do bispo a religião era um fio condutor da própria vida. Prioridade: crescimento pessoal do aluno;

3ª) Coordenação Dona Raimunda Conrado de Sousa (1967 a 1972): fase marcada pela gestão do movimento por leigos, sob orientação do novo bispo, dom Falcão. O MEB foi integrado ao novo projeto de Pastoral de Conjunto do antístite, quando as decisões deixaram de ser impostas de cima para baixo e passaram a ser discutidas e planejadas em conjunto por clérigos e leigos, assumindo-se as propostas do Vaticano II. Em 1969, fechando a década, adota-se o método de alfabetização Paulo Freire, inaugurando-se assim a conscientização política no MEB de Limoeiro. Prioridade: integralização total do homem (cidadão e filho de Deus).

---

<sup>716</sup> OLIVEIRA, Maria Lenira de. Entrevista concedida via e-mail, enviado de Limoeiro do Norte-CE em 18 de outubro de 2012.

<sup>717</sup> BESSA, Pompeu Bezerra (Dom, bispo). **Um Pouco da História da Rádio Educadora Jaguaribana Ltda.** Limoeiro do Norte, 28 de dezembro de 1984, p. 1.

Uma nota do jornal católico transpira euforia ao noticiar o encerramento do primeiro treinamento de supervisores cearenses do MEB, realizado em Fortaleza entre 10 e 19 de outubro de 1961.<sup>718</sup> Em Limoeiro, a euforia corria por conta da chegada dos primeiros aparelhos da emissora da diocese, que transmitiria os programas de alfabetização do MEB. Essa aparelhagem, vinda do Rio de Janeiro, despontou na sede do bispado na primeira quinzena de julho de 1961 (SILVA [M. M.], 1997), três meses antes do curso preparatório dos supervisores em Fortaleza. Em fins de outubro, o jornal anunciava que a rádio já estava em fase de teste.<sup>719</sup> As escolas radiofônicas promoveram impacto na cultura dos sertões esquecidos, levando mesmo muitos a imputarem o fato a um “milagre” da Igreja, que conseguia assim chegar onde o Estado não queria.

Mesmo com a aceitação geral, no início ainda se verificou resistências, sobretudo em função da cultura patriarcalista que impedia que as moças saíssem sozinhas de casa, para a aula na casa do monitor. Todavia, como dom Aureliano era muito respeitado, e quando o povo entendeu que o objetivo de trazer uma nova emissora para a sede diocesana fora eliminar o analfabetismo, o número de alunos em Limoeiro subiu consideravelmente. Com o crescimento do projeto, as escolas radiofônicas passaram a funcionar também como polos de atração de toda uma comunidade. Assim, o MEB passou também a promover alguma organização social nas localidades onde fora plantada uma escola para adultos. O monitor, de quem não se exigia formação, apenas que já fosse alfabetizado, destacava-se como um líder interessado na evolução do lugar. Um deles testifica como funcionava a escola:

---

<sup>718</sup> Diz o jornal: “usou da palavra Dom Antônio de Almeida Lustosa, que depois de ressaltar o trabalho que desempenhará a Igreja nessa tarefa de erradicação nacional do analfabetismo, declarou-se confiante de que os neo-supervisores plantarão uma grande árvore cujos frutos serão a elucidação do homem desprivilegiado pelo não conhecimento de nossa língua, de nossa gente, de nossa história, de nossas riquezas, e da religião”. *O Nordeste*, 20 de outubro de 1961, p. 8.

<sup>719</sup> Diz o jornal: “Já se encontra em fase de experiência a Rádio Educadora Jaguaribana... A emissora, cuja aparelhagem técnica é da marca “Phillips”, operará na frequência de 1.500 kilociclos, através de um transmissor de 250 wats. [...] ‘A finalidade da emissora que iremos inaugurar’, declarou o Pe. Mariano Matos, ‘é difundir uma educação de base a todo vale jaguaribano. Resolvemos denominar de Sistema Rádio Educativo Jaguaribano, SIREJ, o movimento que iremos empreender pela alfabetização, educação e orientação do povo daquela zona do Estado. O trabalho será iniciado com a instalação de 300 receptores cativos, o que representa 300 escolas. Será o ponto de partida de mais uma campanha vitoriosa da Igreja em prol do bem estar da coletividade””. *O Nordeste*, 24 de outubro de 1961, p. 8.

A escola radiofônica ficava na minha casa. À noite, a gente juntava os adultos no alpendre, sintonizava na Rádio Educadora Jaguaribana. Na hora da aula, com os cadernos prontos, o pessoal acompanhava a aula pelo rádio, que começava às 18h.<sup>720</sup>

O projeto do MEB deixou marcas na região jaguaribana que perduram nos dias correntes. Como o Vale ainda não dispõe de uma emissora local de televisão, a rede de comunicação e informação, sobretudo nas zonas rurais dos municípios, ainda é feita majoritariamente pelas emissoras de rádio, mesmo depois do surgimento da internet. O rádio, como meio de comunicação de uma população que sempre viveu isolada, não perdeu sua importância nem com a massificação da televisão nem com a popularização da internet. Há horários específicos, como entre 12h e 14h, nos quais as emissoras de rádio reinam absolutas. Um depoente explicou como se processou essa prevalência histórica do rádio na região:

Nas rádios a programação era variada; havia programas políticos, informativos, sobre saúde, os que davam orientação sobre o tempo, o que plantar e como plantar. Na década de 1960, havia uma associação chamada ANCAR (Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural), um serviço de extensão rural para orientar o homem do campo como ele deveria se comportar diante de determinadas pragas, como atuar na agricultura, como vacinar os animais, o gado em geral e os cavalos. Também se orientava sobre a instalação de sanitários nas casas e sobre uso de água, cloro e saneamento, essas coisas que na época eram uma novidade danada, uma grande novidade.<sup>721</sup>

Como se vê, o MEB, em cooperação com organizações como a ANCAR, levou ao povo informações essenciais, como, por exemplo, instalar uma fossa séptica e esterilizar a água de beber, além de ensinamentos no manejo da terra e do gado, primordiais para o homem do campo. Esse processo gestou na população jaguaribana certa “dependência” do rádio, algo que persiste ainda hoje. Aposentados e pensionistas do INSS ainda dependem das informações prestadas nas emissoras para uma série de coisas, tais como renovar seu cadastro no banco ou mesmo precaver-se contra golpes e financiamentos indevidos. O MEB, assim, fomentou na região uma cultura de ouvir rádio, em razão da qual não seria exagero afirmar que as “celebridades” do Vale do

---

<sup>720</sup> CAVALCANTE, Carlos Holanda. Entrevista, 1994. In: CAVALCANTE, Maurina Holanda. **Saber para viver: Igreja, rádio e educação popular. Uma história do MEB Limoeiro do Norte, CE (1962-1972).** Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília. Brasília, 1996, p. 107.

<sup>721</sup> MAIA FILHO, Napoleão Nunes. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 28 de dezembro de 2010.

Jaguaribe, a partir de então, foram todas radialistas que se projetaram, sobretudo nas zonas rurais dos municípios.<sup>722</sup>

#### 4.1.3.2 Liceu de Artes e Ofícios

Outra intervenção do primeiro bispo na sede da diocese, celebrada em Limoeiro por atrelar educação e trabalho, foi o Liceu de Artes e Ofícios. Segundo a mitologia que se criou em torno do prelado, essa escola técnica teria despontado na mente de dom Aureliano na ocasião em que ele viu um moço dormindo num banco de praça, em ressaca após uma noite de bebedeira, tendo exclamado ao seu secretário: “Misael, Limoeiro precisa de uma escola para o trabalho, para dar oportunidade aos marginalizados!” (FRANÇA, 2008, p. 56). Na verdade, a ideia de criar liceus nas sedes diocesanas do Ceará, oferecendo oportunidade de trabalho e empreendedorismo aos jovens, remonta à década de 1950. Em Limoeiro, uma nota de jornal pontua que a ideia de criar um liceu dentro do Círculo Operário surgira em maio de 1956.<sup>723</sup> Mas outras notas, no mesmo ano, indicavam que, na região do Cariri, a ideia já ganhara corpo já anos, com a criação do Liceu Diocesano de Artes e Ofícios do Crato, cujos decantados propósitos eram:

Ensinar a trabalhar com a inteligência, com a alma e não somente agitar-se fisicamente... Apurar mais as vocações profissionais, orientar melhor o rendimento do trabalho, valorizar eficazmente a classe obreira...

Não apenas queremos aumentar oficinas. Queremos ensinar a fazer, fazendo; queremos despertar a consciência moral e técnica do profissional, queremos ajudá-lo a ganhar o pão sem apelo à luta de classes e sem humilhação para a pessoa humana.<sup>724</sup>

Segundo Lauro de Oliveira Lima (2002), a pedra fundamental do prédio do Liceu de Limoeiro teria sido posta em 21 de setembro de 1951,<sup>725</sup> e a escola teria começado a funcionar em 08 de junho de 1952. As verbas para construir o

---

<sup>722</sup> O caso mais célebre foi o do radialista Nicanor Linhares, assassinado por pistoleiros dentro de sua rádio, em Limoeiro do Norte, em 30 de junho de 2003. A morte desse locutor causou comoção entre o povo, sobretudo da zona rural, onde ele mesmo cultivou a imagem de “amigo do povo pobre e carente da região”. Seu enterro foi acompanhado por mais de dez mil pessoas, número que nem políticos renomados conseguiram reunir. Ainda não surgiu um substituto com o mesmo carisma de Ninhares.

<sup>723</sup> *O Nordeste*, 07 de maio de 1956, p. 5.

<sup>724</sup> *O Nordeste*, 05 de outubro de 1956, p. 5.

<sup>725</sup> A data foi repassada ao autor pelo cronista Meton Maia e Silva. Cf. SILVA, M. M. **Dom Aureliano Matos [no Jubileu de Ouro de] Príncipe da Igreja de Cristo**. Limoeiro do Norte, 24 de setembro de 1990, mimeo. Sobre isso, esse é o documento mais antigo encontrado.

edifício teriam sido obtidas pelo deputado Raul Barbosa, junto ao Ministério da Educação, além de doações de instituições como jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, Associação Comercial do Ceará e Lions Clube. Ainda na década de 1950, o auditório do Liceu teria sido utilizado para exposições e palestras. A única oficina que funcionou, nesse decênio, foi tipográfica, e mesmo assim de modo muito precário.<sup>726</sup> Segundo o jornal consultado, somente em 1960 foram liberadas verbas federais, atrasadas, no valor de seiscentos e cinquenta mil cruzeiros para a compra de novas máquinas para o Liceu de Artes e Ofícios.<sup>727</sup> Em abril do ano seguinte, uma carta do padre Misael dava conta de que as oficinas do Liceu estavam em construção.<sup>728</sup> Meses depois, anunciava-se que o “Liceu de Artes Ofícios (Pe. Misael) está construindo mais um pavilhão destinado às futuras oficinas”.<sup>729</sup> Algum tempo depois, anunciava-se uma viagem do clérigo ao Rio de Janeiro para comprar máquinas.<sup>730</sup>

Como se vê, o Liceu começou a funcionar aos poucos, diante de dificuldades financeiras e de promessas não cumpridas, por parte de políticos. Os recursos, mesmo parciais, sempre chegavam atrasados. Na década de 1960, abriu-se a oficina de marcenaria, depois da compra das máquinas no Sudeste, já que, antes, conforme mencionado, funcionava uma pequena tipografia.<sup>731</sup> De todo modo, o auditório do Liceu continuava sendo utilizado

---

<sup>726</sup> Essa afirmação está pautada no seguinte fato: dentre o grande volume de impressos que encontrei na Cúria Diocesana de Limoeiro do Norte, apenas dois podem ter saído da tipografia do Liceu. São os relatórios da Obra das Vocações Sacerdotais de 1954 e 1959. O primeiro, em formato de *folder*, apresenta baixa qualidade, e o segundo, um livreto de dez páginas, contendo fotografias, resulta de maior capricho. A mesma linotipo e o *design* semelhante dos quadros comparativos, em ambas as produções, levam-me a concluir que tenham sido impressos no Liceu, em dois momentos distintos, com um maquinário ainda precário (1954) e com um maquinário melhor (dezembro de 1959).

<sup>727</sup> *O Nordeste*, 16 de março de 1960, p. 1. Essa quantia tinha sido obtida pelo deputado Colombo de Sousa em 1958, mas só foi efetivamente entregue dois anos depois.

<sup>728</sup> *O Nordeste*, 18 de abril de 1961, p. 1.

<sup>729</sup> *O Nordeste*, 10 de julho de 1961, p. 2.

<sup>730</sup> Diz o jornal: “O Pe. Misael, sob cujo comando o Círculo Operário de Limoeiro está concluindo as instalações do Liceu de Artes e Ofícios, está de passagem para o Rio de Janeiro, onde deverá providenciar a aquisição das primeiras máquinas que comporão o conjunto da casa pioneira de educação profissional no Vale Jaguaribano. Acrescentou o Pe. Misael que sua luta tem sido um tanto ingrata, especialmente pela falta de recursos, que sempre prometidos, nunca chegam integralmente e só após longas demoras, o que o fez perder já diversas oportunidades. [...] ...o Pe. Misael voltou-se para seu plano inicial, isto é, equipar o Liceu num desenvolvimento por etapas. Desta sorte, as primeiras máquinas se destinariam à oficina de marcenaria”. *O Nordeste*, 25 de janeiro de 1962, p. 8.

<sup>731</sup> *O Nordeste*, 11 de março de 1962, p. 4.

para ministração de palestras.<sup>732</sup> O Liceu também era apontado como solução para o excedente de trabalhadores agrícolas: ao formar marceneiros, tipógrafos e outros profissionais necessários ao cotidiano urbano, o excedente juvenil do campo ganharia utilidade e assim não precisaria migrar para cidades grandes, abandonando a família e o município.<sup>733</sup> Não obstante, a batalha para equipar o Liceu com o maquinário adequado foi demorada. Ainda em princípios de 1965 noticiava-se que máquinas no valor de três milhões e cento e oitenta mil cruzeiros chegariam do Sudeste para compor o patrimônio da instituição.<sup>734</sup> Em 1967, uma nota dava conta das grandes dificuldades enfrentadas pelo padre Misael para manter o Liceu aberto:

Veja-se... a cansaça e o esforço do Cônego Misael Alves de Sousa para manter de pé seu LICEU DE ARTES, em Limoeiro do Norte: o prédio está lá, não faltam meninos carentes de instrução técnica, tem bom pessoal, mas faltam os recursos para o equipamento necessário. Limita-se, até agora, à oficina de marcenaria e à tipografia, por limitação de recursos.<sup>735</sup>

Assim, em fins da década de 1960, o Liceu de Artes e Ofícios mantinha apenas duas oficinas: marcenaria e tipografia. Nota-se que o jornalista se ressentia da falta de recursos financeiros para manter a instituição com a qualidade que a demanda de “meninos carentes de instrução técnica” exigia. Isso permite concluir que a instalação efetiva do Liceu de Arte e Ofícios em Limoeiro demandou longo labor do padre Misael, sobretudo na aquisição do maquinário e na manutenção das oficinas. Entre os memorialistas, o Liceu de Limoeiro representa grande conquista para a cidade.<sup>736</sup> Meus depoentes insistem em conceder os louros ao bispo, sem negar também a atuação do padre Misael. O Liceu, apesar de ser criação do Círculo Operário de Limoeiro cresceu e se projetou mais que o criador, o que passou a desagradar a direção do Círculo Operário. Em meados da década, uma crise abalou a sede do bispado, com a direção do Círculo acusando o Liceu de canalizar verbas que deveriam dinamizar a agremiação operária, não a escola técnica.

---

<sup>732</sup> *O Nordeste*, 12 de março de 1962, p. 4. No dia 05 de março desse ano, o professor Marigeso Benevides proferiu uma conferência sobre “os problemas que afligem o Brasil” para uma seleta audiência, incluindo o bispo.

<sup>733</sup> *O Nordeste*, 22 de novembro de 1962, p. 3. “Nota Jaguaribana: Achado o caminho”, texto de Noronha Neto (Pedro Alves Filho).

<sup>734</sup> *O Nordeste*, 12 de fevereiro de 1965, p. 7.

<sup>735</sup> *O Nordeste*, 01 de janeiro de 1967, p. 5.

<sup>736</sup> Exemplo disso: “Faz gosto ver o trabalho que executam os garotos do Liceu, quer na tipografia, na marcenaria, na encadernação [de livros] e noutras atividades que dignificam o homem de amanhã” (FREITAS e OLIVEIRA, 1997, p. 267).

Padre Dourado, presidente da Federação dos Círculos Operários do Ceará foi chamado e veio pacificar o conflito. Em conversa com o bispo e com o assistente eclesiástico, decidiu-se pela emancipação do Liceu, que continuaria ocupando o prédio e que a diocese se responsabilizaria por construir uma nova sede para a agremiação proletária. Segundo um senhor circulista que vivenciou essa crise, o conflito teria sido desencadeado em função da prioridade que o padre Misael dava ao Liceu, ao ensino técnico da juventude, “deixando de lado” o grupo operário:

O pessoal do Círculo Operário não aceitou a proposta que o dinheiro vinha e não pertencia mais ao Círculo Operário, pertencia ao Liceu de Artes e Ofícios. E o nosso diretor Tarcísio Mendes, meio pegado ao trabalhador, ficava no nosso ouvido: “Ninguém aceita isso não! Ninguém aceita isso não”.

Para o padre Misael, o Liceu era mais importante. O Círculo Operário devia ser um pouco mais valorizado, mas ficava sem recursos. Ficava uma coisa um pouco de lado. Mas ninguém aceitou isso, aí dom Aureliano construiu lá o prédio. Era um bom patrimônio, um terreno grande. Foi preciso! Dom Aureliano foi informado, aí ele doou o terreno e fez o prédio todinho. É onde hoje é aquele Sindicato lá, ao lado do Banco do Nordeste.

O prédio do Liceu foi feito já pelo Círculo Operário porque na época quase todo mundo do município era circulista. Era muito assim de agregar o povo. O Liceu já entrou com título de coisa mais diferente, era mais de ensinar. E o Círculo Operário foi caindo, foi caindo, ficando por baixo, no dizer da linguagem popular.<sup>737</sup>

Segundo o professor Pergentino, ex-diretor da instituição, a ausência de dinamismo do Círculo Operário (CO) não pode ser imputada ao padre Misael:

O padre Misael era apenas o que chamavam de assistente eclesiástico. A parte administrativa do Círculo, levar assistência social aos segurados, aos membros, era dever administrativo do presidente, não do assistente eclesiástico. Não acho que o padre Misael tenha sido omisso nisso não. O que ele podia fazer ele efetivamente fez, que foi fundar o Liceu, arranjar o maquinário, desenvolver a escola, tudo isso.<sup>738</sup>

O fato de o padre Misael priorizar a educação e utilizar o nome da agremiação operária católica para conseguir fundar essa escola técnica passou a incomodar a direção daquele órgão, que originalmente fora criado para prestar assistência à classe proletária, não aos estudantes. Na verdade, a ideia de criar o Liceu fazia parte de um plano maior: oferecer condições adequadas de educação ao povo, tendo em vista o progresso da região e da sede do bispado. Certamente o padre acreditava que as condições laborais no mundo moderno dependiam de uma educação apropriada, pois de que adiantaria os operários disporem de um sindicato bem organizado se não havia oferta de

---

<sup>737</sup> AMORIM, Joaquim Anastácio de. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 21 de setembro de 2013.

<sup>738</sup> NUNES, Antônio Pergentino. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 21 de dezembro de 2013.

trabalho? O Liceu era uma forma oficial e reconhecida pelo mercado de ensinar diversas profissões aos jovens que, de outra maneira, só as aprenderiam numa longa e cansativa prática de inserção no mercado, o que reduzia a oferta de empregos numa zona carente de profissionais bem treinados.

De todo modo, ao investir no Liceu de Artes e Ofícios e ao prestar assistência ao Círculo Operário, o padre Misael cumpria o projeto do bispo de preservar as colunas do tabernáculo jaguaribano, no caso a Educação e o Trabalho. Se órgãos que representavam essas colunas estivessem em conflito, a própria Igreja trataria de resolvê-lo, o que efetivamente aconteceu quando a diocese se ofereceu para construir a sede do Círculo Operário e propôs a emancipação do Liceu, a “menina dos olhos” do padre Misael.

#### 4.1.3.3 Faculdade de Educação

A Faculdade de educação de Limoeiro teria sido um pedido do bispo ao governador do Estado. Durante a celebração dos dez anos dessa instituição (1978), o cônego Misael Alves de Sousa explicou como ela surgiu:

A Diocese de Limoeiro do Norte celebrava em 1965 o Jubileu de Prata de Episcopado do seu 1º. Bispo, D. Aureliano Matos. Uma semana inteira de grandes comemorações, terminando tudo com um almoço oferecido ao clero e às autoridades presentes.

Entre os convidados figurava o Cel. Virgílio Távora, então Governador do Estado. Aproveitando a sua presença, D. Aureliano pediu a criação desta Faculdade, tendo o Sr. Governador anuído sem relutância aquela solicitação.

Decorreram quase 2 anos e, já no fim do seu Governo, o Cel. Virgílio Távora veio até esta cidade [Limoeiro do Norte] entregar pessoalmente a D. Aureliano a lei que criaria esta Faculdade. Ela tem o nº. 8.557 e a data de 16/08/1966. [...]

Desde o início, a descrença, o ceticismo dominava o ambiente! Uma Escola de Nível Superior na Região Jaguaribana, em Limoeiro do Norte? Mas quando o Diário Oficial do Estado publicou a Lei que estruturava a nova Faculdade, com 04 Cursos, seus Quadro Docente e Administrativo e tudo o mais, então os pessimistas começaram a sentir que a coisa era mesmo séria, era mesmo para valer, que o Governo do Estado enfrentaria o problema com coragem e decisão; então começaram a surgir, em ritmo crescente, candidatos e mais candidatos ao Magistério da nova Faculdade.<sup>739</sup>

Um depoente que estava na ocasião em que o bispo solicitou do governador uma faculdade de “presente” para o Vale, relata:

Dom Aureliano se dirigiu ao Sr. Virgílio Távora e falou: “Eu tenho um pedido a fazer ao Senhor Governador, peço uma faculdade de filosofia para Limoeiro do

---

<sup>739</sup> SOUSA, Misael Alves de. **[Celebração dos 10 anos da FAFIDAM]**. Limoeiro do Norte: [s. n.], 1978.



Norte”. Meu amigo, depois disso a palma comeu; foram quase cinco minutos de palmas. Não sei se você sabe, mas o Virgílio Távora era um homem de poucas palavras, assim como o Castelo Branco. Em vez de dizer cinquenta palavras, ele dizia somente cinco e a gente entendia. Depois que dom Aureliano fez o apelo, Virgílio não titubeou e também não fez discurso, disse apenas isto: “Dom Aureliano Matos, eu vou dar uma faculdade para Limoeiro, uma faculdade para o Baixo Jaguaribe”. Aí, meu filho, foi que a palma comeu, a palma comeu pela segunda vez. Esse tipo de coisa a gente não esquece nunca.<sup>740</sup>

Não obstante ter sido a “última conquista” de dom Aureliano, a criação da faculdade é quase sempre lembrada como sendo uma “dádiva”, um “presente” do governador Távora ao bispo de Limoeiro.<sup>741</sup> Inicialmente, essa “promessa” apenas provocou ceticismo e descrença na população limoeirense, até sua concretização “calar” os descrentes. Nessa visão, o casamento entre Igreja e Estado gerou um fruto que acabaria por reafirmar o prestígio que o prelado jaguaribano gozava junto às esferas governamentais. A fundação de uma escola de nível superior no Vale está culturalmente enraizada como resultado do poder da Igreja na região, sobretudo em função do modelo de atuação do primeiro bispo, que cultivou estreita relação com o Estado para receber dele os “favores” e as “dádivas” que, de outra forma, a diocese sozinha não daria conta de obter (FRANÇA, 1974 e SOUZA [M. D. V.], 1993). Assim, os autores concluem que “sem o prestígio pessoal de Dom Aureliano Matos e o trabalho do Cônego Misael não teria sido possível a sua constituição, pelo menos àquela época” (RAMOS, 1990, p. 43).<sup>742</sup>

Em um histórico elaborado a pedido de Lauro de Oliveira Lima (2002), naquilo que se poderia denominar de “autorretrato da Faculdade de Limoeiro”, fica explícito que essa instituição foi criada com três objetivos fundamentais: (1) coroar as realizações de dom Aureliano na área da educação, “elevando a

---

<sup>740</sup> ASSIS, José Célio de. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 21 de novembro de 2014. A expressão utilizada pelo depoente “a palma comeu” significa que a salva de palmas foi demorada e estrepitosa.

<sup>741</sup> Essa ideia persiste mesmo em trabalhos acadêmicos: (1) “Entre os convidados presentes às celebrações do Jubileu encontrava-se o Cel. Virgílio Távora, então Governador do Estado do Ceará. Aproveitando a sua presença, D. Aureliano Matos **pediu a criação desta Faculdade**, tendo o Sr. Governador **anuído, sem relutância, àquela solicitação**. Decorreram quase dois anos e, já no fim do seu governo, o Cel. Virgílio Távora veio até esta cidade entregar, pessoalmente, a D. Aureliano a Lei que criava esta Instituição. Inicialmente, a Faculdade de Filosofia foi estruturado como autarquia estadual, gozando de autonomia administrativa, financeira, pedagógica e disciplinar” (SOUZA [M. D. V.], 1993, p. 74, grifos meus) e (2) “Em 1965, no Jubileu de Prata do Episcopado de D. Aureliano Matos, o Governador do Estado do Ceará, Cel. Virgílio Távora, **prometeu atender à solicitação** e criar uma faculdade para servir ao Baixo Jaguaribe” (FROTA, 1991, p. 130, grifo meu).

<sup>742</sup> Conclusão compartilhada pelo professor Horácio Frota: “O surgimento da FAFIDAM resultou da aliança implícita entre o prestígio religioso e político” (1991, p. 130).

cultura popular ao nível das novas exigências da moderna sociedade” (p. 177); (2) elevar o padrão de ensino das escolas do Vale do Jaguaribe, que disporia a partir de então de professores formados, e (3) manter a juventude em sua zona de origem, oferecendo o nível superior como um catalisador de emprego, para reduzir consideravelmente a necessidade de migração para cidades grandes.<sup>743</sup> Vinte e cinco anos após sua chegada, o bispo constataria que as carências básicas em educação haviam sido relativamente supridas, já que quase todos os municípios da região contavam, àquela época, com boas escolas. O que o Vale ainda se ressentia era a ausência de uma faculdade para qualificar adequadamente os professores daquelas escolas. Tendo em visto a melhoria de condições de transporte, por exemplo, o projeto do bispo era mesmo auspicioso, já que concebido para beneficiar toda a região e não apenas a sede, como era vocação do Liceu de Artes e Ofícios, por exemplo.

Para Antônio Malveira (1998), a ideia de fundar uma faculdade na sede teria sido concebida por dom Aureliano para oferecer uma formação adequada aos professores de ensino primário e secundário, ao mesmo tempo em que haveria uma melhoria de salários da categoria, cujo arrocho salarial comprometia, há anos, a qualidade de ensino e de vida dos mestres. As sucessivas crises econômicas que o Ceará atravessara, com a desvalorização de produtos como cera de carnaúba e algodão, e também a escassa atração que o magistério exercia na juventude, respondiam pela onda de migração na zona jaguaribana. Sem oferta de trabalho à vista, o primeiro impulso dos moços era procurar empregos em outras regiões, perpetuando assim o círculo vicioso de atraso socioeconômico nas cidades abandonadas. Com a opção de formação acadêmica na sede do bispado, parte dessa juventude que se evadia ficaria na região e então ajudaria a elevar o nível cultural de suas cidades de origem. Ao gestar tudo isso em sua mente, o bispo “intelectualizou o Limoeiro”, ou seja, o autor acredita que as “instituições culturais criadas por Dom Aureliano Matos formaram uma cidade capaz de arrostar as incertezas que [desafiaram] as transformações do [século XX]” (MALVEIRA, 1998, p. 61).

---

<sup>743</sup> Essa argumentação também perpassa trabalhos acadêmicos de orientação marxista: “A criação de uma faculdade no Baixo Jaguaribe era uma reivindicação com base em dois argumentos: formar jovens sem necessitar mandá-los para Fortaleza e melhorar o nível dos professores de 1º e 2º graus da região” (FROTA, 1991, p. 130).

Para Angélica Ramos (1990), a faculdade de Limoeiro seria uma “dívida do Governo Estadual à Igreja, nos mais difíceis anos do regime militar” (p. 43), ou seja, seria produto das relações de “camaradagem” do bispo com o governador militar, coronel Virgílio Távora. Assim, tendo sido gestado um fruto imiscuído entre o poder temporal, profano, ditatorial e o poder religioso, carismático, mas também autoritário, seria possível justificar a histórica ausência de envolvimento da sociedade civil jaguaribana para com a faculdade, já que essa sociedade nunca conseguira vislumbrar seu “reflexo” naquela escola superior, elitista e criada à revelia de suas necessidades e prioridades. Em contrapartida, também porque não sentia apoio da sociedade civil, a faculdade passara a funcionar ignorando por completo características e peculiaridades da zona onde fora plantada, o que servia para questionar a própria existência da instituição. Para que uma faculdade de educação numa região de economia agropecuária? O bispo responderia que a faculdade seria uma forma de manter a juventude em suas cidades de origem, contribuindo para elevar o nível cultural do Vale e, conseqüentemente, favorecer a vida de todos. Para ele, formar bons professores era requisito básico de desenvolvimento de uma região, fosse ela essencialmente agrícola ou industrial.

Segundo José Erison Pereira (1999), a expansão do ensino superior no sertão cearense só teria sido viável em função da parceria entre Estado e Igreja Católica. No caso de Limoeiro, a criação de uma faculdade em um período tão adverso só poderia ser explicada pelas “boas relações” entre um governador militar e um bispo conservador, viabilizando um projeto igualmente conservador. Assim como seu tutor dom Manuel da Silva Gomes, o bispo dom Aureliano acreditava que Igreja e Estado deveriam manter uma relação harmoniosa. Na mentalidade da elite eclesiástica da primeira metade do século XX, a Igreja era a detentora das diretrizes divinas e cabia ao Estado respeitá-las, já que ele não passava de um instrumento de Deus para manter a ordem e a paz social de uma nação (ROSA, 2015). Ainda segundo Pereira, o projeto de criar faculdades no interior também ocultaria “outras intenções”, dentre as quais a desmobilização do movimento estudantil de centros urbanos como Fortaleza, por meio da oferta de vagas em unidades espalhadas pelo interior, cujas

condições culturais dificultavam a mobilização contra o regime. Assim, o centro universitário de Limoeiro oferecia um terreno favorável a esse propósito, já que não representava “nenhum risco a implantação de uma Faculdade numa região que saudou o golpe sob a liderança de um chefe religioso que exercia grande influência sobre a política local e das cidades vizinhas” (PEREIRA, 1999, p. 54-5).

Outra hipótese que levanto sobre a criação da faculdade jaguaribana é esta: com a crise dos seminários no Brasil, o de Limoeiro já ameaçando fechar as portas desde o início da década de 1960, uma Faculdade de Filosofia na sede da diocese, como era o desejo original do bispo, seria “metade do caminho” na formação de um padre, faltando somente o curso de Teologia, que poderia ser concluído em Fortaleza. Em fins de 1966, em reunião dos bispos da Província Eclesiástica do Ceará ficara decidido que o Seminário da Prainha deixaria de funcionar integralmente, adotando-se então as seguintes alterações: (1) o chamado Curso Clássico seria extinto e os alunos, remanejados para os “Colégios que os outros rapazes frequentam”, ficando uma equipe de padres responsável pelos mancebos a fim de conduzi-los a “uma opção amadurecida sobre a vocação”; (2) o curso de Filosofia não seria mais ofertado, ficando o curso teológico a cargo do Instituto de Teologia, que seria criado nos anos posteriores e (3) os alunos que ainda não havia concluído seus cursos de Filosofia e Teologia seriam transferidos para Pernambuco, para o Seminário Regional de Camaragibe.<sup>744</sup> Era um duro golpe na instituição secular que havia formado clérigos como Cícero Romão Batista, Francisco Valdivino Nogueira, Helder Câmara e o próprio Aureliano Matos, além de centenas de outros padres. Somente o arcebispo dom Manuel da Silva Gomes havia ordenado, até fins de 1946, quase cem sacerdotes (92),<sup>745</sup> entre os quais destaco o bispo de Limoeiro. Assim, ao pedir uma Faculdade de Filosofia para o Vale do Jaguaribe, o prelado estava também pensando no futuro da Igreja.

A efetivação do projeto, isto é, “tirar a faculdade do papel”, como recorrentemente mencionam meus depoentes, demandou uma jornada de

---

<sup>744</sup> *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 27, fasc. 1, março de 1967, p. 193.

<sup>745</sup> *O Nordeste*, 15 de novembro de 1946, p. 6.

quase três anos a cargo do padre Misael. Suas constantes idas à capital alencarina, para vencer o cipoal da burocracia estatal, concederam ao clérigo a fama de “homem paciente”, já que teria feito pelo menos uma centena de viagens, quase afundando o “asfalto que liga Limoeiro a Fortaleza”:

De fato, no início foi uma luta demorada, longa, e que exigiu muita paciência do cônego Misael, que era mesmo um homem muito paciente. O Estado não tinha recursos para a Faculdade. A dificuldade inicial foi angariar os recursos estaduais para equipar o prédio da Faculdade e colocá-la em condições de suportar as primeiras chuvas. Isso foi uma grande luta, com muita dificuldade porque, naquele tempo, o Estado também não tinha grandes recursos. Mas, com a persistência e a paciência do cônego Misael, os recursos foram chegando, pouco a pouco, até que houve condições de a Faculdade funcionar.

O cônego Misael conseguiu recursos orçamentários, já que nos primórdios a Faculdade era uma autarquia. Por isso, às vezes ele pleiteava recursos por fora, para construir as salas que foram adicionadas à estrutura inicial do prédio. Esses recursos, muito minguados, eram muito bem aplicados e conseguiram, ao menos, manter as salas necessárias. Mesmo assim, aqui e acolá, como no tempo em que fui diretor, recorreu-se a salas do Colégio Diocesano, da Escola Normal e do próprio Liceu de Artes e Ofício. Isso quando a Faculdade chegou a ter setecentos alunos, funcionando num só turno, e por isso era necessário recorrer a outras instituições que nos emprestavam salas para que pudessem funcionar todas as turmas e todos os semestres.<sup>746</sup>

O prédio, ainda em construção (ver Figura 16), fora cedido pela Associação de Amparo a Menores, lentamente erguido com doações da Alemanha (LIMA [L. O.], 2002). Fazia parte do sonho do padre Mariano Rocha Matos construir em Limoeiro a “Cidade do Catecismo”. Segundo o jornal, desde meados de 1960 que esse sacerdote empreendia viagens ao Sul e a recém-inaugurada Brasília em busca de recursos para esse projeto.<sup>747</sup> Em abril de 1964, uma longa matéria do jornal explicava a finalidade do projeto:

Em Limoeiro do Norte, sintonizando de perto o problema da formação cristã da mocidade, resolveu o bispado daquela comuna criar a “cidade do catecismo”, buscando com isto constituir bons elementos na preservação dos ensinamentos da Igreja Católica Apostólica Romana. [...]

Através [da] escola primária que funcionará normalmente no prédio (em adiantada fase de construção), desejam os sacerdotes do “vale” dar as primeiras noções do catecismo aos jovens... já visando a formação de futuros doutrinários. A ideia de criação da “cidade” surgiu há alguns anos, porém devido às dificuldades advindas da falta de recursos, nunca havia sido executada. [...]

Contará o edifício [pronto] com cinco blocos e um grande auditório com capacidade para quinhentas e cinquenta pessoas. [...] Já foram gastos mais de doze milhões de cruzeiros, estando toda a construção orçada em mais de vinte milhões.<sup>748</sup>

---

<sup>746</sup> PITOMBEIRA, Francisco de Assis (Reverendo, padre). Entrevista concedida a Edwilson Soares Freire para o Programa Especial de Treinamento (PET) em História, da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM), em Limoeiro do Norte-CE, março de 1994.

<sup>747</sup> *O Nordeste*, 12 de setembro de 1960, p. 8.

<sup>748</sup> *O Nordeste*, 19 de abril de 1964, p. 2 (Suplemento Dominical).

Dos mais de doze milhões de cruzeiros gastos na obra até aquele momento (abril de 1964), apenas dois milhões haviam sido repassados pelo Governo Federal. Além de algumas ofertas do povo jaguaribano, a obra só avançara com a doação de quase dez milhões de cruzeiros pela arquidiocese de Colônia, na Alemanha. O padre Mariano é tido como “um dos grandes baluartes dessa realização”, tendo planejado a vinda de um grupo de cinco freiras e dois padres do Sul do país para dirigir a Cidade do Catecismo. O sonho do sacerdote foi abandonado em função da criação da faculdade de Limoeiro. Como havia necessidade de um espaço para instalar a instituição, o próprio bispo sugeriu que fosse utilizado o edifício em construção. Para isso, convocou os padres de Limoeiro para uma decisão em conjunto, por meio de votação, cujo resultado foi o seguinte: os padres Misael e Pitombeira concordaram em vender a inacabada construção da Cidade do Catecismo para a instalação da faculdade, enquanto os padres Mariano e Falcão discordaram. Dom Aureliano foi o voto de Minerva,<sup>749</sup> e assim ficou aprovado o uso do prédio para funcionamento da faculdade:

A esta altura, já contávamos com este prédio, cedido pela Associação de Amparo a Menores: prédio que ainda não fora inaugurado, mas que já se encontrava na fase final de suas obras. Alugamos por um ano, sem nada pagarmos, mas com a obrigação de terminar o que faltava.

Foi desapropriado ao fim do Governo Plácido Castelo, conforme o Decreto Nº. 9.128, de 30 de janeiro de 1970, pela importância de Cr\$ 216.387,33. Tem área coberta, com estrutura de aço, cimento armado e alvenaria, com 1.216m<sup>2</sup> está reavaliada em Cr\$ 2.000.000,00 [dois milhões de cruzeiros].<sup>750</sup>

Como se vê, o projeto da Cidade do Catecismo foi substituído pelo da faculdade, que acabou assumindo um projeto de cursos de licenciatura, sendo uma instituição de educação, onde o curso de Filosofia não teve lugar como queria dom Aureliano. A tabela abaixo expõe os resultados dos primeiros anos de funcionamento daquela que recebeu a denominação de Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM), mesmo que a “filosofia” do título tenha se restringido, desde sempre, a uma disciplina introdutória ministrada no primeiro ano dos cursos:

---

<sup>749</sup> PITOMBEIRA, Francisco de Assis (Reverendo, padre). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 05 de janeiro de 2010.

<sup>750</sup> SOUSA, Misael Alves de. **[Celebração dos 10 anos da FAFIDAM]**. Limoeiro do Norte: [s. n.], 1978.

Quadro 12

**OFERTA DE CURSOS NA FACULDADE DE LIMOEIRO NOS TRÊS PRIMEIROS SEMESTRES DE FUNCIONAMENTO, POR VAGAS OFERTADAS E VAGAS PREENCHIDAS**

| <b>Cursos</b>     | <b>Semestre 1968.2</b>                       | <b>Semestre 1969.1</b>                       | <b>Semestre 1969.2</b>                       |
|-------------------|----------------------------------------------|----------------------------------------------|----------------------------------------------|
| <b>Geografia</b>  | Vagas ofertadas: 40<br>Vagas preenchidas: 10 | Vagas ofertadas: 40<br>Vagas preenchidas: 05 | Dados não encontrados                        |
| <b>História</b>   | Vagas ofertadas: 40<br>Vagas preenchidas: 03 | Vagas ofertadas: 40<br>Vagas preenchidas: 07 | Vagas ofertadas: 40<br>Vagas preenchidas: 08 |
| <b>Letras</b>     | Vagas ofertadas: 40<br>Vagas preenchidas: 30 | Vagas ofertadas: 40<br>Vagas preenchidas: 18 | Dados não encontrados                        |
| <b>Matemática</b> | Curso não ofertado                           | Curso não ofertado                           | Vagas ofertadas: 40<br>Vagas preenchidas: 12 |
| <b>Pedagogia</b>  | Vagas ofertadas: 40<br>Vagas preenchidas: 13 | Vagas ofertadas: 40<br>Vagas preenchidas: 10 | Dados não encontrados                        |

Fontes: RAMOS, Angélica Maria Pinheiro. **A interiorização do ensino superior no Ceará: os casos de Limoeiro do Norte e Quixadá.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1990, p. 145 e NUNES, Antonio Pergentino. **Minha vida... Minha luta.** Fortaleza: Premius, 1999, p. 179.

Nesse quadro, uma informação que salta aos olhos é o acentuado número de vagas ociosas, em todos os cursos, não preenchidas porque grande parte dos candidatos que se submeteram aos vestibulares não atingia a pontuação mínima necessária para garantir a vaga. Assim, por exemplo, apenas três, sete e oito concorrentes foram admitidos no curso de História nos três semestres inaugurais da faculdade. No mesmo período, ficaram ociosas trinta e sete vagas (1968.2); trinta e três vagas (1969.1) e trinta e duas vagas (1969.2), totalizando cento e duas vagas desperdiçadas em um ano e meio de funcionamento. Isso prova que a intenção de melhorar o nível das escolas da região tinha fundamento. Se a aprovação era exígua, devia-se basicamente à falta de preparo dos professores, o que se refletia diretamente no desempenho de seus alunos. Um dos primeiros graduandos deixou o testemunho da experiência de ingressar na primeira universidade jaguaribana:

Com a instalação da FAFIDAM, acalentei novamente o sonho de cursar uma faculdade. Agora, tudo se encaixava. Já era professor na cidade... Restava apenas criar condições de frequentá-la. Fiz o vestibular, que constava das provas de história, português, francês e sociologia. Fui aprovado com boas notas e fiquei aguardando o início das aulas.

No dia quinze de março de 1969, tiveram início as aulas. Eu havia escolhido o curso de História, por dois motivos: já vinha ensinando a matéria em alguns colégios da cidade e tinha sido um bom aluno dessa disciplina, tanto no curso ginasial, quanto no científico...

Feitas as cadeiras básicas, que são comuns a diversos cursos, ingressamos no curso de história... somente um homem na turma, casado, estudando com sete colegas solteiras. Não foi difícil adaptar-me às aulas de nível superior, nem tão pouco ao convívio com as colegas. [...]

Lembro-me bem que, em determinado semestre, eu possuía apenas duas camisas, de um tecido que tinha surgido no comércio, chamado volta ao mundo. Essas camisas eram alternadas dia a dia, tanto nas aulas dos colégios, quanto nas da faculdade. Todos os dias a minha esposa lavava uma delas e eu vestia a outra passadinha para ir à faculdade (NUNES, 1999, p. 179-80).

Não obstante a demorada burocracia para implantar uma faculdade no semiárido jaguaribano, frutos começaram a ser colhidos e a qualificação do magistério na região melhorou em dez anos, conforme dados do padre Misael.<sup>751</sup> Horácio Frota (1991) admite que essa melhoria não se firmaria na década de 1980.<sup>752</sup> Todavia, a maior transformação fomentada pela Faculdade de Limoeiro diz respeito à constituição de uma mentalidade nova que iria mexer em estruturas sociais sedimentadas. Conforme se verá no próximo Capítulo, esse fenômeno inédito no sertão possibilitou, em consonância com o projeto de modernização de agentes como protestantes e maçons, a efetiva mutação na face da cidade, que perdeu sua configuração simbólica de “senhora enclausurada”, “mulher divinizada”, quase uma “santa”, para assumir a nova face de “Princesinha do Vale”, uma moça bem adornada e impetuosa, “louca” para conhecer o mundo e para usufruir seus deleites. A “Limoeiro da Igreja” já ficara durante muito tempo envolta em “véus de devoção religiosa”.

## 4.2 A Igreja aberta ao mundo: o Concílio Vaticano II

Concomitantes e tão importantes quanto às intervenções na cidade, na cultura e na educação de Limoeiro, foram as mudanças desencadeadas na Igreja Católica em função da realização do segundo Concílio do Vaticano.<sup>753</sup> No dia 25 de janeiro de 1959, diante de um auditório de cardeais

---

<sup>751</sup> SOUSA, Misael Alves de. **[Celebração dos 10 anos da FAFIDAM]**. Limoeiro do Norte: [s. n.], 1978.

<sup>752</sup> Diz o autor: “Entretanto, quando a realidade aponta para uma situação em que tanto existem graduados desejosos de seguirem o magistério, sem poderem entrar na rede pública de ensino [pela ausência de concurso público], quanto estudantes de licenciaturas que já afirmam não quererem ingressar no magistério [desiludidos pelos salários baixos], é porque a questão da educação não pode ser pensada numa relação causal. A simples criação de uma instituição de ensino não traria como consequência a garantia do desenvolvimento” (FROTA, 1991, p. 148).

<sup>753</sup> Sobre a Igreja do Brasil durante o Concílio, bem como sobre a participação dos bispos brasileiros no Vaticano II, ver: BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005.



surpreendidos, o papa João XXIII anunciou sua intenção de convocar um novo Concílio Ecumênico, a ser realizado na Cidade do Vaticano em datas ainda não definidas.<sup>754</sup> O Vaticano II foi convocado, via bula *Humanae salutis*, em 25 de dezembro de 1961<sup>755</sup> e instaurado solenemente em 11 de outubro de 1962,<sup>756</sup> pelo mesmo papa que o convocara.<sup>757</sup>

O Papa escolheu dois grandes questionamentos para os estudos dos padres conciliares: 1) Afinal, que é a Igreja hoje?; 2) Para que serve a Igreja no mundo contemporâneo?

Para responder a essas duas polêmicas questões, foram elaborados dois documentos fundamentais: a constituição Dogmática *Lumen gentium* – sobre a Igreja em si mesma – e a constituição Pastoral *Gaudium et spes* – sobre a Igreja no mundo de hoje. Além desses dois documentos, catorze outros foram elaborados, num total de dezesseis.

Prolongando-se de 1962 a 1965, o Concílio foi realizado em quatro sessões (MACHADO [A.], 1998, p. 20).

As mudanças propostas pelo Vaticano II<sup>758</sup> tiveram um longo caminho para serem aceitas e aplicadas. A resistência já começara durante o Concílio, conforme testemunhou um arcebispo:

Detalhe curioso, registrado nos Anais do Vaticano II, foram as obstinadas tentativas de certa “mão misteriosa”, que adulterava textos e tentava modificar-lhe o sentido. Na verdade, não faltaram **elementos inconformados com a doutrina que se esboçava**, por eles **considerada nova e mesmo perigosa**, e que por isso não hesitaram em tentar diminuir o mais possível o valor teológico dos pronunciamentos doutrinários do Concílio. No entanto, tal tentativa foi vã (MACHADO [A.], 1998, p. 22, grifos meus).

Pressentindo no Concílio acentuados riscos de ruptura na tradição da Igreja (BEOZZO, 2005), dois prelados brasileiros – dom Antônio de Castro Mayer (bispo de Campos-RJ) e dom Geraldo de Proença Sigaud (arcebispo de Diamantina-MG) – se alinharam à ala conservadora e resistente às mudanças,

---

<sup>754</sup> O *Nordeste*, 27 de janeiro de 1959, p. 1. Segundo o jornal, o concílio estava sendo convocado para “discutir os meios de chamar de volta ao seio da Igreja Católica os ortodoxos e protestantes”. Hoje, sabe-se que o concílio foi convocado para realizar o “desejado e esperado *aggiornamento* do Código de Direito Canônico” (BEOZZO, 2005, p. 69).

<sup>755</sup> O *Nordeste*, 29 de dezembro de 1961, p. 5. Segundo o jornal, em sua convocação o papa João XXIII teria dito que o concílio seria um “novo grande acontecimento na história dos homens e da Igreja”.

<sup>756</sup> O *Nordeste*, 11 de outubro de 1962, p. 1 e 14 de outubro de 1962, p. 1. Presentes na seção solene de inauguração estavam 2.540 padres conciliares e cerca de cinquenta observadores não católicos. Por ironia, um pastor presbiteriano da Irlanda fora preso por distribuir panfletos contra o concílio, mas solto logo em seguida. Cf. O *Nordeste*, 19 de outubro de 1962, p. 1.

<sup>757</sup> Para um histórico do anúncio do Vaticano II, ver: BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 69-75.

<sup>758</sup> Para Scott Mainwaring (1989, p. 62), as principais mudanças promovidas pelo Vaticano II foram as seguintes: “ênfatisou a missão social da Igreja, declarou a importância do laicato... motivou por exemplo maiores responsabilidades, co-responsabilidade entre o papa e os bispos, ou entre os padres e leigos... desenvolveu a noção de Igreja como o povo de Deus, valorizou o diálogo ecumênico, modificou a liturgia de modo a torná-la mais acessível”.

impulsionando o *Coetus Inrternationalis Patrum*,<sup>759</sup> do qual o arcebispo mineiro chegou a ser secretário. Os bispos reuniram mais de duzentas assinaturas de padres conciliares solicitando uma condenação formal do comunismo e do ateísmo pelo Concílio, mas a petição acabou sendo negada. Dom Geraldo Sigaud atuou como uma espécie de “cruzado anticomunista”, tão acirrado foi seu combate ao marxismo:

Dom Sigaud enfoca as questões relativas ao comunismo sob um prisma mais global, o que ele chama de o espírito de “revolução”. Propõe então que a Igreja organize em âmbito mundial uma “luta sistemática contra a revolução”. [...]

Se Dom Sigaud destacava-se pelo empenho em organizar as atividades do *Coetus*, como seu secretário, seu outro fiel companheiro de episcopado brasileiro, Dom Antônio de Castro Mayer, aplicava-se ao estudo dos esquemas e a rebater, o mais das vezes, as propostas e argumentos da corrente majoritária no Concílio (BEOZZO, 2005, p. 117 e 187).

Especializando-se nessa “missão anticomunista”, Sigaud nunca passava despercebido com suas publicações que se tornariam verdadeiros *best sellers*, a exemplo de seu mais conhecido livreto, o *Catecismo Anticomunista* (1963). Essa publicação apareceu no mercado editorial brasileiro em novembro de 1962, em tiragem de quinze mil cópias, logo se esgotando. A demanda exigiu sucessivas reimpressões em março, maio, julho e agosto de 1963. Com exceção de maio, cuja reprodução foi de vinte mil exemplares, os meses seguintes lançaram, cada um, vinte e cinco mil cópias no mercado, rapidamente esgotadas, somando assim um total de cento e dez mil exemplares. Não obstante ter sido publicado em São Paulo, o livreto antimarxista chegou aos Estados mais longínquos, sendo adquirido por paróquias, dioceses e arquidioceses. No Ceará, a arquidiocese de Fortaleza deve ter comprado uma grande quantidade para distribuir entre o povo, como se depreende do seguinte depoimento:

Não recordo em que circunstância eu recebi aquele livreto. Todos os domingos a gente recebia um folhetinho daquele. Eu tinha muitos, não sei se ainda guardo outros por aí... Davam na missa de domingo. Faz tanto tempo que eu nem lembro se li, mas sei que falavam contra o comunismo, disso eu lembro. Desde que eu tinha doze ou treze anos, lembro-me dos padres falando contra o comunismo. Todo mundo tinha medo do comunismo, tinha horror a comunismo. Falavam muito que era uma coisa ruim, que era um povo ruim. E os padres recomendavam que a

---

<sup>759</sup> O *Coetus Internationalis Patrum* foi um grupo conciliar que se destacou por reunir prelados tradicionalistas, com o seguinte objetivo: “agrupar y de organizar fuerzas dispersas que, unidas, pudieran contrarrestar la influencia de tendencias conciliares que eran consideradas reformistas en exceso” (MORALES, 2012, p. 65). Sobre a atuação dos bispos brasileiros nesse grupo conservador, ver: BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 186-190.

gente rezasse a Deus para Deus nos livrar dos males e das pessoas más, e para que o que fosse ruim se acabasse. E se esse tal de comunismo não era uma coisa boa para a gente, que se acabasse; que eles [os comunistas] pensassem de outra forma e ficassem com o catolicismo. Já desde a catequese, quando eu era mocinha, ouvia falar que o comunismo era contra as leis de Deus. Diziam que não era uma coisa de Deus, que era contra a nossa lei, que a lei que nós devíamos seguir era a da nossa Igreja, que era a Igreja Católica Apostólica Romana. Agora, eu lá sabia o que era o comunismo! Não tinha ideia do que era, mas sabia que era algo ruim, senão os padres não iriam falar.<sup>760</sup>

Dona Geralda Costa Torres tem preservado como relíquia um exemplar da quinta edição do *Catecismo Anticomunista* (agosto de 1963). Nessa época, era arcebispo de Fortaleza dom Antônio de Almeida Lustosa, em cujos escritos fica explícita uma firme vontade de combater o ateísmo. A depoente reconhece que desde adolescente ouvia pregações do clero contra o comunismo, incluindo uma nítida intenção de impingir sobre essa ideologia a marca do mal (“contra as leis de Deus”, “coisa ruim” e “povo ruim”), visto como um sistema que pretendia destruir o catolicismo (“contra a nossa lei”). Nota-se na fala uma clara oposição (defendida pelos padres e catequistas) entre comunismo e Igreja Católica Apostólica Romana, uma das teses elementares do texto de Sigaud. Conforme confessa, a depoente “não tinha ideia” do que era o comunismo, mas aceitava a fala dos sacerdotes como representantes de Deus. Para ela, os clérigos não iriam dizer aquilo tudo se não houvesse uma razão forte, que ela consegue apontar como sendo uma ameaça real à religião católica (“a lei que nós devíamos seguir”).

Confrontando as fontes, suponho que a depoente tenha recebido o livreto como resultado de uma campanha anticomunista do Episcopado cearense, que o teria distribuído massivamente entre os fiéis católicos da capital e também do interior. Em Limoeiro, mesmo não se tendo encontrando exemplares, é seguro afirmar que o texto circulou, sobretudo entre o clero e o laicato mais esclarecido, já que mesmo no sertão o combate ao comunismo ateu se dava com a divulgação e circulação de textos como o de Sigaud e de cartas circulares do bispo aos padres e aos fiéis. Nesse sentido, o texto do *Catecismo Anticomunista* era de um didatismo excepcional, já que adotava o modelo consagrado deste gênero textual, isto é, pergunta seguida de resposta com evidentes fins doutrinários. No total, são cento e duas questões elucidadas

---

<sup>760</sup> TORRES, Geralda Costa. Entrevistas concedidas em Fortaleza em 31 de outubro (com intermediação de João Helson Franklin) e 15 de dezembro de 2012.

em linguagem acessível, em quarenta e cinco páginas que tentam demonizar o comunismo e “provar” a extrema incompatibilidade entre esta doutrina e o cristianismo. O autor deixa bem claro, e repete enfaticamente, que um católico não pode e não deve ser comunista, já que os fundamentos doutrinários entre os dois sistemas seriam irreconciliáveis.

Dom Aureliano também acreditava nessa tese que, em verdade, constituía o pensamento oficial da Hierarquia Católica, e que explica seu apoio à deflagração do golpe militar de 1964, visto pelos bispos como uma medida desesperada contra a “bolchevização do Brasil”. Assim, por representar uma manifestação anticomunista em âmbito nacional, em princípios dos anos de 1960, o prelado também realizou na sede do bispado jaguaribano a Marcha com Deus pela Família. Há quem diga que essa manifestação teria sido convocada pelo bispo para “homenagear a ‘revolução redentora’, saindo o povo às ruas, em passeata, aglomerando-se em frente à Igreja [Catedral] para ouvir a fala do seu pastor em louvor ao novo regime político” (CAVALCANTE, 1996, p. 82). Essa marcha foi convocada com antecedência e aconteceu exatamente em 31 de março de 1964, mesmo dia em que o golpe militar teria sido deflagrado. Ora, não tem como o bispo ter sido avisado de que exatamente naquele dia o país estaria sendo “libertado” pelos militares da ameaça do comunismo, não obstante a inquietude da conjuntura nacional na época fomentar uma antevisão de algo do gênero (GOMES, 2014).

Na verdade, aconteceu uma rara coincidência de datas, isto é, a Marcha com Deus pela Família foi agendada para acontecer em Limoeiro no mesmo dia que os militares tomaram o poder. Segundo a imprensa cearense, a primeira passeata desse tipo teria ocorrido em São Paulo, em 17 de março de 1964, quando meio milhão de pessoas paralisou a cidade para “ouvir as mensagens de fé cristã em defesa das instituições democráticas”.<sup>761</sup> Já o evento ocorrido no Rio de Janeiro, em 02 de abril, quando a tomada de poder havia sido divulgada nacionalmente, pode ser vista como manifestação de apoio ao golpe, segundo noticia o jornal:

Cerca de 700 mil pessoas ocuparam... toda a extensão da Avenida Rio Branco, desde a Cinelândia até a Candelária, cantando marchas patrióticas e conduzindo

---

<sup>761</sup> O Nordeste, 18 de março de 1964, p. 5.

dísticos e faixas de exaltação às Forças Armadas e ao Congresso Nacional, na Marcha da Família com Deus, pela liberdade.<sup>762</sup>

Em Fortaleza, um evento semelhante só ocorreria em meados de abril de 1964, também em apoio à tomada de poder, ou, na expressão de um jornalista, já “afastada do horizonte da Pátria a terrível ameaça que ensombrecia os corações”.<sup>763</sup> Nesse caso, fica patente a preocupação do bispo em não descansar na guerra contra o comunismo. Não querendo abrir mão de seu porte de “príncipe da Igreja”, dom Aureliano marcava posição clara diante da dúbia situação que se impunha aos homens daquele tempo. Mesmo constatando que o regime democrático no país sofreria interrupção com a tomada de poder pelos militares, aos seus olhos essa ação era mais confortável que a segunda alternativa: o “assalto do poder” pelos comunistas. De todo modo, como clérigo conservador que era, tendo sido educado em sistemas autoritários (em casa, pelo pai coronel, e no seminário, pelos padres lazaristas), a efetivação da Marcha com Deus em Limoeiro pode mesmo ser apontada como resultado do “poder do bispo” sobre a vida de seus diocesanos, conforme fica explícito na seguinte fala:

Quando houve essa Marcha por Deus, pela Pátria, pela liberdade, eu era aluna do Colégio Diocesano e o padre Pitombeira, diretor. A Igreja praticamente obrigou a gente a participar. Dom Aureliano ficava debaixo de um sombreiro bonitão, todo por acolá, todo bispo, todo príncipe, que ele era assim. Não estirava a mão para ninguém, ali debaixo daquele sombreirão.

Mas o padre Pitombeira nos obrigou a ir para esta bendita passeata. Dizíamos que não íamos, e o padre: “Vão, com certeza vão!” E teimávamos: Não vamos! E o padre nos trancou numa sala. Depois mantivemos um diálogo tenso:

—Vocês vão, sim, para a passeata!

—O senhor diga ao bispo que nós não vamos porque está chovendo!

—Mesmo assim, o bispo estará lá, ele vai com certeza!

—O bispo vai debaixo de uma capa, vai debaixo de uma sombrinha, e nós, vamos debaixo de chuva?! Não vamos de jeito nenhum!

Foi a maior confusão do mundo! Nesse episódio, a Igreja se meteu onde não devia, chegando a apoiar a dita Revolução de 1964.<sup>764</sup>

Para a depoente, o fato de o bispo ir debaixo do pálio,<sup>765</sup> protegido da

---

<sup>762</sup> *O Nordeste*, 03 de abril de 1964, p. 5.

<sup>763</sup> *O Nordeste*, 17 de abril de 1964, p. 11.

<sup>764</sup> CASTRO, Iolanda Freitas de. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 18 de março de 2011.

<sup>765</sup> “Toldo móvel com hastes para ser transportado por quatro ou mais pessoas. Costuma ser usado nas procissões eucarísticas... para indicar a dignidade régia, a majestade infinita, de Jesus Cristo presente... Também pode ser usado para proteger os ministros, em alguma função ao ar livre, do sol ou das inclemências climáticas” (DOTRO e HELDER, 2006, p. 125).

chuva, enquanto o povo caminhava sofrendo intempéries climáticas, constituía inquestionável indicativo de hierarquia e poder. Em ocasiões assim, em público, dom Aureliano se manifestava “todo bispo”, “todo príncipe”, “não estirava a mão para ninguém” e isso parece incomodar a depoente, além do evidente fato de ter sido obrigada a participar da marcha. Aos alunos do colégio oficial da diocese não era facultada a ausência, segundo se depreende do “diálogo tenso” que os estudantes mantiveram com seu diretor. Não adiantou argumento algum, todos foram coagidos a ir, o que é interpretado pela depoente, hoje, como tendo sido um episódio em que “a Igreja se meteu onde não devia”, culminando no apoio ao regime militar. O bispo de Limoeiro não foi um caso isolado, já que parte significativa da elite eclesiástica considerou a deflagração do regime de exceção alternativa para “salvar o Brasil” da influência marxista. Tendo falecido em 1967, portanto antes da instauração dos “anos de chumbo”, com a decretação do Ato Institucional n.º 5, em 1968, não há como determinar se dom Aureliano persistiria em alinhar-se ao regime ou se denunciaria o sistema autoritário, a exemplo de alguns prelados brasileiros, dentre os quais se destacaram dom Helder Câmara<sup>766</sup> e dom Antônio Fragoso, bispo da diocese de Crateús,<sup>767</sup> prelazia vizinha a Limoeiro.

Dentre as muitas proposições do Vaticano II que marcaram a transformação da prática religiosa na zona jaguaribana, destaco apenas três: (1) nova liturgia católica; (2) novo modelo de sacerdote e (3) nova alteridade para com os protestantes.

#### 4.2.1 A nova liturgia da missa

Não obstante o acirrado combate ao marxismo ateu, desencadeado pela elite eclesiástica cearense, a década de 1960 ficaria na memória de grande parte dos depoentes não por essa razão, mas em função das alterações que o Concílio Vaticano II promoveu na Igreja. A mudança na liturgia da missa católica, com a extinção do rito latino, no qual o padre rezava em latim, de costas para o povo e de frente para o altar, foi a mais consistente

---

<sup>766</sup> Sobre a atuação de dom Helder, ver: GOMES, Paulo César. **Os bispos católicos e a ditadura militar brasileira**: a visão da espionagem. Rio de Janeiro: Record, 2014.

<sup>767</sup> Sobre a atuação de dom Fragoso, ver Paulo César GOMES (2014) e Scott MAINWARING (1989).

dessas mutações internas. Ao se voltar para a audiência, o sacerdote agora chamava o povo a participar da missa, o que efetivamente aconteceu no decorrer do tempo, quando os leigos passaram a fazer leituras bíblicas, a acompanhar os cânticos, dentre outras atividades.

O povo já estava acostumado a rezar o terço durante a missa. A gente de costa para eles, falando em latim, e eles rezando o terço ou novenas. A mudança exigia a atenção e a participação dos fiéis, não só atenção, mas participação. Na missa em latim, não havia cânticos, a liturgia exigia que a pessoa apenas acompanhasse o desenrolar da missa. Na nova liturgia, o povo todo era chamado a cantar.<sup>768</sup>

Havia, por assim dizer, uma “missa dentro da missa”, o povo sendo mero espectador da missa oficial ao mesmo tempo em que celebrava para si mesmo uma “outra” missa, rezando baixo ou nem tanto. Esse ofício “tumultuado” começou a preocupar a Igreja já no final dos anos de 1950, quando uma revista que circulava no Vaticano apregoou que o “silêncio durante a Missa é ouro”. A explicação para o fato beirava a estapafúrdia:

Alegam alguns vigários que convocam o povo para rezar na missa em vez de rezar a missa, como reclamou Pio X, [que] nem todos os que estão assistindo à sua celebração na igreja podem acompanhar a marcha dos sagrados mistérios, pois não se acham para isso preparados. E, a fim de que não se distraiam ou se entreguem a outras ocupações no decorrer dos sagrados atos, é aconselhável mantê-los atentos a orações que entendem, como a recitação do terço. [...] Por isso foi que Pio X recomendou “rezar a missa e não rezar na missa”.<sup>769</sup>

A missa era considerada um “mistério” que somente os “preparados” podiam entender. Assim, à massa espectadora, considerada ignara, o padre não somente permitia como incentivava a recitação do terço durante o ofício, para que assim essas pessoas não se distraíssem com ocupações que não fossem consideradas sagradas. Isso vinha alimentando, mais ainda, a secular crítica dos reformados, para quem a missa é, “toda ela, um erro”.<sup>770</sup> Agora, ao menos, o povo não mais pareceria um mero “bestificado” diante do mistério, já que fora “convocado” a participar efetivamente do ofício católico.

Como era de esperar, a proposição de uma nova liturgia causou

---

<sup>768</sup> CARVALHO, Manuel Diomedes de (Monsenhor, padre). Entrevista concedida em Quixeré-CE em 04 de fevereiro de 2012.

<sup>769</sup> *O Nordeste*, 07 de novembro de 1959, p. 3.

<sup>770</sup> DIAS, Antenor Bezerra (Reverendo, pastor). Entrevista concedida em Russas-CE em 30 de outubro de 2010. Para esse ministro protestante, a “missa é o sacrifício incruento de Cristo, ou seja, durante a celebração da missa os padres estão sacrificando o Cristo novamente, sempre mais uma vez”. Já a doutrina reformada prega que o “Cristo foi crucificado uma única vez para valer para sempre”. Esta seria a grande diferença entre os dois cultos de origem cristã: a maneira como o Cristo é celebrado. No ato católico, o Cristo aparece em crucificação; no ato reformado, sempre aparece redivivo, como aquele que tem a “chave da morte e do inferno”.

estranhamento entre os resistentes a mudanças bruscas ou mesmo escândalo entre os mais conservadores. Ginzburg (2001) chama a atenção para o peso inescapável dos hábitos no viver humano, numa tendência de torná-los automatizados e assim manter uma vida sem sobressaltos. A “desmecanização” ou a quebra dos hábitos tenderia a provocar no ser humano um inevitável estranhamento, ou seja, “um antídoto contra um risco a que todos nós estamos expostos: o de banalizar a realidade (inclusive nós mesmos)” (GINZBURG, 2001, p. 41). Foi, de fato, o que aconteceu quando o padre passou a usar o vernáculo, celebrando a missa com os olhos fitos nos fiéis. Os leigos mais conservadores criticaram e logo fizeram anedotas com o fato, dizendo, por exemplo, que o padre agora podia “namorar” o povo do altar.<sup>771</sup> O Livro de Tombo da paróquia de Limoeiro registra a primeira Semana Santa celebrada na nova liturgia, em abril de 1965:

Oficiada, pela primeira vez, em vernáculo. Todos os cânticos, graças a um grande esforço dos seminaristas, foram executados em português. Foi realmente impressionante a participação do povo que dialogava com o celebrante. Podíamos notar no semblante dos fiéis a alegria que os invadia. Dizem que foi a mais frequentada [Festa da Páscoa]. Os sacerdotes estiveram sempre à disposição dos fiéis para atendê-los em confissão e, por conseguinte, o número de comunhões foi muito consolador.

O Sr. Bispo diocesano, não obstante a sua idade avançada, esteve presente a todos os atos religiosos.<sup>772</sup>

Para o padre, a participação da audiência foi “impressionante”, pois o povo “dialogava com o celebrante”. Num esforço coletivo, os seminaristas (certamente com a ajuda dos professores) haviam traduzido os cânticos para o português, despertando assim a curiosidade para com aquela “nova maneira” de celebrar a missa. Dom Aureliano esteve presente, a despeito de sua “idade avançada” (iria fazer 76 anos em junho), como observa o escriba. Para ele, era obrigação estar presente numa festa como a Páscoa, mas, sendo a primeira vez, estranhou a “nova maneira” de celebrar a missa. O abandono do rito romano, quando o padre pronunciava frases que ninguém entedia, parece ter agradado grande parte dos fiéis, que assim passaram a compreender o sacerdote, mas nem de longe foi uma unanimidade. A igreja costumava apresentar duas justificativas para o uso do latim:

---

<sup>771</sup> CASTELLO BRANCO, João Olímpio (Monsenhor, padre). Entrevista concedida em Flores, Russas-CE em 11 de dezembro de 2010.

<sup>772</sup> PARÓQUIA DE LIMOEIRO DO NORTE. **Livro de Tombo**: Segundo. Limoeiro do Norte, 1964-1988, p. 5f. Anotações do padre Diomedes Carvalho em abril de 1965.



O fim que tem a Igreja mantendo esta língua é duplo: conservar, quanto possível, pela unidade da língua, um meio de comunicação entre todos os povos cristãos, preservando, deste modo, a integridade do dogma e do culto, que as traduções, feitas sem cuidado, haveriam de alterar sempre; prevenir-se com a língua morta, e, portanto, imutável, contra as variações a que uma língua viva está sujeita sempre, obrigando, pelo menos em cada século, a grandes reformas da liturgia.<sup>773</sup>

A conservação da tradição litúrgica, mantendo o dogma e o culto “congelados” no tempo, livres de traduções não oficiais, bem como a vantagem de manter a missa presa a uma língua “morta”, imutável, não sujeita às variações das línguas naturais, cujo dinamismo do falante exigiria modificar a liturgia a cada século, são apontadas como pontos positivos do uso litúrgico do latim pela Igreja Católica. O latim serviria como um “meio de comunicação” unificado, ressaltando-se que a “missa celebrada aqui [no Brasil] [era] a mesma celebrada na China ou no Japão”.<sup>774</sup> Todavia, na prática isso só era possível entre o clero, o que transformava o latim numa “língua morta” elitista. Essa mentalidade é bem representativa da época em que a Igreja desconsiderava o fiel como participante da missa, já que ele era um mero espectador. A missa, nessa acepção, era um momento místico que o devoto não precisava entender, pois se constituía numa espécie de epifania para a alma, bastando presenciá-lo para usufruir seus benefícios, essencialmente espirituais.

Não obstante, o aspecto místico, espiritualista, epifânico teria se diluído excessivamente nas reformas assumidas pela Igreja, o que teria desagradado a muitos outros fiéis, que perderam, assim, o “maná do Céu”, um elemento místico que nenhuma outra instituição da Terra estava apta a prover. Esse grupo teria se sentido “desamparado” com as mudanças litúrgicas, mesmo aceitando-as tranquilamente, conforme relata um depoente que frequentou o chamado Seminário Menor:

Eu deixei o Seminário porque tinha concluído o período menor, em Limoeiro, e precisava partir para o Seminário Maior, em Fortaleza, se quisesse continuar os estudos para ser padre. Na época, as mudanças estavam na crista da onda na Igreja. Eu ainda estava no Seminário quando houve a introdução do vernáculo na celebração da missa e outras práticas que sofreram alterações ou cessaram, como por exemplo, a chamada confissão auricular, praticamente abolida. Outras práticas religiosas como as procissões, as novenas e o *Te Deum*, um hino litúrgico, comuns na igreja de Limoeiro, praticamente desapareceram. **Tudo foi sendo muito minimizado**, ocorrendo assim **uma espécie de desmistificação da Igreja**, ao menos das solenidades eclesiais. Então, **em minha cabeça**, na época, isso provocou **uma espécie de desencanto**. Não é que eu tenha me desencantado com a Igreja Católica, muito menos que tenha me desencantado

<sup>773</sup> O Nordeste, 22 de junho de 1943, p. 2.

<sup>774</sup> O Nordeste, 26 de maio de 1950, p. 2.

com a fé católica, não foi nada disso. Eu sou católico e digo, onde tenho a oportunidade, que sou católico e sou crente em Deus, e tenho todo o respeito pela hierarquia da Igreja.

Todavia, a meu ver, **toda aquela ritualística favorecia enormemente o recolhimento interior** do devoto. Talvez eu esteja dizendo aqui coisas do século XIX, mas em minha percepção tudo o que se fazia – mesmo em latim – facilitava, ajudava a reflexão espiritual, a concentração, o recolhimento. Às vezes, ainda hoje, eu até me surpreendo rezando em latim, já que aprendi no Seminário orações como o Pai-Nosso, a Ave-Maria e mesmo cânticos como *Stabat Mater*, que é a presenciar de Maria santíssima ao suplício de Jesus na cruz. É um cântico muito emocionante, muito emocionante mesmo, com uma melodia digamos assim muito pungente e tocante, que contribui – repito, dentro de minha visão – para a reflexão, o recolhimento e a concentração. Isso é o que eu penso.

Na minha visão, o povo reagiu com surpresa à mudança da liturgia, pois estava diante do inesperado. Lembro-me de que o padre Pitombeira dizia que a missa durante muitos séculos foi celebrada com o sacerdote de costas para o povo e, por isso, o povo nem notava o que se passava. De repente, o celebrante ficou de frente e o povo estranhou e começou a notar. Hoje em dia, não há mais nenhuma estranheza diante disso, mas na época foi surpreendente e houve até resistência tanto de grupos de fiéis como de integrantes da hierarquia da Igreja. Lembro-me que, na época, ser chamado de “padre conciliar” era uma indicação de que o sacerdote era visto como moderno, avançado, digamos assim, mais voltado para a modernidade do que para a tradição. Na verdade, era quase uma ofensa, tender mais para a modernidade do que para o conservadorismo da Igreja, para as tradições e para a visão antiga do que essas práticas eclesiais realmente representavam. A dimensão do que realmente as mudanças significavam viu-se somente depois. Quem anteviu isso tudo foi o papa João XXIII, um homem já idoso quando assumiu o pontificado, mas que, mesmo assim, teve a sensibilidade, a antevisão, a premonição de que a Igreja do futuro deveria, em cada país, em cada sociedade se ajustar em primeiro lugar à língua e depois aos costumes e às tradições de cada sociedade.<sup>775</sup>

Tendo ingressado no Seminário de Limoeiro em 1962, o depoente vivenciou todo um período de transição da Igreja, o que torna seu depoimento um rico cabedal de percepções subjetivas. Confessando que as mudanças promovidas pelo Vaticano II lhe causaram uma “espécie de desencanto”, em função da minimalização de todo um artefato pomposo, bem como de uma “desmistificação” das solenidades eclesiais, o depoente teme estar defendendo posturas do século XIX, não obstante reconhecer que “toda aquela ritualística” favorecia o misticismo, ou o que ele chama de “recolhimento interior” e “reflexão espiritual”, isto é, a disposição sensorial em direção ao sagrado. Ao simplificar tudo, ao fazer o padre se voltar para o povo, falando na língua do povo, como exigência dos “novos tempos”, a Igreja acabou por esmaecer a esfera de místico e sagrado que envolvia seus rituais, razão do “desencantamento” de muitos, inclusive do depoente. Somente depois, observando o processo de sedimentação, esses devotos teriam tomado

---

<sup>775</sup> MAIA FILHO, Napoleão Nunes. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 06 de janeiro de 2011. Grifos meus.

consciência das necessidades imperativas das mudanças, quando uma “nova Igreja” se firmaria no mundo.

Note-se que o padre que recebia a alcunha de “conciliar”, alinhado à modernidade e contra o conservadorismo, praticamente era acusado pelo povo de ser um “traidor”. Em verdade, foram muitas as reações do laicato e mesmo de parte do clero às transformações advindas do Vaticano II. No Brasil, o jornal aponta algumas reações contra aquilo que alguns leigos estavam chamando de “decadência da Igreja”:

[Diante das determinações,] ainda ouvimos, a cada instante, frases como estas: “por que estas mudanças? para que fazer uma Missa diferente? Não entendo mais a Igreja de N. Senhor. Antes, íamos à Missa e aí podíamos rezar tranquilamente, mas, hoje, ninguém pode mais rezar sossegado... comunga-se de pé... Por que cada um não faz como bem quiser?”

Há outras reações mais violentas que põem em dúvida a própria fé. Outros, mais discretos, tudo fazem, mas interiormente não aceitam. [...]

“Aqui em São Paulo, um grupo organizado de senhoras, recolhe assinaturas à porta das igrejas, contra o uso do vernáculo na celebração da missa”, é o teor de um telefonema que recebi há poucos dias. [...] [Também na Europa,] muitos padres continuam celebrando em latim, apesar das determinações das Conferências Episcopais, que são baseadas nas deliberações do Concílio.<sup>776</sup>

A julgar pela matéria, as reações contra as modificações litúrgicas gestaram diversos grupos, a saber: (1) os que seguiam as determinações apenas em aparência, enquanto em seu interior as negavam, ignorando sua validade; (2) os que estavam completamente desorientados, sem entender o motivo das mudanças; (3) os que aceitavam bem a tradição, considerada uma “zona de conforto”, e que se viram, repentinamente, jogados em terreno desconhecido, a ponto de afirmarem que não entendiam mais a Igreja; (4) os que não se conformaram com as modificações e partiram para uma reação pragmática, como no caso do grupo de senhoras que começou a reunir assinaturas contra o uso do vernáculo na missa e (5) os que assumiram posturas radicais, como deixar de frequentar a igreja ou mesmo negar a fé. Aos poucos, com a sedimentação da nova liturgia, sentimentos e manifestações de contestação cessariam; os revoltados se aquietariam, os indiferentes se acomodariam e os desorientados se encontrariam.

#### **4.2.2 O novo parâmetro de sacerdote**

---

<sup>776</sup> O Nordeste, 10 de setembro de 1965, p. 2 e p. 9.

Outra mudança sentida por todos foi a permissão de restringir os paramentos eclesiais ao momento de celebração da missa, quando aos padres foi concedido, em seu cotidiano, o uso de vestes leigas, com permanência do colarinho clerical (o *clergyman*). Na verdade, essa era uma mudança há tempos desejada pelo próprio clero, apesar de nunca ter encontrado no leigo a devida compreensão. Os padres do sertão sempre se queixaram de que sentiam mais calor do que todos, pois suas batinas, como negras graúnas, absorviam a permanente quentura que abrasava o semiárido. O assunto viera à tona já no final da década de 1930, por influência da Espanha e do México, que o jornal católico chama de “países maçonizados”, onde o clero teria sido “constrangido” a usar “roupas profanas”. Os eventuais sacerdotes brasileiros que visitavam aqueles países voltavam com um “desejo secreto” de verem essa liberdade estendida também ao clero latino-americano:

No Brasil, terra de liberdade e de cultura em bases assentadas na rocha firme do Evangelho, não se justifica uma campanha pela abolição da batina. [...]

O incômodo de um burel nada é, quando se pensa no sacrifício espontâneo dos penitentes, de que os conventos regorgitam.

Ninguém se salva sem espírito de mortificação, rezam as Santas Escrituras. [...]

Respeitada ou insultada, a batina é sempre um sinal de glória. Vesti-la é dizer ao mundo que se está de luto por ele...

Pode [um] Concílio reformar o uso da sotaina porque, de fato, não se trata de matéria essencial à vida eclesial.

As tradições religiosas do país, os altos sentimentos de piedade das almas apostólicas, as dedicações edificantes do Episcopado e do Clero ao serviço ministerial, tudo indica, todavia, que a abolição da batina é assunto agitado apenas nos círculos contrários a ela.<sup>777</sup>

Usar a batina continuamente era considerado uma forma de mortificação, o que transformava os padres em penitentes crônicos, mas também um “sinal de glória”, de distinção dos homens que escolheram se “separar” para Deus e que, assim, podiam acusar um “luto pelo mundo” por meio de suas vestes. Não obstante, por não se tratar de “material essencial à vida eclesial”, o jornalista reconhece que um concílio poderia abolir o uso permanente do burel, o que de fato acabou acontecendo um quarto de século depois. O jornal *O Nordeste* mudaria o tom do discurso cerca de vinte anos depois, quando novamente surge no Brasil o boato de que a batina preta seria abolida. Procurando ouvir a opinião de clérigos, desta feita, o jornal admite que

---

<sup>777</sup> *O Nordeste*, 23 de junho de 1939, p. 4. “A abolição da batina”, editorial não assinado.

em várias ocasiões, a veste talar constituiu em “sério empecilho ao bom êxito das missões [religiosas]”, e que, por isso mesmo, foi “abolida em diversos países”.<sup>778</sup> Um “trajo mais adequado ao clima e à época” do Brasil exigiria cores claras, mas o uso exclusivo de batina branca pelo papa emperrava qualquer decisão de aposentar as vestes negras dos sacerdotes católicos.

Os leigos, quando chamados a opinar, geralmente pendiam pela permanência das vestes talaras, crentes de que “quanto mais um padre se puder mostrar, interior e exteriormente, diferente do mundo, no sentido razoável da expressão, tanto mais bem poderá desempenhar o seu apostolado”.<sup>779</sup> Um padre de Limoeiro contou que, no início, quando saía às ruas em mangas de camisa, o povo lhe dizia na “cara dura” que “a gente conhece o pau pela casca”. Utilizando uma metáfora bem peculiar ao sertanejo, que reconhece o tipo de madeira observando apenas a casca da árvore, o povo expressava assim, sem meias palavras, a opinião de que era “o hábito que faz o monge”.<sup>780</sup> Membros do episcopado, afeitos à tradição, tais como dom Aureliano Matos, eram invariavelmente contra a abolição daquilo que chamavam de “distintivo sagrado” do padre. Dom Antônio de Almeida Moraes, arcebispo de Olinda e Recife em fins da década de 1950, foi ouvido e deixou sua opinião, certamente compartilhada pelo prelado jaguaribano, dado o teor conservador:

[O arcebispo] disse incisivamente que “só podem apontar a batina como empecilho aqueles que desejam conspurcá-la, porque não é possível a batina penetrar num cinema onde passa um filme imoral ou num teatro onde desfilam vedetas de uma revista indecente”. [...] “Para pregar o Evangelho... para subir os morros e dizer aos pobres que a Igreja ama os infelizes... a batina não serve de empecilho”.

[...] “há trinta e oito anos que se aplica ao apostolado e nunca a batina o impediu de levá-lo a efeito... nem Nóbrega nem Anchieta e tantos outros que fizeram o apostolado nas selvas jamais tiveram dificuldades de locomoção”. [...] “Além do mais, a batina é um distintivo sagrado que deve ser venerado e preservado”.<sup>781</sup>

O próprio dom Aureliano Matos, assinando uma carta pastoral coletiva ao clero do Ceará, juntamente com os demais bispos da Província, faz um apelo para que os padres cearenses não abandonem a batina:

---

<sup>778</sup> *O Nordeste*, 15 de setembro de 1958, p. 8.

<sup>779</sup> *O Nordeste*, 12 de novembro de 1958, p. 6. Opinião do jornalista Audifax Mendes.

<sup>780</sup> CASTELLO BRANCO, João Olímpio (Monsenhor, padre). Entrevista concedida em Flores, Russas-CE em 11 de dezembro de 2010.

<sup>781</sup> *O Nordeste*, 10 de março de 1959, p. 3 e p. 2. “O uso da batina”, texto assinado por OBS.

Não desejávamos que nosso Clero se manifestasse partidário da abolição da batina. Esta tradição do Clero latino muito tem contribuído para o respeito que nosso povo sente para com o Ministro de Deus e pode contribuir eficazmente para a conservação do Sacerdote na santidade de vida que o há de distinguir sempre.<sup>782</sup>

Nota-se uma preocupação com a tradição, com o respeito que a batina teceu ao longo dos anos para a constituição do “ministro de Deus”. Assim, acreditando que, na mentalidade do povo, o hábito faz o monge, o bispo pensava evitar os desgostos e os falatórios que a recusa de trajar as vestes talares poderia provocar numa região de cultura entranhadamente católica. Não obstante estar preocupado com o que “o povo iria falar”, o episcopado cearense acredita também que o uso ininterrupto da batina seria uma maneira de ajudar o sacerdote na “conservação da santidade”, ou seja, na distinção que aquele homem enlutado pelo mundo (“morto em pecado”) deveria manifestar em relação aos outros, cujo viver era eminentemente profano. Um episódio curioso ilustra que dom Aureliano pensava assim, isto é, não aceitava que seus padres fugissem do figurino clássico da batina preta:

Quando eu voltei de Roma, em 1965, praticamente eu não tinha mais batinas. Tinha uma branca. O período de transição começou com a batina branca. O padre Cabral, da paróquia de Pereiro, costumava usar batina branca. Dom Aureliano foi fazer uma visita pastoral e a única coisa que ele anotou no Livro de Tombo foi isto: “O padre não deve usar batina branca”. [...]

Esse caso aí foi extraordinário. Aconteceu justamente com o padre Cabral, que era aberto, tinha uma visão mais aberta do mundo e pensou que, num clima quente, seria melhor usar uma batina branca. Mas isso acabou mexendo muito com o padre Cabral, que disse: “Dom Aureliano, ao invés de mencionar o que eu estava fazendo de bom, no meu trabalho de pastor, veio me dá um pito, veio deixar escrito um pito!” Isso ele nunca perdoou do bispo. O padre Cabral era muito avançado, mesmo no relacionamento com as pessoas, muito vivaz, por isso ele sofreu com essa reprimenda.<sup>783</sup>

O conservadorismo do bispo era tanto que chegou a proibir seus padres de usarem batina branca, cor do papa, não obstante ter sido essa cor escolhida como “transição” entre a batina preta, tradicional, e o vestuário leigo. Observe que, na fala do depoente, o episódio ganha contornos mais graves justamente porque aconteceu com um padre que tinha uma “visão mais aberta do mundo”, ou seja, houve um claro choque entre o conservadorismo do bispo e o liberalismo do padre. Outros depoimentos confirmam que a abolição da batina

---

<sup>782</sup> CÚRIA DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE (Ceará). **Circulares, Decretos, Atos, Cartas Pastorais etc.** Livro 02. Carta Coletiva do Episcopado Cearense. Fortaleza, 24 de junho de 1959, p. 19f.

<sup>783</sup> CASTELLO BRANCO, João Olímpio (Monsenhôr, padre). Entrevistas concedidas em Flores, Russas-CE em 11 de dezembro de 2010 e em 11 de junho de 2014.

surpreendeu mais o povo do que a troca do latim pelo vernáculo:

Ah, isso do padre deixar de usar batina o povo falou muito. Um dizia: “Vixe, o padre Fulano de Tal está sem batina...!” Aí outro dizia: “Não, é porque agora é assim, eles podem andar de roupa mesmo, comum, e só vestir a batina quando for para celebrar a missa”. O povo se admirou mesmo: “Ave Maria, isso lá é coisa! Isso não é coisa de Deus, não!” As mulheres mais beatas diziam: “Ave Maria, isso é coisa do demônio! O que está acontecendo? E os padres estão atendendo a isso?” Ficou muita gente assombrada, falando que padre sem batina, ave Maria, ninguém nem sabia que era padre!<sup>784</sup>

A abolição da batina foi uma mudança que causou espanto. Eu ainda usei batina no Seminário e nessa época havia uma mística muito grande em torno de tudo que dizia respeito à Igreja católica. Eu não reputo que fosse negativa essa mística, de maneira nenhuma. Penso que isso fazia parte das práticas religiosas e contribuía, a meu ver, para atrair a atenção do povo, para chamá-lo à religião pelo fascínio.

Eu lembro que quando o padre Pitombeira passou a andar “à paisana”, como um leigo qualquer, foi estranho aos nossos olhos porque todos estávamos habituados com sua figura de batina, uma batina quase sempre preta. Ele sempre foi um sujeito muito elegante, muito aprumado, sempre muito bem posto. Como também o padre Mariano e mesmo o bispo eram homens digamos assim bem cuidados, homens bem postos, elegantes como se diz hoje.

Quando a batina foi abolida houve certo espanto da sociedade limoeirense, a ponto de fazer com que muitos clérigos não a abandonassem. Padre Mariano, por exemplo, não abandonou sua batina e padre Misael também nunca vi sem batina. Na verdade, nunca vi os padres do Seminário sem batina, nenhum deles, estavam sempre de batina de cor branca ou, às vezes, creme, bege. Nem o padre Falcão naquela época, nem mesmo agora quando o visito em Brasília, ele está sempre de batina azul-claro, pois é conservador.<sup>785</sup>

De fato, o abandonar da batina não transcorreu com naturalidade para todos, havendo casos de constrangimento absoluto na primeira vez que o sacerdote se viu na rua sem sua “armadura de pano”:

Quando eu vesti o primeiro terno, isso eu me lembro. Eu vou contar para você. A questão é que, logo no início, a batina foi substituída por terno com o colarinho clerical, chamado de *clergyman*. O padre ficava todo bem arrumadinho, não era assim à vontade como hoje. Acontece que o terno, para a nossa região, também era quente. Esse fato aconteceu durante a inauguração da ponte de Limoeiro do Norte [1965], quando um colega meu, Pedro Martiniano, que havia aderido rapidamente ao *clergyman*, me convidou para a gente ir de terno. Eu fui, mas para mim, parece que faltava uma coisa nas pernas. A batina batia nas pernas e então eu senti que faltava uma coisa nas pernas.

O povo estava todo reunido para ver a inauguração. E eu aqui com as mãos perdidas, sem saber onde botar as mãos. Eu queria ficar por trás do povo, mas meu colega disse: “Não, vamos lá para frente, lá para onde estão as autoridades!” Então, atravessar esse povo todinho olhando para nós... Senti os olhares do povo para mim, que usava terno pela primeira vez. Eu não sabia onde botar as mãos, nem para quem olhar nem nada! Acabei me acostumando, mas não aderi ao *clergyman* logo, não! Somente depois que vi padres mais à vontade, também

---

<sup>784</sup> TORRES, Geralda Costa. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 15 de dezembro de 2012.

<sup>785</sup> MAIA FILHO, Napoleão Nunes. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 06 de janeiro de 2011.

comecei a ficar mais à vontade.<sup>786</sup>

O clérigo confessa uma completa falta de traquejo em sua estreia de terno, não sabendo onde “botar as mãos” e sentindo que na barra da calça “faltava alguma coisa”. Também sentiu os “olhares do povo”, como se todos o fitassem em repreensão por ele também ter abandonado o “distintivo sagrado”. E todo esse constrangimento veio mesmo não sendo ele um dos primeiros a aderir ao “novo hábito”, já que precisou se inspirar em outros padres para também “ficar mais à vontade”. Assim, os depoentes da diocese de Limoeiro do Norte admitem que nem todos os clérigos conseguiram deixar prontamente o uso da batina, persistindo aqueles que não quiseram abdicar dela. O bispo dom Aureliano nunca abandonou seus paramentos. Mas teve que suportar seus padres lhe visitando no Palácio vestidos como leigos:

Um dia, o [padre] Pitombeira me disse: “Vamos falar com dom Aureliano sem batina...?” Éramos padres novos, ele um pouco mais velho, encabeçou ou desencabeçou a gente. Então, a gente chegou lá no Palácio, dom Aureliano disse: “Bom dia!” Depois ele fez o seguinte comentário: “Eu não uso assim como os senhores porque eu não tenho dinheiro para comprar uma roupa boa, para andar bem vestido, então eu uso minha batina porque assim eu posso esconder as roupas velhas que tenho”. Ainda deu um pito na gente, não chamou a atenção, mas disse que não usava porque não tinha dinheiro para comprar uma camisa boa, uma calça boa.<sup>787</sup>

O bispo usou o pretexto de que precisava esconder calças e camisas velhas debaixo da batina porque não tinha “dinheiro para comprar uma roupa boa” como a que os dois padres estavam usando por ocasião da visita. Sutilmente, usando a si mesmo como modelo, o prelado repreende os sacerdotes por gastarem dinheiro com “roupa boa”, ou seja, com ternos modernos enquanto ele, franciscanamente, usava “roupas velhas”. O depoente percebe a sutileza da fala do prelado, chamando-a de “pito”. Um jornalista interpreta essa resistência ao novo, pelos clérigos mais velhos, como sendo produto de certa inabilidade da velhice:

[Eles] não terão mais jeito de se acomodar devidamente numa farpela leiga, que exige certo aprumo físico, maior cuidado e, às vezes, um requinte que o peso da idade não admite mais. Isto sem falar no respeito natural que inegavelmente a batina infunde no seio do povo fiel, já acostumado secularmente a ela.<sup>788</sup>

Os estudiosos ainda são cautelosos quando tratam da história do

---

<sup>786</sup> CARVALHO, Manuel Diomedes de (Monsenhor, padre). Entrevista concedida em Quixeré-CE em 04 de fevereiro de 2012.

<sup>787</sup> CASTELLO BRANCO, João Olímpio (Monsenhor, padre). Entrevista concedida em Flores, Russas-CE em 11 de junho de 2014.

<sup>788</sup> *O Nordeste*, 12 de novembro de 1958, p. 3. Texto de Audifax Mendes.



vestuário no Ocidente, pois os achados arqueológicos são limitados e as análises estão, quase sempre, vinculadas a representações imagéticas. Consensual, de fato, é que, após a pré-história, o ato de se vestir entre os humanos deixou de ser uma exigência física salutar (proteger o corpo contra as intempéries naturais), passando a ser o próprio vestuário um “artefato cultural”, denotando crenças religiosas, diferenças étnicas, classes sociais, escolhas estéticas etc. A partir de então, a “indumentária corresponde a um desejo de inspirar medo ou autoridade” (BOUCHER, 2012, p. 14). No caso da batina, é patente que a Igreja sempre quis inspirar uma “autoridade divina” aos homens que a usavam, ficando assim os clérigos “marcados” como homens de Deus, como pessoas “separadas” exclusivamente para o serviço religioso ou como santos entre profanos e pecadores. Assim, abandonar o que fora sedimentado durante séculos como a “marca do padre” só foi viável porque se processou paulatinamente, alguns clérigos influenciando e “encorajando” outros e o povo se conformando com a situação. Ao usar a batina, o padre era facilmente distinguido no “meio da multidão”. Sem ela, trajando-se como qualquer leigo, perdia-se um referencial, um norte e mesmo uma marca coercitiva de exigir do sacerdote o caminho da santificação que ele quisera abraçar ao aceitar os votos. Um diálogo entre sertanejos, ao avistar um padre jovem sem batina, exemplifica essa premissa:

- Um padre sem batina, protestou um velho assombrado. Nunca tinha visto.
- Por que não, perguntei com curiosidade?
- Porque ele pode namorar e ninguém sabe.
- Mas se esse namorasse agora, todo mundo saberia.
- Eu já acreditei muito em padre. Mas estou desacreditando. E agora sem batina, piorou.
- Eu acho que para viajar por cima de carga, num sol danado de quente como este, comendo poeira para valer é mais prático e cômodo viajar a paisano.
- É, mas eu ainda sou pela antiga. Os padres velhos num aguentaram, por que os novos querem ser mais luxentos...? Padre é isso mesmo, nasceu para sofrer, fazer penitência.<sup>789</sup>

Na mentalidade sertaneja da época, o padre deveria usar a batina não somente para ser identificado facilmente, mas também para ser “vigiado” pelo povo para “não namorar”, já que abraçara o celibato de livre vontade, e

---

<sup>789</sup> O Nordeste, 31 de março de 1963, p. 4. “Padre sem batina no misto de Tauá”, texto de M. Landim. O jornalista presenciou e participou do diálogo entre os sertanejos.

também porque sua função exigia sacrifício, penitência (“padre nasceu para sofrer”). Agora, o padre deveria ser “reconhecido na multidão” por sua postura humilde e casta, fugindo de “alvorços profanos”, recolhendo-se a um canto e, sempre que viável, declarando sua condição, para melhor “fiscalização”. Essa carga pesada posta sobre os ombros de um ser tão humano quanto os demais explica, em parte, porque, na década de 1960, o número de vocações sacerdotais entrou em colapso, ameaçando fechar até mesmo as portas do Seminário de Limoeiro, o que levou o bispo dom Aureliano a tomar uma série de medidas.

Já no início da década, em 1960, o prelado escreve temendo que a acentuada redução de matrículas seja “uma consequência desta vida de paganismo que invade nossas famílias, tentando destruir nossas gloriosas tradições cristãs”.<sup>790</sup> Em defesa dessas tradições, o bispo concebe uma ampla campanha entre o clero visando fortalecer a Obra das Vocações Sacerdotais (que mantinha os alunos pobres no curso menor), divulgar o Seminário na região jaguaribana para lhe forjar o devido apreço, em função de sua rica formação educacional, mesmo para os que não seguiriam a carreira eclesiástica e, antes de tudo, “conservar em nossas famílias a vida cristã bem esclarecida, bem orientada em perfeita obediência à Santa Igreja, imunizando-as contra esta decadência moral, que é a nota característica do século”.<sup>791</sup> Para incrementar o número de matrículas no Cura D’Ars, o prelado concebeu uma inovadora ideia: a criação, em cada paróquia, de uma escola de preparação de candidatos ao Seminário de Limoeiro, sob a orientação de algum clérigo, religiosa ou “professora piedosa”. A esse empreendimento, o bispo chamou de “Pré-Seminário”.

Um clérigo atendeu prontamente ao projeto do bispo: o padre coadjutor de Morada Nova, Sebastião Marleno Alexandre.<sup>792</sup> O padre Marleno decidiu

---

<sup>790</sup> CÚRIA DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE (Ceará). **Circulares, Decretos, Atos, Cartas Pastorais etc.** Livro 02. Circular n.º 77. Limoeiro do Norte, 15 de fevereiro de 1960, p. 6f.

<sup>791</sup> Idem, p. 6v.

<sup>792</sup> Sebastião Marleno Alexandre nasceu em Jaguaruana-CE em 21 de maio de 1933 e faleceu de acidente automobilístico em 11 de janeiro de 1982, quando era pároco em Jaguaretama-CE. Fez seus estudos preparatórios no Seminário de Limoeiro (1947-1951) e cursou Filosofia e Teologia no Seminário da Prainha, em Fortaleza (1952-1959). Foi ordenado por dom Aureliano Matos na matriz de sua terra natal, Jaguaruana, em 29 de novembro de 1959, durante o Congresso das Vocações Sacerdotais, quando quatro padres foram ordenados na mesma

fundar na cidade o Instituto Santo Cura D'Ars, que passou a ser chamado por todos de Pré-Seminário, já que o sacerdote cooptava garotos entre as famílias moradanovenses mencionando a pretensão de que a escola os prepararia para ingressar no Seminário Menor de Limoeiro. Consegui entrevistar dois senhores que, em 1962 e 1963, passaram por esse instituto, tendo um deles guardado seu documento estudantil, a chamada “Caderneta Escolar” (ver Figura 08), onde se anotava o desempenho do aluno e comunicações aos pais ou responsáveis, desafiados a examinar a caderneta toda semana, acompanhando os deveres dos filhos e suas possíveis faltas.<sup>793</sup> Os depoimentos permitem concluir que o modelo de Pré-Seminário criado pelo padre Marleno se coadunava em tudo ao projeto de dom Aureliano, cujo objetivo precípua era aumentar o número de seminaristas. A formalidade não descuidava nem mesmo na hora de confeccionar os uniformes, lembrados como “calorentos”, inadequados ao sertão (ver Figura 09):

O Instituto Santo Cura D'Ars foi ideia dele, pois o padre Marleno tinha muita vontade de preparar o jovem, o adolescente daquela época para seguir a carreira eclesiástica. Como tinha essa preocupação, ele fundou o Instituto na época, ao qual eu tive a felicidade de pertencer, de participar como aluno. A coisa que o padre mais prezava, nessa época, era a disciplina. Disciplina para ele era tudo. Mesmo durante o recreio, e como a gente estudava num local pequeno, não tinha espaço para jogar bola, a gente jogava em frente onde era o mercado público. Nós jogávamos lá e o padre Marleno ia pastorear os garotos. Até no recreio, ele ia observar o comportamento porque ele tinha muita preocupação com relação a isso.

Naquela época, a vida de um garoto era bem diferente da vida de um menino de hoje. O que mais me deixa nostálgico é que nós, alunos do Instituto, éramos verdadeiros amigos uns dos outros, irmãos entre si. Se havia divergência era pouca coisa, logo, logo a gente se reconciliava. Não existia ódio. Nesse tempo havia mais irmandade, mais respeito para com o próximo; éramos educados para ajudar uns aos outros.<sup>794</sup>

---

noite. Foi mandado para Morada Nova, como coadjutor (31/01/1960 a 19/01/1964) e depois nomeado pároco de Jaguaretama (20/01/1964 a 11/01/1982), onde ficou até falecer. Na igreja matriz de Morada Nova há uma placa em sua homenagem, de onde retirei alguns dados aqui mencionados.

<sup>793</sup> Sobre isso, diz o documento:

“I. São deveres dos alunos: 1 – Aplicar a máxima diligência no aproveitamento do ensino ministrado, frequentando com pontualidade as aulas e executando os trabalhos e exercícios que lhe forem prescritos; 2 – Tratar com urbanidade os colegas e com respeito os professores e as autoridades.

II. São consideradas faltas graves: 1 – Ocupar-se durante as aulas, de cousas estranhas a elas; 2 – Deixar de observar as determinações da Diretoria, relativas à disciplina da Escola; 3 – Praticar atos que sejam contrários à fé e aos bons costumes ou excedam os limites da boa educação”. Cf. INSTITUTO SANTO CURA D'ARS. **Caderneta Escolar de Francisco Luiz Castelo Branco**. Curso Primário/ Quarto Ano. Morada Nova, 1963.

<sup>794</sup> CASTELO BRANCO, Francisco Luiz. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 13 de março de 2015.

Então, o padre novo chegou e começou lá movimentar a juventude e para a gente, naquela época, o melhor ensino era o Seminário Diocesano. Foi assim, ele chegou e criou esse Pré-Seminário. Acredito que a ideia tenha sido do próprio padre Marleno, talvez juntamente com o bispo, dom Aureliano, não acho que tenha sido coisa da cidade. Ele fazia como se fosse uma preparação para o Seminário de Limoeiro. Ele alugou uma casa perto do Mercado de Cereais, e lá tinha três classes. Mas não estou lembrado se eram classes do mesmo nível ou se eram níveis diferentes, mas sei que havia idades diferentes.

Na época, para mim, eu quero que você entenda o que eu vou dizer, para mim, padre Marleno era um mito, vamos dizer assim. Hoje, ao parar para pensar, vejo que tinha muita coisa a desejar. Ele nos castrou porque tudo era errado, tudo era imoral, tudo era pecado. Então, na época a gente vivia naquele mundo religioso e não sentia, mas depois a gente viu que, de fato, ele nos castrou.<sup>795</sup>

Os depoimentos são ricos em detalhes e merecem algumas considerações. A primeira dela é a declarada preocupação do padre em cooptar garotos para se prepararem para a carreira eclesial, cuja vocação poderia ser averiguada posteriormente, já no Seminário Menor, como pregava a mentalidade na época. Para “peneirar” a massa adolescente que tinha diante de si, o sacerdote recorria à disciplina, coisa que ele mais “prezava”. No afã de orientar os alunos no “caminho bom” para se tornarem homens de Deus, o padre parece ter cometido excessos ou sido muito rigoroso, “castrando” assim os adolescentes ao ensinar que tudo era pecado, errado e imoral. Confirma-se, também, que a ideia de criar a escola não foi “coisa da cidade”, mas sim dos clérigos, grandes interessados em não deixar o Seminário de Limoeiro fechar. A crise no seminário de Limoeiro repercutiu em toda a diocese, como prova um trecho do livro de atas da Associação das Filhas de Maria de Jaguaribe:

Em seguida, o Revmo. Pe. Diretor, abordando a palestra sobre as vocações sacerdotais, insistiu para que as professoras presentes... procurassem despertar essas vocações entre as crianças... com a oração fervorosa pela sua perseverança, cujo índice é reduzidíssimo, urgindo, portanto, um grande esforço nesse sentido. Falou também sobre o seminário de Limoeiro, a crise que o mesmo vem atravessando pela carência de meios para sua manutenção e seus benéficos frutos devidos ao Revmo. Sr. Bispo Diocesano, D. Aureliano Matos, cuja vida está, há muitos anos, quase exclusivamente devotada a esta beneficente obra espiritual, fonte que tem jorrado padres para muitas paróquias de nossa diocese. Fazendo ver a obrigação que os cristãos têm de trabalhar pela Obra das Vocações, pediu a cooperação em todos os setores das associadas, no sentido de ajudarem o Seminário...<sup>796</sup>

O pároco de Jaguaribe faz um apelo às professoras para que elas incentivem em seus alunos, meninos, a vocação sacerdotal, naquele momento em que o índice dos que prosseguiram na formação clerical era “reduzidíssimo”.

---

<sup>795</sup> CARNEIRO, Pedro Eugênio Guimarães. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 06 de março de 2015.

<sup>796</sup> PARÓQUIA DE JAGUARIBE. **Livro de Ata das Filhas de Maria Imaculada e Associadas de Santa Teresinha**. Jaguaribe, 07 de novembro de 1964, p. 68v.

Ao mencionar o Seminário de Limoeiro, o padre não esconde a situação crítica da falta de recursos, mas exalta os “benéficos frutos” que a instituição tem espalhado pela diocese, ou seja, a provisão de padres para as paróquias. Ao tocar nesse assunto, o sacerdote credita esses frutos ao bispo, cuja vida estaria “quase exclusivamente devotada” a manter o seminário de portas abertas. O discurso do pároco de Jaguaribe legitima o clamor de dom Aureliano – “Não ignoram os nossos Padres as dificuldades que enfrentam o nosso Seminário, embora conte com uma boa direção” <sup>797</sup> – em documento oficial no qual reconhece que os dois grandes problemas que ameaçavam fechar a casa de formação eclesiástica de Limoeiro eram de “ordem espiritual e econômica”.

Tentando injetar recursos na instituição, em 1965, os próprios seminaristas organizaram uma peça de teatro intitulada “O Triunfo da Cruz” e cobraram ingressos, para que a soma angariada fosse repassada à Obra das Vocações Sacerdotais.<sup>798</sup> No ano seguinte (1966), o Cura D’Ars se manteve um tempo sem diretor espiritual, lacuna considerava grave, e a diretoria da OVS precisou ser substituída, acumulando a função o reitor do Seminário, padre Pompeu Bezerra Bessa. Manter os poucos alunos era ainda trabalho difícil, com as ofertas escasseando dia a dia:

Já é sobejamente conhecida a crise por que passam os seminários. E o nosso Seminário Cura d’Ars não ficou isento.

Começou a diminuir o número de candidatos ao nosso seminário. Nos últimos anos, o número de novos candidatos era de 20 a 25. Este ano foi apenas 5.

Por outro lado, angustiante continua a ser sua situação financeira. As contribuições dos alunos, quase sempre de famílias pobres, estão longe de cobrir as despesas. O ano passado [1966], para atender a uma grave situação que poderia levar ao fechamento do seminário por falta de meios para mantê-lo, Mons. Pompeu Bessa, embora com grande sacrifício, teve que assumir as duas funções de Reitor e Diretor da O. V. S. Uma medida de emergência, naturalmente.

Mas o que fazer? Não podemos cruzar os braços. Ademais, a situação não é sem remédios. Nosso povo é possuidor ainda de um grande lastro de fé. **O padre goza de grande conceito.** As famílias desejam ter um de seus membros padre.

O que fazer, então? Tentar novos caminhos para descobrir vocações sacerdotais. Vamos **entrar em contato direto com as famílias cristãs e com os alunos dos estabelecimentos de ensino de grau médio para falar da missão do Padre** no

---

<sup>797</sup> CÚRIA DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE (Ceará). **Circulares, Decretos, Atos, Cartas Pastorais etc.** Livro 02. Circular n.º 90. Limoeiro do Norte, 18 de agosto de 1966, p. 40f. Grifo meu.

<sup>798</sup> SILVA, Meton Maia e. Pasta de recortes de jornais da década de 1960. Fortaleza-CE. A peça estreou no dia 10 de outubro de 1965, no auditório da Escola Normal Rural de Limoeiro do Norte. Segundo a nota, os atores-seminaristas apresentariam sua peça em outras cidades jaguaribanas, para assim aumentar a renda que seria destinada à OVS.

mundo de hoje.<sup>799</sup>

A situação financeira periclitante, com as contribuições das famílias pobres “longe de cobrir as despesas”, era agravada pelo esvaziamento progressivo do alunato. O bispo via, diante dos olhos, a preciosa coluna da religião sofrer um abalo considerável, em razão da falta de seminaristas para povoar sua casa de formação. Não obstante o desalento, ele acreditava no “grande lastro de fé” do povo, para quem o padre ainda gozava de prestígio. Essa segurança do prelado, na verdade, estava sendo questionada pelo próprio povo, já que, a partir do Vaticano II, o padre experimentara um processo de “desacreditamento”, conforme exemplificado páginas acima, no diálogo dos sertanejos sobre o uso da batina. O bispo ainda pensava que, ao entrar em contato com as famílias cristãs e visitar os alunos em seus estabelecimentos de ensino, para falar da “missão do padre no mundo de hoje”, a situação poderia se reverter, o que de fato não aconteceu. Estava difícil cooptar garotos interessados na carreira eclesiástica. Em 1964, o Pré-Seminário de Morada Nova fechou as portas com a saída do padre Marleno para assumir outra paróquia.

O “desacreditamento” da figura sacerdotal, em grande parte, era imputado à própria Igreja, que diluíra a importância original do padre na *práxis* religiosa pós-Vaticano II. Atribuições antes consideradas de exclusiva responsabilidade clerical podiam agora ser “naturalmente” ministradas por leigos, sem que o rito e a sacralidade sofressem descontinuidade, ao menos na visão da Igreja. Para o leigo conservador, todavia, essa transição não se deu tão naturalmente. Para muitos, receber a hóstia das mãos de um leigo, e não do padre, que antes a punha na boca do fiel, passou a ser uma “pedra de tropeço”. Mesmo hoje, muitos ainda se recusam a aceitar o esmaecimento da primazia sacerdotal no manuseio do sagrado e em sua efetiva “transferência”. Para o católico “tradicional”, o sagrado deve ser atingido em escalas: o pecador se dirige ao padre, o padre se dirige aos “santos” e os “santos” se dirigem a Deus. Nessa mentalidade, o presbítero é “o distribuidor dos ritos benéficos, o dispenseiro de coisas sagradas para se obterem favores temporais” (ROLIM,

---

<sup>799</sup> CÚRIA DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE (Ceará). **Circulares, Decretos, Atos, Cartas Pastorais etc.** Livro 02. Circular n.º 95. Limoeiro do Norte, 27 de fevereiro de 1967, p. 47f/v. Grifos meus.

1965, p. 18). Assim, colocar outro leigo, pecador “igual” ao devoto, no lugar do sacerdote quebra toda a mística do sagrado. Se o padre não tinha mais uma função “específica” dentro da intermediação do sagrado, muitos passaram a acreditar que ele não era mais tão necessário, dentro desse novo modelo de Igreja gestado pelo Vaticano II. Talvez numa tentativa de se agarrar ao passado, alguns devotos “optaram” pelo modelo antigo:

Hoje, a Igreja é uma coisa tão esquisita... Tudo é tão diferente do que era... Ave Maria! É muito diferente! Acho que antigamente os padres eram mais padres [risos]. Honravam mais a batina, já que viviam sempre vestidos nela. Hoje, os padres andam todos empalitozados, andam todos assim, como todo mundo.

Ah, outra coisa que acho esquisita é na hora da comunhão. O padre dá a hóstia e a pessoa pega com os dedos para botar na boca. Isso aí eu acho muito esquisito, acho muito estranho. Antes, a gente botava a língua e o padre colocava a hóstia. Agora todo mundo pode pegar na hóstia. Com isso eu não concordo.

Mulher na igreja, sendo ajudante dos padres... Antes, eram os coroinhas os ajudantes. Agora as mulheres todas vão dar comunhão ao povo. Eu acho que está esquisito; não gosto muito disso não. Prefiro como antigamente. Só o padre, com as mãos dele, que estavam ali celebrando aquela missa, aquelas mãos estavam puras, purificadas para pegar naquela hóstia, que era o corpo de Jesus. Eu acreditava, todo mundo acreditava que era o corpo de Deus que estava ali naquela hóstia... Então, só o padre podia pegar!

Sempre pensei que já era muita vantagem receber Jesus hóstia e levá-lo para o coração da gente. Mas então mudaram tudo, agora está mudado e ninguém pode dar jeito [de voltar atrás]. Mas eu, quando vou comungar hoje, eu não boto minha mão, não! Eu abro a boca para o padre botar a hóstia.<sup>800</sup>

Para esta senhora, nascida em 1924, antigamente “os padres eram mais padres”, isto é, o modelo de “sacerdote santo” que ela considera o “certo” ou o “melhor” é o tradicional, aquele que nunca tirava sua batina, nem mesmo dentro de casa, e que se comportava como um “homem diferente”. Era para um padre assim, à moda antiga, que ela se confessava e de cujas mãos “purificadas” recebia, diretamente na língua, a hóstia. Nota-se uma repulsa da depoente em aceitar que o próprio fiel possa tocar na hóstia, bem como uma incompreensão de que a mulher possa ajudar o padre a distribuir a comunhão. Por discordar desse modelo, quando vai à missa e se dirige à eucaristia, sempre fica na fila do padre e só aceita receber dele a hóstia se esta for depositada diretamente em sua boca, sem que ela precise tocar no “corpo de Jesus”. De fato, demoraria um pouco para que o “novo modelo” de padre fosse aceito pelo povo, conforme atesta a elite eclesiástica cearense, já em 1986:

O presbítero, porém, deve se dar conta que houve mudança na sua fisionomia, no

---

<sup>800</sup> TORRES, GERALDA COSTA. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 15 de dezembro de 2012.

seu modo de ser e agir, mudança que ainda continua se processando. [...]

Anos atrás, acentuava-se muito a figura do padre como *mediador* entre Deus e os homens. O padre era uma espécie de santo dos santos. Estava como que situado acima e além do povo cristão. Era alguém “separado”, alguém “colocado à parte”, quase mais anjo do que homem. Era o “Alter Christus”.

Ora, o Vaticano II, privilegiando a imagem de Igreja-Povo de Deus, trouxe outro enfoque. Antes de ser padre, o presbítero é cristão. [...] O presbítero, por isso, não está acima ou além do povo cristão; ele está dentro do povo cristão, faz parte deste povo e com ele caminha na História. [...]

Há poucos anos atrás, e mesmo hoje ainda, o padre era ou é uma espécie de clínico geral. O padre fazia ou faz de tudo. Com a forte entrada dos leigos assumindo o que lhes é próprio na Igreja e no Mundo e, por isso, com o despertar dos ministérios não ordenados, o presbítero deverá especializar-se cada dia mais para assumir certos setores pastorais... Conversão, comunhão, justiça e alegria é missão de cada dia!<sup>801</sup>

O arcebispo de Fortaleza deseja que as mudanças na fisionomia e no modo de ser e agir do sacerdote sejam acatados pelo próprio padre. Além disso, por se tratar de uma mudança de mentalidade, exigida também do povo, o prelado reconhece que a transformação ainda esteja se processando, transcorridos já vinte anos do Vaticano II, visto como o momento histórico que instaurou uma nova ótica na forma de “interpretar” o serviço sacerdotal e mesmo no trato do padre, agora um “homem como outro qualquer”. Essa proposição encontrou resistências na região jaguaribana, onde o povo fora secularmente doutrinado a depender espiritualmente do “senhor vigário”, conforme atesta dom Aureliano em um de seus escritos:

A excessiva concentração das funções religiosas, e até mesmo sociais, nas mãos do Padre, explicável até certo ponto dada a situação de nossa região carente de pessoas capazes de assumir essas tarefas, levou os leigos a transferirem tacitamente para os sacerdotes sua missão específica na edificação do Corpo Místico. Pois não são eles apenas ouvintes da Palavra de Deus, mas portadores também e executores dessa Palavra. [...] Assim, todo leigo, em virtude dos próprios dons que lhe foram conferidos, é ao mesmo tempo testemunha e instrumento vivo da missão da própria Igreja.<sup>802</sup>

Depois do Vaticano II, o leigo foi convocado a assumir a função de “instrumento vivo da missão”, quando durante toda a vida fora instruído de que era apenas uma “testemunha” dessa missão. O padre agora “apenas” apontava o caminho a ser seguido, não mais tomava o leigo pela mão e o conduzia. Assim, era para formar esse “novo” tipo de padre que o bispo dom Aureliano moveu as últimas forças, mantendo o Seminário de Limoeiro aberto com muitas

---

<sup>801</sup> Aloísio Lorscheider (Dom, arcebispo). “A eclesiologia da espiritualidade e da ação do presbítero no Regional Nordeste I”. REGIONAL NORDESTE I (CNBB). **5º Encontro Regional do Clero**. Fortaleza, 1986 (Cadernos Pastorais, 55), p. 13, 14, 16 e 17.

<sup>802</sup> MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **Carta Pastoral (sexta)**: Os dois Jubileus. Limoeiro do Norte: [s.n.], 1965, p. 11.



dificuldades. Quando a casa fechou, em 1969, o prelado já havia falecido. O depoimento de um aluno da época, hoje vigário-geral da diocese, é pontual:

O Seminário começa a tomar uma feição nova. É o tempo das equipes. [...]

Estávamos vivendo a abertura pós-conciliar. Era a renovação para continuarmos vivos. [...]

As novidades continuam em 1967. A turma da 4ª Série não foi para Fortaleza e passou a estudar no Colégio Diocesano. [...]

As aulas todas passaram para o Colégio Diocesano. Ficaram só dois padres conosco [no prédio do Seminário]...

Acentuou-se a participação dos seminaristas nas tarefas de casa, direção, estudos, esportes, limpeza, jardinagem, horta. Ocupamos os quartos do lado da sombra, os dormitórios passaram a ser também local de estudo e o número de estudantes ficou bastante reduzido. A metade do Seminário passou a ser utilizada como Centro de Treinamento Pastoral. [...] Não era possível manter um grande número de estudantes com uma pequena equipe de padres. [...]

O Seminário continuou até o final do ano de 1969. Avaliados os trabalhos e os frutos, o Clero Diocesano achou por bem cerrar as portas do Seminário, com a transferência dos seminaristas remanescentes para outros centros religiosos. Pesou bastante para esta decisão a manutenção financeira e a crise do modelo de educação para o Sacerdócio.<sup>803</sup>

Os “novos tempos” e o “novo tipo” de padre desencadearam uma “crise do modelo de educação para o sacerdócio”, impondo, sobretudo na América Latina, uma transformação considerável na imagem que se tinha dos padres. Mudou-se a mentalidade, com a aceitação coletiva da falibilidade humana, e mesmo a atitude, com a adoção de estilo de vida mais modesto. A despeito de uma maior “aproximação” do presbítero com o povo, isso também provocou uma acentuada crise de identidade, tendo como consequência o abandono do ministério por muitos. “Grande número de seminários menores foram fechados, causando uma inesperada crise de vocações sacerdotais” levando o próprio episcopado latino-americano a “uma crescente desconfiança nas estruturas da Igreja, que chegava ao menosprezo de todo o institucional” (KLOPPENBUG, 2005, p.81).

#### 4.2.3 A nova alteridade para com os protestantes

No sertão, onde o padre sempre fora um “guardião das tradições locais”, ou seja, um homem a quem cabia apenas “continuar fazendo como sempre se

---

<sup>803</sup> ALVES, José Peixoto (Monsenhor, padre). “Novos tempos”. Depoimento. In: CASTELLO BRANCO, João Olímpio e OUTROS. **O Seminário Cura D’Ars ao longo do tempo**. 2. ed. Limoeiro do Norte: [s. ed.], 2013, p. 54-55.

fez”, a proposta do Vaticano II de transmutar o atributo do sacerdote, passando ele a ser um “homem que tem uma mensagem de fé a transmitir” (ROLIM, 1965, p. 15), não pôde ser compreendida de imediato pelo sertanejo, até porque isso já era imputado ao missionário protestante. Parece que isso explica porque, na leitura de muitos, a partir do Concílio, a Igreja Católica começou a dar razão às implicações históricas da Reforma Protestante. Certamente em decorrência dessa maior abertura ao mundo moderno, a implantação de igrejas reformadas na sede do bispado, antes impensável pela vigilância atenta do bispo, tornou-se um caminho mais suave.

Fechou-se o seminário católico e abriu-se o primeiro templo evangélico de Limoeiro, num movimento histórico quase concomitante. A primeira denominação protestante a erguer um templo no centro de Limoeiro foi a Igreja Batista. Em fevereiro de 1962, chegava a Limoeiro do Norte o então evangelista José Francisco de Moraes, enviado pela Igreja Batista de Aracati. O contato com o povo se deu de forma tímida:

Na casa mesmo que alugamos para morar fizemos os primeiros contatos com o povo, lá mesmo começaram as primeiras reuniões. Na primeira reunião apareceram cinco crianças, depois foi aumentando, foi aumentando, foi aumentando. Mas ainda sem frutos. O primeiro fruto veio acontecer no dia 20 de maio de 1962, no terceiro domingo de maio daquele ano, quando um senhor por nome João Lacerda de Alencar, de Limoeiro mesmo, foi a primeira decisão [ao protestantismo]. Praticamente, o trabalho começou naquele dia, já tinha começado oficialmente, mas o primeiro decidido [a abraçar a nova fé] foi ele. Depois apareceram outros.<sup>804</sup>

Percebendo que havia possibilidade de o trabalho reformado prosperar na sede episcopal, a Igreja Batista de Aracati trata de implantar solenemente uma congregação em solo limoeirense, transformando o punhado de novos conversos em uma congregação oficial, atrelada à igreja-mãe em Aracati. Esse ato solene foi devidamente registrado em ata:

Na residência do Ev. José Francisco de Moraes, onde funcionava os Trabalhos de Evangelização, aos (26) vinte e seis de outubro do ano (1963) de mil novecentos e sessenta e três, com a presença do Missionário Dr. Daniel Luper e o pastor Edgar Gomes de Menezes, pastor da Igreja Batista de Aracati, e uma comissão autorizada pela referida Igreja a receber o Trabalho Batista em Limoeiro do Norte, como Congregação daquela Igreja.<sup>805</sup>

Naquele mesmo dia, oficia-se também a profissão de fé dos cinco

---

<sup>804</sup> MORAIS, José Francisco de (Reverendo, pastor). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 18 de fevereiro de 2012.

<sup>805</sup> IGREJA BATISTA DE LIMOEIRO DO NORTE. **Livro de Atas de Sessões**. Limoeiro do Norte, 1963, p. 1f.

primeiros conversos, que passam assim a compor o corpo da ainda Congregação Batista de Limoeiro.<sup>806</sup> Contando com o missionário e sua esposa, tem-se uma igreja com sete membros. No final de 1963, uma reunião começa a aventar a possibilidade de o evangelista responsável pela congregação ser consagrado a pastor, o que seria o primeiro passo para transformar o grupo em igreja independente. Em atas posteriores, observa-se um crescente número de novos conversos, tendo sido o missionário consagrado a pastor. Já em meados de 1965, a congregação solicita da igreja-mãe em Aracati “autorização para o Pastor local batizar e distribuir ceia”.<sup>807</sup> Na reunião de 20 de janeiro de 1966 já se levantava a necessidade que os membros da congregação sentiam de se tornarem autônomos, ou seja, de constituírem uma igreja independente. Essa emancipação se tornaria realidade em fevereiro daquele mesmo ano.<sup>808</sup> A cerimônia de organização da Igreja contou com visitantes de Fortaleza, Aracati e Itapajé (cidade natal de dom Aureliano Matos) e seis novos conversos aderiram à fé reformada naquele mesmo dia. Organizar a Igreja Batista de Limoeiro não encontrou grandes obstáculos porque, de fato, toda a dificuldade vinha se concentrando, desde algum tempo, em comprar um terreno para construir o templo e mesmo em “firmar” os novos conversos, que sofriam uma forte pressão para voltar ao catolicismo. A oposição do bispo seria um muro difícil de transpor:

Havia um mecanismo da Igreja Católica, a minha opositora, para o trabalho evangélico não se firmar, mas nunca ninguém levantou a mão contra a minha

---

<sup>806</sup> São eles: João Lacerda de Alencar, Nelson Soares Freire, Raimundo Tomaz de Aquino, Pedro Fernandes de Oliveira e Francisca Condeuza de Lima.

<sup>807</sup> IGREJA BATISTA DE LIMOEIRO DO NORTE. **Livro de Atas de Sessões**. Limoeiro do Norte, 1965, p. 4v.

<sup>808</sup> Teor da ata de fundação: “Aos 17 dias do mês de fevereiro do ano de 1966, a convite da Igreja Batista de Aracati, estiveram reunidos na cidade de Limoeiro do Norte, a fim de organizar em Igreja a congregação local, os seguintes pastores: Edmar Costa e Silva, pastor da Igreja solicitada; Samuel Munguba, Daniel Luper Vauce Vernon, Raimundo Solon, José Bento de Oliveira, Alcides Rodrigues, João Batista Martins de Sá e José Francisco de Moraes. [...] O Presidente deu início aos trabalhos do concílio às 21 horas... Em seguida, autoriza o secretário ler as cartas demissionárias vindas da Igreja Batista de Aracati. [...] Todos que tiveram seus nomes chamados de pé [vinte e seis pessoas], ouviram o presidente declarar a organização da Igreja, ficando o nome para ser escolhido mais adiante. [...] O Pastor leu a Declaração de Fé das Igrejas Batistas que solenemente foi aceita pela Igreja. [...] Ouviu-se a leitura do Pacto das Igrejas Batistas do Brasil pelo Pastor Edmar Costa e Silva, que foi imediatamente aceito pela Igreja recém organizada. [...] Seis pessoas aceitaram Cristo como salvador. É escolhida pela congregação o nome da novel Igreja que ficou assim conhecida: Igreja Batista de Limoeiro do Norte. [...] O Presidente após dar posse a nova diretoria agradece a presença de todos os irmãos da Capital e das cidades de Aracati e Itapajé. [...] A sessão foi encerrada com uma oração pelo pastor José Bento de Oliveira”. IGREJA BATISTA DE LIMOEIRO DO NORTE. **Livro de Atas de Sessões**. Limoeiro do Norte, 1966, p. 7f/v e 8f.

integridade física. O mecanismo era este: impedir a compra de terreno para que o trabalho não se firmasse, não se construísse templo. E também conspirar as pessoas que nos procuravam, tentando desviar a mente, mudar a mentalidade do povo. A pessoa vinha, nos procurava, muitos se decidiam [aderiam ao protestantismo], mas já no outro dia eles iam e tiravam tudo da pessoa, para que ela não se firmasse. Era esse o mecanismo.

Nós chegamos a fazer dezesseis tentativas de comprar o terreno do templo. A gente até comprava o terreno, mas na hora de passar a escritura, vinha a história de que havia herdeiros. Eu não sabia se era verdade, mas a escritura era impedida e o negócio, desfeito. Foram dezesseis tentativas. Então, nós utilizamos um advogado filho de um pastor de Recife. Ele veio, comprou o terreno em nome dele, passou a escritura para o nome dele e depois nos vendeu pelo mesmo preço. Foi a forma encontrada de romper o esquema do bispo.<sup>809</sup>

#### Um padre também confirmou o “esquema do bispo”:

Bem, dom Aureliano foi um grande defensor da Igreja Católica e tentou impedir, enquanto pôde a entrada de evangélicos. Quando ele sabia que havia algum pastor querendo comprar terreno para construir uma igreja, ele mandava uma pessoa na frente e comprava aquele terreno. Era assim, do tipo decidido e com isso deu muita ajuda às paróquias do Vale do Jaguaribe.

Dom Aureliano já estava em Limoeiro quando a Igreja Batista tentou se situar na cidade, mas o bispo fez de tudo para que ninguém vendesse terrenos. Assim, eles demoraram um pouco, mas depois conseguiram se situar e hoje há mais de vinte denominações evangélicas diferentes, somente em Limoeiro. Ande pela cidade e você pode se deparar com dois, três templos na mesma rua. Então, eu me pergunto: será que todas essas igrejas querem mesmo divulgar o evangelho de Jesus Cristo ou será que há uma motivação comercial por trás? Isso eu questiono sem me fundamentar em tentativa ou direito de perseguir a liberdade religiosa.<sup>810</sup>

Dom Aureliano parecia acreditar que, enquanto não houvesse um templo erguido na cidade, a fé reformada não encontraria terreno apropriado para germinar, quase como se a mentalidade protestante fosse mais fácil ser vencida enquanto ainda não existiam espaços de memória. A concretização da fé reformada era confundida, assim, com a própria materialidade do templo, já que, em questão de mentalidade, o clero pareceu obter sucesso ao demover os neófitos de sua decisão, conforme mencionou o pastor em seu depoimento. Mesmo depois de comprado o terreno, construído o templo, o bispo procurou “vigiar” o que se fazia dentro da igreja protestante:

No dia da inauguração do templo, houve uma grande festa e, como presente, a Rádio Vale do Jaguaribe nos deu a cobertura do culto. A rádio veio para dentro do templo e transmitiu toda a nossa programação, coroando a chegada da Igreja Batista em Limoeiro. Eu não sei se é verdade, mas ouvi dizer que onde estava o bispo mandou sintonizar a Rádio Vale para ouvir o que nós estávamos fazendo lá no templo. Dizem que ele ouviu tudo!<sup>811</sup>

---

<sup>809</sup> MORAIS, José Francisco de (Reverendo, pastor). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 18 de fevereiro de 2012.

<sup>810</sup> PITOMBEIRA, Francisco de Assis (Reverendo, padre). Entrevistas concedidas em Limoeiro do Norte-CE em 05 de janeiro e 13 de fevereiro de 2010.

<sup>811</sup> MORAIS, José Francisco de (Reverendo, pastor). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 18 de fevereiro de 2012.

Note que todo esse entrevero aconteceu durante o Concílio Vaticano II. Conforme confessaria ao seu clero, dom Aureliano não conseguiu compreender bem o Vaticano II, nem mesmo o novo olhar proposto sobre os protestantes. A partir de então, os evangélicos não deviam mais ser considerados “hereges” ou “irmãos desgarrados”, mas apenas “irmãos que pensam de modo diferente”. Nesse sentido, passos iniciais seriam tomados somente pelo segundo bispo, dom José Freire Falcão, tendo já o exemplo do arcebispo de Fortaleza, dom José Delgado. Ainda em meados dos anos de 1960, esse arcebispo sentou com pastores batistas objetivando “superar as divergências entre as Igrejas”.<sup>812</sup> Em Limoeiro, todavia, os protestantes ainda tiveram que lutar contra a mentalidade conservadora do primeiro bispo. Assim, sob um novo olhar de tolerância, mas também contornando o conservadorismo de dom Aureliano, o movimento batista conseguiu se firmar na sede do bispado jaguaribano, onde iria fomentar, juntamente com outros agentes, a transformação definitiva na face da cidade, ponto que será retomado no próximo Capítulo.

O longo processo de inserção do protestantismo em Limoeiro acabaria por se consolidar com a “invasão” da cidade, já na década de 1990, por uma variada gama de denominações protestantes, cujos “propósitos evangelizadores” são questionados pelo padre Pitombeira. A vitória do protestantismo na antes blindada sede diocesana é parte, na verdade, das ações de esgarçamento do tecido das “cortinas do tabernáculo da fé” concebido pelo bispo. Essa edificação espiritual conseguiu resistir bem ao primeiro e ao segundo decênios de vigilância do bispo, mas iniciou, na década de 1960, um movimento de desgaste que promoveu um “afrouxamento” das tradições cristãs e condicionou, em suma, a vitória do projeto secularizador da elite limoeirense.

---

<sup>812</sup> O *Nordeste*, 30 de março de 1964, p. 1. Diz o jornal: “Em dia da última semana, Dom José Delgado, arcebispo metropolitano, retribuindo visita de representantes da Junta Executiva da Convenção Batista Cearense, esteve em contato amistoso com os pastores das Igrejas Batistas de Fortaleza, dentro do espírito do Concílio Ecumênico. Foram trocadas ideias sobre os resultados da segunda fase do Concílio, oportunidade em que Dom José salientou a importância que trouxe para a aproximação das Igrejas Cristãs [a] presença de pastores protestantes naqueles trabalhos. Desses encontros, outros surgirão, para o objetivo de superar as divergências entre as Igrejas, que somente agora estão sendo estudadas”.

### 4.3 O vento da mudança no Vale: a transição de bispos

Se a década de 1950 foi marcada por grandes eventos religiosos, conforme visto no Capítulo anterior, a década de 1960 seria caracterizada por grandes eventos cívicos, estudantis e comemorativos (efemérides). A partir da segunda metade desse decênio e toda a década seguinte, a espetacularização das paradas estudantis do Sete de Setembro, celebrando a independência do Brasil, levaria milhares de estudantes às ruas, em fardas de gala e portando todo um aparato de demonstração do orgulho de ser brasileiro. O caráter militarizado desses eventos se justifica muito em função de agradar o regime militar que cerceou as liberdades civis a partir de 1964. No Vale do Jaguaribe, na segunda metade da década de 1960, destaca-se a realização dos jogos estudantis jaguaribanos, chamados à época de Olimpíadas, numa celebração à saúde do corpo. Um resumo desse evento:

1. I Olimpíadas Estudantis Jaguaribanas: com abertura oficial em 05 de setembro de 1965, congregou em Limoeiro do Norte dez delegações de estudantes do Vale, além de autoridades de todo o Estado, inclusive o governador Virgílio Távora. O bispo também se fez presente, “abençoando” aquele evento esportivo organizado pelo padre Francisco de Assis Pitombeira e pelo radialista José Nilson Osterne.<sup>813</sup> Imponente desfile pelas ruas da cidade impôs-se como marca registrada do evento;
2. II Olimpíadas Estudantis Jaguaribanas: novamente sediadas em Limoeiro, com abertura oficial em 05 de agosto de 1966, inaugurando-se a quadra de futebol de salão do Ginásio Diocesano. O aspecto militarizado do evento fica demonstrado claramente quando o governador (um coronel do Exército) “passa em revista” as equipes estudantis perfiladas em frente à catedral diocesana.<sup>814</sup> A cidade-sede se sagra campeã, pela segunda vez;
3. III Olimpíadas Estudantis Jaguaribanas: sediadas agora em Morada Nova, a “terra dos vaqueiros”, entre 26 e 30 de setembro de 1967. O desfile das delegações pelas ruas da cidade-sede continua emblemático, promovendo uma estesia espartana na população sertaneja, bem ao gosto do regime militar;
4. IV Olimpíadas Estudantis Jaguaribanas: realizadas em Jaguaribe, entre 08 e 15 de novembro de 1968, o evento impactou a cidade também em razão do desfile dos estudantes pelas ruas, um espetáculo considerado cívico, patriótico e fulcral para manter a juventude longe de coisas degradantes (como o vício) e subversivas (como a

---

<sup>813</sup> PITOMBEIRA, Francisco de Assis (Reverendo, padre). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 20 de julho de 2010.

<sup>814</sup> *Correio do Ceará*, 09 de agosto de 1966, Seção “O Interior em Revista”.

doutrina marxista). Em um único evento, reunia-se a nata da mocidade jaguaribana para celebrar o esporte, a saúde, o próprio corpo;

5. V Olimpíadas Estudantis Jaguaribanas: voltando à sede do bispado, realizado entre 11 e 17 de outubro de 1969, o evento e a cidade ganharam a escultura de uma “deusa olímpica”, pelas mãos de Márcio Mendonça, célebre artista natural de Limoeiro, posta no centro de uma rotatória da avenida principal da cidade. Posteriormente, na década de 1980, a deusa seria destronada para ceder lugar à estátua de dom Aureliano Matos, talhada pelo mesmo escultor. A cidade secularizada erguia um monumento de nostalgia ao primeiro bispo, ao “criador” da Limoeiro moderna.

Como se vê, a realização de competições esportivas entre os estudantes cumpria os objetivos do regime militar de manter a juventude afastada de movimentos subversivos e de forjar entre as populações um orgulho de ser brasileiro (ver Figura 13), em cultuar o corpo e a saúde, em aproveitar o momento de “paz e segurança” do país, “conquistas” asseguradas pela presença dos militares no poder. Dom Aureliano, como um prelado conservador, alinhado ao regime em função de suas relações com o coronel Virgílio Távora, governador do Ceará (1963-1966), avesso ao comunismo, foi um incentivador de tudo isso (ver Figura 12), não obstante acreditar que cultuar o corpo de nada adiantaria se não houvesse, antes de tudo, uma submissão do homem à vontade de Deus. Conforme ficou explicitado na análise de suas cartas pastorais, o espírito humano deveria ser o principal alvo de atenções da Igreja, parâmetro que o prelado procurou colocar em prática efetivamente com a criação de seu tabernáculo da fé. O processo de esgarçamento das cortinas da tradição cristã, contra o qual o bispo tanto lutara nas décadas anteriores, foi acompanhado por dom Aureliano tanto de forma pontual, na aceitação da dança, por exemplo, como de modo estrutural, nas mudanças desencadeadas pelo Vaticano II.

#### **4.3.1 O fim de uma era: últimos anos de dom Aureliano**

Não obstante as contrariedades, dom Aureliano encerrou seu bispado com notáveis festividades, isto é, com duas celebrações importantes que marcaram a história de Limoeiro: bodas de ouro de ordenação sacerdotal (1964) e bodas de prata de sagração episcopal (1965). Em fins de novembro de 1964, celebraram-se os cinquenta anos de ordenação sacerdotal do bispo

de Limoeiro. O presbiterato fora recebido das mãos do então arcebispo de Fortaleza, dom Manuel da Silva Gomes, em 30 de novembro de 1914 (XAVIER, 1989). Em 1964, as cerimônias constaram de alvorada festiva (4h30min), missas em ação de graça, celebradas ao mesmo tempo em todas as igrejas da cidade (6h), homenagem do clero e do Seminário (10h), banquete (12h), homenagem das paróquias (15h), solene pontifical (17h30min) e sessão magna (20h30min).<sup>815</sup> O bispo também foi homenageado numa sessão solene na Assembleia Legislativa do Ceará, em 28 de novembro, que contou com a presença do próprio governador Virgílio Távora e de autoridades civis e militares, “além de grande número de convidados especiais”.<sup>816</sup> No ano seguinte, celebraram-se os vinte e cinco anos de sagração ou ordenação episcopal, ocorrida em 29 de setembro de 1940. Na ocasião das bodas de prata, as festas demoraram quatro dias, tendo dom Aureliano celebrado missas na penitenciária, na capela do cemitério e em seis bairros diferentes da cidade, sempre rodeado de crianças, de quem recebia honrarias (ver Figura 14). Também em homenagem ao prelado foi realizado o Dia do Ancião no Patronato Santo Antônio dos Pobres, quando os idosos assistidos pela Cáritas puderam prestar honras ao seu bispo (ver Figura 15).

Por fim, durante essas celebrações pelos vinte e cinco anos de seu episcopado, dom Aureliano lançaria sua última carta pastoral, intitulada *Os Dois Jubileus*,<sup>817</sup> destinada ao clero e aos fiéis da diocese. O objetivo do documento: “ser o desabafo da grande emoção que experimento ao atingir um quarto de século como bispo da Santa Igreja de Deus” (p. 5), lembrando que apenas dez meses antes celebrara em Limoeiro o cinquentenário de sua ordenação sacerdotal. Segundo ele, tais celebrações o deixaram “esmagado e confundido”, razão pela qual ele convida clero e rebanho para, prostrados diante de Deus, render um hino de ação de graças. Dom Aureliano diz que seria descabido pretender com a carta pastoral “afastar o véu que encobre meu obscuro episcopado” (p. 5), mas, citando um documento da Igreja, parece se alegrar por ter cumprido seu papel: “com o exemplo de sua vida [os bispos]

---

<sup>815</sup> ÁUREO JUBILEU SACERDOTAL DE D. AURELIANO MATOS E ABERTURA DO ANO CENTENÁRIO DA PARÓQUIA DE LIMOEIRO DO NORTE. Limoeiro do Norte, [s.n.], 1964.

<sup>816</sup> *O Nordeste*, 02 de dezembro de 1964, p. 6.

<sup>817</sup> MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **Carta Pastoral (sexta): Os dois Jubileus**. Limoeiro do Norte: [s.n.], 1965. Todas as referências seguintes são dessa carta.



devem edificar aos quais presidem, preservando seus costumes de todo o mal” (p. 6). Sua missão de preservar os bons costumes e afastar o secularismo da região foi bem-sucedida em um quarto de século. A própria Igreja o incumbira disto: governar a diocese com “conselhos, exortações e exemplos, mas também com autoridade e com sacro poder” (p. 6 e 7). Ao tocar no conceito de poder, o bispo faz uso de sua interessante metáfora do cajado posto em mãos enluvadas, sobre a qual já tecemos considerações no Capítulo 3. Fazendo isso, parece querer legitimar o uso da autoridade com a qual, durante vinte e cinco anos, regeu os destinos da diocese jaguaribana sem grandes sobressaltos de questionamento e rebeldia. Ao obedecer ao seu pastor, o rebanho assim “acertara sempre”, tolerando com amor os erros do governante. Em função da nostalgia despertada por essas considerações, o bispo faz um rápido histórico de sua atuação na diocese:

O Pastor não conhecia o rebanho, nem o rebanho o Pastor. [...] Sabia eu apenas que estava no meio de um povo simples, hospitaleiro e bom, o qual conservara com zelo e carinho o rico tesouro de sua fé. Sabia que minha diocese abrangia a região por onde penetrara primeiro a civilização em nosso Estado, subindo pelo rio Jaguaribe – a primeira estrada dos pioneiros em busca dos nossos sertões. [...]

Do pastor nada sabiam os filhos desta região; pois o bispo, que aqui chegara, era até pouco tempo um obscuro vigário do interior cearense e outra aspiração não alimentava a não ser a de continuar como vigário do sertão (p. 8).

Ao relembrar sua pastoral no Vale do Jaguaribe, dom Aureliano recorda que, antes dele e junto com ele, militaram diversos “virtuosos sacerdotes”, cujos nomes são citados, em número de onze, vigários que pertenceram a cidades como Aracati, Russas e Limoeiro.<sup>818</sup> Segundo o antístite, a dívida dos jaguaribanos para com esses vigários era imensa, pois nada existiria na zona sem a “marca da ação benfazeja do sacerdote” (p. 9). Ele também menciona o nome de bispos e arcebispos que o teriam inspirado: dom José Tupinambá da Frota (Sobral), dom Francisco de Assis Pires (Crato) e dom Manuel da Silva Gomes e dom Antônio de Almeida Lustosa (arcebispos de Fortaleza). De do Manuel, dom Aureliano não esquecera que recebera a indicação ao episcopado, ordenado padre e sagrado bispo num intervalo de apenas vinte e cinco anos. Ao dirigir os olhos ao passado, o prelado jaguaribano considerava

---

<sup>818</sup> Os sacerdotes citados, nesta ordem, são: Bruno Figueiredo, Agostinho Santiago, Lino Deodato de Carvalho, Zacarias Ramalho, Joaquim de Menezes, Bandeira Acioli, Otávio Santiago, Raimundo de Castro e Silva, Miguel Xavier de Moraes, Aloísio Ferreira Lima e José Terceiro de Sousa.

desnecessário trazer à tona o conjunto de suas realizações, por ter sido “tão pouco” e “já conhecido de todos”. Assim, prefere estender os olhos ao futuro, examinando o que deveria ser feito a partir de então. Antevendo a vitória do secularismo em sua diocese, lamenta o que passou a vida inteira temendo: o afrouxamento dos costumes, o esgarçamento do tecido que cobria o tabernáculo concebido por ele:

Bem pouca é a influência sobre a vida moral e social da comunidade de uma religião mais tradicionalista que consciente. Decaem os costumes. E a própria decadência moral é justificada como consequência inevitável do progresso humano. A vida social vai, assim, desenvolvendo-se à margem do Evangelho.

Por outro lado, a religião passou a ser entendida, quase que unicamente, em função do templo e não da vida integral do homem e da comunidade. As nossas igrejas e capelas polarizam a vida religiosa em detrimento de sua vivência no lar, na vida social, profissional e política. Muitos limitam sua vida religiosa à participação dos atos litúrgicos, oficiados nos templos. Como se a religião ficasse no Templo e não os acompanhasse em e pôr toda sua vida.

E, assim, vai-se à igreja mais por hábito do que por profunda convicção religiosa. E, até há pouco [antes do Concílio Vaticano II], os cristãos portavam-se no Culto Divino como estranhos, sem participarem consciente, ativa e plenamente dos mistérios da salvação, não auferindo assim, em abundância, os benefícios espirituais para sua vida (p. 10).

Segundo o bispo, essa experiência tradicionalista da religião abalava a vivência da mensagem do Cristo, sua encarnação na vida dos católicos, o que era uma ameaça à própria essência da religião, que estaria assim cindida em duas esferas estranhas uma à outra: o que se pregava e o que se vivia. Essa falta de convicção pessoal dos valores cristãos abalava a coluna da religião, conforme tratado no Capítulo 2, ameaçando ruir o projeto do bispo tão duramente concretizado em meio século. As reflexões tecidas pelo prelado estão amparadas nas proposições do Vaticano II, o que levanta novamente a hipótese de que esta carta também tenha sido revisada ou parcialmente escrita pelo padre José Freire Falcão, especialista no assunto. Dom Aureliano não tinha conhecimento aprofundado de documentos como *Lumen Gentium* para mencioná-lo com tanta propriedade. Mesmo tendo sido seu secretário que finalizou a carta, percebe-se que o bispo estava ciente dos graves problemas desencadeados pelo projeto modernizador implantado na região e conscientemente escolhido pela elite de Limoeiro e mesmo pelo povo, ávido por novidades e também por sair de seu secular estado de isolamento.<sup>819</sup>

---

<sup>819</sup> Dom Aureliano encerra sua carta com uma série de agradecimentos ao clero secular e regular, às freiras residentes na diocese, aos “estremecidos seminaristas” e, finalmente, aos

A liberdade com que transitava entre os políticos é lembrada pelo bispo na forma de agradecimentos, sobretudo ao governador Virgílio Távora, que sempre agraciara o prelado jaguaribano com favores. A Faculdade de Filosofia, decantado presente do governador a dom Aureliano, teria sido o maior deles, e o último, já que nem mesmo o bispo veria sua ideia se tornar realidade concreta. Ainda durante os preparativos para “tirar a faculdade do papel”, o antístite seria acometido pela enfermidade que o prostraria e o levaria para a eternidade. Muito ativo, poucos dias antes de adoecer o prelado ainda se fazia presente em eventos, como na cavalgada de vaqueiros pelo centro de Limoeiro (ver Figura 17). O médico que cuidou do bispo em seus últimos dias de vida testifica:

Quando foi no final de julho de 1967, por volta das sete horas da manhã, me chamaram com urgência no Palácio Episcopal porque dom Aureliano estava passando mal. Cheguei lá e ele estava sem pressão, pressão arterial em zero, num quadro clínico de infarto do miocárdio. Fiquei preocupado e disse para a família: Seria bom removê-lo para Fortaleza, pois tudo indica que o quadro é grave, um infarto é sempre imprevisível. Mas disseram: “Ele quer que faça tudo aqui!”

Assim, foi feito o eletrocardiograma em Limoeiro mesmo e deu realmente que ele estava com infarto agudo um pouco extenso. Então, fiquei acompanhando clinicamente, dia e noite, e tudo ia bem. Depois de uns vinte dias, o infarto estava praticamente cicatrizado, mas eu continuava dizendo à família que o quarto do bispo não era o local ideal para tratar um caso desses, caso de UTI, onde se poderia controlar a resistência pulmonar. O próprio bispo quando melhorou disse que não queria sair de casa. Ele tinha um problema respiratório antigo e foi esse problema que acabou se agravando, era quase uma pneumonite aguda. E foi ela que agravou o quadro do infarto que já estava quase sanado.

Consequentemente, o bispo veio a óbito no dia 19 de agosto de 1967. Eu fiquei inconformado porque nenhum médico quer perder o paciente, mas foi mesmo inevitável. O que acho mais interessante desse caso é que nesse mesmo dia, em pleno verão, mesmo sem nuvens, o céu se fechou de repente, nebulou e choveu bastante na tarde. Foi assim como se fosse uma coisa de Deus! Foi assim que ele passou para a outra vida.<sup>820</sup>

Outra visão dos últimos dias do bispo pode ser encontrada no livro de tombo da paróquia de Limoeiro:

---

“amados diocesanos, sem cor social, religiosa ou política”. Todos eles teriam sido “autênticos e providenciais cirineus” do episcopado (MATOS, 1965b, p. 13). Assim, o prelado divide a honra de ter carregado “pedras para a construção do templo de Deus nas almas” (p. 13). Por fim, reconhece que os “frutos sazonados da vinha do Senhor” também devam ser agradecidos aos poderes “Judiciário, Legislativo e Executivo de nosso Estado”: “Desejo especialmente salientar as homenagens que me foram prestadas pela Assembleia Legislativa, na decorrência de meu jubileu sacerdotal [1964], bem assim as cortesias e favores do governo do Coronel Virgílio Távora, patrono de nossa futura Faculdade de Filosofia. Recebam igualmente todas as autoridades civis e militares desta diocese a minha palavra de agradecimento pelas atenções a mim dispensadas” (p. 13).

<sup>820</sup> ROCHA, Álvaro de Oliveira. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 08 de outubro de 2014.

Após uma dolorosa doença de mais de 20 dias, faleceu nesta cidade D. Aureliano Matos, primeiro bispo residente. Não só a sede do bispado, mas todo o Vale Jaguaribano sentiu profundamente a morte daquele que por 26 anos dirigiu santa e sabiamente os destinos espirituais desta região.

Todos os esforços foram envidados pela recuperação da saúde do Sr. Bispo, mas Deus não o permitiu para que tenhamos, talvez, no céu um protetor.

Morreu D. Aureliano como um justo.

O falecimento se deu no dia 19 de agosto às 21 hs. Depois de revestido dos paramentos sagrados foi colocado em câmara ardente na capela do palácio. Durante a noite, celebraram o sacrifício da missa em sufrágio de sua alma, D. Vicente Matos, Mons. Pompeu Bessa, Pe. Célio Conrado, Pe. Jair Gonçalves, Pe. Mauro Monteiro, Pe. Francisco Santos dos Reis e Pe. Mariano Matos. Incalculável o número de fiéis que visitaram o esquife na Capela de S. Miguel.

O sepultamento se deu às 16 horas.

Vieram representantes do Sr. Arcebispo e do Governador do Estado, respectivamente D. Raimundo e o coronel Libório. Quase todos os sacerdotes diocesanos estiveram presentes com delegações das paróquias. Compareceram ainda D. José Mauro, vários sacerdotes de Fortaleza e outras autoridades civis e militares.

Limoeiro em peso assistiu às cerimônias do enterro. A catedral não comportou a terça parte da multidão que se deslocou em procissão da capela do palácio.

A missa exequial foi concelebrada por D. Vicente Matos, D. José Freire Falcão, D. Raimundo, D. José Mauro, Mons. Pompeu, Pe. Mariano e Pe. Heitor Montenegro. Conforme o Direito Canônico, o túmulo do Sr. Bispo de saudosa memória se encontra na capela do Coração de Jesus, na catedral desta cidade.

Descanse em paz.<sup>821</sup>

Como se vê, o funeral do antístite levou a cidade “em peso” a comparecer à catedral, onde uma multidão estava dentro da igreja, e outra maior ainda fora, já que nem todos conseguiram entrar. Um jornal cearense relatou os momentos finais do prelado limoeirense e seu funeral:

Até o momento final, dom Aureliano conservou-se lúcido, recebendo e agradecendo visitas, o que é de admirar em tais casos. Seu passamento se deu exatamente às 21 horas. Rodeavam seu leito de morte o médico Álvaro Rocha, suas sobrinhas e filhas de criação, dona Angelina Montenegro e Ritinha Costa; seus sobrinhos sacerdotes padres Mariano Matos e Heitor Montenegro e ainda 2 bispos, dom Vicente Matos (também sobrinho do prelado) e dom José Freire Falcão, sucessor do extinto bispo.

Sua agonia não foi longa e morreu sereno, como sempre foi em vida. [...]

Carregado por familiares, por representantes da Assembleia Legislativa – deputados Franklin Chaves e Manuel de Castro – e pelo Cel. Libório Gomes, representante do Governo do Estado, o féretro deixou a capela do palácio episcopal de Limoeiro do Norte às 16 horas e rumou para a igreja mãe da Diocese, num silêncio impressionante. Segundo a expressão de alguém, “ouvia-se o crescer das unhas”. Uma enorme multidão portava-se por onde devia passar o cortejo fúnebre, tendo nos olhos uma sombra de tristeza e dor.<sup>822</sup>

---

<sup>821</sup> PARÓQUIA DE LIMOEIRO DO NORTE. **Livro de Tombo**: Segundo. Limoeiro do Norte, 1967, p. 39f/v.

<sup>822</sup> *O Povo*, 21 de agosto de 1967, p. 2.

Um depoente, na época garoto, recorda que o pai o levou para participar das cerimônias fúnebres do primeiro prelado de Limoeiro:

Eu tinha 10 anos e meu pai me trouxe, lá de São Raimundo, onde morávamos, na garupa de uma bicicleta, para assistirmos aos funerais. Ao chegarmos ao Palácio, ainda cedo daquela tarde, pelas três horas, creio eu, meu pai me postou em cima de um pequeno parapeito, no salão de entrada, de onde eu podia ver o esquife com o corpo do Bispo, imagem essa que nunca deixou de ser nítida em minha mente. Mais tarde, por volta de 17h, deu-se início ao cortejo fúnebre e nós, eu e meu pai e mais uma grande multidão de pessoas comuns, seguimos o séquito em silêncio, evidentemente longe das autoridades, até chegar à Catedral, onde se deu o sepultamento. A grande multidão mostrava o quanto o falecido era admirado! São passagens da vida que não esquecemos nunca.<sup>823</sup>

Findava-se assim o reinado do primeiro bispo jaguaribano e, com ele, o projeto de transformar o vale, e especialmente a sede do bispado, em um tabernáculo de fé que preservasse os bons costumes e as tradições católicas do povo. Fim da era pautada nos princípios do ultramontanismo, fim do modelo de conduzir as almas brandindo um cajado de ferro em mãos enluvadas.

#### **4.3.2 O começo de uma nova era: primeiros anos de dom Falcão**

O bispo sucessor, dom José Freire Falcão, coadunando-se às determinações do Vaticano II, assumiu na diocese de Limoeiro um novo projeto, cujo principal objetivo era retirar o laicato do estado de letargia e apatia em que vivia, despertando nele o desejo de assumir o protagonismo que séculos e séculos de dependência sacerdotal haviam enterrado em profunda camada de comodismo e alienação. A última carta pastoral de dom Aureliano Matos contém um fragmento que explica como esse projeto deveria ser assumido. Certamente, esse fragmento foi escrito pelo bispo sucessor, a quem tinha sido imputada a tarefa de corrigir o texto, dando-lhe uma feição mais condizente com as determinações do concílio ecumênico que desencadeou mudanças na forma de ver e ser Igreja.

O novo projeto para a região jaguaribana lamentava ser a fé do povo ainda imatura, infantil. Não obstante ter tido tempo hábil para se tornar forte e adulta, essa fé infantilizada do povo não acompanhava o desenvolvimento econômico e social da região, o que provocava um descompasso entre o ser e o ter, ameaçando a própria religião: “Tudo evoluiu, menos a fé de seu povo. Fé

---

<sup>823</sup> FREITAS, Maurilo Maia de. Entrevista concedida via e-mail, enviado de Limoeiro do Norte-CE em 25 de agosto de 2015.

tradicional, sem profundas raízes. Essa defasagem entre o desenvolvimento do país e a fé de seu povo leva muitos a crerem que a Igreja é uma instituição já superada”.<sup>824</sup> Nesse ponto, o projeto sugere a adoção de uma nova pastoral, atualizada, capaz de atingir a “plenitude do homem” e de solucionar seus problemas de forma global, sem seccionar o humano em corpo e espírito. Essa “pastoral de conjunto” certamente iria encontrar resistência nos conservadores, mas se impunha como “missão recebida do Senhor”. Agora, o “cajado de ferro em mãos enluvadas” não fazia muito sentido, era uma figura deslocada no tempo:

O pastoreio será menos uma função do cajado do que a persuasão do amor, objetivando conscientizar a fé dos cristãos. Será menos a apresentação dos fulgores de nossa augusta e santa religião, de seus triunfos no passado, de suas realizações artísticas, imortalizadas nas grandes Basílicas e Catedrais, do que um incisivo convite a uma participação íntima em seus mistérios. Seria vão contentar-se com a contemplação de seu brilho exterior, se não procuramos levar os homens a compreendê-la e vivê-la em sua realidade profunda.<sup>825</sup>

O segundo bispo procurou seguir o novo projeto. Uma das primeiras ações de dom Falcão foi convocar um encontro com sacerdotes, religiosos e leigos “mais diretamente responsáveis”, para efetivo planejamento da ação pastoral no ano seguinte a sua posse, 1968. Em cinco dias de encontro (de 10 a 14 de dezembro de 1967), foi elaborado um plano de ação que priorizou quatro setores de atividades, assim especificados: promoção humana (ação social), evangelização, apostolado leigo e participação na liturgia.<sup>826</sup> Essas eram as novas colunas que se impunham à diocese jaguaribana. Em sua primeira visita pastoral à paróquia de Limoeiro, sede do bispado, em março e abril de 1968, o novo prelado já procurou os frutos de seu planejamento.<sup>827</sup> O

---

<sup>824</sup> MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **Carta Pastoral (sexta)**: Os dois Jubileus. Limoeiro do Norte: [s.n.], 1965, p. 12.

<sup>825</sup> MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **Carta Pastoral (sexta)**: Os dois Jubileus. Limoeiro do Norte: [s.n.], 1965, p. 12.

<sup>826</sup> CÚRIA DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE (Ceará). **Circulares, Decretos, Atos, Cartas Pastorais etc.** Livro 02. Circular n.º 1. Limoeiro do Norte, 07 de outubro de 1967, p. 52v, 53f/v e 54f.

<sup>827</sup> Diz o prelado: “Em todas essas visitas e em todos esses encontros e contatos, procurei inteirar-me dos problemas econômicos, sociais e religiosos do povo, dirigindo a cada grupo, a cada classe, a cada meio, uma palavra de estímulo e de reflexão à luz da mensagem evangélica. [...] No término desta visita, apraz-me, nesta ata, registrar minha admiração pelo trabalho que se faz, nesta paróquia, para renovar e dinamizar os métodos pastorais: 1º) De primordial importância pastoral é, sem dúvida, o esforço que se faz para criar autênticas comunidades de base, na zona rural, através de clubes associativos, de círculos bíblicos e da celebração do Dia do Senhor. Comunidades voltadas, não só para o culto, mas igualmente, para os problemas de promoção humana; 2º) Vale ressaltar, de modo particular, a multiplicação em toda a paróquia, na sede e no meio rural, de círculos bíblicos, dirigidos por estudantes,

bispo também visitaria outras paróquias, tão logo assumiu o cargo. Em fins de 1967, com menos de um mês empossado, dom José Freire Falcão visitou a paróquia de Tabuleiro do Norte, administrada pelo sobrinho de dom Aureliano Matos, padre Heitor de Matos Montenegro, onde deixou anotações:

Durante minha estada em Tabuleiro do Norte, visitei muitas famílias, as autoridades locais e o **pastor da Igreja Pentecostal**.

Encontrei-me com as associações religiosas e com os casais. [...]

Merece especial registro, nesta ata, a **escola paroquial para alfabetização de adultos**, instalada pelo vigário – Pe. Heitor de Matos Montenegro.<sup>828</sup>

Os investimentos que se faziam na formação do leigo eram motivo de elogio, caso da escola criada pelo padre para alfabetizar adultos. Um adulto alfabetizado era potencialmente um leigo mais consciente de sua função dentro da Igreja. O bispo fica bastante satisfeito com sua visita, não obstante ocultar o fracasso do contato que teve com o pastor pentecostal da Assembleia de Deus. Adotando a proposição do Vaticano II que pretendia diluir as grandes diferenças entre as Igrejas Católica e Reformada, o prelado limoeirense visita o pastor pentecostal, mas não obtém nada de concreto, como testemunhou um presbítero daquela igreja:

Eu estava na casa do pastor nesse dia, era o pastor Francisco Alves. O bispo chegou, mas a conversa foi muito pouca. O bispo veio visitar o pastor e falou em fazer uma unificação de crentes com católicos, mas o pastor não cedeu nada. Também estava lá, nesse mesmo dia, o capitão Viana, um obreiro da igreja, e ele também não cedeu nada. A conversa foi muito breve e a comitiva do bispo logo foi embora.<sup>829</sup>

Como se vê, a aproximação ecumênica do prelado limoeirense com o pastor tabuleirense não surtiu efeito, pois o ministro protestante “não cedeu nada”, nas palavras do depoente. Nas visitas que fez nos anos seguintes, o bispo já não registra nenhum contato com o pastor. Os evangélicos

---

professores e camponeses, com a preocupação de formar cristãos adultos na fé. Um trabalho único em toda a diocese; 3º) É também exemplar o esforço que se empreende para orientar a Cáritas numa linha promocional. Tanto mais digno de louvor, quando se sabe que esse trabalho se realiza sobretudo em favor da promoção do camponês; 4º) Vale ainda destacar a preocupação em formar leigos, capazes de assumirem responsabilidades específicas em sua comunidade, quer diretamente religiosas e apostólicas, quer de ordem social. [...]; 5º) Creio também ser esta a primeira paróquia da diocese a substituir o sistema de taxar, por ocasião da administração dos sacramentos, por uma contribuição espontânea dos fiéis. Somente assim se pode educar um povo para uma fé consciente, livre e responsável”. In: PARÓQUIA DE LIMOEIRO DO NORTE. **Livro de Tombo**: Segundo. Limoeiro do Norte, março e abril de 1968, p. 43f-45f.

<sup>828</sup> PARÓQUIA DE TABULEIRO DO NORTE. **Livro de Tombo**: Primeiro. Tabuleiro do Norte, 18 de novembro de 1967, p. 24 e 25. Grifos meus.

<sup>829</sup> SANTOS, Luís Alcides dos. Entrevista concedida em Tabuleiro do Norte-CE em 30 de dezembro de 2010.

entrevistados afirmam que não havia nada para conversar, já que o distanciamento doutrinário entre as Igrejas ainda não permitia pontos de interseção. A Igreja Católica cedeu em alguns pontos, ou seja, nas proposições do Vaticano II, mas os diversos ramos do protestantismo, nessa época, não conseguiam sequer aproximar-se uns dos outros, quanto mais da Igreja Católica, considerada pelos reformados uma Igreja que renegara a fé pregada pelos apóstolos. Certamente, depois dessa visita infrutífera, dom Falcão relegou o ecumenismo e passou a cultivar com mais fervor as colunas de seu projeto. Em uma entrevista, já cardeal e arcebispo emérito de Brasília, ele falou de suas realizações na diocese de Limoeiro:

Nos quatro anos e meio de bispo de Limoeiro do Norte conservei e melhorei as obras sociais fundadas por meu antecessor Dom Aureliano Matos. Assim, novas instalações e equipamentos para a Casa de Saúde e a Maternidade. Creio que ninguém deixou de ser atendido nelas por falta de recursos. Apoiei as duas instituições educacionais fundadas por ele: o Colégio Diocesano e o Patronato.

Elaborei com os padres e leigos um planejamento pastoral para a diocese e cada paróquia. Para sua execução a diocese foi dividida em seis zonas pastorais. Visitei cada ano as sedes paroquiais e algumas capelas. Por ocasião dessas visitas encontrava-me com os casais, os professores, os jovens, os religiosos e os agentes de pastoral. Visitava o mercado, a prefeitura, o posto de saúde ou hospital, as escolas, as autoridades locais. A visita às paróquias era ocasião para avaliar o cumprimento do plano de pastoral paroquial.

Apoiei na diocese o Movimento de Educação de Base (MEB), do qual fizera parte da equipe local, bem como o sindicalismo rural. Estimulei a fundação de Círculos Bíblicos nas paróquias, para os quais preparava um roteiro.

Determinei a criação de cursinhos para a preparação do Batismo e do Casamento. Incentivei a celebração nas capelas do Dia do Senhor por Dirigentes Leigos, quando não era possível a celebração da Missa.<sup>830</sup>

A dinâmica do trabalho de dom Falcão, executando na diocese a integralização das proposições do Vaticano II e priorizando a pastoral coletiva, sem se ater muito em “construir obras”, não agradou a todos, ou não foi compreendida por alguns, sobretudo políticos, como fica explícito no depoimento de um prefeito que conviveu com o prelado:

Com relação ao progresso de Limoeiro do Norte, D. Falcão foi nulo, tinha uma conversa de não querer fazer nada pela cidade, porque a diocese tinha vários municípios e não queria que os outros ficassem com raiva. Só via ele sentado numa cadeira no Palácio.<sup>831</sup>

---

<sup>830</sup> FALCÃO, José Freire (Cardeal). Entrevista concedida via carta, enviada de Brasília-DF em 28 de agosto de 2009.

<sup>831</sup> SILVA, Raimundo de Castro. Entrevista, 1996. In: CAVALCANTE, Maurina Holanda. **Saber para viver: Igreja, rádio e educação popular. Uma história do MEB Limoeiro do Norte, CE (1962-1972).** Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília. Brasília, 1996, p. 92.



O ressentimento do depoente reside no fato de o novo bispo “ser diferente” de dom Aureliano, ou seja, de não procurar o “progresso de Limoeiro”, de não seguir a mesma linha de “dono da cidade”. Ao se negar assumir essa função, dom Falcão involuntariamente “lançava” sobre os ombros do prefeito as responsabilidades devidas de gestor do município. Durante o bispado de dom Aureliano, tais responsabilidades teriam sido “diluídas” em função do prestígio do bispo, resultando nas “conquistas” do progresso que acabariam por libertar Limoeiro do labirinto do isolamento. A recusa do novo bispo de usar sua autoridade como instrumento de captação para o “ataviamento cultural”<sup>832</sup> de Limoeiro leva o prefeito a declarar que dom Falcão vivia “sentado numa cadeira no Palácio”, acusação negada pelas fontes escritas. No quesito “desenvolvimento das paróquias”, o bispo não aparece estático, ao contrário, aparece sempre visitando os vigários e acompanhando de perto o exercício da pastoral.

A fala do depoente só encontra razão de ser no fato de que o novo prelado valorizava a função eclesiológica e relegava a articulação política da qual dom Aureliano fora mestre. O antecessor de dom Falcão se preocupava em oferecer educação ao povo, fundando colégios e mesmo uma emissora radiofônica, conquistas que foram conservadas na nova gestão. Como se sabe, uma estação de rádio nas mãos da Igreja é uma ferramenta poderosa de ação pastoral, de doutrinação religiosa e de influência social considerável. Todavia, depois do falecimento de dom Aureliano toda essa instrumentalidade passaria por uma revisão, tendo o Vaticano II como filtro. A própria cidade de Limoeiro veria sua face transformada porque sua classe dirigente adotaria postura mais tolerante para com o liberalismo e o secularismo. Tempo de inaugurar a primeira loja maçônica, por exemplo. Essa mudança de mentalidade permitiria à população ter acesso a uma série de “artefatos modernos” antes inviáveis.

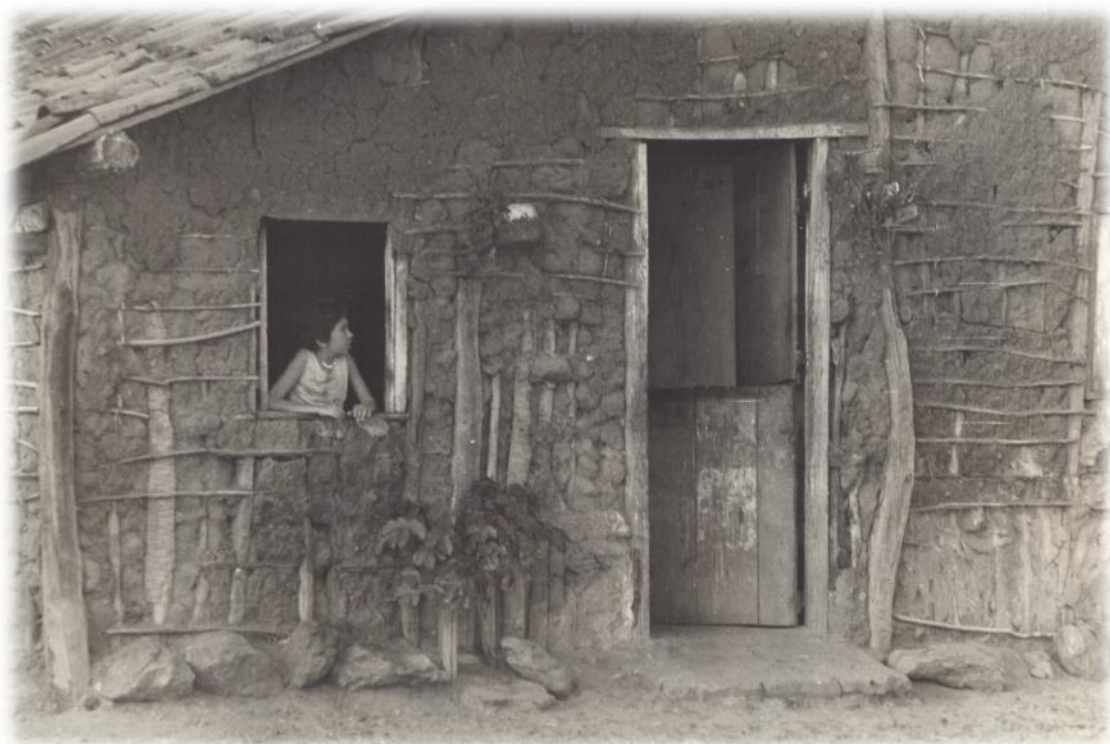


---

<sup>832</sup> Por “ataviamento cultural” entenda-se o processo de construir em Limoeiro uma estrutura de progresso social e cultural que possibilitaria à cidade despontar como liderança na região.

Limoeiro do Norte na década de 1960 vivenciou uma profunda transformação em sua imagem, quando abandonou o modelo de cidade-convento dominante nas duas décadas anteriores e assimilou a forma de “Princesa do Vale”, título concedido por radialistas em função das intervenções impostas na cidade (luz elétrica, ponte e bicicleta), na cultura (estrangeiros, cinema e música) e na educação (Rádio/MEB, Liceu e Faculdade). O embate entre o religioso e o secularizado, entre o tradicional e o moderno acabou por desgastar as cortinas do tabernáculo jaguaribano e dissipar a imagem de uma cidade enclausurada nas “brumas da catolicidade”. Ao mesmo tempo em que a cidade mudava de dentro para fora, as transformações na Igreja Católica, proposições do Concílio Vaticano II, gestaram uma mudança de fora para dentro, impondo uma nova liturgia, um novo parâmetro ao sacerdote e um novo olhar ao outro (protestante). Como se viu, o movimento de assimilação e resistência a essas mudanças acabaria por ser a marca característica desse período, quando o modelo ultramontano de governar de dom Aureliano cede lugar à pastoral integrada de dom Falcão. O cajado de ferro, símbolo de autoritarismo e hierarquia, perde sua força quando ao leigo é dada a oportunidade de ser “alma dominante”, tentando-se esmaecer sua secular posição de “alma dominada”. Inicia-se uma nova era para o Vale do Jaguaribe, agora aberto às influências do mundo moderno. Assunto a ser tratado no próximo (e último) Capítulo desta tese.

Residência nordestina, casa de taipa, garota olhando através da janela



Fonte: Acervo do fotógrafo Devanir Parra Torrecillas, setembro de 1980

# 5

## A PRINCESA ATAVIADA DIANTE DO NOIVO: A CONSOLIDAÇÃO DA MODERNIZAÇÃO EM LIMOEIRO

“Como és formosa, amada minha, como és formosa!”  
Arrebataste-me o coração, minha noiva,  
arrebataste-me o coração com um só dos teus olhares,  
com uma só pérola dos teu colar!”

**Rei Salomão**, em poema a uma de suas esposas<sup>833</sup>

Primeiro semestre de 1973. Cidade de São João do Jaguaribe, vizinha da sede do bispado e historicamente ligada a ela até 1958, quando houve a “revoada” de emancipação dos três maiores distritos de Limoeiro do Norte.<sup>834</sup> A chegada de um “pastor dos crentes” causa certo alvoroço na cidadezinha, pois todo o povo queria saber quem era e o que exatamente fazia o tal pastor. Enviado pela Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Ceará, o ministro Antenor Bezerra Dias logo procurou “visitar as famílias de Bíblia na mão para evangelizar e marcar cultos residenciais, dentro e fora da cidade” (DIAS, 2013, p. 90). Assim, ocupando salas, alpendres ou frentes das casas de novos conversos ou de “amigos do Evangelho”, o pastor passou a dirigir cultos com regularidade. Como chegou à cidade sem salário, o ministro Antenor assumiu também sua profissão de mestre de obras para conseguir manter a família. Manuseando a colher de pedreiro durante o dia e a Bíblia Sagrada à noite esse evangelista logo se tornou muito conhecido em São João.

Foi assim que aquela “novidade”, o “culto dos crentes”, passou a despertar a atenção do povo, que comparecia em grande número para ver “o que o pastor ia fazer”. Os locais ficavam lotados de populares curiosos. O

---

<sup>833</sup> *Cantares de Salomão*, cap. 4, versículos 1 e 9.

<sup>834</sup> Os outros dois distritos emancipados foram Alto Santo e Tabuleiro do Norte.

pastor conseguiu manter o foco de atração por quase um ano, até o dia em que o prefeito da cidade mandou instalar um aparelho de televisão na praça central. A partir de então, o “povo diminuiu muito, não vinha mais para o culto, ficava na praça assistindo a televisão, um invento muito fascinante para o sertanejo”.<sup>835</sup> Como se vê, uma “novidade religiosa” rapidamente cedeu lugar a uma “novidade profana”, o que se torna emblemático da própria década de 1970, período-chave em que a secularização transforma definitivamente a face das cidades jaguaribanas. Esse decênio é todo pontuado por mudanças profundas na sociedade, sobretudo em função do esmaecimento da religiosidade. A Igreja Católica experimentara uma “abertura” para o mundo com o Concílio Vaticano II, mas ainda não conseguia processar bem certas liberalidades.

Ana Maria Bahiana caracteriza assim a década de 1970:

Quem viveu intensamente os anos 70 está condenado a não se lembrar deles. [...] Porque foi uma década de experiências, com muito pouca intermediação. [...] A captura do momento fugaz, em toda a sua intensidade, era privilégio e tormento de cada uma, de cada um. Não eram experiências para serem lavradas em ata. Eram para ser carregadas no mais fundo da alma. [...]

Na nitidez da distância, os anos 70 aparecem com uma importância que não se suspeitava: as raízes das delícias e dos horrores do novo século estão inteirinhas ali. O triunfo do corpo, o terror político. [...] Fartura e escassez. [...] A possibilidade de uma sociedade mais justa, com lugar para as vozes de mulheres, homossexuais, crianças, jovens, místicos, alternativos, e a realidade de sociedades em que nada disso era sequer o esboço de uma vontade (BAHIANA, 2006, p. 6).

A vivência intensa do momento, a ausência de intermediações e a combinação dos paradoxos explicam os comportamentos de quem parecia espremer o presente como se não houvesse futuro, ameaçado constantemente por uma guerra nuclear. Assim, vivendo entre o “triunfo do corpo” e o “terror político”, entre a fartura e a escassez, entre a projeção surreal e a realidade castradora os “transeuntes” do “decênio do desbunde” estariam fadados a “não se lembrar dele”, já que as experiências não foram “lavradas em ata”, apenas vividas. Esse perfil justifica minha insistência em gravar muitos depoimentos, ante a escassa documentação sobre o período.<sup>836</sup> Em repartições públicas e mesmo nas paróquias e na diocese, a falta de registros se justifica pelo medo

---

<sup>835</sup> DIAS, Antenor Bezerra (Reverendo, pastor). Entrevista concedida em Russas-CE em 30 de outubro de 2010.

<sup>836</sup> A título de exemplo, o volume reunido de documentação escrita na década de 1940 é muito superior à escassa produção que cobre a década de 1970. A constituição de um *corpus* de depoimentos orais contribuiu exatamente para preencher essa lacuna.

da repressão militar, algo sutilmente percebido nos escritos de dom Pompeu.<sup>837</sup> Entre os evangélicos a ausência de atas é quase absoluta, sobretudo nas denominações pentecostais, sobressaindo-se esta explicação: como os membros acreditavam que o Cristo estaria na iminência de fazer seu segundo Advento ao mundo, “ninguém iria escrever nada para deixar ao Anticristo”.<sup>838</sup> Para Paul Freston (1996), o pentecostalismo sempre teve uma “relação difícil” com a história, que os crentes reduzem a apenas três períodos: “a Igreja primitiva, o momento da recuperação da visão (quando nosso grupo começou) e hoje”, sendo que “cada um desses momentos repete o anterior e descobre nessa repetição a sua única legitimidade”.<sup>839</sup>

Na transição entre as décadas de 1960 e 1970 dois segmentos da juventude urbana no Brasil se sobressaíam por sua inquietude: os que militavam na esquerda e os que participavam do movimento contracultural. O ponto de interseção das duas vertentes era a certeza de que os caminhos tradicionais apontados para a transformação social falharam. Para os contraculturais, os chamados “desbundados”, o modo de vida burguês era “careta”, apontando-se como alternativa o *drop out* (“cair fora do sistema”), pois a possibilidade de mudança não os atraía à luta, já que eles buscavam uma mudança interior ou mudança de conduta cotidiana. Para Antonio Risério (2005), não é correto afirmar que a contracultura – definida por ele como “uma movimentação estético-psicossocial” – tenha sido um “subproduto alucinado” da ditadura militar no Brasil, esse movimento teve vigência internacional, mas sim que “aquela farra experimentou constrangimentos políticos específicos em cada país onde vicejou” (RISÉRIO, 2005, p. 26).

Assim, no Brasil, a contracultura floresceu não em função da ditadura, mas apesar dela, criando um caldeirão eclético onde fervilhavam assuntos

---

<sup>837</sup> Como exemplo, ver: CÚRIA DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE (Ceará). **Circulares, Decretos, Atos, Cartas Pastorais etc.** Livro 02. Limoeiro do Norte, 1973-1979, p. 60f-69v.

<sup>838</sup> Declaração dada ao autor por uma liderança da Assembleia de Deus em Tabuleiro do Norte-CE, quando questionada, no decênio de 1990, sobre a total ausência de registros escritos das atividades da Igreja, desde a inauguração do templo, em agosto de 1969, até aquela década.

<sup>839</sup> Haveria uma intrínseca limitação da relação entre pentecostalismo e história, assim explicada por Freston: “O pentecostalismo toma o nome do incidente que está na origem da Igreja cristã, a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes, e se vê como um retorno às origens. [...] Eventos posteriores se reduzem virtualmente à expansão geográfica, ou seja, às origens em outras cidades. Não há muita ideia de desenvolvimento, pois tudo já está contido no evento paradigmático original” (FRESTON, 1996, p.69).

sérios e inúteis, tais como o orientalismo, o pacifismo, o naturalismo, o feminismo, o pansexualismo, a alucinação pelas drogas etc. A contracultura também representou uma abertura a vivências transculturais, com influências de traços indígenas, do candomblé e, claro, da cultura oriental, que ditou todo um conjunto de posturas e modas. Não obstante, a maior vantagem da contracultura dos anos de 1970 teria sido “acabar desembocando no processo de desrecalque das múltiplas personalidades que nos compõem e no reconhecimento pleno da pluralidade cultural brasileira” (RISÉRIO, 2005, p. 30), abalando o “superego europeu” da nação e promovendo nela uma conscientização antropológica. Na esfera socioeconômica, segundo Boris Fausto (2002), os indicadores apontam que, desde 1950, o Brasil vinha passando por uma grande transformação, em função da urbanização e da industrialização. Na zona jaguaribana, esse cenário espaço entre meados da década de 1960 e início dos anos de 1980, quando em todo o país os “índices de crescimento declinaram e ocorreram anos de crescimento negativo” (FAUSTO, 2002, p. 545).

No Vale do Jaguaribe, em razão de ausência de movimentos organizados de refutação ao regime militar, bem como pela escassez de contraculturais, a década de 1970, de modo geral, é rememorada pelos depoentes como um período de alienação política e quietude social, mas também como um tempo de descobrimento e fascinação, quando muitos artefatos da modernidade são assimilados na região. Então, as cortinas que “cerravam” o Vale em brumas de religiosidade católica foram definitivamente arrancadas e o tabernáculo da fé concebido pelo primeiro bispo já não existia, prevalecendo uma Igreja que mudava de estratégias de evangelização para manter as ovelhas no redil. Aqui, busco compreender esse decênio dentro do que chamo de “vitória do secularismo”. Os marcos da tradição cristã foram removidos para assimilação de um novo modo de vida social, não mais tutorado pela religião, secularizado, individualizado. A partir de então, a Igreja perderia muito de seu “domínio sobre as almas”, tendo cedido seu lugar especialmente a um aparelho eletrônico.

Nesta tese, o ano de 1980 impõe-se como marco temporal do triunfo da modernização em Limoeiro, representando todos os municípios da região que,

segundo a elite daquela cidade, deveriam se espelhar nela para também serem “modernos”. Uma série de eventos, ocorridos naquele ano, corrobora esse limite temporal, a saber: (1) o fechamento do único cinema, Cine Capri, em razão da falta de audiência, que escolhera a telenovela como opção de entretenimento;<sup>840</sup> (2) a celebração dos quarenta anos de sagração do primeiro bispo da diocese, com publicação do discurso proferido na ocasião pelo cônego Misael Alves de Sousa que, com olhos no presente, fez revelações sobre a gestão de dom Aureliano Matos;<sup>841</sup> (3) a realização, em Limoeiro, da Assembleia Regional da CNBB, reorganizando a divisão administrativa: as nove dioceses cearenses passaram a compor, a partir de então, a Regional NE I, agora sem as províncias eclesiásticas do Piauí e Maranhão;<sup>842</sup> (4) a realização da primeira Feira de Artesanato de Limoeiro, como resultado de ação do Projeto Rondon na região, valorizando a tradição dos artesãos de Aracati, Limoeiro e Russas e incentivando a organização desses profissionais;<sup>843</sup> e (5) a execução do Projeto Chagas pela Fundação Serviços de Saúde Pública (SESP), que acelerou a extinção do barbeiro (*Triatoma infestans*) na região ao promover a substituição de casas de taipa por casas de alvenaria.<sup>844</sup>

Neste Capítulo, reconstituo como se deu o processo de imposição da imagem de “Princesa do Vale”, sepultando em definitivo a face de cidade-convento da década de 1950. A partir dos anos de 1970, a “Princesa ataviada” se apresentaria diante de seu noivo, o mundo secularizado, e então Limoeiro se destacaria como liderança na região jaguaribana, tal como sonhara sua elite desde os anos de 1930. A consolidação da modernização na sede da diocese se desdobrou em quatro processos concomitantes e interdependentes, a saber:

---

<sup>840</sup> COSTA, Raimundo Nonato da. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 26 de setembro de 2013.

<sup>841</sup> SOUSA, Misael Alves de (Cônego, padre). **40 Anos Depois**: Solenidade Comemorativa do Transcurso do 40.º Aniversário de Sagração Episcopal de D. Aureliano Matos, 1.º bispo da Diocese de Limoeiro do Norte – CE (1940-1980). Discurso proferido naquela solenidade pelo Pe. Misael Alves de Sousa. Limoeiro do Norte: [s.n.], 1980, 15 p.

<sup>842</sup> CASTELLO BRANCO, João Olímpio. **Caminhada eclesial jaguaribana**: respigando fases, passos, metas, textos e estruturas marcantes para a história em multidão da diocese de Limoeiro do Norte – Ceará (1938-2013). Fortaleza: Pouchain Ramos, 2015 (Tomo I), p. 256.

<sup>843</sup> *Boletim Campus*, fevereiro de 1980, p. 1. Esse evento é fulcral para a modernidade jaguaribana, uma vez que organizou e ensinou os artesãos a usarem o trabalho que aprenderam com antepassados como fonte de renda viável, numa região abundante em matéria prima (palha, barro etc.).

<sup>844</sup> *Boletim Campus*, março de 1980, p. 2.



(1) a gestão de dom Pompeu, equilibrando-se entre uma proposta de evangelização e uma crise financeira sem precedentes; (2) a popularização da televisão, promovendo a hegemonia cultural e secularizando os hábitos do povo, com “esquecimento” das tradições cristãs; (3) a influência da FAFIDAM e do Projeto Rondon, permitindo a circulação de novas mentalidades, e (4) a atuação de maçons e protestantes em Limoeiro, usufruindo a nova fase de tolerância da Igreja Católica e conquistando um espaço antes impossível.

### **5.1 “Evangelização libertadora versus opressão financeira”: o bispado de dom Pompeu Bezerra Bessa e a crise financeira**

Durante dois anos, 1971 e 1972, a diocese de Limoeiro permaneceu sem bispo, administrada por um vigário capitular que logo seria escolhido como novo prelado jaguaribano (CASTELLO BRANCO, 1995). Em 01 de maio de 1973, é sagrado bispo e assume a diocese de Limoeiro o padre Pompeu Bezerra Bessa, sertanejo da região que já vinha trabalhando no Baixo Jaguaribe desde que fora ordenado em fins de 1949:

Quis o Senhor que eu, que vinha servindo já vinte e quatro anos, fosse o novo Pastor da Igreja de Deus, aqui no Vale do Jaguaribe. [...]

Aceitei o múnus episcopal inteiramente cômico de minhas responsabilidades. É um serviço que presto à Igreja de Deus. E para expressar a minha disposição de serviço, escolhi como lema do meu episcopado: “EIS TEU SERVIDOR”.<sup>845</sup>

Dom Pompeu foi sagrado sem a pompa da cerimônia de dom Aureliano, não obstante estarem presentes no momento da ordenação episcopal, realizada na catedral de Limoeiro, dezesseis bispos e o próprio governador do Estado, César Cals de Oliveira (BESSA, 1998). Como sertanejo jaguaribano e como prelado pós-conciliar, exerceu seu bispado sem o “cajado de ferro em mãos enluvadas”:

...assumiu a pesada carga, na inusitada e atípica postura de Bispo sem armas nem brasões nobiliárquicos, como autêntico nordestino, sem lenço nem documento. Afirmava não ser membro de nobreza alguma, mas apenas um simples matuto dos sertões adustos de Alto Santo! (CASTELLO BRANCO, 1995, p. 274).

---

<sup>845</sup> PARÓQUIA DE LIMOEIRO DO NORTE. **Livro de Tombo**: Segundo. Limoeiro do Norte, 15 de maio de 1979, p. 56f/v.

Acompanhando o exemplo de seu antecessor, cujo período de permanência foi de apenas quatro anos, dom Pompeu procurou seguir as diretrizes do Vaticano II, para ele uma força poderosa de renovação da Igreja:

O concílio Vaticano II foi para a Igreja um despertar de energias novas, sob o impulso do Espírito Santo que vive e atua nela sem cessar. Daí todo esse esforço de renovação que se manifesta por toda parte. [...] É uma das notas características da Igreja hoje é a participação cada vez maior dos membros do Povo de Deus na missão comum de anunciar o Evangelho.<sup>846</sup>

Em razão da proposta de valorizar o leigo como cooperador do clero, as realizações mais importantes do bispo são todas de alcance coletivo, destacando-se a adoção de uma pastoral orgânica planejada, executada e avaliada sempre em conjunto, entre clérigos e leigos. Outro marco foi a promoção das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs),<sup>847</sup> juntamente com a instalação de sete fraternidades de freiras na diocese. Para dom Pompeu, CEB era todo ajuntamento organizado de cristãos a favor da comunidade, ou seja, todo grupo que, reunido, soma seus “dons e carismas”, suas vontades e atividades “para trabalhar pelo bem comum” (BESSA, 1988, p. 14).

Scott Mainwaring (1989) acredita que a CEB foi uma “estrutura eclesial encontrada entre os setores populares” depois de anos de distância entre Igreja e povo. Escrevendo no auge de alcance desses grupos (década de 1980), esse brasilianista tende a aceitar a CEB como um mecanismo que afetou profundamente a Igreja Católica em países como Brasil, Chile e Nicarágua.<sup>848</sup> Também reconhece que, mesmo diante da “limitada consciência política da maior parte de seus membros, as CEBs representaram uma novidade na cultura política brasileira”, tendo, portanto, “algum peso político”. Todavia, aceita como sua maior contribuição a aproximação entre Igreja e povo:

Através das CEBs, a Igreja brasileira desenvolveu uma estrutura que realmente alcançou o povo. Tomando-se em consideração os frágeis vínculos eclesiais com o povo durante os quatro séculos precedentes... [esse modelo de ser Igreja permitiu que nas comunidades emergissem] novas formas de catecismo, de liturgias, de vivência comunitária e de teologia (MAINWARING, 1989, p. 200).

---

<sup>846</sup> CÚRIA DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE (Ceará). **Circulares, Decretos, Atos, Cartas Pastorais etc.** Livro 02. Ato Diocesano n.º 2. Limoeiro do Norte, 01 de novembro de 1973, p. 60v.

<sup>847</sup> Para uma definição de Comunidade Eclesial de Base, ver: BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

<sup>848</sup> Para um histórico das CEBs no Brasil, ver: GUIMARÃES, Almir Ribeiro (Frei). **Comunidades de Base no Brasil: uma nova maneira de ser em Igreja**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1978.

Para John Burdick (1998), a despeito de seu alcance popular, no Brasil as Comunidades Eclesiais de Base não conseguiram despertar no povo o anseio de se engajar em movimentos sociais combativos, como era vontade do clero progressista. No Rio de Janeiro, ele admite que, excetuando os líderes, os poucos católicos que tiveram algum contato com CEBs mantinham distância de assuntos políticos, preferindo temas essencialmente religiosos como liturgia, sacramentos e estudo da Bíblia. Ao comparar essa realidade com outros Estados, o autor conclui que as CEBs tiveram pouco ou nenhum impacto político sobre os católicos que a frequentaram. Um representante da Igreja explica que esse descompasso se deu em função de “defasagem” entre o agente pastoral e a comunidade:

Nas comunidades eclesiais de base, o povo participa com interesse quando se trata de rezar, cantar ou celebrar mas, quando a reunião ingressa no terreno da vida, dos problemas sociais [na política], os participantes se retraem, ficam reticentes. Sob a aparência de insegurança e medo, o povo esconde sua sabedoria, adquirida em longos anos de opressão. Não exprime o que sente pelos mesmos conceitos usados pelo agente. [...]

Estabelece-se uma defasagem entre a proposta libertadora do agente, feita em geral de forma colonialista, e a reação da comunidade, desconfiada dos que querem manipulá-la. É como se os membros da comunidade preferissem continuar acomodados em sua opressão a se arriscarem na busca de uma transformação cujo alcance eles não conseguem apreender (BETTO, 1985, p. 69-70).

Ora, essa “transformação” não aconteceu nem em termos quantitativos. Mesmo numa comparação numérica simples, as CEBs brasileiras perdiam importância e abrangência para outros grupos sociais. Mais uma vez, a Igreja Católica se via no constrangimento de disputar e perder almas para o pentecostalismo<sup>849</sup> e para as religiões afro-brasileiras,<sup>850</sup> dois grupos que sobrepujaram numericamente os católicos arrebanhados pelas CEBs. Outro estudioso brasileiro levanta uma hipótese para explicar esse viés:

Não há dúvida de que estamos aqui diante de um estranho aparente paradoxo. Tudo indica que unidades confessionais cuja ideologia e cujo projeto de salvação explícito não defendem uma proposta de classe, como trabalho popular através do trabalho religioso, conseguem existir e proliferar pouco a pouco em todos os espaços sociais das classes populares no país, enquanto aquelas em que há hoje uma proclamada proposta de subordinação do projeto de salvação a uma realização política do povo, como classe condutora de sua própria história, lutam com dificuldades muito grandes para se fazerem assumir como “do próprio povo” (BRANDÃO, 1992, p. 35).

---

<sup>849</sup> Para um breve histórico do pentecostalismo no Brasil, ver: FRESTON, Paul. “Visão histórica”. In: ANTONIAZZI e Outros, 1994, p. 67-159.

<sup>850</sup> Para um estudo recente sobre as religiões afro-brasileiras, ver: ISAIA, Artur Cesar e MANOEL, Ivan, 2012.

Na diocese de Limoeiro, as CEBs tiveram atuação restrita e pontual. Segundo os depoentes, a experiência de organização social adquirida foi importante, já na década de 1990, por ocasião da disputa de projetos entre a comunidade e o governo do Estado, envolvendo a construção da barragem do Castanhão e o deslocamento da cidade de Jaguaribara. Sobre a atuação nas décadas anteriores, não se encontraram documentos produzidos pelas CEBs jaguaribanas,<sup>851</sup> nem mesmo trabalhos que tenham colhido o testemunho oral de líderes desse movimento. Indagados sobre eles, meus depoentes responderam que os partidos políticos de esquerda e os sindicatos de trabalhadores, regionais ou municipais, acabariam cooptando aquelas lideranças em seu bojo, diante da frustração do apelo politizante nas comunidades.

Outro projeto implantado por dom Pompeu, que parece não ter sido bem compreendido, foi a partilha das despesas da diocese entre diversos grupos, numa tentativa de “libertação da dependência de ajudas do Exterior” (CASTELLO BRANCO, 1995, p. 276). Assim, repassar a direção do Patronato para leigos e permitir que a Rádio Educadora fosse gerida com total independência por terceiros foram ações criticadas, sobretudo por quem não estava a par da crise financeira que a diocese vinha enfrentando, muito em função de secas prolongadas na década de 1970 e de enchentes devastadoras em 1974 e em meados dos anos de 1980. O terceiro bispo de Limoeiro também não era dado a transitar entre os políticos, “de mão estendida”, como fizera dom Aureliano, e isso explica porque os problemas financeiros da diocese foram superados sem ajuda de governos, apenas com apoio da própria instituição eclesiástica (da arquidiocese de Fortaleza e mesmo de igrejas do exterior) e da sociedade. Dom Pompeu consolida, assim, a independência da Igreja local para com o Estado, cujas imiscuídas relações possibilitaram a escolha de Limoeiro para sede episcopal.

---

<sup>851</sup> Estou tomando como parâmetro o “modelo ideal” de CEB na concepção de Frei Betto: “Há no Brasil uma extensa rede de comunicação popular tecida pela multiplicidade de boletins diocesanos, folhetos litúrgicos, cordel, cadernos de formação, elaborados pelas comunidades eclesiais de base. Feito em mimeógrafo ou em off-set, esse material de comunicação escrita é preparado sob a coordenação e supervisão dos agentes pastorais” (BETTO, 1985, p. 53). Em meados da década de 1980, o MEB já contava vinte anos de atuação em Limoeiro, promovendo a redução da taxa de analfabetismo no campo. Parece, todavia, que esse programa de alfabetização de adultos não conseguiu provocar um desejo de produção escrita nas comunidades alcançadas.

Uma realização de dom Pompeu, recordada por memorialistas, foi a dinamização da Cáritas Diocesana, fundada em 12 de fevereiro de 1958. Dessa data até princípios de 1973, a Cáritas limoeirense era um movimento essencialmente assistencialista, priorizando a distribuição de alimentos e roupas e valorizando visitas, palestras e orientações ao povo sobre agricultura, economia doméstica, higiene etc. Além disso, algumas campanhas foram realizadas, para implantação de hortas comunitárias, distribuição de filtros e assistência elementar a gestantes.<sup>852</sup> Quando assumiu a diocese, o novo bispo tratou de encerrar essa fase assistencialista e inaugurou a etapa de “promoção humana”, contando com ajuda financeira da Cáritas da Suíça (CASTELLO BRANCO, 1995). A partir de então, as comunidades carentes da região passaram a dispor de cursos profissionalizantes, de Clubes de Mães e de apoio direto à agricultura familiar. Além disso, projetos essenciais foram postos em prática com o fim de comprar máquinas de costura para uso comunitário, implantação de farmácias nas comunidades, além de perfuração de poços e construção de casas, fossas sanitárias, estradas, pontes, aterros e barragens.<sup>853</sup>

Além disso, o MEB continuava sua ação alfabetizadora na região, tendo assumido, na década de 1970, também a função de instruir o povo em noções elementares de cooperativismo, sindicalismo e conscientização política. Como se vê, dom Pompeu procurou priorizar as comunidades, não programas isolados. Agindo assim, o bispo intentava pôr em prática a “opção preferencial pelos pobres”, uma das resoluções das Conferências do Episcopado Latino-Americano de Medellín (1968) e de Puebla (1979):

La inmensa mayoría de nuestros hermanos siguen viviendo en situación de pobreza y aun de miseria que se ha agravado. Queremos tomar conciencia de lo que la Iglesia latinoamericana ha hecho o ha dejado de hacer por los pobres después de Medellín, como punto de partida para la búsqueda de pistas opcionales eficaces en nuestra acción evangelizadora en el presente y en el futuro de América Latina.<sup>854</sup>

---

<sup>852</sup> DIOCESE DE LIMOEIRO DO NORTE. Cáritas Diocesana. **Histórico**. Limoeiro do Norte, 2014. Documento obtido em meio digital.

<sup>853</sup> DIOCESE DE LIMOEIRO DO NORTE. Cáritas Diocesana. **Histórico**. Limoeiro do Norte, 2014. Documento obtido em meio digital.

<sup>854</sup> CONFERENCIA DEL EPISCOPADO LATINOAMERICANO Y DEL CARIBE. **Documento de Puebla**: La evangelización en el presente y el futuro de América Latina. Puebla, 1979, nº. 1135, p. 216.

Segundo Antonio Manzatto (1994), deve-se entender essa opção pelos pobres como uma mediação hermenêutica em torno da revelação evangelística:

A opção preferencial pelos pobres, tão claramente exprimida na Bíblia e esquecida pelos cristãos durante séculos, reaparece na Igreja. Reconhece-se, então, aos pobres o direito de primeiros destinatários do evangelho (Lc 4, 16-21) e de mediação eclesial para o anúncio da boa nova. A Igreja organiza-se, então, em torno das comunidades eclesiais de base, nova forma dos cristãos organizarem-se na América Latina (MANZATTO, 1994, p. 56).

Ao assumir como lema episcopal a expressão “Eis teu servidor”, dom Pompeu já havia pensado nessa diretriz, influenciado pelo curso semestral de atualização conciliar (renovação pastoral) que fez no Instituto Pastoral do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), em Quito, Equador, entre 1971 e 1972 (BESSA, 1998), pouco antes de ser eleito bispo. Como resultado desta “tendência conciliar”, considero a única carta pastoral escrita por dom Pompeu um documento que abre uma visão panorâmica do período em que um legítimo sertanejo esteve à frente dos destinos da prelazia jaguaribana.<sup>855</sup> A carta foi dividida em partes, numa tentativa de tornar o texto mais claro possível: Saudação; Introdução; 1ª Parte: objetivo comum da diocese; 2ª Parte: colunas principais da Igreja; 3ª Parte: desafios especiais da pastoral; 4ª Parte: organização da Igreja e Conclusão. Os objetivos do texto eram dois: (1) esclarecer aos próprios agentes pastorais conceitos básicos como evangelização libertadora e ação pastoral, além de explicar como funcionavam algumas organizações da igreja local e (2) celebrar os cinquenta anos de criação da diocese de Limoeiro. Assim, a própria carta constituía uma avaliação da caminhada ou uma panorâmica da realidade jaguaribana até então.

Na primeira parte, dom Pompeu faz um inventário da situação do povo sertanejo, procurando investigar a causa da acentuada pobreza na região. Ao “casar” fé e política, o texto procura esclarecer como a Igreja liberta por meio da evangelização, definindo o que seria essa “evangelização libertadora”. A lista das mazelas enfrentadas pelo povo é longa: desemprego, arrocho salarial, fome, inflação, desprezo pela agricultura familiar, ausência de saúde pública, crescimento do êxodo rural... O resultado: os campos repletos de miseráveis e

---

<sup>855</sup> BESSA, Pompeu Bezerra (Dom, bispo). **Carta Pastoral sobre a Igreja Diocesana**: objetivo, colunas, desafios e organização. Limoeiro do Norte: [s.n.], 1988. Para evitar repetir a mesma referência, menciono apenas o número da página nas citações seguintes.

as cidades “inchadas” de favelados. “A Igreja chama de escandalosa essa situação! É a negação da fé cristã do povo brasileiro” (p. 8). O capitalismo, sistema que valoriza o capital em detrimento do trabalho, é apontado como raiz ou causa da miséria do povo, por ter institucionalizado a injustiça social, a desigualdade como valor “normal” da vida, quando, segundo a Igreja, essa situação na verdade seria de “violência institucionalizada”. Outra causa seria o “pecado da idolatria”, ou seja, levantar ídolos (riqueza, poder, prazer, fama etc.) e adorá-los no lugar do próprio Deus. Contra essas “raízes da miséria” a Igreja levantava a bandeira da “libertação integral” do homem, defendendo os direitos humanos e propondo reformas para melhor distribuição dos bens, sobretudo da terra.

Segundo dom Pompeu, a “Igreja se interessa pela Salvação depois da morte, mas cuida também da Libertação aqui na terra, porque a terra é o caminho do céu” (p. 10). Esse pressuposto fundamenta a chamada “libertação integral” do homem, ou seja, a conexão entre fé e vida, entre oração e política, entre palavra e ação. Na diocese de Limoeiro, onde até agentes pastorais não estavam conseguindo cumprir essa proposição, alguns vivendo na “contramão do Evangelho”, servindo de “pedra de tropeço” para outros, a carta é escrita com o objetivo de alcançá-los, juntamente com o resto do povo, por meio da “evangelização libertadora”. O bispo menciona algumas ações pragmáticas que o cristão deveria manifestar nesse processo, a saber: (1) dar exemplo de fé, ou testemunho de vida, provando em si mesmo o que prega; (2) trabalhar para ter o sustento e não desanimar diante das injustiças; (3) rezar os benditos da fé em seu cotidiano como homem ou mulher de Deus; (4) colocar-se ao lado do pobre, ser solidário com ele, apoiá-lo em suas lutas e celebrar suas vitórias e (5) promover a comunhão do povo por meio da participação coletiva nos movimentos populares e da exaltação de valores como solidariedade, partilha, associativismo e comunidade (p. 12). Segundo o prelado, todas as formas de organização e trabalho comunitário, tais como mutirões, sindicatos, cooperativas populares, clubes de mães e outros grupos, são exemplos concretos de evangelização libertadora que se coadunam ao objetivo comum da diocese: a transformação da realidade do povo jaguaribano.

Na segunda parte, o bispo escreve sobre as dimensões que manteriam a Igreja viva, chamadas por ele de “colunas principais”, já que, para simbolizar a Igreja, usa a metáfora do edifício alto que precisa de “estruturas fortes”. As seis dimensões ou colunas que sustentam a Igreja são: a comunidade, a missão, a catequese, a liturgia, o diálogo e a profecia. A dimensão comunitária, a primeira coluna, diz respeito à vida do cristão de si para o outro, ou seja, o exercício dos dons, talentos e bens em favor da comunidade, do grupo como um todo. A dimensão missionária, a segunda coluna, fala da responsabilidade recebida pelo cristão para seguir o exemplo de Jesus, o “primeiro missionário na terra”, e assim servir aos semelhantes, de três formas: anunciando a mensagem divina em palavras e ações; denunciando os obstáculos à expansão do Reino de Deus e renunciando os ídolos do dinheiro, do prazer e do poder, em função do crescimento sadio da comunidade. Para dom Pompeu ser cristão ou ser missionário envolveria três aspectos: o anúncio (não reter para si as “boas novas”), a denúncia (não se calar diante das injustiças) e a renúncia (não se deixar dominar pelo egoísmo). As duas dimensões tratadas até aqui poderiam ser agrupadas em um campo mais amplo, a pragmática da vida.

A terceira coluna, ou a dimensão catequética, supõe todo um processo em torno da Palavra de Deus: ouvir, estudar, rezar, celebrar, entender e tomar uma posição, mesmo que de confronto, para transformar o mundo e fazê-lo “ficar do jeito que Deus Pai planejou” (p. 16). A quarta coluna, a dimensão litúrgica, envolve as celebrações do povo de Deus em torno de sua fé: reunidos, irmanados pela vida em comunidade, os cristãos celebram a vida e a graça do Cristo por meio da eucaristia e dos sacramentos. O autor se utiliza de metáforas conhecidas no sertão para explicar que a eucaristia é “a nascente de um rio”, cuja água “jorra para a vida eterna”, e os sacramentos são “os riachos que partem dessa fonte e alimentam o grande rio da salvação cristã” ou “os canais da graça, da força de Deus para a gente cumprir nossa missão de cristãos no mundo” (p. 17). Essas duas dimensões poderiam ser reunidas no campo da pedagogia da fé.

A dimensão ecumênica, ou seja, a coluna do diálogo entre as religiões aparece como uma marca indelével deixado pelo Vaticano II no bispado de



dom Pompeu. A desejada aproximação com os “cristãos separados”, com pessoas de outras religiões ou mesmo com aqueles que se declaram sem religião favoreceu uma abertura de mentalidade à população jaguaribana, intensificando o cultivo à tolerância para com outras crenças, cuja semente, na forma de pregação da fé reformada, vinha sendo espalhada desde a década de 1930. Todavia, como se viu ao longo deste texto, esse fenômeno não foi um “milagre”, mas um longo processo, ainda não finalizado porque persistem os que se autodenominam “guardiões” da tradição.<sup>856</sup>

A dimensão profética ou transformadora, a última coluna, diz respeito à condição de “sal da terra”, “luz do mundo” e “fermento na massa” com que o Cristo identificou seus discípulos. Em função dessas atribuições, ao observar a injustiça no mundo, o cristão assumiria de imediato a postura de “profeta”, ou seja, aquele que “denuncia tudo aquilo que mancha e distorce a imagem viva do Deus vivo, que [está na] pessoa humana” (p. 18). Essa ação ou reação do cristão o impulsionaria a gritar contra toda forma de exploração (nas relações de trabalho, por exemplo) e de injustiça (nas divisões da terra). A politicagem e a compra de votos; a necessidade urgente de reforma agrária na região e a imposição do Governo do Estado em criar o açude Castanhão, desalojando uma cidade inteira (Jaguaribara), eram motivos justos para despertar, na época, a veia de “profeta” no cristão jaguaribano. As dimensões ecumênica e profética podem ser alocadas no campo da política da alteridade.

Na terceira parte de sua carta, dom Pompeu se dedica a definir e explicar quais são os desafios e prioridades da pastoral em conjunto adotada na diocese de Limoeiro, a saber: o problema da terra, a questão da educação política e a crise de vocação sacerdotal. A questão agrária é relacionada à evangelização libertadora no aspecto da denúncia das injustiças, tendo em vista que a causa maior da miséria do povo sertanejo não seria a seca, mas a falta de terra para plantar. E como a terra estaria concentrada nas mãos do Estado ou de alguns fazendeiros, nenhum deles preocupado com a penúria do

---

<sup>856</sup> Como pesquisador, eu mesmo senti a intolerância desses “guardiões”, já na década de 1990, durante a realização de minha pesquisa de mestrado, estudando uma romaria na diocese de Limoeiro. As barreiras levantadas por algumas lideranças da Igreja, contradizendo mesmo a vontade do bispo da época, dom Manuel Edmilson da Cruz, fizeram-me acreditar que muitos ainda viviam segundo as diretrizes do Concílio de Trento (1545-1563), como se nunca tivesse ocorrido o Vaticano II, mesmo já transcorridos trinta anos de abertura da Igreja.

povo, restaria ao próprio cristão e à Igreja levantar a voz profética contra essa afronta. Como “sobre toda propriedade privada pesa uma hipoteca social” (palavras do papa João Paulo II citadas pelo autor), a Igreja pretendia uma reforma agrária “justa, completa e sem violência”, ou seja, não somente a divisão da terra, mas também “todas as condições e todos os insumos para que [o homem do campo] possa viver como gente e ajudar o Brasil a crescer” (p. 20).

Perpassando o viés da educação política, o bispo pretende responder a seguinte indagação: o que evangelização tem a ver com política? Dom Pompeu entende política como a “prática do bem comum” ou o azeiteamento das engrenagens sociais para o perfeito funcionamento da própria sociedade, missão de todo ser humano, mas, sobretudo do cristão comissionado por Deus exatamente para isso, para crescer mutuamente nas relações humanas salutares. Segundo o autor, haveria duas formas de praticar a política: com a voz ativa dos cidadãos (sentido amplo) e com a atuação representativa dos partidos políticos (sentido estrito). Esta última forma estaria reservada exclusivamente aos leigos, enquanto a outra seria direito de todos, inclusive dos clérigos. Na doutrina da Igreja, “a caridade pode e deve se exercer através da ação política” (p. 21), ou seja, “quem acredita no Reino de Deus e que o mesmo já começa aqui na terra, sente a obrigação de organizar bem a sociedade, segundo as exigências e na perspectiva do mesmo Reino” (p. 22). Tudo isso implicava em “seguir o exemplo de Jesus”, pois o discurso e a prática do Cristo foram proféticos, questionaram as estruturas sociais de seu tempo.

A última prioridade da pastoral orgânica da diocese de Limoeiro, na gestão de dom Pompeu, era a questão da vocação sacerdotal. Para introduzir esse assunto, o autor traz à tona a proposição do Vaticano II de que todo cristão também tem uma vocação ou missão no corpo místico da Igreja, não somente o padre. Os diversos dons ou carismas distribuídos entre os leigos pelo Espírito Santo seriam para viabilizar os ministérios e tornar o organismo funcional em seu todo. O bispo lembra que o Seminário de Limoeiro funcionou durante vinte e dois anos (1947-1969), formando dezessete padres, dos quais dez permaneceram na diocese, cinco foram trabalhar fora e dois optaram pelo

casamento. A partir de 1969, o Seminário foi transformado em Centro de Treinamento Pastoral, passando a sediar cursos, congressos, assembleias e encontros em geral, um espaço de encontro para leigos e clérigos se prepararem para a evangelização. Mesmo assim, dom Pompeu reconhece que o fechamento do Cura D'Ars provocou um “grande desafio” na diocese: como conseguir novos padres? Os sacerdotes ainda protagonizavam a realização litúrgica e sacramental da Igreja. A criação da Pastoral da Juventude e a constituição da equipe diocesana da Pastoral Vocacional amenizaram o problema, sobretudo depois da formação de duas comunidades de vocacionados, em Fortaleza e em Jaguarétama. Todavia, a falta de padres persistia. Dom Pompeu reconhece assim que o “Seminário deixou de ser sementeira somente para padres e tornou-se em centro de formação pastoral para todos os batizados e crismados, que querem assumir sua vocação e missão” (p. 24).

Na quarta e última parte de sua carta, o bispo dedica quatro páginas para explicar a organização da Igreja, suas estruturas locais, nacionais e mundiais, bem como porque a prática de reuniões regulares seria importante para manter a Igreja atuante como corpo místico. Tomando emprestada a metáfora que o apóstolo Paulo faz, em suas epístolas, entre um organismo vivo e a Igreja, dom Pompeu procura demonstrar que os vários ministérios, cargos e funções da instituição eclesial são como órgãos interdependentes, sem os quais o corpo não se mantém vivo. Enfatizando sua ideia, o bispo concebe a metáfora entre um veículo automotor e a Igreja, estruturas que precisam de “muitas peças e engrenagens para andar” (p. 25). Assim, explica o que são, para que servem e como se inter-relacionam vinte “órgãos” do corpo ou “peças” do carro chamado Igreja Católica. Concluindo a carta, o bispo procura definir resumidamente a missão dessa instituição: “evangelizar o mundo”. Segundo o autor, essa expressão muito falada e pouca compreendida deveria ser explicitada desta forma: levar uma mensagem de conforto projetada para o futuro (a salvação da alma) e implantar um serviço social fincado no presente (a valência de uma vida digna). Assim, enquanto exercesse e conciliasse os dois objetivos, a Igreja nunca deixaria de existir.

A pastoral orgânica de dom Pompeu, alinhada à “opção preferencial pelos pobres”, acabou por desagradar quem não via com bons olhos aspectos importantes dessa prática, como a reforma agrária:

Apoio à luta dos trabalhadores rurais pela posse da terra, na ótica de uma Reforma Agrária justa, sem violência e na espiritualidade da não violência ativa (fazendas desapropriadas), o que custou ao Bispo um processo na justiça e até ameaças de morte! [...]

Distribuição de 600 hectares de terras do patrimônio do Bom Jesus do Ereré, com seus 90 moradores, como sinal concreto do engajamento da Igreja, que prega a Reforma Agrária e promove a Pastoral da Terra.<sup>857</sup>

Na verdade, dom Pompeu teria posto em prática um reconhecimento de seu antecessor, no caso do loteamento das terras do Sítio Tomé Vieira, então município de Pereiro. Durante uma visita pastoral, dom Falcão reconheceria que os noventa posseiros estabelecidos ali há bastante tempo eram os “donos de fato da terra”. No caso do processo judicial seguido de ameaças, dom Pompeu foi acusado de ser o mentor de “invasão de terras alheias”, um verdadeiro “subversor”. O que aconteceu, na verdade, foi o apoio que o bispo deu ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jaguaretama, que há muito reivindicava a distribuição das fazendas Luiz Ferreira e Serrote Branco aos seus posseiros,<sup>858</sup> tentando assim recuperar terras griladas (CASTELLO BRANCO, 1995, p. 276-7). Como reconheceria em sua carta pastoral, ser profeta no Brasil, onde a terra pertencia aos “poderosos”, sempre envolvia uma ação de denúncia arriscada.

Para ilustrar melhor a aplicação do plano de dom Pompeu, gestando uma Igreja atuante nas comunidades, seja na criação de grupos organizados, seja no fortalecimento dos já existentes, recorro ao exemplo dos Clubes de Mães. No Ceará, assim como São Paulo, os primeiros clubes voltados para

---

<sup>857</sup> DIOCESE DE LIMOEIRO DO NORTE. **Eis teu servidor**: D. Pompeu Bezerra Bessa – 20 anos de Bispo a Serviço do Povo na Igreja de Deus na Região Jaguaribana, 1973 – 1993. Limoeiro do Norte: Liceu de Artes e Ofícios, 1993, p. 6.

<sup>858</sup> Sobre a atuação dos bispos brasileiros em questões agrárias durante o regime militar, ver GOMES, 2014, p. 174-193. Do contexto cearense, diz o autor: “Ao final de 1979, o governador do Ceará, Virgílio Távora, resolveu transmitir ao ministro da Justiça uma síntese, produzida pelo Serviço Estadual de Informações. Sobre os problemas resultantes de conflitos entre posseiros e proprietários de terras ocorridos em alguns municípios cearenses desde 1971. De acordo com a autoridade, as reivindicações dos camponeses vinham, aos poucos, sendo apoiadas por religiosos, o que os estaria levando a se organizar como movimento político. Assim, o governador demonstrava que os órgãos de informações, articulados com os órgãos de segurança, acompanhavam as reuniões dos camponeses, de modo que fossem mantidos sob controle” (p. 189). O autor menciona apenas o nome de dom Antônio Frágoso, bispo de Crateús, mas certamente o nome de dom Pompeu também estava na lista de Távora.

mães surgiram na década de 1960, quase sempre em função da ação social da Igreja Católica:

Os primeiros clubes de mães não possuíam um caráter combativo, como a maioria apresenta agora. As mães se juntaram para aprender os trabalhos manuais como: tricô, crochê, costura etc. Ao fim de cada ano realizavam bazares e exposições nas comunidades para venderem os trabalhos produzidos, e com isso eram arrecadadas as verbas para a manutenção dos clubes, e também se destinavam à compra de alimentos... Nos debates realizados nos clubes eram constantes temas sobre a educação dos filhos e relacionamento conjugal (JOAQUIM, 2013, p. 64).

Em Limoeiro, a criação dessas agremiações data de fins dos anos de 1960, mas se consolida definitivamente na década de 1970, conforme o seguinte quadro:

Quadro 13

**CLUBES DE MÃES FUNDADOS NO MUNICÍPIO DE LIMOEIRO DO NORTE (1967-1976), POR DATA DE FUNDAÇÃO, COMUNIDADE, NOME E LOCAL DE REGISTRO**

| DATA FUNDAÇÃO         | COMUNIDADE       | NOME DO CLUBE             | LOCAL REGISTRO                                 |
|-----------------------|------------------|---------------------------|------------------------------------------------|
| 24 de agosto de 1967  | Arraial          | “Eunice Mendes”           | Centro Social Urbano/Secretaria de Ação Social |
| 14 de outubro de 1968 | São Raimundo     | “Maria de Assis Menezes”  | Centro Social Urbano/Secretaria de Ação Social |
| 02 de janeiro de 1969 | Sapé             | “João XXIII”              | Centro Social Urbano/Secretaria de Ação Social |
| 31 de janeiro de 1971 | Malhada          | “Santa Helena”            | Centro Social Urbano/Secretaria de Ação Social |
| 20 de agosto de 1973  | Maria Dias       | “Elodia Craveiro Holanda” | Centro Social Urbano/Secretaria de Ação Social |
| 10 de agosto de 1974  | Gangorra         | “Santa Maria Gorete”      | Centro Social Urbano/Secretaria de Ação Social |
| 11 de março de 1976   | Não especificado | “Santa Luiza de Marilac”  | Cartório do 2º Ofício de Limoeiro do Norte     |

Fonte: RODRIGUES, Maria da Conceição Silva. **“Educar, assistir, moralizar”**: a experiência dos Clubes de Mães em Limoeiro do Norte – CE (1960-1990). Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2011, p. 50-1.

Conforme o quadro, com exceção do último, não especificado na documentação, que abrangia o centro urbano, todos os clubes de mães foram fundados em comunidades rurais, com populações carentes priorizadas pela Igreja. Nota-se também que dos sete clubes fundados em dez anos (1967-1976), quatro surgiram na década de 1970, quando essa prática já estava

consolidada. Segundo a maioria dos estatutos dos clubes limoeirenses, essas agremiações tinham por objetivo “melhorar o nível educacional, econômico, social e religioso das mães pobres, proporcionando o bem-estar do lar” (RODRIGUES, 2011, p. 76). As esferas educacional, social e religiosa eram contempladas por meio de cursos breves, palestras ou mesmo de círculos bíblicos, onde o Evangelho era lido para apreensão de “lições práticas” para a vida cotidiana. Todos os encontros constituíam momentos de convivência social por excelência, sobretudo em comunidades onde as residências distavam quilômetros umas das outras. O fator econômico envolvia uma rede de assistencialismo que distribuía alimentos, tecidos, roupas e outros pequenos bens a famílias carentes, tendo a mulher como centro de atração, pois a ela cabia fazer bordados, crochê e outras intervenções artesanais para “valorizar” as peças, que podiam assim ser vendidas ou inseridas em enxovais pessoais.

Dom Pompeu conseguiu manter a estrutura de ação social da diocese, instituída por dom Aureliano, até fins da década de 1970, quando então, em razão dos altos custos de manutenção e da falta de subsídios do Estado e de doações diversas, desencadeou-se uma crise que avançou na década de 1980 e foi responsável pelo esmaecimento da hegemonia da Igreja em torno das ações sociais concebidas pelo primeiro prelado. O quadro abaixo especifica, de modo sintético, o resultado dessa crise para as principais estruturas criadas por dom Aureliano Matos:

Quadro 14

**RESULTADOS DA CRISE FINANCEIRA DA DIOCESE DE LIMOEIRO DO NORTE, EM FINS DA DÉCADA DE 1970 E INÍCIO DA DÉCADA DE 1980, EM CINCO INSTITUIÇÕES**

| INSTITUIÇÃO                         | ANO DE FUNDAÇÃO | RESULTADO DA CRISE                                                                                                                                                                                                                 |
|-------------------------------------|-----------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Colégio Diocesano Padre Anchieta    | 1942            | Manteve-se incólume, já que sempre foi uma escola paga. Alunos carentes passaram a usufruir de bolsas de até 100%, conseguidas por vereadores ou mesmo pelo diretor da instituição.                                                |
| Maternidade e Hospital São Raimundo | 1943            | A administração foi transferida para a Sociedade Beneficente São Camilo, recusada a proposta de arrendar o hospital para grupos particulares. Com isso, o bispo queria que o hospital continuasse atendendo a população desvalida. |
| Patronato Santo Antônio dos Pobres  | 1947            | Extinção do internato e redução gradativa de estudantes. Fechamento dos cursos secundário e supletivo, por falta de professores. As alunas que                                                                                     |

|                             |      |                                                                                                                                                                                                                                                             |
|-----------------------------|------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                             |      | permaneceram foram mantidas com doações do estrangeiro e com bolsas do Ministério da Educação, dentre outras ajudas governamentais. Posteriormente, as religiosas que administravam a escola foram substituídas por leigos.                                 |
| Seminário Cura D'Ars        | 1947 | Transformou-se em Centro de Treinamento Pastoral, deixando de existir o Seminário Menor. A crise começara já no bispado de dom Aureliano, num contexto nacional de fechamento de seminários em todo o país.                                                 |
| Rádio Educadora Jaguaribana | 1965 | Concessão, equipamentos e prédio vendidos a grupo particular, com a promessa de manter a emissora no ar. Houve uma proposta de comprar a rádio e depois fechá-la, para assim eliminar a concorrência com a outra emissora. Dom Pompeu não aceitou a oferta. |

Fonte: Cúria Diocesana de Limoeiro do Norte, documentação coletada (1940-1985).

Como se vê, dentre as cinco principais instituições criadas pelo primeiro bispo jaguaribano, somente o Colégio Diocesano Padre Anchieta se manteve incólume à crise financeira, muito em função de ser um estabelecimento escolar mantido pelos pais dos alunos, por meio de mensalidades, e também porque parte do alunato (os mais carentes) recebeu bolsas do Estado ou da Prefeitura. A explicação dessa brecha, segundo se depreende do *corpus* de depoimentos orais, residiria na excelência de ensino do estabelecimento, que assim conseguia atrair as finanças da classe média,<sup>859</sup> desejosa de manter os filhos numa escola de qualidade, e mesmo dos políticos, interessados em oferecer alguma “moeda de troca” em favor de votos. Nesse sentido, um vereador de Limoeiro reconheceu que não precisava “pedir votos”, pois as próprias mães dos alunos a quem ele ofertava bolsas de estudo iam a sua casa pegar seu “santinho”, dias antes da votação (NUNES, 1999). Essa distribuição de bolsas, em menor escala, também favoreceu as alunas pobres do Patronato Santo Antônio. Todavia, ao contrário do Diocesano, não existia o “equilíbrio” do investimento da classe média, pois desde fins da década de 1930 já era diretriz as filhas dos “ricos” estudarem na Escola Normal.

<sup>859</sup> O escalonamento social em “classe alta”, “classe média” e “classe baixa” só muito recentemente foi assimilada no sertão jaguaribano. Até a década de 1970, entre o povo em geral, falava-se na existência de três categorias de pessoas, segundo o critério “posse de bens”: os “miseráveis”, os “remediados” e os “ricos”. Essa última categoria envolvia não somente os milionários propriamente ditos, mas a própria classe média, já que esta tinha poder econômico suficiente para “comer bem”, vestir-se dignamente e colocar os filhos em bons colégios, quase sempre pagos. Esse tripé da “boa vida” não alcançava os miseráveis, evidentemente, e só tocava os remediados por meio de estratégias pontuais, como no exemplo da distribuição de bolsas de estudo para alunos que não tinham condições de pagar.

A administração do hospital foi passada aos camilianos,<sup>860</sup> cuja experiência na assistência de doentes e na formação de profissionais de saúde, no Brasil, vinha desde 1922.<sup>861</sup> Agindo assim, a diocese manteve a instituição de saúde em mãos de profissionais e se aliviou da crescente demanda de recursos para manter uma casa de saúde/maternidade. Segundo os memorialistas, dentre as opções de arrendar o hospital a particulares, passar a administração aos camilianos e fechar as portas da instituição, dom Pompeu teria optado por aquela que lhe pareceu mais “humana”, mais digna à memória de seu fundador, dom Aureliano. O atual bispo de Limoeiro, dom José Haring, compartilha dessa opinião:

Hoje em dia seria impossível a diocese manter um hospital. Eu acredito que dom Pompeu foi muito previdente ao entregar o hospital à congregação dos camilianos. Hoje, o hospital tem renome na região toda e está cada vez mais progredindo. Acho que isso foi uma coisa muito boa, dom Pompeu deve ter pensado que uma obra dessas precisa de pessoas especializadas que se dediquem o tempo todo a esse trabalho. Não tenho dúvida de que mesmo hoje seria impossível um bispo administrar uma obra dessas.<sup>862</sup>

Das cinco instituições listadas, devo ainda mencionar algo sobre a Rádio Educadora Jaguaribana. A crise no Seminário Cura D’Ars já foi devidamente tratada no Capítulo anterior. O próprio dom Pompeu deixou escrito um histórico da conjuntura que o levou a vender a emissora da diocese:

A Rádio continuava andando, mas aos troncos e barrancos; seus compromissos financeiros se avolumavam, às despesas (saídas) não correspondiam às entradas, ou o faturamento era fraco e muito pequeno. A Rádio era deficitária. Todo mês o buraco aumentava. A Rádio se sustentava de pé, graças a dinheiros recebidos da Arquidiocese de Colônia (Alemanha Federal) e de Aktion Adveniat, também da Alemanha Ocidental. [...]

A Rádio ia andando. Só Deus sabe como a Rádio ia andando. Ela estava montada e escanchada nos costados, nos lombos da Diocese. Não era sela; era cangalha, e com a agravante que a Rádio... usava espora e chicote... que acicatava os flancos vulneráveis e já doloridos de uma Diocese que, só com um tombo era capaz de cair e ficar prostrada... [...]

O pobre do bispo, amargurado, acuado sem ter a quem recorrer... É horrível a gente encontrar-se numa situação dessas... com as mãos na cabeça... sem

---

<sup>860</sup> São Camilo de Lellis, considerado o “padroeiro dos doentes”, fundou a Ordem dos Ministros dos Enfermos (camilianos). Nasceu em 1550, na cidade italiana de Buchianico, e faleceu em 1614, em Roma. Em 1575, ao ser internado no hospital São Tiago, na capital italiana, “sentiu na pele o tratamento desumano praticado nos hospitais da época, que cuidavam indignamente de todos os pacientes. Resolveu trabalhar naquele próprio hospital como enfermeiro e depois como administrador” (BALDESSIN, 2002, p. 64).

<sup>861</sup> “Os camilianos vieram a convite de D. Silvério Gomes Pimenta, arcebispo de Mariana, Minas Gerais. Antes de aqui chegarem, D. Silvério veio a falecer. Sem maiores referências, optaram por se estabelecer em São Paulo, onde iniciaram suas atividades. Aos poucos, foram assumindo capelarias em hospitais, a organização da Pastoral da Saúde e a promoção vocacional específica” (BALDESSIN, 2002, p. 201).

<sup>862</sup> HARING, José (Dom, bispo). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 12 de outubro de 2009.



rumo... completamente desorientado. É horrível, sobretudo para quem tem uma estrutura mental como eu... eu que não sei dever... Fico doente se devo a alguém...

A Rádio já era... era uma batalha perdida... [...] Foi então que, como náufrago, em alto mar, e sem tábua de salvação, o bispo resolveu abrir o coração a seus padres, a quem contou a sua difícil situação. [...] O clero reunido aconselhou-me, em boa hora, que eu tomasse providências no sentido de vender a Rádio. Houve alguma resistência de algum padre, mas não havia como escapar dessa se não partir para negociar a Rádio.

Claro que eu o fiz, embora a contra gosto. Afinal, **era mais uma das obras de Dom Aureliano que se ia, na voragem dos tempos ou perdida pela incompetência administrativa...** Foi esse o sentimento que me dominou. Os padres tinham me aconselhado, também, como medida preliminar, convocar uma reunião da sociedade limoeirense, com a finalidade de expor-lhe a aflitiva situação da Rádio, pedindo ao mesmo tempo sugestões. Entrementes, a notícia transpirara para a cidade, e a gente ouvia comentários: estão dizendo que o Bispo vai vender a Rádio... Isso não é possível... [Ele] **está acabando com tudo que Dom Aureliano fez. Primeiro foi o Hospital... E agora é a Rádio...** [...]

Ao todo foram 19 pessoas afora os padres diocesanos que deram sua opinião, oralmente, a favor da venda. [...] Premido pelas circunstâncias, aceitei, a contragosto, a proposta dos Bezerra que era: comprar a Rádio por Cr\$ 13.000.000,00 (treze milhões) [de cruzeiros]... o dinheiro foi aplicado na reforma dos quatro apartamentos que ocupam a frente do nosso ex-Seminário. Estão alugados e rendendo alguma coisa para a Diocese poder sobreviver.<sup>863</sup>

Segundo o relato do bispo, durante certo tempo, a diocese manteve suas obras de assistência social porque recebia doações da Igreja Católica alemã e ocasionais ofertas nacionais, o que colocava a cúria na delicada situação de dependência absoluta. No caso da Rádio Educadora, uma sucessão de gestões malsucedidas acabaria por conduzir a emissora às portas da bancarrota. Para dividir a carga pesada, dom Pompeu convidou uma parte representativa da sociedade limoeirense para opinar sobre o destino possível que se daria à emissora. Dentre as muitas ideias apresentadas, a da venda foi majoritária. Alguém justificou a proposta desta forma: “Se a Diocese acha que pode desfazer-se da Rádio, deveria vendê-la, porque os tempos mudaram. Hoje não é mais necessário possuir rádio”.<sup>864</sup> De fato, os “tempos” não eram mais “aqueles” do primeiro bispo, e mesmo a missão da diocese agora era outra. Todavia, esse documento permite concluir que a sociedade de Limoeiro desejava que a rádio permanecesse na cidade, sendo administrada por pessoas da região. Numa clara manifestação de xenofobia, os limoeirenses acreditavam que “os de fora” estivessem interessados somente em “sugar” os recursos da emissora, cuja situação financeira é explicitada abaixo:

<sup>863</sup> BESSA, Pompeu Bezerra (Dom, bispo). **Um Pouco da História da Rádio Educadora Jaguaribana Ltda.** Limoeiro do Norte, 28 de dezembro de 1984, p. 3-9.

<sup>864</sup> BESSA, Pompeu Bezerra (Dom, bispo). **[Relatórios das reuniões com a sociedade limoeirense sobre a situação da Rádio Educadora Jaguaribana]**. Limoeiro do Norte, 21 de dezembro de 1981. Primeiro relatório, p. 2.

Quadro 15

**SITUAÇÃO FINANCEIRA DA RÁDIO EDUCADORA JAGUARIBANA ENTRE 1971 E 1980**

| <b>Ano</b> | <b>Situação financeira</b>         |
|------------|------------------------------------|
| 1971       | Equilíbrio entre entradas e saídas |
| 1972       | Equilíbrio entre entradas e saídas |
| 1973       | Saldo de Cr\$ 17.408,14            |
| 1974       | Saldo de Cr\$ 2.732,39             |
| 1975       | Saldo de Cr\$ 8.100,00             |
| 1976       | Saldo de Cr\$ 14.169,00            |
| 1977       | Saldo de Cr\$ 9.141,11             |
| 1978       | Déficit de Cr\$ 154.000,00         |
| 1979       | Déficit de Cr\$ 240.540,65         |
| 1980       | Déficit de Cr\$ 523.408,25         |

Fonte: BESSA, Pompeu Bezerra (Dom, bispo). **[Relatórios das reuniões com a sociedade limoeirense sobre a situação da Rádio Educadora Jaguaribana]**. Limoeiro do Norte, 03 de fevereiro de 1982. Segundo relatório.

Nos sete primeiros anos, a situação aparece equilibrada (1971 e 1972) ou mesmo gerando pequenos saldos para a diocese (1973-1977). As finanças da emissora sofrem brusca guinada a partir de 1978, quando o déficit supera muito os melhores anos de saldo (1973 e 1976), chegando à quantia de meio milhão de cruzeiros, em 1980. Assim, “atolado em dívidas até o gogó”, dom Pompeu lamenta não possuir recursos para manter uma instituição que se tornara uma verdadeira “cangalha”, e que, a cada ano, chicoteava os “flancos vulneráveis e já doloridos de uma Diocese que, só com um tombo era capaz de cair e ficar prostrada”. A julgar pelos três anos de prejuízos (1978-1980), o bispo tinha razão em querer se desvencilhar daquilo que se transmutara de escola radiofônica em “jugo da opressão”. Todavia, analisando a programação da emissora, no final da década, percebe-se uma evidente valorização da cultura popular, o que justifica o receio do bispo em fechar a rádio, pois seria um genuíno meio de comunicação de massas que deixaria de existir. O quadro abaixo lista a programação da Rádio Educadora no ano de 1979:

Quadro 16

**PROGRAMAÇÃO DA RÁDIO EDUCADORA JAGUARIBANA DE LIMOEIRO DO NORTE,  
NO ANO DE 1979, POR HORÁRIOS E DIAS DA SEMANA**

| <b>Horário</b> | <b>Segunda a Sexta</b>    | <b>Sábado</b>               | <b>Domingo</b>                       |
|----------------|---------------------------|-----------------------------|--------------------------------------|
| 06:00          | Abertura                  | Abertura                    | Abertura                             |
| 06:03          | Ídolos do Povo            | Ídolos do Povo              | Educadora Exclusivamente Musical     |
| 08:00          | Samba É Uma Parada        | Samba É Uma Parada          | Liturgia da Palavra                  |
| 08:30          |                           |                             | Sociais da Semana                    |
| 08:55          | Plantão 604 (informativo) | Plantão 604 (informativo)   |                                      |
| 09:00          | Violas Nordestinas        | Violas Nordestinas          | Tocando o Vale Pra Frente            |
| 09:55          | Plantão 604 (informativo) | Plantão 604 (informativo)   |                                      |
| 10:00          | Big Show de Sucessos      | Paredão 79                  | Projeto Minerva                      |
| 11:00          | Panorama dos Esportes     | Panorama dos Esportes       |                                      |
| 11:15          |                           |                             | Educadora Musical                    |
| 11:30          |                           |                             | Pergunte e Responderemos             |
| 11:40          | A Diocese Informa         | A Diocese Informa           |                                      |
| 12:00          | Grande Jornal Educadora   | Grande Jornal Educadora     | Mensagens Musicais                   |
| 12:30          | Show Carangueijo          | Show Carangueijo            |                                      |
| 13:00          | Mensagens Musicais        | Projeto Minerva             |                                      |
| 14:15          |                           | Musical Educadora           |                                      |
| 14:30          |                           | Mensagens Musicais          |                                      |
| 16:00          | Show da Tarde             |                             |                                      |
| 17:00          | Vespéral do Volante       | Vespéral do Volante         | Discoteca de Sucessos                |
| 18:00          | A Hora da Prece           | A Hora da Prece             |                                      |
| 18:03          | O MEB Em Sua Casa         | Sucessos Que Foram Sucessos |                                      |
| 19:00          | A Voz do Brasil           |                             | Os Reis do Sertão                    |
| 20:00          | Projeto Minerva           | Você, o Rei e Eu            |                                      |
| 20:30          | Estúdio 604               |                             |                                      |
| 21:00          | Saudade Não Tem Idade     | Saudade Não Tem Idade       | É Bom Ouvir Nelson, Altamar e Moacir |
| 22:00          | Encerramento              | Encerramento                | Encerramento                         |

Fonte: *Boletim Campus*, n.º 1, junho de 1979, p. 4.

Como se vê, a programação era longa (dezesesseis horas por dia) e diversificada (músicas, notícias, variedades), ainda persistindo ao menos um programa do Movimento de Educação de Base (“O MEB em Sua Casa”).

Prevalecia música popular, destacando-se um programa exclusivo de samba e outro que tocava somente canções de Nelson Gonçalves, Altemar Dutra e Moacir Franco, cantores preferidos do povo jaguaribano à época. Outro programa tocava apenas canções de Roberto Carlos. Os saudosistas em geral eram atendidos em “Sucessos que Foram Sucessos” e “Saudade Não Tem Idade”, este último tendo permanecido no ar muitos anos. Todavia, o que se destacava na grade musical era o programa “Violas Nordestinas”, valorizando a cultura regional dos desafios entre cantadores. Essas “querelas cantadas” eram muito apreciadas pelo povo, já que nelas os violeiros podiam “demonstrar suas habilidades melódicas e poéticas improvisando sobre temas e formas predeterminadas, fazendo-se acompanhar por uma viola de arame” (DOURADO, 2004, p. 359). Outros cantores nordestinos, como o “rei do baião” Luiz Gonzaga, ganhavam destaque em “Os Reis do Sertão”. A Igreja também mantinha programas específicos, tais como a “Liturgia da Palavra”, aos domingos, “A Diocese Informa” (11h40min) e “A Hora da Prece” (18h), ambos de segunda a sábado.

Segundo a documentação, ver a rádio esvaindo-se de suas mãos constituiu um baque para o prelado limoeirense. O processo de venda da outrora “rádio do bispo”, que se efetivou no início da década de 1980, teria desencadeado uma “amargura” em dom Pompeu e uma “falação” no povo. Para meus depoentes, esse desgaste teria provocado uma “crise nervosa” no bispo, da qual ele nunca se recuperaria, culminando, por fim, em 1994, no acidente vascular cerebral que o manteve “preso, hemiplégico, a uma cadeira de rodas, sem fala nem escrita” (CASTELLO BRANCO, 1995, p. 279) até o dia de seu falecimento, em 23 de julho de 2000. Em razão da perda da “estrutura visível” da diocese, a exemplo da Rádio Educadora, comprada por um grupo privado, gestou-se a partir de então, no seio da população limoeirense, um contraponto entre o primeiro e o terceiro bispos, alocados em posições antagônicas. Vendida e assim “desfeita a obra de dom Aureliano”, o povo teria começado a murmurar que dom Pompeu viera para “destruir” tudo o que dom Aureliano “construíra” em 27 anos de bispado. Nessa visão, o primeiro antístite de Limoeiro seria “o construtor” enquanto o terceiro, “o demolidor”. Segundo um clérigo que conviveu com ambos, as “inevitáveis comparações entre Dom

Aureliano, o construtor, e Dom Pompeu, o demolidor, se devem às marcas características sobretudo do tempo em que atuaram como Bispos de Limoeiro do Norte” (CASTELLO BRANCO, 1995, p. 278). Um quadro comparativo das diferenças entre os dois prelados é visualizado abaixo:

Quadro 17  
**COMPARATIVO DA GESTÃO E DA PERSONALIDADE DOS BISPOS  
DOM AURELIANO MATOS E DOM POMPEU BEZERRA BESSA**

| <b>Primeiro bispo: dom Aureliano</b><br><b>Gestão: 1940-1967</b>                                                         | <b>Terceiro bispo: dom Pompeu</b><br><b>Gestão: 1973-1994</b>                                                                                     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Influências do ultramontanismo; imposições do Vaticano I; hierarquia acima do povo                                       | Influências da teologia da libertação; proposições do Vaticano II; hierarquia ao lado do povo                                                     |
| Intolerância aos valores do mundo moderno; tendência ao ostracionismo                                                    | Abertura aos problemas do mundo moderno; tendência ao ecumenismo                                                                                  |
| Ênfase na tradição e nos bons costumes                                                                                   | Ênfase na evangelização libertadora e no testemunho de vida                                                                                       |
| Clero autoritário                                                                                                        | Clero comunicativo                                                                                                                                |
| Poder centralizado na figura do bispo: decisões importantes tomadas de cima para baixo                                   | Poder descentralizado: participação coletiva nas decisões                                                                                         |
| Economia favorece a construção de uma estrutura de assistência social até então inexistente (hospital, escola, rádio...) | Economia exige a organização jurídica e financeira e o deslocamento original das instituições existentes                                          |
| Igreja e Estado mantêm relações simbióticas que permitem a criação e a manutenção das instituições de assistência social | Igreja e Estado não se imiscuem ininterruptamente; doações nacionais e estrangeiras, escassas, não permitem a manutenção das instituições sociais |
| O bispo é “dono da cidade”                                                                                               | O bispo é “exemplo para o rebanho”                                                                                                                |
| O bispo transita bem entre os políticos                                                                                  | O bispo não mantém relação com políticos                                                                                                          |
| O bispo convoca a elite da cidade para financiar seus projetos sociais                                                   | O bispo convida a elite da cidade para decidir o destino de instituições em crise                                                                 |
| O bispo reside no Palácio Episcopal, sua “residência oficial”, e dispõe de um séquito de servidores                      | O bispo reside no Centro Pastoral, juntamente com padres e leigos, onde todos se ajudam mutuamente                                                |
| O bispo é portador de prestígio e honra                                                                                  | O bispo é alvo de críticas e afrontas                                                                                                             |
| O bispo tem a missão de educar o povo, disciplinando suas falhas                                                         | O bispo tem a missão de servir ao povo, perdendo suas falhas                                                                                      |
| O bispo se empenha na formação de soldados e guerreiros (lutar contra o mundo neopaganizado)                             | O bispo se dedica à formação de missionários e profetas (ser “luz do mundo” e “sal da terra”; fazer a diferença no mundo)                         |
| Missão: manter a diocese longe das influências do mundo moderno, protegendo-a em um “tabernáculo da fé”                  | Missão: transformar o mundo por meio do Reino de Deus, usando como ferramenta a “evangelização libertadora”                                       |

Fonte: Anotações do autor/documentação coletada.

Como se percebe, as características entre os dois são diametralmente opostas ou sensivelmente distintas. Chamar dom Aureliano de “construtor” e dom Pompeu de “demolidor” seria uma forma simplista de ignorar as peculiaridades históricas vivenciadas e mesmo as idiossincrasias dos prelados. Se o primeiro bispo construiu uma estrutura de assistência social foi porque a própria Igreja o impulsionou a isso, tendo ele encontrado à disposição as “ferramentas” necessárias, tais como a valorização da cera de carnaúba, produto que permitiu o enriquecimento de uma elite que “financiou” em parte o projeto do antístite. Da mesma forma que, se o terceiro bispo se “desfez” de tal estrutura, foi porque o contexto o pressionou a isso, até em razão da mudança de “foco” da Igreja, que transitou do assistencialismo para a ação missionária; mudou de uma pastoral de “desobriga”, de imposição religiosa individual, para uma pastoral de comunidade, orgânica e coletiva. Não entender essa dualidade de vivências ou ignorá-la veladamente serve a um propósito bem específico: reforçar o mito que se criou em torno de dom Aureliano como o “fundador” da Limoeiro progressista, o “guardião” da cidade protegida, o “pastor” que cuidava de todos e mesmo o “melhor prefeito” da história. Como a sociedade da época e a personalidade de dom Pompeu se distanciavam dos modelos assumidos pelo primeiro bispo, o terceiro foi assim “escolhido” como contraponto para consolidação do mito fundador.

Legitima-se, assim, a paixão da nostalgia de um “tempo passado”, sempre idealizado, perfeito, em oposição ao “tempo presente”, salpicado de imperfeições. A “Limoeiro de dom Aureliano” seria então uma cidade idealizada na memória dos mais velhos, ou uma “cidade do desejo”, como sugere Gaeta (1995). Ao estudar a memória que os moradores da cidade paulista de Franca preservaram das “festas religiosas de sua juventude”, essa autora descobriu “uma camada mais profunda de cultura urbana, reveladora de uma visão de mundo que ainda permanece viva, embaralhada na nostalgia e no saudosismo” (GAETA, 1995, p. 158). Algo semelhante se verifica no mito antagônico de opor dom Pompeu a dom Aureliano, como se o “tempo” daquele fosse caos, perda e infelicidade, diametralmente oposto à “época do primeiro bispo”, reprocessada na memória como um tempo de harmonia, conquista e felicidade. Uma manifestação escrita dessa face utópica da prelazia primordial foi a publicação

do livro *O Limoeiro de Dom Aureliano*, de Antônio Malveira (1998), algo que consolidou de vez a “convicção” daqueles que viveram “aquele tempo”. Mesmo não abordando a outra face do mito, o bispado “demolidor” de dom Pompeu, Malveira alicerça sua obra em cima dessa memória idealizada de dom Aureliano, o “bispo inesquecível”, a figura “que ficou para sempre na história do Limoeiro” (MALVEIRA, 1998, p. 12).

Ao “atravessar o passado com a intensidade de um sonho” e “experimentar o presente com o mundo acordado, ao qual o sonho se refere”, para usar a terminologia de Walter Benjamim (*apud* BOLLE, 2000, p. 321), os memorialistas projetaram em um passado previamente selecionado uma idealização que o presente nega. A estesia do presente, perpassando o filtro do real, não satisfaz a quem relembra. Assim, dom Pompeu acabou enredado nas “travessias da memória”, enquanto dom Aureliano foi gestado como “fundador”. Nessa visão, Limoeiro seria uma Zaíra sertaneja, uma das cidades invisíveis de Calvino, um agrupamento urbano que se desnuda nas “relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado”:

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. [...] Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras (CALVINO, 2003, p. 10).

Nessa cidade forjada pela memória tudo é ambíguo, tudo se mostra e se oculta ao mesmo tempo, a descrição dos espaços não cobre necessariamente o real, pois tudo pode ser “distorcido” pelas refrações da lembrança e pelos ditames do desejo (GAETA, 1995). Assim, recordar a gestão de dom Pompeu como uma “demolição” do que dom Aureliano “construiu” seria uma dessas refrações da memória, um “devaneio” criado para justificar um tempo mítico, o tempo primordial da “fundação”, associado como sendo “um tempo em que nada faltou” ou “quando tudo abundava”. Quando percorri o labirinto das ruas de Limoeiro, gravando depoimentos com idosos, suas falas sempre me transportavam a um “outro” labirinto, o simbólico, que eu decodifiquei como o espaço de reconstituição da ordem que remetia diretamente aos primórdios da epifania urbana, ou seja, ao tempo de construção da “cidade ideal” pelo primeiro bispo. Não era por acaso que, ao mencionar dada instituição, os depoentes a localizavam no espaço como sendo “uma obra criada por dom

Aureliano”, evocado sempre como o “autor”, o benfeitor, o antigo guardião da cidade. Na verdade, esse tempo mítico e essa cidade idealizada só existem na memória das pessoas. A concretude do real nega atribuições como abundância, facilidade e rapidez, propriedades do sonho concedidas ao “fundador”. Os exemplos mencionados, dentre os quais recordo o Colégio Diocesano e a Maternidade São Raimundo, demonstram que a fundação e a manutenção desses órgãos se arrastaram em um longo processo, marcado por obstáculos, restrições e interrupções, muito distante do modelo idealizado. A aura de mitificação do tempo e da cidade acabaria por obliterar o real, aproximando aqueles elementos do onírico. Ao mesmo tempo, desafia os “homens de hoje” a se aproximarem do modelo de “benfeitor da cidade”, numa tentativa de tocar o onírico, já que ele é apenas mencionado e sentido.

## **5.2 “Corra que a novela vai começar”: a popularização da televisão e a hegemonia cultural**

Como vislumbrado no início deste Capítulo, o fascínio que a televisão provocou no sertão é compatível com o fenômeno semelhante visto em todo o Brasil, talvez um pouco mais acentuado em razão das escassas opções de informação e entretenimento que o sertanejo tinha acesso, quando comparado com um residente da capital alencarina, por exemplo, já acostumado a usufruir mais opções de comunicação social e de diversão. Introduzido no país em 1950, o televisor somente despontaria no sertão jaguaribano na década de 1960, ainda de modo tímido, popularizando-se, de fato, na década seguinte.

Quem já era fascinado pelo cinema, quando viu a televisão ficou impressionado, pois as imagens chegavam à tela sem precisar de um projetor, sem nada afora o aparelho em si. Foi realmente um negócio, um deslumbramento! Eu falo isso com conhecimento de causa porque sempre gostei de cinema e ver a televisão foi sensacional! Você já pensou na comodidade de ter um cinema dentro de casa! Naquela época era difícil a gente se deslocar para Fortaleza, e Limoeiro também tinha cinema, mas a chegada da televisão foi realmente uma coisa fora de série, impressionou muita gente!<sup>865</sup>

O depoente, tal como o historiador Nicolau Sevcenko, confirma que a televisão no Brasil herdou do cinema e do rádio as funções de “máquina de fazer mitos” (SEVCENKO, 1998, p. 615). Entretanto, foi somente dez anos

---

<sup>865</sup> PINHEIRO, Francisco Irajá. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 29 de outubro de 2010.



depois de fincar raízes no país que a televisão começou a despertar a atenção das ciências sociais e humanas, passando a ser considerada o “meio de comunicação que melhor simboliza... o controle norte-americano das mentes e corações” (RIBEIRO [R. J.], 2004, p. 64) ou a “caixa de pandora tecnológica [que] penetra nos lares” (SEVCENKO, 1998, p. 617). Nos primórdios da TV, a imprensa brasileira se referia a ela como o “brinquedo mais fascinante do século XX”.<sup>866</sup> Seus críticos, todavia, chamavam-na simplesmente de “máquina de fazer doido” (BRAUNE e RIXA, 2007). Pioneiros da implantação da teledifusão no Brasil, como Assis Chateaubriand, já detinham desde o princípio a consciência do poder daquela invenção, chamando-a por isso mesmo de a “mais subversiva máquina de influir na opinião pública”.<sup>867</sup> A investigação de tal poder, que nos estudos primevos foi associado a regimes totalitários como fascismo, nazismo e stalinismo (RIBEIRO [R. J.], 2004), constituiu o ponta-pé inicial das pesquisas em torno da “caixa mágica”, juntamente com o poder imagético que, invariavelmente, os objetos tecnológicos despertam no homem moderno.

Dependente diretamente de um imaginário tecnológico que, também no Brasil, se formou gradativamente desde os primeiros anos do século XX, quando inúmeros artefatos imagéticos, sonoros e motores invadiram o cotidiano do público, a televisão exacerbou a imaginação em torno das possibilidades de reprodução em imagens do que era captado pelo olhar humano (BARBOSA, 2010, p. 16).

Esse fascínio pela “novidade” e pela tecnologia, pelos instrumentos da modernidade, constitui uma marca cultural da região em estudo, conforme confessam meus depoentes. Assim, ao prometer transplantar o poder da imagética cinematográfica do espaço público para o privado, doméstico, a televisão “vendia” mais do que imagens e sons. Ao comprar um aparelho, uma pessoa adquiria também outros valores “embutidos”, tais como o conforto de ver a programação dentro de casa e a “escolha” de programas e horários, valores impensáveis em se tratando de cinema e teatro. Para pessoas que dispunham de poucas formas de entretenimento, como era o caso do sertanejo, a televisão desencadeou uma revolução social que nenhum outro meio de comunicação de massa fora até então capaz de efetuar, nem mesmo o

---

<sup>866</sup> *O Cruzeiro*, ano XXIV, n.º 36, 21 de junho de 1952, p. 27 e 29.

<sup>867</sup> “Discurso de Assis Chateaubriand durante a inauguração da TV Tupi Difusora de São Paulo”. Cit. BARBOSA, Marialva Carlos. “Imaginação televisual e os primórdios da TV no Brasil”. In: RIBEIRO, Ana Paula G. e outros (org.). **História da televisão no Brasil: do início aos dias de hoje**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 19.

rádio em seu apogeu. Um visitante que peregrinasse à noite pela região jaguaribana, na década de 1970, certamente veria duas cenas recorrentes: pessoas “sideradas” na tela de uma televisão posta em praça pública, sentadas nos bancos, em cadeiras que trouxera de casa, no chão ou mesmo em pé, e vizinhos lotando as casas dos poucos afortunados que já possuíam um aparelho.

O quadro abaixo apresenta um panorama das primeiras quatro décadas de atuação da televisão brasileira:

Quadro 18  
**EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO TELEVISIVA NO BRASIL  
ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 E 1980**

| <b>Década</b> | <b>Características marcantes da produção televisiva no período</b>                                                                                                                                                                                                                                                          |
|---------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>1950</b>   | Marco inaugural da televisão no Brasil: experiência inédita de ver TV restrita a alguns Estados; alto custo dos aparelhos; busca de financiamentos para manter emissoras no ar; limitado alcance social; adaptação de programas do rádio e de peças de teatro; caráter aventureiro e improvisado do fazer televisão no país |
| <b>1960</b>   | Prenúncio da massificação da televisão: formatação definitiva da indústria cultural no Brasil; desenvolvimento técnico e artístico; popularização dos ídolos da música brasileira; censura do regime militar                                                                                                                |
| <b>1970</b>   | Consolidação da televisão como meio de comunicação de massa: debates sobre o papel social da TV; dilema entre entreter e conscientizar as massas; hegemonia da TV Globo; tensão entre formatos antigos e modernos e permanência do caráter experimental, ousado e engajado em outros canais                                 |
| <b>1980</b>   | Nova popularização da televisão: afrouxamento da censura e retorno dos programas populares (“mundo cão”) reacende a crítica sobre a qualidade da TV brasileira; mixagem entre popular e moderno; programas voltados para a juventude                                                                                        |

Fonte: RIBEIRO, Ana Paula G. e outros (org.). **História da televisão no Brasil**: do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010, p. 13, 57, 107 e 157.

Considerando que a televisão efetivamente se popularizou no Vale do Jaguaribe na década de 1970, as duas primeiras fases foram “condensadas” e vivenciadas todas no referido decênio. Assim, enquanto em São Paulo e no Rio Janeiro a figura do “televizinho” se tornava cada vez mais escassa, no sertão era um fenômeno dominante, em função do reduzido número de aparelhos. A partir de 1973, quando foi lançado o televisor em cores, o vai-e-vem de vizinhos às casas dos afortunados se intensificou, todos ávidos para ver a “televisão colorida”. Na época, o aparelho custava cerca de vinte e dois salários mínimos, ou seja, até Cr\$ 7.000,00, um “luxo caríssimo” (BRAUNE e RIXA,

2007, p. 174). Não obstante a inegável “onda de fascinação” ou o “deslumbramento” que varreu o semiárido cearense, a televisão não se constituiu num fenômeno homogêneo, isto é, também despertou em muita gente indiferença ou mesmo repugnância:

A primeira vez que vi um aparelho de televisão foi aqui mesmo em Fortaleza, quando eu tinha dez anos. Lembro que, quando minha mãe morreu, em 1964, no início do ano, meu pai nos trouxe de Limoeiro para passar uma semana ou uns dez dias aqui em Fortaleza, na casa de uma irmã dela, tia Madalena, que morava então no São Gerardo... Foi lá que eu vi a televisão pela primeira vez. Confesso que não me encantou muito, não! Na época, na verdade, eu gostava mais de ler revista em quadrinho. Aqui em Fortaleza, perto da casa de minha tia Madalena, havia uma banca de revista que eu considerava um achado. Quase todo dia eu ia lá, comprar uma revistinha para ler. Gostava mais de ler HQ do que da televisão, como de fato ainda hoje eu gosto mais de quadrinhos que de TV.<sup>868</sup>

Lembro que a primeira vez que vi o aparelho da televisão foi na década de 1960, numa casa ali na Rua Capitão José Rodrigues [em Tabuleiro do Norte], mas agora não tenho certeza se eu já era crente [evangélico] na ocasião. Nunca tinha visto aquilo antes. Ia passando na rua e olhei assim, de relance, pela janela de uma casa. O que eu vi sair da tela, naquele instante, já me desagradou, não gostei nem pouco. Acho mesmo que isso foi um dom que Deus me deu: ter horror à televisão. Desde essa primeira vez e a vida toda eu criei um horror à televisão. Na minha casa nunca entrou, e enquanto estiver vivo não vai entrar essa fonte que só jorra água envenenada.<sup>869</sup>

Os dois depoentes fogem do modelo-padrão do homem deslumbrado diante da “caixa mágica”, do “brinquedo mais fascinante do século XX”. Mesmo assumindo posturas diferentes, o primeiro apenas não se deixou “encantar”, enquanto o segundo passou a gestar um “horror” ao aparelho em si, os dois sertanejos, poetas, portanto abertos à “sensibilidade do mundo”, retratam a televisão ora com indiferença ora com repulsa. O primeiro considerava a leitura de HQs um entretenimento muito mais atraente, mais “encantador” (que produz encanto, magia), enquanto o segundo vê na leitura da Bíblia um prazer inesgotável, diante do qual a televisão “não chega nem aos pés”, já que esse invento é considerado uma “fonte que só jorra água envenenada”. E, de fato, desde os primórdios, a televisão tem provocado receio, desconfiança, medo e até nojo. Um jornalista que acompanhou sua chegada ao Brasil parece não se empolgar muito com a notícia, antevendo que aquele invento seria no futuro um “pavoroso instrumento de perversão para a juventude”:

Começou a televisão no Brasil, graças ao dinamismo do jornalista Assis Chateaubriand. Vai apenas um passo do ensaio inicial à vitória completa nesse terreno. Pois a Ciência, quando se põe a serviço do Prazer, corre mais depressa.

<sup>868</sup> MAIA, Virgílio Nunes. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 26 de fevereiro de 2011.

<sup>869</sup> SANTOS, Luís Alcides dos. Entrevista concedida em Tabuleiro do Norte-CE em 30 de dezembro de 2010.

Depois, não se trata de descobrir, porém de transportar, somente, para o Brasil, um invento já vulgar nos Estados Unidos.<sup>870</sup>

No último trimestre de 1954, em Fortaleza, é feita a primeira demonstração pública de funcionamento da televisão no Ceará.<sup>871</sup> Um depoente conta como foi essa exibição primordial:

Antes de a televisão chegar ao Ceará, exibiram um programa de experiência. Colocaram uma TV na marquise do prédio [da então sede da Ceará Rádio Clube] onde hoje é a Secretaria de Finanças da Prefeitura de Fortaleza e outra no Edifício Pajeú, para o público ver. Eu também fui assistir, mas era só uma experiência. A tela do aparelho devia ter apenas doze polegadas e assim não se via de longe. Não deu para ver bem, mas quem assistiu achou uma beleza!<sup>872</sup>

Note que mesmo não avistando bem o aparelho, cuja tela era diminuta, a exibição foi “uma beleza” para o povo, que até então “só ouvira falar” de televisão. Até a década de 1950, o rádio era o meio de massa dominante no Ceará, prevalecendo o sentido da audição. O “casamento” entre esta e a visão, numa explosão de imagens e sons que “saltavam” de uma caixa de madeira, despertou as mais diversas reações, mesmo de incredulidade. “Estupefatos, [muitos] duvidavam que ‘seus ídolos tivessem aquela cara’ ao vê-los nas imagens onduladas, pouco nítidas e imprecisas que a televisão nos seus primórdios oferecia” (BARBOSA, 2010, p. 28).

Em Fortaleza, somente em fins de 1960 o primeiro canal de televisão começava a despontar, com bastante receio por parte da Igreja, temendo que o povo ainda não tivesse sido “educado” para lidar com aquele invento “potencialmente perigoso”.<sup>873</sup> Em razão disso, o jornal católico reproduziria um “manual” de regras para “uso da TV”, publicado originalmente pela Associação Católica Internacional para Radiodifusão e Televisão. Dentre outras coisas, estipulava-se que:

3 – Devem ser vedados a todas as idades os espetáculos sobreexaltantes, alucinantes, chocantes, traumatizantes. Por exemplo, a vista de personagens hediondos, tremendos, de cenas lentas e minuciosas, de crueldade, de situações em que a humanidade parece envelhecida e degradada. [...]

5 – Os programas de caráter irreligioso ou imoral são proibidos não somente pelas leis da Igreja, mas também pela própria lei natural.<sup>874</sup>

---

<sup>870</sup> *O Nordeste*, 24 de julho de 1950, p. 3. “De Bubuia: Ontem, hoje e amanhã”, coluna de Audifax Mendes.

<sup>871</sup> *O Nordeste*, 08 de outubro de 1954, p. 8.

<sup>872</sup> AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 01 de março de 2012.

<sup>873</sup> *O Nordeste*, 31 de outubro de 1960, p. 1 e p. 6.

<sup>874</sup> *O Nordeste*, 30 de maio de 1961, p. 5 e p. 4. Texto: “Regras práticas para uso da TV”.

Percebe-se uma acentuação preocupação com a exibição de programas e cenas que retratassem o ser humano como degradado e sádico, bem como tudo aquilo que pudesse “perverter” a moral e a religião cristã. O manual é tão detalhado que estipula horários e programas considerados “adequados” às crianças e aconselha os telespectadores a escrevem às emissoras felicitando-as por programas de “qualidades formadoras”, e censurando-as duramente, quando a programação se mostrasse de “caráter imoral”.

Em Limoeiro, o primeiro televisor fora adquirido em meados da década de 1960,<sup>875</sup> por José Nilson Osterne, um entusiasta da tecnologia. Instalada em sua residência, a “caixa mágica” atraía a curiosidade do povo, mas a ausência na região de uma antena repetidora do sinal vindo de Fortaleza tornava a atração uma mera visualização de “chuviscos”. Os depoentes relembram esse período:

Já a chegada da televisão eu presenciei. Quem trouxe o primeiro televisor para Limoeiro, para fazer experiências aqui, foi o doutor José Nilson Osterne, juntamente com o doutor Eduardo Eckner. Eu lembro bem porque era bem próximo a nossa casa, ali onde hoje é a Cidade Alta. Por ser um local mais elevado, já que tinha que receber o sinal direto de Fortaleza porque não tinha estação de retransmissão do sinal da televisão aqui por perto. Então tinha que pegar direto de Fortaleza e para isso precisava de uma antena muito alta. Então eles foram procurar um local ali onde hoje é a Cidade Alta justamente porque ali já era um tanto elevado, era um local mais alto. Botaram duas carnaúbas na ponta uma da outra que, talvez, desse as duas vinte metros, mais uns doze metros de cano na ponta dessas carnaúbas. Então vamos dizer que tivesse perto de trinta metros de altura essa antena. E mesmo assim ainda não tinha sinal. Aqui e acolá é que sintonizava. Era fora do ar direto. Aqui e acolá é que você via um pouquinho de uma imagem, mas não dava nem tempo você identificar o que era.<sup>876</sup>

A primeira televisão que chegou em Limoeiro foi a do doutor José Nilson, que era meu vizinho. Mas ninguém via nada, a imagem não prestava. Era o formigueiro maior do mundo [risos]. A calçada ficava lotada de gente, mas era só o chuvisco e o doutor José Nilson pelejando para sintonizar. Era diferente de hoje, não tinha parabólica, era só uma antena caseira... A coisa veio melhorar só depois.<sup>877</sup>

Até fins da década de 1970, a TV em Limoeiro pegava mal, pois a imagem era captada de uma torre muito distante.<sup>878</sup>

---

<sup>875</sup> Nessa mesma década, segundo Meton Maia e Silva (1997), um televisor a bateria teria sido instalado na zona rural de Limoeiro, na localidade de Gangorra, na fazenda do Sr. João Lopes de Assis (SILVA, 1997, p. 70). Não se sabe em que condições ou se realmente essa televisão funcionava.

<sup>876</sup> GUERREIRO, José Maia. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 09 de fevereiro de 2013.

<sup>877</sup> LUZ, Oswaldo da Silva. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 15 de março de 2011.

<sup>878</sup> Nota do jornal *Correio do Ceará*, em sua edição de 22 de agosto de 1978, confirma que “Imagem da TV ainda não chega bem em Limoeiro”. O jornalista pede providências governamentais dos “órgãos técnicos responsáveis pelo sistema” no sentido de eliminar aquela frustração, pois o sertanejo não poderia “ficar privado das programações preferidas”.

Em 1978, já trabalhando na Rádio Vale do Jaguaribe, eu me lembro de ter ido fazer uma reportagem na Chapada do Apodi, onde havia sido instalada recentemente uma antena repetidora do canal 10 [TV Verdes Mares, afiliada Rede Globo]. Veio gente de Fortaleza para instalar a antena, disso eu sei. Lembro até dos comentários feitos por José Nilson Osterne na emissora de rádio, saudando e desejando sucesso à equipe que viera instalar a antena. Você deve saber que era um avanço enorme a instalação de uma antena repetidora na Serra, não é? Era a mais avançada tecnologia chegando a Limoeiro e, por conseguinte, uma grande novidade.<sup>879</sup>

Segundo o depoente, depois de instalada a antena na Chapada do Apodi, a poucos quilômetros do centro de Limoeiro, a mudança foi significativa: a imagem que antes era “péssima” ficou “limpíssima” ou, como se dizia à época, a “imagem ficou local” (nítida). Essa antena efetivamente contribuiu para popularizar a televisão em toda a região, pois, antes disso, de nada adiantava comprar um aparelho, com grande sacrifício, se a imagem disponível era de baixa qualidade. Entretanto, a televisão surgiu como uma modernidade tão fascinante que a Prefeitura de Limoeiro não esperou a instalação da antena na Serra. O primeiro televisor em via pública foi colocado na Praça José Osterne, vizinho à catedral, pelo prefeito Raimundo de Castro Filho, ainda em meados da década de 1960 (SILVA, [M. M.], 1997). Ao lado da caixa protetora do aparelho, uma antena improvisada garantia a exibição, ainda comprometida pela distância do sinal. O depoente mencionado anteriormente recorda que o pai o levou para ver a “grande novidade”:

A primeira vez que eu vi televisão, foi quando da instalação da TV pública, pelo prefeito Raimundo de Castro (1967/1971), na Praça Jose Osterne. Numa noite de lua muito clara, vim com meu pai de bicicleta do São Raimundo para assistir ao Papa Paulo VI, que naquela noite iria fazer um pronunciamento. A praça cheia, completamente lotada, todos em pé de frente para o aparelho, atentos para quando aparecesse a imagem do Sumo Pontífice e muitos – assim como eu – encantados, pois era a primeira vez que estavam vendo uma televisão.<sup>880</sup>

A partir da década de 1970, como aconteceu em grande parte do país, a televisão começou a se popularizar na região jaguaribana. Inicialmente, em função do alto custo, os aparelhos eram comprados somente pelos “ricos”, mas rapidamente ganharam um lugar de destaque nos lares.<sup>881</sup> Na década anterior, no Ceará, numa associação a uma brincadeira infantil, a projeção da sombra

---

<sup>879</sup> FREITAS, Maurilo Maia de. Entrevista concedida via e-mail, enviado de Limoeiro do Norte-CE em 25 de agosto de 2015.

<sup>880</sup> FREITAS, Maurilo Maia de. Entrevista concedida via e-mail, enviado de Limoeiro do Norte-CE em 25 de agosto de 2015.

<sup>881</sup> “Em 1970, o censo registra que 27% dos lares brasileiros possuem um televisor – 75% deles estão nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. [...] Em 1974, existem quase 8 milhões de televisores no país, ocupando 43% dos lares. Em três anos apenas, o consumo de televisão dobrou no Brasil” (BAHIANA, 2006, p.174).

de mãos na parede, por meio de uma lanterna, chegou a ser considerada o “televisor de pobre”.<sup>882</sup> Nessa fase de consolidação, os vizinhos frequentavam a casa dos poucos proprietários de televisão, sobretudo para assistirem novelas:

Acho que a primeira casa de Limoeiro a possuir televisão foi a de dona Olga e de seu Manfredo. Eu morava vizinho, onde hoje é a Biblioteca Municipal, e lembro que dona Olga deixava a gente ver a televisão. Todas as luzes apagadas, para não incomodar seu Manfredo, e a gente entrava descalça para também não fazer zoadas. A gente sentava na sala, só à luz da televisão, e dona Olga ainda passava umas comidinhas pra gente comer, bolo, biscoito... Lembro-me de ter visto na casa de dona Olga a novela *As Pupilas do Senhor Reitor*, ainda em preto e branco.<sup>883</sup>

A depoente faz menção à primeira versão televisionada do romance do autor português Júlio Diniz, *As Pupilas do Senhor Reitor*, novela exibida às 19h pela TV Record, em 1970.<sup>884</sup> Em seus primórdios, a telenovela buscava fonte de inspiração também na literatura, além de cooptar os atores do teatro (BRANDÃO [C.], 2010). A depoente, moça de 28 anos em 1970, assumia a postura de televisinha, deslocando-se para assistir a novela na residência de um rico comerciante porque em sua casa ainda não havia televisão. Nota-se certo clima de “festa”, até mesmo com “comidinhas” oferecidas pela anfitriã, não obstante todo o ritual de silêncio obedecido para não incomodar o dono da casa, indiferente às novelas, preferindo dormir cedo.

Em 1975, já existiam no Brasil dez milhões e meio de aparelhos de TV, sendo que 97% por cento do território nacional já era coberto pela Rede Globo, emissora surgida dez anos antes e que se tornaria a líder absoluta na região jaguaribana, muito em função do projeto concebido no início da década com o fim precípua de promover uma “integração nacional” por meio da televisão, intento que se coadunava aos interesses do regime militar então vigente:

É possível afirmar que tanto empresários das comunicações quanto dirigentes militares, por motivos diferentes, viam vantagens na integração do país. Os militares queriam a unificação política das consciências e a preservação das fronteiras do território nacional. Os homens da mídia, por sua vez, vislumbravam a integração do mercado de consumo (RIBEIRO e SACRAMENTO, 2010, p. 116).

---

<sup>882</sup> O Nordeste, 03 de dezembro de 1960, p. 5.

<sup>883</sup> FREITAS, Maria das Dores Vidal. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 18 de fevereiro de 2012.

<sup>884</sup> A telenovela foi adaptada do romance português por Lauro César Muniz e dirigida por Dionísio Azevedo. Em 1994, o SBT exibiu um *remake*, desta feita no horário de 19h45min. Cf. ALENCAR, Mauro. **A Hollywood brasileira**: panorama da telenovela no Brasil. Rio de Janeiro: Senac, 2002, p. 171.

Mediante adequação de interesses, na qual um grupo era impulsionado pela ideologia política e o outro pela economia de mercado, foi possível pôr em prática um pacto que representou, em curto prazo, a exaltação da cultura do eixo Rio/São Paulo como sendo a verdadeira manifestação da “integração nacional”. O que se viu, em seguida, foi uma rápida assimilação de hábitos e costumes do Sudeste em todo o país, num desejo quase febril de “imitar” o que era considerado “moderno” e “adequado” ao conjunto da nação. Os frutos dessa homogeneização ainda perduram e podem ser facilmente verificados na persistência de exibição dos desfiles das escolas de samba de São Paulo e do Rio de Janeiro, como se apenas elas representassem toda a diversidade do carnaval brasileiro.

Na região jaguaribana, o melhor representante da homogeneização promovida pelo regime militar em consonância com os interesses das emissoras de televisão, sobretudo da Rede Globo, certamente foi a massiva aceitação das novelas, cujos enredos, atores, cenários e linguagens apontavam para a cultura do Sudeste, exercendo forte fascínio no sertão que ainda engatinhava na modernidade. Na verdade, o “sucesso” das novelas no Brasil como um todo pode ser explicado da seguinte forma:

O teatro, sufocado pela censura, mandava para a TV seus melhores atores e, mais que isso, seus melhores autores. Na [Rede] Globo, que apostava superagressivamente na hegemonia do gênero, as novelas já ocupavam quatro faixas de horário, eram em cores e, com o casal Janete Clair-Dias Gomes à frente, levantavam os padrões de texto e estrutura a níveis impensados, enquanto amealhavam espectadores da ordem de 40 milhões de almas (BAHIANA, 2006, p. 384).

Um depoente que cuidou do Cine Capri durante vinte e cinco anos deixa seu testemunho daquilo que chamo aqui de “guerra das telas”, isto é, a disputa pela audiência do limoeirense desencadeada pela popularização da televisão, quando já existia um bom cinema na cidade:

Quando a televisão foi lançada, o povo já tinha uma ansiedade muito grande por novidades e notícias, pois antes só se sabia das coisas pelo rádio, em programas como *A Hora do Brasil*. Muitos já tinham ouvido falar da televisão, e por isso essa ansiedade doída em conhecer esse invento. Quando a televisão foi instalada em Fortaleza, alguns aqui em Limoeiro começaram a comprar o aparelho, mesmo sabendo que não havia sinal, não tinha antena para captar o sinal. Então, mandavam instalar uma antena bem alta, de quinze a vinte metros de altura, ligada a um aparelhinho na tentativa de captar o sinal. Foi assim, com muita dificuldade, José Nilson Osterne conseguiu instalar um aparelho em sua casa, mas o chuviscado era tanto que ninguém via nada. Mesmo assim, o povo fazia aglomeração na janela da casa para ver apenas o chuviscado e ouvir o chiadeiro, porque nem o som se ouvia direito.



Essa dificuldade durou muito tempo. Quando se foi dizer que havia televisão funcional em Limoeiro, foi quando a TV Verdes Mares foi lançada em Fortaleza e eles resolveram instalar um torre de transmissão em cima da Serra do Apodi, que conseguiu cobrir parte da região. [...] A primeira televisão posta em praça pública foi no período da Jovem Guarda, na década de 1960, eu me lembro bem, em função do show de Roberto Carlos, que era bem assistido. A praça ficava lotada de gente, que começava a chegar depois da 17h. Depois do show, havia seriados e o povo também gostava. A Rede Record era a emissora que abrangia mais o pessoal da Jovem Guarda, e hoje a rede está retransmitindo alguns dos programas dessa época.

Com a chegada da televisão e a entrada das novelas da Rede Globo, principalmente com as primeiras, justamente no horário que era tradicional do cinema, nessa disputa houve uma queda do cinema, não só no interior como também na capital. Quer dizer, o cinema passou a sofrer as consequências da popularização da televisão e por isso os cinemas começaram a fechar. Cidades como o Crato, que tinha quatro cinemas, fecharam três, ficou somente um. Juazeiro, que tinha três cinemas, fechou um e depois os outros. Quixadá tinha dois e fechou um, mas cinco anos depois o outro fechou também. Aqui em Limoeiro, fechamos em 1980. Isso aconteceu não somente nas cidades do Ceará, mas também no Rio Grande do Norte, na Paraíba...

Quanto às novelas, as primeiras fizeram muito sucesso em Limoeiro. *Pai Herói*, por exemplo, foi um descalabro, um sucesso estrondoso. Quando chegava na hora da novela, não tinha conversa, o sujeito deixava até de jantar para ver a novela. Se estivesse à mesa e desse o horário da novela, deixava a comida esfriando e ia assistir à novela. Assim, no horário da novela, ninguém inventasse de abrir o cinema porque não daria audiência alguma. Eu mesmo mudei o horário da sessão noturna, passou a ser mais cedo ou mais tarde, mas mesmo assim não houve jeito de conseguir atrair o povo ao cinema. Outras novelas de sucesso foram *Irmãos Coragem*, com Tarcísio Meira e Cláudio Marzo, *Mulheres de Areia*, com Eva Wilma, *Escrava Isaura*, com Lucélia Santos, *O Astro*, com Francisco Cuoco, *O Bem Amado* e seu Odorico Paraguaçu. Esta última foi a primeira novela colorida da televisão brasileira.

Como falei atrás, a televisão realmente fechou os cinemas, onde aparecia, e isso aconteceu em todo o Brasil. O efeito TV foi tão devastador para o cinema que mesmo nas capitais onde existiam quinze ou vinte cinemas, reduziram-se a três ou quatro cinemas. Quando nós fechamos aqui em Limoeiro foi exatamente por isso, porque a televisão chegou imperiosa, exigindo que o povo ficasse dentro de casa ou mesmo que fosse às praças, mas que ficasse hipnotizado pela telinha.<sup>885</sup>

Como se vê, o projeto de “integração nacional”, ao gosto dos militares e dos capitalistas, acabaria por desencadear uma crise no cinema, arte antiga que se ressentia de ser “suplantada” ou “abalada” pela chegada da “caixa mágica”, ou, para usar termos populares, a “telinha engolindo a telona”. No Brasil, o receio para com novos instrumentos da indústria cultural seria um fenômeno recorrente porque se acreditava que os novos tendiam a “sepultar” outros já sedimentados ou mais antigos. Assim, a modernidade, entre os brasileiros, foi quase sempre considerada um aspecto fatalista ou mesmo trágico, por “matar” tradições em seu caminho, num “círculo vicioso no qual o cinema mataria o teatro, a televisão mataria o rádio” (VELLOSO, 2002, p. 182).

---

<sup>885</sup> COSTA, Raimundo Nonato da. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 26 de setembro de 2013.

No sertão, o rádio conseguiu resistir ao encantamento da televisão, como visto, mas o cinema não teve a mesma sorte, segundo o depoente.

O fechamento das salas de cinema em todo o sertão, em todo o país, na verdade, não foi apenas fruto do fascínio que a televisão despertou numa população que dispunha de poucas opções de entretenimento. Como já se vislumbrou acima, tudo se encaixava num plano político-econômico que foi aceito e assimilado sem maiores questionamentos pela população, que passou então a pressionar o governo municipal para conseguir a instalação de televisores nas praças públicas. Também os prefeitos da época viram nesse instrumento uma forma de “arrebancar” o voto do povo, conforme tratado no filme *Cine Holliúdy*.<sup>886</sup> Nas vilas esparramadas pelo sertão jaguaribano, o hábito de ver televisão em praça pública atravessou as décadas de 1970 e 1980 e persistiu até meados da década de 1990, como pude constatar em 1996, numa visita que fiz à vila de Olho D’Água da Bica, distrito de Tabuleiro do Norte, durante pesquisas preliminares para meu projeto de mestrado:

Cheguei à vila numa noite de quinta-feira, tendo conseguido carona no ônibus que leva estudantes até a sede, para cursar o Segundo Grau. Chegamos depois de 22h e o ônibus estacionou na pequena praça da vila, bem no centro, nas proximidades da capela. Ao desembarcar, passei a caminhar pela extensão da praça, ficando surpreendido com a quantidade de pessoas sentadas nos bancos e no chão, assistindo à televisão posta dentro de uma caixa de cimento, com uma grade de ferro que se movia para a lateral. Fechada com cadeado, a caixa evitava o furto do aparelho, quando este não estava ligado. Em minha inocência de cidadão, pensara que aquele hábito de sentar na praça para ver a TV pública tinha ficado para trás, nos anos de 1980. Na vila da Bica, naquele momento, os olhares de dezenas de pessoas, observando, curiosas, um forasteiro que acabara de desembarcar, tratavam de aniquilar de vez aquele preconceito pueril.<sup>887</sup>

Durante a visita, constatei que muitas famílias ainda não possuíam seu aparelho de televisão, o que justificava a permanência do hábito que eu supus ultrapassado. Ademais, o costume era uma forma de sociabilidade, quando amigos e conhecidos se encontravam diante da TV, conversando livremente durante os intervalos comerciais das novelas, cujo “poder de atração”, segundo meu depoente, teria ocasionado o fechamento do cinema em Limoeiro. O poder de sedução das telenovelas era tanto que, “não tinha conversa”, as pessoas até deixavam o jantar esfriando para não perder o capítulo. Foi nessa

---

<sup>886</sup> CINE Holliúdy. Direção, roteiro e produção: Halder Gomes. Paris Filmes, 2013. 1 disco (91min), DVD: son., color.

<sup>887</sup> FREIRE, Edwilson S. **Diário de Campo de Visitas à Vila de Olho D’Água da Bica**. Dia 08 de agosto de 1996. Manuscrito.

época que surgiu o vocativo popular “corra, que a novela vai começar” para chamar os dispersos que estivessem nas proximidades da casa, ou em outro cômodo.<sup>888</sup> Em função disso, “ninguém inventasse de abrir o cinema”, pois seria fracasso de bilheteria. Mesmo mudando o horário da sessão noturna, o cinema não conseguiu resistir ao fascínio que a telenovela exercia sobre o povo.

Um jornal da época, ao entrevistar o Sr. Raimundo Nonato da Costa, responsável pelo Cine Capri, denuncia a crise do cinema de Limoeiro, prestes a fechar em função do “sucesso estrondoso” de *Pai Herói*,<sup>889</sup> novela de Janete Clair:

“Desde 1972 quando foi inaugurada a máquina de projetar de 35mm, as exhibições vinham sendo boas, mas esse ano [1979], a partir de fevereiro, o cinema entrou em colapso e procuramos pesquisar e tomar uma ideia do que se tratava. Os filmes não modificaram. Sempre a programação boa. Inclusive, houve um período em que nós pegamos umas produções do Walt Disney, que realmente trazem espectadores para o cinema e não havia nenhuma outra diversão que fizesse o povo deixar de vir ao cinema.” [...]

“Agora a população de um modo geral, inclusive alguém que vem de fora, vem da capital ou mesmo funcionário da Empresa, acrescentam que o problema está com relação à novela *Pai Herói*” – afirma seu Raimundo. “Eu não queria acreditar que fosse isso não, mas é boca geral. Expliquei à direção da Empresa o que está havendo e então o gerente respondeu que deixássemos passar a onda dessa novela para ver se realmente haveria uma reação satisfatória ou se continuaria essa queda de renda. Realmente a nossa renda não era muito boa, mas assegurava as despesas e um pouquinho de lucro. Hoje não, a renda caiu de uma maneira tal, digamos de quase 50 por cento, o que está provocando prejuízo, e o cinema não pode absolutamente permanecer de portas abertas, porque realmente a despesa é grande.”<sup>890</sup>

Nota-se que mesmo o responsável, inicialmente, não creditava a crise do cinema ao sucesso da novela, mesmo sendo esta a “boca geral”, a justificativa plausível para que, em pouco tempo, a renda do cinema caísse pela metade, comprometendo as despesas e ameaçando fechar a sala. Ao ouvir pessoas do povo, o funcionário passou a acreditar no “poder da novela”. E mais: temia que a crise perdurasse, que a solução de “deixar passar a onda da novela” não fosse suficiente, e que “aparecesse outra novela desse estilo”. Os temores se confirmaram e o cinema fechou no ano seguinte, 1980, deixando o sertão jaguaribano sem a opção da sétima arte. O repórter que

<sup>888</sup> Uma memória que preservo, quando devia ter sete ou oito anos (1977-1978), é a de uma vizinha chamando minha mãe pela janela da casa: “corra, que a novela vai começar”. Nessa época, minha mãe era uma “televisinha” e não perdia um capítulo da novela.

<sup>889</sup> *Pai Herói* foi exibida pela Rede Globo, no horário de 20h, entre 29 de janeiro a 18 de agosto de 1979, com direção de Gonzaga Blota.

<sup>890</sup> *Boletim Campus* n.º 3, agosto de 1979, p. 4. “E o cinema deve fechar?”, artigo não assinado.

escreveu a matéria também entrevistou pessoas do povo e ninguém concordou com o fechamento do cinema, mas também não manifestaram ardor em mantê-lo operante, sobretudo porque a opção de “boas novelas” continuaria entretendo o povo, independente de o cinema cerrar suas portas ou não.

Não obstante mais da metade dos lares brasileiros ainda não possuem um aparelho de TV, ao final da década de 1970 já existiam dezessete milhões de “caixas mágicas” espalhadas em mais de 90% do território nacional. O número de espectadores era estimado em sessenta milhões e a emissora que possuía a maior extensão de cobertura era a Rede Globo, que, sozinha, abocanhava 85% da verba publicitária:

Inexorável como o capítulo final de uma novela, a hegemonia da Rede Globo avança ao longo da década. O Brasil via Embratel, cada vez menos regional e mais homogêneo, aprende a ver, nos mesmos horários as mesmas novelas, o mesmo telejornal, os mesmos shows. O fenômeno do modismo nacional induzido pela TV começa a se tornar cada vez mais frequente, e a Globo, cada vez mais consciente de seu poder, ensaia mais amiúde novos projetos de interferência direta – merchandising, controle sobre as trilhas musicais. É claro que, acima dela, continuava o governo, atuando como um superego de controle, determinado a colocar no ar exclusivamente aquilo que ele queria ver (BAHIANA, 2006, p. 382).

Esse fenômeno de homogeneização da cultura brasileira, ditado por uma emissora, também alcançou o Vale do Jaguaribe e produziu comoção em torno de uma trama que, aparentemente, não guardava nenhuma semelhança com a história do semiárido. O que justificava, então, o sucesso de uma novela como *Pai Herói*<sup>891</sup> em pleno sertão cearense? Para responder a essa pergunta, é necessário conhecer o enredo dessa obra:

André Cajarana é tirado do orfanato pelo avô e passa a viver na cidade mineira de Paço Alegre. Criado com a ilusão de que seu pai era um grande homem, ele parte para o Rio de Janeiro para buscar sua própria identidade e tentar elucidar a morte do pai – tido como bandido – e inocentá-lo da acusação de ter roubado terras de Nestor. Em Nilópolis, município da Baixada Fluminense (RJ), André se depara com Bruno Baldaracci, empresário mafioso, descendente de italianos, ex-sócio do pai de André e atual marido de sua mãe, Gilda. O rapaz enfrentará Baldaracci, que tenta encobrir a verdade sobre os negócios escusos. Paralelamente à luta para descobrir a identidade do pai herói, André se envolve com a bailarina Carina – filha da tradicional família Limeira Brandão, comandada com pulso firme pela matriarca Januária – e passa a disputar seu amor com César, enquanto é alvo do apoio e da paixão de Ana Preta, a espontânea dona de uma casa de samba, a Flor de Liz (FERREIRA, 2003, p. 118).

---

<sup>891</sup> Originalmente, o argumento da trama seria usado numa produção cinematográfica, projeto nunca concretizado por Janete Clair. Ver: FERREIRA, Mauro. **Nossa Senhora das Oito**: Janete Clair e a evolução da telenovela no Brasil. Pesq. e report. Cleudon Coelho. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

Como se vê, a trama não é inovadora nem foge do modelo que consagrou Janete Clair como “dona do horário das oito”: “altas doses de romantismo são temperadas com ação, emoção, suspense e eventuais críticas sociais” (FERREIRA, 2003, p. 13). A ambição do protagonista, “limpar” o nome do pai, fio condutor do interesse despertado numa sociedade patriarcal como a jaguaribana, é contrabalanceado pela presença de uma família tradicional comandada por uma matriarca. A formação desse casal *sui generis* – ele representando a educação tradicional que conferia ao homem o papel de provedor do lar; ela, bailarina, um ícone da libertação de amarras machistas, vem de uma família na qual esse provedor é na verdade uma mulher – despertou no telespectador sertanejo a curiosidade de saber se realmente aquele par romântico “daria certo”.

Ademais, o sucesso da novela entre a população jaguaribana também se explica porque foi somente em 1978 que uma antena da afiliada da Rede Globo foi instalada na Chapada do Apodi, o que melhorou consideravelmente a qualidade da imagem transmitida. Assim, *Pai Herói* foi a primeira telenovela exibida no Baixo Jaguaribe em “imagem limpíssima”.<sup>892</sup> Finalmente, as peripécias de personagens vivendo numa metrópole “moderna” como o Rio de Janeiro completam o caldeirão de interesses que justificava o “descalabro” (sucesso) de uma novela urbanista em uma cidade como Limoeiro que, apenas três décadas antes, era ainda uma urbe isolada e dominada pela Igreja. Nesse sentido, a justificativa que a autora Janete Clair deu para a concepção da trama também parece explicar a imediata identificação do limoeirense:

“Eu estava olhando uma revista de decoração quando, de repente, me deparei com uma foto que muito me impressionou: uma casa grande, quase um castelo, tendo à frente um enorme portão de ferro. O que, para muitos, poderia ter passado despercebido, para mim não passou. Fiquei imaginando como seria a vida das pessoas que moravam naquela casa tão escura e tão fechada. Naquele momento, ali mesmo, foram nascendo os personagens. E, em pouco tempo, nasceu PAI HERÓI”.<sup>893</sup>

Como se viu em Capítulos anteriores, trinta anos antes da exibição da novela, Limoeiro era mesmo aquela “casa escura e fechada”, protegida por “enorme portão de ferro”. O projeto de dom Aureliano havia transformado a sede do bispado em uma cidade-convento, fechada às influências do

---

<sup>892</sup> FREITAS, Maurilo Maia de. Entrevista concedida via e-mail, enviado de Limoeiro do Norte-CE em 25 de agosto de 2015.

<sup>893</sup> O *Cruzeiro*, nº 2456, 28 de fevereiro de 1979, p. 76.

secularismo e vivendo em torno da Igreja. No final da década de 1970, quando a novela *Pai Herói* foi exibida, essa cidade enclausurada não existia mais, conforme testifica a seguinte depoente:

Limoeiro do Norte é uma cidade do interior, mas seu povo tem um desenvolvimento cultural muito elevado. Temos muitos filhos ilustres. Os filhos de Limoeiro têm grande capacidade intelectual, do mais pobre ao mais aquinhoado, todos são letrados, têm uma visão bem ampla do mundo e do que está acontecendo. Seus horizontes são largos, não se limitam a essa pequena ilha espremida entre dois rios, não! Então, Limoeiro quer ser moderno como o Sudeste não constitui nenhum problema, ao contrário, daria um furo para a Glória Maria fazer uma bela reportagem!<sup>894</sup>

A projeção do olhar para o passado, numa melancólica visão da cidade-convento, aqui metamorfoseada no vislumbre de Janete Clair ao fixar os olhos na fotografia do casarão escuro e fechado; e o retorno daquele olhar para o presente, quando os limoeirenses podiam ver tudo o que estava ao seu dispor, explica o índice elevado de audiência da novela no sertão em poucas palavras: fascinação pelo moderno. O desejo de “ser moderno”, tal como o Sudeste, segundo a depoente, não constituía problema de dependência ou subserviência cultural, pois o povo de Limoeiro seria portador de “grande capacidade intelectual” e de “visão bem ampla do mundo” para, assim, discernir o melhor, “escolher” alargar os horizontes e não se limitar a ser uma “pequena ilha espremida entre dois rios”. Por tudo isso, a grande audiência de *Pai Herói* na cidade antes hermetizada seria uma representação metafórica da estesia da liberdade. Por meio da catarse televisiva, mais uma vez o limoeirense experimentava a fuga do labirinto do isolamento e o voo de Ícaro rumo a ares modernos. Limoeiro poderia se orgulhar de não estar mais “presa” ao passado de abandono porque estava voando nas “asas do progresso” e a novela era um vislumbre desse voo. A alavanca que facilitou a concretização daquela experiência foi o projeto da elite, que se coadunava perfeitamente à integração nacional concebida pelo regime político e pelo sistema econômico, num feliz casamento que explica os elevados índices de audiência não somente na cidade jaguaribana, mas em todo o país:

Alheio aos rigores dos julgamentos dos críticos, o público acompanhou a trama com fidelidade durante seus 178 capítulos. Embora sem reeditar a comoção nacional de *O Astro*, *Pai Herói* atingiu altos índices de audiência, chegando a cravar 88 pontos no Ibope em São Paulo, marca então inédita na maior cidade

---

<sup>894</sup> CHAVES, Iara Faheina. Entrevista concedida via e-mail, enviado de Pacajús-CE em 03 e 04 de junho de 2015.

brasileira. Seu público foi estimado em 45 milhões de telespectadores, que testemunharam, no carnavalesco último capítulo, a fuga de Baldaracci (vestido de pierrô a bordo de um helicóptero, para fugir da prisão), o beijo final do reconciliado casal André & Carina... e o desfile de Ana Preta na Beija-Flor, a tradicional Escola de Samba de Nilópolis (FERREIRA, 2003, p. 121).

Ao focalizar a consolidação da indústria cultural na América Latina, o antropólogo argentino Néstor Canclini (2008) condiciona esse processo à própria modernização da cultura nesse continente, que a partir dos anos de 1960 ficaram cada vez mais a cargo da iniciativa privada, enquanto os governos se articulavam em torno da proteção e da preservação do patrimônio histórico, com a intenção de imprimir a imagem de representantes legítimos da história nacional. Assim, a constituição da “cultura moderna” na América Latina resulta de um projeto da burguesia, no qual os empresários concebem toda uma gama de inovação visando efetivamente o lucro, mas escamoteando-o com uma imagem de proteção à cultura. Com isso, os mandatários da indústria cultural conseguiam acompanhar de perto o processo de aceitação ou rejeição dos novos hábitos de consumo que eles mesmos concebiam e impulsionavam, sobretudo por meio da televisão, que acabaria se tornando o principal meio de comunicação das massas.

À medida que os países latino-americanos experimentavam essa ação cultural da burguesia, comprometida com a modernização, a sociedade se transformava radicalmente no instante em que assumia, na educação e na cultura, os exaltados ditames da modernidade. Se antes existira alguma competição, na esfera cultural entre Estado e iniciativa privada, esta cedeu lugar, rapidamente, a uma nova mentalidade empresarial baseada na profissionalização das relações entre os produtores, os profissionais e mesmo o público. No Brasil, a Rede Globo seria o melhor exemplo desse projeto. Ao se apropriar concomitantemente da programação cultural destinada às elites e às massas populares (televisão, imprensa, rádio) o conglomerado da família Marinho obtinha o domínio de “ações culturais de vasta repercussão e alto custo” e podia “controlar os circuitos pelos quais serão veiculadas as críticas, e até certo ponto a decodificação que farão os diferentes públicos” (CANCLINI, 2008, p. 93). Com isso, a Rede Globo subordinava todos os agentes do campo artístico a uma vontade maior (a empresarial), neutralizando manifestações de

autonomia dentro desse campo e reorganizando o mercado cultural em torno daquela vontade.

Nesse sentido, acredito que a exibição de *Pai Herói* representou, em Limoeiro, o apogeu desse processo de homogeneização da indústria cultural, que acabaria por transformar a telenovela na chamada “mania nacional”. Ciente do grande poder de influência desse produto sobre as massas, a Rede Globo investiria altas somas nesse negócio, que acabaria se tornando uma rentável indústria de exportação. Como relembra meu depoente, antes daquela obra, outras novelas tiveram audiência no sertão e, com isso, desencadearam o processo de deslumbramento televisivo que culminou no fechamento da única sala de cinema da cidade. O Sr. Raimundo Nonato da Costa lista os seguintes títulos: *Irmãos Coragem*,<sup>895</sup> *O Bem Amado*,<sup>896</sup> *Mulheres de Areia*,<sup>897</sup> *Escrava Isaura*<sup>898</sup> e *O Astro*.<sup>899</sup> Nota-se na fala do depoente certo tom carinhoso para com as “novelas antigas”, não obstante serem elas as responsáveis pelo fechamento da sala de cinema que ele administrava. O depoente demonstra ter se conformado à “vontade do povo”, que teria optado pela telenovela em detrimento do cinema, até porque esse “efeito devastador” teria sido verificado em todo o Brasil, mesmo nas capitais. No interior, a aparição “imperiosa” da televisão exigia que o povo “ficasse hipnotizado pela telinha”, esquecendo assim a antiga arte cinematográfica. No ano da entrevista (2013), ele já acreditava que as novelas da Rede Globo haviam atingido seu “ponto de saturação”, o que explicava em parte o retorno dos limoeirenses às

---

<sup>895</sup> *Irmãos Coragem*, de Janete Clair, direção de Daniel Filho, Milton Gonçalves e Reynaldo Boury, foi exibida no horário de 20h entre 08 de junho de 1970 e 12 de junho de 1971, em 328 capítulos. As informações exibidas nesta e nas próximas notas foram pesquisadas em: [www.memoriaglobo.globo.com](http://www.memoriaglobo.globo.com), acessadas em 02 e 03 de junho de 2015.

<sup>896</sup> *O Bem-Amado*, novela de Dias Gomes com direção de Régis Cardoso e supervisão de Daniel Filho, foi exibida às 22h entre 22 de janeiro e 03 de outubro de 1973 em 178 capítulos.

<sup>897</sup> *Mulheres de Areia* é a única novela da lista que foi originalmente exibida pela TV Tupi, pois somente em 1993 a Rede Globo produziria um *remake* da obra. De autoria de Ivani Ribeiro, com direção de Edson Braga e supervisão de Carlos Zara, foi exibida às 20h entre 26 de março de 1973 e 05 de fevereiro de 1974, em 253 capítulos.

<sup>898</sup> *Escrava Isaura*, uma adaptação livre de Gilberto Braga do romance de Bernardo Guimarães, com direção de Herval Rossano e Milton Gonçalves, foi exibida às 18h entre 11 de outubro de 1976 e 05 de fevereiro de 1977, em cem capítulos. É a única novela da lista cujo horário não se chocava com a sessão noturna do Cine Capri.

<sup>899</sup> *O Astro*, de Janete Clair com direção de Gonzaga Blota e supervisão de Daniel Filho, foi exibida às 20h entre 06 de dezembro de 1977 e 08 de julho de 1978, em 186 capítulos. O elevado índice de audiência dessa novela, antecessora de *Pai Herói*, explica também em parte porque o telespectador resolveu “emendar” uma novela na outra.



salas de cinema inauguradas anos antes na cidade, dentro de um supermercado.

Uma tese que explicaria o gosto do brasileiro pela telenovela seria a perpetuação, por parte do artefato televisivo, daquilo que Renato Janine Ribeiro (2004) chama de “afeto autoritário”, ou seja, a herança cultural que transforma a desigualdade social numa “coisa normal”:

O problema, porém, é que no contato entre os ricos e os pobres desponta um autoritarismo que acabamos aceitando, nós, espectadores, graças a um enredo que faz das personagens despóticas figuras agradáveis, humanas, quase positivas.

[...] Nossa sociedade nunca liquidou seu legado autoritário. Quando se aboliu a escravidão, não houve um projeto de cidadania para os negros. Ao contrário, tudo servia de pretexto para reprimi-los – por exemplo, a capoeira, os cultos afro-brasileiros, que eram caso de polícia.

Nosso *know how* de relações sociais ainda tem um quê de escravatura. Aceitamos muitas vezes que o elemento descontraído, simpático, afetuoso venha junto com uma centelha de autoritarismo. [...]

[...] Nossa televisão é muito mais consumista que as européias. Quem tem vale mais do que aquele que não tem. E por isso o patrão muitas vezes trata mal o empregado. [...]

O Brasil vai melhorar do autoritarismo quando esse tipo de conduta não for mais aceito, quando não suscitar mais sorriso, sequer amarelo, mas causar repulsa ou pelo menos estranheza. Quando não nos reconhecermos mais, ou não reconhecermos mais nosso país, no recorte que trata os mais pobres como desprovidos de direitos, e até mesmo do direito elementar de ouvir, sempre, “por favor” e “obrigado” (RIBEIRO [R. J.], 2004, p. 40-42).

A identificação do público com personagens autoritárias, cuja postura arrogante seria reflexo do período escravagista, acabaria por manter inalterado o ciclo das desigualdades sociais. Ao aceitar que “quem tem [posses] vale mais do que aquele que não tem”, o brasileiro não somente compactuaria com uma realidade que não é um “núcleo duro”, imutável, como também a perpetuaria como “normal”, quando deveria tratá-la como algo detestável e envidar esforços para subvertê-la. Se isso acontecesse de fato, se todos fossem tratados não por aquilo que possuem, mas pelo que são, uma cena de novela na qual o patrão destrata o empregado seria vista com repugnância ou estranheza, nunca com simpatia e afeição. Nesse sentido, o autor acredita que a telenovela poderia desencadear um processo de mudança no país, ao mexer nos “pequenos gestos” para então promover um repensar dos valores sociais, que deixariam de ser elementos abstratos para se tornarem vivências do cotidiano.

Além dessa, cientistas sociais têm levantado outra crítica contundente: o fato de a televisão promover o chamado “desejo da imitação” ou a ideia de que ser “moderno” é imitar o que a televisão expõe como o ideal de modernidade. Mia Couto (2011), por exemplo, ao tecer considerações sobre a cultura de Moçambique, é contundente ao afirmar:

Todos os dias recebemos estranhas visitas em nossa casa. Entram por uma caixa mágica chamada televisão. Criam uma relação de virtual familiaridade. Aos poucos passamos a ser nós quem acredita estar vivendo fora, dançando nos braços de Janet Jackson. O que os vídeos e toda a subindústria televisiva nos vêm dizer não é apenas “comprem”. Há todo um outro convite que é este: “sejam como nós”. Esse apelo à imitação cai como ouro sobre azul: a vergonha de sermos quem somos é um trampolim para vestirmos esta outra máscara.

O resultado é que a nossa produção cultural se está convertendo na reprodução macaqueada da cultura dos outros. [...]

Falamos da erosão dos solos, da deflorestação, mas a erosão das nossas culturas é ainda mais preocupante. A secundarização das línguas moçambicanas (incluindo da língua portuguesa) e a ideia de que só temos identidade naquilo que é folclórico são modos de nos soprarem ao ouvido a seguinte mensagem: só somos modernos se formos americanos (COUTO, 2011, p. 42-3).

No Brasil, as “estranhas visitas” que inicialmente entravam somente nos lares de grandes metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro logo se tornariam onipresentes. E então, “o que entra no seu lar, entra no lar do vizinho, e no vizinho do vizinho e por todo lado pelos milhares de quilômetros quadrados” do país afora (SEVCENKO, 1998, p. 616). Em Limoeiro, onde persistira a “vergonha” de ser isolado e “atrasado”, mas também o desejo de fugir do labirinto, de se modernizar, de conhecer o mundo e se deixar conhecer por ele, o processo de mascaramento oferecido pela televisão servia como uma luva. Assim, o desejo de “ser moderno” tal como as figuras que desfilavam na telinha, sejam os personagens sejam os próprios artistas, o apelo para que se imitasse a cultura do Sudeste, predominante nas produções televisivas, acabaria por promover todo um “jogo da imitação”, que meus depoentes chamam simplesmente de “modas ditadas pela televisão”. Segundo uma senhora nascida em 1939:

A TV ditou todo tipo de moda, tanto através da Jovem Guarda como das novelas. A TV Globo era pioneira nessa arte [de ditar moda] porque suas novelas eram imperdíveis. A gente copiava tudo: cabelo com muito laquê, calça jeans justa e perna boca de sino, anágua, saias godês, sapato de salto com meia soquete com muito brilho... [...] Eu mesma usei o modelo do cabelo da Regina Duarte por muito tempo, copiado da novela *Minha Doce Namorada*. A atriz usava um cabelo longo com duas tranças que ora pendiam soltas ora eram cruzadas e presas no alto da cabeça, parecendo uma princesa. Eu copiava esse penteado da Regina Duarte

ensinando minha cabeleireira e pedindo para ela ver também a novela e aprender.<sup>900</sup>

Como se vê, a imitação não se restringia a roupas e acessórios, já que mesmo os penteados das atrizes eram invejados e copiados. Para a depoente, “copiar o que é bom é tudo de bom”. Por isso, por apreciar o modelo de corte “tipo princesa” da protagonista da novela *Minha Doce Namorada*<sup>901</sup> (ver Figura 19), copiado por sua vez de personagens do cinema, a depoente instruiu ela mesma a cabeleireira para reproduzir o penteado, além de solicitar que a profissional acompanhasse a novela para “aprender”. Isso levanta a hipótese de que as telenovelas não somente incitavam ao “jogo da imitação” como exigiam também certo proselitismo para divulgação da “moda do momento”. Como fica implícito, esse jogo da imitação teve início, na verdade, no cinema, a mais bem elaborada “máquina de sonhos” concebida pelo homem. Os astros e estrelas de Hollywood passaram a se tornar “objetos de consumo” não somente no que usavam, mas essencialmente no que eram ou pareciam ser. Segundo Nicolau Sevcenko, a “beleza mirífica” dos atores, obtida não somente em função da harmonia de seus rostos, mas, sobretudo pela maquiagem, pelas técnicas de filmagem e iluminação e pelo glamour “fabricado” especialmente para compor as cenas, acabaria por sugerir ao espectador a possibilidade de manipular a própria aparência para assim se assemelhar aos “deuses da tela”. E não somente as pessoas, mas as próprias casas passaram a sofrer intervenções em função da ilusão transmitida pelas telas:

Nos períodos de prosperidade e grande diversificação de consumo, como após a Segunda Guerra, o cinema se tornou a vitrine por excelência da exibição e glamourização dos novos materiais, objetos utilitários e equipamentos de conforto e decoração doméstica. [...] As casas passam a ser basicamente iguais, as pessoas executam basicamente os mesmos movimentos durante as mesmas rotinas e se parecem elas mesmas muito umas com as outras. A televisão viria completar e dar o toque final a esse processo iniciado pelo cinema, invadindo e comandando a vida das pessoas dentro do próprio lar e organizando o ritmo e as atividades das famílias pelo fluxo variado da programação e dos intervalos comerciais (SEVCENKO, 1998, p. 602-3).

Nesse sentido, o ato de consumir acabaria se transmutando de simples “poder de compra” para “energia sensual” alimentada por “forças” como inveja,

---

<sup>900</sup> CHAVES, Iara Faheina. Entrevista concedida via e-mail, entre Fortaleza e Pacajús-CE, em 03 e 04 de junho de 2015.

<sup>901</sup> *Minha Doce Namorada*, novela de Vicente Sesso e direção de Daniel Filho, Régis Cardoso e Fernando Torres, foi exibida pela Rede Globo, às 19h, entre 19 de abril de 1971 e 25 de janeiro de 1972, em 242 capítulos. O casal protagonista era vivido por Regina Duarte e Cláudio Marzo. A depoente acompanhou essa novela na região metropolitana de Fortaleza, onde o sinal de televisão já era de boa qualidade no início da década de 1970.

fetichismo e voyeurismo. Essa “erotização dos objetos” acabaria alavancando uma mudança de mentalidade na tradicional sociedade brasileira, como bem testifica a depoente que copiava penteados da TV. E esse “poder sobre a vida das pessoas”, como qualifica outro depoente, chegaria também às cidades pequenas e às zonas rurais, causando um “impacto muito forte” e “mudando os costumes tradicionais do sertão”:

O advento da televisão sem dúvidas causou um impacto muito forte na vida das pessoas. Primeiro nas cidades, depois nos sítios onde ela foi chegando e mudando os costumes tradicionais do sertão. Aos pouco, o rádio foi sendo substituído em alguns horários; também aos pouco, as pessoas foram deixando de sentar nas calçadas ou nos terreiros, preferindo as novelas. Seria negar a realidade dizer que a televisão não exerceu e ainda exerce, até hoje, um poder sobre a vida das pessoas.<sup>902</sup>

O depoente reclama contra o “apelo ao sensacionalismo” promovido em “grande parte da programação” das emissoras, movidas pelo motor do faturamento, não pelo desenvolvimento cultural do país. Assim, esse último depoente consegue fazer a crítica de que o “objeto do desejo” acaba se tornando inseparável do “desejo do objeto” e que “um pode suprir simbolicamente a ausência do outro” (SEVCENKO, 1998, p. 603), o que fundamenta, em síntese, o jogo da imitação e seu resultado esperado: o consumo. Por vezes, como lembra um terceiro depoente, essa “erotização dos objetos”, essa mania de copiar modas da televisão acabaria por provocar reações inusitadas, como quando “moças avançadas” da capital, verdadeiros “clones” das artistas de TV, visitavam o interior e “assanhavam” a libido dos sertanejos ainda afeitos a roupas “comportadas” para frequentar a Igreja, a escola e mesmo para sair à rua:

Há cinquenta anos, quando eu era rapaz, a saia das mulheres não era tão curta, mas depois começou a encurtar um pouco e foi gradativamente subindo, até chegar nesses shorts sumários que vemos hoje. Eu lembro que, no início da década de 1970, quando tinha uma farmácia aqui, umas parentas minhas vieram de Fortaleza, moças muito bonitas, vieram visitar a cidade, mas usaram shorts tão curtos que fechou praticamente o comércio, pois todos os homens saíram das lojas para ficar olhando as pernas das mulheres. Nesse tempo, aqui em Limoeiro, ninguém ainda saía na rua com roupas desse tipo, não.<sup>903</sup>

A “ousadia” das forasteiras saindo à rua com roupas curtas, exibindo as pernas, promoveu um efeito até então inesperado na cidade sertaneja, pois

---

<sup>902</sup> FREITAS, Maurilo Maia de. Entrevista concedida via e-mail, enviado de Limoeiro do Norte-CE em 25 de agosto de 2015.

<sup>903</sup> PINHEIRO, Francisco Irajá. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 29 de outubro de 2010.

quase “fechou o comércio”. Não acostumados àquela cena, os homens saem à rua para “ficar olhando as pernas das mulheres”, numa postura secularizada que certamente teria a condenação da Igreja. Conforme assegura Roberto DaMatta (1997), a casa e a rua possuem, cada uma, sua ética peculiar. Se a cena das pernas femininas à mostra fosse exibida na televisão, com o “pai de família” ao lado da esposa e das filhas, a reação do homem seria outra, muito provavelmente alertando as mulheres contra aquela “indecência”. Não se trata, diz o antropólogo, de “máscaras” usadas pelos sujeitos sociais ou de opiniões distintas segundo as circunstâncias, mas sim de espaços que exalam visões de mundo particulares. Assim, casa, rua e “outro mundo” guardam em si éticas próprias, isto é, demarcam “mudanças de atitude, gestos, roupas, assuntos, papéis sociais...”:

O comportamento esperado não é uma conduta única nos três espaços, mas diferenciado de acordo com o ponto de vista de cada uma dessas esferas de significação. Nessa perspectiva, as diferenciações que se podem encontrar são complementares, jamais exclusivas ou paralelas. Em vez de serem alternativas, com um código dominando e excluindo o outro como uma ética absoluta e hegemônica, estamos diante de codificações complementares, o que faz com que a realidade seja sempre vista como parcial e incompleta (DAMATTA, 1997, p. 48).

Isso explica a desenvoltura do depoente em mencionar o caso, ocorrido com parentes dele. A “ética da rua” não permitia que o comerciante repreendesse os homens que saíram das lojas (seus amigos) pelo ato libidinoso diante de “moças de sua família”, pois ao saírem em público “naqueles trajes”, elas também conheciam o código de “olhar e se deixar olhar”, próprio de quem ultrapassa o liminar da casa e se aventura pela rua. A ausência de um bispo brandindo o “cajado de ferro em mãos macias” explica, naquele contexto, a “naturalidade” com que o voyeurismo fora praticado em massa; bem como a liberalidade de exibicionismo das moças, posteriormente acusadas pelas devotas católicas de “trazer modas indecentes” de Fortaleza para Limoeiro. Esse fato é destacado aqui como um exemplo daquilo que chamo de “esgarçamento das cortinas da tradição cristã”, cuidadosamente tecidas pelo primeiro bispo jaguaribano, mas que não suportaram o poder “desgastante” do secularismo, incorporado massivamente com a popularização da televisão na região, consolidando entre o povo o novo hábito de acompanhar as telenovelas e se deixar influenciar por elas, copiando modas, comportamentos e mesmo trejeitos e falas dos personagens.

### **5.3 “A Princesa do Jaguaribe diante do noivo”: a Faculdade de Educação e o Projeto Rondon**

Segundo Antônio Pergentino Nunes (1999), agricultor alfabetizado aos vinte anos e um dos primeiros graduados da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (1972), esse centro universitário revolucionou a vida de milhares de pessoas, dentre as quais ele mesmo, que chegou a ser professor dessa unidade acadêmica, perpetuando assim um ciclo de “revolução cultural”:

A implantação da Faculdade de Filosofia da região jaguaribana, como o cônego Misael fazia questão de chamar, revolucionou toda a região e, porque não dizer, os estados vizinhos, que mandaram dezenas de alunos para os diversos cursos da nossa faculdade.

Era curioso, ao cair da tarde, observar-se o desfile de ônibus, vindos de quase todos os municípios da região e de estados limítrofes, trazendo alunos para aquela unidade de nível superior. [...]

O sucesso da FAFIDAM continuou até os nossos dias. Acredito mesmo que se ainda houver, nos colégios da região, algum professor que não tenha nível superior, constitui uma raridade, pois a cada ano a nossa faculdade manda para o mercado de trabalho muitos jovens que desejarem ingressar na profissão do magistério, melhorando cada vez mais a qualidade do ensino nas diversas cidades do Vale do Jaguaribe (NUNES, 1999, p. 181 e 183).

A criação de um centro universitário em pleno sertão, que sempre se ressentira da falta de escolas e professores, muda não somente o cenário geográfico da sede do bispado, como afeta também o cenário cultural de Limoeiro e da região jaguaribana. Agora os limoeirenses podiam até se orgulhar de um novo costume, o “desfile dos ônibus” ao crepúsculo, que transformava o centro da cidade num fervilhante encontro de estudantes de toda a região. Na verdade, a implantação de uma Faculdade de Educação no sertão, concebida originalmente como uma Faculdade de Filosofia, desempenharia um papel importante na consolidação do processo modernizador do Vale do Jaguaribe. Para explicar como isso foi possível, é imprescindível traçar rapidamente o percurso histórico que permitiu que o Ensino Superior fincasse raízes nos rincões do Brasil, parte, na verdade, de um processo que articulou a modernização na América Latina como um todo.

Para Canclini (2008), só é possível a elucidação da história latino-americana tendo-se em mente o entrecruzamento entre os seguintes elementos: tradição ameríndia, colonização católica ibérica e ação política,

educacional e comunicacional do Estado, quase sempre autoritário. Para esse antropólogo, o processo de mestiçagem entre as classes sociais desse continente resultou das chamadas “formações híbridas”. Para impingir certa “modernidade” ao perfil da cultura latina e torná-lo “limpo” diante dos estrangeiros, as elites latinas geralmente negaram a importância do hibridismo cultural, restringindo assim os aspectos indígenas (o gosto por rituais e festas, por exemplo) e coloniais (o sincretismo religioso, o culto aos “santos” etc.) a meros “elementos populares”. Não obstante, a modernização na América Latina teria se processado poucas vezes obliterando o tradicional, o antigo. Em função disso, falar em dependência dos intelectuais às metrópoles, e que isso seria uma prova do desajuste entre modernismo cultural e modernização social seria ignorar que os intelectuais latinos manifestaram constante preocupação com “os conflitos internos de suas sociedades e com os obstáculos para comunicar-se com seus povos” (CANCLINI, 2008, p. 75). Isso explicaria porque, na história do continente, persistiu entre os artistas uma inquietação pela dissonância entre o fazer arte e a inexpressividade da recepção, entre o engajamento social da arte e a falta de democracia na própria sociedade.

Para compreender como a falta de sintonia entre modernismo cultural e modernização social afetou a história e a cultura latino-americanas, Canclini considera imprescindível a compreensão do conceito de “institucionalização do favor” que Roberto Schwarz (2000) aplica à sociedade brasileira, cuja cultura estaria mediada quase universalmente por essa prática. Para Schwarz, teria prevalecido no Brasil, desde a colonização, um movimento pendular entre liberalismo e favor, o que teria provocado um conturbado processo de conversões e reconversões entre o idealismo europeu e a realidade brasileira. No período colonial, durante a vigência da escravidão, o chamado “homem livre” era, na verdade, um dependente do *favor* de um *grande*, latifundiário geralmente. O representante por excelência da categoria do favor era o agregado, em tudo dependente de um homem de posses.

O favor é, portanto, o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade [o homem livre], envolvendo também outra, a dos que têm [o latifundiário]... entre estas duas classe é que irá acontecer a vida ideológica, regida, em consequência, por este mesmo mecanismo (SCHWARZ, 2000, p. 16).

Sendo uma “mediação quase universal” no país e utilizando-se de “mil formas e nomes”, o favor teria atravessado e afetado toda a história do povo

brasileiro, combinando-se e imiscuindo-se em todo tipo de atividade: administração pública, política, indústria, comércio e vida urbana. Somente a escravidão era uma forma acintosa de desmentir o favor. Este, por sua vez, poderia ser considerado uma instituição tão antimoderna quanto a escravidão. Ademais, haveria nítida distinção entre o favor e o liberalismo vigente na Europa, pois

enquanto a modernização europeia se baseia na autonomia da pessoa, na universalidade da lei, na cultura desinteressada, na remuneração objetiva e [em] sua ética do trabalho, o favor pratica a dependência da pessoa, a exceção à regra, a cultura interessada e a remuneração de serviços pessoais (CANCLINI, 2008, p.76).

Conforme mencionado no Capítulo anterior, é consensual nos estudos de memorialistas e de acadêmicos que a Faculdade de Limoeiro foi um “presente” do governador Virgílio Távora ao bispo jaguaribano, dom Aureliano. Aceitando-se essa proposição, admite-se que a criação da faculdade esteja atrelada a um favor que o chefe do Estado fez ao chefe da Igreja com vistas à modernização da educação na região, carente de professores formados. “Assim... atribui-se independência à dependência, utilidade ao capricho, universalidade às exceções, mérito ao parentesco, igualdade ao privilégio etc.” (SCHWARZ, 2000, p. 19). A criação da Faculdade de Filosofia, nesse sentido, prende-se a um modelo de modernização vinculado ao favor, não ao liberalismo. Todavia, a despeito de adotar a mediação do favor, a implantação de um centro universitário no sertão promoveria uma “revolução cultural” na região, muito em função do poder transformador da educação.

O projeto de modernizar uma região pobre e historicamente carente de investimentos socioeconômicos explicaria porque a Faculdade de Limoeiro foi criada justamente no período em que os militares estavam cerceando e fechando centros acadêmicos pelo país. Ainda não foram identificados movimentos e grupos contraculturais ou “subversivos” no Vale do Jaguaribe, menos ainda em Limoeiro, onde a elite tomou para si a decisão de consolidar a modernização na cidade. Ora, se a contracultura pode ser definida como o “movimento social que procurou romper com a modernização da sociedade brasileira posta em prática de forma autoritária pela ditadura militar” (COELHO, 2005, p. 41), ninguém esboçou se levantar contra o projeto de criação da Faculdade de Filosofia, mesmo se considerando uma “dádiva” do coronel



Virgílio Távora ao povo jaguaribano, representado na figura do bispo dom Aureliano. Assim, se entre 1969 e 1974 somente a luta armada e o movimento contracultural se arvoraram contra o *status quo* da máquina ditatorial, não se registrou um ou outro movimento na região jaguaribana. Na documentação, não aparecer qualquer organização que tenha contestado violentamente o autoritarismo, bem como movimentos de afronta à racionalização da vida social imposta pelo Estado. A busca pelo desenvolvimento econômico – ponto questionado pelos desbundados com seu estilo de vida alternativo e visivelmente “irracional” – era exatamente o que almejava o povo jaguaribano, cujo progresso material ainda estava “defasado” em relação a outras regiões do Brasil, onde esse modelo já demonstrava sinais de fastio.

Depois que as primeiras turmas se formaram, uma transformação relativamente rápida se processou no Vale, caindo por terra a antiga mentalidade de que “trabalhar rende mais frutos que estudar”. A necessidade de mão de obra qualificada em alguns setores, mesmo no magistério universitário, impulsionou a educação superior e assim “abriram-se os olhos”, mesmo das classes pobres, que começaram a sonhar com uma ascensão social via escolarização. A partir da segunda metade dos anos de 1970, a ampla distribuição de bolsas de estudo entre alunos pobres, os quais passaram a concluir seus cursos secundários em escolas “caras” e renomadas como o Colégio Diocesano Padre Anchieta,<sup>904</sup> constitui uma prova dessa sensível mudança de mentalidade, pois a intenção era ter acesso a uma educação de qualidade já tendo em mente o ingresso no ensino superior. Conforme visto no Capítulo 2, na década de 1940 a maioria dos pais preferia que os filhos trabalhassem, pois a mentalidade predominante supunha que a agricultura e a pecuária rendiam “frutos imediatos”, enquanto a educação exigia longo tempo e era, por assim dizer, “um tiro no escuro”. A Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos veio mostrar que, ao contrário do que se imaginara, investir na educação era como iluminar um tiro certo contra a ignorância e a falta de oportunidades. Um depoente esclarece como essa ideia mudou a realidade, sobretudo, da sede do bispado:

---

<sup>904</sup> PITOMBEIRA, Francisco de Assis (Reverendo, padre). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 05 de janeiro de 2010.

Limoeiro é, vamos dizer assim, o centro educacional do Vale do Jaguaribe porque aqui foi onde, pioneiramente, instalou-se uma faculdade em que o próprio nome diz Faculdade de Filosofia, e no instante em que você repassa conhecimentos filosóficos para outras pessoas, para mais gente, com certeza você irá criar novos conceitos na cabeça do povo. Isso faz com ele mude de ideia também em vários aspectos. Eu acho que a Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos contribuiu muito para que o limoeirense e os habitantes das outras cidades da região viessem a adquirir novos conceitos filosóficos com relação ao mundo, o que modificou o seu modo de viver e o seu modo de pensar.

Ampliou-se a visão de mundo do povo. Os professores de fora, gente que vinha de outras paragens, com outros pensamentos, em aqui chegando para lecionar em um curso superior, repassaram justamente aquilo que adquiriram e que já viram num mestrado, num doutorado, uma coisa bem mais avançada. É como um leque abrindo-se na cabeça das pessoas que estão ali [na sala de aula]. Isso, com certeza, influencia até a questão do apego à religião, à fé. Eu, por exemplo, fui uma dessas pessoas que já não tinha grande inclinação [para a religião] e ao cursar História, e fazer uma pós-graduação em nível de especialização – o curso era sobre Teoria e Pesquisa – só vendo questões filosóficas e modos de pensar de muita gente por aí, vendo o procedimento da Escola dos Annales, na França, o “terceiro caminho”, então isso acabou de me tirar de certo patamar em que eu estava. E acredito que, comigo acontecendo dessa forma, eu me sinto assim, se repetiu com muita gente por aí que fez curso superior em Limoeiro, principalmente na área de Ciências Humanas. Quando se faz algo na área de Ciências Exatas não modifica muito o pensamento que se tem do mundo, mas quando se faz na área de Ciências Humanas ou Sociais se mexe com o pensamento do sujeito que ele sai quase sem nada do que trazia quando chegou.<sup>905</sup>

Para o depoente, a Faculdade ampliou a visão de mundo da população jaguaribana, especialmente em Limoeiro, desencadeando assim mudanças nos “vários aspectos” da vida social. A vinda de professores de fora, devidamente qualificados, portadores de “outros pensamentos”, permitiu “abrir a cabeça das pessoas” que tiveram a oportunidade de fazer um curso, sobretudo na área de Ciências Humanas, já que o depoente considera que os cursos das chamadas Ciências Exatas (Matemática, Física e Química, por exemplo, cursos ofertados na FAFIDAM) não modificam “o pensamento que se tem do mundo”, não como fazem as Ciências Humanas. Nesse sentido, o depoente acredita no efetivo poder de transformação que as Humanidades ou os cursos das Ciências Humanas exercem numa sociedade, em razão de despertar o senso crítico sobre a própria condição humana. Ao discutir a crise que a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) vivenciou no início do século XXI, Leyla Perrone-Moisés chega a conclusões compatíveis com a fala do depoente:

Desde a Idade Média até meados do século 20, os estudos humanísticos, sobretudo nas suas vertentes filosóficas e literárias, ocuparam um lugar de honra nas universidades. O próprio conceito de universidade implicava a aspiração a um

---

<sup>905</sup> GUERREIRO, José Maia. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 09 de fevereiro de 2013.

conhecimento superior e integrativo que orientasse os caminhos dos homens. Os extraordinários avanços científicos e tecnológicos do século passado, recebidos não apenas como valiosos, mas também como prioritários, relegaram os estudos humanísticos a um lugar secundário. A globalização econômica e a consequente submissão de todos os países à lógica do mercado tendem agora a desferir o golpe definitivo contra esse tipo de estudo. Os tomadores de decisões -políticos, economistas, cientistas, tecnocratas - perguntam cada vez mais: para que servem as humanidades? Submetidas ao critério de uma utilidade imediata, identificada com um bem-estar do homem baseado apenas no acesso às conquistas da ciência e da tecnologia, assim como no bom funcionamento do mercado, as humanidades passaram a ser vistas como um luxo, uma perfumaria, uma inutilidade. [...]

Além de serem inúteis, os estudos humanísticos revelaram-se, ao longo do tempo, incômodos para os governantes e tecnocratas, por exercerem e estimularem o espírito crítico. [...]

[As humanidades] servem para que a universidade continue a ser, além de um local de pesquisas científicas e tecnológicas, um lugar onde se exerce também o pensamento crítico, sem o qual esses avanços procederiam às cegas. Sem a compreensão da história dos homens, de seu habitat natural e social, de suas línguas, culturas e religiões, as conquistas científicas e tecnológicas são utilizadas ou inviabilizadas num mundo guerreiro e repartido de forma injusta. As humanidades servem para pensar a finalidade e a qualidade da existência humana, para além do simples alongamento de sua duração ou do bem-estar baseado no consumo e nas metas do FMI. Servem para estudar os problemas de nosso país e do mundo, para humanizar a globalização. Tendo por objeto e objetivo o homem, a capacidade que este tem de entender, de imaginar e de criar, esses estudos servem à vida tanto quanto a pesquisa sobre o genoma.<sup>906</sup>

Em oposição àquilo que estudiosos chamam de “robotização existencial do homem” (BASTOS e Outros, 2014), a autora e o depoente acreditam que a universidade tenha o papel fundamental de humanizar o próprio homem, ou seja, para além do fomento ao avanço tecnológico, ela é lugar por excelência do pensamento crítico, sem o qual as pesquisas científicas “procederiam às cegas” ou seriam usadas para legitimar as injustiças sociais no mundo, transformando a existência humana num imediato “bem-estar baseado no consumo”. Foi por exercer essa função de estimular o espírito crítico que a Faculdade de Limoeiro promoveu na cidade aquilo que o depoente chama de “visão de mundo ampliada”. Ele mesmo se põe como exemplo, ao dizer que antes de ingressar no curso de História estava num “patamar” de consciência e que depois se viu em outro nível, ou seja, passou a cultivar um espírito crítico que exigia, sobretudo, questionar a religião na qual fora educado. Juntamente com as reformas que a Igreja impôs a si mesma após o Concílio Vaticano II, na primeira metade da década de 1960, o “espírito esclarecedor” que fervilhava na universidade fundada no sertão possibilitou o questionamento da vivência

---

<sup>906</sup> PERRONE-MOISÉS, Leyla. “Para que servem as humanidades?” *Folha de S. Paulo*, 30 de junho de 2002, Caderno *Mais*.

religiosa e da fé católica numa região cuja cultura se constituía firmando profundas raízes no modelo de catolicismo transplantado de Portugal para o Brasil.

Não obstante, em outros aspectos, como na refutação do regime militar implantado em 1964, a Faculdade de Limoeiro não conseguiu dar passos significativos, muito em função do clima de repressão e medo no qual a nação fora submetida, e também pela patente ausência da experiência de luta e de militância política por parte dos discentes, já que a primeira universidade implantada no sertão se dera em plena vigência da ditadura. Ademais, os docentes vindos de Fortaleza ou de outras cidades onde havia algum tipo de organização subterrânea de esquerda, por sua vez se sentiam amordaçados. Por isso, as pontuais tentativas de “abrir os olhos” dos alunos constituíram experiências muito tímidas, conforme confessa uma depoente:

A grande revolução que a Faculdade promoveu foi a integração das cidades do Vale. Uma universidade é um lugar de integração por excelência. Antes isoladas, cada cidade vivendo como se a outra não existisse, com a implantação da Faculdade houve a integração. Outra coisa foi a notável influência dos professores vindos de Fortaleza, trazendo novos conhecimentos, metodologias, informações...

Hoje, meu Deus! quando penso no período em que cursei História na FAFIDAM [1969-1972], fico ainda admirada de como a gente era alienado politicamente. A gente estava em plena ditadura e ninguém se dava conta!

Eu lembro que tive um professor mais esclarecido, o padre Freire, que ainda dava discretas entradas sobre a situação do país. Ele não dizia assim: “Estamos vivendo uma ditadura”, mas questionava o regime. Ele ministrava a disciplina “Estudo dos Problemas Brasileiros” e eu notava que ele ficava querendo alargar aquelas entradas, mas tinha receio.

Um dia, a turma pediu para o padre Freire ministrar umas aulas sobre atualidades, sobre a conjuntura da época. Ele começou a dar essas aulas, mas era uma coisa muito abafada, com muito cuidado, prevalecendo aquele negócio de que o Brasil estava crescendo... Anos depois, a turma soube que o professor fora chamado a um quartel militar para prestar esclarecimentos sobre suas aulas e os livros que ele usava.<sup>907</sup>

A Faculdade promoveu uma integração da região jaguaribana, na medida em que passou a atrair a juventude de quase todas as cidades à sede da diocese. Em escala regional, a Faculdade de Limoeiro realizou com sucesso o projeto concebido pelos militares: integrar o Brasil “de ponta a ponta”. Como o depoente anterior, dona Maria do Carmo confirma que a influência do espírito crítico acadêmico favoreceu a mudança de mentalidades na região, não obstante a alienação política do período ainda surpreendê-la: em plena

---

<sup>907</sup> CHAVES, Maria do Carmo Gadelha. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 07 de abril de 2015.

ditadura militar, “ninguém se dava conta”, por exemplo, da prática de tortura que, durante o regime de exceção, foi largamente utilizada e ensinada como “método científico”.<sup>908</sup> A apatia geral para com a conjuntura vigiada só era ocasionalmente “quebrada” quando sua turma recebia um professor que “dava discretas entradas sobre a situação do país”. A depoente percebia no docente uma vontade de “alargar as entradas”, freadas, todavia, pelo dominante clima de repressão e medo. Mesmo quando a turma solicitava do mestre exposições sobre atualidades, numa espécie de aceitação da ousadia pelos alunos, as aulas foram dadas “com muito cuidado”, ficando assim “abafada” a verdadeira intenção de “abrir os olhos” dos universitários. Mesmo com toda essa prudência, o professor não escapou de prestar esclarecimentos aos militares sobre “suas aulas e os livros que ele usava”. Durante os “anos de chumbo”, bispos e padres do Nordeste se destacaram pela insistente denúncia contra a repressão do regime militar,<sup>909</sup> tornando-se, por isso, alvos de espionagem e do próprio sistema.

O depoimento do padre Francisco de Assis Pitombeira, vice-diretor (1974-1978) e diretor (1978-1988) da Faculdade, não deixa dúvidas sobre a vigilância que a instituição sofria por parte dos militares:

A Faculdade é um ambiente livre, para debate de ideias e opiniões, mas havia militares acompanhando o movimento. Alguns deles chegaram a entrar em confronto com alunos e também houve ao menos um choque, em sala de aula, entre um militar e um professor. Havia até um aluno – na época, delegado em Limoeiro do Norte –, que diziam que era espião dos militares. Todos desconfiavam, e depois se soube, de fato, que ele era um infiltrado que pertencia ao SNI [Sistema Nacional de Informações].

Eu mesmo, quando fui escolhido pelos colegas para vice-diretor, vi minha homologação demorar um bocado de tempo. Depois eu soube que era porque os militares estavam procurando, colhendo dados a meu respeito, para saber qual era minha ideologia, isso e aquilo outro. Também depois que eu assumi a direção, atuou um serviço de informação dentro da própria universidade e todos os anos a gente tinha que levar a relação dos alunos que passavam no vestibular para aquele centro de informação, que sempre funcionou mais burocraticamente; nunca

---

<sup>908</sup> Sobre isso, ver: ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil: Nunca Mais**: um relato para a história. Petrópolis-RJ: Vozes, 1985. “De abuso cometido pelos interrogadores sobre o preso, a tortura no Brasil passou, com o Regime Militar, à condição de ‘método científico’, incluído em currículos de formação de militares. O ensino desse método de arrancar confissões e informações não era meramente teórico. Era prático, com pessoas realmente torturadas, servindo de cobaias neste macabro aprendizado” (p. 32).

<sup>909</sup> Sobre isso, ver: Scott Mainwaring (1989), p. 115-123, e Paulo César Gomes (2014), p. 52-71.

houve uma intervenção direta. Mas, de fato, os militares acompanhavam o movimento acadêmico.<sup>910</sup>

Como se vê, a prática dos militares de manter agentes infiltrados entre o corpo discente também prevaleceu na Faculdade de Limoeiro, a exemplo do que aconteceu com dezenas de centros universitários do país.<sup>911</sup> Padre Pitombeira, na direção da Faculdade, equilibrou-se na gangorra da dúvida política de repressão e de modernização, para usar a expressão de Rodrigo Motta (2014). De um lado, o pesado braço da “repressão vigilante” para manter o regime e neutralizar os “inimigos” (responsável pela demorada “investigação” sobre a vida do padre), e do outro, o braço da “modernização autoritária”, ou seja, a adequação da universidade aos interesses do Estado em formar quadros técnicos e desenvolver a pesquisa científica, “modernizando” assim o país (responsável pelo expressivo aumento de matrículas). Para não sucumbir diante de tanta pressão e manter o “equilíbrio”, muitos reitores e diretores se utilizaram daquilo que Motta chama de “acomodação”: conviver com a ditadura e, ao mesmo tempo, aproveitar as ocasionais “brechas” do regime. Esse movimento gerou um intrincado jogo de ambivalências, no qual universidade e governo ganhavam e perdiam simultaneamente. Mesmo não existindo uma “intervenção direta” no centro universitário, os eventuais confrontos não deixavam dúvidas de que os “militares acompanhavam o movimento acadêmico” de perto. O “choque” mais expressivo, mencionado pelo depoente, ocorrido entre um professor e um aluno militar, tornou-se lendário na Faculdade de Limoeiro, aparecendo num pasquim de estudantes, em 1996:

Na década de 1970, durante a ditadura militar, certo professor da FAFIDAM com ideias muito avançadas (e subversivas) para a época, trouxe para a aula alguns textos de Karl Marx. Ao apresentá-los à turma, um aluno, suposto agente de espionagem do Governo, levanta-se e diz que aqueles textos eram proibidos nas universidades do país. O professor argumenta que consultou um irmão seu – oficial do Exército – e ele não colocou nenhum obstáculo à sua leitura em sala. O aluno não se conformou e chamou o professor de “comunista” (algo considerado “grave” na época). O professor responde: “Eu não sou comunista, mas vamos resolver isso lá fora”. Os dois saem da sala e se atacam no pátio da Faculdade, iniciando um duelo de socos e pontapés...<sup>912</sup>

---

<sup>910</sup> PITOMBEIRA, Francisco de Assis (Reverendo, padre). Entrevista concedida a Edwilson Soares Freire para o Programa Especial de Treinamento (PET) em História, da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM), em Limoeiro do Norte-CE, março de 1994.

<sup>911</sup> Sobre isso, ver: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As universidades e o regime militar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

<sup>912</sup> *Folha de Histórias*, ano I, n.º 5, março de 1996, p. 19 (volume encadernado).

A nota sobre a cena de pugilato, testemunhada por pessoas ouvidas pelos editores do jornal discente, esclarece o motivo do confronto: a vontade que o mestre tinha que a turma lesse fragmentos da obra de Marx e o inconformismo do militar, que não aceitou argumento algum para aquela “ação subversiva”. Os exemplos mencionados são suficientes para provar que havia interesse dos docentes em esclarecer seus alunos sobre a conjuntura do país, mas o “braço pesado” do regime não permitia ousadias como ler Marx em sala de aula ou apresentar, mesmo numa disciplina “apropriada”, a tortura como um “problema brasileiro”. Por isso, ou a iniciativa era uma “coisa muito abafada”, como disse dona Maria do Carmo, ou gerava um choque que chegava ao confronto físico, como explicita o pasquim. E, intermediando tudo isso, equilibrando-se na gangorra política, o diretor (um padre católico) tentava manter a Faculdade como “um ambiente livre”, suscetível ao “debate de ideias e opiniões”, o que exigia a prática da “acomodação” que sugere Rodrigo Motta (2014).

Juntamente com a atuação da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano, outra iniciativa de cunho acadêmico que permitiu uma “revolução cultural” em Limoeiro foi a implantação, na cidade, de um Campus Avançado da Universidade Estadual de Londrina (UEL),<sup>913</sup> concretizando um convênio assinado, em 1974, entre o Projeto Rondon, a Universidade de Londrina, o Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS) e a Prefeitura de Limoeiro do Norte. A escolha da cidade para sediar o Campus justificava-se, à época, em função do critério determinado por órgãos federais de que o município além de carente deveria ser “um polo de convergência das atenções com vistas ao desenvolvimento da região” (ZANCANARO, 1984, p. 8). Isso também se encaixava no projeto da elite limoeirense de transformar a cidade em modelo para o Vale jaguaribano. E, de fato, atuando em toda a região, não somente na sede, o Campus Avançado da UEL permitiu a assimilação de novos hábitos e práticas, mesmo na agricultura e na pecuária, transmitidos pelos universitários, diretamente orientados por professores vindos do norte do Paraná.

---

<sup>913</sup> No período do Projeto Rondon, definia-se *Campus Avançado* como o “prolongamento do Campus da própria Universidade, no qual já não se cuida mais do mero assistencialismo, mas da ação profissional integrada” (TORLONI, 1983, p. 203).

Diante da repressão ao movimento estudantil, uma das marcas do golpe militar de 1964, diversas medidas foram planejadas e executadas para manter o universitário atuante não apenas em sala de aula, mas também em campo, praticando a chamada “extensão”. Para Luiz Antônio Cunha (2007), isso implica aceitar que o movimento estudantil não foi alvo apenas de contenção, mas também de acomodação, a exemplo do que Rodrigo Motta (2014) concebeu para os reitores. Assim,

As universidades, o empresariado e o próprio governo procuraram canalizar as demandas de participação política, de crítica ao subdesenvolvimento e ao imperialismo, de superação pela prática das insuficiências dos currículos escolares, para objetivos que reforçassem a ordem social e o próprio regime. Por baixo das várias iniciativas desse tipo estava o pressuposto de que o estudante que trabalha não tem tempo para se engajar em movimentos subversivos (CUNHA, 2007, p. 62).

Uma dessas demandas foi exatamente o Projeto Rondon, plano gestado pelo regime militar e, como tal, ocultando intenções políticas bem definidas:

Pelo menos desde 1965, membros da inteligência militar vinham sugerindo medidas para integrar os jovens aos valores do novo regime, de modo a disputar com as organizações de esquerda a simpatia dos estudantes. De acordo com essa opinião, não era inteligente insistir apenas nas práticas repressivas. Para reduzir o potencial de recrutamento de quadros de esquerda entre os jovens, era útil criar mecanismo de integração e participação, dando oportunidade aos estudantes de canalizar sua energia em projetos consentâneos com os valores do regime. Participando das atividades do Rondon, os estudantes entrariam em contato com os militares e, assim se esperava, aprenderiam a reconhecer no Exército uma instituição dedicada aos problemas do país (MOTTA, 2014, p. 88).

Os estudantes que aderiam ao projeto se comprometiam a cumprir um “código de ética” que proibia qualquer manifestação política contrária ao sistema, o que não impediu que muitos deles se inscrevessem com a intenção prioritária de conhecer “lugares remotos” do Brasil, permanecendo assim impermeáveis à ideologia do regime militar. Esse aspecto “sedutor” acabou por desencadear chacotas, como a de chamar o programa de “Rondontour” (CUNHA, 2007), como se tudo não passasse de turismo estudantil. O projeto foi inicialmente concebido para atuar na Amazônia, cultuando o lema “integrar para não entregar”, com a proposta de levar às populações abandonadas da Região Norte o persistente intento de “integração nacional” dos militares:

A “integração” do território era um desses “Objetivos Nacionais Permanentes”. Assim, procurava-se absorver, reinterpretada, a crítica dos nacionalistas à ocupação da Amazônia por grupos estrangeiros. [...] A assistência às populações carentes e desassistidas, para quem a ideia de pátria nem chegaria a fazer sentido, com a participação dos estudantes, seria o modo de incorporá-los à “comunidade nacional”. Para os estudantes, ficaria a constatação da possibilidade de cooperação civil-militar, do interesse das Forças Armadas pela (má) sorte das



populações pobres e, principalmente, a imagem antiimperialista que certos setores do Exército cultivavam (CUNHA, 2007, p. 66).

Homenageando o marechal Cândido Mariano Rondon, representante daquela integração, responsável por “pacificar” povos indígenas e por instalar linhas telegráficas entre cidades distantes, o projeto foi logo assumido pelo Ministério do Interior, passando a atuar em outras regiões pobres como o Nordeste. Diante da crítica dos estudantes, que acusavam o projeto de descontinuidade permanente e assistencialismo dominante, o governo assumiu a proposta de criação do *campus avançado*, quando então uma universidade do Centro-Sul passou instalar uma “base de operações” em alguma cidade das chamadas “regiões carentes”. Funcionando o ano todo, com professores residentes e rodízio de universitários, o campus avançado era a oportunidade para estudantes praticarem, já na graduação, suas especialidades profissionais e para o governo consolidar mais um de seus tentáculos da “integração nacional”. Um anúncio do Conselho Nacional de Propaganda, numa edição da revista *Placar* de 1977, traz o depoimento de um universitário paulista, em tudo confirmando a “visão integrada” do Brasil que o regime fazia questão de cultivar:

A sala de aula do Projeto Rondon é um pouco maior que a minha: é do tamanho do Brasil.

No início, apenas o Estado do Amazonas. Faz anos, porém, que o Projeto Rondon se estende pelo País todo. [...]

Trabalhando com gente de outra região, outros costumes, outra maneira de falar, de encarar a vida e o seu serviço, muda nossa maneira de ver as coisas. A gente volta subitamente mais adulto, amadurecido, mais brasileiro. E isso significa que, mais tarde, quando se for discutir problemas do Brasil, soluções do Brasil, saberemos que Brasil não é a esquina perto da nossa casa. **É preciso ter uma visão integrada deste País. Integração.** Acho que é isso que importa. Acho que é essa a lição maior da minha experiência do Rondon. **Fazer com que o Brasil entre em nós. Fazer com que a gente incorpore o Brasil como conhecimento, experiência.** E isso nos tornará profissionais melhores em nossas carreias. Uma experiência no Projeto Rondon permite a descoberta do valor social de cada profissão.

Aqueles colegas universitários que ainda não participaram de atividades com o Rondon, estão perdendo uma grande chance na sua vida universitária. Tomara que esse anúncio chegue a tempo. E que possam um dia falar do Projeto Rondon como eu faço aqui e sempre, agradecido.<sup>914</sup>

Um rondonista paranaense que estagiou em Limoeiro em 1980 testifica sobre a experiência:

---

<sup>914</sup> *Placar*, n.º 382, 19 de agosto de 1977, p. 65. “No Projeto Rondon aprendi a ser mais brasileiro”, anúncio vinculado como “campanha de interesse público desta revista e do CNP”. Grifos meus.

Cada estagiário passava um mês no Vale do Jaguaribe. Em Limoeiro, nós tínhamos casa com refeitório. Na verdade, era só para dormir e comer, a gente parava muito pouco nessa casa. Lembro que o ventilador era o dia inteiro na cara porque a gente saía daqui do Sul do Brasil e chegara numa realidade de cinquenta graus – estou brincando, mas na realidade era quente mesmo. O que mais me espantou em Limoeiro foi realmente o calor, os sapos andando no meio da rua, no final da tarde, a brisa do Aracati que era o nosso único frescor...

Como eu fazia parte do grupo de jornalismo, tinha que acordar cedo e ir à delegacia ver o que tinha acontecido, as prisões feitas durante a noite, aquilo de roubo de bicicleta na frente do cinema, aqueles crimes de cidade pequena. Somente um ou outro era assassinato de peixeira. Eu pensava: Pô, o negócio aqui é bravo; aqui a coisa se resolve na ponta da faca. Eu rodava muito de bicicleta pelas estradas e parava, às vezes, para pedir água e vinha água com lodo. Pensava: como esse povo pode beber essa água? Mas eu também bebi naquela caneca brilhando, a mulher trazia a água numa caneca que reluzia. A tina dela era limpinha, a casa era de chão batido, mas era uma casa limpa, as cortinas branquinhas, tudo maravilhoso, mas aquela água que bebiam era salobra e insalubre.

Então, eu parava para conversar com as pessoas, contar da minha região e ouvir da região deles. Se estivesse com aquela camisa do Rondon, as pessoas abriam as portas para você. Aquela camisa do Projeto Rondon era como um cartão que abria qualquer porta para você na época. O rondonista era muito bem aceito no sertão porque eles sentiam que você estava levando uma novidade para eles. E a gente levava tão pouca coisa! Sim, você levava mais a sua cultura, uma cultura diferente da deles. E eu estava muito interessado em conhecer a cultura do sertanejo, queria conhecer as pessoas.<sup>915</sup>

Na fala do depoente, a integração aparece como vontade de “conhecer a cultura do sertanejo”. Como estagiário de Jornalismo, ele investigou o cotidiano da cidade e saiu pelas estradas para conversar com as pessoas. Segundo o Sr Torrecillas, usar a camisa do Projeto Rondon era o mesmo que ter um “cartão que abria qualquer porta”. Em ambos os depoimentos, nota-se uma vontade de ser patriota, de “encurtar” as distâncias do “imenso Brasil”, de ser peça-chave no projeto de integração da nação. Para Rodrigo Motta, o objetivo primordial do Projeto Rondon era “desmobilizar o radicalismo dos estudantes” e seduzir os jovens ao idealismo e ao patriotismo, “atraindo alguns líderes para os valores do regime militar” e assim cumprir as “metas nacionalistas dos militares” (MOTTA, 2014, p. 87-8). Secundariamente, implantar bases universitárias em cidades do interior fazia parte do processo modernizador do regime, já que uma das “atividades enfatizadas pelo projeto era a realização de práticas assistenciais voltadas para as populações carentes, e com isso muitas pessoas viram pela primeira vez um médico ou um dentista” (MOTTA, 2014, p. 88).

---

<sup>915</sup> TORRECILLAS, Devanir Parra. Entrevista concedida em Londrina-PR em 16 de outubro de 2015.

Assim, Limoeiro do Norte recebeu um desses campi, no caso o da Universidade Estadual de Londrina, que se instalou na região em 1974. A UEL era então uma universidade muito recente, já que fora criada pelo Governo do Estado do Paraná apenas quatro anos antes, em 1970.<sup>916</sup> Até julho de 1979, já haviam atuado em Limoeiro cinquenta professores e 493 alunos da UEL, de todas as áreas do conhecimento humano.<sup>917</sup> Na fase inicial do projeto, prevaleceram fortes críticas, exalando-se o sentimento de que todos eram, em essência, cobaias de um plano superior:

Crítica à falta de planejamento, à improvisação, às deficiências do treinamento preparatório dos universitários; registros de certa dúvida, incerteza e descrédito da parte da população local quanto às intenções do Campus; registros de reclamações de acadêmicos e Diretores quanto à falta de cooperação dos elementos da comunidade para com as atividades propostas; relatos de queixas quanto à ineficácia e inoperância das instituições e órgãos com os quais o Campus mantinha atividades integradas; reclamos de descontinuidade das ações, do precário fluxo de informações entre a FUEL [Londrina] e Campus Avançado [Limoeiro] etc. (ZANCANARO, 1984, p. 19).

Na verdade, no Vale do Jaguaribe, o que efetivamente exigiu a implantação do Projeto Rondon foi a necessidade inadiável de mão de obra especializada em um projeto de irrigação que o DNOCS tinha para a região que, por sua vez, amoldava-se às exigências do regime militar. Para Boris Fausto, as grandes transformações na agricultura do país nesse período, entre as quais se destacam o avanço do agronegócio e o “surgimento de um setor moderno de pequenos e médios proprietários”, fazem parte da “fixação de uma política agrícola por parte do Estado” (FAUSTO, 2002, p. 539), com vistas a mudar o perfil do país. Esse projeto de irrigação era exatamente um dos planos de desenvolvimento econômico do Vale que despertara no bispo dom Aureliano Matos o receio de “deslumbramento” do sertanejo para com o progresso, conforme tratado no Capítulo anterior. A necessidade de técnicos impõe a assinatura do convênio entre Projeto Rondon, UEL, DNOCS e Prefeitura de Limoeiro do Norte, concretizando a implantação do Campus Avançado na sede do bispado. No início, o escritório do DNOCS na capital cooptava grande parte dos alunos e professores, inserindo-os nas equipes que faziam levantamentos socioeconômicos da região a ser irrigada. O restante dos

---

<sup>916</sup> A instituição teve seu reconhecimento em 07 de outubro de 1971. No final da década, em 1979, a UEL já contava com uma comunidade estimada em quase dez mil pessoas, entre professores, alunos e servidores, e oferecia trinta e três cursos nas diversas áreas. *Boletim Campus*, n.º 1, junho de 1979, p. 1.

<sup>917</sup> *Boletim Campus*, n.º 2, julho de 1979, p. 1.

universitários se dedicava a atividades médicas e odontológicas, mantendo assim a tradição do Projeto Rondon e socorrendo as populações desvalidas.

Com a paralisação das obras daquele projeto, confirmando a velha política do Estado em não investir no sertão, os estudantes foram remanejados para Limoeiro, onde passaram a identificar os problemas da região, desenvolver planos para solucioná-los ou amenizá-los e prestar todo tipo de ajuda, inclusive ensinando técnicas adequadas de manejo dos rebanhos bovino, caprino e ovino aos pecuaristas, uma necessidade secular parcialmente sanada. Os estudantes também se dedicaram a investigar a cultura sertaneja, destacando-se o interesse pela poesia dos repentistas e as diversas manifestações artísticas da região, como literatura de cordel e música popular. Para prestar esclarecimentos das atividades realizadas pelo Campus Avançado da UEL em Limoeiro, passou-se a publicar, a partir de 1979, um jornal de quatro páginas, intitulado *Boletim Campus*.<sup>918</sup> No ensejo das comemorações dos cinco anos do projeto (1979), o então diretor do Campus Avançado, professor Boanerges de Oliveira, exalta os impulsos e os objetivos que levavam muitos a saírem do conforto das casas para suportarem um bioma (semiárido cearense) bem distinto do cerrado paranaense:

O espírito de brasilidade que nos move é o mesmo que nos isenta de qualquer pretensão intrusa. Lógico está que não se pretende mudar mentalidades pelo simples “faça assim” ou “não faça assim”, mas alguma coisa pretende-se, no sentido de superação de determinismos e na escalada de conscientização do quanto se é capaz de realizar, numa terra dadivosa e boa, onde “se irrigando tudo dá”.

Queremos chegar com o nosso pequeno “canal de irrigação” e – apesar do sol inclemente e da aparente aridez – molhar um pouco o solo, para que viceje a compreensão e a fraternidade; para que não sejamos olhados apenas como “sul maravilha”, mas como “irmão carente” e que, por isso mesmo, compreende o “mais carente”. [...]

Estamos de passagem, somos visitas transitórias, sem a intenção de quebrar nenhum “bloco monolítico”, nem de implantar uma ideologia, que não a de valorização do homem, com tudo que é de seu: tradição/modernismo, trabalho/ociosidade, pobreza/fartura, minifúndio/latifúndio e, tantas outras coisas boas/ruins que formam o caráter de um povo.

Jamais nos moverá o espírito mercantilista de oferecer com uma e recolher com a outra: ambas as nossas mãos estão estendidas e abertas oferecendo o que temos e o que somos. Aguardamos a reciprocidade, não o “pé atrás” da desconfiança,

---

<sup>918</sup> No primeiro número, o reitor da Universidade de Londrina dirigia a seguinte saudação: “Nós, deste longínquo Paraná, desta Londrina dos cafezais, abraçamos e cumprimentamos os amigos e gente do Nordeste, muito bem representados pelo povo de Limoeiro do Norte, externando que sempre estaremos ao seu lado para buscar o ideal e o bem-estar comum”. *Boletim Campus*, n.º 1, junho de 1979, p. 2.

por parte daqueles que ainda não se imbuíram de um mais alto conceito de Brasil e brasilidade. Os recursos financeiros deslocados de outras regiões para esta são muito bem aceitos; que os recursos humanos, igualmente deslocados pelo Governo, sejam bem aceitos, para que as lacunas sejam preenchidas e desapareçam os regionalismos e os bairrismos, numa visão mais nobre de Pátria e de Brasil.

Nossa recompensa será a certeza de termos contribuído um pouco para que nosso país seja “mais uno” e menos “fragmentado” por individualismos tacanhos e reticentes, de falsos “donos da verdade”.<sup>919</sup>

Como se percebe, ao menos as lideranças do projeto alinhavam-se ao pensamento dos militares, desejando a integração do país e o fim de regionalismos e bairrismos. O diretor tem ciência do poder de influência de um grupo do “sul maravilha” sobre uma região ainda atrasada, em relação ao “Brasil de baixo”. Todavia, diante de receios e desconfianças, ante o “pé atrás” de alguns, posiciona os londrinenses como “mãos estendidas” para ajudar, não como um grupo intruso. Ciente de que seu grupo estava promovendo uma mudança de mentalidade na população jaguaribana, o professor crê que essa transformação não ocorra instantaneamente, apenas pela obediência de regras (“faça assim” ou “não faça assim”), mas sim pelo entendimento da superação de determinismos históricos ou geográficos e pela conscientização da capacidade de produção da terra e do povo.

Mesmo que a presença dos universitários não superasse imediatamente a cultura do atraso (quebrar o “bloco monolítico”), havia a clara intenção de implantar a ideologia da “valorização do homem” em sentido holístico. Assim, o “canal de irrigação” da universidade paranaense haveria ao menos de promover a noção de compreensão e ajuda entre povos tão distintos, cultivando uma relação na qual o irmão sulista “carente” presta auxílio ao sertanejo “mais carente”. Compreendida essa relação, o diretor acredita que haveria então o desaparecimento de regionalismos e bairrismos e que, por fim, o Brasil seria um país “mais uno” e “menos fragmentado”, conforme projeto de integração nacional do regime ditatorial. O autor parece ignorar, assim como o sistema militar que ele representava, que os regionalismos constituem pilares identitários de um povo e que sua superação significaria o comprometimento da própria integridade cultural desse povo.

---

<sup>919</sup> *Boletim Campus*, n.º 6, outubro de 1979, p. 3. “Ao ensejo de...”, texto de Boanerges de Oliveira.

Evidentemente, a despeito da influência dos universitários do “sul maravilha” na terra árida da caatinga, a presença do Campus Avançado da UEL em Limoeiro não promoveu o desaparecimento de bairrismos, muito menos de regionalismos. As matérias do jornal do projeto indicam exatamente o contrário, ou seja, o fascínio que aspectos culturais peculiares à zona jaguaribana despertava nos sulistas acabou por exigir um reconhecimento à alteridade sertaneja, de fato muito distinta da identidade do povo paranaense. A título de exemplo, a “moda de viola” ou o “repente dos cantadores” despertou muito a atenção dos sulistas, que convidaram alguns deles para se apresentarem em Londrina, durante o Primeiro Encontro Paranaense de Cultura Popular, evento especialmente organizado para receber os cantadores nordestinos. Dois desses cantadores deixaram seus testemunhos:

“O pessoal de Londrina mostrou-se muito entusiasmado, ainda mais que o povo daqui do Nordeste, pois para eles a cantoria é uma manifestação nova. Todos evidenciaram interesse em conhecer a poesia de improviso, ajudando, inclusive, a sustentar os temas”...

“Gostei de Londrina e fui muito bem recebido pelo povo de lá. Tivemos ampla cobertura das emissoras de rádio e dos canais de televisão e acredito que a penetração de nossa música foi muito grande, pois tivemos a casa cheia em todas as nossas apresentações”...<sup>920</sup>

Os violeiros ficaram tão “empolgados com a receptividade do povo londrinense” que já se mostravam ansiosos para receber novo convite e assim expor mais uma vez a “música de improviso”, satisfazendo então a curiosidade do povo para com aquela “manifestação nova”. Observa-se que, transcorrido apenas um ano da publicação do texto do diretor, esse exemplo de regionalismo (poesia de repente) não sofrera nenhum abalo com a presença dos “estrangeiros”, mas, ao contrário, foram eles que se fascinaram por essa arte e a levaram para sua terra. Nesse aspecto, a integração desejada pelos militares funcionou “às avessas”, isto é, elementos culturais de uma região considerada atrasada acabou fascinando o povo de uma região progressista. Ao invés de influenciar o povo jaguaribano com sua ciência do desenvolvimento, o paranaense se deixou fascinar pela arte e pela “vida simples” do sertanejo. Um rondonista que esteve no Vale em 1981 confirma:

Talvez porque nós éramos muito jovens, muito dinâmicos assim, muito apressados e talvez a gente não tivesse a percepção naquele momento, mas passado um tempo, com alguma maturidade, eu acho que nós começamos a nos dar conta de que provavelmente o sertanejo cearense tenha nos influenciado mais do que nós

---

<sup>920</sup> *Boletim Campus*, n.º 24, dezembro de 1980, p. 3.

influenciado a eles. Porque eles têm uma cultura secular e eles não abriram mão da cultura deles. Então, eles continuavam assim, digamos mais tranquilos do que a gente, mais calmos, com uma capacidade de resposta mais lenta. Nós éramos mais apressados porque nós éramos de uma região muito dinâmica, nós éramos jovens e tal. Eu tenho a impressão de que mais pessoas voltaram influenciadas de lá do que nós conseguimos influenciar. Acho que nós voltamos falando: Eles é que estão certos, vão tocando a vida. É aquela moral transmitida pela música: "Ando devagar porque já tive pressa..." Tal e tal.

Hoje, acho que a gente tem uma noção de que eles estão mais certos do que nós, estão tocando a vida, sem muita pressa, sem muito estresse, sem muita ambição, principalmente. É claro que talvez se eles tivessem oportunidade de mudar, de ganhar dinheiro, de evoluir economicamente, claro que acho que iriam querer. Mas não me pareceu ser a preocupação da maioria não. Acho que a preocupação da maioria era viver a vida a cada dia, ir tocando a coisa em frente sem desespero, sem pressa. Isso acabou influenciando muito. A gente sempre comenta quando nos encontramos, a gente sempre fala: Eles que estão certos! Eles vivem melhor e provavelmente vão viver mais do que a gente. Acho que a gente acabou sendo mais influenciado.<sup>921</sup>

Outro depoente, nascido em Limoeiro, adolescente que conviveu com os rondonistas, narra como foi essa experiência:

Penso que o primeiro contato com os estudantes do Projeto Rondon foi no ano de 1975, mas houve várias frentes de encontros. Pelo grupo de jovens, o MJL [Movimento de Jovens de Limoeiro], no Seminário; pela casa da "vovó" Judite, que abria as portas da sua residência e recebia as pessoas... Na roda de amizade entre os primos, quantos então íamos todos para o futebol e banho de tanque no chamado Panelão da Saraivada, no Sítio Socorro; pelo Colégio Diocesano... Lembro bastante da turma ligada ao esporte. As formas de treinar, as estratégias, os modelos que mais influenciaram nas olimpíadas do Vale, em favor dos limoeirenses em algumas modalidades...

Todos nós nos reuníamos no hotel onde as turmas ficaram durante algum tempo hospedados; e, por fim, nos encontros na Associação Cultural, nas tertúlias ou, simplesmente, pelos espaços ali regados a cerveja ou "vaca preta". As turmas iam apresentando as próximas e tudo ficava parecendo um encontro de primos distantes que se reencontravam... Eu, tímido, ficava vendo, ouvindo, prestando atenção às conversas. Interagia, a princípio, muito pouco. Até me acostumar.

A primeira sensação, para um adolescente habitante de uma pequena cidade do interior do Ceará, mesmo que este município tenha sido considerado um celeiro de bons princípios, foi a de progresso chegando ao lugar. Progresso no sentido mais superficial, pois que a ideia foi de que aqueles forasteiros mais valorizariam as pessoas do lugar, já tão "avançadas", algumas, em ideias, ideais e realizações. [...] No entanto, descobrimo-nos iguais. De certa forma, tudo se dissolveu pouco a pouco.

Eles eram estudantes com um pouco mais de idade em busca também de ideais e descobertas que também os fariam crescer. Eram pessoas normais, portanto, que traziam seus valores e descobriam outros. Mas, ao adolescente, aqueles cinco, seis anos a mais, refletiram positivamente. De qualquer forma, a chegada do Campus também refletiu no espírito de vaidade daquele adolescente. Hoje, posso dizer que essa relação poderia ter sido mais forte, melhor aproveitada. [...]

Somos e não resistimos em ser "beradêros", ou seja, embevecidos pelo que é estrangeiro. Mas aquele povo com sotaque diferente, aparência distinta da nossa, acaboclada, povo de cabelos louros, pele branca, alguns nisseis, ligados a uma instituição acadêmica dava uma aparência de superiores, o que não era verdade nem se configurou em seguida. Por outro lado, somos habituados e temos

---

<sup>921</sup> BONI, Paulo César. Entrevista concedida em Londrina-PR em 17 de outubro de 2015.

arraigado nossos costumes. Penso que a maior influência deu-se no sentido inverso. Eles, sim, vivenciaram e, com certeza, acumularam conhecimentos.<sup>922</sup>

Segundo esse depoente, que se refere a si mesmo como “aquele adolescente”, a convivência com os paranaenses foi uma rica experiência de “intercambio cultural”, sendo que os rondonistas apreenderam ou acumularam mais conhecimentos com os sertanejos do que estes com aqueles. O contato entre ele e os “forasteiros” se deu muito em função do entretenimento (tertúlias, banhos em tanque, etc.) e do espírito hospitaleiro do povo limoeirense, o que facilitou o convívio social e afastou barreiras entre os povos de “aparência tão distinta”. O então “adolescente tímido” aos poucos se integra à roda de “amigos e estrangeiros”, percebendo o momento como um “ intercâmbio extremamente positivo”, cuja “descontinuidade foi ruim para ambas as partes”. Aquela convivência o marcou profundamente, segundo suas palavras: “até hoje, no meu imaginário, percebo o quanto foi rica aquela presença”; “aquela convivência se reproduziu em momentos de memória e trabalho”, trazidos à tona com intensidade durante a entrevista. Mesmo sendo um povo “beradeiro”, fascinado pelo estrangeiro, o limoeirense teria ensinado mais do que aprendido, conforme também fica evidente na leitura das edições do *Boletim Campus*, editado em Limoeiro e impresso em Londrina.

Mesmo assim, não se pode negar que o limoeirense aprendeu também muita “coisa nova” com os paranaenses, conforme a fala de dois depoentes:

O Campus foi muito importante, essa troca de experiências entre o Sul e o Nordeste. Foi muito importante para o povo de Limoeiro, havia aquela amizade com os universitários, organizou muita coisa na cidade e ajudou a Prefeitura.

As moças lá do norte do Paraná eram muito bonitas e mesmo avançadas. Então, como se diz, fizeram com que os rapazes limoeirenses avançassem também, no comportamento sexual, falando claramente. Parece que teve um caso ou dois de rondonistas que se casaram com limoeirenses.<sup>923</sup>

Houve um grande movimento na cidade com o Campus Avançado da UEL. Foi um período muito bom e rico em experiências. Teve um lado bom porque vinha dentista, estagiário de dentista e de médico, profissionais de educação física e de outras áreas. O Projeto Rondon também apoiou muito e ajudou a desenvolver o artesanato na região.

Mas, teve também o lado ruim, pois o bem não vem sozinho, vem sempre acompanhado de outras coisas. Assim, os rondonistas trouxeram também uns maus hábitos para cá. Afinal, eles vinham de uma cidade maior, avançada, e acabaram trazendo alguns maus hábitos para cá, por exemplo, muita libertinagem.

<sup>922</sup> GUIMARÃES, Jorge Alan Pinheiro. Entrevista concedida via e-mail, enviado de Fortaleza-CE em 28 de junho de 2015.

<sup>923</sup> PINHEIRO, Francisco Irajá. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 29 de outubro de 2010.



Também há quem diga que Limoeiro despertou para as drogas nesse período. Você está gravando minha fala e depois alguém virá aqui, pedindo as provas [risos]. Não tem provas, mas isso é uma coisa amplamente conhecida aqui na cidade. Pode perguntar a outros.<sup>924</sup>

Curioso que, aquilo que um depoente chama de “comportamento sexual avançado”, a outra testemunha denomina de “libertinagem”, provando que o mesmo fato sofre interpretações distintas, ou seja, admite diferentes vieses, segundo o olhar peculiar de cada falante. O primeiro depoente não credita muita influência negativa aos rondonistas, enquanto a segunda admite que, como o “bem nunca vem sozinho”, o “lado ruim” do projeto foi a disseminação, na cidade, de “maus hábitos” tais como a liberalidade sexual e o uso de entorpecentes. Eles não deixam de reconhecer o grande benefício que o Campus trouxe para Limoeiro, não somente no aspecto de convivência entre povos distintos, promovendo a amizade, mas, sobretudo, porque o projeto “organizou muita coisa” e “ajudou a Prefeitura” oferecendo dentistas, médicos, dentre outros profissionais, e incentivou o artesanato na região, carência secular que foi parcialmente sanada com a presença dos professores e alunos paranaenses. Todavia, mesmo não tendo “provas” dos aspectos negativos, a depoente é categórica em reconhecer o fato de que “Limoeiro despertou para as drogas” com a vinda dos forasteiros, fato amplamente conhecido na cidade.

Realizando o cruzamento entre as fontes, é viável concluir que o intercâmbio entre os povos norte-paranaense e jaguaribano se processou como simbiose, ambos recebendo “nutrientes culturais” um do outro, ambos influenciando-se mutuamente. Essa influência acabaria por determinar que ao menos três londrinenses escolhessem o semiárido como nova residência. Se considerado o universo de quase mil universitários que transitaram por Limoeiro e região, bem como os “vultuosos recursos” depreendidos no projeto, a interiorização de rondonistas foi insipiente, quase nula (ZANCANARO, 1984). Entretanto, o hibridismo cultural realizado, de mão dupla, não pode ser mensurado apenas no número de migrações efetivamente levadas a cabo. Isso é facilmente demonstrado nos depoimentos dos alunos paranaenses que atuaram no Vale do Jaguaribe:

---

<sup>924</sup> FREITAS, Maria das Dores Vidal. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 18 de fevereiro de 2012.

“O estágio que o acadêmico faz durante um mês serve como uma experiência profissional muito importante, não só pelo conhecimento de outra realidade, mas também pela assimilação de costumes que servirão como uma experiência de vida”.

“Foi uma grata oportunidade de conhecer uma realidade de uma região totalmente diferente da minha, além de aplicar meus conhecimentos técnicos em benefício de uma população tão carente. Atuação com os profissionais da região muito me enriqueceu no referente à atuação profissional de agrônomo”.

... “Essa atuação acrescentou tanto pessoal como profissionalmente. Foi válido em todos os sentidos. Desde a viagem até aqui, tomei conhecimento de uma realidade que para nós sulistas é bastante relevante, porque vemos com os nossos próprios olhos a carência de um povo pobre e sem muita oportunidade na vida. Constatamos a falta de uma distribuição de renda pelo governo que apenas usa a ingenuidade desse povo com suas promessas futuras”.

“Cresci tanto, que nem sei explicar. Estou me sentindo bem maior. Vou voltar com outra [pessoa]... com alguém que eu desconhecia. Foi um desafio porque eu estava sozinha, mesmo junto com os colegas. Não havia professor para direcionar os trabalhos. Em cada visita, sentia que saía de casa levando experiências de vida, a simplicidade, a humildade que a própria comunidade não reconhece como valores. São pessoas muito ricas e que me deram muito. Constatei que gosto mesmo de fazer trabalho em comunidade” (SILVA, [J. C. da], 1996, p. 298-9).

#### **5.4 “Romeiros do progresso e pregoeiros da liberdade”: a atuação de maçons e protestantes**

Durante todo o longo “reinado” de dom Aureliano (1940-1967) e mesmo anos após seu falecimento, os maçons de Limoeiro não fundaram nenhuma loja na cidade, em respeito à figura do bispo, considerado o “guardião das tradições” e da religião católica, reconhecidamente inimiga da instituição maçônica por muito tempo, conforme constatei em trinta anos de leitura do jornal *O Nordeste* (1936-1966). A título de exemplo, em nota de 1942, a maçonaria é acusada de estar se entrincheirando “com toda pressa, na América [o continente], depois das recentes derrotas sofridas na Europa”.<sup>925</sup> A matéria faz menção a uma carta pastoral do bispo de São Salvador (República de El Salvador), na qual se diz sem meias palavras que os maçons, chamados de “falsos amigos da liberdade”, teriam sido responsáveis por desencadear os totalitarismos europeus, pois, sendo um “Estado dentro do Estado”, a maçonaria teria se tornado muito poderosa no velho mundo, até ser deflagrada a Segunda Guerra, quando então entrou em declínio.

A origem da maçonaria ainda não foi apontada com exatidão, nem pelos próprios associados. Há quem insista em encontrar suas raízes em eras

---

<sup>925</sup> *O Nordeste*, 10 de fevereiro de 1942, p. 1.

bíblicas, algo pouco provável. A escassez de documentos e a superficialidade de estudos incutiram descrença e desconfiança entre os historiadores, gerando pouco interesse por essa sociedade. Alexandre Mansur Barata (2006) interrompe essa indiferença, tornando possível o estudo da maçonaria na Academia e não apenas pelos iniciados. Como entidade já organizada, a primeira referência escrita à sociedade secreta foi encontrada em Londres, datada de 1356, um registro chamado Código de Regulamentos Maçônicos (BAÇAN, 2008). Tornou-se consensual considerar que, em seus primórdios, a maçonaria era uma congregação de operários, quase uma primitiva organização de trabalhadores, conceito distante da instituição especulativa ou filosófica que se conhece hoje.

No Brasil, também se desconhece a data de fundação da primeira loja, mas vestígios admitem que, já em fins do século XVIII, existiam maçons na Bahia e em Minas Gerais (ARAGÃO, 1987). Maçons atuaram na Inconfidência Mineira, o que levou certo autor a declarar que a “Maçonaria brasileira dos séculos XVIII e XIX era essencialmente política” (LINHARES, 1988, p. 123), ou seja, conspiratória contra o regime monarquista. A maçonaria esteve diretamente envolvida na chamada Questão Religiosa,<sup>926</sup> quando dois bispos que puniram padres envolvidos nessa sociedade secreta foram presos pelo imperador Dom Pedro II, ele mesmo maçom (GOMES, 2014).

No Ceará, segundo o cronista João Brígido, a Maçonaria “bruxuleou em 1816”, com a vinda de “pedreiros livres” do Recife para Fortaleza, fazendo disseminação da Ordem maçônica e defendendo a libertação do Brasil das amarras colonialistas, o que atraiu a atenção também de padres.

Revela dizer que esses núcleos de homens finos professavam todos a ideia, já muito adiantada, da emancipação do Brasil; e, como quer que a classe mais ilustrada do tempo fosse o clero, filiados às *Lojas* do Recife estavam muitos sacerdotes brasileiros de melhores estímulos, que desejavam ter uma Pátria livre.<sup>927</sup>

Oficialmente, os primeiros registros da maçonaria na terra de José de Alencar “remontam à década de 1830”, mas certamente a participação de cearenses “nos movimentos revolucionários de 1817 e 1824” constitui forte

---

<sup>926</sup> Sobre isso, ver: VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1980.

<sup>927</sup> BRÍGIDO, João. “A Maçonaria no Ceará”. *Unitário*, 07 de novembro de 1916. In: CARVALHO, 1969, p. 147.

indício de que o “espírito maçônico já estivesse pairando pelo Ceará” (ABREU, 2009, p. 54), pelo menos desde o início do século XIX, como acredita Brígido. A primeira loja maçônica (União e Beneficência) foi fundada em Fortaleza, em 1834, pelo padre José Martiniano de Alencar, seu primeiro venerável, e funcionou num sobrado da Rua Boa Vista, hoje Floriano Peixoto (MAGALHÃES, 2008, p. 17). Os primeiros conflitos entre clero e maçonaria datam do início do século XX, já que sacerdotes católicos se filiaram à sociedade em seus primórdios. Em Russas, por exemplo, há um relato no jornal *Unitário*, em 07 de novembro de 1916, dando conta que, poucos dias antes o vigário daquela cidade jaguaribana “tangeu da sua igreja o maçom Manuel Augusto, juiz de direito da Comarca, que ousara ir ali servir de padrinho de uma criança, que queriam fazer cristã pelo batismo” (In: CARVALHO, 1969, p. 150).

Para João Brígido (1916), no “interior do Ceará uma loja somente se instituiu e foi no Icó, sendo venerável dela Tomás d'Aquino Pinto Bandeira, iniciado no Recife” (In: CARVALHO, 1969, p. 149). O cronista não estipula o ano de fundação dessa loja, ficando subentendido que teria sido também nos primórdios do século XIX, já que a referida sociedade teria se dissolvido em 1841, em função de perseguição política na província, provando o que foi afirmado acima, ou seja, que os maçons cearenses eram engajados politicamente e não temiam conspirar contra o regime monarquista. Para outra pesquisadora, pode-se afirmar com certeza que “em 1833 havia uma loja maçônica em Aracati, sendo seu venerável na época o coronel João Tibúrcio Pamplona” (ABREU, 2009, p. 58). Como a maçonaria era “tipicamente urbana”, formada por segmentos profissionais essencialmente citadinos, Berenice Abreu acredita que, sendo Aracati na época uma das poucas localidades onde se podia “respirar ares urbanos”, é viável supor que a maçonaria tenha debutado em terras cearenses nessa cidade jaguaribana que disputou a sede do bispado com Limoeiro. Se essa historiadora estiver certa, a loja aracatiense deve ter sido inaugurada antes de 1833 e fechado suas portas anos depois, pois a cidade de Aracati só veria cogitações sobre o surgimento de uma nova loja já no início da década de 1920 (PEREIRA FILHO, 2010).

De todo modo, o certo é que as “primeiras sementes” maçônicas teriam germinado na capital cearense, ainda em princípios do século XIX (ARAGÃO, 1987). De lá, teriam se espalhado para o sertão. No Vale do Jaguaribe, os registros oficiais acusam a estruturação ou reorganização tardia de lojas maçônicas em cidades como Aracati, em 27 de janeiro de 1927 (PEREIRA FILHO, 2010), possivelmente a segunda loja, e Russas, que teve sua loja “Fraternidade Jaguaribana” fundada somente em 16 de janeiro de 1937 (ARAGÃO, 1987). Ambas as lojas reuniam maçons das sedes e das cidades vizinhas, como foi o caso da loja de Russas, que durante muitos anos abrigou os maçons de Limoeiro. Assim, antes mesmo da implantação da diocese jaguaribana, a maçonaria já havia fincado raízes na região.

Na sede do bispado, em Limoeiro do Norte, as duas agremiações ainda existentes foram fundadas em 1976 (Loja Deus e Harmonia N.º 13) e em 1977 (Loja Dr. Lima Verde), segundo dados do cronista Meton Maia e Silva.<sup>928</sup> Salta aos olhos o fato de que a última loja foi criada dez anos após o falecimento do primeiro bispo; homenagem ao médico Deoclécio Lima Verde (1901-1975), considerado o primeiro maçom de Limoeiro. Com exceção de alguns confrontos verificados entre padres e maçons, tais como os ocorridos em Russas, protagonizados pelo padre José Terceiro, de modo geral dom Aureliano não precisou se desgastar com essa sociedade secreta na sede, já que os maçons eram discretos. Era o caso do médico Lima Verde, cearense de Iguatu, formado em medicina pela Universidade do Rio de Janeiro em 1927. Ele se transferiu para Limoeiro em 1934, onde residiria até seu falecimento, cultivando atuante carreira de médico e de professor nos principais estabelecimentos de ensino (MONTENEGRO [J. H. L. V.], 2000). Mesmo sendo maçom desde meados dos anos de 1930, Lima Verde exerceu a

---

<sup>928</sup> Diz o cronista: “Foi inegavelmente uma bela festa que viveu o BNB-Clube de Limoeiro do Norte, ocasião em que foi oficialmente instalada a loja maçônica “Deus e Harmonia” n.º 13... Um jantar festivo foi um dos pontos altos do grandioso acontecimento o qual reuniu nada menos de cem participantes, além do ingresso de numerosos maçons durante a solene sessão. Destacaram-se, por outro lado, figuras expressivas da maçonaria de nossa Capital, de Mossoró e Martins (RN), Russas, Morada Nova, Aracati e outras cidades da região jaguaribana [19 nov. 1976]. [...] Em solenidade das mais expressivas... fundou-se nesta cidade a Loja Maçônica “Dr. Lima Verde”, em homenagem ao saudoso esculápio Deoclécio Lima Verde. [...] Após a solenidade que contou ainda com a presença de autoridades municipais e convidados, realizou-se um jantar de confraternização no BNB-Clube [06 jun. 1977]”. SILVA, Meton Maia e. **[Pasta de recortes de jornais e textos datilografados]**. Arquivo pessoal. Fortaleza, 1976 e 1977.

medicina em Limoeiro livremente, sob as vistas do bispo e de seus sacerdotes, uma exceção, pois o clero ultramontano era reconhecidamente intolerante para com a maçonaria.<sup>929</sup> Antônio Malveira procura relativizar essa situação chamando-o de “maçom-cristão” (1998, p. 44). Todavia, a Igreja pregava que um católico jamais poderia abraçar a “seita maçônica”, sendo alvo de excomunhão se o fizesse.<sup>930</sup> Para esse memorialista, o que contava era o espírito solidário e fraterno de Lima Verde, próprio a um cristão:

Ele era maçom, mas nos seus atos mostrava-se mais cristão do que muitos frequentadores da Igreja que não punham em prática os preceitos evangélicos. O cristianismo é a ação concreta, viva e palpitante, assistência contínua aos filhos de Deus. Não será verdadeiro cristão aquele que se omite nos momentos de angústia e desespero do ser humano.

E quantas vezes o Dr. Lima Verde foi chamado para atender a uma parturiente, no cálido sertão, nas caatingas, e, quando terminava a cirurgia ouvia do camponês: “Dr. não tenho dinheiro para lhe pagar”. E ele educadamente respondia ao pobre homem que, de olhos fitos no chão esperava a sentença do médico. “Não se preocupe com o dinheiro” (MALVEIRA, 1998, p. 44).

Segundo esse mesmo autor, Lima Verde chegou a acompanhar padres em visitas a enfermos, “enquanto um medicava o espírito, o outro cuidava do corpo”. Não só a relação entre sacerdote e médico se mantinha na base da “palestra cordial”, como o autor chega a dizer que ambos “se confundiam em sua missão, uma vez que atendiam sem egoísmo aos pobres em seus humildes casebres; os que não tinham voz, e, além disso, perdidos na solidão dos catres” (MALVEIRA, 1998, p. 44). Em entrevista concedida em seu consultório médico, o filho de Lima Verde, nascido em 1935, falou da relação do pai com a Igreja e com o clero diocesano de Limoeiro do Norte:

Quando muito, ele ia à igreja quando tinha um bom orador, para ouvir o orador, mas não frequentava a igreja, não. Ele era espírita, não praticante do catolicismo. **Quando ele veio morar em Limoeiro já era maçom e espírita.** No começo era gozado porque alguns padres só andavam lá em casa quando o bispo chamava para ir. Se o bispo dizia: “Vamos ali...” já sabiam que iam para a casa de papai.

Mas, cordialmente, ele se dava com quase todos os padres de Limoeiro. Alguns deles, **no começo**, quando estavam na rua e tinham que passar lá em frente a nossa casa, desciam a calçada para subir lá adiante, só **para não passar na**

---

<sup>929</sup> Segundo o depoente José Maria de Oliveira Lucena, Lima Verde era benquisto por todos, mesmo pelos padres de Limoeiro. A figura de médico sério e respeitado prevaleceria sobre a de maçom (obliterada aos olhos dos clérigos), o que explicaria o fato de Lima Verde transitar sem problemas na maternidade mantida pela Diocese. In: Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE, em 08 de março de 2014.

<sup>930</sup> É o que declarava o Art. 2.235 do Código Eclesiástico da época: “Os que se filiarem à seita maçônica ou a outra do mesmo gênero, que tramam contra a Igreja e os poderes legítimos, contraem ‘ipso facto’ a excomunhão, reservada simplesmente à Sé Apostólica”. ROHDEN, Huberto (Padre). “Qual o espírito da Maçonaria brasileira?” *O Nordeste*, 04 de abril de 1939, p. 3.

**calçada de um maçom.** Bom, eram as **coisas do tempo** mesmo! Não quero citar nomes, mas sei que tinha padre que descia a calçada e subia acolá, adiante. Isso eu vi muitas vezes! **Mas isso nada significa**, não significa nada nem **nunca** significou.<sup>931</sup>

A fala de Ari Santiago Lima Verde confirma o bom relacionamento do pai com o bispo e os padres de Limoeiro, mas põe em dúvida o perfil de Malveira. Lima Verde não era um “maçom-cristão”; ele não praticava o catolicismo e sim o espiritismo. Quase sempre, esse fato é obliterado pelos memorialistas. Se o médico tinha mesmo intimidade com o clero, chegando a frequentar o Palácio e passar “horas palestrando com Dom Aureliano, assuntos de natureza diversa” (MALVEIRA, 1998, p. 45), seria porque o bispo – inteligente e habilidoso em resolver conflitos – tinha a nítida consciência de que não poderia prescindir da presença de um homem da medicina na cidade. Ainda segundo Malveira, Lima Verde “costumava assistir aos sermões do Bispo e do Monsenhor Otávio Santiago nas magnas solenidades” (MALVEIRA, 1998, p. 45). Se tais sermões fossem proferidos na catedral, certamente os maçons e espíritas ficavam na calçada da igreja, já que proscritos não adentravam a nave do templo em momento algum.

Pelo que se depreende dos depoimentos, havia uma espécie de acordo tácito e silencioso de não hostilidade entre o maçom Lima Verde e os clérigos de Limoeiro.<sup>932</sup> Não foi possível precisar a partir de quando se deu esse acordo, mas é viável supor que tenha iniciado já na década de 1940. Foi possível verificar nas fontes que o bispo e o médico participaram juntos de eventos, inclusive compondo mesas,<sup>933</sup> e o nome de Lima Verde também consta no quadro clínico da Maternidade São Raimundo, em meados daquela década, recebendo até elogios como este: “Dr. Deoclécio Lima Verde vem prestando os seus serviços com uma persistência e cuidados dignos dos

---

<sup>931</sup> LIMA VERDE, Ari Santiago. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 25 de setembro de 2013. Os grifos são meus.

<sup>932</sup> Declarações feitas por dois depoentes meus: PINHEIRO, Francisco Irajá. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE, em 29 de outubro de 2010; e LOPES, Abel Ferreira. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE, em 18 de março de 2011.

<sup>933</sup> Por exemplo, em 1949, durante cerimônia que celebrou os treze anos de fundação do IBGE, dom Aureliano e o Dr. Lima Verde eram autoridades presentes, dentre outras. O correspondente que enviou a nota para o jornal menciona o médico como “presidente do Grupo Esperantista” da cidade, ocultando sua condição de maçom. In: O dia do estatístico em Limoeiro do Norte. *O Nordeste*, 04 de junho de 1949, p. 2.

maiores louvores”.<sup>934</sup> Diante da pobreza do sertão, dom Aureliano Matos jamais poderia prescindir de um médico como Lima Verde. Acredito que esse fato por si mesmo justifica o pacto de respeito entre o médico e o clero, evitando assim confrontos e hostilidades. Ademais, o pacto parecia se restringir ao médico em específico. Para com outros maçons, a tolerância parecia ceder lugar ao “cajado de ferro”, como narra outro depoente:

Quando era pequeno, papai e mamãe sempre nos levavam [todos os filhos] para a igreja, aos domingos. Só que mamãe entrava na igreja e papai ficava lá fora, no patamar, conversando com os amigos. Papai era maçom, mas não era muito anti-católico não. Mamãe era muito católica e chegou a fazer parte das Filhas de Maria e do grupo de mães cristãs de Limoeiro. Por isso, ela educou os filhos dentro dos princípios do cristianismo/catolicismo. [...]

Papai, sendo maçom na época, não era bem visto pela Igreja. E um belo dia, dom Aureliano manda um aviso que quer falar com papai, sobre o fato de eu ser estudante no Ginásio Diocesano. Meu pai me disse: “Você vem comigo!” Chegamos ao Palácio Episcopal e dom Aureliano nos recebeu, eu sempre ao lado do meu pai. Dom Aureliano disse: “Ângelo, eu lhe chamei aqui porque tenho muita consideração por você. Mas eu quero que você entenda que é um choque muito grande termos o filho de um maçom estudando no Ginásio Diocesano”.

Eu devia ter uns nove anos de idade, mas me lembro bem da conversa porque eu sabia que tinha ido ali para ser desligado do Ginásio, o que seria uma grande tristeza porque eu não teria onde estudar. Papai foi incrível na resposta que deu ao bispo. Ele disse: “Dom Aureliano, meu filho não tem nada a ver com minha tendência maçônica. Eu que sou maçom, mas ele é que paga por isso? Se o senhor o desligar do Ginásio estará me punindo, com certeza, mas estará punindo principalmente meu filho, que não tem culpa por eu ser maçom!”

Dom Aureliano, como homem equilibrado e sensato, respondeu: “Você tem razão, seu filho vai continuar no Ginásio!” Foi um episódio interessante e inesquecível para mim, já que o bispo chamara papai para comunicar que iria me tirar do Ginásio, só porque ele era maçom. Na época, em Limoeiro deveria ter só três ou quatro maçons, sendo papai um deles.<sup>935</sup>

O episódio indica que o bispo se sentiu ou foi pressionado para tirar o “filho do maçom” do ginásio da diocese, talvez porque a direção e o corpo docente, compostos em grande parte por clérigos, sentiam-se incomodados. Se fosse para ser rigoroso, dom Aureliano já sabia que, desde 1738, quando Clemente XII lançou sua constituição *In Eminenti*, qualquer associação de católicos com maçons ficava proibida:

Proibimos, portanto, seriamente e em nome da Santa Obediência a todos e a cada um dos fiéis de Cristo, de qualquer estado, posição, condição, classe, dignidade e preeminência que sejam; leigos ou clérigos, seculares, ou regulares, **ousar ou**

<sup>934</sup> ASSOCIAÇÃO MATERNIDADE SÃO RAIMUNDO. [Pasta de Ofícios e Outros Documentos Avulsos]. Limoeiro do Norte, 1947. Trata-se de pasta encontrada no Arquivo da Cúria Diocesana de Limoeiro, contendo uma série de documentos dessa instituição hospitalar, compreendendo o período de 1943 a 1957.

<sup>935</sup> FIGUEIREDO, Djacir Gurgel de. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 06 de outubro de 2011.



**presumir entrar por qualquer cor, nas sociedades de franco-maçons, propagá-las, sustentá-las, recebê-las em suas casas, ou dar-lhes abrigo e ocultá-las alhures, ser nelas inscrito ou agregado, assistir às suas reuniões, ou proporcionar-lhes meios para se reunirem, fornecer-lhes o que quer que seja, dar-lhes conselhos, socorro, favor às claras ou em secreto, direta ou indiretamente, por si ou por intermédio de outro, de qualquer maneira que a coisa se faça, como também exortar a outros, provocá-los, animá-los a se instruírem nessas sortes de sociedade, a se fazerem membros seus, a auxiliarem-na ou protegerem-nas de qualquer modo.**<sup>936</sup>

De fato, filtrando aquela situação por esse documento papal, o bispo de Limoeiro estaria “prestando favor” a um maçom, ao permitir que o filho dele estudasse numa escola de orientação católica, fundada pela própria diocese. Todavia, segundo o depoente, o bom senso do prelado, acatando o argumento do pai de que afastar o filho do colégio seria uma punição maior para a criança do que para ele, o pai maçom, foi suficiente para convencer dom Aureliano a autorizar a permanência do garoto no Ginásio. E aquele menino acabaria se tornando um dos primeiros médicos neurocirurgiões do Ceará,<sup>937</sup> futuro que seria comprometido se o prelado limoeirense cedesse à intolerância. O episódio demonstra que o bispo colocava em suspenso determinações da Igreja quando o assunto envolvia crianças.

Segundo os estudiosos, desde a Questão Religiosa maçons e protestantes passaram a ser “confundidos” e, da mesma forma, perseguidos pela Igreja, já que seus ideais se tocavam na ânsia do liberalismo ideológico, isto é, na liberdade plena de pensamento, fé e religião. O jornal *O Nordeste* costumava publicar notas nas quais as lideranças católicas colocavam num único balaio diferentes instituições por acreditar que

todos os nossos inimigos (maçonaria, espiritismo e protestantismo) se dão as mãos, auxiliando-se mutuamente na campanha maior pela quebra de nossa unidade religiosa e política, como se não visassem fins ultimos diversos, dando-nos a impressão de que, de fato, tem razão a nossa sabedoria popular quando diz que, de noite, todos os gatos são pardos...<sup>938</sup>

Nesse texto, fica patente a preocupação com o fim da hegemonia da Igreja Católica no país, aquilo que o autor denomina de “Brasil unido e forte na sua Fé tradicional” fragmentado “pelas forças da destruição e da anarquia”. A

---

<sup>936</sup> In: LINHARES, Marcelo. **A maçonaria e Questão Religiosa do Segundo Império**. Brasília: Senado Federal, 1988, p. 140, grifos meus.

<sup>937</sup> Em 2011, quando me concedeu entrevista em sua clínica, em Fortaleza, o neurocirurgião Djacir G. de Figueiredo já havia realizado mais de cinco mil intervenções cirúrgicas no cérebro e na medula espinhal, durante 52 anos de exercício da medicina. Por ser um dos pioneiros da neurocirurgia no Ceará, já recebeu diversos prêmios e condecorações no Estado.

<sup>938</sup> *O Nordeste*, 22 de agosto de 1940, p. 5. “De noite todos os gatos são pardos...”, texto de B. Landim.

Igreja temia que os inimigos se unissem e se ajudassem mutuamente no combate ao catolicismo. E, de fato, isso aconteceu com certa frequência, não na dimensão exacerbada pela elite eclesiástica, mas o suficiente para expandir o protestantismo pelo sertão. A evangelização reformada, muitas vezes apoiada por maçons, constitui evidente indício de que “exércitos” divergentes de forças medianas uniram-se para minar o poder da Igreja Católica, a “força dominante”. Há quem acredite que, sem a influência da maçonaria, o protestantismo nunca teria burlado o rígido regime de padroado do Império, iniciando sua inserção no território brasileiro. Assim,

graças ao *Direito do Padroado* e a posição da Igreja Católica Apostólica Romana como “igreja oficial do Império”, seus bispos e altos dignitários se achavam no direito de barrar, até violentamente, a expansão protestante no Brasil. Os maçons “benedictinos” [Rio de Janeiro], herdeiros do Grande Oriente da França (GOF) e muitos deles iniciados lá, nutriam uma especial ojeriza por tudo que se dizia “católico romano” e assim não foi difícil aliar-se aos protestantes contra os católicos, não porque fossem afeitos ao Protestantismo, mas porque queriam impedir a hegemonia católica e sua influência política no país (INÁCIO, 2009, p. 23).

Um ministro presbiteriano reconheceu que a disseminação do protestantismo em algumas cidades do Ceará só foi possível pela intervenção de maçons que acolheram missionários e enfrentaram clérigos que os hostilizavam.<sup>939</sup> Para Peres (2006), é possível encontrar pontos de aproximação entre maçons e protestantes, e entre estes e espíritas e libertários, como os anarquistas, desde o século XVIII, nos chamados “centros de convivialidade”, ou seja, em grupos ou lugares de afinidade onde se encontravam os homens das chamadas “sociedades de ideias”:

Os *centros de convivialidade* foram os fenômenos mais amplos... expressão de uma nova sociabilidade e que se manifestaram em formas novas de associação que proliferaram na Europa naquela época: academias, salões, cafés, círculos e, principalmente, clubes e lojas maçônicas (PERES, 2006, p. 149-50).

Os intelectuais brasileiros que entraram em contato com essa cultura europeia, tais como os maçons iniciados na França, voltavam ao Brasil com “ideias novas”, com a “cabeça arejada”, o que efetivamente exigia tolerância para com outras crenças e ideologias, quase sempre consideradas inimigas da Igreja Católica.

Outro fator favorável aos protestantes foi a maçonaria. É sabido o peso da maçonaria no governo imperial brasileiro. [...] Os relatos dos missionários

---

<sup>939</sup> MARTINS, Othoniel Silva [Reverendo, pastor]. Entrevista concedida em Fortaleza-CE em 02 de novembro de 2011.

mencionam com relativa frequência a hospitalidade que as lojas maçônicas davam a esses missionários – que pregavam no interior das lojas – dadas as dificuldades iniciais que os protestantes tinham para encontrar local para suas reuniões. John Boyle, missionário presbiteriano, em viagens evangelísticas pelo sul de Minas pregou numa sala maçônica e, mais adiante, ao chegar a uma cidade onde não conhecia ninguém que o hospedasse, perguntou a alguém se não havia ali algum maçom. Havia, e foi hospedado por ele. Mais tarde esse hospedeiro maçom converteu-se e veio a ser o pai de um dos grandes pregadores presbiterianos (MENDONÇA e VELASQUES FILHO, 2002, p. 77-8).

Conforme mencionado no Capítulo 1, a expansão do protestantismo no sertão jaguaribano só foi possível em função do espaço vazio que o catolicismo deixou nos lugares onde nem Igreja nem Estado chegavam a contento. Os protestantes souberam aproveitar a “brecha” e assim conseguiram se infiltrar em redutos historicamente católicos. Foi o caso da sede do bispado, que começou a receber pregadores vindos das cidades vizinhas. Inicialmente, Aracati enviou missionários batistas e depois Tabuleiro do Norte, missionários assembleianos. Com insistência, a fé reformada foi se expandindo no município. Ademais, como se viu no Capítulo anterior, o fato de dom Falcão ser tolerante para com a Igreja Reformada, obedecendo às diretrizes do Concílio Vaticano II, facilitou aquele trabalho de expansão, narrado por um depoente da seguinte forma:

A Igreja Assembleia de Deus de Limoeiro do Norte começou quando eu e outros irmãos saíamos de Tabuleiro para dirigir cultos na casa de meu irmão Manoel Bezerra, que morava em Limoeiro. Ele era barbeiro e, por isso, chamado de Manoel Barbeiro. Eu vinha dirigir cultos na casa dele e, sendo assim, digo que sou o fundador do trabalho assembleiano em Limoeiro, implantado em fins da década de 1960.

Quando já tinha alguns convertidos, veio assumir o trabalho de Limoeiro o evangelista José Almeida de Sousa, o primeiro pastor dessa igreja [1969-1973], que na época ainda não possuía templo, a congregação se reunia em salões. Depois, na grande enchente de 1974, quem já estava à frente da igreja era o pr. Joaquim de Sousa Lima [1973-1974]. Depois, veio o pr. Francisco Alves Viana [1974-1979] e, após ele, o pr. Armando José de Castro [1979-1982], natural do Rio Grande do Sul.<sup>940</sup>

Apesar de oficialmente organizada em 28 de abril de 1969, a Assembleia de Deus de Limoeiro só construiu seu primeiro templo em 1984. Nesse intervalo de tempo, a congregação funcionou em salões alugados. O último ministro mencionado acima encontrou grandes dificuldades para erguer o templo, segundo consta de um documento da Igreja:

Em meio a grandes esforços, [o pr. Armando] comprou um terreno em meio ao carnaubal e pediu conselhos ao pr. Antenor Bezerra Dias, que o achou com

---

<sup>940</sup> DIAS, Antenor Bezerra [Reverendo, pastor]. Entrevista concedida em Russas-CE em 30 de outubro de 2010.

grande fé, pois desde o local até as condições financeiras tudo parecia muito dificultoso. Mesmo com esse grande desejo não lhe foi possível a realização desse sonho e, em 1982, saiu deste campo deixando muitos tijolos comprados para o início da construção.<sup>941</sup>

O pastor conseguiu comprar um terreno no meio de um carnaubal e “muitos tijolos”, mas saiu antes de realizar o “sonho”. A localização do templo, distante do centro, e as condições financeiras da época tornavam tudo “muito dificultoso”. Um dos primeiros cooperadores testifica sobre esse “tempo de dificuldades”:

Nesse tempo, ainda era num salão e a situação era bem precária, sobretudo depois da cheia de 1974, quando muitos pobres arribaram do sertão e eu, que era auxiliar do trabalho, fiquei quase só. Eu dirigia os trabalhos [cultos] em quatinhos, em dependências pequenas, ainda à luz de lamparina. Depois foi que eu adquiri uma lâmpada *Petromax*, e então o lugar passou a ser mais bem iluminado. O trabalho aqui em Limoeiro sempre foi muito difícil!

Já nesse tempo, considero a relação entre católicos e crentes mais como uma guerra fria... Sabe como é! Não existia uma oposição forte não, era mais uma coisa de ouvir dizer. Quando se fazia cultos na feira, o pessoal fazia era rir. Digo que eram mais pessoas pobres que faziam isso, pois os ricos nunca gostaram de se empalhar [perder tempo] com religião, mesmo se dizendo religiosos, católicos.

Como ainda não tinha templo e tanque batismal, os primeiros crentes foram batizados no Rio Jaguaribe. Marcava-se um dia de sábado ou de domingo e se levava todo mundo. Eu fui batizado com outros vinte e cinco. Só se batizava quem tinha coragem, pois muitos curiosos assistiam o batismo, mesmo amigos nossos que não eram crentes. Você chegar naquele lugar aberto, vestir uma bata branca e ser mergulhado no rio precisava de muita coragem, de muita fé.<sup>942</sup>

Como se percebe, as dificuldades em “assumir-se crente” e “seguir fielmente” eram de toda natureza, sobretudo financeira. Nos anos de 1970, os subúrbios de Limoeiro ainda não possuíam eletrificação, daí o uso de lamparinas e lampiões. A oposição entre protestantes e católicos havia se atenuado, praticamente não existindo mais hostilidades abertas, mas persistindo o que o depoente chama de “guerra fria”, que se resumia em risos de zombaria nos cultos ao ar livre, na feira aos sábados, e em maledicências, em boatos, em “ouvir dizer”. O depoente acredita que essas reações pontuais aos “testemunhos dos crentes” partiam mais de pessoas pobres, mais sujeitos ao radicalismo, já que, para ele, os ricos sempre nutriram certo desprezo pela religião, com a qual não valia a pena perder tempo (“se empalhar”). Diante desse clima de “guerra fria” e sabendo-se que toda a liturgia reformada despertava natural curiosidade entre o povo, batizar-se em pleno Rio Jaguaribe

---

<sup>941</sup> FERREIRA, Alan Maia. **Histórico da Assembleia de Deus em Limoeiro do Norte**. Limoeiro do Norte, 2010, p. 2.

<sup>942</sup> MENDES, Raimundo Nonato. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 17 de outubro de 2013.

era considerado um ato de coragem, uma decisão de fé que somente quem havia realmente entendido a doutrina protestante efetivava diante da multidão.

Assim, com persistência, a atuação dos protestantes em Limoeiro chegou a mudar a configuração geográfica da cidade, possibilitando a criação de um novo bairro, em terreno elevado, livres da inundação do Rio Jaguaribe. Essa empreitada contou com o apoio decisivo da Diaconia, uma organização filantrópica nascida em seio protestante:

A Diaconia foi criada em 28 de julho de 1967 na cidade do Rio de Janeiro. É uma organização social de serviço, sem fins lucrativos e de inspiração cristã. [...] No início da década de 1980, transferiu sua sede para o Recife (PE), atuando em três estados do Nordeste [Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte], região que concentra o maior número de pobres do país. [...]

Sua ação se caracteriza pelo fortalecimento de grupos sociais e empoderamento de pessoas, um amplo processo de mobilização de comunidades para a efetivação de políticas públicas que visem à transformação da sociedade; pelo desenvolvimento de tecnologias de convivência com o Semiárido, e pelos processos metodológicos, participativos e mobilizadores.<sup>943</sup>

Com atuação decisiva na região jaguaribana nas décadas de 1970 e 1980, a Diaconia pôs em prática o projeto de construção de casas populares na localidade de Bom Jesus ou Novo Limoeiro, posteriormente chamada de Limoeiro Alto ou Cidade Alta. A mobilização social, tendo à frente lideranças protestantes, aparece nas notícias de jornais da época como um marco na história da cidade:

Construído em local dos mais pitorescos da zona suburbana de Limoeiro do Norte, o conjunto habitacional “Bom Jesus”, situado à margem da CE-46, distando apenas 4 quilômetros [do centro da cidade], tem sido um dos pontos mais visitados neste últimos anos. Ali, estão sendo edificadas mais de uma centena de moradias que abrigam, na sua maioria, famílias que perderam as suas casas e os seus pertences por ocasião das enchentes de 1974. Tudo o que se realiza em “Bom Jesus”... merece especial reconhecimento e encômios, pois pelos contatos que teve O POVO com o Dr. José Sandoval Mendonça, supervisor da Diaconia - Regional, tudo que ali se realiza tem sentido altamente filantrópico e fraternal.<sup>944</sup>

A Igreja Batista de Limoeiro se envolveu efetivamente no projeto, conforme registra livro de ata da referida instituição, em sessão de 09 de março de 1975:

Foi apresentada uma proposta para que a Igreja assumisse a direção e administração local do projeto de casas populares em Bom Jesus. Ficando bem claro que a Igreja não terá nenhum lucro financeiro, no sentido de que contará com o apoio e admiração da comunidade, pois estará prestando um grande benefício à comunidade limoeirense. A participação da Igreja constará da

<sup>943</sup> DIACONIA, Act Aliança. Site da organização: [www.diaconia.org.br](http://www.diaconia.org.br), acesso em 13 ago. 2015.

<sup>944</sup> O Povo, 03 de julho de 1975.

contabilidade e aplicação das verbas especiais recebidas da Diaconia, na construção das casas.<sup>945</sup>

A inauguração desse conjunto habitacional de cem casas populares, núcleo que acabou originando o novo bairro, teve grande impacto social em Limoeiro, já que tudo fora realizado em sistema de mutirão. O representante da Diaconia na época, Sandoval Mendonça, reconheceu que a obra só foi possível em função do “espírito de luta de todos os moradores que receberam suas quadras de terra e souberam aproveitá-las, construindo sua própria casa”:

Com a presença [de autoridades federais, estaduais e municipais]... foi inaugurado ontem [30.09.1976], em Limoeiro do Norte, o conjunto habitacional “Limoeiro Alto”, construído pela Prefeitura Municipal com recursos da Diaconia e Cáritas, entidades religiosas que executam o Programa Mutirão... [...]

Falando em nome dos habitantes do Conjunto de Limoeiro Alto, Cícero Vitoriano Cruz, talvez um dos mais idosos dos moradores, afirmou que era imensa a alegria de todos, porque a partir daquele momento passavam a morar em sua própria casa, com luz e água, e livres de outros sofrimentos que durante toda uma vida tiveram que suportar, habitando uma casa de barro. Ele enalteceu o nome do prefeito Antônio Holanda, que fez a doação do terreno, e agradeceu, bastante emocionado, à Diaconia... pelo atendimento que sempre prestou a toda aquela gente da área rural.<sup>946</sup>

A obra realocou cem famílias de baixa renda que tiveram suas moradias destruídas pela enchente de 1974, então habitações de taipa sem condições sanitárias favoráveis. Cada família ganhou o terreno e o material para construir uma casa de 52m<sup>2</sup> de área coberta, dispondo de luz elétrica e água encanada. O conjunto habitacional contava com posto de saúde, escola e lavanderia coletiva com chafariz. Desafiou-se também cerca de quarenta por cento dos moradores a aprender um novo ofício, de pedreiro, por exemplo, para inseri-los no mercado de trabalho, garantindo assim renda para a família.<sup>947</sup> A inauguração desse conjunto habitacional abalou convicções antigas e remexeu em tradições inflexíveis, como aquela que não admitia católicos e protestantes militando lado a lado.

Os casos aqui relatados exemplificam as facetas de comunicação e transformação social que uma “religião fraternal” (nesse caso, o protestantismo) consegue oferecer a uma sociedade hierárquica como a brasileira, e mesmo a latino-americana, segundo o estudo de David Martin (1993). Para esse autor, a conversão dos crentes assimila em si uma metáfora

---

<sup>945</sup> IGREJA BATISTA DE LIMOEIRO DO NORTE. **Livro de Atas de Sessões**. Limoeiro do Norte, 1975, p. 43f.

<sup>946</sup> *Tribuna do Ceará*, 01 de outubro de 1976.

<sup>947</sup> *Tribuna do Ceará*, 30 de setembro de 1976.

da transformação social almejada, mesmo que eles elejam o pacifismo como prática política de “mexer” nas engrenagens da conjuntura. De um lado, essa tese explica como esse modelo de atuação política não ameaça o *status quo*: o protestantismo, até o momento, não vem exercendo influências decisivas sobre o sistema econômico da América Latina, pois nessa religião são comumente priorizadas práticas como o ascetismo e o cooperativismo entre os membros. Por outro lado, a tese também nega a tradicional passividade imputada aos evangélicos no exercício de sua cidadania,<sup>948</sup> conforme também constatou John Burdick (1998) estudando comunidades pobres do Rio de Janeiro:

O pentecostalismo, usualmente considerado como uma “religião do *status quo*”, é na verdade mais politicamente ambíguo do que isto. Dependendo das circunstâncias, reclamar contra o mundo pode fomentar tanto a passividade quanto o ativismo. Em circunstâncias propícias, os crentes não só se envolveram em movimentos sociais, como também desenvolveram uma surpreendente visão social de confronto. Na medida em que concede espaço para a experiência do igualitarismo radical, a crença pentecostal carrega ainda um potencial a longo prazo, para se tornar uma religião de revolução... (BURDICK, 1998, p. 174).

Dixon e Pereira (1997) acreditam que o isolamento dos protestantes no sistema político propriamente dito já esteja se esfacelando no Brasil, onde já existe a chamada “bancada evangélica”, no Congresso Nacional,<sup>949</sup> pressionando a aprovação de projetos e desmantelando definitivamente uma “esperada” apatia na política. Além disso, no caso brasileiro,

a ética do isolamento e a dicotomia sagrado/secular estão sendo amenizados pelas novas denominações que estão florescendo recentemente. A luta pelo controle de meios de comunicação, acrescida de uma teologia que não fortalece uma posição periférica, mas sim de participação na sociedade com todos os seus benefícios através de uma mensagem de prosperidade financeira, os trazem para o centro da disputa pelo “poder” (DIXON e PEREIRA, 1997, p. 52).

Assim, acredito que, desde a década de 1970, em Limoeiro do Norte, a exemplo da recusa dos maçons de viver “escondidos” e marginalizados pela Igreja Católica, o isolamento político-social e a participação tangencial dos protestantes começaram a ruir, quando eles passaram a se sentir “convocados” a uma atuação efetiva naquela sociedade. Ademais, após o Concílio Vaticano II, a aproximação amistosa entre protestantes e católicos acabaria por se tornar uma experiência plausível, mesmo dentro de redutos tradicionalmente

---

<sup>948</sup> Para um estudo sobre essa desconstrução, ver: NOVAES, Regina Reys. “Os escolhidos de Deus: pentecostais, trabalhadores e cidadania”. **Cadernos do ISER**, nº 19, 1985.

<sup>949</sup> Para um histórico dessa faceta de apoderamento político por parte dos protestantes, ver: FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP. Campinas, 1993.

católicos. O ministro protestante batista José Hosterno Nery, por exemplo, chegou a ser convidado a lecionar Língua Inglesa no Colégio Diocesano de Limoeiro.<sup>950</sup> Entre fins dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, esse pastor compôs o quadro docente do Ensino Médio daquela escola fundada pela diocese, mantendo com o diretor cordiais relações, conforme ele mesmo testemunha:

Eu me lembro do pastor José Hosterno Nery. A gente se dava muito bem, não havia qualquer conflito. Mas claro que eu não permitia que ele que fosse partidário e abordasse assuntos de religião em sala de aula. Além dele, que foi professor de Inglês, houve também outro pastor, que foi professor de História. Nunca houve nenhum problema com eles.<sup>951</sup>

Como se vê, a relação entre o padre-diretor e o pastor-docente era cordial, prevalecendo a decisão de não permitir uso do tempo da aula para qualquer atividade proselitista. Agindo assim, os protestantes conseguiram plena inserção na tradicional sociedade limoeirense, contribuindo decisivamente para seu desenvolvimento. Hoje, as igrejas reformadas conquistaram lugar de destaque nessa sociedade, sendo impossível escrever trabalhos na área religiosa sem mencioná-las. A Assembleia de Deus de Limoeiro, por exemplo, tornou-se uma das maiores igrejas evangélicas do Vale do Jaguaribe, chegando a deixar alguns depoentes admirados pelo tamanho de seu templo-sede. Também a Igreja Batista de Limoeiro tem sido responsável por implantar diversas congregações em outras cidades da região.

Portanto, entre os dois grupos tão distintos, maçons e protestantes, pode-se apontar um elemento de interseção: ambos se consideravam arautos do desenvolvimento espiritual e material do homem. Os maçons, não sem razão, referiam-se a si mesmos como os “intrépidos romeiros do progresso” (ABREU, 2009):

A sociedade Maçônica universalmente reconhecida como uma sociedade beneficente, caridosa, abrasada no sagrado amor da liberdade, do progresso e da civilização, e considerada como uma muralha robusta, onde se vão quebrar as furiosas ondas do despotismo, e da escravidão...<sup>952</sup>

---

<sup>950</sup> COLÉGIO DIOCESANO PADRE ANCHIETA. Secretaria. Diários de Classe, 1981.

<sup>951</sup> PITOMBEIRA, Francisco de Assis (Reverendo, padre). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 06 de fevereiro de 2012.

<sup>952</sup> *Fraternidade*, 02 de dezembro de 1873. Fundado para difundir os princípios da maçonaria no Ceará, este jornal surgiu um mês antes desta edição. Defendendo a liberdade religiosa, o casamento civil, a educação do povo, etc., foi severamente criticado pela Igreja Católica. In: ABREU, Berenice. **Intrépidos romeiros do progresso**: maçons cearenses no Império. Fortaleza: Museu do Ceará/SECULT, 2009, p. 19.



Por sua vez, os protestantes também aportaram no Ceará como “pregoeiros da liberdade” e “arautos do desenvolvimento”, assimilando um discurso de progresso e civilização caro aos intelectuais do século XIX. Os reformados fazem, assim como os maçons, releitura de elementos do discurso iluminista, ressignificando conceitos como cultura/civilização, progresso/liberdade e educação/humanidade. Por isso, foram rapidamente aceitos em alas liberais como “amigos do progresso” (VIEIRA, 1980):

Com o pretensioso objetivo de não apenas conseguir adeptos, mas de ocupar o posto de religião hegemônica que, havia mais de quatrocentos anos, pertencia ao catolicismo, a Missão Presbiteriana fez uso de uma mensagem que valorizava a fé protestante como elemento imperativo para o desenvolvimento de uma civilização moderna e depreciava a fé católica, acusando-a de ser fonte de atraso e superstição. Em outros termos, apropriando-se da metáfora iluminista, o protestantismo aparecia como LUZ e o catolicismo como as TREVAS (SOUZA [R. A. C.], 2008, p. 9-10).

Como visto, o liberalismo que fundamentava essas ideias se chocaria frontalmente com o ideal ultramontano da antiliberal Igreja Católica, para quem a modernidade surgira não para promover o desenvolvimento humano, mas para sufocar a fé do homem numa “nova onda de paganismo”. Com o Vaticano II e suas diretrizes de abrir a Igreja ao mundo moderno, a atuação de maçons e protestantes saiu de seus “lugares reservados”, quase secretos, e pôde ganhar notoriedade, mesmo em se tratando de uma liturgia tão peculiar, a exemplo do batismo por imersão no Rio Jaguaribe, conforme mencionado páginas acima. Os maçons continuaram com suas reuniões secretas, é certo, mas agora podiam organizar festas populares, como o Natal da Criança Pobre, sem qualquer resquício de hostilidade. Esse tipo de amparo social foi recorrente em Limoeiro em fins da década de 1970, sempre organizado pela maçonaria local. Posteriormente, nas décadas de 1980 e 1990, os maçons chegariam a ser convidados para organizarem algum dia temático nas festas de padroeiros da região, segundo menção dos depoentes, numa indicação patente de que a Igreja Católica não mais os via como inimigos.

Hoje, em Limoeiro do Norte, a maçonaria atua em diversas frentes de combate à pobreza e ao abandono do sertanejo pelo poder público, que ainda persiste, sobretudo na zona rural. Nesse sentido, um membro da maçonaria local testifica:

A maçonaria promove na cidade o Dia do Ancião, o Dia da Criança, o Dia das Mães e também o Dia dos Pais, o Dia Internacional da Mulher e o Natal das

crianças carentes. Também faz campanhas para exames de sangue e próstata. Além disso, ajuda em campanhas diversas, como é o caso da doação de cinquenta lençóis para o Hospital Regional, que faremos agora. O hospital estava sem lençóis porque, acredite, os pacientes acham normal “carregar” o lençol para casa. Em decorrência disso, o Hospital Regional estava carente de lençol e nós vamos fazer uma doação.

Todos os meses, na verdade, nós recebemos pedidos da sociedade, suplicando socorro, ajuda para alguma coisa ou para alguém carente. Recentemente, fomos chamados para fazer um banheiro na casa de um deficiente, que não tinha lugar nem para fazer suas necessidades. Ao se construir o banheiro, como de fato foi feito, constatou-se também que essa pessoa não tinha o que comer. Então, foi preciso ajudar também em sua manutenção alimentar.

A maçonaria limoeirense também vai auxiliar uma entidade sediada no Sítio Espinho. Antes, essa entidade contava com a ajuda dos Estados Unidos da América, mas com a crise mundial, os americanos não estão mais podendo manter sua contribuição. Recorreram, então, à maçonaria e nós vamos ajudar a manter esse trabalho, para que ele não venha a fechar as portas. Portanto, a maçonaria tem o seu braço filantrópico. Por ser muito procurada pela sociedade, ela procura ajudar sempre, mas procura dar com a mão direita sem que a esquerda saiba o que está sendo feito; como, aliás, manda a ética cristã.<sup>953</sup>

Como se vê, a norma da maçonaria é “dar com a mão direita sem que a esquerda saiba”, ou seja, sem pedir reconhecimento. O Sr Lopes relata algumas ações da instituição para mitigar a pobreza do povo, sempre carente de todo tipo de recurso, mesmo de alimentação. Há também uma grande carência na região de creches, onde as mães pudessem deixar os filhos para ir trabalhar. Mesmo diante do significativo fenômeno de redução da taxa de fecundidade no Brasil, nos anos de 1970, sobretudo no Nordeste (FAUSTO, 2002), a acentuada inserção da mulher no mercado de trabalho passou a exigir tal necessidade. Em Limoeiro, essa carência foi parcialmente atendida em função da atuação da Igreja Batista na cidade, que fundou uma creche-escola em 1993, na localidade de Ilha, uma das mais carentes do município. O pastor que a idealizou fala sobre esse projeto:

Criamos a Creche Escola Batista Criança Feliz. Foi-nos doado o terreno pela prefeitura, em 1991. Em janeiro de 1992, começamos a construção com recurso das Igrejas Batistas do Brasil. Conseguimos uma audiência com a Sra. Patrícia Sabóia, na ocasião esposa do governador Ciro Gomes, e ela foi sensível a nossa causa e nos ajudou a concluir a construção da creche. Em janeiro de 1993 foi inaugurada e nesses vinte e um anos tem funcionado ininterruptamente com a graça de Deus. Nesse período, mil e novecentas e trinta e seis crianças foram atendidas, algumas delas hoje fazendo faculdade, inclusive dois dos meus filhos que ali estudaram quando crianças. [...]

Temos recebido, nesses vinte e um anos de funcionamento, ajuda da Prefeitura. No passado, quase nada. Durante a gestão de alguns prefeitos, éramos vistos como pedra no sapato, um incômodo. Hoje, já há um reconhecimento do trabalho ali

---

<sup>953</sup> LOPES, Abel Ferreira. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE em 18 de março de 2011.

realizado e há muito mais ajuda, tanto da Prefeitura como de algumas instituições e pessoas. A Igreja sempre assume o que falta.<sup>954</sup>

Visitando-se essa creche, verifica-se que o trabalho atende ao menos a demanda da comunidade onde foi implantada, composta em sua maioria de famílias pobres e carentes de amparo do poder público, que tem negado sua presença no local argumentando que os moradores ocuparam uma área de risco, sujeita à inundação do Rio Jaguaribe. Os protestantes não aceitaram essa justificativa e passaram a desenvolver um trabalho de conscientização e cidadania entre a população, com vistas a transformar a realidade e permitir que pessoas marginalizadas conseguissem ao menos tocar tangencialmente o sistema social de direitos do Estado, ainda longe de ser democrático. Mesmo acusados de práticas clientelistas, os evangélicos não desistiram e há alguns anos a comunidade da Ilha usufrui direitos básicos, antes inconcebíveis. Assim, grupos que se viam, eles mesmos, marginalizados até meados da década de 1960, em poucos anos conseguiram mudar a realidade de comunidades carentes. Esse fato, ao contrário de ser isolado, constitui uma prática recorrente entre as novas igrejas protestantes; tendo-se generalizado, nas últimas décadas, em toda a América Latina. Entender como essa engrenagem funciona anda inquietando alguns cientistas sociais.

Para Paul Freston (2011), os novos ramos do protestantismo na América Latina, a exemplo das igrejas gestadas no pentecostalismo, “operam na periferia da economia capitalista e não podem ter o mesmo efeito macroeconômico dos portadores originais da ética protestante weberiana” (p. 122).<sup>955</sup> Exatamente por não disporem do mesmo suporte teológico sobre predestinação e vocação, os novos protestantes são “energizados” por aspectos práticos de sua fé, tais como autoconfiança, sobriedade e diligência, e por habilidades assimiladas na igreja ou mesmo formalmente, mas sempre depois da conversão. Tudo isso funcionaria como uma catapulta para a transformação da realidade econômica do indivíduo e da família. David Martin

---

<sup>954</sup> ALMEIDA, Jadiel Brandão de [Reverendo, pastor]. Correspondência respondida, entregue em mãos em Limoeiro do Norte-CE em 11 de junho de 2014.

<sup>955</sup> Diz o autor: “Weber, obviamente, escreveu sobre uma conjuntura histórica específica – a Europa setentrional no início da era moderna – e sobre um grupo específico de protestantes. A frase ‘ética protestante’ não é o melhor nome para o fenômeno que descreve, porque Weber se refere a apenas uma corrente do protestantismo, principalmente a puritana. Ele também escreve sobre um grupo de protestantes que tem uma inserção social específica, ou seja, na burguesia ascendente da época” (FRESTON, 2011, p. 121).

(2002) também concorda que os protestantes nascidos dentro do pentecostalismo não disponham do mesmo conceito weberiano de vocação que orientou os puritanos, mas admite que eles estejam imbuídos de uma força psíquica que os impulsiona em direção à independência financeira e à iniciativa individual dentro do sistema. Em conjunto, numa comunidade carente, por exemplo, essa força pode desencadear a transformação social do grupo.

Esse caso dos protestantes de Limoeiro se assemelha muito à história de grupos do Rio de Janeiro, estudados pelo antropólogo John Burdick (1998).<sup>956</sup> Ao analisar a participação de pentecostais nas décadas de 1970 e 1980, por exemplo, em associações de bairro e em sindicatos de operários, Burdick contesta a fama de apatia, alienação e desinteresse pelas “coisas materiais” geralmente imputados aos evangélicos. Por se sentirem marginalizados pelos demais moradores, e também por reafirmarem a conduta de “serem diferentes do mundo”, os pentecostais das comunidades da Baixada Fluminense não incitavam a violência, mas também não fugiam à luta; não se envolviam em política aguerrida, mas também não se conformavam com a opressão sistêmica a qual estavam submetidos.<sup>957</sup> Da mesma forma, agiram os protestantes de Limoeiro do Norte.



Portanto, a atuação de maçons e evangélicos em Limoeiro e na região aloca-se no processo de consolidação da secularização no Vale do Jaguaribe, constituindo também a realização de uma *práxis* fundamentada numa ação

---

<sup>956</sup> Nascido nos Estados Unidos da América, em 1959, John Burdick escolheu comunidades pobres da Baixada Fluminense para realizar estudos de caso sobre religião, movimentos sociais e política, tendo residido no Rio de Janeiro em 1987-88 e em 1996.

<sup>957</sup> Sobre isso, diz o autor: “a argumentação de que os pentecostais são indiferentes ao mundo material está simplesmente fora da realidade. [...] Os crentes expressam sua visão de mundo apontando para o seu compromisso de viver “corretamente” e “decentemente” aqui e agora... Os crentes, algumas pessoas começaram a dizer, conseguem resultados para todo o bairro, não somente para uma parte dele. [...] O ponto decisivo é que conquanto os pentecostais aceitem a pobreza, eles não admitem a miséria. [...] Se Deus não aprova a miséria, tampouco Ele olha favoravelmente para o estilo de vida dos patrões ricos. [...] Ao mesmo tempo, a classe trabalhadora pentecostal entende que somente a pressão organizada induzirá os empregadores a aumentar os salários para acompanhar a inflação” (BURDICK, 1998, p. 164-66).

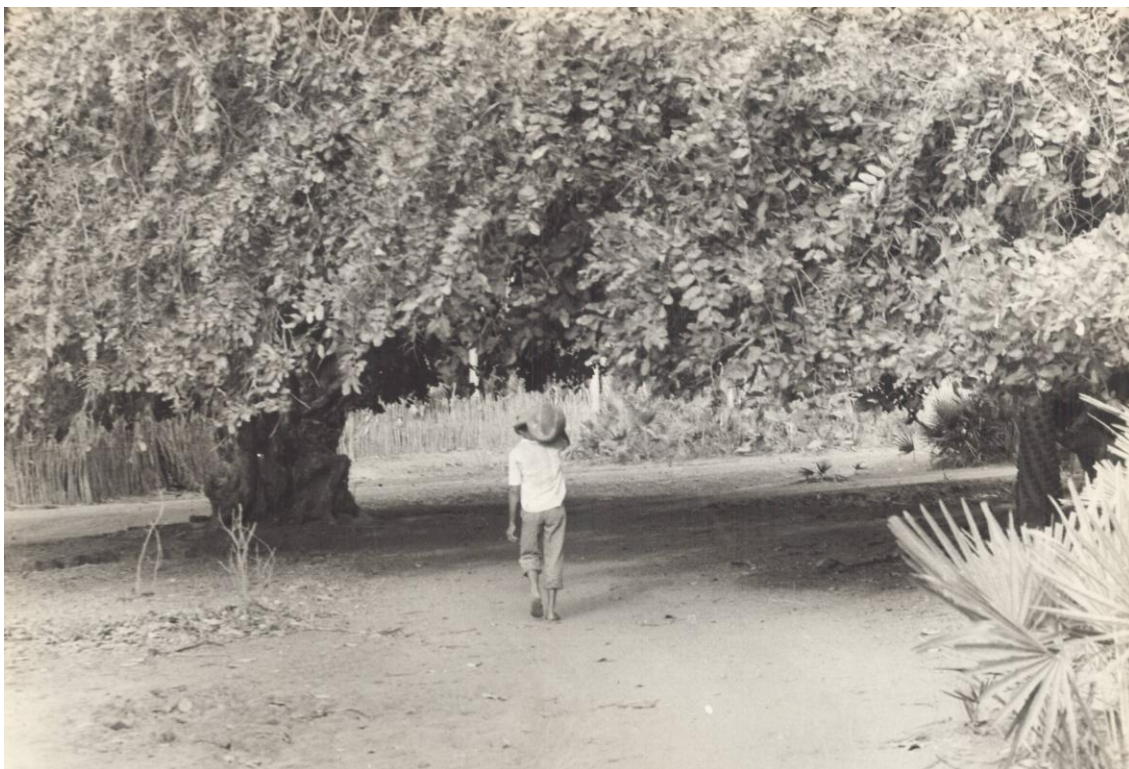
social que pretende estender progresso, “civilização” e educação a lugares e pessoas marginalizadas pelo poder público. Elemento imprescindível do painel de fenômenos sociais que consolidaram a modernização na região jaguaribana, especialmente na sede do bispado, Limoeiro do Norte, o duelo entre religião e secularização ganha contornos decisivos na década de 1970. Para todos os efeitos, a secularização triunfa no corpo, mas a religião continua exercendo decisivo poder sobre a alma. Tal como o vento acariciando o corpo de Ícaro em seu voo de libertação do labirinto, a modernização foi assim percebida pela elite limoeirense, cujo sonho era elevar a cidade à posição de modelo para toda a região. Mesmo diante da sensação de liberdade promovida pelo voo, o aparato técnico que mantinha Ícaro no ar (as asas de cera) não suportou o calor do sol, isto é, a antiga tradição católica “derreteu” diante das “conquistas modernas”.

Nesse sentido, não foi por acaso que o bispo dom Pompeu enfrentou dificuldades em sua gestão, equilibrando-se na corda bamba da crise financeira que o obrigou a se desfazer de antigas estruturas do bispado e do projeto de manter as ovelhas no aprisco da religião, propondo para isso um novo modelo de evangelização que convocava o leigo a assumir sua posição de protagonista do “Reino de Deus na terra”. A partir de então, a tradição católica ganharia um oponente à altura: a televisão. Assumindo o projeto do Estado autoritário e utilizando-o como fonte de lucro, os canais de TV promoveram uma hegemonia cultural no país que também alcançaria o sertão. Agora a sociedade dispunha de um espelho bem definido, de uma telinha onde o “jogo da imitação” de ser moderno podia ser exercido quase de modo automático. Esse fenômeno desencadearia uma contundente crítica em torno da secularização. Alguns depoentes meus, por exemplo, acusam a substituição das tradições regionais por costumes ditados pela televisão, reproduzindo predominantemente aspectos culturais do Sudeste/Sul do país.

Outros elementos exógenos, desejados pela elite, e também implantados de fora para dentro, são apontados como desencadeadores de profundas transformações sociais, tais como a Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos e o Campus Avançado da UEL em Limoeiro, um dos braços do Projeto Rondon, “maquinação” do regime militar para também impor a

“integração do país” em regiões historicamente abandonadas pelo poder público. A vinda de professores de Fortaleza, imbuídos de boa vontade para, dentro do possível, “abrir a cabeça” dos universitários, e o convívio da população limoeirense com estudantes paranaenses, num enriquecedor diálogo de culturas, acabaria por abalar velhas tradições e propor novas mentalidades. Juntamente com essas novas maneiras de pensar, a influência que maçons e protestantes exerceram na cidade, enterrando antigos ranços semeados pela intolerância do clero romano, tornou possível a convivência amistosa entre reformados, maçons e católicos, abalando a hegemonia da Igreja Católica como instituição exclusivista e excludora. Com a vitória do secularismo, aquela instituição não constituía mais o único polo de atração religiosa e social disponível ou imposto. Não existia mais o “tabernáculo da fé” construído pelo primeiro bispo. A cidade-convento se transformara em “Princesinha do Vale”. Ataviada diante do noivo, do viver secularizado da cidade modernizada, Limoeiro não era mais a moça devota dom Aureliano forjou. Na verdade, os temores do bispo se confirmaram e as cortinas que cerravam a região se dissiparam, deixando à mostra cidades ávidas em conhecer o mundo. Limoeiro tomaria a frente desse processo, tornando-se por isso uma liderança entre os municípios jaguaribanos.

Sertanejo voltando para casa, sombra de oiticicas no calor do sertão



Fonte: Acervo do fotógrafo Devanir Parra Torrecillas, setembro de 1980

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha de Limoeiro como sede do bispado jaguaribano, em 1938, se deu em função da seguinte confluência: a elite da cidade planejou aquela elevação como oportunidade de superar o histórico de isolamento, abandono e analfabetismo e, ao mesmo tempo, a Igreja concebeu a prelazia no Jaguaribe como forma de combater o protestantismo que se expandia no Ceará. A classe dirigente de Limoeiro cultivava, desde meados da década de 1930, inquietações no sentido de modernizar a urbe ainda subdesenvolvida. Quando chegou à cidade da qual se tornaria “dono”, o bispo dom Aureliano tratou de processar aquela confluência de projetos em uma versão peculiar: construir um tabernáculo da fé no Vale, tornando Limoeiro uma cidade-modelo de vivência do catolicismo ultramontano, o que chamei no texto de “cidade-convento”. Isso exigiu a criação do Colégio Diocesano Padre Anchieta, do Patronato Santo Antônio dos Pobres e do Seminário Cura D’Ars, todos com seus internatos lembrando clausuras. Também criou a Maternidade São Raimundo, para salvar mães e bebês, pensando no futuro dos meninos pobres, dentre os quais muitos podiam abraçar no futuro a carreira eclesiástica. Assim, gestando uma Limoeiro livre de influências do secularismo e combatendo inimigos como os protestantes, o bispo mantinha intacta a hegemonia da Igreja e preservava o “domínio sobre as almas”.

Para sustentar o “tabernáculo jaguaribano”, o projeto do prelado exigia quatro estruturas interligadas ou colunas que fortaleciam umas às outras: Educação, Saúde, Trabalho e Religião. O objetivo era gestar uma sociedade gravitando em torno da Igreja Católica. Para tramar o tecido das cortinas do tabernáculo, o bispo se utilizou de dois fios: idealização do campo e tradição da região. Acreditando que o sertanejo preservava uma “inocência” já perdida nas capitais e cidades grandes e que cultivava a tradição de “bons costumes”, dom Aureliano pensava blindar a zona jaguaribana contra o neopaganismo. Nessa luta contra o secularismo, três elementos ganharam atenção especial: a mulher (a “rainha enclausurada”), o homem (o “ébrio errante”) e o entretenimento circense (a “festa dos sentidos”). Assim, a década de 1940 se constituiria, por excelência, no tempo de “levantar muros”, e a década de 1950, no tempo de



“enclausurar vidas”. Para manter viva a chama do domínio religioso sobre as almas de seu rebanho, o bispo realizaria uma série de “eventos grandiosos” atraindo a Imagem de Fátima para peregrinar no Vale (1953) e concebendo o Congresso Eucarístico na sede do bispado (1954).

Para realizar o feito de transformar a antiga vila do Limoeiro em uma “cidade-convento”, mantendo assim o Vale do Jaguaribe fechado dentro do conservadorismo católico, dom Aureliano se apoderou do “cajado de ferro”, brandindo-o em “mãos enluvadas”, bem como da carência e docilidade da fé do povo. No momento em que oferecia uma cidade modernizada com uma mão, com a outra exigia que o rebanho não se desgarrasse do aprisco (a Igreja), preservando a hegemonia do catolicismo ultramontano, só superada após o Concílio do Vaticano II. A ação pastoral holística do bispo, que exigia dele, segundo sua peculiar cosmovisão, o transitar entre políticos com desenvoltura, acabaria por criar um imaginário mitológico. Surgia assim, entre o povo, o epíteto de “melhor prefeito da história”, não obstante o bispo nunca ter militado na política partidária. O articulador político acabaria por eclipsar a figura do prefeito do município, o que parece não ter incomodado os gestores, quase sempre lerdos no cuidado com a cidade. Além desse, dom Aureliano ficaria conhecido por outros títulos como “bondoso pastor de almas”, “educador do povo” e “fiel guardião da cidade”, atributos que ele mesmo fomentaria com sua pastoral.

Dom Aureliano conseguiria manter seu tabernáculo da fé mais ou menos intacto até fins da década de 1960, quando passam a vigorar as proposições do Vaticano II. Nos últimos anos de seu bispado e, sobretudo após seu falecimento, a sede da prelazia sofreria acentuada transformação em sua imagem, quando então o modelo de cidade-convento cede lugar à “Princesa do Jaguaribe”. Era o tempo das intervenções na urbe, na educação e na cultura. O tabernáculo jaguaribano desapareceria ante o confronto entre o religioso e o secularizado, entre o tradicional e o moderno, ao mesmo tempo em que Limoeiro dissipava sua imagem de cidade enclausurada. O Vaticano II também gestaria outra forma de ser e fazer a Igreja: nova liturgia, novo modelo de sacerdote e nova alteridade ao protestante. Tais mudanças exigiriam certo tempo de sedimentação, num movimento de assimilação e resistência que

marcaria o período. O peso do cajado ultramontano cede lugar à leveza da pastoral integrada dos clérigos conciliares. A força da hierarquia abre caminho à atuação do leigo, não mais visto como “alma dominada”. O conjunto dessas transformações inauguraria um novo tempo no Vale, agora não mais cerrado entre cortinas, mas aberto às influências do mundo.

Assim, mesmo a religião continuando a exercer algum poder sobre as almas, a década de 1970 poderia ser caracterizada como o triunfo da secularização sobre os corpos. A consolidação da modernização na região, sobretudo em Limoeiro do Norte, seria marcada por quatro elementos-chave. A gestão de dom Pompeu atravessaria uma corda bamba entre uma crise financeira que “demoliu” a estrutura criada por dom Aureliano e um projeto pastoral de integração que chamou o leigo à posição de protagonista. A televisão assumiria o projeto de integração nacional do regime autoritário, alcançando o sertão com seu “jogo da imitação”. A Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, trazendo professores de fora, e o Campus Avançado da UEL em Limoeiro (Projeto Rondon), promovendo o convívio da população jaguaribana com estudantes paranaenses, num rico diálogo de culturas, acabaria por abalar velhas tradições e impor novas mentalidades. A influência de maçons e protestantes na cidade enterraria velhos ranços de intolerância do clero, demolindo de vez a hegemonia da Igreja Católica.

Defendo, então, que o marco de consolidação da modernização no Vale do Jaguaribe foi a extinção do tabernáculo da fé. A cidade-convento desaparece e nasce a “Princesinha do Vale”. Limoeiro não era mais a sede da prelazia que dom Aureliano forjara. O tradicionalismo cedera lugar ao secularismo. As cortinas que cerravam a região se dissiparam, expondo cidades desejosas de conhecer o mundo. Do “tempo de dom Aureliano”, restaria apenas a mitologia criada em torno de sua figura, ainda hoje alimentada por biógrafos, representados por quatro nomes principais: Luis Gonzaga Xavier (1989), Pompeu Bessa (1998), Antônio Malveira (1998) e Avani Maia (2010). Esses memorialistas costumam se referir à gestão do primeiro prelado jaguaribano como o tempo de “melhores bênçãos de Deus” sobre Limoeiro (XAVIER, 1989, p. 16) ou como a própria redenção do município (MALVEIRA, 1998), antes relegado ao esquecimento pelas

autoridades e políticos, e finalmente tratado com cuidado pelo “pastor, educador e operário” do povo (MAIA [A. F.], 2010). Para tais autores, dom Aureliano aparece como um bispo empreendedor, um homem de Deus com visão de futuro, um príncipe da Igreja preocupado com o desenvolvimento da região.

Os melhores predicativos são atribuídos ao bispo, pois teria sido ele que “arrancou Limoeiro do Norte de uma simples cidade situada à margem do rio Jaguaribe e colocou-a em posição invejável diante de suas irmãs do vale” (MALVEIRA, 1998, p. 11, grifos meus). Foi ele também que dotou a cidade de “realizações de tão grande porte que ainda hoje empolgam e provocam admiração” (XAVIER, 1989, p. 16-7). Até o seu lema episcopal, *Dedit fragilibus corporis ferculum* (“Deu aos frágeis de corpo o alimento”), prenunciaria o notável episcopado de dom Aureliano (BESSA, 1998), e sua predisposição para com o pobre. Mesmo quem reconhece traços autoritários em dom Aureliano, não deixa de se derramar em exaltações pelo privilégio que foi para Limoeiro ter como primeiro pastor um “grande administrador [e] sagaz economista”, que empolgava “a população do município”, a qual atendia “pressurosa a todos os [seus] apelos”, já que, nessa visão, o prelado não era somente o “apóstolo religioso” como também um “líder civil” para o povo (LIMA [L. O.], 1998, p. 368). Em suma, o bispo “conquistava a todos não só pela serenidade com que se apresentava, como pela lógica da argumentação... [e pela] habilidade na condução dos conflitos” (MAIA [A. F.], 2010, p. 12).

As realizações e os atributos do bispo condicionaram, sobretudo após seu falecimento, a constituição de uma mitologia firme e organizada em torno de sua figura. A publicação de livros por memorialistas certamente contribuiu, mas as falas dos depoentes são taxativas e explicitam que esse mito se gestou entre o povo, não somente ou não necessariamente orquestrado pela cultura letrada. O retrato idealizado, humanamente distante do homem real que foi o bispo Matos, coaduna-se com o mito fundador da cidade moderna. A condição de uma cidade subdesenvolvida, inexpressiva, quase uma vila perdida nas brenhas do sertão, deixará de existir depois daquele homem, o verdadeiro criador, “autor” ou “dono” do lugar em sua acepção nova, moderna. Entre os clérigos, fala-se de dom Aureliano como um “bom pastor”, “um homem de

Deus... de muita iniciativa e atuação pastoral”,<sup>958</sup> ou mesmo como “um homem que guardava em si a sabedoria que aprendeu no seminário e cujo ministério produziu tão bons frutos na cidade, sede episcopal que ele governou”.<sup>959</sup> Não obstante, o prelado despertava temor em muita gente. “Todos tinham medo dele porque diziam ser ele um sujeito muito severo. Entretanto, quando era estudante, lembro-me que ele reunia os seminaristas e conversava com eles naturalmente”.<sup>960</sup> Esse temor teria sido cultivado mais entre leigos – caso de uma professora: “Como ele era muito sisudo, eu não me aproximava porque tinha receio que ele me repreendesse de alguma forma”<sup>961</sup> –, mas, mesmo entre clérigos, o bispo mantinha certo ar de superioridade, já que na época os bispos eram considerados príncipes da Igreja.

O mito criado em torno de dom Aureliano alimentou e ainda alimenta a ilusão de que aquilo que se poderia chamar de “conquistas sociais”, especialmente na sede diocesana, processaram-se de modo rápido e fácil, quase “mágico”, em função do prestígio do prelado. É o que se depreende, por exemplo, do laudativo livro de Malveira (1998). Biógrafos e mesmo depoentes que compartilham dessa visão ignoram que esse prestígio não surgiu como um dado histórico pronto, como se fora um dom nascido com o clérigo, mas sim uma ferramenta construída historicamente, sobretudo em função de uma capacidade de transitar entre políticos sem se comprometer com partidos e ideologias. Se algo era nato ao bispo, pelo que se depreende dos depoimentos, era a facilidade de pedir ajuda para a realização dos projetos. Assim, toda a documentação escrita, de modo geral, permite concluir que nada foi fácil, mesmo que alguns depoentes ressaltem o lado “mágico” do bispo, o fundador da Limoeiro moderna e para quem a cidade acalenta uma gratidão que beira os contornos da mitificação.

Portanto, esta tese tentou elucidar o homem por trás do mito, mesmo que em certos momentos deixe transparecer que o bispo dom Aureliano Matos foi um homem extraordinário. De fato, pode-se considerá-lo extraordinário no

---

<sup>958</sup> CRUZ, Dom Manuel Edmilson da (bispo). In: FREIRE, 2010, p. 151.

<sup>959</sup> SANTIAGO, Dom José Mauro Ramalho de Alarcon e (bispo). Entrevista concedida em Fortaleza (CE), em 02 de fevereiro de 2011.

<sup>960</sup> OLIVEIRA, Manfredo Araújo de (padre). Entrevista concedida em Fortaleza (CE), em 04 de dezembro de 2010.

<sup>961</sup> CHAVES, Maria Maurício. Entrevista concedida em Tabuleiro do Norte (CE), em 08 de dezembro de 2010.

seguinte sentido: aquele que subverte o ordinário, aquele que regimenta a instauração de uma nova ordem social e acaba gestando, aos olhos de muitos, uma nova cidade. Evidentemente, quase todo esse perfil mitificado foge das intenções históricas do homem que “reinou” quase trinta anos sobre o Vale. Na verdade, dom Aureliano sonhou para Limoeiro não uma cidade flertando com o mundo, mas, ao contrário, um município imune à modernidade. Mesmo assim, defendeu a modernização da zona jaguaribana, em função de que suas cidades estavam, todas, defasadas décadas em seu desenvolvimento socioeconômico, comparadas, à época, às cidades do Centro-sul do país. O próprio Estado não via sentido em investir no semiárido, o que explica muito de seu histórico de abandono, isolamento e atrofia. Diante dessa recusa, a Igreja Católica se sente impulsionada a cobrir a região, tentando preservar seu rebanho de influências contra-hegemônicas, a exemplo da inserção do protestantismo no sertão.

Assim, a intenção de dom Aureliano foi sempre manter as “cortinhas que cerram o Vale” em seu devido lugar, preservando o “tabernáculo da fé” e moldando Limoeiro como a “cidade-convento”, na qual os demais municípios jaguaribanos deveriam se espelhar. Ao assumir o projeto de sediar o bispado do Jaguaribe, a elite limoeirense sabia que pagaria o preço do pacto feito com a Igreja, caminhando ao seu lado, financiando os planos do bispo e assumindo o modelo ultramontano de vivência religiosa. Aos poucos, tentando convencer o prelado de que “certas conquistas modernas”, a exemplo do “clube para moças dançarem”, eram necessárias à consolidação de um novo modelo de cidade (efetivado no decênio de 1970), aquele grupo iria acabar impondo seu projeto, gestado na verdade ainda na década de 1930. Falecido o bispo, findo o reinado do “cajado de ferro em mãos macias”, a classe dirigente se sentiria livre para assumir de vez sua intenção de “abrir Limoeiro para o mundo”, já que todos, povo e elite, estavam ávidos por conhecer esse mundo.

Enfim, a inserção na modernidade, efetivamente ocorrida de maneira tardia, lenta e moderada, diferente da tempestade imprevisível e inopinada que aconteceu em outras regiões do Brasil, era o objetivo primaz daquele grupo que batalhou para elevar Limoeiro à sede de sólio episcopal. Esse impulso que o primeiro bispo jaguaribano apenas conseguiu retardar, mas não extinguir,

explica todo o processo histórico de perdas e ganhos, de recuos e avanços, de resistências e assimilações que acabariam por moldar a Limoeiro do Norte de hoje e, atrelada a ela, todo o Vale que um dia sustentou as cortinas do tabernáculo da fé, projetado por dom Aureliano. Superando seu histórico de secas e enchentes, de pobreza e descaso do Estado, o Vale do Jaguaribe transpõe os umbrais do terceiro milênio tendo que superar novos problemas, desencadeados pela mesma modernidade sonhada pela elite limoeirense. Assim, a industrialização, a redução dos agrotóxicos e a gestão pública das águas se impõem como questões que precisam ser discutidas urgentemente pela sociedade. Caso contrário, a desejada modernidade se transmutará numa sombra que ameaça a permanência do povo jaguaribano em sua terra, ou quem sabe, a própria sobrevivência desse povo.

Rio Jaguaribe em tempos de estiagem, o maior rico seco do mundo



Fonte: Acervo do fotógrafo Devanir Parra Torrecillas, setembro de 1980

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES

### I – MATERIAL IMPRESSO

#### 1) BIBLIOGRAFIA GERAL E ACADÊMICA

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1962.

ABREU, Berenice. **Intrépidos romeiros do progresso**: maçons cearenses no Império. Fortaleza: Museu do Ceará/SECULT, 2009 (Coleção Outras Histórias, 55).

AGUIAR, Ronaldo Conde. **Almanaque da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

ALBUQUERQUE JR., Durval M. de. “Violar memórias e gestar a história”. **Clio**, n.º 15, p. 39-52, 1994 (Série História do Nordeste).

ALENCAR, Mauro. **A Hollywood Brasileira**: panorama da telenovela no Brasil. Rio de Janeiro: Senac, 2002.

ALMEIDA, Abraão de. **O Tabernáculo e a Igreja**. 8. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

ANATALINO, João. **Mestres do Universo**: a maçonaria dos graus superiores. Mogi das Cruzes: Edição do Autor/Biblioteca 24 Horas, 2010.

ANDRADE, Maria Lucélia de. **“Filhas de Eva como anjos sobre a terra”**: a Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro-CE (1915-1945). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará-UFC. Fortaleza, 2008 (232 p.).

ANTONIAZZI, Alberto e Outros. **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

ARAGÃO, Raimundo Batista. **Maçonaria no Ceará**: raízes e evolução. Fortaleza: IOCE, 1987.

ARAÚJO, Pedro de Alcântara. **Capital e Santuário**: miragens russano-nordestinas. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1986.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998 (Coleção Debates).



- ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil: Nunca Mais**: um relato para a história. 2. ed. Prefácio de D. Paulo Evaristo, Cardeal Arns. Petrópolis-RJ: Vozes, 1985.
- ARY, Zaíra. **Masculino e feminino no imaginário católico**: da Ação Católica à Teologia da Libertação. São Paulo: Annablume; Fortaleza: SECULT, 2000.
- ATHAYDE, Maria Cristina de Oliveira. “Feminismos latino-americanos, entre ditaduras e exílios”. In: REIS, Daniel Aarão e ROLLAND, Denis (org). **Modernidades alternativas**. Rio de Janeiro: FGV, 2008, p. 123-38.
- AVANZI, Roger e TAMAOKI, Verônica. **Circo Nerino**. São Paulo: Pindorama Circus; Códex, 2004.
- AZEVEDO, Sânzio de. **Literatura cearense**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1975.
- \_\_\_\_\_. **O modernismo na poesia cearense**: primeiros tempos. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2012.
- BAÇAN, Lourivaldo Perez. **O livro secreto da maçonaria**. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.
- BAHIANA, Ana Maria. **Almanaque anos 70**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- BALANDIER, Georges. **O contorno**: poder e modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- \_\_\_\_\_. **O Dédalo**: para finalizar o século XX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BALDESSIN, Anísio (Padre). **Como fazer Pastoral da Saúde?** 2. ed. São Paulo: Loyola e Província Camiliana Brasileira, 2002.
- BARATA, Alexandre Mansur. **Maçonaria, sociabilidade ilustrada e independência do Brasil (1790-1822)**. Juiz de Fora: Edições UFJF; São Paulo: Annablume e FAPESP, 2006.
- BARBOSA, Marialva Carlos. “Imaginação televisual e os primórdios da TV no Brasil”. In: RIBEIRO, Ana Paula G. e outros (org.). **História da televisão no Brasil**: do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010, p. 15-35.
- BASTOS, Aguinaldo de e Outros. **Ontologia da violência**: o enigma da crueldade. Rio de Janeiro: Mauad X, 2014.

- BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005.
- \_\_\_\_\_. **O Concílio Vaticano II e a modernidade**. Mimeo: 2014.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era da sua reprodutividade técnica**. Original de 1955. Tradução da UFRS. Disponível em [http://www.ufrgs.br/obec/assets/acervo/arquivo/benjamin\\_reprodutibilidade\\_e\\_tecnica.pdf](http://www.ufrgs.br/obec/assets/acervo/arquivo/benjamin_reprodutibilidade_e_tecnica.pdf), acesso em 17 nov. 2015.
- BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. Trad. José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulinas, 1985 (Sociologia e Religião, 2).
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BETTO, Frei. **O que é comunidade eclesial de base**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985 (Primeiros Passos).
- BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Internacional. 12. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional/Geográfica Editora, 2000.
- BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.
- BOUCHER, François. **História do vestuário no Ocidente: das origens aos nossos dias**. Trad. André Telles. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 3. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2000.
- BRAATEN, Carl E. e JENSON, Robert W. **Dogmática cristã**. Vol. 2. 2. ed. São Leopoldo-RS: Sinodal, 1987.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. “Crença e identidade, campo religioso e mudança cultural”. In: SANCHIS, Pierre (org.). **Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultural**. Rio de Janeiro: Loyola, 1992, p. 7-74.
- BRANDÃO, Cristina. “As primeiras produções teleficcionais”. In: RIBEIRO, Ana Paula G. e outros (org.). **História da televisão no Brasil: do início aos dias de hoje**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 37-55.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Melhores crônicas**. Seleção e prefácio Cecília Almeida Salles. São Paulo: Graal, 2004 (Coleção Melhores Crônicas).

- BRAUNE, Bia e RIXA. **Almanaque da TV**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
- BRITO, Silvia Helena A. de. "A educação no projeto nacionalista do primeiro governo Vargas (1930-1945)". Disponível em: [www.proferlao.pbworks.com](http://www.proferlao.pbworks.com), acesso em 25 jun. 2015.
- BURDICK, John. **Procurando Deus no Brasil**: a Igreja Católica progressista no Brasil na arena das religiões urbanas brasileiras. Trad. Renato Luiz Dodsworth Machado. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Biblioteca Folha, 2003.
- CAMACHO, Ildefonso. **Doutrina social da Igreja**: abordagem histórica. São Paulo: Loyola, 1995.
- CAMPBELL, Colin. **Towards a sociology of irreligion**. London: Macmillan, 1971.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2008 (Ensaio Latino-Americanos, 01).
- CARVALHO, Jäder de. **Antologia de João Brígido**. Fortaleza: Terra de Sol, 1969.
- CARVALHO, José Murilo de. **Forças armadas e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. "Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual". **Dados - Revista de Ciências Sociais**, vol. 40, n.º 2, p. 229-250, 1997.
- CASTRO, Therezinha de. **História documental do Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 1968[?].
- CAVALCANTE, Maria Lucineide. **As Boas Novas em Morada Nova**: protestantismo no interior do Ceará (1955-1972). Monografia (Especialização) – Universidade Estadual do Ceará-UECE. Limoeiro do Norte, 2004 (109 p.).
- CAVALCANTE, Maurina Holanda. **Saber para viver**: Igreja, rádio e educação popular. Uma história do MEB Limoeiro do Norte, CE (1962-1972). Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília-UnB. Brasília, 1996 (171 p.).
- CHAVES, Kelson Gérison Oliveira. **Os trabalhos de amor e outras mandingas**: a experiência mágico-religiosa em terreiros de umbanda. Fortaleza: Premium, 2011.

- COELHO, Cláudio N. P. “A contracultura: o outro lado da modernização autoritária”. In RISERIO, Antonio e outros. **Anos 70: trajetórias**. São Paulo Iluminuras; Itaú Cultural, 2005, p. 39-44.
- COMTE, Fernand. **Os heróis míticos e o homem de hoje**. São Paulo: Loyola, 1994.
- CONFERENCIA DEL EPISCOPADO LATINOAMERICANO Y DEL CARIBE. **Documento de Puebla**: La evangelización em el presente y el futuro de América Latina. Puebla de Los Ángeles, 1979. Parei aqui
- COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** E outras interinvenções. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- COZZENS, Donald. **A fé que ousa falar**. São Paulo: Loyola, 2006.
- CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade reformada**: o golpe militar e a modernização do ensino superior. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DIEHL, Astor Antônio. “História em transe: Clio e seus artífices”. In: CURY, Cláudia Engler; FLORES, Elio Chaves; CORDEIRO JR., Raimundo Barroso. **Cultura histórica e historiografia**: legados e contribuições do século 20. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2010, p. 13-36.
- DIXON, David e PEREIRA, Sérgio. “O novo protestantismo latino-americano: considerando o que já sabemos e testando o que estamos aprendendo”. **Religião & Sociedade**, vol. 18, nº 1, p. 49-69, 1997.
- DOBBLAERE, Karel. **Secularización**: un concepto multi-dimensional. Tradução de Eduardo Sota. Santa Fé/México: Universidad Iberoamericana/Dirección de Investigación y Posgrado, 1994 (Materiales de cultura y religión).
- DOMINGOS NETO, Manuel. **O que os netos dos vaqueiros me contaram**: o domínio oligárquico no Vale do Parnaíba. São Paulo: Annablume, 2010.
- DOTRO, Ricardo P. e HELDER, Gerardo G. **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Loyola, 2006.
- DOURADO, Henrique Autran. **Dicionário de termos e expressões da música**. São Paulo: Editora 34, 2004.

- DUBY, Georges. **Ano 1000, ano 2000**: na pista de nossos medos. Trad. Eugênio Michel da Silva e Maria Lucena Borges-Osório. São Paulo: Editora UNESP e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.
- ELIADE, Mircea. "Observaciones metodológicas sobre el estudio del simbolismo religioso". In: ELIADE, Mircea e KITAGAWA, Joseph M. (org.). **Metodologia de la história de las religiones**. Barcelona; Buenos Aires; México: Ediciones Paidós, 1986.
- ELKINS, David N. **Além da religião**. 11. ed. São Paulo: Pensamento, 2005.
- FARIA, Sheila de Castro. **A colônia em movimento**: fortuna e família no cotidiano colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 10. ed. São Paulo: Edusp, 2002 (Didática, 1).
- \_\_\_\_\_. **História concisa do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2006.
- FERNANDES, Ferreira e FERREIRA, João. **Frases que fizeram a História de Portugal**. Lisboa: Esfera dos Livros, 2006.
- FERNANDES, Leônidas Cavalcante. **Retalhos da História**. Fortaleza: ABC Editora, 2009.
- FERRÉ, Jean. **A história da franco-maçonaria (1248-1782)**. São Paulo: Madras, 2003.
- FERREIRA, Mauro. **Nossa Senhora das Oito**: Janete Clair e a evolução da telenovela no Brasil. Pesq. e report. Cleudon Coelho. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.
- FERREIRA NETO, Cicinato. **Estudos de história jaguaribana**: documentos, notas e ensaios diversos para história do Baixo e Médio Jaguaribe. Fortaleza: Premium, 2003.
- \_\_\_\_\_. **A tragédia dos mil dias**. Fortaleza: Premium, 2006.
- \_\_\_\_\_. **1915**: a história dos sertanejos cearenses no ano da seca. Fortaleza: Premium, 2015.
- FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janaína (org.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- FONSECA, Alexandre B. **Relações e privilégios**: estado, secularização e diversidade religiosa no Brasil. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2011.

- FOUCAULT, Michel. "O que é um autor?". In: \_\_\_\_\_. **Ditos & Escritos III**. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 264-298.
- FRANÇA, Maria Florinda de. **Resenha histórica da educação em Limoeiro do Norte** (1880-1973). Monografia (Graduação) – Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos. Limoeiro do Norte, 1974 (32 p.).
- FREITAS, Nainôra Maria B. de. **A criação da diocese de Ribeirão Preto e o governo do primeiro bispo**: D. Alberto José Gonçalves. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista-UNESP. Franca, 2006 (256p.).
- FREIRE, Edwilson S. **O edifício da fé e o arraial do prazer**: o sagrado e o profano em Olho D'água da Bica, Ceará (1930-1980). Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista-UNESP. Franca, 1999 (301 p.).
- \_\_\_\_\_. **Arautos do catolicismo**: história e religião nas vozes de cinco bispos da diocese de Limoeiro do Norte/CE (1940-2010). Fortaleza: Lux Print, 2010.
- FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil**: da Constituinte ao *impeachment*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP. Campinas, 1993 (303 p.).
- \_\_\_\_\_. "Visão histórica [do pentecostalismo brasileiro]". In: ANTONIAZZI, Alberto e Outros. **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996, p. 65-159.
- \_\_\_\_\_. "Religião, desenvolvimento e violência". **Interseções**, vol. 13, nº 1, p. 116-125, jun. 2011.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 22. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Modos de homem & modas de mulher**. 2. ed. São Paulo: Global, 2009.
- FRIEDMAN, David M. **Uma mente própria**: a história cultural do pênis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- FROTA, Francisco Horácio da S. **Universidade**: alienação e *práxis* social. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará-UFC. Fortaleza, 1991 (290p.).

- GAETA, Maria Aparecida J. V. “A fala dos lugares perdidos: a cidade dos desejos”. **Revista Brasileira de História**, vol. 15, n.º 30, p. 157-170, 1995.
- GADELHA, Francisco Agileu de Lima. **O Ceará na trilha da nova fé: o presbiterianismo no Ceará**. Fortaleza: Edições UECE, 2005.
- GLASNER, Peter E. **The sociology of secularization: a critique of a concept**. London: Routledge and Kegan Paul, 1977.
- GOMES, Paulo César. **Os bispos católicos e a ditadura militar brasileira: a visão da espionagem**. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- GONÇALVES, Edilson Santana. **Fragmentos da vida**. Fortaleza: ABC, 2000.
- GONDIM, Linda Maria de Pontes. **O Dragão do Mar e a Fortaleza pós-moderna: cultura, patrimônio e imagem da cidade**. São Paulo: Annablume, 2007.
- GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial: os 2.174 dias que mudaram o mundo**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.
- GIMÉNEZ, Andrea Beatriz Wozniac. **O medo da “Revolução Social” na “Terra dos Pinheirais”**: imaginário anticomunista na sociedade curitibana (1947-1964). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná-UFPR. Curitiba, 2003 (187p.).
- GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- GIRÃO, Valdelice Carneiro. “Da conquista e implantação dos primeiros núcleos urbanos na capitania do ‘Siará Grande’”. In: SOUZA, Simone de (coord.). **História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf, 1994, p. 25-44.
- GUIMARÃES, Almir Ribeiro (Frei). **Comunidades de Base no Brasil: uma nova maneira de ser em Igreja**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1978.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.
- HAHNER, June. **A mulher no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- HOBBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000 (Coleção Oficinas da História, II).
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Livro dos prefácios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro, 1550-1800**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- INÁCIO, Fábio G. **Ensaio sobre a investigação filosófica na maçonaria**. Birigui-SP: [s.n.], 2009.
- ISAIA, Artur C. e MANOEL, Ivan A. (org.). **Espiritismo e religiões afro-brasileiras: história e ciências sociais**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.
- JOAQUIM, Maria Salete. **Militantes de Clubes de Mães: São Paulo e periferia**. São Paulo: [s. ed.], 2013.
- KALBERG, Stephen. **Max Weber: uma introdução**. Trad. Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- KENDALL, Robert T. **Esboços de teologia, doutrina e sermões**. São Paulo: Arte Editorial/Candeia, 2007.
- KLÖCKNER, Luciano e PRATA, Nair (org.). **História da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- KLOPPENBUG, Frei Boaventura (Dom, bispo). "Teologia na AL depois do Vaticano II: avanços e crises". In: SANTOS, Manoel Augusto (org.). **Concílio Vaticano II: quarenta anos da *Lumen Gentium***. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005 (Coleção Teologia, 27), p. 66-84.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC/Rio, 2006.



- KOSNIK, Antony e outros (coord.). **A sexualidade humana**: novos rumos do pensamento católico americano. Trad. Gentil Avelino Tilton e outros. Petrópolis-RJ: Vozes, 1982.
- LAFETÁ, João Luiz. **1930: a crítica e o modernismo**. São Paulo: Duas Cidades, 1974 (Série Universidade, 3).
- LEADBEATER, C. W. **A vida oculta na maçonaria**. 3. ed. São Paulo: Pensamento, 1969 (Biblioteca Maçônica).
- LE GOFF, Jacques. **Para uma outra Idade Média**: tempo, trabalho e cultura no Ocidente. Trad. Thiago de Abreu e Lima Florência e Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.
- LEXIKON, Herder. **Dicionário de símbolos**. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.
- LINHARES, Marcelo. **A maçonaria e Questão Religiosa do Segundo Império**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- MACHADO, Loiva Mara de Oliveira. **Controle social da política de assistência social**: caminhos e descaminhos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.
- MACHADO, Paulo Edgard. **Entendendo as profecias**. Barueri/SP: Ágape, 2012.
- MACHADO, José Wellington de Oliveira. **“Começou a surgir como uma flor”**: o discurso das elites de Limoeiro do Norte e a invenção da “Princesa do Vale” – 1930 a 1980. Monografia (TCC) – Universidade Estadual do Ceará-UECE. Limoeiro do Norte, 2007 (124p.).
- MAIA, Mônica Emanuela Nunes. **“A necessidade e o chicote”**: seca e saque em Limoeiro do Norte (1950-1954). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará-UFC. Fortaleza, 2005 (178 p.).
- MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)**. Trad. Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MALTIN, Leonard. **Leonard Maltin's Movie Guide**. New York, USA: Signet, 2008.
- MANOEL, Ivan A. **O pêndulo da História**: tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960). Maringá: EDUEM, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Igreja e educação feminina (1859-1919)**: uma face do conservadorismo. 2. ed. Maringá: EDUEM, 2008.

- MANZATTO, Antonio. **Teologia e literatura**: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo: Loyola, 1994.
- MARRAMAO, Giacomo. **Céu e terra**: genealogia da secularização. Trad. Guilherme Alberto Gomez de Andrade. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.
- MARTIN, David. **A general theory of secularization**. Oxford: Blackwell, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Tongues off ire**: the explosion of Protestantism in Latin America. Oxford: Wiley-Blackwell, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Pentecostalism**: the world their parish. Oxford: Blackwell, 2002.
- MARTINS FILHO, Antônio e GIRÃO, Raimundo. **O Ceará**. 3. ed., Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966.
- MAXIMILIANO, Cesar Campiani. **Barbudos, sujos e fatigados**: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Grua, 2010.
- MEGHNAD, Desai. **A vingança de Marx**: a ressurgência do capitalismo e a morte do socialismo estatal. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Códex, 2003.
- MENDONÇA, Antônio G. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- MENDONÇA, Antônio G. e VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- MENEZES, Jonathan. “Reinventando o fazer historiográfico à luz de certas aporias pós-modernistas”. In: GIANNATTASIO, Gabriel e IVANO, Rogério (org.). **Epistemologias da história**: verdade, linguagem, realidade, interpretação e sentido na pós-modernidade [online]. Londrina: EDUEL, 2011, p. 101-135 (SciELO Books).
- MENEZES, Maria José de França. **Um mundo que se mostra por dentro e se recria por fora**: a trajetória das casas de exibição de cinema em Limoeiro. Monografia (TCC) – Universidade Estadual do Ceará-UECE. Limoeiro do Norte, 2003 (42p.).
- METZGER, Bruce M. e COOGAN, Michael D. (org.). **Dicionário da Bíblia**: as pessoas e os lugares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002 (vol. 1).
- MICELI, Sergio. **A elite eclesiástica brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988 (Corpo e Alma do Brasil).

- MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. Departamento Geral do Pessoal. Diretoria de Inativos e Pensionistas. **Listagem da FEB**. [s. d.]. 06 vols. [mimeo].
- MORALES, José. **Breve historia del Concilio Vaticano II**. Madrid: RIALP, 2012.
- MOTA, Aroldo. **História Política do Ceará (1930-1945)**. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1989.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As universidades e o regime militar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- MOURA, Abdalaziz. **Frei Damião e os impasses da religião popular**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1978.
- NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.
- NEVES, Frederico de C. “A seca na história do Ceará”. In: SOUZA, Simone de. **Uma nova história do Ceará**. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002, p. 76-102.
- NOGUEIRA, Raimundo Frota de Sá. **Os batistas no Ceará**. Fortaleza: Setor Gráfico do Colégio Batista Santos Dumont, 2003 (Série História dos Batistas no Ceará, 2).
- NOVAES, Regina Reys. “Os escolhidos de Deus: pentecostais, trabalhadores e cidadania”. **Cadernos do ISER**, nº 19, 1985.
- NOVAIS, Mário Amaral. “Introdução”. In: PEREIRA, Eduardo Carlos. **O problema religioso da América Latina: estudo dogmático histórico**. 2. ed. São Paulo: Livraria Independente/Gráfica Mercúrio, 1949, p. III-XXXI.
- OLIVEIRA, Lúcia L. “Tempos de JK: a construção do futuro e a preservação do passado”. In: MIRANDA, Wander M. **Anos JK. Margens da modernidade**. São Paulo: Imprensa Oficial; Rio de Janeiro: Casa Lucio Costa, 2002, [s.p.].
- ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- OUTHWAITE, William e BOTTOMORE, Tom (eds.). **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- PAIVA, Angela R. **Católico, protestante, cidadão: uma comparação entre Brasil e Estados Unidos**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

- PALAZZO, Carmen Lícia. **Entre mitos, utopias e razão**: os olhares franceses sobre o Brasil (séculos XVI a XVIII). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- PANDOLFI, Dulce C. “A trajetória do norte: uma tentativa de Ascenso político”. In: GOMES, Ângela Maria de C. (org.). **Regionalismo e centralização política**: partidos e constituinte nos anos 30. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 339-425.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. **O problema religioso da América Latina**: estudo dogmático histórico. 2. ed. São Paulo: Livraria Independente/Gráfica Mercúrio, 1949.
- PEREIRA, José Carlos. “Religião e poder: os símbolos do poder sagrado”. **CS Online – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, ano 2, vol. 3, p. 80-107, mai. 2008. Disponível em <http://csonline.ufjf.emnuvens.com.br/csonline/article/view/366/339>, acessado em 04 abr. 2012.
- PEREIRA, José Erison Lima. **Igreja Católica, Estado e poder**: uma parceria na expansão da educação em Limoeiro (1960-1970). Monografia (TCC) – Universidade Estadual do Ceará-UECE. Limoeiro do Norte, 1999 (57p.).
- PEREIRA, Maria Florice Raposo. **A razão de tantas vidas**: racionalidade mística na religiosidade espírita. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.
- PERES, Fernando Antônio. “Estratégias de aproximação, sociedades de ideias e educação anarquista em São Paulo na Primeira República”. **Revista Brasileira de História da Educação**, n.º 11, p. 135-168, jan./jun. 2006.
- PIMENTEL JÚNIOR (org.). **A doutrina social da Igreja**. São Paulo: Dominus, 1963.
- PINHEIRO, Francisco José. “O processo de Romanização no Ceará”. In: SOUZA, Simone de (coord.) **História do Ceará**, 2. ed., Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf, 1994, p. 199-210.
- PINSY, Jaime e PINSKY, Carla B. (org.). **Faces do fanatismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. **Estudos Históricos**, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- \_\_\_\_\_. “Memória e Identidade Social”. **Estudos Históricos**, vol. 5, n.º 10, p. 200-212, 1992.

- PORTELLI, Alessandro. "O massacre de Civitella Val di Chiana: mito e política, luto e senso comum". In: FERREIRA, M. de M. e AMADO, J. (Org.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 103-130.
- QUEIROZ, Rachel de. **As terras ásperas**: 96 crônicas inéditas. 3. ed. São Paulo: Siciliano, 2001.
- RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Figuras de Foucault**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008 (Estudos Foucaultianos).
- RAMOS, Angélica Maria Pinheiro. **A interiorização do ensino superior no Ceará**: os casos de Limoeiro do Norte e Quixadá. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará-UFC. Fortaleza, 1990 (150 p.).
- RÉGIS, Antônio N. **Um olhar sobre a arte sacra jaguaribana**: igrejas e capelas limoeirenses. Fortaleza: Premium, 2008.
- REGIS, João Rameres. **Integralismo e coronelismo**: interfaces da dinâmica política no interior do Ceará (1932-1937). Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Rio de Janeiro, 2008 (338 p.).
- REILY, Susel A. "Nossas Senhoras: o modelo e as cópias". **Comunicação e Sociedade**, n.º 12, p. 65-77, 1984.
- REVEL, Jacques. **Proposições**: ensaios de história e historiografia. Trad. Claudia O'Connor dos Reis. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.
- REVEL, Jacques; CERTEAU, Michel de e JULIA, Dominique. "A beleza do morto: o conceito de 'cultura popular'". In: REVEL, Jacques. **A invenção da sociedade**. Trad. Vanda Anastácio. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 49-75 (Coleção Memória e Sociedade).
- RIBEIRO, Ana Paula G. e outros (org.). **História da televisão no Brasil**: do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010.
- RIBEIRO, Renato Janine. **O afeto autoritário**: televisão, ética e democracia. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2004.
- RIBEIRO, Ricardo Alaggio. **A Aliança para o Progresso e as relações Brasil-Estados Unidos**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP. Campinas-SP: 2006 (384 p.).
- RIBEIRO, Ana Paula G. e SACRAMENTO, Igor. "A renovação estética da TV". In: RIBEIRO, Ana Paula G. e outros (org.). **História da televisão no Brasil**: do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010, p. 109-135.

- RISERIO, Antonio. "Duas ou três coisas sobre contracultura no Brasil". In RISÉRIO, Antonio e outros. **Anos 70: trajetórias**. São Paulo Iluminuras; Itaú Cultural, 2005, p. 25-30.
- ROCHA, Limério Moreira da. **Russas: sua origem, sua gente, sua história**. Recife: Recife Editora, 1976.
- RODEGHERO, Carla S. **O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)**. Passo Fundo: Edupf, 1998.
- RODRIGUES, Antonio Paiva. **Sua Excelência, o Rádio**. São Paulo: Biblioteca 24horas, 2009.
- RODRIGUES, Maria da Conceição Silva. **"Educar, assistir, moralizar": a experiência dos Clubes de Mães em Limoeiro do Norte – CE (1960-1990)**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP. São Paulo, 2011 (145 p.).
- ROLIM, Frei Antônio (Reverendo, padre). "Em torno da religiosidade no Brasil". **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, vol. 25, fasc. 1, p. 11-27, mar. 1965.
- ROSA, Lilian Rodrigues de O. **A Santa Sé e o Estado brasileiro: estratégias de inserção política da Igreja Católica no Brasil**. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2015.
- SANTOS, Márcia Rita A. **Os caminhos da Missão: a Diocese de Limoeiro do Norte e o discurso social de Dom Aureliano Matos, 1940-1967**. Monografia (TCC) – Universidade Estadual do Ceará-UECE. Limoeiro do Norte, 1997 (83p.).
- SANTOS, Jovelina Silva. **Círculos Operários no Ceará: "instruindo, educando, orientando, moralizando" (1915-1963)**. Fortaleza: [s. ed.], 2007.
- SAVIANI, Dermeval. **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas**. 11. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2008 (Coleção Educação Contemporânea).
- SCHUMAHER, Schuma e BRASIL, Érico Vital (org.). **Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade (biográfico e ilustrado)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

- SCHWANITZ, Dietrich. **Cultura geral**: tudo o que se deve saber. Trad. Beatriz Silke Rose, Eurides Avance de Souza, Inês Antonia Lohbauer e Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades e Editora 34, 2000.
- SEIXAS, Jacy A. de. “Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais”. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (org.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2004, p. 37-58.
- SENNETT, Richard. **Autoridade**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Rotary Club**: *habitus*, estilo de vida e sociabilidade. São Paulo: Annablume, 2004.
- SEVCENKO, Nicolau. “A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio”. In: \_\_\_\_ (org.). **História da vida privada**: República: da *Belle Époque* à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 512-619 (História da Vida Privada, 3).
- SILVA, Eleneide Brito da Silva. **Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Jaguaribe-CE**: uma longa trajetória. Monografia (TCC) – Universidade Vale do Acaraú-UVA, Jaguaribe, 2008 (39p.).
- SILVA, Gláubia Cristiane Arruda. **Epidemia de malária no Ceará**: enredos de vidas, mortes e sentidos políticos (1937-1942). Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Recife, 2012 (268 p.).
- SILVA, Kalina Vanderlei e SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- SIMÕES, Renata da S. (org.). **Equipamentos, usos e costumes da casa brasileira**: costumes (v. 3). São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2001.
- SMITH, Warney. “Barão Geraldo: história e identidade local”. **Revista de História Regional**, n.º 7 (2), p. 207-230, inverno 2002.
- SOARES SOBRINHO, José Eduardo de M. **A concepção e a redação da “Rerum Novarum”**. São Paulo: Elvino Pocai, 1941.
- SOULIGNAC, Pierre. **La névrose chrétienne**: l’éducation chrétienne en question. Paris: Éditions de Trévise. Disponibilizado na Internet em 2012,

em: <http://lanevrosechretienne.blogs.midilibre.com>. Visualizado em 30 de abril de 2015.

- SOUZA, Robério Américo do Carmo. **“Vaqueiros de Deus”**: a expansão do protestantismo pelo sertão cearense, nas primeiras décadas do século XX. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense-UFF. Niterói, 2008 (240 p.).
- SOUZA, Maria Delne Vieira de. **Evolução da educação de Limoeiro do Norte**: fragmentos da história da educação de Limoeiro do Norte. Monografia (Especialização) – Universidade Estadual do Ceará-UECE. Limoeiro do Norte, 1993 (93 p.).
- SOUZA, Simone de. “As Interventorias no Ceará”. In: \_\_\_\_ (coord.). **História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf, 1994, p. 312-346.
- \_\_\_\_. “Da ‘Revolução de 30’ ao Estado Novo”. In: \_\_\_\_ (org.) **Uma nova história do Ceará**. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002, p. 287-316.
- STALDER, Erika. **Moda, um curso prática e essencial**. Ilustrações Ariel Krietzman. Trad. Maíra Gonçalves Malosso. São Paulo: Marco Zero, 2009.
- STUDART, Barão de. “Estrangeiros e Ceará – De Lacy Wardlaw”. **Revista do Instituto do Ceará**. Ano XXXII, 1918, p. 225-6.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TORLONI, Hilário. **Estudo de problemas brasileiros**. São Paulo: Pioneira, 1983.
- TÓTH, D. Veremundo. **Cristo caminha conosco na Igreja**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- VARELA, Ângelo Felipe Castro. **Instituições prevaletentes, tradição e persistência no extrativismo da cera de carnaúba em Limoeiro do Norte-CE**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN. Natal, 2001 (94 p.).
- VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de P. **O Limoeiro da educação**: a história da criação da diocese de e a ação educacional de Dom Aureliano Matos em Limoeiro do Norte (1938-1968). Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará-UFC. Fortaleza, 2006 (257 p.).



- VELLOSO, Mônica P. “A dupla face de Jano: romantismo e populismo”. In: GOMES, Angela de C. (org.). **O Brasil de JK**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 171-199.
- VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1980 (Coleção Temas Brasileiros).
- VIEIRA JÚNIOR, Antônio Marloves G. “**Só sabe o que a gente passou quem tava lá**”: homens do sertão do Ceará nos campos da Itália durante a Segunda Guerra Mundial (1944-1945). Monografia (TCC) – Universidade Estadual do Ceará-UECE, Limoeiro do Norte, 2015 (106p).
- WANDERLEY, Eustorgio. “Seminaristas: como estudam e se divertem os futuros padres”. **A Noite Ilustrada**, nº 516. Rio de Janeiro, 11 abr 1939, p. 20, 21 e 25.
- WANDERLEY, Luiz Eduardo. **Educar para transformar**: educação popular, Igreja Católica e política no Movimento de Educação de Base. Petrópolis-RJ: Vozes, 1984.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Trad. M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira, 1967.
- \_\_\_\_\_. **Economia e sociedade**. Brasília/São Paulo: UnB/Imprensa Oficial de São Paulo, 2004 (vol. 1).
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- WILSON, Bryan R. **Religion in secular society**: a sociological comment. London: Watts, 1966.
- WINDLEY-DAOUST, Jerry. **Living justice and peace**: Catholic social teaching in practice. 2. ed. Winona, USA: Saint Mary's, 2008.
- WINTER, Othon Cabo e PRADO, Antônio Fernando de Almeida (org.). **A conquista do espaço**: do Sputnik à Missão Centenário. São Paulo: Livraria da Física, 2007.
- WIRTH, Lauri E. “A memória religiosa como fonte de investigação historiográfica”. **Estudos de Religião**, ano XVII, n. ° 25, p. 171-182, jul/dez 2003.

ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus**: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

ZANCANARO, Antônio Frederico. **Avaliação de oito anos de atividades do Campus Avançado de Limoeiro do Norte-CE**: 1974-1982. Monografia – Universidade Estadual de Londrina-UEL, Londrina, 1984 (219p.).

## 2) MEMÓRIAS E BIOGRAFIAS

ALENCAR, Francisco Alves de (org.). **Igreja Presbiteriana de Fortaleza**: 120 anos transformando vidas. Fortaleza: Nacional, 2004.

AZEVEDO, Stênio e NOBRE, Geraldo. **O Ceará na Segunda Grande Guerra**. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1998.

\_\_\_\_\_. **O Ceará e o Ano Santo de 1950**: peregrinos cearenses no Vaticano, em Fátima, Lourdes e outras cidades da Europa. Fortaleza: ABC Fortaleza, 2001.

BESSA, Pompeu Bezerra. **A Antiga Freguesia do Limoeiro**: notas para sua História, Fortaleza: Premium, 1998.

BRITO, Pedro Freire de (Reverendo, pastor). **Autobiografia**. Açude dos Pinheiros, Morada Nova-CE, 22 de outubro de 1972, 08 p. [mimeo].

CARNEIRO, Joaquim Osterne. **Tributo a José Osterne**. [s. n.], 2010.

CASTELLO BRANCO, João Olímpio. **O Limoeiro da Igreja**: a história de Limoeiro do Norte a partir de seus párocos. S. l.: Tipografia Minerva, 1995.

\_\_\_\_\_. **Caminhada eclesial jaguaribana**: respigando fases, passos, metas, textos e estruturas marcantes para a história em multidão da diocese de Limoeiro do Norte – Ceará (1938-2013). Fortaleza: Pouchain Ramos, 2015 (Tomo I).

CASTELLO BRANCO, João Olímpio e outros. **O Seminário Cura D'Ars ao longo do tempo**. Fortaleza: Print Color, 2010.

\_\_\_\_\_. 2. ed. Limoeiro do Norte: [s. ed.], 2013.

CHAGAS, Dilson Pontes. **Morada Nova em revista**. Fortaleza: ABC Editora, 2001.

CORTEZ, Natanael. **Os dois tributos, a César, a Deus**: letras, economia, religião, sociologia. Recife: Ediprés, 1965 (Jubileu Ministerial: 50 anos – 1915-1965).

- D'ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. **Confissões do pastor**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- DIAS, Antenor Bezerra. **O homem em busca do verdadeiro Deus**. Fortaleza: Tipografia Íris, 2013.
- FAHEINA, Nelson. **Fatos, fotos e fantasias**: na crônica jornalística de Nelson Faheina. Fortaleza: LCR, 2011.
- FORÇAS Vivas da Nação. **Nossos Políticos**: Estado do Ceará. São Paulo: IMBRAMO/IMPRESS, 1981.
- FRANÇA, Maria Florinda de. **Minhas madrugadas**. Fortaleza: Premium, 2008.
- FREITAS, Luís Gonzaga de. **Rádio 45 anos**: o que vi e ouvi. [S. l.]: Edição do Autor, 2007.
- FREITAS, Maria das Dores V. e OLIVEIRA, Maria Lenira de. **Limoeiro em fotos e fatos**. Fortaleza: Premium, 1997.
- \_\_\_\_\_. (org.). **Judite**: centenário de nascimento (1906-2006). Fortaleza: Premium, 2006.
- GRAHAM, Billy. **Billy Graham, o evangelista do século**. Trad. Maria Emília de Oliveira. São Paulo: Hagnos, 2008.
- JORGE, Nagibe de Melo. **É sempre doce recordar Fátima**. Fortaleza: Jurídica, 1983.
- LIMA, Jared de Santiago. **Minhas lembranças**. [S. l.]: [s. ed.], julho de 2008.
- LIMA, Lauro de Oliveira. **Na ribeira do rio das onças**. Fortaleza: A. Almeida, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Sistema escolar de Limoeiro do Norte**: da Colônia à escola que revolucionou o município. Fortaleza: Premium, 2002.
- MACHADO, Adelmo (Dom, arcebispo). **Memória do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Loyola, 1998.
- MAGALHÃES, Zelito Nunes. **História da Maçonaria no Ceará**. Fortaleza: Grande Loja Maçônica do Estado do Ceará, 2008.
- MAIA, Avani Fernandes. **O Fiel da Balança**: elucidário histórico dos poderes administrativos de Limoeiro do Norte. Fortaleza: Premium, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Dom Aureliano**: pastor, educador e operário. Fortaleza: Premium, 2010.
- \_\_\_\_\_. (org.). **Limoeiro do Norte ontem e hoje**. Limoeiro do Norte: Empório da Imagem, 2014.

- MAIA, Gumerindo Cláudio. **Tabuleiro de Areia, Minha Terra**. Tabuleiro do Norte: Gráfica Alves, 1998.
- MALVEIRA, Antonio Nunes. **O velho sertão da Bica**. Rio de Janeiro: [s. n.], 1986.
- \_\_\_\_\_. **O Limoeiro de Dom Aureliano Matos**. Rio de Janeiro: Peleluc, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Padre Misael Alves de Sousa, magister magnus**. [s. n.], 2005.
- MARTINS, Syr O. M. **Por que deixamos a batina?** 4. ed. São Paulo: Edição do Autor, 1988.
- MONTENEGRO, José Hilton Lima Verde. **Major Deoclécio Lima Verde: família e história**. Fortaleza: Gráfica Batista, 2000.
- MONTENEGRO, Yolanda. **Matos, o caminhar de uma família**. Rio de Janeiro: Luzes, Comunicação, Arte e Cultura, 2007.
- NUNES, Antonio Pergentino. **Minha vida... Minha luta**. Fortaleza: Premium, 1999.
- PERDIGÃO, João da P. M. (bispo). "Itinerário das visitas feitas na sua diocese pelo Bispo de Pernambuco nos annos de 1833 a 1840". **Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro**, tomo LV, parte I, p. 112-196, 1º e 2º trimestres 1892.
- PEREIRA, José dos Reis. **O Apóstolo da Amazônia**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1963.
- PEREIRA FILHO, Antero. **A maçonaria em Aracati (1920-1949)**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010.
- \_\_\_\_\_. "O Bispado que não veio". Aracati, 2011. Disponível em [http://luacheia.art.br/site/index.php?option=com\\_content&task=view&id=566&Itemid=1](http://luacheia.art.br/site/index.php?option=com_content&task=view&id=566&Itemid=1), acesso em 30 jun. 2014.
- PITOMBEIRA, Francisco de Assis (padre). **Uma pequena história de cinquenta anos do Colégio Diocesano Pe. Anchieta de Limoeiro do Norte/CE**. Limoeiro do Norte: Edição do Autor, 1992.
- PORTELLA, Cláudio. **Cego Aderaldo: a vasta visão de um cantador**. São Paulo: Escrituras, 2013.
- RIBEIRO, Valdir Uchoa. **Formação eclesial [de Jaguaribe]**. Fortaleza: Premium, 2002 (Jaguaribe Minha Terra, 4).
- SILVA, Joaquim Carvalho da. **Peroba-Rosa: memórias da UEL - 25 anos**. Londrina: Ed. da UEL, 1996 (Coleção Memórias, 1).

SILVEIRA, Aureliano D. **Ungidos do Senhor na evangelização do Ceará (1700-2004)**. 3 vols. Fortaleza: Premium, 2004.

SOMBRA, Waldy. **Mestre José Sombra**: vida e época. Limoeiro do Norte: Edição do Autor, 1994.

SILVA, Meton Maia e. **Reminiscências de Limoeiro do Norte**. [s. l.]: Edição do Autor, 1997.

XAVIER, Luis Gonzaga (Reverendo, padre). **Dom Aureliano Matos no seu centenário de nascimento**: 1889 – 17 de Junho – 1989: Pequeno esboço para uma futura biografia. Fortaleza: Escola Tipográfica S. Francisco, 1989.

3) DOCUMENTOS OFICIAIS E PUBLICAÇÕES DE ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS

CEARÁ, Serviço de Relações Públicas. **A eletrificação no Ceará**: pequeno histórico da vinda da energia de Paulo Afonso a Fortaleza. 2. ed. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1980 (1. ed. 1965).

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Recenseamento geral do Brasil**: Série Regional, parte IV: Ceará. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1950 (dois tomos).

\_\_\_\_\_. **Censo Demográfico**: Série Regional, vol. XIV: Estado do Ceará. Rio de Janeiro: [s. ed.], 1955 (dois tomos).

\_\_\_\_\_. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959 (verbete “Limoeiro do Norte”: vol. XVI; p. 351-57).

PINHEIRO, Luiz Carlos Martins. **Orós: caso inédito?** Rio de Janeiro: Ministério da Viação e Obras Públicas/DNOCS, 1960.

SUDENE, Grupo de Estudo do Vale do Jaguaribe. **Estudo geral de base do Vale do Jaguaribe**. Rio de Janeiro: GVJ, 1967 (10 vols.).

4) CARTAS PASTORAIS, ESTATUTOS, ÁLBUNS E LIVRETOS DIVERSOS  
ANUÁRIO Eclesiástico da Diocese de Limoeiro do Norte. Limoeiro do Norte: Tipografia Modelo, 1948, 20 p.

ARACATI PATRIMÔNIO DE TODOS. **Roteiro para preservação do patrimônio**. Fortaleza: IPHAN, 2008.

- ASSIS, Verônica Ivanide Moura de. **A saga de um empreendedor**: Dom Aureliano Matos, de pastor a educador. Limoeiro do Norte: Edição da Autora, 2007, 14 p. [cordel].
- ÁUREO JUBILEU SACERDOTAL DE D. AURELIANO MATOS E ABERTURA DO ANO CENTENÁRIO DA PARÓQUIA DE LIMOEIRO DO NORTE. Limoeiro do Norte, [s.n.], 1964, 04 p.
- BESSA, Pompeu Bezerra (Dom, bispo). **Carta Pastoral sobre a Igreja Diocesana**: objetivo, colunas, desafios e organização. Limoeiro do Norte: [s.n.], 1988, 31 p.
- CASTELLO BRANCO, João Olímpio (Monsenhor, padre). **A Igreja de outro jeito**: Diocese de Limoeiro do Norte, Ceará (1967-1987): 20 anos com os bispos Falcão e Pompeu. Limoeiro do Norte, 29 de setembro de 1999, 67 p. [mimeo].
- CONGRESSO EUCARÍSTICO EM COMEMORAÇÃO DO 1º CENTENÁRIO DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO NA CIDADE DE RUSSAS. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1944, 28 p.
- DIOCESE DE LIMOEIRO DO NORTE. **Eis teu servidor**: D. Pompeu Bezerra Bessa – 20 anos de Bispo a Serviço do Povo na Igreja de Deus na Região Jaguaribana, 1973 – 1993. Limoeiro do Norte: Liceu de Artes e Ofícios, 1993, 12 p.
- ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DA MATERNIDADE DE “S. RAIMUNDO”: Agosto de 1943, Limoeiro do Norte, Ceará. Limoeiro do Norte: Tipografia Modelo, 1943, 10 p.
- ESTATUTOS DA OBRA DO PÃO DOS POBRES DE SANTO ANTÔNIO: Limoeiro, Ceará. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1941, 08 p.
- ESTATUTOS DO EDUCANDÁRIO PADRE ANCHIETA. Limoeiro do Norte, [s. n.], 1938.
- LEMBRANÇA da Passagem da Imagem Peregrina de N. S. de Fátima. Limoeiro do Norte, 25 e 26 de novembro de 1953: [s.n.].
- LEMBRANÇA da Sagração Episcopal de D. Aureliano Matos, Bispo de Limoeiro, no dia 29 de Setembro de 1940 na Catedral de Limoeiro, Ceará. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1940, 25 p.
- LUSTOSA, Antônio de Almeida (Dom, arcebispo). **Carta Pastoral sobre o Alcoolismo**. Fortaleza: [s.n.], 1953, 36 p.

MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **Carta Pastoral (primeira)**: Saudando a seus diocesanos. [s.n.], 1940, 14 p.

\_\_\_\_\_. **Carta Pastoral (segunda)**: Pedindo aos seus diocesanos auxílio para construção do Seminário. Fortaleza; Livraria Humberto, 1941, 16 p.

\_\_\_\_\_. **Carta Pastoral (terceira)**: Comunicando aos seus diocesanos as resoluções do Primeiro Congresso das Vocações Sacerdotais desta cidade. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1943, 15 p.

\_\_\_\_\_. **Carta Pastoral (quarta)**: Comunicando aos seus diocesanos a realização, de 4 a 8 de dezembro de 1954, do Primeiro Congresso Eucarístico Diocesano, comemorando o Centenário do dogma da Imaculada Conceição e em preparação ao Congresso Eucarístico Internacional de 1955. Fortaleza: [s.n.], 1954, 14 p.

\_\_\_\_\_. **Carta Pastoral (quinta)**: A presença da Igreja na atual transformação econômico-social do Vale jaguaribano. Fortaleza: [s.n.], 1965, 08 p.

\_\_\_\_\_. **Carta Pastoral (sexta)**: Os dois Jubileus. Limoeiro do Norte: [s.n.], 1965, 14 p.

PINHEIRO, Francisco Irajá. **Fatos que marcaram Limoeiro**. Fortaleza: Edição do Autor, 2003, 24 p. Ilustrações de Arlene Holanda.

PROVÍNCIA ECLESIAÍSTICA DO CEARÁ. **Circular do Episcopado Cearense às senhoras e donzelas católicas**. Fortaleza, [s.n.], 29 de abril de 1953, página única.

REGIONAL NORDESTE I (CNBB). **5º Encontro Regional do Clero**. Fortaleza, 1986 (Cadernos Pastorais, 55). 44 p.

RELATÓRIO das Atividades da Obra das Vocações Sacerdotais da Diocese de Limoeiro do Norte. Limoeiro do Norte, [s.n.], 1954, 06 p.

\_\_\_\_\_. Limoeiro do Norte, [s.n.], 1959, 10 p.

RESULTADOS DOS ENCONTROS DOS BISPOS DO NORDESTE. Rio de Janeiro: Gráfica do IBGE, 1962, 31 p. (Série Documentária, 22).

SIGAUD, Geraldo de Proença (Dom, arcebispo). **Catecismo anticomunista**. 5ª ed. São Paulo: Vera Cruz, 1963.

SOUSA, Eusébio de. (org.) **Álbum do Jaguaribe**. Belém: Amazônia, 1922.

SOUSA, Misael Alves de (Cônego, padre). **40 Anos Depois**: Solenidade Comemorativa do Transcurso do 40.º Aniversário de Sagração Episcopal de D. Aureliano Matos, 1.º bispo da Diocese de Limoeiro do Norte – CE

(1940-1980). Discurso proferido naquela solenidade pelo Pe. Misael Alves de Sousa (opúsculo impresso). Limoeiro do Norte: [s.n.], 1980, 15 p.

\_\_\_\_\_. **Relatório da Obra Pontifícia das Vocações Sacerdotais da Diocese de Limoeiro do Norte.** Fortaleza: Tipografia América, 1946.

\_\_\_\_\_. **Relatório das Atividades da Obra das Vocações Sacerdotais da Diocese de Limoeiro do Norte.** Limoeiro do Norte: [s. n.], 1954.

\_\_\_\_\_. **Relatório das Atividades da Obra das Vocações Sacerdotais da Diocese de Limoeiro do Norte.** Limoeiro do Norte: [s. n.], 1959.

\_\_\_\_\_. **Relatório das Atividades da Obra das Vocações Sacerdotais da Diocese de Limoeiro do Norte: Vinte Anos Passados.** Limoeiro do Norte: [s. n.], 1960.

\_\_\_\_\_. **Boletim da Obra das Vocações Sacerdotais da Diocese de Limoeiro do Norte.** Limoeiro do Norte: Liceu de Artes e Ofícios, 1964.

\_\_\_\_\_. **[Celebração dos 10 anos da FAFIDAM].** Limoeiro do Norte: [s. n.], 1978.

#### 5) FOLHETOS, PANFLETOS E PAPÉIS AVULSOS

ALVES FILHO, Pedro. **Os 50 anos do Colégio Diocesano.** Limoeiro do Norte: Edição do Autor, 1992, 06 p.

[AVISO DE RUPTURA DA PAREDE DO AÇUDE ORÓS E ORDEM À POPULAÇÃO PARA ABANDONAR SUAS CASAS]. Vale do Jaguaribe, março de 1960. Dois panfletos lançados por aviões na região afetada.

CENTRO EDUCACIONAL SÃO VICENTE DE PAULO. 50 Anos (1947-1997). Limoeiro do Norte, 1997. Um panfleto dobrável com seis colunas.

[CERTIFICADO DE GRATIDÃO POR DOAÇÃO PARA] CONSTRUÇÃO DO SEMINÁRIO DA DIOCESE DE LIMOEIRO. Limoeiro do Norte, década de 1940. Um certificado não preenchido.

COMITÊ Pró-defesa do Município de Limoeiro do Norte. **Limoeirenses!; Partido Trabalhista Brasileiro; História Desoladora!; O Inventário que os Nossos Dois Representantes Fizeram.** Limoeiro do Norte, 1957 e 1958. Cinco panfletos distribuídos.

D. AURELIANO Matos Abençoa o Censo de 1960. Limoeiro do Norte, 09 de julho de 1960. Um panfleto de esclarecimento sobre o Censo IBGE.

IGREJA PRESBITERIANA DE RUSSAS: Sua História. Russas, [s. n.], 1998.



SOCIEDADE Pró-educação Rural de Limoeiro. **[Certificado de Ação]**.  
Limoeiro, dezembro de 1940 e dezembro de 1941. Dois certificados em  
nome do Sr. Antônio Lopes da Costa Maia.

6) PASTAS DE DOCUMENTOS DIVERSOS

ASSOCIAÇÃO MATERNIDADE SÃO RAIMUNDO. **[Pasta de Ofícios e Outros  
Documentos Avulsos]**. Limoeiro do Norte, 1943-1957.

CÚRIA DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE (Ceará). **[Respostas dos  
Vigários à Circular n.º 21, do Sr. Bispo Diocesano]**. Misto de impresso  
e manuscrito, seis folhas soltas. Limoeiro do Norte (Bispo); Aracati, Frade,  
Itaiçaba, Pereiro, Quixeré e Russas (Párocos), 1944.

ESCOLA NORMAL RURAL DE LIMOEIRO DO NORTE. **[Pasta de Históricos  
das Diretoras e Sócios Fundadores]**. Limoeiro do Norte, 2014.

GINÁSIO DIOCESANO PADRE ANCHIENTA. **[Pasta de Documentos  
Diversos]**. Documentos datilografados e assinalados a caneta. Limoeiro  
do Norte, 1942-1949.

SILVA, Meton Maia e. **[Pasta de recortes de jornais e textos  
datilografados]**. Arquivo pessoal. Fortaleza, 1947-1979.

\_\_\_\_\_. **[Pasta de recortes de jornais, cartas e outros textos]**. Biblioteca da  
Academia Limoeirense de Letras. Limoeiro do Norte, 1980-2010.

\_\_\_\_\_. **[Pasta de recortes de jornais e outros textos]**. Biblioteca da Escola  
Normal Rural de Limoeiro do Norte. Limoeiro do Norte, 1990-2000.

7) JORNAIS E REVISTAS

*Adsum*: Revista Trimestral do Seminário Arquidiocesano de Fortaleza.  
Fortaleza, dezembro de 1957.

*Âncora*: Jornal da Juventude Católica de Messejana. Fortaleza, 1947-1953.

*Arauto*: Órgão interno do Seminário Cura D'Ars de Limoeiro do Norte. Ano VI,  
Edição de 20 Anos. Limoeiro do Norte, 1967.

*A Fortaleza*: Jornal da Federação dos Círculos Operários do Ceará. Fortaleza,  
1950 e 1951.

*A Noite Ilustrada*: Revista de grupo privado. Rio de Janeiro, 11 de abril de  
1939.

*Boletim Campus*: Jornal de Atividades do Campus Avançado de Limoeiro do Norte. Fundação Projeto Rondon; Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Prefeitura Municipal de Limoeiro do Norte. Londrina: Gráfica da UEL, junho de 1979 a dezembro de 1980.

*Correio do Ceará*: Órgão dos Diários Associados. Fortaleza, 1954-1967.

*Correio Rural*: Jornal da Ação Católica Rural. Rio de Janeiro: Secretariado Nacional da Ação Católica Brasileira, junho de 1950 e dezembro de 1951.

*Diário do Nordeste*: Jornal de grupo privado. Fortaleza, 1995.

*Diário Oficial da União*: Órgão Oficial da União. Rio de Janeiro, outubro de 1939 e abril de 1946.

*Diário Oficial do Estado do Ceará*: Órgão Oficial do Poder Executivo do Ceará. Fortaleza, 1937 e 1938.

*Folha de Histórias*: Jornal de estudantes da FAFIDAM. Limoeiro do Norte, outubro de 1995 a novembro de 1996.

*Folha de S. Paulo*: Jornal de grupo privado. São Paulo, 2002 e 2014.

*Gazeta de Notícias*: Jornal de grupo privado. Fortaleza, 1960.

*L'Ami du Clergé*: Revista eclesiástica francesa. Langres/France, 1949 a 1952.

*La Republica*: Jornal colombiano. Bogotá, 24 de outubro de 1957.

*O Cruzeiro*: Revista semanal de grupo privado (circulação nacional). Rio de Janeiro, 1928 a 1985.

*O Jaguaribe*: Jornal de grupo privado. Aracati, 1940 a 1955.

*O Nordeste*: Jornal da Arquidiocese de Fortaleza. Fortaleza, 1936 a 1967.

*O Povo*: Jornal de grupo privado. Fortaleza, 1963 a 2000.

*Placar*: Revista de grupo privado. São Paulo, 19 de agosto de 1977.

*Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1964 a 1967.

*The Missionary*. Revista protestante estadunidense. USA, novembro de 1890.

*Tribuna da Cidade*. Jornal de grupo privado. Apucarana-PR, setembro de 1979.

*Tribuna do Ceará*. Jornal de grupo privado. Fortaleza, 1976.

*Unitário*: Jornal de grupo privado. Fortaleza, 1960 a 1967.

8) DOCUMENTOS DATILOGRAFADOS E/OU MIMEOGRAFADOS

BESSA, Pompeu Bezerra (Dom, bispo). **Algo de uma História que deve ser contada**: a História do Hospital São Raimundo. Limoeiro do Norte, 1983, 11 p.

- \_\_\_\_\_. **Um Pouco da História da Rádio Educadora Jaguaribana Ltda.** Limoeiro do Norte, 28 de dezembro de 1984, 09 p.
- \_\_\_\_\_. **[Notas sobre a atuação do primeiro bispo da Diocese de Limoeiro do Norte]**. Limoeiro do Norte: década de 1980.
- \_\_\_\_\_. **[Relatórios das reuniões com a sociedade limoeirense sobre a situação da Rádio Educadora Jaguaribana]**. Limoeiro do Norte, 21 de dezembro de 1981 e 03 de fevereiro de 1982. Dois relatórios, 07 p.
- CASTELLO BRANCO, João Olímpio (Monsenhor, padre). **Prestação de contas de 15 anos à frente da Paróquia da Imaculada Conceição de Limoeiro do Norte, CE: 1973-1988.** Limoeiro do Norte, 1988.
- DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA FUNDAÇÃO DAS POVOAÇÕES DE TABOLEIRO DE AREIA, SÃO JOÃO E ALTO SANTO. Original manuscrito datado de 29 de maio de 1877, sem assinatura. Cópia datilografada por Meton Maia e Silva. Limoeiro do Norte, 15 de janeiro de 1951, 03 p.
- HISTÓRIA da Primeira Igreja Batista de Fortaleza. **[Documentos, depoimentos e fotografias]**. Fortaleza, década de 1950.
- MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **Sugestões do bispo da zona do Baixo e Médio Jaguaribe, dom Aureliano Matos, no 2º Encontro dos Bispos do Nordeste, em Natal (R. G. N.), 24 a 26 de maio de 1959.** Limoeiro do Norte, 20 de maio de 1959, 02 p.
- MEMORIAL DIRIGIDO AO EXMO. SR. D. MANUEL DA SILVA GOMES PELA COMISSÃO PRÓ-BISPADO DE LIMOIEIRO [Cópia]. Limoeiro do Norte, 22 de dezembro de 1936.
- MEMORIAL DO POVO DE LIMOIEIRO A S. EXCIA. DOM AURELIANO MATOS, PEDINDO A REALIZAÇÃO DO CONGRESSO EUCARÍSTICO DIOCESANO, POR OCASIÃO DO CENTENÁRIO DA IMACULADA CONCEIÇÃO, PADROEIRA DESTA DIOCESE [Original datilografado e assinado]. Limoeiro do Norte, 1951[?].
- MEMORIAL SOLICITANDO REVISÃO DO TRAÇADO DA BR-13. Remetido pelas autoridades de Limoeiro do Norte ao presidente da República, Jânio Quadros [Original, com telegrama de resposta datado de 20 mai. 1961]. Limoeiro do Norte, 12 de abril de 1961.

RELATÓRIO da Reunião com Pessoas da Sociedade Limoeirense sobre a Situação da Rádio Educadora Jaguaribana [Cópia mimeografada]. Limoeiro do Norte, 21 de dezembro de 1981.

SANTOS, Gesson Pereira. **[Histórico da Assembleia de Deus em Morada Nova]**. Morada Nova, 1994.

SILVA, Meton Maia e. **Dom Aureliano Matos [no Jubileu de Ouro de] Príncipe da Igreja de Cristo**. Limoeiro do Norte, 24 de setembro de 1990.

9) DOCUMENTOS ORIGINAIS DIGITADOS E/OU DIGITALIZADOS

DIOCESE DE LIMOEIRO DO NORTE. Cáritas Diocesana. **Histórico**. Limoeiro do Norte, 2014. Disponível na Instituição.

FERREIRA, Alan Maia. **Histórico da Assembleia de Deus em Limoeiro do Norte**. Limoeiro do Norte, 2010 (slides e texto em Word).

PAPA Pio XI. "Fortalexiensis ab archidioecesi fortalexiensi territorii pars seiungitur, ex qua dioecesis limoeirensis erigitur". **Acta Apostolicae Sedis**. Ano XXX, Série II, Vol. V, Nº 1. Roma: Tipografia do Vaticano, 1938, p. 334-6. Disponível em: [www.vatican.va/archive/aas/index\\_po.htm](http://www.vatican.va/archive/aas/index_po.htm).

PREFEITURA MUNICIPAL DE LIMOEIRO DO NORTE. Secretária de Educação. Escola Padre Joaquim de Menezes. **Histórico da Escola**. Limoeiro do Norte, 2010, 2011, 2013 e 2014 [quatro documentos]. Disponíveis na Escola.

## II. MATERIAL MANUSCRITO

1) LIVROS, PASTAS E VOLUMES DE ARQUIVOS

ARQUIDIOCESE DE FORTALEZA. **Comissão de Defesa dos Costumes**. Sala de História Eclesiástica do Ceará. Fortaleza, dezembro de 1943 a dezembro de 1944.

\_\_\_\_\_. **Livro de Avisos, Circulares, Portarias, Decretos de D. Antonio de Almeida Lustosa**. Fortaleza, 20 de novembro de 1941 a 31 de dezembro de 1945.

CÂMARA MUNICIPAL DE LIMOEIRO DO NORTE. **Livro de Atas de Sessões**, de 21/09/1953 a 27/03/1962. Limoeiro do Norte, 1953-1962.

- CENTRO EDUCACIONAL SÃO VICENTE DE PAULO. **Livro de Atas de Seção [das Reuniões] das Filhas de Maria Imaculada.** Limoeiro do Norte, 1962-1967.
- CÚRIA DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE. **Livro-caixa n.º 1:** assentamentos diversos da Diocese. Limoeiro do Norte, 03 de dezembro de 1937 a 07 de fevereiro de 1942.
- \_\_\_\_\_. **Circulares, Decretos, Atos, Cartas Pastorais etc.:** Livro 01. Limoeiro do Norte, 29 de setembro de 1940 a 15 de maio de 1958.
- \_\_\_\_\_. **Circulares, Decretos, Atos, Cartas Pastorais etc.:** Livro 02. Limoeiro do Norte, 15 de maio de 1958 a 15 de março de 1993.
- \_\_\_\_\_. **Livro da Cúria Diocesana de Limoeiro do Norte.** Volume 01 [Transcrição de Importantes Documentos e Sucintos Relatos da História da Diocese]. Limoeiro do Norte, 1998.
- EDUCANDÁRIO PADRE ANCHIETA. **Livro de Atas.** Limoeiro, 1938-1940. Arquivo Pessoal do Padre Pitombeira.
- IGREJA BATISTA DE ARACATI. **Livro de Atas de Reuniões.** Aracati, 1978-2009.
- IGREJA BATISTA DE LIMOEIRO DO NORTE. **Livro de Atas de Sessões.** Limoeiro do Norte, 1963-1975.
- IGREJA PRESBITERIANA DE FORTALEZA. **Livro de Atas do Conselho n.º 5.** Fortaleza, 1935-1942.
- \_\_\_\_\_. **Livro de Atas do Conselho n.º 7.** Fortaleza, 1948-1952
- IGREJA PRESBITERIANA DE RUSSAS. **Primeiro Livro de Atas do Conselho.** Russas, 1949-1966.
- \_\_\_\_\_. **Livro de Rol dos Membros Comungantes e Não comungantes.** Russas, 1949-1964.
- \_\_\_\_\_. **Livro de Atos Pastorais.** Russas, 1970-1984.
- PARÓQUIA DE ARACATI. **Livro de Tombo:** Quinto. Aracati, 1940-1950.
- \_\_\_\_\_. **Livro de Tombo:** Sétimo. Aracati, 1980.
- PARÓQUIA DE JAGUARIBE. **Livro de Ata das Filhas de Maria Imaculada e Associadas de Santa Teresinha.** Jaguaribe, 07 de maio de 1944 a 06 de maio de 1967.
- \_\_\_\_\_. **Livro de Tombo.** Jaguaribe, 1960-1970.
- \_\_\_\_\_. **Livro de Tombo.** Jaguaribe, 1970-2000.

PARÓQUIA DE LIMOEIRO DO NORTE. **Livro de Tombo**: Segundo. Limoeiro do Norte, 1964-1988.

PARÓQUIA DE MORADA NOVA. **Livro de Tombo**. Morada Nova, 1914-1983.

PARÓQUIA DE RUSSAS. **Livro de Tombo**: Quinto. Russas, 1904-1947.

\_\_\_\_\_. **Livro de Tombo**: Sétimo. Russas, 1955-1961.

\_\_\_\_\_. **Livro de Tombo**: Oitavo. Russas, 1961-1971.

PARÓQUIA DE TABULEIRO DO NORTE. **Livro de Tombo**: Primeiro. Tabuleiro do Norte, 1961-1980.

PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE FORTALEZA. **Livro de Atas [1]**. Fortaleza, 1944-1948.

\_\_\_\_\_. **Livro de Atas [2]**. Fortaleza, 1948-1951.

## 2) DIÁRIOS

FEIJÓ, Jane Eyre. **[Diário de Filmes Assistidos em Limoeiro do Norte e Fortaleza]**. Limoeiro do Norte/Fortaleza, outubro de 1964 a setembro de 1968, 28 p. Arquivo pessoal.

FREIRE, Edwilson S. **Diário de Campo de Visitas à Vila de Olho D'Água da Bica**. 1996-1998. Arquivo pessoal.

LEAL, Maria Gonçalves da Rocha. **[Diário da Escola Normal Rural de Limoeiro do Norte]**. Limoeiro do Norte, fevereiro de 1940 a outubro de 1948. Escola Normal Rural de Limoeiro do Norte-CE.

MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **[Diário de Anotações Doutrinárias de Dom Aureliano Matos]**. [s. l.], [193-?]. Arquivo da Cúria Diocesana de Limoeiro do Norte-CE.

\_\_\_\_\_. **Gestão episcopal**. Limoeiro, 1940. Caderno manuscrito, sem paginação. Arquivo da Cúria Diocesana de Limoeiro do Norte-CE.

## 3) CORRESPONDÊNCIAS

MATOS, Aureliano (Dom, bispo). **[Carta ao cel. José Jerônimo de Oliveira]**. Limoeiro do Norte, 1945[?] (03 p.). Arquivo da Cúria Diocesana de Limoeiro do Norte-CE.

SILVA, Meton Maia e. **Dados sobre o Rotary Club de Limoeiro do Norte**: memórias para o companheiro Dr. José Expedito. Fortaleza, 05 de agosto de 2003 (04 p.). Biblioteca da Academia Limoeirense de Letras (ALL).

4) ATAS E DOCUMENTOS AVULSOS

ATA DE INSTALAÇÃO E ABERTURA DO SEMINÁRIO DA DIOCESE DE LIMOEIRO DO NORTE. Limoeiro do Norte, 09 de fevereiro de 1947.

TERMO DE BÊNÇÃO DA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE. Limoeiro, 22 de fevereiro de 1885.

TERMO MEMORIAL DE BÊNÇÃO DA CAPELLA DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE, DA IMAGEM DO SENHOR BOM JESUS QUE SERVE NO ALTAR E DO ORNAMENTO E ALFAIAS DA MESMA CAPELLA. Olho d'Água de N. Senhora da Saúde, 11 de outubro de 1886.

TERMO MEMORIAL DE BÊNÇÃO DA PRIMEIRA PEDRA DA CAPELLA DE N. SENHORA DA SAÚDE NO SÍTIO, ATÉ ENTÃO DENOMINADO OLHO D'AGUA DA BICA. Olho d'Água de N. Senhora da Saúde, 08 de novembro de 1884.

5) DOCUMENTOS E TRABALHOS ESCOLARES

CARRAPETA. **Órgão Noticioso e Humorístico dos Estudantes da Escola Normal Rural de Limoeiro do Norte**. Setembro de 1942, dois trabalhos.

COLÉGIO DIOCESANO PADRE ANCHIETA. Secretaria. Diários de Classe, 1981.

COSTA, Vicente Teófilo da. **Versos da cheia de Orós**. Tabuleiro do Norte, 28 de março de 1960, 24 páginas manuscritas (literatura de cordel).

GRAUNA, A. **Órgão Noticioso e Humorístico do Curso Secundário da Escola Normal Rural de Limoeiro do Norte**. Setembro de 1942 e setembro de 1943, dois trabalhos.

INSTITUTO SANTO CURA D'ARS. **Caderneta Escolar de Francisco Luiz Castelo Branco**. Curso Primário/ Quarto Ano. Morada Nova, 1963.

LERO-LERO. **A Dom Aureliano a Mensagem dos 4º e 5º anos**. Setembro de 1942, um trabalho.

SOUSA, Misael A. de (Cônego, padre). (org.) [**Impressões da sagração do primeiro bispo de Limoeiro do Norte pelos alunos do Educandário Padre Anchieta, turma de 1940**]. Limoeiro do Norte: manuscrito, 05 de novembro de 1940, 25 p. (álbum ilustrado).

#### IV. MATERIAL AUDIOVISUAL

- 1) DEPOIMENTOS (gravações transcritas e questionários respondidos, via carta ou e-mail)

- a) Depoimentos Dados ao Autor

Nome do depoente, ano de nascimento, local e data da entrevista e suporte.

Caso o depoente tenha falecido antes da conclusão da pesquisa, o ano é informado.

ALEXANDRE NETO, João (1913). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 30 de dezembro de 2010. Gravação digital e transcrição. Falecido em 2013, aos 100 anos.

ALMEIDA, Jadiel Brandão de (1958). Correspondência respondida, entregue em mãos, em Limoeiro do Norte em 11 de junho de 2014. Questionário entregue em mãos e enviado via e-mail em 2010 e reenviado em 2013.

ALMEIDA, Pedro Moreira de (1920). Entrevista concedida em Tabuleiro do Norte, em 20 de novembro de 2014. Gravação digital e transcrição.

AMORIM, Joaquim Anastácio de (1927). Entrevistas concedidas (duas) em Limoeiro do Norte, em 01 de novembro de 2010 e 21 de setembro de 2013. Gravação digital e transcrição.

ASSIS, José Célio de (1928). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte, em 21 de novembro de 2014. Gravação digital e transcrição.

AZEVEDO, Miguel Ângelo de (1934) [Nirez]. Entrevista concedida em Fortaleza em 01 de março de 2012. Gravação digital e transcrição.

AZEVEDO, Rafael Sânzio de (1938). Entrevista concedida em Fortaleza em 01 de outubro de 2013. Gravação digital e transcrição.

BARBOSA, José Matos (1936). Entrevista concedida em Aracati em 27 de maio de 2014. Gravação digital e transcrição.

BARRETO, Hortência Maria Maia (1951). Entrevista concedida em Fortaleza em 12 de novembro de 2011. Gravação digital e transcrição.

BONI, Paulo César (1958). Entrevista concedida em Londrina-PR em 17 de outubro de 2015. Gravação digital e transcrição.

BRITO, Maria Mazú de (1928). Entrevista concedida em Jaguaribe, em 13 de junho de 2014. Gravação digital e transcrição.



CARNEIRO, Pedro Eugênio Guimarães (1950). Entrevista concedida em Fortaleza em 06 de março de 2015. Gravação digital e transcrição.

CARVALHO, Manuel Diomedes de (1927) [Monsenhor, padre]. Entrevista concedida em Quixeré em 04 de fevereiro de 2012. Gravação digital e transcrição.

CASTELO BRANCO, Francisco Luiz (1948). Entrevista concedida em Fortaleza em 13 de março de 2015. Gravação digital e transcrição.

CASTELLO BRANCO, João Olímpio (1938) [Monsenhor, padre]. Entrevistas concedidas (duas) em Flores, Russas, em 11 de dezembro de 2010 e 11 de junho de 2014. Gravação digital e transcrição.

CASTRO, Beatriz Freitas de (1922). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 23 de setembro de 2013. Gravação digital e transcrição.

CASTRO, Iolanda Freitas de (1945). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 18 de março de 2011. Gravação digital e transcrição.

CASTRO, Luzanira Holanda de (1937). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 22 de dezembro de 2011. Gravação digital e transcrição.

CHAVES, Alcides Monteiro (1929). Entrevista concedida em Tabuleiro do Norte em 01 de novembro de 2010. Gravação digital e transcrição.

CHAVES, Iara Faheina (1939). E-mails trocados entre Fortaleza e Pacajús entre 03 e 04 de junho de 2015. Textos digitados e conferidos pela depoente.

CHAVES, Maria do Carmo Gadelha (1945). Entrevista concedida em Fortaleza em 07 de abril de 2015. Gravação digital e transcrição.

CHAVES, Maria Maurício (1924). Entrevista concedida em Tabuleiro do Norte em 08 de dezembro de 2010. Gravação digital e transcrição.

CHAVES, Raimunda Gadelha (1937). Entrevista concedida em Tabuleiro do Norte em 01 de janeiro de 2011. Gravação digital e transcrição.

COSTA, Eliezer Rodrigues da (1934). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 18 de fevereiro de 2015. Gravação digital e transcrição.

COSTA, Pedro Gomes da (1921). Entrevista concedida em Tabuleiro do Norte em 31 de dezembro de 2010. Gravação digital e transcrição. Falecido em 2014, aos 93 anos.

COSTA, Raimundo Nonato da (1931). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 26 de setembro de 2013. Gravação digital e transcrição.

CRUZ, Manuel Edmilson da (1924) [Dom, bispo]. Entrevistas concedidas (quatro) em Fortaleza em 17 e 23 de outubro de 2009 e 18 de fevereiro e 31 de março de 2011. Gravação digital e transcrição.

DIAS, Antenor Bezerra (1927) [Reverendo, pastor]. Entrevistas concedidas (duas) em Russas em 30 de novembro de 2010 e 15 de agosto de 2011. Gravação digital e transcrição.

EDUARDO, João Eckner (1934). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 10 de outubro de 2014. Gravação digital e transcrição.

FAHEINA, Nelson Ferreira (1943). E-mails trocados entre Fortaleza e Mulungu em 19 de fevereiro de 2014. Texto digitado e conferido pelo depoente.

FALCÃO, José Freire (1925) [Cardeal]. Correspondência trocada entre Fortaleza e Brasília entre 2009 e 2011. Questionários enviados em 28 de agosto de 2009 (primeiro), 11 de novembro de 2009 (segundo), 24 de dezembro de 2009 (terceiro) e 06 de fevereiro de 2011 (quarto e último). Textos digitados pelo depoente.

FIGUEIREDO, Djacir Gurgel de (1931). Entrevista concedida em Fortaleza em 06 de outubro de 2011. Gravação digital e transcrição.

FIGUEIREDO, Djairo Guedes de (1934). Entrevista concedida em Fortaleza em 18 de agosto de 2011. Gravação digital e transcrição.

FRANÇA, Maria Florinda de (1925). Correspondência respondida, entregue em mãos, em Limoeiro do Norte em 09 de fevereiro de 2015.

FREITAS, Maria das Dores Vidal (1942) [Bazinha]. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 18 de fevereiro de 2012. Gravação digital e transcrição.

FREITAS, Maurilo Maia de (1957). E-mails trocados entre Franca e Limoeiro do Norte entre 19 e 25 de agosto de 2015. Texto digitado e conferido pelo depoente.

GONÇALVES, Francisco Jay (1939). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 22 de dezembro de 2011. Gravação digital e transcrição.

GRANJA, Jane Eyre Feijó (1948). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 10 de fevereiro de 2015. Gravação digital e transcrição.

GUERREIRO, José Maia (1953). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 09 de fevereiro de 2013. Gravação digital e transcrição.

GUIMARÃES, Jorge Alan Pinheiro (1961). E-mails trocados em Fortaleza entre 13 e 18 de janeiro de 2015 (primeiro questionário) e entre 15 e 28 de junho de 2015 (segundo questionário). Texto digitado e conferido pelo depoente.

GURGEL, Maria Clarice Ramalho de Matos (1924). Entrevista concedida em Fortaleza em 25 de março de 2011. Gravação digital e transcrição.

HARING, José (1940) [Dom, bispo]. Entrevistas concedidas (duas) em Limoeiro do Norte em 12 de outubro de 2009 e 02 de outubro de 2010. Gravação digital e transcrição.

HOLANDA, Antônio Nilson Craveiro (1935). Entrevista concedida em Brasília-DF em 22 de novembro de 2013. Gravação digital e transcrição. Falecido em 2015, aos 80 anos.

HOLANDA, Francisco Ariosto (1938). Entrevista concedida em Fortaleza em 31 de maio de 2013 e e-mails trocados entre Fortaleza e Brasília em 19 e 21 de setembro de 2013. Gravação digital, transcrição e texto digitado pelo depoente.

LIMA, Alda Torres de (1930). Entrevista concedida em Russas em 28 de fevereiro de 2013. Gravação digital e transcrição.

LIMA VERDE, Ari Santiago (1935). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 25 de setembro de 2013. Gravação digital e transcrição.

LOPES, Abel Ferreira (1943). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 18 de março de 2011. Gravação digital e transcrição.

LUCENA, José Maria de Oliveira (1945). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 08 de março de 2014. Gravação digital e transcrição.

LUZ, Oswaldo da Silva (1933). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 15 de março de 2011. Gravação digital e transcrição.

MAIA, Avani Fernandes (1935). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 26 de dezembro de 2011. Gravação digital e transcrição.

MAIA, Clevandira Chaves (1944). Entrevista concedida em Fortaleza em 28 de outubro de 2013. Gravação digital e transcrição.

MAIA, Gumerindo Cláudio (1920). Entrevista concedida em Tabuleiro do Norte em 22 de maio de 2005. Gravação em fita K-7 e transcrição (documento inédito). Depoente falecido em 2006, aos 86 anos.

MAIA, Jesus Guimarães (1927). Entrevista concedida em Tabuleiro do Norte em 08 de dezembro de 2010. Gravação digital e transcrição. Depoente falecido em 2012, aos 85 anos.

MAIA, José Amirto Nunes (1930). Entrevistas concedidas (duas) em Limoeiro do Norte em 07 de março de 2011 e 14 de março de 2014. Gravação digital e transcrição. Falecido em 2015, aos 85 anos.

MAIA, Luciano Nunes (1949). Entrevista concedida em Fortaleza em 14 de maio de 2011. Gravação digital e transcrição.

MAIA, Maria do Carmo (1944). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 21 de junho de 2015. Gravação digital e transcrição.

MAIA, Olímpio Agostinho (1914). Entrevista concedida em Tabuleiro do Norte em 07 de dezembro de 2010. Gravação digital e transcrição.

MAIA, Virgílio Nunes (1954). Entrevista concedida em Fortaleza em 26 de fevereiro de 2011. Gravação digital e transcrição.

MAIA FILHO, Napoleão Nunes (1945). Entrevistas concedidas (duas) em Fortaleza em 28 de dezembro de 2010 e 06 de janeiro de 2011. Gravação digital e transcrição.

MALVEIRA, Gerardo Nunes (1928). Entrevista concedida em Tabuleiro do Norte em 26 de março de 1998. Gravação em fita K-7 e transcrição. Depoente falecido em 2003, aos 75 anos.

MARTINS, Othoniel Silva (1930) [Reverendo, pastor]. Entrevistas concedidas (duas) em Fortaleza em 02 e 15 de novembro de 2011. Gravação digital e transcrição.

MATOS, Maria José Costa (1929). Entrevista concedida em Brasília-DF em 22 de novembro de 2013. Gravação digital e transcrição.

MELO, Eurico Vieira de (1921). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 03 de janeiro de 2011. Gravação digital e transcrição. Depoente falecido em 2015, aos 94 anos.

MELO, Máiquel Sampaio de (1982). E-mails trocados entre Fortaleza (Ceará, Brasil) e Washington (DC, EUA) entre 15 de setembro de 2009 e 18 de julho de 2010. Texto digitado e conferido pelo depoente.

MENDES, Raimundo Nonato (1931). Entrevista concedida em Maracanaú em 17 de outubro de 2013. Gravação digital e transcrição.

MORAIS, José Francisco de (1934) [Reverendo, pastor]. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 18 de fevereiro de 2012. Gravação digital e transcrição.

MOURA, José Edilbenes Bezerra de (1972). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 07 de dezembro de 2010. Gravação digital e transcrição.

NASCIMENTO, Francisco Moreira Peixoto do (1948). Entrevista concedida em Jaguaribe em 11 de fevereiro de 2013. Gravação digital e transcrição.

NASCIMENTO, Simão Rodrigues do (1926). Entrevista concedida em Maracanaú em 13 de maio de 2013. Gravação digital e transcrição.

NUNES, Antônio Pergentino (1929). Entrevistas concedidas (duas) em Fortaleza em 04 de setembro de 2010 e 21 de dezembro de 2013. Gravação digital e transcrição.

OLIVEIRA, Gerardo Lucena de (1931). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 12 de julho de 2013. Gravação digital e transcrição. Falecido em 2014, aos 83 anos.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de (1941) [Reverendo, padre]. Entrevistas concedidas (duas) em Fortaleza em 04 e 14 de dezembro de 2010. Gravação digital e transcrição.

OLIVEIRA, Maria Lenira de (1944). E-mails trocados entre Franca e Limoeiro do Norte (primeiro questionário) entre 16 e 18 de outubro de 2012 e entre Fortaleza e Limoeiro do Norte (segundo questionário) entre 29 e 31 de outubro de 2013. Textos digitados e conferidos pela depoente.

PEREIRA, Maria Margarida Costa (1945). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 23 de junho de 2015. Gravação digital e transcrição.

PEREIRA FILHO, Antero (1946). Entrevista concedida em Aracati em 13 de maio de 2014. Gravação digital e transcrição.

PINHEIRO, Francisco Irajá (1944). Entrevistas concedidas (duas) em Limoeiro do Norte em 29 de outubro de 2010 e 08 de fevereiro de 2013. Gravação digital e transcrição.

PITOMBEIRA, Francisco de Assis (1927) [Reverendo, padre]. Entrevistas concedidas (dez) em Limoeiro do Norte nas seguintes datas: a) Questionário Graduação: março de 1994; b) Questionário Mestrado: 20 de março de 1998; c) Questionários Doutorado: 05 e 13 de fevereiro, 20 e 29 de julho e 02 e 28 de outubro de 2010; 06 de fevereiro de 2012. Gravação

em fita K-7 (1994 e 1998), gravação digital (as demais) e transcrição (todas as entrevistas).

PITOMBEIRA, Francisco de Assis (1944). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 22 de dezembro de 2011. Gravação digital e transcrição.

ROCHA, Álvaro de Oliveira (1937). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 10 de outubro de 2014. Gravação digital e transcrição.

SANTIAGO, José Mauro Ramalho de Alarcon e (1925) [Dom, bispo]. Entrevistas concedidas (duas) em Fortaleza em 02 de fevereiro e 23 de setembro de 2011. Gravação digital e transcrição.

SANTOS, Luiz Alcides dos (1933). Entrevista concedida em Tabuleiro do Norte em 30 de dezembro de 2010. Gravação digital e transcrição. Depoente falecido em 2012, aos 79 anos.

SARAIVA, José Flávio Sombra (1960). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 26 de dezembro de 2011. Gravação digital e transcrição.

SILVA, Antônio Batista da (1941). Entrevista concedida em Tabuleiro do Norte em 23 de agosto de 2011. Gravação digital e transcrição.

SILVA, Antônio Zeudo Coelho (1942). Entrevista concedida em Limoeiro do Norte em 07 de março de 2014. Fala taquigrafada.

SILVA, Maria de Lurdes dos Santos (1943). Entrevista concedida em Russas em 27 de setembro de 2013. Gravação digital e transcrição.

SILVA, Meton Maia e (1920). Entrevistas concedidas (sete) em Fortaleza em 31 de janeiro e 27 de novembro de 2010; 15 de fevereiro de 2013; 25 de fevereiro, 02 de maio, 28 de outubro e 25 de novembro de 2014. Gravação digital e transcrição.

SILVA, Ogarita Marta da Costa (1952). Entrevista concedida em Russas em 28 de setembro de 2013. Gravação digital e transcrição.

SILVA, Olívia Elisete de Freitas e (1922). Entrevista concedida em Fortaleza em 01 de julho de 2015. Gravação digital e transcrição.

SILVA, Raimundo Solon da (1929) [Reverendo, pastor]. Entrevista concedida em Fortaleza em 19 de maio de 2014. Gravação digital e transcrição.

TORRECILLAS, Devanir Parra (1958). Entrevista concedida em Londrina-PR em 16 de outubro de 2015. Gravação digital e transcrição.

TORRES, Geralda Costa (1924). Entrevistas concedidas (duas) em Fortaleza em 31 de outubro de 2012 (intermediação de João Helson Franklin, neto da depoente) e 15 de dezembro de 2012. Gravação digital e transcrição.

b) Depoimentos Dados a Outros Pesquisadores

GUIMARÃES, Francisco Possidônio [Chico Cazuza]. Entrevista concedida em Limoeiro do Norte-CE ao padre João Olímpio Castello Branco, em 1995[?].

PITOMBEIRA, Felícia Remígio. Entrevista concedida em Fortaleza-CE ao jornalista Meton Maia e Silva, em 03 de novembro de 1988.

c) Depoimentos Dados a Instituições Acadêmicas

CASTRO FILHO, Manoel de. Entrevista ao Núcleo de Documentação Cultural (NUDOC) da Universidade Federal do Ceará, concedida em Fortaleza-CE, em 30 de agosto de 1983 (Fitas 01 a 03). Entrevistadores: Francisco Moreira Ribeiro e Glória Maria Diógenes de Carvalho. Texto transcrito.

CHAVES, Franklin Gondim. Entrevista ao Núcleo de Documentação Cultural (NUDOC) da Universidade Federal do Ceará, concedida em Fortaleza-CE, em 21 de março de 1984 (Fitas 01 e 02). Entrevistadores: Izelda Rocha Almeida e Francisco Moreira Ribeiro. Áudio e texto transcrito.

HOLANDA, Antônio Nilson Craveiro. Entrevista ao Núcleo de Documentação Cultural (NUDOC) da Universidade Federal do Ceará, concedida em Fortaleza-CE, em 10 de agosto de 1976 (Fita única). Entrevistadora: Luciara Silveira de Aragão e Frota. Texto transcrito.

LIMA, Lauro de Oliveira. Entrevista ao Núcleo de Documentação Cultural (NUDOC) da Universidade Federal do Ceará, concedida no Rio de Janeiro-RJ, em 05 de outubro de 2002 (Fitas 01 a 05). Entrevistador: Francisco Moreira Ribeiro. Texto transcrito.

2) ÁLBUNS FONOGRAFICOS

GONÇALVES, Nelson. **A camisola do dia**. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1953. 1 disco sonoro: lado B (3min17seg), 78rpm, estéreo, 05 pol.

3) ATLAS E MAPAS

ATLAS LINGUÍSTICO DO CEARÁ. José Rogério Fontenele Bessa (Coord.).  
Fortaleza: Edições UFC, 2010 (vol. 1, il., 256 p.).

4) PLACAS E MONUMENTOS

BR-116 TRECHO RUSSAS-ICÓ. Placa fixada à margem da rodovia pelo  
Ministério dos Transportes/DNER (Departamento Nacional de Estradas de  
Rodagem). Jaguaribe-CE: 15 de janeiro de 1969. Fotografia do autor.

PE. SEBASTIÃO MARLENO ALEXANDRE. Placa fixada na Igreja matriz de  
Morada Nova-CE: sem data. Fotografia do autor.

5) FILMES E DOCUMENTÁRIOS

CINE Holliúdy. Direção, roteiro e produção: Halder Gomes. Paris Filmes, 2013.  
1 disco (91min), DVD: son., color.

MEIA-NOITE em Paris. Direção e roteiro: Woody Allen. Produção: Letty  
Aronson, Stephen Tenenbaum e Jaume Roures. Sony Pictures Classics,  
2011. 1 disco (100min), DVC: son., color. (Título original: *Midnight in  
Paris*).

## V. MATERIAL VIRTUAL

1) BLOGS PESQUISADOS

BATISTA MARANATA TAUBATÉ. **Biografia do missionário Guilherme  
Griffin**. [Blog da Igreja Batista Maranata em Taubaté-SP]. Disponível em  
[http://batista-maranata.blogspot.com.br/2012/02/biografia-do-missionario-  
guilherme.html](http://batista-maranata.blogspot.com.br/2012/02/biografia-do-missionario-guilherme.html). Visualizado em 27 de fevereiro de 2015.

FREITAS, Maurilo. **História Política de Limoeiro do Norte**. Disponível em:  
<http://maurilofreitas.blogspot.com.br>. Visualizado em janeiro de 2015.

PITOMBEIRA, Francisco de Assis (Padre). **Padre Pitombeira – 80 Anos**.  
Disponível em: <http://padrepitombeira80anos.blogspot.com.br>. Visualizado em  
dezembro de 2014.

2) SITES VISITADOS

[www.bn.br](http://www.bn.br);

[www.casadaculturadearacati.org.br](http://www.casadaculturadearacati.org.br);



[www.diaconia.org.br](http://www.diaconia.org.br);  
[www.dnocs.gov.br](http://www.dnocs.gov.br);  
[www.drauziovarella.com.br](http://www.drauziovarella.com.br);  
[www.educas.com.br/blog](http://www.educas.com.br/blog);  
[www.escolanormal.com.br](http://www.escolanormal.com.br);  
[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br);  
[www.jeep.com.br](http://www.jeep.com.br);  
[www.jusbrasil.com.br/diarios](http://www.jusbrasil.com.br/diarios);  
[www.meb.org.br/#home](http://www.meb.org.br/#home);  
[www.memoriaglobo.globo.com](http://www.memoriaglobo.globo.com);  
[www.museujaguaribano.org.br](http://www.museujaguaribano.org.br);  
[www.pauloafonso.ba.gov.br](http://www.pauloafonso.ba.gov.br);  
[www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br);  
[www.portal.ceara.pro.br](http://www.portal.ceara.pro.br);  
[www.portalfeb.com.br](http://www.portalfeb.com.br);  
[www.sudene.gov.br](http://www.sudene.gov.br);  
[www.vatican.va/archive/aas/index](http://www.vatican.va/archive/aas/index);  
[www2.ipece.ce.gov.br](http://www2.ipece.ce.gov.br).

## **VI. ARQUIVOS CONSULTADOS**

### **1) ARQUIVOS INSTITUICIONAIS**

Academia Limoeirense de Letras – ALL/Biblioteca Francisco de A. Carneiro.  
Limoeiro do Norte-CE.

Arquidiocese de Fortaleza/Sala de História Eclesiástica do Ceará. Fortaleza-CE.

Arquivo do jornal *Tribuna do Norte*. Apucarana-PR.

Arquivo Público do Estado do Ceará. Fortaleza-CE.

Associação Cearense de Imprensa – ACI/Biblioteca César Teles  
Magalhães/Hemeroteca José Oswaldo de Araújo. Fortaleza-CE.

Associação dos Ex-Combatentes do Brasil. Seção do Ceará. Fortaleza-CE.

Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira  
(ANVFEB). Seção do Ceará. Museu. Fortaleza-CE.

Biblioteca de Artes Visuais Josias Benício de Sampaio. Fortaleza-CE.

Biblioteca do CVT/CENTEC de Limoeiro do Norte. Limoeiro do Norte-CE.

Biblioteca Municipal Professor Anacleto. Morada Nova-CE.

Biblioteca Pública Menezes Pimentel. Fortaleza-CE.

Biblioteca Pública Municipal Dimas Guedes Patriota. Tabuleiro do Norte-CE.

Biblioteca Pública Municipal João Eduardo Neto. Limoeiro do Norte-CE.

Câmara Municipal de Limoeiro do Norte. Limoeiro do Norte-CE.

Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte-CE.

Centro Cultural e Museu Padre Pedro de Alcântara. Russas-CE.

Centro Educacional São Vicente de Paulo/Secretaria. Limoeiro do Norte-CE.

Colégio Diocesano Padre Anchieta/Biblioteca/Secretaria. Limoeiro do Norte-CE.

Convenção Batista do Ceará. Fortaleza-CE.

Cúria Diocesana de Limoeiro do Norte-CE.

Escola de Ensino Fundamental e Médio Lauro Rebouças de Oliveira/Biblioteca/Secretaria. Limoeiro do Norte-CE.

Escola de Ensino Médio Arsênio Ferreira Maia/Secretaria. Limoeiro do Norte-CE.

Escola Municipal Padre Joaquim de Menezes/Secretaria. Limoeiro do Norte-CE.

Escola Normal Rural de Limoeiro do Norte/Biblioteca/Museu. Limoeiro do Norte-CE.

Faculdade Católica de Fortaleza/Biblioteca. Fortaleza-CE.

Igreja Assembleia de Deus de Jaguaribe-CE.

Igreja Assembleia de Deus de Limoeiro do Norte-CE.

Igreja Assembleia de Deus de Morada Nova-CE.

Igreja Assembleia de Deus de Tabuleiro do Norte-CE.

Igreja Batista de Aracati-CE.

Igreja Batista de Limoeiro do Norte-CE.

Igreja Presbiteriana de Fortaleza-CE.

Igreja Presbiteriana de Russas-CE.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE: (1) Supervisão de Documentação e Disseminação de Informações/Biblioteca. Fortaleza-CE; (2) Agência do IBGE de Limoeiro do Norte-CE.

Instituto do Ceará – Histórico, Geográfico e Antropológico. Fortaleza-CE.

Instituto Museu Jaguaribano. Aracati-CE.

Museu da Imagem e do Som do Ceará – MIS/CE. Fortaleza-CE.

Museu de Arte Sacra da Catedral Diocesana de Limoeiro do Norte-CE.

Museu do Açude Castanhão. Alto Santo-CE.

Museu do Vaqueiro. Morada Nova-CE.

Paróquia de Aracati-CE.

Paróquia de Flores/Russas-CE.

Paróquia de Itapipoca-CE.

Paróquia de Jaguaribe-CE.

Paróquia de Limoeiro do Norte-CE.

Paróquia de Morada Nova-CE.

Paróquia de Russas-CE.

Paróquia de Tabuleiro do Norte-CE.

Primeira Igreja Batista de Fortaleza-CE.

Seminário Cura D’Ars de Limoeiro do Norte/Biblioteca. Limoeiro do Norte-CE.

Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Limoeiro do Norte. Limoeiro do Norte-CE.

Tribunal de Justiça do Ceará/Biblioteca Des. Jaime de Alencar Araripe. Fortaleza-CE.

Universidade de Brasília – UnB/Biblioteca Central. Brasília-DF.

Universidade Estadual de Londrina – UEL/Biblioteca Central/Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Coordenadoria de Comunicação Social (COM). Londrina-PR.

Universidade Estadual do Ceará – UECE/Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM/Biblioteca Cônego Misael Alves de Souza/Sala das Coordenações. Limoeiro do Norte-CE.

Universidade Estadual Paulista – UNESP/Biblioteca da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Franca-SP.

Universidade Federal do Ceará – UFC/Biblioteca do Centro de Humanidades/Núcleo de Documentação Cultural (NUDOC). Fortaleza-CE.

## 2) ARQUIVOS PARTICULARES

ALMEIDA, Pedro Moreira de. Comendas e documentos. Tabuleiro do Norte-CE.

ANDRADE, Sivaldo Carneiro de. Livros manuscritos e folhetos raros, documentos, fotografias, flâmulas e objetos sacros. Morada Nova-CE.

AZEVEDO, Miguel Ângelo de. Arquivo Nirez. Fortaleza-CE.

BARBOSA, Evaldo de Paula. Histórico da Assembleia de Deus em Itaíçaba. Jaguaribe-CE.

BOMFIM JÚNIOR, Roberto Severiano. Livros e documentos. Fortaleza-CE.

BORGES, Donaldo de Assis. Biblioteca. Franca-SP.

BRITO, Maria Mazú de. Documentos da História da Assembleia de Deus em Jaguaribe-CE e biografia de seu pai [Pr. Pedro Ivo]. Jaguaribe-CE.

CASTELO BRANCO, Francisco Luiz. Caderneta Escolar do Instituto Santo Cura D'Ars e fotografias antigas. Fortaleza-CE.

CASTELLO BRANCO, João Olímpio [Monsenhor, padre]. Livros e documentos diversos. Flores/Russas-CE.

CASTRO, Iolanda Freitas de. Panfletos do Comitê de Defesa de Limoeiro do Norte, 1957. Limoeiro do Norte-CE.

FERREIRA, Alan Maia. Histórico da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Limoeiro do Norte (slides e texto em Word). Limoeiro do Norte-CE, 2010.

FERREIRA NETO, Cicinato. Livros e documentos. Tabuleiro do Norte-CE.

FREITAS, Maurilo Maia de. Documentos e fotografias. Limoeiro do Norte-CE.

FREITAS, Maury Oliveira. Documentos do Centro Educacional São Vicente de Paulo. Limoeiro do Norte-CE.

GADELHA, Francisca Francineuda Maia. Folhetos lançados de aviões nas cidades inundadas pela enchente do Orós, em 1960. Tabuleiro do Norte-CE.

GUEIROS, Samuel. Biblioteca de livros raros. Fortaleza-CE.

HORN, Helnine Cortez. Biblioteca de livros raros. Fortaleza-CE.

LIMA, Lauro de Oliveira. Pasta História Eclesiástica do Ceará e da Diocese de Limoeiro do Norte. Década de 1990. Pasta em posse do padre Francisco de Assis Pitombeira. Limoeiro do Norte-CE.

MAIA, Aristófares Xavier. Informações técnicas e sanitárias do município. Tabuleiro do Norte-CE.

MAIA, Jesus Guimarães. Fotografias da enchente do Orós, em 1960. Tabuleiro do Norte-CE.

- MAIA, José Amirto Nunes. Fotografias da década de 1960. Limoeiro do Norte-CE.
- MAIA, Maria Edleuza. Cadernos Pastorais da Regional Nordeste I da CNBB e documentos diversos. Limoeiro do Norte-CE.
- MAIA, Virgílio Nunes. Livros e documentos. Fortaleza-CE.
- MARTINS, Othoniel Silva [Reverendo, pastor]. Biblioteca de livros raros. Fortaleza-CE.
- MATOS, Maria José Costa. Fotografias. Brasília-DF.
- MENEZES, Maria José de França. Documentos reunidos para Trabalho de Conclusão de Curso, em 2003. Limoeiro do Norte-CE.
- OLIVEIRA, Maria Lenira de. Livros e documentos. Limoeiro do Norte-CE.
- PITOMBEIRA, Francisco de Assis [Reverendo, padre]. Documentos diversos dos bispos dom Aureliano Matos e dom Pompeu Bezerra Bessa, e do cônego Misael Alves de Sousa. Limoeiro do Norte-CE.
- PRADO, Abimael [Reverendo, pastor]. Revista *The Missionary*. Fortaleza-CE.
- SANTOS, Márcia Rita Araújo. Documentos reunidos para Trabalho de Conclusão de Curso, em 1997. Fortaleza-CE.
- SILVA, Meton Maia e. Fotografias, documentos avulsos e pastas de recortes de jornais. Fortaleza-CE.
- SILVA, Ogarita Marta da Costa. Folhetos e cordéis. Russas-CE.
- SOUZA, Benedita. Literatura de cordel do Sr. Vicente Teófilo da Costa (1960). Tabuleiro do Norte-CE.
- TORRECILLAS, Devanir Parra. Fotografias do Vale do Jaguaribe (setembro de 1980). Londrina-PR.
- TORRES, Geralda Costa. Livretos, folhetos e panfletos distribuídos pela Arquidiocese de Fortaleza nas igrejas da cidade. Fortaleza-CE.

## **APÊNDICES**



## **DADOS BIOGRÁFICOS DE DOM AURELIANO MATOS**

Aureliano Joaquim de Matos nasceu em Itapajé (Ceará), em 17 de junho de 1889, poucos meses antes da proclamação da República no Brasil. Nono filho do casal Joaquim Alexandre de Matos (coronel) e Josefa Rodrigues de Matos (dona de casa), o garoto Aureliano teve como tutor de preparação, para o seminário, o professor João Ribeiro Pessoa Montenegro Filho, ao mesmo tempo em que era instruído em latim pelo vigário da cidade natal, monsenhor Filomeno do Monte Coelho.

Ingressou no Seminário da Prainha, em Fortaleza, no início do século XX, em 1906, ainda um adolescente de dezessete anos, sendo ordenado em 1914, pelo então bispo diocesano do Ceará, dom Manuel da Silva Gomes. Sua primeira paróquia foi Pentecoste (CE), onde enfrentou a seca de 1915. Em 1917 foi transferido para uma região de clima mais ameno, Arraial, hoje Uruburetama (CE), onde passou dez anos. Em 1927, assumiu a paróquia de Itapipoca (CE), até 1940, quando foi escolhido para ser o primeiro bispo da diocese de Limoeiro do Norte, criada em 1938, posição que assumiu até seu falecimento, em 19 de agosto de 1967, na mesma cidade.

Segundo meus depoentes, a experiência anterior de vigário do sertão fez do clérigo Aureliano um homem precavido. Tendo sido sempre um “pastor de almas sofredoras”, de um povo acostumado ao clima hostil, à instabilidade climática (uma estiagem podia ser antecedida por uma cheia), à fome, ao abandono do poder público, dom Aureliano incutiria na população o desejo de que era possível viver melhor, progredir, sem “vender a alma” ao demônio do neopaganismo, a modernidade. Como “educador do povo”, fomentava o cultivo de hábitos de independência alimentar, sugerindo que cada família tivesse seu pomar e sua horta próprios, tal como ele mesmo fez no Palácio Episcopal.



**a) Dados biográficos de dom Aureliano Matos, em ordem cronológica**

| Ano  | Dado biográfico                                                                                                                                                                                                                                   |
|------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1889 | Nasce na antiga freguesia de São Francisco (hoje Itapajé), no dia 17 de junho                                                                                                                                                                     |
|      | Batizado na matriz de São Francisco, no dia 28 de julho                                                                                                                                                                                           |
| 1906 | Ingressa no Seminário da Prainha de Fortaleza, no dia 11 de março (aos 17 anos), onde cursou Filosofia e Teologia                                                                                                                                 |
| 1911 | Recebe a Tonsura, no dia 30 de novembro                                                                                                                                                                                                           |
| 1912 | Recebe as Ordens Menores, no dia 30 de novembro                                                                                                                                                                                                   |
| 1913 | Recebe o Subdiaconato, no dia 30 de novembro                                                                                                                                                                                                      |
| 1914 | Recebe o Diaconato, no dia 17 de maio                                                                                                                                                                                                             |
|      | Recebe o Presbiterato, no dia 30 de novembro, por imposição de mãos do então bispo diocesano dom Manuel da Silva Gomes                                                                                                                            |
|      | Cantou sua primeira missa ("missa nova"), no dia 08 de dezembro, na matriz de Itapajé                                                                                                                                                             |
| 1915 | Empossado vigário em Pentecostes, no dia 21 de março; ano de seca                                                                                                                                                                                 |
| 1917 | Empossado vigário em Uruburetama, no dia 28 de janeiro                                                                                                                                                                                            |
| 1927 | Empossado vigário em Itapipoca, no dia 25 de fevereiro                                                                                                                                                                                            |
| 1937 | Enfrenta demorada provação em decorrência da seca. A cidade de Itapipoca é invadida por levas de flagelados e famintos, no início de fevereiro                                                                                                    |
| 1939 | Celebra seu jubileu de prata de ordenação sacerdotal, no dia 30 de novembro                                                                                                                                                                       |
| 1940 | Eleito pelo Vaticano o primeiro bispo da Diocese de Limoeiro; bula de eleição assinada no dia 30 de janeiro e expedida no dia 08 de fevereiro                                                                                                     |
|      | Toma posse do bispado jaguaribano, por meio de procuração em nome do padre Otávio de Alencar Santiago, no dia 25 de agosto                                                                                                                        |
|      | Sagrado bispo na sede da Diocese de Limoeiro, no dia 29 de setembro                                                                                                                                                                               |
|      | Publica sua primeira Carta Pastoral, no dia 29 de setembro                                                                                                                                                                                        |
| 1941 | Publica sua segunda Carta Pastoral, no dia 12 de junho                                                                                                                                                                                            |
| 1943 | Publica sua terceira Carta Pastoral, no dia 29 de setembro                                                                                                                                                                                        |
| 1954 | Publica sua quarta Carta Pastoral, no dia 29 de maio                                                                                                                                                                                              |
| 1964 | Celebra suas bodas de ouro de ordenação sacerdotal, no dia 30 de novembro                                                                                                                                                                         |
| 1965 | Publica sua quinta Carta Pastoral, no dia 02 de fevereiro                                                                                                                                                                                         |
|      | Publica sua sexta Carta Pastoral, no dia 29 de setembro                                                                                                                                                                                           |
|      | Celebra suas bodas de prata de sagração episcopal (25 anos de bispado), no dia 29 de setembro                                                                                                                                                     |
| 1967 | Sagração episcopal de dom José Freire Falcão, escolhido pela Santa Sé como bispo coadjutor com direito à sucessão de dom Aureliano, no dia 17 de junho, natalício do bispo titular. Dom Aureliano pediu um coadjutor e recebeu também um sucessor |
|      | Falece em seu quarto, no Palácio Episcopal, cercado por familiares e pelo médico Álvaro Rocha, que cuidou do bispo durante sua enfermidade de mais de vinte dias. Falecimento no dia 19 de agosto; sepultamento na catedral no dia 20 de agosto   |

Fontes: *O Nordeste* (1936-1940); *Correio do Ceará* (25 ago. 1944); MONTENEGRO (2007).

**b) Paróquias criadas em seu bispado**

Em ordem cronológica de criação:

- Alto Santo: Menino Jesus, em 29 de setembro de 1941;
- Itaíba: Nossa Senhora da Boa Viagem, em 29 de setembro de 1941;
- Quixeré: Nossa Senhora da Conceição, em 29 de setembro de 1941;

- Iracema: Nossa Senhora da Conceição, em 20 de janeiro de 1956;
- São João do Jaguaribe: São João, em 29 de setembro de 1959;
- Tabuleiro do Norte: Nossa Senhora das Brotas, em 25 de janeiro de 1961;
- Feiticeiro: Santa Teresinha, em 30 de novembro de 1963;
- Fortim: Nossa Senhora do Amparo, em 30 de novembro de 1964;
- Jaguaribara: Santa Rosa de Lima, em 30 de novembro de 1964;
- São Pedro, no município de Russas: São Pedro, em 30 de novembro de 1964;
- Ibicuitinga: Nossa Senhora dos Remédios, em 08 de setembro de 1965.

As paróquias já existentes na zona jaguaribana, quando da criação da diocese de Limoeiro do Norte, eram as seguintes, em ordem cronológica:

- Russas: Nossa Senhora do Rosário, em 1735;
- Aracati: Nossa Senhora do Rosário, em 20 de junho de 1780;
- Frade (hoje Jaguaretama): Nossa Senhora da Conceição, em 06 de abril de 1784;
- Pereiro: Santos Cosme e Damião, em 11 de outubro de 1831;
- Jaguaruana: Santa Ana, em 19 de dezembro de 1863;
- Jaguaribe: Nossa Senhora da Purificação, em 19 de dezembro de 1863;
- Limoeiro do Norte: Nossa Senhora da Conceição, em 19 de janeiro de 1864;
- Morada Nova: Divino Espírito Santo, em 17 de fevereiro de 1874;
- Icapuí: Nossa Senhora do Rosário, em 22 de setembro de 1875.

### **c) Momentos importantes de seu bispado**

Durante seu bispado de vinte e sete anos, dom Aureliano fundou, consolidou ou ajudou a criar ou trazer para Limoeiro, sede da diocese, algumas obras e instituições em áreas como educação, saúde, comunicação e de atuação religiosa. A seguir, listam-se momentos importantes para criação, consolidação e funcionamento de diversas obras e instituições que contribuíram para modernizar a dantes provinciana Limoeiro do Norte. Os eventos aparecem em ordem cronológica, a saber:

- 1940 (22 de dezembro): Ginásio Diocesano Padre Anchieta, lançamento da pedra fundamental (data discordante de Meton Maia e Silva: 04 de janeiro de 1941);
- 1941 (29 de fevereiro): Seminário Cura D'Ars, lançamento da pedra fundamental;
- 1941 (11 de maio): Círculo Operário, reestruturação;
- 1942 (20 de janeiro): Patronato Santo Antônio dos Pobres, lançamento da pedra fundamental;
- 1942 (10 de fevereiro): Ginásio Diocesano Padre Anchieta, aulas inaugurais da escola, que encampou o Educandário criado pelo padre Misael Alves de Sousa (data discordante de Meton Maia e Silva: 17 de fevereiro de 1942);
- 1943 (21 de agosto): Maternidade São Raimundo, funcionamento prático, inicialmente, em duas casas geminadas, alugadas (data discordante de Meton Silva: 08 de agosto de 1943);
- 1944 (01 de outubro): Patronato Santo Antônio dos Pobres, leilão em Limoeiro em prol da construção do prédio da escola, ocasião em que foram arrematadas mais de cem cabeças de gado, doadas pelos criadores da região, sobretudo da sede, em franca colaboração com os projetos do bispo;
- 1945 (31 de outubro): Tiro de Guerra nº 252, criado pelo Decreto nº 8.747, desta data, após solicitação de Dom Aureliano;
- 1946 (02 de julho): Instalação da Comarca de Limoeiro do Norte (antes, era apenas Termo), com presença do bispo e de autoridades e jornalistas de Fortaleza. Na ocasião, foi empossado como juiz da nova comarca o Sr. Octacílio Peixoto;

→1947 (09 de fevereiro): Seminário Cura D'Ars, instalação das primeiras turmas, funcionando no Palácio Episcopal, cedido pelo bispo até a construção do prédio se encontrar em condições de uso. Dom Aureliano passou a residir em casa cedida pelo vigário-geral;

→1947 (11 de maio): Tiro de Guerra nº 252, primeira Páscoa dos Militares de Limoeiro, em missa celebrada pelo bispo, tendo comungado 85 atiradores da primeira turma do Tiro de Guerra;

→1947 (07 de julho): Maternidade São Raimundo, lançamento da pedra fundamental do prédio próprio, enquanto a maternidade funcionava em casas alugadas;

→1947 (02 de setembro): Patronato Santo Antônio dos Pobres, inauguração da escola para moças carentes;

→1949 (31 de julho): Agência do SAM (Serviço de Assistência aos Menores), órgão federal. O então ministro da Justiça, Sr. Adroaldo da Costa viria inaugurar o posto do SAM, mas a pista do aeroporto de Limoeiro não oferecia segurança e o avião que trazia o ministro retornou para Fortaleza, sem pousar na sede diocesana jaguaribana, deixando o bispo de Limoeiro numa situação de constrangimento;

→1951 (21 de setembro): Liceu de Artes e Ofícios, lançamento da pedra fundamental, depositada juntamente com jornais e documentos da época;

→1952 (08 de junho): Liceu de Artes e Ofícios, instalação e funcionamento da oficina tipográfica;

→1954 (07 de dezembro): Maternidade São Raimundo, inauguração e bênção do prédio próprio, construído com doações do poder público;

→1954 (08 de dezembro): Seminário Cura D'Ars, inauguração e bênção do prédio próprio, construído com doações dos diocesanos e da elite da região, sobretudo de Limoeiro;

→1956 (20 de maio): Casa de Saúde São José, hospital anexo à Maternidade São Raimundo, inauguração e bênção do prédio (data Meton);

→1959 (29 de setembro): Capela de São Miguel Arcanjo, do Palácio Episcopal, lançamento da pedra fundamental;

→1959 (29 de setembro): Capela de São Vicente de Paulo, do Patronato Santo Antônio dos Pobres, inauguração e bênção;

→1960: Liceu de Artes e Ofícios, construção das oficinas com recursos federais e estaduais;

→1961: Liceu de Artes e Ofícios, construção das oficinas com recursos federais e estaduais;

→1961 (11 de julho): Rádio Educadora Jaguaribana, chegada da primeira aparelhagem comprada no Rio de Janeiro, para montagem da rádio;

→1962 (janeiro): Liceu de Artes e Ofícios, viagem do padre Misael ao Rio de Janeiro e a São Paulo para adquirir o maquinário da oficina de marcenaria, ainda contando com os parcos e demorados recursos federais e estaduais;

→1962 (março): Liceu de Artes e Ofícios, retorno do padre Misael do Sudeste, já com o maquinário da oficina de marcenaria;

→1962 (18 de março): Rádio Educadora Jaguaribana, inauguração. Dom Aureliano escolheu o Padre Mariano Matos para superintendente geral e o Padre José Freire Falcão para diretor social. As finanças ficaram a cargo do Padre Misael Alves de Sousa;

→1962 (outubro): Liceu de Artes e Ofícios, funcionamento das oficinas de tipografia e marcenaria;

→1964 (29 de novembro): Grupo Escolar Arsênio Ferreira Maia, lançamento da pedra fundamental;

→1964 (30 de novembro): Faculdade de Filosofia, pedido feito por dom Aureliano Matos ao governador Virgílio Távora, durante banquete no Liceu de Artes e Ofícios de Limoeiro do Norte, em celebração dos 50 anos de sacerdócio (ordenação)

do bispo de Limoeiro. O governador do Estado disse que a Faculdade seria um “presente” para o prelado;

→1965 (24 de junho): Ponte Senador Távora sobre o Rio Jaguaribe, na localidade de Bom Jesus (hoje Cidade Alta), inauguração com a presença do presidente da República, general Humberto Castelo Branco. Na ocasião, foram oradores o prefeito de Limoeiro do Norte, Pedro Alves Filho, saudando o presidente; Amílcar Távora, engenheiro, e o próprio presidente Castelo Branco. Dom Aureliano também estava presente, como grande incentivador da obra, mas não discursou;

→1966 (19 de agosto): Faculdade de Filosofia, assinatura da Lei estadual nº 8.557, na qual o governador Virgílio Távora criava a instituição;

→1967 (janeiro): Faculdade de Filosofia, assinatura da Lei estadual nº 8.716, transformando a instituição em autarquia estadual, ou seja, com autonomia administrativa, financeira e pedagógica;

→1968 (08 de agosto): Faculdade de Filosofia, inauguração e abertura dos cursos pelo secretário de educação, Ubirajara Índio do Ceará.

#### **d) Eventos importantes que promoveu ou incentivou durante seu bispado**

Durante seu bispado, dom Aureliano promoveu ou incentivou a realização de uma série de eventos religiosos, sociais e cívicos:

→1941 (08 a 15 de maio): Celebração do Cinquentenário de Publicação da Encíclica *Rerum Novarum*, de Leão XIII, em Limoeiro;

→1943 (03 a 07 de setembro): Congresso das Vocações Sacerdotais de Aracati;

→1944 (29 de novembro a 03 de dezembro): Congresso Eucarístico em Comemoração ao Centenário do Apostolado da Oração, em Russas;

→1945 (08 a 14 de outubro): Semana Trabalhista da Diocese, realizada em Limoeiro do Norte, reunindo trabalhadores do Vale do Jaguaribe para palestras sobre a doutrina social da Igreja e sobre o perigo do comunismo;

→1954 (05 a 08 de dezembro): Primeiro Congresso Eucarístico Diocesano, com presença do arcebispo metropolitano de Fortaleza, dom Antônio de Almeida Lustosa, de bispos e padres de várias dioceses e de uma multidão de fiéis do Ceará e de outros Estados;

→1964 (31 de março): Marcha com Deus pela Família, reunindo os católicos de Limoeiro numa manifestação contra a ameaça do comunismo.

#### **e) Comendas e homenagens recebidas em vida**

O primeiro bispo de Limoeiro recebeu as seguintes comendas e homenagens:

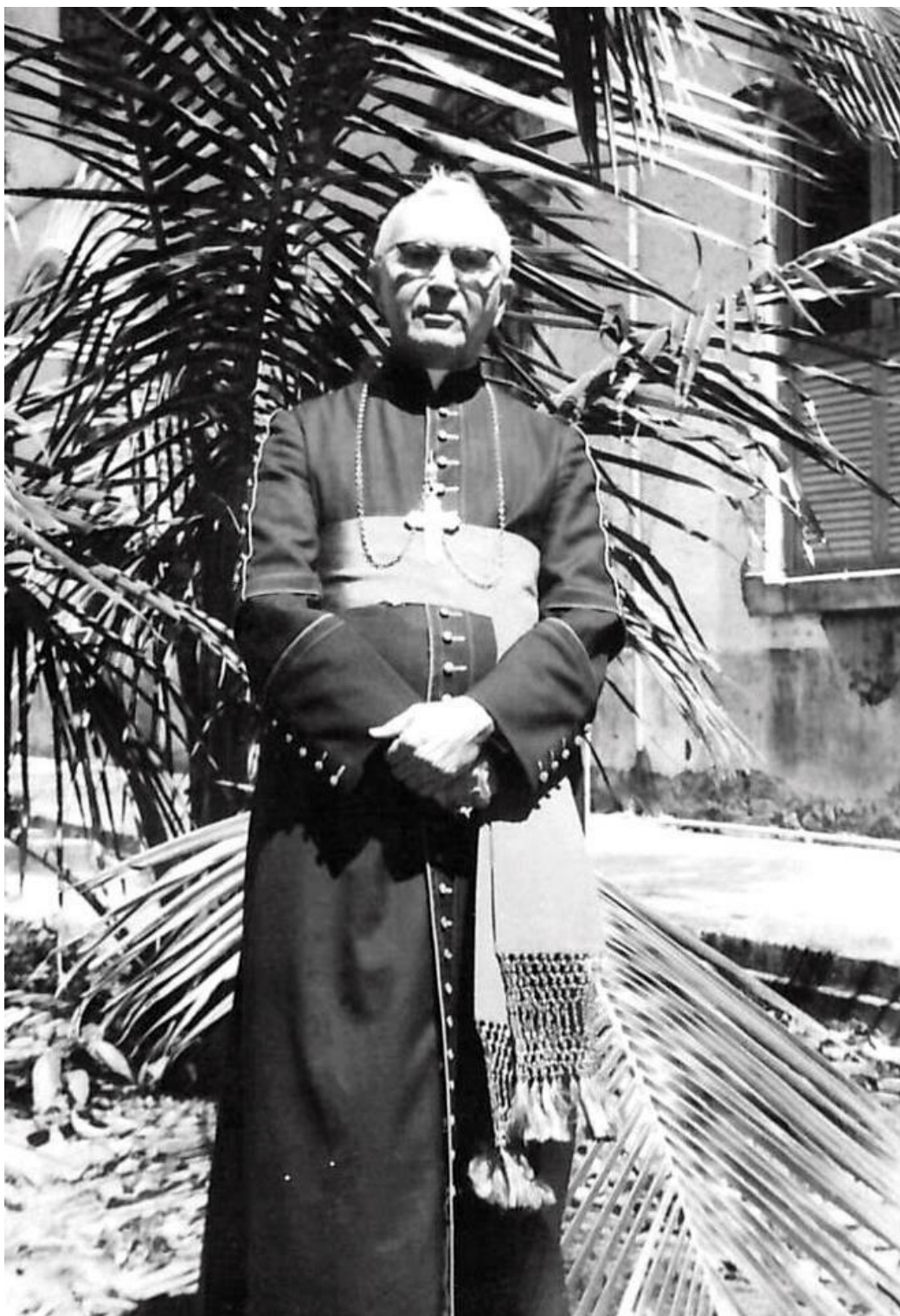
→1940 (15 de novembro): Medalha Comemorativa do Cinquentenário da Proclamação da República, instituída pelo Decreto-lei nº 1.972, de 19 de janeiro de 1940. A medalha foi concedida pelo presidente da República, Getúlio Vargas e pelo Conselho das Três Ordens Brasileiras (Diário da Diocese);

→1944 (dezembro): Inauguração de Retrato do bispo no Salão de Honra do Círculo Operário de Aracati, por ocasião da celebração do 24º aniversário dessa organização proletária;

→1959 (17 de junho): Título de Cidadão Limoeirense, concedido pela Câmara Municipal de Limoeiro do Norte, a pedido do vereador José Honorato de Lima. A cerimônia de entrega ocorreu no Paço da Câmara, em sessão extraordinária, especialmente convocada para isso, com a presença de autoridades, clérigos e figuras ilustres da sociedade limoeirense;

→1964 (30 de novembro): Sessão solene da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará em homenagem ao jubileu de ouro de ordenação sacerdotal.

**Dom Aureliano Matos (1889-1967)**  
Primeiro bispo de Limoeiro do Norte-CE



Fonte: Divulgação redes sociais, s.d.

## ACERVO FOTOGRÁFICO

Figura 01: Mapa do Ceará, Vale do Jaguaribe, diocese de Limoeiro do Norte

Figura 02: Aparelho de rádio, década de 1930

Figura 03: Móvel em madeira em posse da família do Sr. Hercílio Costa e Silva

Figura 04: Tenda do tabernáculo do povo hebreu

Figura 05: Pátio do tabernáculo, Moisés e Arão

Figura 06: Congresso das Vocações Sacerdotais de Aracati, 1943

Figura 07: Congresso das Vocações Sacerdotais de Aracati, 1943

Figura 08: Caderneta Escolar, Instituto Santo Cura D'Ars, Morada Nova

Figura 09: Instituto Santo Cura D'Ars, Morada Nova, década de 1960

Figura 10: Ano Santo de 1950, comitiva de peregrinos brasileiros, Lourdes

Figura 11: Placa Rodovia BR-116, trecho Russas/Icó, Jaguaribe, 2013

Figura 12: Jogos Estudantis Jaguaribanos, década de 1960

Figura 13: Jogos Estudantis Jaguaribanos, década de 1960

Figura 14: Jubileu Episcopal de dom Aureliano Matos, 1965

Figura 15: Jubileu Episcopal de dom Aureliano Matos, 1965

Figura 16: Edifício da Cidade do Catecismo em construção

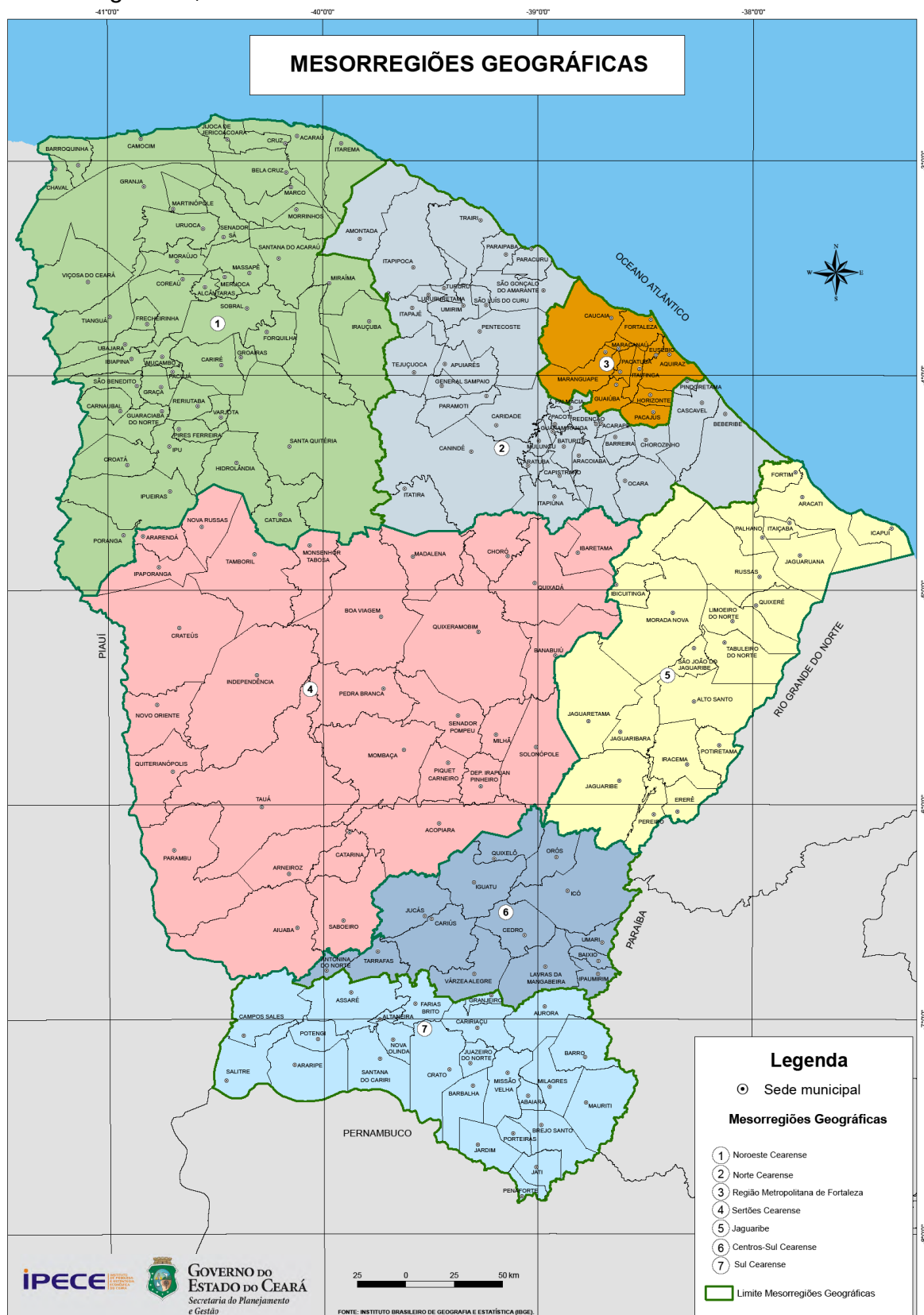
Figura 17: Cavalgada de vaqueiros em Limoeiro, 1967

Figura 18: Jovens proprietários de jipes, Tabuleiro do Norte, década de 1970

Figura 19: Regina Duarte na novela *Minha Doce Namorada*, década de 1970

## Mapa do Estado do Ceará

Figura 01: Mesorregiões geográficas do Ceará, destacando-se em amarelo o Vale do Jaguaribe, território da diocese de Limoeiro do Norte



Fonte: IPECE (Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará), 2007



### Rádio em Limoeiro

Figura 02: Rádio Phillips modelo da década de 1930



Fonte: Divulgação, s.d.

Figura 03: Móvel em madeira encomendado pelo Sr. Hercílio Costa e Silva para guardar o aparelho de rádio comprado pela elite limoeirense em 1935

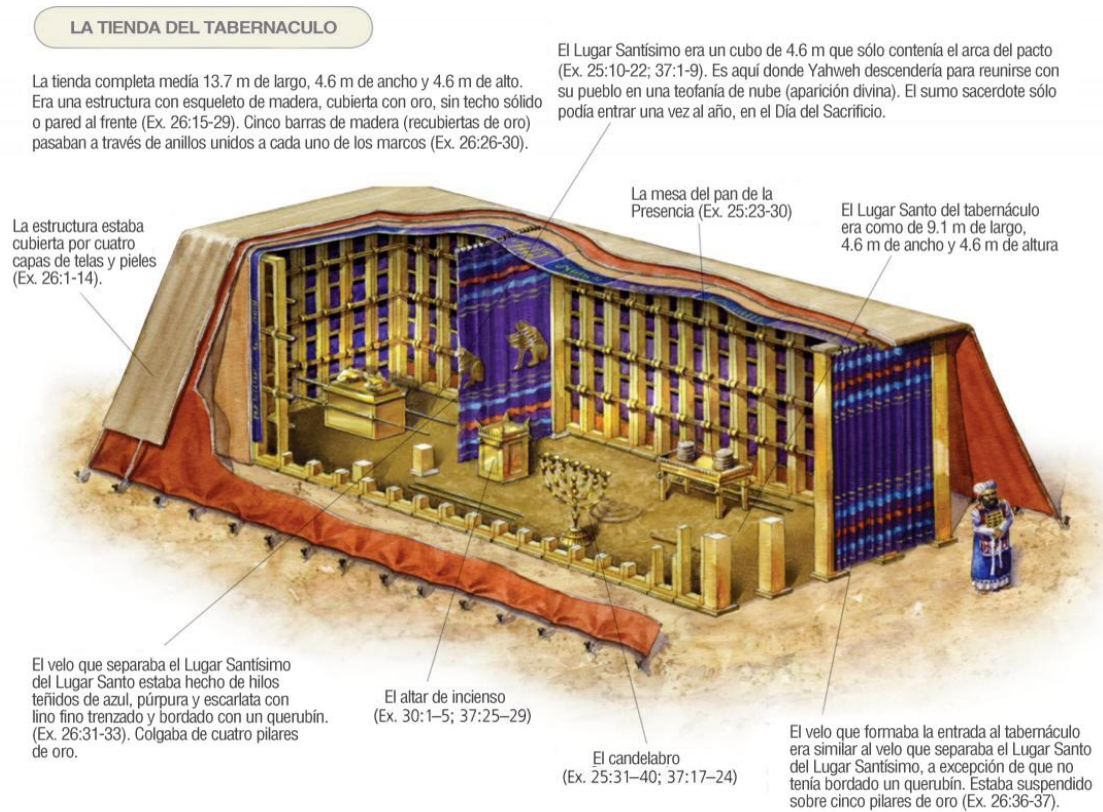


Fonte: Acervo pessoal da Sra. Maria José Costa Matos, 2014



## Tabernáculo do povo hebreu

Figura 04: A tenda do tabernáculo construído por Moisés no deserto



Fonte: Divulgação, s.d.

Figura 05: O pátio do tabernáculo, no momento em que Moisés consagra seu irmão Arão a sumo sacerdote



Fonte: Divulgação, s.d.



Congresso das Vocações Sacerdotais de Aracati, 1943

Figura 06: Mulheres ajoelhadas diante da Igreja de Aracati durante solenidade do congresso, quase todas trajando vestes brancas e véu



Fonte: Acervo do Instituto Museu Jaguaribano

Figura 07: Multidão ajoelhada diante da Igreja de Aracati durante solenidade do congresso, sobressaindo-se homens trajando ternos em tons claros



Fonte: Acervo do Instituto Museu Jaguaribano



Pré-Seminário de Morada Nova

Figura 08: Caderneta Escolar do Instituto Santo Cura D'Ars de Morada Nova



Fonte: Acervo pessoal do Sr. Francisco Luiz Castelo Branco. Fotografia do autor, 2015

Figura 09: Padre Marleno ladeado por alunos do Instituto Cura D'Ars de Morada Nova, década de 1960



Fonte: Acervo pessoal do Sr. Francisco Luiz Castelo Branco, s.d.



Figura 10: Ano Santo de 1950. Comitativa de peregrinos brasileiros pela Europa, liderados por dom Aureliano Matos



Fonte: Acervo do Museu de Arte Sacra da Catedral Diocesana de Limoeiro do Norte. A fotografia foi feita em Lourdes, Portugal, em junho de 1950. O bispo é o terceiro à frente, da esquerda para a direita, ao lado do garoto.

Figura 11: Placa de inauguração da rodovia BR-116. Trecho entre as cidades de Russas e Icó, placa afixada na entrada da cidade de Jaguaribe



Fonte: Acervo do autor, 2013



Jogos Estudantis Jaguaribanos, década de 1960

Figura 12: Dom Aureliano, ladeado por autoridades e políticos, passa em revista atletas da delegação de Limoeiro do Norte, perfilados na rua



Fonte: Acervo do Colégio Diocesano Padre Anchieta, s.d.

Figura 13: Atletas cantam o Hino Nacional, perfilados ao lado da deusa olímpica esculpida pelo artista Márcio Mendonça



Fonte: Divulgação Redes Sociais, s.d.

Jubileu Episcopal de dom Aureliano, 1965

Figura 14: Bispo recebe ramalhete das mãos de garoto



Fonte: Arquivo da Cúria Diocesana de Limoeiro do Norte, 1965

Figura 15: Dia do Ancião no Patronato Santo Antônio dos Pobres, reunindo idosos assistidos pela Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte



Fonte: Arquivo da Cúria Diocesana de Limoeiro do Norte, 1965



Figura 16: Edifício da Cidade do Catecismo em construção



Fonte: Arquivo da Cúria Diocesana de Limoeiro do Norte, s.d.

Figura 17: Cavalgada dos vaqueiros pelas ruas de Limoeiro. Bispo e clero assistem passagem dos cavaleiros em frente ao Palácio Episcopal, 1967



Fonte: Acervo do casal José Amirto Nunes e Pastora Holanda, 1967

Figura 18: Jovens proprietários de jipes posam com seus veículos em frente à Igreja Matriz de Tabuleiro do Norte, década de 1970



Fonte: Divulgação Redes Sociais, s.d.

Figura 19: Atriz Regina Duarte vive órfã sonhadora e romântica em *Minha Doce Namorada*, adotando penteado que ditou moda no início da década de 1970



Fonte: Divulgação, s.d.